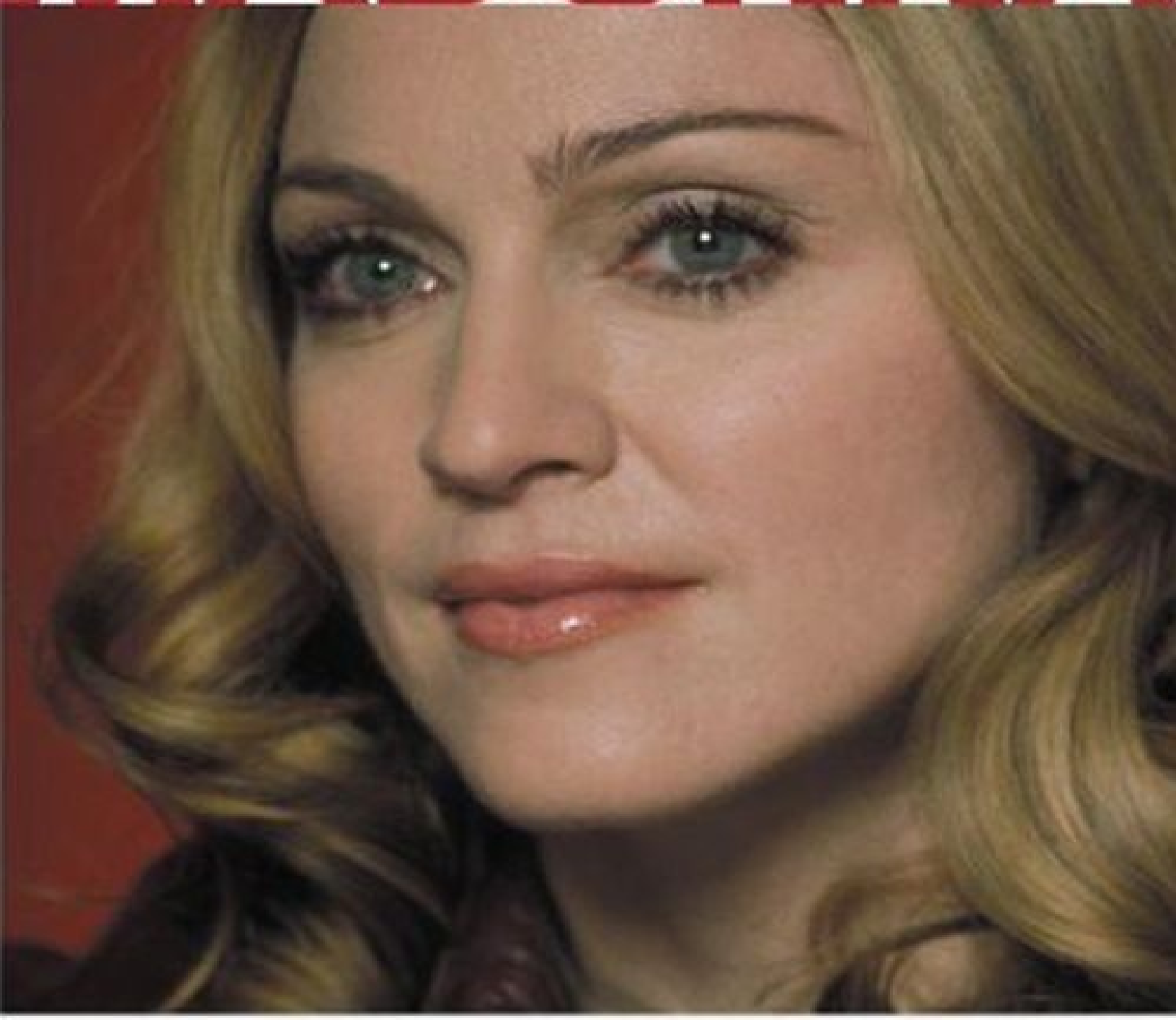
UMA BIOGRAFIA ÍNTIMA

MADONNA



J. RANDY TARABORRELLI

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Randy Taraborrelli



MADONNA

Uma biografia íntima

Tradução: Cássio de Arantes Leite

Randy Taraborrelli
MADONNA Uma biografia íntima
Tradução: Cássio de Arantes Leite
Editora Globo
Copyright © 2001 by J. Randy Taraborrelli
Copyright da tradução © 2003 by Editora Globo S.A.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida - em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.
Título original: Madonna: an intimate biography
Revisão: Marina Mendonça e Nair H. Kayo
Capa: inc design editorial
Foto de capa Yoram Kahana/Shooting Star, 2003 Shooting Star™ International
Edição, V. reimpressão, 2003
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil) Taraborrelli, J. Randy Madonna : uma biografia íntima / J. Randy Taraborrelli ; tradução Cássio de Arantes Leite. — São Paulo : Globo, 2003.
Título original: Madonna – An lntimate Biography Bibliografia isbn 85-250-3701-X
1. Cantoras - Estados Unidos - Biografia 2. Madonna I. Título 03-4567 CDD-782.42166092
índice para catálogo sistemático: 1. Cantoras norte-americanas : Biografia 782.42166092
Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S. A.
Av. Jaguaré, 1485 - 05346-902 - São Paulo - SP
www.globolivros.com.br

Para meu pai, Rocco

Nota do autor

QUANDO A ENCONTREI PELA PRIMEIRA VEZ numa coletiva de imprensa, no primeiro semestre de 1983, Madonna Louise Verônica Ciccone — com 25 anos na época — espantou-me por sua impetuosidade, arrogância, petulância e autocondescendência. Insuperável na hora de fazer pose diante de um jornalista, estava sendo ela mesma — e sem pestanejar.

"Sabe, eu nunca tinha dinheiro", contou sobre os antigos dias difíceis em Nova York. "Todo mês era uma luta para pagar o aluguel e pôr comida no apartamento. Eu literalmente tive de comer lixo naqueles dias. Agora que consegui gravar e parece que o disco vai ser um sucesso, então é isso aí, acho mais do que merecido", concluiu, fixando os olhos verdes em mim. "As pessoas ainda não sabem como sou boa", disse, sustentando meu olhar. "Mas logo vão saber. Daqui a alguns anos, todo mundo vai saber. E pra falar a verdade", arrematou, "estou planejando me transformar numa das maiores estrelas do século."

"E sem usar um sobrenome?", perguntei, sem ter certeza até se "Madonna" era um nome de verdade. (É claro que não podia ser.) "Só Madonna", ela disparou. "Como a Cher. Guarde bem."

Era difícil discordar dela, mesmo porque não me daria ouvidos. Pobre coitada, pensei. Cada um com sua ilusão. Ela não é nenhuma princesa, e a julgar pelo seu primeiro disco, tem uma voz no máximo razoável. E mesmo assim acha que vai ser uma influência preponderante na música pop, uma grande estrela. Tá bom, vamos ver...

É claro que não demorou muito para a previsão de Madonna se concretizar.

Tudo que é hoje em dia, conseguiu a duras penas. As coisas nunca lhe vieram de bandeja, sua vida e sua carreira foram construídas com intenção obsessiva, trabalho árduo (em estúdios de gravação, salas de filmagem de cinema e vídeo e turnês), determinação obstinada e, muitas vezes, sacrifício extremo e sem trégua. Atualmente, Madonna é reconhecidamente uma das mulheres mais memoráveis, celebradas e bem pagas do século e ter pensado que cheguei a duvidar dela foi decisivo para mim.

Comecei a encarar o desafio de escrever este livro pela primeira vez em

1990, mas acabei pondo tudo de lado por alguns anos. Calculei na época que Madonna merecia a oportunidade de realizar mais algumas coisas em sua vida antes que eu, como seu biógrafo, fosse capaz de fazer jus a sua história. Embora seja uma das pessoas mais famosas do planeta, é preciso muito mais do que simples documentação acurada sobre a celebridade de alguém para resultar em um bom estudo de caráter. A maior parte daqueles que constituem um tema requerem tempo para evoluir e crescer pessoalmente antes que suas histórias estejam maduras o suficiente para ser postas no papel. Nessa época, Madonna atravessava uma fase ambiciosa e estava voltada para si mesma, nada importava mais para ela do que sua carreira.

Quando me debrucei sobre o livro novamente em 1994, senti-me da mesma forma em relação a ela. Madonna havia priorizado sua vida — carreira em primeiro lugar, acima de tudo — e faria quase qualquer coisa ao seu alcance para atingir um certo grau de liberdade criativa e segurança financeira. Imaginei que quando finalmente estivesse satisfeita com sua carreira, começaria a trabalhar em cima de sua vida. Felizmente, essa evolução pessoal começou a ocorrer em 1996, quando nasceu Lourdes, sua primeira filha.

Agora, Madonna tem preocupações mais elevadas do que simplesmente o próximo grande espetáculo de autopromoção em sua carreira — principalmente depois de dar à luz outra criança, um irmão para Lourdes, chamado Rocco. Ela cresceu, mudou e se transformou (mais uma vez), e agora, de um modo que não apenas me inspirou a querer escrever sobre ela, mas também que me levou a admirá-la. Certo, ela continua obsessiva, ambiciosa e voltada para si mesma — isso não mudou. Ainda é Madonna, afinal de contas, uma artista calculista conhecida por inventar e reinventar a própria imagem, geralmente com a finalidade de obter publicidade. Contudo, e hoje percebo isso, em anos recentes ela também tem desvestido inúmeras camadas, vagarosamente revelando quem é na verdade, como pessoa e mulher.

Gente rica, poderosa e famosa como Madonna é, muitas vezes, diferente da maioria — ao mesmo tempo, mais e menos humanos, são paradoxos ambulantes: atenciosos e sem consideração, generosos e mesquinhos, disciplinados e descontrolados, excessivamente humildes ou arrogantes. Embora não seja sempre fácil encontrar a Madonna real no meio da fumaceira teatral de promoção que ela cria para dissimular seu verdadeiro eu, ainda assim está lá. Ao buscá-la, a gente só tem de ser perspicaz o bastante para olhar através da névoa espessa, sem se deixar iludir pelo jogo de espelhos. A mulher real se oculta ali. Como eu descobri após anos de pesquisa e finalmente escrevendo Madonna: uma biografia íntima, encontrá-la vale o esforço.

Agradecimentos

MADONNA: UMA BIOGRAFIA ÍNTIMA não teria sido possível sem a assistência de muitas pessoas e instituições. Os agradecimentos iniciais vão para meus veneráveis editores, Gordon Wise e Ingrid Connell, pelo seu encorajamento e profissionalismo. Este é nosso primeiro livro juntos, mas tenho certeza de que não será o último. Aguardo com grande ansiedade nosso próximo projeto.

Meu mais profundo reconhecimento vai para Dorie Simmonds, da Dorie Simmonds Agency. Às vezes, nós escritores parecemos um bando de pedintes; Dorie sempre esteve a postos quando mais precisei dela durante o desenvolvimento e a execução de qualquer trabalho. Ela é uma verdadeira força positiva em minha vida, uma amiga confiável e valiosa. Nunca vou saber como foi capaz de extrair o melhor de mim nas circunstâncias em que nos encontrávamos em certos momentos. Agradeço sua dedicação, assistência e encorajamento.

Como editora e amiga, Paula Agronick Reuben tem sido de inestimável ajuda por muitos anos. Minha gratidão por seu contínuo encorajamento.

Os mais calorosos obrigados a Cathy Griffin por sua assistência profissional ao longo dos anos, bem como por sua amizade. Cathy, jornalista e repórter com méritos próprios, checou informações e fez pesquisa para Madonna: uma biografia íntima no começo de sua elaboração, em 1990, e em 1994, localizando dezenas de fontes e conduzindo detalhadas entrevistas com elas. Até o momento, já trabalhamos em cinco livros, cada um deles um grande prazer e uma experiência de aprendizado.

Sem um editor de texto de olhar apurado, um livro sofre. Tive o melhor em Richard Collins, e agradeço sua dedicação.

Tenho uma dívida de gratidão com Wayne Brasler, da Universidade de Chicago, que sempre apoiou meu trabalho.

Obrigado também a Charles Casillo, que passou horas aparentemente incontáveis trabalhando comigo no manuscrito, fazendo a sintonia fina de ideias por trás dele, pensando sobre os personagens envolvidos e como apresentá-los de maneira clara e objetiva.

Sou grato ao especialista em situações de luto, dr. Marvin Eisentadt, coautor e editor americano de Parental Loss and Achievement (com o dr. André Haynal, o dr. Pierre Rentchnicke, Pierre de Senarclens, professor de relações internacionais), por suas observações.

Meus agradecimentos a Jonathan Hahn, colega jornalista que me pôs no chinelo por suas habilidades no manejo de um teclado de computador de todas as maneiras possíveis.

Tivemos muitas discussões sobre como apresentar Madonna de uma forma historicamente acurada, simpática e divertida. Embora eu seja grato a ele por sua visão, sua amizade é o que mais importa para mim.

Em 1990, quando comecei a trabalhar no livro pela primeira vez, o historiador de Madonna, Bruce Baron, foi-me de grande valia com seu conhecimento profundo do tema, até mesmo fornecendo gravações raras de músicas de Madonna, muitas delas não publicadas na época. Bruce representou um recurso inestimável à pesquisa para o livro, e lhe agradeço por sua enorme documentação e dedicação à verdade dos fatos.

Al Kramer, amigo confiável e colega escritor de muitos anos, sempre me manteve no caminho certo. Valeu, Al.

Sem uma equipe leal de representantes, o autor geralmente se vê sozinho em casa, sentado, escrevendo livros que ninguém nunca vai ler. Agradeço os meus: o ilustre cavalheiro James Jimenez, Esq.; Ken Deakins, Rae Goldreich e Teryna Hanuscin, da Duitch, Franklin and Company; e Mike Johnston, da Capital Lending. Minha gratidão também, como sempre, a Mitch Douglas e Ron Bernstein, do International Creative Management (ICM), em Nova York e Beverly Hills.

Agradecimentos especiais para todos aqueles que me ajudaram de modo palpável e impalpável, incluindo: Richard Tyler Jordan, Dan Sterchele, Jeff Hare, George Solomon, Bob Meyer, Lisa Reiner, Sven Paardekooper, Billy

Barnes, Roby Gayle, Sonja Kravchuck, Scherrie Payne, Lynda Laurence, Barbara Ormsby, Rick Starr, John Passantino, Linda DeStefano, sr. e sra. Joseph Tumolo, Daniel Tumolo, Tony e Marilyn Caruselle; David Spiro, sr. e sra. Adolph Steinlen, David e Francês Snyder, Abby e Maddy Snyder, Maribeth e Don Rothell, Mary Alvarez, Mark Bringelson, Hope Levy, Tom Lavagnino, Iake e Alex Eissinmann, Anthony Shane, Michael Bonnabel, Anne McVey e Yvette Jarecki.

Agradecimentos especiais a Stephen Gregory, por anos de amizade. Só para que saiba... sou-lhe grato por isso, ainda.

Obrigado também a Iake Eissinmann por sua excelente fotografia.

Obrigado a Dale Manesis por sua ajuda com a memorabilia de Madonna, à

qual eu nunca teria tido acesso sem ele.

Obrigado a Camille Sartiano-Glowitz por todas as acomodações de viagens relacionadas a Madonna: uma biografia íntima. Seu auxílio foi inestimável.

Alguém disse certa vez que as pessoas entram em nossa vida de três formas: por algum motivo, por algum tempo ou por uma vida inteira. Acredito que Andy Steinlen entrou na minha pelas três, e sou-lhe grato por isso.

Agradeço o incrível apoio de minha família ítalo-americana: Roslyn e Bill Barnett e Jessica e Zachary, Rocco e Rosemarie Taraborrelli e Rocco e Vincent, e Arnold Taraborrelli. E Rydell e Dylan. Agradecimentos especiais a meu pai, Rocco, que foi sempre minha inspiração, encorajando-me de formas demais para serem enumeradas.

Este livro é dedicado a ele pelo desafio que representou para seu filho. Certamente eu teria abandonado o projeto anos atrás se não fosse sua influência sobre mim.

Todo meu amor também a minha falecida mãe, Rose Marie, que sempre estará em meu coração.

E, finalmente, aos fiéis leitores do meu trabalho, que têm acompanhado minha carreira ao longo dos anos, escrevendo-me cartas de apoio e encorajamento sobre meus oito livros anteriores (e distribuindo também críticas duras quando necessário), meu humilde obrigado por juntar mais este livro a sua coleção. Espero que se divirtam tanto lendo sobre as experiências de vida de Madonna quanto eu me diverti escrevendo, e desejo que, ao fazer isso, possam aprender algo sobre a natureza humana...além de chegar ao fim do livro, é claro!

A atriz e o presidente

TALVEZ O ÚLTIMO LUGAR que os fãs de Madonna esperassem vê-la era estirada no chão de um carro, atravessando uma rua atribulada de Buenos Aires. Seu destino: a casa do presidente da Argentina, Carlos Menem. Era quarta-feira, 7 de fevereiro de 1996 — apenas mais um dia na extraordinária vida de Madonna Louise Verônica Ciccone, uma mulher cuja existência podia ser -tudo, menos imprevisível.

Apertada contra o piso do automóvel preto de fabricação espanhola, Madonna era levada disfarçadamente ao presidente. Seu Mercedes-Benz alugado — cercado de policiais motorizados — fora utilizado com sucesso como um chamariz alguns momentos antes, confundindo os paparazzi sempre à espreita, que seguiram o carro na esperança de colher algumas fotos do que quer que Madonna fosse fazer naquele dia — provavelmente, compras. Se pelo menos soubessem dos planos dela... aquilo sim seria alguma coisa para a mídia.

Desde o dia em que chegou a Buenos Aires, Madonna sofreu com o que viu por lá: uma campanha política orquestrada contra seu filme, Evita. Para seu grande desgosto, parecia que em toda parte havia pichações expressando coisas como "TCHAU, MADONNA" e "EVITA vive! VÁ EMBORA, Madonna!". Muitas pessoas na Argentina acreditavam que Madonna estava lá para manchar a memória de sua venerada Evita Perón. Os argentinos temiam que Evita, retratada por uma mulher escandalosa como aquela, seria um insulto a sua memória — e por nenhum outro motivo além do fato de que seria Madonna interpretando esse papel. Mas talvez a razão de estarem tornando as coisas

tão difíceis para o elenco e a equipe de Alan Parker estivesse ligada ao fato de serem em sua maioria britânicos; a guerra das Malvinas, em 1982, permanecera uma ferida aberta para a maioria do povo argentino.

Embora uma réplica da Casa Rosada— a casa oficial do presidente da Argentina — houvesse sido feita para o filme, Madonna sonhava em rodar o clímax da história (quando Evita canta "Don't Cry for Me, Argentina") na locação verdadeira. Ficar no exato local em que Evita fizera uma de suas aparições mais dramáticas iria, sem dúvida, enchê-la de uma emoção genuína, tornando sua atuação ainda mais brilhante. No início, Menem dera aos

produtores do filme a permissão de rodar tomadas em prédios públicos, como a Casa Rosada. Contudo, devido ao clamor popular e às polêmicas, mudou abruptamente de ideia. Ele dizia agora que locações originalmente requisitadas para serem usadas no filme estavam fora de questão.

O presidente Menem estava, notou Madonna, "fazendo todo o possível", na sua opinião, para arruinar o filme. "Ele deu declarações dizendo concordar que o filme era uma afronta", afirmou com raiva. ("Eu não vejo Madonna no papel", observou ele à revista Time. "E não acho que o povo argentino, que tem Evita como uma autêntica mártir, vá tolerar isso.") Parecia claro que nenhum produtor, diretor ou executivo de estúdio seria capaz de mudar a cabeça do presidente. Essa era uma tarefa que cabia à própria diva, a estrela do filme. Mais uma daquelas ocasiões na carreira de Madonna em que um "empresário" seria incapaz de fazer sua vontade, em que teria de fazer ela mesma alguma coisa para conseguir o que queria.

Madonna conhecera Constancio Vigil, amigo íntimo de Menem, que estava tentando arranjar um encontro entre a estrela e o presidente. Menem, contudo, disse que não tinha o menor interesse em encontrar Madonna e se recusava a vê-la. Insultada com seu desprezo, ela não aceitaria um "não" como resposta.

Depois de muita negociação, o presidente cedeu e concordou em falar com Madonna, mas apenas sob a condição de que seu encontro não viesse a público — e aqui estamos de volta ao passeio clandestino no chão do automóvel. "Ele não queria que o povo achasse que estava tratando com o inimigo", explicou um funcionário do governo.

Quando Madonna tomou conhecimento dessa condição, ficou desapontada, mas também compreendeu que era a única forma de conseguir um encontro com o presidente. Ela teria simplesmente de não fazer o que, como exímia estrategista da autopromoção, provavelmente queria fazer de verdade: convocar uma coletiva de imprensa para anunciar que iria se encontrar em um tête-à-tête com o presidente.

Mas antes de sentar-se com Menem, era natural que Madonna quisesse fazer um pouco de pesquisa. Leitora voraz, pediu material sobre o presidente para ler antes da reunião, a fim de entender um pouco melhor sua vida e carreira política. Como disse aos amigos: "Quero saber quem ele é. Ele certamente sabe quem sou eu".

Por intermédio de sua pesquisa, Madonna descobriu que aquele homem de 66 anos de idade, Carlos Saul Menem, foi o primeiro peronista eleito para um cargo nacional na Argentina. Elegeu-se governador de La Rioja em 1973, ano em que Juan Domingo Perón arquitetava sua volta política. Preso em 1976, quando sua esposa Isabel foi deposta do poder, recuperou a liberdade em 1981.

Reelegeu-se governador em 1983 e mais uma vez em 1987.

A partir de sua carreira de governador, Menem ascendeu à presidência pregando o discurso nacionalista, herdado do antigo governo de Juan e Eva Perón, que buscou reconciliar os interesses de industriais, empresários, trabalhadores e pobres. O carisma pessoal de Menem e seu estilo oratório dramático lhe valeram a eleição presidencial em 1989. Aquela eleição também representou a primeira transferência do poder de um partido constitucionalmente eleito para outro desde 1928. Católico convertido, Menem estava divorciado e com dois filhos, um menino e uma menina. "Divorciado, então!", Madonna observou. "Finalmente temos algo em comum. Somos dois pecadores... católicos divorciados."

Quando tiveram certeza de ter escapado da imprensa, Madonna e Constancio Vigil foram levados a um aeroporto, onde tomaram um helicóptero para uma ilha próxima ao continente, situada no delta do El Tigre. Voando baixo, rumaram para o que era visivelmente uma grande propriedade próxima a um pequeno aeroporto da região. Madonna apenas observava, enquanto as encostas onduladas e verdejantes iam dando lugar a uma paisagem mais plana, até chegar a uma área apropriada de pouso. O helicóptero desceu suavemente.

Assim que Madonna e seu companheiro desembarcaram, um homem de idade com ar respeitável, vestido informalmente de preto, surgiu diante deles e fez uma profunda mesura.

Então os escoltou a um Land Rover estacionado ali perto e dirigiu até a propriedade suntuosa pertencente a um sócio de Menem. Aí, cercados de flamingos, como se estivessem participando de um conto de fadas, o presidente da Argentina estava à espera de Madonna. Eram seis horas da tarde.

Segundo um de seus auxiliares, o presidente Carlos Menem estava determinado a não se deixar impressionar por Madonna. Contudo, assim como muitos homens antes dele que tentaram resistir aos seus encantos, sua fria reserva derreteu quase que imediatamente ao vê-la. Uma fotografia tirada nesse dia mostra que ela usava um conjunto no estilo anos 30 perfeitamente adequado para a ocasião: um cardigã preto de crochê, de algodão, e um vestido na altura do joelho, salpicado de vermelho, preto e branco. Com sandálias de couro preto e branco de tira calçando seus pés, bolsinha de tule de lantejoulas em uma mão e o que pareceu aos observadores brincos de rubi franceses, uma antiguidade, era como se houvesse acabado de sair de um filme da década de 1930. Como seus cabelos estavam presos em um coque e cobertos por um chapéu preto de crina de cavalo, com um laço cinzento, no estilo dessa época, era difícil dizer se estava loira ou morena.

Enquanto Madonna se mostrava serena diante de Menem, talvez tentando

manter a compostura (mais tarde ela admitiria que estava nervosa), o presidente passou a cumprimentá-la efusivamente. Primeiro, disse-lhe o quanto estava perplexo com a semelhança dela com Eva Perón, que conhecera na juventude. Madonna ficou lisonjeada. Jamais esperara receber tantos elogios do presidente da Argentina e, como confessou mais tarde, não pôde deixar de se sentir "com dez metros de altura".

A coisa estava indo bem. Caminharam por um longo pátio. No meio de uma área pavimentada havia uma imensa fonte esculpida, em que cavalos-marinhos de bronze empinavam em meio a sereias, polvos e medusas de pedra. Ao passarem por ela, Madonna não resistiu em brincar com os dedos na água fria, dizendo: "Preciso de uma destas em meu quintal".

Mal se instalaram no centro de um adorável pátio de tijolos, criadas e mordomos enxamearam por perto, oferecendo queijo e vinho. Então, uma mulher atraente e de aparência formal chegou até eles e apresentou-se como sendo a intérprete. Disse a Madonna que estaria à disposição na eventualidade de qualquer problema de comunicação entre ela e o presidente. Conforme a intérprete falava, Madonna percebia que os olhos do presidente percorriam "cada centímetro meu", como se lembraria mais tarde, "fitando-me diretamente". Ela o achou "um homem muito sedutor".

Assim que relaxou na cadeira de vime, Madonna começou a fazer uma inspeção em Menem, do mesmo modo que ele fizera com ela. Notou sua pele bronzeada, seus pés pequenos, o fato de que tingia os cabelos de preto. E viu também que não tirava os olhos dela.

Quando os pernilongos começaram a atacar vorazmente, Madonna e o presidente— seguidos pelos serviçais— retiraram-se para uma sala de visitas mobiliada com antiguidades caras; Madonna não tinha ideia sobre a idade das peças mas julgou que seria "deselegante" perguntar. Então o dono da propriedade na qual a reunião tinha lugar subitamente apareceu com uma garrafa de champanha gelada em uma das mãos e uma pequena tábua com caviar e torradas na outra. Depois de experimentar o caviar, Madonna inseriu uma fita cassete num aparelho que trouxera consigo. A canção era "You Must Love Me", uma nova balada do álbum, em que Madonna, encarnando Evita, canta o momento em que percebe estar próxima da morte. Sua performance é emocionante e envolvente, talvez a melhor dos últimos anos, e uma das quais ela mais se orgulha.

Olhando para Menem fixamente a fim de captar sua reação, Madonna o viu balançando suavemente para frente e para trás, com os olhos fechados, conforme sua voz enchia a sala. Então ele recostou-se na cadeira e pôs as mãos na parte de trás da cabeça, continuando a ouvir com atenção. Quando a canção terminou,

havia lágrimas em seus olhos. Como Madonna esperava, o presidente estava emocionado. Era o momento perfeito para ela começar o que chamaria mais tarde de seu "discurso".

"Quero tanto fazer este filme", disse-lhe num tom apaixonado. Pequenas câmeras de televisão, montadas nas paredes e deslizando silenciosamente, registraram seu tom de voz. A intérprete traduzia conforme Madonna prosseguia: "Prometo que será lindo. Quero ser respeitosa à memória de Eva. O senhor deve compreender que minhas intenções são boas". Parecia carregada de emoção. "As intenções importam, não é?", continuou. "E as minhas são boas, eu juro."

"De algum modo acho que acredito em você", disse Menem, vagarosamente inclinando-se na direção de sua convidada. Quando ficou ao alcance, tocou sua mão, parecendo feliz de estar na companhia de uma mulher atraente e inteligente. Madonna deu um sorriso cálido, com uma ponta de sedução... mas não sedução demais. Quando se inclinou mais para a frente, ele fez o mesmo. Embora aquele momento de flerte fosse uma interessante virada dos acontecimentos, não era inesperado.

Segundo uma das testemunhas — os dois não ficaram a sós em nenhum momento, estiveram o tempo todo rodeados por um punhado de empregados de Menem —, ambos sustentaram o olhar um do outro. "O senhor é um homem muito bonito", ela disse. Ele não precisava da intérprete para entender o elogio.

"Peguei Menem fitando a alça de meu sutiã, que mal se podia notar", ela rememorou mais tarde. "Ele continuou a fazer isso ao longo de todo o dia, com seus olhos afiados. Quando eu o pegava no pulo, trocávamos um olhar por algum tempo."

Ao jantar, Madonna e o presidente falaram sobre suas vidas e carreiras e, como Madonna lembrou mais tarde, "nossas paixões". Conversaram sobre música, política, misticismo e reencarnação. Devia ser difícil para ela se situar em relação a seu próprio contexto, diante do fato de quão longe estava daqueles dias de luta como cantora de Detroit, com uma banda de nova-iorquinos chamada Breakfast Club. Talvez fosse difícil para alguns observadores conciliar a figura daquela mulher, que aparentava tal brilho para a diplomacia, com a daquela outra que, ao se tornar de fato famosa, passou a ser vista frequentemente como uma pop star temperamental e ridiculamente ávida de sexo. Ali estava a combinação perfeita de sexualidade e inteligência. Mas é óbvio que ela sempre fora aquilo.

"A gente precisa ter fé em coisas que não podemos explicar", disse o presidente quando conversavam sobre o catolicismo. "Como Deus, e o fato de que milagres acontecem."

Madonna refletiu um instante, apreciando o momento. "Sim", concordou. "E

é por isso que acredito que o senhor irá mudar de ideia e nos permitirá filmar no balcão da Casa Rosada."

Ele sorriu calorosamente. "Tudo é possível", disse, assentindo. "Tudo é possível."

Cinco horas se passaram. Eram onze da noite. O presidente tomou o rosto de Madonna em suas mãos e deu-lhe um beijo em cada face. "I wish you great luck with your film", disse-lhe. Boa sorte com seu filme.

"Mas o senhor me ajudará?"

"Como eu disse", ele respondeu, sorrindo, "tudo é possível." Com uma cortesia à antiga, ajudou-a a ficar de pé. Depois, parou junto à porta da frente e acenou quando Madonna e Constancio entraram no carro.

Ao chegarem ao aeroporto, Constancio conduziu Madonna pela pista, até um helicóptero vermelho e branco cujo rotor começava a funcionar. Logo estavam voando de volta para a cidade.

Madonna depois disse que se sentiu cheia de orgulho pelo que fez. "No caminho de volta", disse mais tarde, "passei o tempo todo flutuando dentro da cabine. Ele havia operado sua mágica sobre mim. Eu esperava ter feito o mesmo com ele."

Menos de duas semanas depois, o ministro da Cultura contatou a produtora do filme. Um segundo encontro — dessa vez formal e público — foi organizado, e contou com a presença de Menem, Madonna, Alan Parker e duas outras estrelas do filme, Jonathan Pryce (ganhador do Tony de melhor ator pela participação no musical Miss Saigon, e que agora deveria fazer o papel de Juan Perón) e Antônio Banderas (que faria o narrador do filme, o Che). Na reunião, Menem deu suas bênçãos a Evita, disponibilizando-lhes todos os prédios públicos antes proibidos— incluindo a tão sonhada Casa Rosada.

Criança indócil

EXATAMENTE QUEM É ESSA PESSOA capaz de encantar o presidente de um país, a ponto de fazê-lo agir de uma forma que ele não pretende, e ao modo dela? O que há nessa mulher — uma artista que não é dona de uma beleza incomum e que, embora talentosa, não é absolutamente fenomenal — que a manteve no degrau mais alto da escada do showbiz como o símbolo perfeito de sucesso e glamour pelos últimos quinze anos? Sempre à vontade e confiante dentro de suas limitações, em seu documentário de 1991, Na cama com Madonna, ela afirmou: "Sei que não sou a melhor cantora e dançarina do mundo. Sei muito bem. Mas não estou nem aí para isso. O que eu quero é mexer os pauzinhos...".

Nos anos que se seguiram a seu sucesso inicial em 1983, muitos jornalistas olharam para trás e revolveram o passado na tentativa de encontrar a chave para o mistério de Madonna. Contudo, em seu início comum, havia pouca coisa que pudesse sugerir o que o futuro reservava para Madonna Louise Verônica Ciccone.

"Tenho saudade daquela época de minha vida em que eu ainda não era um império", disse Madonna em setembro de 2000, durante um chat com usuários da provedora de internet AOL. Como muitas pessoas que se tornaram famosas, antes de se tornar "um império" Madonna queria apenas ser uma estrela. Uma ambição obsessiva e febril de ser famosa parecia ter nascido com ela, parte integrante do que ela era por dentro. Quando de fato conseguiu realizar seu sonho, uma de suas tiradas mais conhecidas seria: "Tenho hoje o mesmo objetivo que no meu tempo de criança. Dominar o mundo".

Embora metade de sua ascendência venha do Canadá francês, Madonna parece se identificar mais com a outra metade, sua herança italiana. "Io sono fiera di essere italiana"

("Tenho orgulho de ser italiana"), disse a um público de 65 mil fãs no estádio de futebol de Turim, quando se apresentou na Itália na metade de 1987. Suas raízes italianas remontam à primeira década do século XIX, na província de Pacentro, na região de Abruzzi. O pai de seu bisavô, Nicola Pietro Ciccone, nascera em Pacentro em 1867. Com a idade de 26, casou-se com Anna Maria

Mancini, também da província. Em 1901, tiveram um filho, Gaetano, o avô de Madonna. Dezoito anos mais tarde, Gaetano casou-se com uma mulher chamada Michelina (parece não haver registro de seu sobrenome), também de Pacentro. Pouco depois, o casal emigrou para os Estados Unidos, estabelecendo-se em Aliquippa, nos subúrbios de Pittsburgh. Tiveram seu primeiro filho, Mario, em 1930, e então, quatro anos mais tarde, o segundo, Silvio, apelidado de Tony — o pai de Madonna. Mais quatro crianças, todos meninos, iriam nascer no curso dos seis anos seguintes.

De todos, Silvio era o mais agressivo, inteligente e determinado a buscar seu próprio espaço na vida; foi o único a obter a graduação final nos estudos. Depois de se formar, Silvio conheceu uma linda mulher franco-canadense vinda de Bay City, Michigan, com o estranho nome de Madonna Fortin, por quem se apaixonou. Embora envolvida em outra relação na época, Madonna sentiu-se atraída pelo forte carisma e as feições bem morenas de Silvio, e logo aceitou sua proposta de casamento. Casaram-se em 1955 na Igreja da Visitação, em Bay City. Após se fixar numa pequena casa de tijolos no número 443 da rua Thors, em Pontiac, Michigan — cerca de sessenta quilômetros a noroeste de Detroit —, Tony arrumou um emprego como engenheiro na fábrica de automóveis da Chrysler.

Madonna Fortin Ciccone deu à luz o primeiro filho do casal, Anthony, em 4 de maio de 1956. Outro filho, Martin, nasceria um ano depois, em 9 de agosto. Quando visitava sua mãe, Elsie Fortin, em Bay City, Madonna Fortin Ciccone, novamente grávida, deu à luz em 16 de agosto de 1958 sua primeira filha, Madonna Louise (apelidada de Nonnie pelos pais), no Hospital da Misericórdia de Bay City. Nos três anos seguintes, ela teria outros três filhos: Paula, Christopher e Melanie.

"Eu cresci em uma família muito grande, em um ambiente onde você tinha de se superar para ser ouvido", Madonna lembrou certa vez. "Eu era um demônio. Era como viver num zoológico. Tínhamos de dividir tudo. Dormi numa cama por anos — uma cama de solteiro — com duas irmãs." E recorda ainda: "Eu era capaz até de machucar a mim mesma, como queimar meus dedos de propósito, para chamar a atenção".

"Ela era uma criança mimada desde o início", lembra-se seu irmão Christopher. "A mais velha das mulheres, e considerada favorita pelos meus pais. Isso, combinado com o fato de que era muito agressiva e queria as coisas a sua maneira, e conseguia, fizeram dela uma criança voluntariosa, embora tivesse bom coração. Ela gostava de tomar conta da tropa, mas era bem mandona. Beeem mandona."

Desde cedo, a jovem Madonna sempre foi uma fã fiel dos clássicos

hollywoodianos e de suas estrelas. Já na infância, de alguma forma percebeu que muitos dos maiores astros sofreram uma vida inconstante e precoce, repleta de drama e mistério. Como criança melodramática que era, parecia compreender a importância do mito. Anos mais tarde, em entrevistas, Madonna quis dar a impressão de que viera de uma família de baixa renda — talvez esperando capitalizar em cima do valor da clássica história do mendigo que vira príncipe. Embora fosse o tipo de história que gostaria de reivindicar para si — em que tivera de superar grandes traumas de infância e temíveis obstáculos antes que pudesse até mesmo sonhar em obter sucesso —, não era verdade.

Na realidade, seu pai Silvio nunca ficou sem emprego. Ele se saiu bem, mesmo com a responsabilidade por tantas crianças e o fardo financeiro inerente a uma família tão grande. Madonna sempre viveu uma vida abastada de classe média.

"Nossa família era rígida e antiquada", disse. "Quando eu era pequena, minha avó costumava me pedir para ir à igreja com ela, dizia-me que amasse Jesus e fosse uma boa garota. Cresci com duas imagens femininas: a virgem e a prostituta."

Na infância, Madonna foi particularmente próxima de sua mãe. As duas Madonnas compartilhavam uma afeição intensa e especial, e por toda sua carreira a filha sempre iria falar com grande ternura da mãe. "Ela era linda", Madonna recordou certa vez, "muito amorosa e devotada aos filhos. Vivia para nós." Suas memórias de infância mais antigas, segundo ela, eram felizes, porque giravam em torno da mãe, a quem chamou de "benévola e angelical".

"Quando eu tinha quatro anos, e antes disso, lembro-me de não conseguir dormir à noite", Madonna disse. "Eu levantava, abria a porta do quarto de meus pais e ia até sua cama. Os dois estavam dormindo e acho que devo ter feito isso um bocado, pois ambos se sentavam e diziam, 'Oh, não, de novo, não!', e eu dizia 'Posso ficar na cama com vocês?'. Meu pai era contra, mas me lembro de subir na cama e me aconchegar contra a linda camisola, vermelha e sedosa, de minha mãe... e então adormecer, sem mais nem menos. Eu sempre dormia imediatamente, quando estava com eles. Sentia-me muito sozinha e desamparada, mesmo com meus irmãos e irmãs no quarto comigo. É por isso que queria dormir com eles. Era como estar no paraíso."

O irmão mais velho de Madonna, Martin, lembra-se dela como uma criança inquieta e briguenta. Embora houvesse a usual rivalidade entre irmãos, a pequena Nonnie nunca se deixava intimidar pelo irmão maior. Se ele passava vaselina no cabelo dela quando estava dormindo ou puxava sua roupa de baixo para fora da calça, ela o retaliava delatando-o na próxima vez em que escapulisse de casa e fosse até a loja da esquina sem permissão. Desde cedo, Madonna nunca

aturou que alguém pudesse levar a melhor sobre ela, e não é de admirar que também odiasse que alguém lhe dissesse o que fazer, até mesmo seus pais. "Quando era criança, sempre achei que o mundo me pertencia", explicou, "que havia uma estrada pronta para mim, cheia de oportunidades. Minha postura sempre foi a de conhecer o mundo e fazer todas as coisas que quisesse, fossem quais fossem."

É claro que nenhuma criança gosta de receber ordens, mas, em inúmeras ocasiões, pessoas que conviveram com Madonna no passado notaram sua natureza particularmente rebelde na infância. Até mesmo ela muitas vezes fala sobre a personalidade desafiadora que mostrou desde tenra idade. Madonna se mostraria sempre franca sobre pessoas e assuntos que a irritavam — mesmo crianças bem intencionadas. Por exemplo, uma das lembranças mais antigas dela é de estar sentada no jardim diante da casa de seus pais em Michigan, como punição por alguma travessura de infância. Uma vizinha de dois anos de idade, querendo se mostrar gentil com a adorável amiguinha, caminhou desajeitadamente em sua direção e deu-lhe de presente um dente de leão que havia colhido. A reação de Madonna foi ficar de pé, encarar a menina e então empurrá-la para o chão. "Meu primeiro instinto", disse ela anos depois, "era atacar qualquer um que pudesse parecer mais desamparado do que eu. Eu vi em seus olhos a chance de retaliar a autoridade que sofria." O fato de sua jovem visita oferecer-lhe um dente de leão aparentemente não tornaram as coisas melhores para ela. Depois de adulta, Madonna explicou que detestava dentes de leão, pois "são ervas daninhas que crescem no mato e só gosto de plantas cultivadas".

Mesmo sendo a terceira dentre seis crianças, Madonna logo aprendeu como manter uma certa dose de atenção voltada sobre ela. Por exemplo, usava determinados estratagemas inspirados nos filmes que assistia vorazmente na televisão para permanecer como centro das atenções num lar superatribulado — como por exemplo saltar sobre a mesa na hora do noticiário e executar uns passinhos à Ia Shirley Temple. Ao final de seu pequeno número improvisado, acrescentava um toque pessoal — erguia seu vestido e mostrava as calcinhas. Esse arremate de perversidade sempre era um sucesso, deixando todo mundo deliciado, crianças e adultos. A jovem parecia aprender que um pouco de sacanagem, misturada a uma dose de exibicionismo, podia divertir muito as pessoas. É claro que anos mais tarde a Madonna adulta combinaria esses talentos para obter grandes efeitos em sua carreira profissional.

Com quase toda certeza, o momento crucial da infância de Madonna — o momento que teria a maior influência em moldar a futura mulher que viria a ser — foi a morte trágica e precoce de sua adorada mãe, aos trinta anos de idade.

Após sua mãe ser diagnosticada com câncer no seio, a pequena Nonnie e seus irmãos observaram-na definhar vagarosamente pelo período de cerca de um ano. Muitos meses antes da morte dela, contudo, a menina de cinco anos de idade começou a notar mudanças em seu comportamento e sua personalidade, embora fosse incapaz de entender os graves motivos responsáveis por tais mudanças. Como dona de casa, sua mãe sempre fora muito atenta aos detalhes, mas depois de receber aquele diagnóstico, passou a se sentir cada vez mais cansada e já não conseguia dar conta do trabalho doméstico que executava com tanta diligência anteriormente. Madonna lembrava-se de sua mãe sentando-se exausta no sofá, no meio da tarde. A garota, querendo brincar com a mãe, como sempre fizera antes, pulava em suas costas; a mãe, cansada demais para se mexer, a repudiava. Percebendo a iminência de algo assustador no ar, a pequena Nonnie esmurrava as costas de sua mãe, soluçando: "Por que está fazendo isso? Pare com isso! Faça como antes, brinque comigo!".

A mãe de Madonna, sem dúvida alguma, sofria sentimentos devastadores demais para explicar a sua assustada filha a realidade de sua condição médica terrível. Provavelmente assustada e desamparada, simplesmente desabava em lágrimas, e então a filha reagia envolvendo-a ternamente com seus pequenos braços. "Lembro-me de me sentir mais forte do que ela", Madonna contou. "Era tão pequena e mesmo assim me sentia como se ela fosse a criança. Eu parei de atormentá-la depois disso. Acho que isso me fez crescer mais rápido."

A mãe de Madonna acabaria tendo de ser removida para um hospital. Lá, tentou manter uma disposição de espírito alegre, sempre parecendo otimista para a visita de seus filhos e contando piadas para eles. Embora soubesse que estava morrendo, não queria que as crianças percebessem. "Lembro-me de que pouco antes de morrer ela pediu um hambúrguer", disse Madonna. "Ela queria um hambúrguer porque não podia comer nada havia muito tempo. Achei isso muito engraçado." Mais tarde naquele dia, contudo, o pai de Madonna trouxe-lhe a notícia de que sua mãe havia falecido. No início, ela não pôde compreender o tamanho da tragédia que ocorrera, e segundo contou: "Continuei a esperar que voltasse. Nós [Madonna e seu pai] nunca nos sentamos para conversar a respeito. Acho que deveríamos ter feito isso".

Madonna estava com apenas cinco anos quando sua mãe morreu, no dia 1º de dezembro de 1963, e o impacto que essa perda teve sobre ela foi certamente imensurável.

Ela perdeu sua mãe numa época de formação da personalidade, quando uma criança define seus ideais. Precisava de uma mãe na época, e precisaria cada vez mais.

Uma teoria sobre a perda na infância é de que quanto mais cedo, mais

profunda é a influência e mais duradouro o impacto. Cinco anos é uma idade de formação. Uma criança de cinco anos pode se sentir vitimada pelos eventos e talvez ache que deveria ter feito algo para mudá-los, de alguma forma. A raiva sentida por Madonna aos cinco anos de idade com certeza seria algo extremamente difícil de lidar. Algumas pessoas jamais chegam a se resignar com uma perda desse porte numa idade tão tenra, pelo menos não sem uma grande dose de terapia.

Depois que se tornou famosa, Madonna disse: "Todos nós sofremos algum tipo de ferida causado de um modo ou de outro em nossas vidas, e então passamos o resto do tempo brigando ou lidando com ela, ou tentando transformá-la em alguma outra coisa". Para Madonna, a angústia da perda da mãe "deixou-me um certo tipo de solidão e uma incrível ansiedade". Ela disse também: "Se não houvesse ocorrido aquele vácuo, eu não seria tão obstinada. Sua morte teve tudo a ver com minha decisão— após superar todo o sofrimento — de ser forte de verdade, já que não podia ter minha mãe comigo. De tomar conta de mim mesma".

A medida que cresciam, Madonna e suas irmãs vivenciariam uma tristeza profunda conforme a memória mais vivida de sua mãe afastava-se cada vez mais. Detinham-se sobre retratos dela e achavam que se parecia com Anne Sexton, a poetisa ganhadora do prêmio Pulitzer na década de 1960, que escrevia sobre depressão e suicídio em livros como To Bedlam and Part Way Back e Live or Die. Talvez seja isso que tenha levado Madonna a ter um grande interesse em poesia. (Madonna também já citou Sylvia Plath como uma poetisa que admira — uma referência intelectual que transcende a imagem que a maioria das pessoas têm de Madonna como sendo alguém superficial. Na verdade, muitas de suas canções têm origem na arte, na poesia, na filosofia e em diferentes religiões.) A pequena Madonna não teve apenas de aprender a cuidar de si mesma, mas também de seus irmãos e irmãs. Como filha mais velha, sentia-se feliz em assumir o papel maternal em relação aos demais. De fato, seu irmão Martin lembra-se de que Madonna não só dava comida para as crianças mais novas como também sempre verificava se estavam vestidas de modo apropriado para a escola. "Não me ressentia do fato de ter de cuidar dos meus irmãos e irmãs tanto quanto me ressentia do fato de haver perdido minha mãe", disse ela. Na verdade, ela não teve de ajudar a criar os irmãos sozinha, pois seu pai contratou uma série de empregadas... que, cada uma a seu tempo, acabavam preferindo abandonar o emprego a aguentar o comportamento rebelde da prole dos Ciccone. Madonna e seus irmãos invariavelmente se revoltavam contra qualquer uma que entrasse em casa para tomar o lugar de sua adorada mãe. Caso não pudesse manter outras mulheres longe da vida de seu pai (e assim tê-lo só para si), Madonna ficaria

feliz de continuar a exercer seu papel de mãe substituta. "Como qualquer garota", Madonna disse, "eu estava apaixonada por meu pai e não queria perdê-lo. Eu perdi minha mãe, mas depois me tornei minha mãe... e meu pai era meu."

"Eu era uma garota muito solitária em busca de algo", disse ela certa vez em uma entrevista à Vanity Fair, descrevendo sua infância. "Estava em busca da figura da mãe. Não era rebelde de uma maneira convencional; eu me importava em ser boa em algumas coisas. Não depilava as axilas e não usava maquiagem, mas estudava muito e tirava boas notas. Não fumava muita maconha, mas sem dúvida fazia isso de vez em quando. Eu era um paradoxo, uma outsider e rebelde que queria agradar o pai e tirar um monte de As. Queria ser alguém."

A morte de sua mãe deixara cicatrizes emocionais profundas, a jovem Madonna morria de medo de perder o pai também. Como fazia um ou dois anos antes, quando a mãe ainda vivia, agora esgueirava-se no meio da noite para dormir só com seu pai. A jovem sofria de pesadelos recorrentes e somente com a segurança da companhia paterna conseguia sentir-se segura e dormir um sono pesado. Desde essa época, sem dúvida por causa da devastação que sofreu, nunca mais permitiria que um sentimento de abandono como aquele da perda de sua mãe pudesse acometê-la outra vez. Ela teria de permanecer forte por si mesma, pois desde cedo temeu a fraqueza — sobretudo a própria.

Tempos confusos

EM 1966, TRÊS ANOS APÓS A MORTE da mãe de Madonna, Tony Ciccone envolveu-se amorosamente com Joan Gustafson, uma das inúmeras empregadas da família. Para grande desgosto de Madonna, os dois logo se casaram. Foi provavelmente por essa época que ela começou a expressar sentimentos mal resolvidos de raiva contra seu pai, o que iria perdurar por décadas.

Mais de uma vez seus biógrafos aventaram a hipótese de que, devido à morte da mãe, Madonna sempre ansiou pela aprovação do pai, e que essa suposta ausência de aprovação teria sido a fonte de uma tensão contínua entre pai e filha. É verdade que a falta de compreensão da visão artística de Madonna por parte de Tony Ciccone certamente não contribuiu em nada em sua relação ao longo dos anos, e ela de fato tem buscado sua aprovação. No entanto, um estudo mais detido da vida de Madonna mostra de modo claro que outro fator de instabilidade em sua relação emocional com o pai tem a ver com a forte raiva que ela lhe dirige. A coragem de Tony em seguir com a própria vida após a morte de sua esposa não fez muito por elevá-lo aos olhos de uma filha que sentia a convicção de que sua mãe não poderia — nem deveria — jamais ser substituída. Ou, nas palavras de um parente: "Foi como se ela, como garota jovem que era, estivesse tão cheia de raiva pela morte da mãe e pela maneira como seu pai lidou com isso que precisasse dirigir essa raiva para algum lugar... e assim ela a dirigiu à pessoa que mais amava na vida: seu pai".

Será possível ter raiva de alguém e ao mesmo tempo ansiar pela aprovação dessa pessoa? Muitos psicólogos concordariam que as principais características da experiência humana são sentimentos ambivalentes e contraditórios. Enquanto, do ponto de vista da lógica, um objeto não possa ser uma cadeira e uma mesa, tem de ser uma coisa ou outra, para a natureza humana a situação não se apresenta condicionada por esse "um ou outro". É perfeitamente possível que Madonna estivesse irada com seu pai por seguir com sua própria vida após a morte da esposa, mas subjacente a essa ira ela ainda ansiava por sua aprovação e aceitação. É como se ela o submetesse a um teste, tendo certeza de que ele iria fracassar: Tony aceitará sua filha em seus próprios termos, mesmo que ela aja de

forma ultrajante?

Se a resposta for não, ela continuará a sentir raiva; se for sim, achará outra razão para se ressentir. Certamente a raiva continua a se reciclar até que a pessoa ache uma forma de lidar com ela de uma vez por todas.

Joan Gustafson era completamente diferente da mãe de Madonna, com sua tez amorenada e jeito delicado, calmo e amoroso. Uma loura severa e disciplinadora — ou pelo menos tentava ser, já que nenhuma das crianças dava qualquer ouvido ao que tivesse a dizer —, fez Madonna passar maus bocados até se ajustar ao fato de que não era mais a mulher à testa da família. Madonna se recusava, por exemplo, a chamar a nova sra. Ciccone de "mãe", como seu pai desejava.

Quando sua carreira começou a ganhar impulso no início dos anos 80, Madonna falava frequentemente sobre o quanto sua vida mudara após seu pai ter se casado outra vez. Dizia não odiar a madrasta, apenas não podia aceitá-la ocupando o lugar de sua verdadeira mãe. Bem ao seu estilo sensacionalista, Madonna iria mais tarde embelezar a relação tensa entre ela e a madrasta ao falar com a imprensa, dizendo que sempre se sentira indesejável e supérflua, "como uma Cinderela".

Também contava histórias de como a nova sra. Ciccone certa vez teria feito seu nariz sangrar após uma altercação física — embora Madonna afirmasse ter se deliciado com o acontecimento, pois isso em troca lhe permitiu faltar na missa de domingo. ("É claro que não me lembro de nada disso", diz Joan Gustafson Ciccone hoje. "Isso nunca aconteceu. Você acha que o pai dela deixaria uma coisa dessas acontecer?") Outro caso degradante muitas vezes mencionado por Madonna é que sua madrasta teria se recusado a deixá-la usar um absorvente interno quando ela começou a menstruar (o que, segundo Madonna, ocorreu aos dez anos de idade), porque, na opinião de Joan, usar tampão era como ter uma relação sexual e por isso só poderia ser usado depois do casamento. ("O quê! Meu Deus! Isso nunca aconteceu", disse Joan, com o olhar incrédulo. "Que coisa horrível! Ela disse isso? Não acredito que disse! Disse?") Segundo Madonna, uma "crueldade de madrasta" ainda maior perpetrada por Joan foi obrigar ela e suas irmãs a se vestirem com roupas iguais, privando-a assim de sua tão prezada individualidade. Vestir uniformes escolares era ruim o bastante, disse Madonna, mas vestir-se exatamente como suas irmãs era pura tortura. ("Do que você está falando?", Joan retrucou ante a alegação de Madonna. "Eu nunca fiz nada disso. Por que faria? Será que estamos falando da mesma pessoa?") Desde pequena Madonna aprendeu a inovar no uso do guarda-roupa, a fim de tentar fazer valer sua própria personalidade— mesmo que isso significasse usar suas roupas de maneira pouco convencional, rasgando-as ou até mesmo vestindo-as do avesso,

quando Joan não se encontrava por perto. Madonna também usava calças apertadas de cores berrantes ou tiras de trapos velhos amarrados no cabelo desalinhado — tudo que a destacasse das irmãs mais novas. (Essa busca da individualidade no modo de se vestir perduraria até anos mais tarde, quando Madonna se encontrava batalhando em Nova York, tentando ser uma dançarina. Em geral, ela se vestia de maneira extravagante, cortando a malha e prendendo-a com alfinetes de fralda. Já nessa época era fascinada pela ideia da individualidade.) Independente do quanto Madonna pudesse estar infeliz com a nova situação, parecia que a nova sra. Ciccone havia chegado em sua vida para ficar. Joan e Tony continuaram juntos e tiveram ainda dois filhos, Jennifer e Mario.

Tony Ciccone fez o melhor que pôde para se certificar de que a família cada vez maior seguisse pelo bom caminho. Um homem que trabalhava duro, tentou ensinar as crianças a seguir seus passos e a se concentrar nas lições que traziam da escola. Havia regras a serem seguidas, dizia, e esperava que vivessem segundo essas regras.

Para ele, era muito importante que todos fossem à igreja regularmente. "Eu não diria que era um homem austero, mas sim conservador", observou Madonna. "Meu pai era convicto da importância de mostrar excelência quanto à liderança. De ser competitivo ao máximo. De se orgulhar de si mesmo, ir bem na escola e colher a recompensa pelo que você plantou." Anos mais tarde, Madonna lembrava que seu pai colou uma "lista de tarefas" na parede, especificando a rotina de cada criança. Ela se lembra bem das tarefas assinaladas sob seu nome: "Lavar o balde de fraldas.

Descongelar o freezer. Rastelar as folhas. Lavar os pratos. Cuidar dos bebês. Passar o aspirador. Tudo".

Talvez por perceber a óbvia correlação entre sua habilidade para obter o sucesso, ser extremamente competitiva e seguir a ética de trabalho do pai, Madonna geralmente fala de Tony Ciccone com admiração: "Se existe uma coisa que posso dizer de meu pai é que era muito íntegro conosco. Era muito digno de confiança, não dava margem a deixar a gente confusa. Ele era incapaz de mandar fazer alguma coisa e conduzir sua vida de outro jeito. Sempre mantinha a palavra, era muito íntegro. E essa firmeza de caráter foi extremamente importante, sobretudo por não termos mãe".

Madonna sempre gostou de colher os frutos pelo trabalho pesado; ela adora vencer. Tony costumava recompensar os filhos com meio dólar por cada A que viesse em seus boletins; Madonna tirava mais As do que todos os demais. Sempre foi inteligente por natureza, uma boa estudante que parecia ter um olho voltado para a importância de preparar o futuro. "A filha-da-mãe nunca precisou

estudar", diverte-se o irmão, Martin. "Nunca. Tirava um monte de As. Eu costumava subir até o quarto e estudar o tempo todo, mas minha cabeça estava sempre em outro lugar. Eu só fazia aquilo porque era obrigado, mas não gostava. Ela fazia aquilo porque sabia que depois chegaria ao próximo patamar." Madonna também se lembra da recompensa que recebia pelas notas elevadas e acrescenta, rindo: "Eu era muito competitiva e meus irmãos e irmãs me odiavam por isso. A cada boletim eu ganhava mais dinheiro".

Além das obrigações escolares e das tarefas domésticas, todas as crianças da família eram encorajadas a tocar algum instrumento clássico. A Madonna coube o piano, embora o odiasse de todo coração. Na vizinhança onde crescia havia mistura de raças, e com essa influência cultural ocorrendo bem ao seu lado, estava muito mais interessada no som da Motown do que no piano clássico. Seus ídolos eram Diana Ross and the Supremes, Ronnie Spector e Stevie Wonder.

"Quando eu era criança, queria ser negra. Estava vivendo em Pontiac, Michigan, cerca de quarenta quilômetros a noroeste de Detroit. Todos meus amigos eram negros e toda a música que eu ouvia era negra. Eu morria de inveja de minhas amigas negras porque elas tinham trancinhas nos cabelos espetadas para todos os lados. Então, chorando de dor, eu fazia trancinhas com arame para deixar meu cabelo espetado."

Madonna logo convenceu seu pai a permitir que deixasse as entediantes aulas de piano para se empenhar em atividades (para ela) mais empolgantes, como dança — sapateado e jazz — e acrobacias com bastão.

"Ela era uma garota inteligente, estava sempre motivada", recorda-se sua madrasta Joan. "Era brilhante, mas manipuladora, na minha opinião. Dava pra ver que ia se sair bem e que nunca mostraria fraqueza, e a gente ficava feliz com isso."

Não é de causar surpresa, especialmente dadas as convicções religiosas que Tony Ciccone compartilhava com sua falecida esposa, que todas as crianças da casa estudassem em colégios católicos. Nos anos 60, as regras e os regulamentos rígidos dessas escolas de visão estreita eram observadas com severidade pelas freiras que tomavam conta, muitas das quais usavam táticas que hoje em dia seriam consideradas maus-tratos infantis.

"Elas distribuíam bofetadas pra valer", Madonna disse. "Era um ambiente onde o medo imperava, misturado a essas contrastantes imagens do sagrado."

EM 1966, ela fez a primeira comunhão e após ser crismada, um ano mais tarde, acrescentou o nome Verônica ao seu próprio nome de nascimento. "²__€ei o nome de Verônica", explica, "porque ela limpou a face de Jesus. Ninguém deveria se aproximar de Jesus Cristo para ajudá-lo em seu caminho à crucificação, mas ela não teve medo de se adiantar e limpar o suor de seu rosto.

Eu gostava dessa atitude, então adotei seu nome. Havia também Maria Madalena", continua, falando sobre as mulheres bíblicas que a influenciaram. "Era considerada uma pecadora, pois se deitava com homens. Mas Jesus disse que estava tudo bem. Jesus e Maria Madalena provavelmente dormiam juntos."

Segundo ela, o catolicismo deu-lhe um alicerce de fé, à qual ela sempre podia recorrer, mesmo depois de adulta. Contudo, a forte ênfase da religião no conceito de culpa e perdão, segundo ela, "já deixou muito católico maluco. Veja quantos católicos fazem terapia, apenas para tentar superar a ideia do pecado original. Sabe o que é ouvir desde o dia em que foi à escola pela primeira vez que você é um pecador, que nasceu dessa maneira, e que é assim que as coisas são? É preciso ser católico para entender essas coisas".

Desde o começo de sua carreira Madonna iria fazer um uso irônico de ícones religiosos como parte de seu guarda-roupa sexy e então distribuir comentários saborosos para os jornalistas, como o muito citado "crucifixos são sexy porque há um homem nu neles". Depois de adulta, Madonna empregaria uma de suas fórmulas de "chocar" mais utilizadas e bem-sucedidas: pegar uma imagem sagrada e respeitada e imbuí-la de conotações sexuais completamente impróprias, tornando assim o simples pensamento do conjunto todo um completo tabu. Ela percebeu rapidamente que dar declarações surpreendentes — como "crucifixos são sensuais porque Jesus era muito sexy, tipo um astro de cinema" — faziam os olhos se arregalar, e também com que fosse notada, e as pessoas falariam dela como de uma revolucionária sexual. A combinação desses elementos de religião e sexo era uma receita infalível para a polêmica. Embora fácil de elaborar, depois da segunda ou terceira vez, era também uma estratégia relativamente transparente de chamar a atenção. Mesmo assim, desde que o público continuasse a reagir como se estivesse chocado, ou até expressasse prazer e divertimento com suas observações, Madonna repetia a fórmula muitas vezes — em entrevistas na televisão, videoclipes e algumas de suas canções. (Seria apenas cerca de dez anos após o início de sua carreira, quando publicou o quente livro Sex, que a maioria das pessoas iria sacar qual era a dela... e então começariam a repudiar o truque.) Uma das histórias de seu arsenal pode ser verdadeira ou não: "Quando era criança, fui até a igreja sozinha num sábado de manhã para confessar. Não havia ninguém por lá, e em vez de sair pela porta principal, cruzei o vestíbulo até uma porta lateral. Abri a porta um pouquinho e lá estava um casal, fodendo dentro da igreja.

Pensei, 'Oh, meu Deus!', e fechei rapidamente a porta. Foi a única vez em que vi sexo numa igreja. Mas parece algo bem legal de fazer".

Na verdade, muitas das piadas de Madonna sobre catolicismo (consideradas blasfemas por observadores mais devotos) têm a ver com uma intensa amargura

contra a igreja.

Seu sentimento de humilhação em relação à ortodoxia que lhe foi impingida é tão forte que ela encontrou na provocação uma forma de escarnecer desse sentimento. Para alguns, talvez tenha rejeitado Deus por ter feito algo tão terrível — levar sua mãe embora. Ao longo dos anos, ela parece continuamente desafiá-lo ao revide, enquanto segue agindo de formas que podem ser consideradas, ao menos por pessoas religiosas, como sacrílegas.

Depois de adulta, Madonna também culparia os ensinamentos eclesiásticos severos, puritanos e baseados no sofrimento por muitos dos problemas que as crianças dos Ciccone experimentaram na vida. "Meus irmãos mais velhos eram incrivelmente rebeldes", disse ela. "Começaram a usar drogas e arrumaram encrenca com a polícia. Um deles se mandou e virou seguidor do Reverendo Moon. Eu? Eu me tornei obcecada pelo sucesso. Programei minha vida— 'Tanto faz se vou viver na rua, tanto faz se vou ter de comer lixo. Eu vou conseguir'."

A ambiguidade que Madonna sente acerca da religião talvez só tenha feito aumentar pela forma como foi influenciada pela devoção fanática— e perturbadora — que testemunhou em sua mãe. "O catolicismo é uma religião muito masoquista", declarou. "Vi minha mãe fazendo coisas que me afetaram muito. Ela se ajoelhava no arroz cru e orava durante a Quaresma, dormia sobre cabides de arame. Era uma religiosa ardorosa, chegando a se extasiar com isso. Se minha tia viesse a nossa casa usando jeans com zíper na frente, minha mãe cobria todas as imagens para que não pudessem ver e virava os quadros sacros para a parede."

Quando Madonna estava com cerca de dez anos, a família se mudou para o número 2.036 da rua Oklahoma, em Rochester Hills, Michigan, uma comunidade afluente não muito distante do condomínio residencial de Bloomfield Hills, em Detroit. Foi nessa época que ela começou a pensar que talvez um dia quisesse se tornar uma freira. "Eu desejava seguir uma vida piedosa", contou-me em entrevista em 1983. "Mas estava em conflito com a coisa toda. Quanto mais isso me repelia, mais o desejava, como se estivesse querendo conquistar algo. Acho que a igreja realmente provocou uma confusão na minha cabeça. Foi o que me tornou competitiva. Eu tinha medo de falhar.

Isso causou todo tipo de problemas, alguns dos quais eu nem tenho noção quais sejam. Na verdade, tenho medo de passar por uma terapia de hipnose, pois não sei o que vou descobrir sobre minha formação católica!"

De fato, de natureza rebelde como era, não pôde evitar o fato de se voltar contra o sistema escolar moralista e conservador. No parque, por exemplo, a jovem Madonna se pendurava de cabeça para baixo nas barras, agindo como se estivesse distraída em sua "performance", mas certificando-se de que sem dúvida

sua calcinha estava aparecendo, para deleite de todos os garotos em volta. Inúmeras vezes foi castigada pelas freiras por exibir suas roupas de baixo.

As irmãs da St. Andrews Elementary School sempre foram motivo de grande fascínio para Madonna. Ela se esgueirava na ponta dos pés até as janelas do convento para espiá-las em seu ambiente informal e "natural", perguntando-se como deviam ser sem os hábitos e se teriam ou não cabelos. A amiga de infância de Madonna, Carol Belager, lembra-se de bisbilhotar as janelas do convento junto com ela.

"Meu Deus, elas têm cabelo mesmo", sussurrava Madonna para Carol, enquanto as duas garotas observavam a irmã Mary Christina, que não suspeitava de nada.

"Vamos embora agora", dizia Carol, nervosa.

"Não, ela está se preparando para tirar a roupa", Madonna dizia, excitada. "Quero ver como ela fica pelada."

Carol arrastou Madonna para longe dali antes que ela tivesse a oportunidade de ver sua primeira freira nua.

Aquelas estranhas religiosas, sem senso de humor e imensamente poderosas, eram para a jovem Madonna lindas e misteriosas. Depois de adulta ela se lembraria: "Eu as via como puras de verdade, disciplinadas, algo acima das pessoas comuns. Nunca usavam qualquer maquiagem e tinham o rosto tão sereno...". Então, bem ao seu estilo, arrematava: "Além do mais, elas eram muito sexy".

O sentimento ambivalente que Madonna ainda tem pelos ensinamentos da Igreja Católica é particularmente irônico, haja vista que o catolicismo não parece ter sido capaz de dar-lhe a habilidade de transcender suas próprias inseguranças. A filosofia a encorajava a confrontar momentos de grande fraqueza, em que ela suspeitava de que talvez não fosse realmente boa o bastante, talentosa o bastante, ou bonita o bastante... aqueles momentos em que necessitava ainda mais de um alicerce de fé ao qual recorrer para superar sentimentos de inadequação. Foi ela também que a imbuiu com um senso estrito de autodisciplina, tão necessário a desafiar as inúmeras dificuldades que iria, sem dúvida, enfrentar na trilha do estrelato.

"Eu não penso muito sobre isso", disse-me numa outra entrevista em 1985, "mas é claro que rezo. Rezo quando algo não vai bem, como acho que faz a maioria das pessoas.

O segredo, acho, é rezar quando as coisas não estão totalmente atrapalhadas. É aí que você tem uma relação com Deus. Por vir de uma escola católica, rezar é algo que está tão enraizado em mim que faço isso sem nem mesmo me dar conta. Para mim, quando digo, quando estou puta da vida, 'Oh, meu Deus', isso é uma

oração de alguma forma, mesmo que as pessoas não concordem comigo que é, eu não me importo. Quando você está furiosa e pede pela intercessão divina, isso é um jeito de rezar. Além disso, eu costumo rezar quando tem tanta merda acontecendo que eu simplesmente tenho de fazer uma pausa e me lembrar das coisas boas pelas quais devo ficar agradecida. É claro que eu rezo."

A perda da virgindade

EMBORA SE SENTISSE SUFOCADA por viver em um ambiente religioso severo, o talento de Madonna conseguiu de algum modo desabrochar e, de vez em quando, ela imaginava meios de romper as amarras. Por exemplo, em um show de jovens talentos, a garota de onze anos de idade escandalizou o público da escola, assim como seu pai: vestida apenas com um casaco pintado com tinta fluorescente verde e usando um biquíni por baixo, ela realizou uma sensacional dança a go-go no melhor estilo Goldie Hawn (como eram as performances de Hawn no clássico programa da televisão Rowan & Martins Laugh-In). O rosto do pai de Madonna ficou em chamas ao ver sua filha pubescente sacudindo e rebolando diante de todos. Ao final, ele a castigou por duas semanas. "Não sei no que ela estava pensando", afirma ele hoje. "A não ser no fato de que queria chocar todo mundo."

Assim que chegou à Rochester Adams High School, Madonna encontrou várias atividades que lhe permitiam permanecer diante dos olhos do público. Como animadora de torcida, tomou gosto pelo que havia de mais similar com ficar em frente a uma multidão entusiasmada. Foi então que teve oportunidade de testar alguns truques que ensaiara em casa para divertimento de sua família, mas agora para um público maior, e talvez muito mais crítico.

Karen Crave, parceira de Madonna no time de animadoras de torcida, lembra-se do dia em que a equipe devia formar a batida "pirâmide humana" durante um intervalo do jogo. Madonna "saltou para o topo da formação e fez a sua graça", recorda. Um engasgo coletivo de puro choque percorreu a multidão quando viu a saia da jovem se erguendo. A orientadora da escola, Nancy Ryan Mitchell, confirma: "De longe, parecia que estava sem nada. Mas na verdade ela estava usando calcinha cor da pele. Foi chocante, mas fazer o quê? Era Madonna.

"Lembro-me de que ela dançava energicamente durante algumas apresentações de que participava, fazendo muitos movimentos com o corpo. Isso era muito controverso naquela época e seu pai não gostava nem um pouco. Tudo que pudesse fazer para chocar as pessoas, ela faria. Mas devo dizer a seu favor que era uma aluna brilhante, envolvida em um programa de tutores, um grupo de

formação de atores. Tinha muito pensamento positivo, enquanto a molecada saía por aí bebendo Coca-Cola, ela estava tendo aulas de dança depois da aula. Trabalhava duro."

Madonna também participava do departamento de teatro, estrelando em produções como My Fair Lady, Cinderela, O mágico de Oz e Godspell (A esperança). Foi nessa época de escola que ela aprendeu como era agradar o público, ficar sob os holofotes e receber os aplausos calorosos da multidão. "Ela gostava disso", afirma Clara Bonell, antiga colega de classe. "Eu a vi em Godspell, e lembro-me de que quando o público ficou aguardando a cortina se abrir novamente, ela estava chorando. A sensação de ser aceita, hoje acho que isso era o que ela mais apreciava, pelo que mais ansiava. Talvez não tivesse isso em casa vindo de seu pai, que não dava o menor apoio, até onde me lembro. Então era melhor consegui-lo do público, se fazia bem a ela."

Beverly Gibson, sua professora de teatro, acrescenta: "Quando as luzes desciam sobre ela, a mágica ocorria. As pessoas não conseguiam tirar os olhos de cima. A gente muitas vezes ouve falar de pessoas que se tornaram famosas e que eram verdadeiros deslocados. Seus amigos e professores dizem assim: 'Nunca pensei que ela um dia fosse fazer sucesso'. Com Madonna, não. Não havia maneira de dizer que seria outra coisa que não uma pessoa famosa em alguma coisa. Eu a via no palco com sua personalidade vibrante e seu carisma e pensava comigo mesma: 'É inevitável'".

"Na escola, Madonna era uma rebelde", afirma sua antiga colega de classe, Tanis Rozelle. "Diferente das outras garotas, ela não depilava as axilas, tampouco sua irmã, Melanie. Isso era considerado muito esquisito. As duas tinham espessos tufos de cabelo sobressaindo-se debaixo dos braços. Isso gerava alguma polêmica, mas depois de um tempo as pessoas não se incomodavam mais. Madonna explicava que não se depilava porque não queria ser uma típica garota americana do subúrbio. Dizia que não queria remover algo do seu corpo que era natural. Isso não a impedia de erguer bem os braços quando estivesse na animação de torcida, mesmo que usasse um uniforme sem mangas", lembra-se Tanis. "E isso com certeza também não a atrapalhou quanto à popularidade entre os garotos. Ela era muito bonita e os caras ficavam bastante interessados."

Durante seu primeiro ano no colégio, em dezembro de 1973, quando estava com quinze anos, Madonna perdeu sua virgindade com Russell Long, de dezessete anos. Na verdade, ela afirma ter tido alguns contatos sexuais antes dessa época, quando tinha apenas oito anos, mas nunca chegara às vias de fato. "Todas minhas experiências sexuais de menina foram com garotas", diz. "Sabe como é, a gente não fazia aquelas festinhas do pijama a troco de nada. Acho uma coisa bastante normal trocar experiências com pessoas do mesmo sexo. Você

está morrendo de curiosidade e sua amiga também, ela vai passar a noite com você, e então acontece."

"Ela queria que sua primeira vez de verdade fosse algo bem especial", recorda Russell Long. "Marcamos um encontro — cinema e hambúrgueres — e depois disso fomos até minha casa no meu Cadillac azul 1966, que era muito cool."

Embora Long lembre-se de se sentir nervoso sobre as indiretas que, segundo ele, Madonna estava dando — ela claramente queria algo mais íntimo —, ele não teve de se preocupar em começar. Ela era o lado agressivo. "Vamos fazer ou não?", perguntou enquanto tirava o sutiã.

"Acho que sim", respondeu Russell sem fôlego.

"Então vamos lá", mandou ela. "Vamos!"

Anos mais tarde, ela observou que "mesmo depois de ter feito amor pela primeira vez, eu ainda me sentia como uma virgem. Eu só perdi minha virgindade quando fui capaz de perceber o que estava fazendo".

Após essa primeira vez na casa de seus pais, conta Russell, eles escolheram o banco de trás de seu carro para futuros encontros. "Meus amigos apelidaram meu Caddy de 'o Carro do Amor'", diz ele.

"Ela não se importava que as pessoas soubessem que a gente estava transando. Muitas garotas nessa idade teriam ficado envergonhadas ou então no mínimo não iam querer que ninguém soubesse. Madonna, não. Tinha orgulho disso, dizia que aquilo a fazia sentir-se como uma mulher. Estava à vontade em relação ao próprio corpo e não se importava de ser vista nua, parecia tudo muito natural para ela."

"Eu gostava de meu corpo na fase de crescimento", afirmou Madonna certa vez em uma entrevista à imprensa, "e não sentia vergonha dele. Gostava de garotos e não tinha inibições diante deles, talvez por ter vindo de uma família com irmãos e compartilharmos o banheiro. Os meninos tinham uma impressão errada de mim, no colégio. Eles confundiam audácia com promiscuidade. Quando não conseguem o que querem, viram as costas pra você. Houve uma fase em que todas as garotas achavam que eu era fácil, e os garotos me achavam ninfomaníaca. Mas o primeiro cara com quem transei era meu namorado e a gente já saía junto fazia muito tempo."

"Ela não era como a maioria dos outros estudantes", lembra-se Russell Long. "Havia um bando de garotos que eram meio esquisitos e metiam um certo medo nos demais.

Madonna andava nesse meio. Ela não se misturava com os outros alunos, preferia ficar com aquele pessoal mais ou menos marginal, meio que do lado de fora, dando risadinhas maliciosas pra todo mundo."

"Contudo, achei-a uma pessoa muito sensível", continua ele. "Tivemos longas conversas sobre sua mãe e o quanto sentia sua falta. Também discutíamos a tensão entre ela e seu pai. Nessa época de colégio ela estava se rebelando de todas as formas possíveis contra o pai, e eu não entendia por que estava com tanta raiva dele. Ela dizia: 'O que você acha que ele faria se soubesse que a gente está transando? Será que ia ficar louco da vida?'. E eu respondia: 'Droga, é claro que sim, claro que vai ficar fulo da vida'. Aí ela retrucava: 'Bem, então talvez fosse melhor eu dizer a ele, não é?'. E eu falava: 'Madonna, não! Droga, ele vai me matar'. Mas minha segurança, assim como sua privacidade, não era uma coisa que passava por sua cabeça. Se ela pudesse fazê-lo arrancar os cabelos de susto, era o que iria fazer. Ou até pior, faria tudo para deixá-lo completamente puto da vida." O namoro de Long e Madonna durou mais seis meses.

Russell Long, hoje motorista de caminhão da United Parcel Service, continua a viver em Michigan, com mulher e filhos. "Fico pensando se ele ainda me ama", Madonna se perguntou certa vez. De repente, como se caísse em si, ela responde a própria pergunta: "Mas é claro que sim!".

"É claro que amo", diz Russell Long hoje. "Mesmo que não fosse famosa, seria impossível esquecê-la: ela é única."

Christopher e Whitley

Aos CATORZE ANOS DE IDADE, Madonna entrou em uma escola de dança para aprender o jazz. Mas com uma determinação e dedicação pouco usuais para uma garota de sua idade, logo ultrapassou esse estágio. Uma amiga recomendou a Christopher Flynn Dance School, na Rochester School of Ballet. Assim que foi admitida, rapidamente viu-se diante de alunos que levavam a sério a arte da dança clássica, "algo que me deixava ligada pra valer", segundo ela. Em seu estúdio, Christopher Flynn enfatizava o trabalho duro e a disciplina, conceitos contra os quais Madonna muitas vezes se rebelara em casa e na escola, mas que agora como estudante de dança abraçava com fervor. "Ele era muito católico e cheio de regras", lembra-se ela. Como passava mais de cinco horas por dia dando duro em sua turma, Flynn ficou impressionado com o progresso notável de sua jovem aluna. Logo ela abandonou a animação de torcida e começou a cuidar da alimentação para ficar em forma, e não falava de outra coisa além de seu amor pela dança. Seu ingresso na Christopher Flynn Dance School foi o primeiro de muitos anos de estudo sério de dança.

O instrutor de dança, Flynn, trinta anos mais velho do que Madonna, foi uma das primeiras pessoas a notar um incipiente "carisma de estrela" na jovem, e assim foi de fato o primeiro a empurrá-la na direção de uma carreira artística. Seu entusiasmo com Madonna deu-lhe rapidamente um impulso de autoconfiança que até mesmo o adolescente mais seguro de si necessita nessa idade.

Certa vez, após uma série de exercícios de dança particularmente extenuantes, uma Madonna suada e exausta enrolou uma toalha em torno da cabeça como um hindu e olhou com melancolia através da janela, perdida em pensamentos. Flynn observou sua aluna profundamente absorta. Anos mais tarde, recordou esse momento vivamente.

"Meu Deus", disse-lhe, "como você é linda."

"O quê?", perguntou Madonna, de olhos arregalados, provavelmente esperando ouvir o elogio mais uma vez.

"Seu rosto parece saído da antiguidade", disse ele, "como se fosse de uma escultura romana."

"Por que diz isso?", ela perguntou.

"Por que é verdade", respondeu ele. "Não é de beleza física que estou falando, mas de algo mais profundo. Acredite."

"Mas eu acredito", disse ela com franqueza. "Eu já havia percebido, só não sabia se mais alguém também tinha."

Anos mais tarde, segundo se lembrava Madonna, "eu estava com catorze ou quinze anos, sentia-me horrivelmente pouco atraente, impopular, desinteressante, sem graça.

E Christopher vem e diz 'Meu Deus, você é linda'. Ninguém nunca tinha dito isso antes para mim. Tampouco que eu era especial. Ele me ensinou a apreciar a beleza — não a beleza no sentido convencional, mas a beleza da alma."

De fato, a influência de Christopher Flynn na vida e na carreira de Madonna não pode ser subestimada. "Toda minha vida mudou", disse Madonna. "Não apenas porque estudar dança com Christopher era realmente tão importante, mas porque ele me deu um objetivo, me tirou do que para mim era uma existência monótona."

Flynn estava feliz em encorajar Madonna em seu próximo nível de crescimento como artista. Depois que se tornou famosa, ele disse: "Madonna era uma página em branco que ansiava desesperadamente por ser preenchida, acredite. Ela não sabia absolutamente nada sobre arte, música clássica, escultura, moda, civilização — nada sobre a vida. Quer dizer, não passava de uma criança. Mas essa criança tinha um desejo ardente de aprender. Sua sede de saber era insaciável, isso é algo que ninguém podia negar. Possuía uma mente muito positiva, sempre centrada no que desejava fazer melhor. Pode crer, sua sede era tremenda e insaciável".

Christopher Flynn foi também o primeiro homossexual de quem Madonna se tornou próxima. Embora ainda fosse menor de idade, ele a levava junto quando ia a bares e boates gays. Foi nesses lugares que sua educação começou a se expandir para além do âmbito da música clássica, da arte e da escultura.

Tendo Flynn como guia pelos aspectos mais provocantes da vida noturna de Michigan, em pouquíssimo tempo Madonna aprendeu muita coisa sobre erotismo e, como ela mesma disse depois, "incrementar a máquina até o ponto de ouvi-la gritar 'pare!'". Era uma educação muito mais ampla do que jamais teria recebido em casa ou na escola. Devido a seu jeito completamente desinibido de se expressar por meio da dança, Madonna cativou multidões de gays com seus movimentos frenéticos e sensuais e sua performance *camp*. Seus "fãs" agradecidos enchiam-na de um sentimento de autoconfiança e energia, fazendo-a acreditar sinceramente que suas aspirações de vir a ser uma dançarina não eram infundadas.

Seu professor francês, Carol Lintz, lembra-se de que Madonna foi tão influenciada por suas experiências em boates gays, que ela nem mesmo precisava mais de um parceiro para dançar. "Alguma coisa aconteceu a ela nessa época que a fez deixar de encarar a dança como um tipo de ato social, e sim como um ato artístico. Lá estava ela, no meio da pista, dançando sozinha com seus movimentos adolescentes. As pessoas queriam saber com quem estava dançando, e eu respondia, com ninguém, está dançando sozinha. Está dançando com ela mesma, só pela experiência.

"Comecei a notar a técnica e a inclinação dramática, era uma evolução fascinante.

"Quando se formou, recebeu o prêmio de teatro por seu trabalho nas inúmeras peças que encenou — foram tantas que não consigo nem me lembrar de quantas, sempre com ela no papel principal... se fosse de outra maneira ela não teria aceitado. Madonna estava muito orgulhosa daquele prêmio, lembro-me de que disse 'eu sempre soube que um dia ganharia este prêmio', como se fosse um Oscar. Mas nunca pensei nela como uma atriz, e sim como uma dançarina."

Christopher Flynn certa vez recordou outra conversa que teve com Madonna em seu estúdio de dança, em que, segundo ele, "tive de fato uma pista do tipo de artista que iria se tornar".

Enquanto fazia exercícios de alongamento em sua malha preta, ela perguntou a Flynn: "Por que você acha que gosta de homens?".

Ele respondeu a essa questão dizendo que sua sexualidade era algo que "simplesmente acontecia, nada que pudesse controlar".

"Quem dera eu conseguisse entender", disse ela.

"Por quê?"

"Porque eu queria que meu sapateado tivesse a ver com isso", ela disse. "Veja essas mulheres, como Judy Garland e Marilyn Monroe. São ídolos dos gays, não são? Eu queria saber o que elas têm que provoca isso: é o glamour, o comportamento?"

"Acho que é porque são tão trágicas", sugeriu Flynn. "Acho que é isso aí. Você as vê e tem vontade de cortar os pulsos. Todo gay já quis cortar os pulsos em algum momento de sua vida. Então é isso", decidiu ele, "é porque são tão trágicas."

Madonna parou o alongamento. "Bem, então esqueça", disse com um olhar sério para seu professor de dança. "Eu nunca vou ser trágica. Se é preciso ser trágica para ter fãs gays, então foda-se. Acho que vou atrair só héteros."[1]

Na época em que Madonna se formou na Rochester Adams High School, com dezessete anos, em 1976 — com meio semestre de antecedência devido aos seus resultados excepcionais —, Christopher Flynn se tornou professor de dança

na Universidade de Michigan. Querendo levar sua jovem protegida com ele, combinou com a orientadora da escola de Madonna, Nancy Ryan Mitchell, que a levaria para fazer um teste, a fim de obter uma bolsa de estudos lá. Ela fez a prova, passou e assim, ainda em 1976, matriculou-se na Universidade de Michigan, em Ann Arbor.

"Nosso pai estava orgulhoso pra cacete", conta Martin Ciccone. "Mas não tenho certeza se Madonna sabia disso. A relação deles andava pesada. Se estivesse com problemas, é claro que ele ajudaria. Mas nunca admitiria que estivesse com algum problema, e muito menos iria recorrer a nosso pai. Eles discutiam muito, havia muita raiva por parte dela. Era sua filha; e para ele, um ítalo-americano das antigas, família significava um bocado. Mas havia sempre essa grande cisão entre os dois, ele nunca a compreendeu. 'Quebrar as regras?', perguntava. 'Por quê? Qual o problema com as regras?' Quando chegou a época de sair de casa para entrar na faculdade, acho que os dois estavam prontos para dar um tempo um do outro.

"Nosso pai sempre frisou muito a importância da educação. Ele criou os filhos para que soubessem apreciar uma boa educação. Quando Madonna obteve a bolsa para a faculdade, a gente achou que aquela era mesmo a sina dela."

Foi então, ao se matricular na Universidade de Michigan, que Madonna Louise Ciccone, filha do meio de uma rígida família católica, começou sua metamorfose em "Madonna", uma artista de espírito livre.

"Acho que minha primeira impressão dela foi uma combinação de fascínio e intimidação", diz Whitley Setrakian, jovem aspirante a coreógrafo, que se tornou o primeiro colega de quarto de Madonna, em Stockwell Hall, na Universidade de Michigan, e depois mais tarde em University Towers. "Ela era linda, articulada, magérrima. Havia cortado seu cabelo de uma forma gozada, com pontas saindo dos lados. Usava uma quantidade imensa de delineador preto muito forte e umas roupas interessantes, camiseta folgada e calça apertada. Era incrivelmente brilhante, com um tipo de mente rápida e incisiva, muito espontânea, obstinada e destemida. Quando entrava em algum lugar, era o centro das atenções, nunca vi nada igual. Além disso", completa ele rindo, "suas extensões frontais [uma técnica de dança] eram excelentes, e isso na época contava muito. Era uma boa dançarina com muita técnica. Metia as caras, embora estivesse um pouco verde ainda, mas, afinal de contas, todos nós estávamos. E se alguma dançarina chamasse mais a atenção do que ela, ficava furiosa, virava para mim e dizia: 'O que ela tem que eu não tenho?'. Achava uma injustiça que alguém pudesse ter mais reconhecimento que ela, ficava fula da vida se outras pessoas fossem tão boas quanto, ou melhores, como se estivesse disputando uma corrida maluca."

Setrakian prossegue: "Ela ia muito bem com Christopher Flynn, ao contrário

de um monte de outros alunos. Ele era encantador, e no entanto metia medo nas aulas de balé, pois se achasse que você estava sendo preguiçoso, dava-lhe um beliscão tão forte que deixava uma marca roxa. Isso me deixava um pouco tenso, mas para Madonna não era nada, ela até gostava, sério. Ele era chamativo e sarcástico como ela".

Setrakian — que trabalhava com Madonna em uma barraquinha de sorvete, para ganhar um dinheiro extra — ficava espantado pela forma como aquela garota de dezessete anos se entregava de corpo e alma em tudo que fazia, fosse saindo para se divertir, fosse ensaiando: "Ela me arrancava da cama, eu não conseguia acompanhá-la", conta o antigo colega de quarto. "Já estava de pé pela manhã, chegava na aula antes de todo mundo, quando a víamos estava se aquecendo. A gente saía para dançar nos sábados à noite, dançávamos a noite toda até a madrugada, e no dia seguinte, se houvesse ensaio, ela acordava muito cedo mesmo. Não dava a menor moleza para si mesma, vivia e trabalhava com intensidade.

"Acho que estava fazendo meio que uma campanha calculada para ser minha amiga", lembra-se Setrakian. "No começo eu resisti, mas no final acabei cedendo. Estava determinada a derrubar qualquer limite ou barreira que eu pusesse. Acho que estava sendo sincera comigo quando se mostrava vulnerável em alguns aspectos, mas bem lá no fundo eu pensava, 'talvez não'. Eu sentia que talvez tivesse uma certa dose de exploração naquilo tudo, que ela estava usando nossa amizade para suprir suas necessidades emocionais. Acho que era uma coisa meio mercenária, mas isso era vago e pouco claro para mim na época. Eu sei que ela esperava que uma pessoa estivesse sempre a postos, de maneira incondicional. Mas se fosse você que estivesse com algum problema e precisasse dela, bem, ela não estava sempre presente.

"Tivemos muitas conversas longas sobre sua mãe", Setrakian conta, "e sobre como sentia sua falta. Ela invejava minha relação com minha mãe, que me ligava um monte de vezes: enquanto eu conversava no telefone, percebia Madonna rodeando e ficando por perto para ouvir. Também conversávamos sobre seu pai, mas não muito. Toda vez que eu tocava no assunto, sentia que ficava com raiva.

"Depois de alguns meses, ficamos íntimos. Ela era muito afetiva e carinhosa. Depois de algum tempo, eu me acostumei, e isso se tornou parte da forma como a gente se relacionava entre si."

EM dezembro, no Natal, Whitley saiu em viagem de férias para as Bahamas com seu namorado. Madonna passou o feriado sozinha no apartamento, sofrendo à espera de Whitley.

Quando ele voltou de viagem, encontrou na cama da amiga uma carta de seis

páginas manuscritas, em que Madonna confessava "a falta infernal" que ele fazia. "Percebi o quanto dependo de você, para me ouvir, para dar e receber conselhos e tudo mais, o mais maravilhoso e próximo amigo no mundo inteiro", escreveu. Ela mencionava que fora a um bar com uma amiga e que, por causa do jeito que estavam dançando, foram "verbalmente acusadas" de serem lésbicas. De fato, escreveu Madonna, desejaria estar dançando com Whitley, não com Linda. Também dizia que o aluguel estava atrasado, que não tinha dinheiro e que não sabia o que fazer sobre o problema. Estava tão dura, escreveu, que andava vasculhando latas de lixo em busca de comida. Tudo que restava a fazer era continuar a sonhar com uma carreira no showbiz e esperar pelo melhor, concluiu.

Os que a conheciam melhor nessa época concordam que Madonna já tinha o firme propósito de ser famosa fazendo alguma coisa, e que com esse intuito estava firmemente compenetrada em seu currículo na dança. Seus instintos inatos sobre o que era melhor para ela, e para encontrar pessoas que não só acreditavam nela como também eram capazes de ajudá-la a dar o melhor de si, levaram-na a ter aulas de "técnicas" de dança com o professor Gay Delang. Ele a recorda como uma pessoa incomum desde o início. "Possuía muitas qualidades invejadas pelos alunos mais novos: era esguia, com definição muscular, tinha um grande apetite, era atrevida, marota. Mascava chicletes e comia caramelos. Mas era disciplinada e trabalhava duro, uma ótima pessoa para se estar ao lado, tão jovem, uma criança."

"Todas aquelas garotas iam às aulas com colantes pretos e calças cor-de-rosa, com os cabelos presos no alto da cabeça decorados com florzinhas", lembra-se Madonna de seus dias de estudante. "Então eu cortava os meus cabelos bem curtos, enchia-os de gel para que ficassem bem espetados e rasgava minha calça para que ficasse bem desfiada. Tudo para me diferenciar delas e poder dizer: 'Eu não sou como você, OK? Estou tendo aulas de dança e tudo mais, mas não faço parte da turma'."

Na faculdade, Madonna às vezes trabalhava fora do campus (como na barraca de sorvete), mas para ela a sobrevivência devia ser obtida de todas as formas possíveis.

Setrakian conta: "Ela me ensinou a praticar furtos em lojas. Um de nós distraía a atendente enquanto o outro posicionava a bolsa de dança sob o balcão. Daí a gente meio que se inclinava casualmente sobre o balcão e no momento em que ela estivesse mais distraída era só fazer um movimento que empurrasse o que estava em cima para dentro da bolsa. Conseguimos um monte de cosméticos desse jeito e muita comida também. Tudo que a gente precisasse. Ela dizia: 'Ninguém precisa dessas coisas mais do que nós. Quando formos famosos, vamos dar muito dinheiro para a caridade como compensação por esses

negócios. Não se preocupe, porque no cômputo geral Deus vai deixar elas por elas, pode crer'".

Durante seu ano e meio na Universidade de Michigan, Madonna obteve boas notas; ela estava satisfeita com seu desempenho. Mas a ideia de se formar logo tornou-se menos importante para ela do que a vontade de finalmente lançar-se na carreira de dançarina. Estivera estudando dança intensamente por cinco anos e a reação ao seu trabalho fora sempre positiva por parte de todos. Fora o mais longe que a universidade podia levá-la e agora ansiava por ir ainda mais longe. O encorajamento entusiasmado de Christopher Flynn, somado à admiração de colegas e companheiros de quarto, serviram para confirmar a sua voz interior, que lhe dizia sem sombra de dúvida que possuía alguma coisa especial e única para oferecer. Finalmente, quando sentiu que era hora de sair dali, não viu mais razão para perder tempo terminando sua instrução formal. Whitley Setrakian lembra-se de que Madonna "via perspectivas muito melhores para si mesma se mudasse rapidamente, sem olhar para trás. Ela queria ser dançarina. Queria ir para Nova York e entrar em uma boa companhia de dança. O momento era aquele. Nunca havia dito que desejava ser um ícone cultural ou algo do tipo, só queria dançar".

Desde a infância Madonna desejara ser atriz ou, para ser mais claro, uma estrela de cinema. Segundo explicaria mais tarde, seu raciocínio era de que como dançarina acabaria conseguindo entrar no mundo cinematográfico. É claro que essas decisões eram tomadas apenas com base em sua intuição. Certamente ela poderia ter emigrado para a Costa Oeste, para Hollywood — a assim chamada capital mundial do entertainment. Contudo, tinha a sensação de que oportunidades imediatas a aguardavam em Nova York, cidade conhecida por sua energia frenética, culturas diversas e atitudes agressivas.

Como era de esperar, seu pai Tony ficou bastante descontente quando Madonna lhe disse que estava desistindo de sua bolsa para partir para Nova York e tentar seguir a carreira de dançarina. "Ele ficou muito, muito aborrecido", conta o irmão de Madonna, Martin. "Nossa madrasta o apoiou, é claro. Os dois concordavam que estava cometendo um terrível engano, e fizeram tudo em que puderam pensar para tentar demovê-la dessa ideia. Houve algumas brigas pra valer, é claro, eu me lembro de umas cenas bem feias."

"Se você largar a faculdade, não será mais minha filha", Tony lhe disse certa vez à mesa numa refeição familiar, conforme ele se recorda.

"Tudo bem", Madonna respondeu com raiva. "Mas quando eu for famosa, vou voltar a ser sua filha? É assim que funciona?"

"A gente só se preocupa com uma coisa quando ela chega", asseverou Tony. "Se ela chegar."

"Ah, vai chegar, pode esperar", retrucou Madonna.

Mas ao contrário do que já se disse em outras ocasiões, Tony nunca desencorajou as aspirações artísticas da filha. Na verdade, só queria que terminasse o nível superior antes de mais nada, e daí sim, como ele mesmo diz hoje, "poderia fazer o que bem entendesse, mas com o ensino completo".

"Ele jamais lhe diria que ela não tinha talento", afirma Gina Magnetti, uma das primas de Madonna. "Não era o tipo de pai que faz essas coisas. Pais italianos em geral nunca agem dessa forma, principalmente se vieram da Velha Bota; eles apoiam as ambições de seus filhos.

"Silvio, tio Tony, queria o melhor para ela, grandes realizações. E para ele isso significava ter formação superior. Depois disso ela poderia fazer o que bem entendesse.

Mas Madonna não via as coisas dessa forma, então os dois brigavam, e ela passava a maior parte do tempo furiosa.

"Eu estava em sua casa certa noite quando, no meio do jantar, ela atirou um prato cheio de espaguete através da sala. 'Pare de tentar controlar minha vida', gritou para ele. O prato se espatifou contra a parede, com o macarrão e as almôndegas esparramados por todo o chão da sala. Todo mundo ficou estarrecido. Martin estava lá, lembro-me de seus olhos: arregalados como dois pires.

"Pensei que tio Tony fosse ter um infarto. Seu rosto ficou vermelho, a pressão subiu e ele parecia estar tendo um ataque. Madonna ficou apavorada e correu em sua direção.

"Ajoelhada na frente dele, começou a chorar e a pedir desculpas. 'Desculpe', disse várias vezes. 'Eu não quis fazer isso. Eu não quis fazer isso.' Pedindo desculpas para seu pai? O quê, essa era uma concessão e tanto de sua parte.

"E então ele começou a chorar, dando tapinhas em sua cabeça e dizendo 'Não, me desculpe. Eu é que peço desculpas'.

"Sempre havia cenas dramáticas entre os dois, sempre instigadas por ela. Era como se sentisse que ela e seu pai tinham de aprontar essas grandes cenas a fim de justificar o amor que sentiam um pelo outro."

---

[1] Christopher Flynn morreu de aids aos sessenta anos de idade, em 27 de outubro de 1990, em Los Angeles. Madonna declarou: "Eu o amava de fato. Era meu mentor, meu pai, meu amante imaginário, meu irmão, tudo, pois ele me compreendia".

Enfim Nova York!

SEJA OU NÃO VERDADE— e com a sempre imaginativa Madonna a gente nunca pode ter certeza —, a história, ou lenda, de sua chegada em Nova York naquela manhã de julho de 1978 é muito boa. Investindo em sua imagem de Cinderela moderna, tão fácil de vender, ela muitas vezes conta que se lembra de deixar o Aeroporto Metropolitano de Detroit — seu primeiro voo — e chegar na cidade com nada mais do que 35 dólares no bolso, um casaco de inverno nas costas, uma mochila grossa cheia de malhas de balé sobre o ombro... e uma determinação de fazer algo importante em sua vida, de ser bem-sucedida. "Há dez anos", anunciou ela para uma multidão que a aplaudia na première de seu filme, Whos that girl? (Quem é essa garota?), "fiz minha primeira viagem a Nova York. Minha primeira viagem de avião, minha primeira viagem de táxi. Eu não sabia para onde estava indo, não conhecia ninguém, então disse ao motorista que me levasse bem no meio de onde tudo acontecia, e ele me deixou em Times Square. Eu estava completamente apavorada."

Próximo a essa época em que Madonna chegou em Nova York, a peça Evita estava causando seu primeiro impacto na Broadway. A heroína do espetáculo é uma mulher ambiciosa que, com uma autoconfiança inabalável, deixa sua cidade natal para empreender sua primeira viagem à cidade grande, no caso, Buenos Aires. Ela não conhece ninguém por lá, é deixada no meio de onde as coisas acontecem, então, chega ao topo...

Podemos imaginar a jovem Madonna, com seu 1,64 metro de altura, aos dezenove anos de idade (ela faria vinte dentro de um mês), embrulhada em seu casaco de inverno fora de moda, passando diante dos teatros pornôs e peep shows de Times Square, parando para admirar as placas e cartazes dispostas em frente ao teatro onde Evita era apresentada, com Patti Lupone no papel principal. Será que chegou a imaginar o quanto sua própria vida iria se assemelhar à daquela mulher que era um ícone da Argentina? Certamente nunca teria imaginado que um dia representaria o papel central da versão para o cinema daquela mesma peça, cerca de quinze anos no futuro. Ou teria?

Nova York, uma das cidades mais duras e impiedosas do mundo, não intimidou Madonna de modo algum. Sempre com um olhar voltado para o

futuro, ela conseguiria sobreviver às custas de sua própria capacidade. Reza a lenda que vagabundeou pela cidade estranha e frenética nesse primeiro dia, até finalmente dar com uma feira de rua na Lexington Avenue, onde percebeu que um homem a seguia. Em vez de fugir, como qualquer outra jovem em uma nova cidade faria, Madonna o cumprimentou. "Por que está usando esse casaco?", perguntou-lhe o homem, dando-lhe uma deixa para começar a desfiar sua "história".

"Oi, acabei de chegar na cidade e não tenho onde ficar", ela disse. Era uma história que já havia ensaiado antes com outros estranhos desinteressados. Mas dessa vez sua veemência pareceu ter comovido aquele passante em particular, pois acabou se mudando para seu apartamento, e, segundo ela, dormindo na cama dele. Enfim, um lar.

Mas Madonna logo aprenderia que uma jovem não pode confiar tanto nas pessoas, sobretudo em homens que encontra nas ruas nova-iorquinas. Anos mais tarde, quando era uma celebridade notória por contar casos controversos a respeito de si mesma, Madonna revelou que foi estuprada em Nova York nessa época. "Eu fui estuprada e essa é uma experiência que nunca seria capaz de glamourizar", disse. O assunto veio à baila quando estava falando sobre as imagens de seu polêmico livro de nus artísticos, Sex.

"Sei que muitas mulheres têm fantasias sobre ser subjugadas por dois homens ou por um bando de homens." Uma das fotografias em seu livro retrata Madonna vestida com uniforme escolar sendo atacada por dois rapazes. Mas ela insistiu que a foto era pura fantasia. "É óbvio que é completamente consensual. Todo mundo quer fazer isso."

Madonna nunca deu qualquer detalhe sobre sua própria experiência, e disse apenas que "aconteceu muito tempo atrás e com o passar dos anos enterrei o assunto. De certa forma, é uma experiência esclarecedora. Eu estava vivendo em Nova York havia apenas um ano e era muito nova e cheia de confiança nas pessoas".

"Lembro-me de ouvir algo a respeito", recorda-se sua velha amiga Erica Bell. "Mas não era algo que eu percebesse como sendo sua vontade falar a respeito abertamente.

Acho que foi um estupro em um encontro, quer dizer, com um cara que conhecia. Alguém que traiu sua fé, sua confiança. Deve ter sido devastador."

Outra amiga — que mantém contato com Madonna até hoje e em quem ela confia — conta o seguinte: "Ela nunca quis falar a respeito desse estupro no encontro. Mas quando veio à tona, dava para ver que fora profundamente afetada por seja lá o que for que tivesse acontecido. Chorou ao contar aquilo, como se estivesse traumatizada.

Ela disse: 'Eu queria ligar para meu pai e contar-lhe o que ocorrera, talvez ir passar uns tempos em casa. Mas ele teria me matado'. Percebi que tinha necessidade de seu pai naquele momento, mas estava com medo de recorrer a ele. Sei que poderia ter precisado de sua mãe, também. Foram anos solitários".

Seu antigo empresário Freddy DeMann acrescenta: "Lembro-me de uma época, bem depois de sua primeira experiência com a fama, quando uma garota no público estava sendo empurrada por alguns rapazes na primeira fila, tentando chegar mais perto dela [de Madonna]. De repente, a garota foi engolida pela multidão, parecia que ia ser pisoteada. Então dois caras sumiram atrás dela e ninguém apareceu de novo. Madonna ficou observando a cena toda. Ela interrompeu o show, parou de cantar, chamou a segurança e disse-lhe para ajudar a garota. 'Sei como é se sentir impotente', disse no palco. 'E não é nada legal.' Nunca me esqueci daquela noite. Percebi que sentia uma grande empatia por aquela garota, e um pouco de medo também.

"Não quero fazer disso um problema", disse Madonna sobre o incidente do estupro. "Aconteceu o que um monte de gente consideraria uma experiência horrível em minha vida. Mas não quero que ninguém sinta pena, porque eu não sinto." Madonna disse que a experiência deixou-a "muito mais esperta e descolada sobre as ruas. Na época foi devastador, mas aquilo fez de mim uma sobrevivente".

Pearl

DEPOIS DE ALGUMAS SEMANAS, Madonna se mudou da casa de seu benfeitor -por motivos tão desconhecidos hoje como era seu destino então —, e estava novamente entregue à própria sorte. Ela foi para um apartamento no quarto andar de um prédio decrépito sem elevador no número 232 da rua 4, East, entre as avenidas A e B, com acomodações que mal abrigavam um ser humano. "Acabo de chegar do Congo", contou a um vizinho, muito séria. "Andei estudando o comportamento coletivo de macacos no último ano, e agora estou me acostumando com a civilização novamente. Você tem algum dinheiro para me emprestar?" Ela ganhou a vida aceitando qualquer trabalho extra disponível, como numa cadeia de fast-food, ou simplesmente tomando o caminho mais fácil: pedir ajuda aos amigos. Posteriormente diria à imprensa que vasculhava latas de lixo em busca de comida, embora algumas pessoas mais próximas a ela nessa época levantem dúvidas sobre essa lembrança.[2] Mas comida não era um problema, de qualquer forma.

Ela preferia comer em horários irregulares, uma banana no café da manhã, uma maçã no almoço, quem sabe um iogurte para o lanche. Qualquer privação que sofresse nessa época era, na sua opinião, apenas uma distração aborrecida. Afinal de contas, como explicaria, estava em Nova York para dançar — não para comer. Ela tampouco perdia tempo fazendo planos irreais para o futuro ou tendo sonhos otimistas. Tinha um objetivo e o perseguia.

EM novembro de 1978, Madonna conseguiu um teste na altamente respeitada Pearl Lang Dance Company. Nesse dia, levou consigo sua "persona de Madonna", que começava a vir à superfície. Imediatamente Pearl Lang - antiga solista de dança com Martha Graham — percebeu que ela era única. "Ela veio vestindo aquela camiseta toda rasgada de fora a fora", lembra-se Lang. "E havia aquele enorme alfinete de quase trinta centímetros para segurar os pedaços. Eu pensei, se não furar os olhos do parceiro, vai conseguir algo com sua dança, um dia."

Madonna foi uma das inúmeras pessoas escolhidas pelos membros da companhia que observavam os candidatos. Seu estilo livre de dança era marcante, em virtude de seu abandono selvagem. Após o teste, Lang lembra-se

de ter caminhado na direção de Madonna até ficar apenas a alguns centímetros de seu rosto juvenil. Era como se a instrutora quisesse dar uma verificada mais de perto. Então, estudando-a cuidadosamente, acariciou o rosto de Madonna: "Minha querida, você tem algo especial", sussurrou-lhe, tomando sua mão.

"Eu sei", respondeu Madonna.

Quando Madonna fez menção de se afastar, Pearl soltou-a a contragosto, como se quisesse estudar a jovem diante de si por mais um momento.

"Era uma dançarina excepcional", recorda-se Pearl Lang. "Muitas dançarinas podem chutar e exibir um controle acrobático do corpo, mas isso é carne de vaca, é obrigação.

Madonna tinha o potencial e a intensidade necessários para ir além da mera performance física, atingir algo muito mais emocionante. Essa intensidade é a primeira coisa que procuro num dançarino, e Madonna a tinha."

Certamente Madonna conquistara a admiração da coreógrafa do mesmo modo como o fizera antes com outros — como Christopher Flynn — que desejavam ajudá-la a moldar seu talento, guiá-la em direção ao seu objetivo e tornar-se seus mentores. Quando suas habilidades se ampliaram, tornou-se assistente de Lang. "Eu comecei a me apoiar bastante nela", conta Lang. "Era organizada, profissional e muito séria, no início. Mas então, depois de algumas semanas, notei que estava se sentindo sufocada pelo aprendizado. Ficava aborrecida quando eu a pressionava para que desse mais de si."

Certo dia, após Madonna completar uma complexa série de passos ao som de jazz tocado por um pianista cheio de energia, Lang parou a sua frente, mostrando descontentamento.

Batendo as mãos uma vez, ordenou: "De novo!", afetando um sotaque pseudoaristocrático.

Madonna dançou até o fim da sequência.

"De novo!"

Mais dança.

"De novo! E não fique aí parada, Madonna", disse a professora, com impaciência. "Agora", acrescentou, batendo palmas ruidosamente, "de novo!".

Mais dança.

"De novo!"

Mais dança.

"De novo! E mexa-se, Madonna", disse ela, com tom sarcástico. "Já estou com quase sessenta anos, sabia?"

De repente, Madonna correu na direção de Pearl Lang. "Eu não posso fazer isso de novo!", disse, quase aos prantos. "Pare de me pressionar. Por que está sendo tão cruel?" Pegando sua bolsa, remexeu lá dentro até achar um

comprimido — talvez uma aspirina, ou então alguma coisa mais forte —, e o engoliu com um gole de água de uma garrafa plástica. Depois, atirou a garrafa no chão, soltou um palavrão e voltou-se para a instrutora.

"Foi então que tivemos nossa, como vou dizer, pequena cena", Pearl Lang rememora. "Quando a acusei de não querer nada com o trabalho, passou a gritar comigo. Eu sabia que ela teria dificuldades de ser uma dançarina em qualquer trupe, pois era muito individualista. Na verdade, não tinha nada a ver com gostar ou não de trabalhar pesado; ela dava duro. Mas não de uma forma que me desse esperanças de que pudesse fazer parte de um grupo.

"Quando continuou a me questionar, aí foi a gota d'água. Em certo momento, depois que lhe dei um conselho, fez uma reverência e, no tom mais odioso que já ouvi vindo de um aluno, disse: 'Então muito obrigada, Dona Peste'. Acho que foi aí que eu pedi, ou melhor, mandei, que saísse."

Pouco depois de sua experiência com Pearl Lang, Madonna foi aceita para uma breve oficina na mundialmente famosa Alvin Ailey Dance Company. Porém, mesmo com esse lance de sorte, estava claro que por mais que fosse determinada, obstinada e deslumbrante, isso era pouco para garantir-lhe um lugar no mundo altamente competitivo da dança em Nova York. Embora totalmente dedicada ao ofício da dança, de corpo e alma, Madonna se viu uma vez mais contando troco atrás do balcão de uma lojinha de donuts, a fim de ganhar a vida. E também trabalhou na chapelaria do prestigioso restaurante Russian Tea Room, em Manhattan.

Gregory Camillucci, ex-gerente do restaurante, lembra-se: "Era uma garota frágil, muito magra. Eu frequentemente pensava que a refeição que ela fazia no restaurante era talvez a única coisa que comia no dia. Mas era pra cima, jamais foi rude e nunca chegava atrasada. No começo de sua curta passagem por lá, observei-a estudando os clientes. 'Fico olhando gente rica comendo e bebendo', explicou, 'porque quando puder pagar por isso, quero saber me comportar.' Mas não demorou muito para que se entediasse com os hábitos alimentares dos ricos. 'Não foi isso que vim fazer aqui em Nova York', ouvi-a resmungar".

Depois de muitos meses na cidade, vivendo num dos pontos mais desoladores do East Village, naquele apartamento caindo aos pedaços da rua 4 com a avenida B, ela recebeu a visita de seu pai.

"Eu não queria que viesse", Madonna confessou anos depois. "O apartamento estava infestado de baratas. Havia bêbados no corredor. O prédio todo fedia a cerveja choca."

"O que vai acontecer se este sonho louco seu não se concretizar?", Tony perguntou-lhe, conforme ela se lembraria anos depois. Pai e filha estavam sentados em um restaurante italiano na rua 81. Madonna comia espaguete ao

vôngole, com tal avidez que parecia que não fazia uma refeição decente havia meses. "Por favor, volte para casa", disse Tony. "Sinto tanto sua falta, Nonnie."

"Adoro você, pai", disse Madonna, "mas não posso voltar para casa."

"Olhe como você está vivendo", respondeu ele, tentando argumentar. "Num pardieiro. Você está vivendo como uma mendiga."

"Não", ela o corrigiu. "Como uma dançarina, pai. Estou vivendo como uma dançarina. Agora, deixe-me em paz."

Sua prima Gina Magnetti recorda: "Ainda hoje, quando Tony fala sobre aquele encontro, fica com lágrimas nos olhos. Eu sabia que estava com o coração partido. Ele antecipou sua volta, lembro disso. Disse: 'Ela é tão inteligente, por que está fazendo isso? Não entendo'. Implorou para que voltasse a Michigan com ele, dizendo-lhe que nunca mais brigaria com ela, que a deixaria fazer as coisas a sua maneira se voltasse com ele. 'Se quer me deixar fazer as coisas a minha maneira, é só me deixar continuar aqui', retrucou. Tony tentou dar-lhe algum dinheiro antes de partir, mas ela não aceitou. O fato de rejeitar sua ajuda parecia uma forma de puni-lo de algum modo.

'"Ela nunca me escuta', disse ele quando voltou para Michigan. 'Quer viver como uma pobretona, morrer de fome para ser uma dançarina. Uma dançarina!' Sempre ficara pasmo de que Madonna quisesse ser dançarina, pois não via futuro algum naquilo."

O fato desagradável é que empregos para dançarinos eram muito escassos, mesmo — ou talvez principalmente — em Manhattan. A competição era dura contra dançarinos ágeis e talentosos, com vontade e tenacidade tão grandes quanto Madonna.

"Eu fui até o Lincoln Center, sentei perto de uma fonte e comecei a chorar", recordou certa vez. "Escrevi em meu diário, rezando para ter ao menos um amigo. Eu costumava ser alguém em quem todo mundo reparava e de repente era uma ninguém. Mas nem uma única vez passou pela minha cabeça voltar, nunca."

"Ah, sem essa, ela nunca sentou numa fonte para chorar", diz seu irmão Martin. "Nunca escreveu em nenhum diário sobre sua solidão e dor, e tinha pilhas de amigos.

Ela aguentou esses dias, por mais difíceis que fossem — quero dizer, sofria bastante, não quero dizer que não. Mas depois transformou tudo isso em apenas mais uma parte da lenda que é minha irmã. É o que faz de melhor: criar lendas.

"Lembro que quando meu pai a visitou, disse: 'Ou ela vai ser a maior dançarina de todos os tempos, ou a maior idiota'. Não virou nem uma coisa nem outra, é claro."

[2] Sobre o mito da lata de lixo, seu antigo amigo Steve Bray afirma: "Li um monte de vezes sobre essa história, só que nunca a vi mexendo em latas de lixo. Mas acho que é possível".

Agito no exterior

No INÍCIO DE 1979, MADONNA, que faria 21 anos, percebeu que levaria mais cinco anos até que fosse aceita numa companhia de dança itinerante de destaque. Ela sabia que a solução para seu dilema era óbvia: teria de diversificar, expandir os horizontes, talvez até mesmo mudar sua visão se queria sobreviver em Nova York.

Bem a sua maneira, Madonna não quis perder muito tempo planejando seu próximo passo. Ela precisava de um meio de pôr na vitrine seu extraordinário carisma, precisava de um lugar para se fazer ouvir, de um espaço. A fim de ganhar dinheiro extra, começou a posar nua para alunos de arte. Ouvira dizer que aquela era uma forma fácil de conseguir dinheiro e, como lembrou mais tarde: "Eu estava dura e desesperada, teria feito quase qualquer coisa. E pensei que talvez aquilo me abrisse alguma porta, talvez pudesse ser modelo, quem sabe?".

Anthony Panzera, um dos artistas para quem posou, recorda que ficou descontente com a aparência de Madonna quando ela chegou em seu estúdio da rua 29, West, em Nova York, após ter visto seu anúncio.

"Eu queria alguém com um aspecto menos de menino", disse, pronto para mandá-la embora.

Provavelmente percebendo a rejeição iminente, Madonna desabotoou a blusa e mostrou os seios. "Meninos têm isso?", perguntou. Então, sem hesitar, tirou as calças e, nua, perguntou sorridente: "Agora me diga onde posar".

"Como você se chama?", ele perguntou.

"Madonna."

"Você não usa um sobrenome?"

"Eu tenho cara de alguém que precisa de um sobrenome?", retrucou enquanto se posicionava diante dele, sem roupas. Ela segurou os seios e os empurrou para cima, depois virou-os em sua direção.

"A resposta não fazia sentido", lembra-se o artista, "mas de algum modo fazia todo sentido do mundo.

"O pagamento era em média sete dólares por dia naquela época, e isso era um bocado para ela. Definitivamente, precisava daquele dinheiro.

"A coisa de que mais me lembro sobre ela é que não parecia haver lugar

algum em que vivesse que pudesse chamar de seu. Se você queria encontrá-la, precisava ligar para uma porção de telefones que havia deixado. 'De manhã', explicava, 'você me encontra aqui', e passava um pedacinho de papel com um número rabiscado. 'Depois, à noite, tente este aqui', e punha outro pedaço de papel amassado na sua mão. 'Mas de vez em quando estou aqui; outras, aqui', e mais dois números na sua mão. Era absolutamente impossível encontrá-la, era um ser errante. Mas quando você conseguia achá-la, era uma boa modelo, cooperava em tudo, sempre trabalhava com energia e entusiasmo procurando a melhor pose."

Para continuar a obter um dinheiro extra, Madonna então decidiu posar nua para fotógrafos que anunciavam em revistas e jornais que lia para procurar emprego. Martin Schreiber, que nessa época lecionava na New School, no Greenwich Village, pagou-lhe trinta dólares para posar nua por noventa minutos em 12 de fevereiro de 1979.

Ao receber o pagamento, ela assinou o recibo com o nome de "Madonna Louise". "O que me lembro dessa sessão é que não havia envolvimento de sua parte", afirma Schreiber.

"Enquanto outras modelos entravam ansiosas para tirar a roupa e posar, eu sentia que ela só estava mesmo fazendo aquilo pelo dinheiro, que não dava muita trela para o negócio e não ia ficar nisso por muito tempo. Eu pensava comigo mesmo que, depois que saísse dali, nunca mais ia se lembrar daqueles retratos."

Enquanto isso, a combinação de estilo, ousadia e carisma de Madonna continuava a atrair pessoas de influência para junto dela, como um ímã. Em uma festa, rodopiando no meio da pista de dança, ela foi fotografada pelo grafiteiro Norris Burroughs. "Era fim de 1979", lembra-se Burroughs. "Ela usava calças de leopardo, havia muita gente em volta, mas o centro da pista seria seu mesmo que a casa estivesse lotada de dançarinos. Era como um ritual, como se estivesse dançando em um círculo de fogo. Estávamos todos lá, eu, meus amigos e um monte de gente, cantando e dançando ao som de 'YMCA', do Village People, e Madonna estava no meio disso tudo, como o centro das atenções. Era uma criatura impressionante com sua aparência excitante, o cabelo selvagem e cargas de energia sexual prontas para explodir e deixar sua marca. Fiquei totalmente perplexo, então tive de me aproximar."

"Se eu pudesse reordenar o alfabeto", Burroughs disse-lhe, "eu poria I e U um do lado do outro."[3]

"Cai fora!", disse Madonna, medindo-o de alto a baixo. "Você parece um cara da Quinta Avenida que tentou me vender um pente hoje de manhã."

Então, depois de soltar sua respostinha afiada, começou a ir embora. Um segundo depois, contudo, virou-se e perguntou: "Essa oferta inclui um jantar?".

"É claro."

"Tudo bem. Mas só se for comida italiana, ou nada feito." Mesmo depois de ensaiar esse encontro, os dois só foram se ver algumas semanas mais tarde, quando Burroughs finalmente telefonou para Madonna. "Traga o seu lindo corpo de Marlon Brando até aqui", Madonna lhe disse.

"Como eu poderia resistir?", Burroughs hoje pergunta. "Foi assim que nosso namoro começou."

Embora o alto e magro Burroughs, com seu cabelo "loiro sujo", não fosse o tipo de Madonna — preferia homens morenos e mais musculosos —, ela parecia feliz com a relação. Ele se lembra dela como uma criatura sexual. "Era um tipo de sexualidade animal", afirma. "Ela não era faceira ou tímida, disso você pode ter certeza. Era tudo muito cru, mas divertido. A gente dançava muita disco music ao som de 'I Will Survive', de Gloria Gaynor, sua canção preferida na época. Ela era incrivelmente voltada para si mesma. Tudo se referia a ela: eu quero, eu preciso, eu acho, eu desejo... mas mesmo assim a pessoa se via arrastada junto. Era fascinante ficar por perto, observá-la."

"Durante um almoço no restaurante, Madonna pediu um sundae de sobremesa, com bananas e licor de chocolate. Então despejou um melado em cima de tudo aquilo. Fiquei com enjoo só de vê-la lamber a tigela até o final. Toda sua química era sempre superacelerada; ela nunca poderia engordar com aquele metabolismo.

"Agia como se não se importasse com sua aparência, mas acho agora que tudo não passava de pose, que aquela encenação visava fazer com que as pessoas pensassem que não se importava, assim poderia ser tão extravagante quanto quisesse. Lembro-me de dar-lhe um par de jeans muito grandes para seu corpo, mas ela mal podia esperar para usá-los. Suas blusas e camisetas tinham vários furos, onde enfiava os polegares, fazendo caras e bocas. Ela sempre parecia cool. Sempre foi cool."

Burroughs afirma que todo o tempo em que saiu com Madonna sempre houve uma sensação de que a relação deles era algo temporário. "Eu sabia que aquilo não ia durar", disse. "Ela nunca me disse isso diretamente, mas percebi que acreditava que ia chegar longe... e eu não. Sabia que não estaria por perto por muito mais tempo."

Depois de fazerem amor certa vez, Burroughs virou-se para Madonna e disse: "Daqui a um ano, vamos olhar para trás e gostar dessa época ainda mais, não é?".

"Hummm", disse Madonna, no tom menos comprometido que era capaz de achar. "Engraçado", concluiu, com um sorriso evasivo.

Burroughs permaneceu silenciosamente com os braços em torno dela,

sabendo, como admitiria mais tarde, que não haveria muito mais daqueles momentos de ternura no futuro.

Até então, a carreira de Madonna fora impulsionada por uma série de circunstâncias aleatórias que a expuseram a pessoas algo influentes capazes de ajudá-la a atingir seus objetivos. Ela se aproveitava avidamente das oportunidades que se apresentavam, e então, sem aparentar muita gratidão ou sentimentalismo, seguia em frente, rumo ao alto, sem nunca olhar para trás. Fora assim que as coisas aconteceram até ali, e seria o padrão de sua vida nos anos vindouros. Embora sua relação com Norris Burroughs tenha durado apenas três meses, foi a porta de entrada para o próximo capítulo da história da vida de Madonna. Em uma festa na casa dele, em 1º de maio de 1979, Burroughs apresentou-a a dois amigos, Dan e Ed Gilroy, que tinham uma banda chamada Breakfast Club.

Madonna começou a dar em cima de Dan Gilroy na mesma hora. Quando a festa chegava ao fim, perguntou: "Você não vai me dar um beijo?". Enquanto ele hesitava diante da pergunta, ela o pegou pela gravata, puxou-o para perto de si e deu-lhe um beijo direto na boca. Depois o beijou suavemente mais duas vezes, na face. Então piscou os olhos e se afastou.

Anos mais tarde, Norris Burroughs diria: "Antes que soubesse, ela havia terminado comigo e estava com Dan. Logo Dan começou a ensinar-lhe a tocar alguns instrumentos.

Ela aprendeu a tocar guitarra e órgão, e depois fez algumas tentativas com a bateria... mas acabaria mesmo é cantando".

EM pouco tempo Madonna estava vivendo com Dan e seu irmão numa sinagoga interditada caindo aos pedaços em Corona, no Queens, que usavam tanto para ensaiar como para morar — pois agora ela era membro da Breakfast Club. Whitley Setrakian conta: "Lembro-me de caminhar um longo tempo pelo que parecia uma área bombardeada do Queens até que finalmente cheguei a uma sinagoga decrépita. Pensei comigo mesmo: 'Meu Deus, ela está vivendo aqui?'. Mas quando a encontrei, notei uma evolução ainda maior em sua personalidade, estava mais autoconfiante em suas decisões. Ouvi a banda que ela e Dan estavam formando, e parecia legal, meio barulhenta mas legal. O microfone ficava firme em suas mãos e ela girava um bocado. Sentei num dos bancos da sinagoga e ao observá-la senti que estava de fato em seu elemento. Tinha certeza de que já não pensava mais na dança, embora nunca houvesse me dito isso. Dava para perceber que adorava aquele lado do mundo artístico, cantar e se apresentar. Ela e Dan estavam namorando e pareciam felizes".

Dan estava fascinado com Madonna. "Você transa como um homem", ele disse depois de fazerem amor, segundo contaria mais tarde. "É tão agressiva e

desinibida."

"Isso assusta você?", ela perguntou.

"Não", ele responde, "me dá tesão."

"Sempre quis ser homem", ela confessou. "Gostaria de tirar minha blusa no meio da rua, como um operário de uma construção. Gosto da liberdade."

"Eu gosto de você", ele disse.

"Eu sei", respondeu Madonna, beijando-o.

"Tanto Dan como Eddie cantavam, às vezes era ela que cantava, e no final os dois fariam segunda voz", lembra-se Norris Burroughs. "Acho que só queria cantar, desistira totalmente da ideia de dançar assim que entrou na banda, quando começou a namorar Dan. Queria fazer menos coisas relacionadas à dança e mais com a banda. Ela sugou tudo o que podia, aprendendo o máximo que Dan tinha a lhe ensinar sobre rock, sobre tocar e cantar. Queria mais..."

"Mais" era algo que Madonna sempre queria "mais", e parecia agora que estava começando a se dar conta de que cantar talvez fosse a forma de conseguir isso. O produtor Steve Bray, que conhecera Madonna em Michigan e se encontrara com ela novamente em Manhattan perto dessa época, recorda: "Com a Breakfast Club ela descobriu seu veículo para se tornar uma musa, o melhor instrumento para sua gana de ser uma cantora de rock. Tocava guitarra e ficava na frente da banda. Sempre achei que poderia ter seguido a carreira de guitarrista. Dançava em cima de mesas e quebrava as coisas em volta, jogava champanhe no próprio corpo, era fabulosa, uma criança selvagem.

"Dan ensinou-lhe muita coisa. Ele a amava, formavam um grande casal, mas sabia que era por pouco tempo."

Toda semana Madonna folheava as páginas de publicações do meio, como Backstage, Show Business e Variety, procurando oportunidades de trabalho. Ela contou a um redator da Playboy (em setembro de 1985): "Vi um anúncio no jornal do astro da música francesa Patrick Hernandez. Ele tinha uma canção chamada 'Bom To Be Alive'. Sua gravadora [a Columbia Records] estava procurando gente para acompanhá-lo em uma turnê pelo mundo, e ele queria garotas para fazer backing vocais e dançar. Seriam apresentações em grande estilo. Achei demais: eu podia dançar, cantar e viajar pelo mundo— nunca havia saído dos Estados Unidos. Então fui para o teste e quando acabou disseram que não me queriam com Patrick Hernandez, queriam me levar a Paris para fazer de mim uma estrela da disco."

"Mas você odeia disco music", disse-lhe Dan Gilroy quando ela lhe contou as novidades.

"E daí?", disse Madonna, pegando suas mochilas. "Esta pode ser minha grande chance."

"Mas você é uma dançarina", argumentou ele.

"Desde quando?", falou. "Quando foi a última vez que eu dancei?"

Dan não queria que ela deixasse o Queens. Ele não apenas tinha medo de alguma encrenca que pudesse arrumar na Europa, como também não confiava nas pessoas que financiariam sua viagem... além de estar nervoso com o fato de que talvez ela não voltasse mais. Ele se importava muito com ela.

"Tá certo, então agora eu sou uma dançarina que canta", disse Madonna, indiferente, "se é isso que tenho que fazer nessa droga de negócio."

Ela explicou que detestava deixá-lo assim tão repentinamente e que fora um dos homens mais generosos que já conhecera. "Aprendi muito com você, Dan, mas agora está na hora de ir. Se isso faz de mim uma vagabunda, tudo bem, então eu sou uma vagabunda", concluiu. Magoado, Dan concordou na mesma hora com a autoavaliação: isso mesmo, é uma vagabunda, disse. Ele a amava, como admitiria mais tarde, e pensava que havia "algo mais" entre os dois. Não podia aceitar o fato de que o estava deixando, "principalmente depois de tudo que fizemos juntos".

EM maio de 1979, com vinte anos de idade, Madonna partia para Paris com os produtores Jean Vanloo e Jean-Claude Pallerin, que prometeram tratá-la bem, dar-lhe "comidas fabulosas" e arrumar-lhe um professor de canto. Para um repórter, ela relatou depois: "Eles cumpriram a palavra. Foi demais. Tinha um apartamento enorme. Nunca me dei tão bem, ia de carro com motorista para toda parte. Queriam desenvolver meu talento, encontrar um veículo para mim".

Para outro repórter, ela mudou um pouco a história: "Levaram-me para Paris e apresentaram-me a uns franceses horrorosos, levaram-me a restaurantes caros e me arrastavam pra cá e pra lá, exibindo para seus amigos o que haviam encontrado nos esgotos de Nova York. Quando eu me enfurecia, davam-me algum dinheiro para me manter alegrinha.

Eu me sentia péssima".

EM uma entrevista comigo, ela continuou sua história: "Umas duas semanas depois, comecei a me encher. Estavam concentrados em Patrick Hernandez e queriam que esperasse.

Eu? Esperar? Enquanto isso, tentavam me moldar numa Donna Summer. Eu ficava dizendo o tempo todo: 'Eu não sou Donna Summer'.

"Assim, dei vazão a minha rebeldia, gastei todo o dinheiro e comecei a perambular por aí com uns vagabundos", disse. "Ah, que saudades de Nova York! Odiei a França e tudo que fosse francês. Já que não iam fazer nada por mim, queria voltar para Nova York, onde sabia que podia fazer algo por mim mesma. Não havia assinado um contrato, então lhes disse que desejava voltar para casa porque tinha um amigo doente. Disseram que tudo bem, chamaram

uma limusine e me despacharam para o aeroporto. Quando você volta, perguntaram. Em duas semanas. E nunca mais voltei. Ouvi dizer [em 1985] que estão esperando por mim até hoje. Coitados." (Por anos os colecionadores de Madonna sentiram-se frustrados porque nenhuma gravação de qualquer tipo desse período de sua carreira jamais veio a público. Na verdade, não há quaisquer evidências a sugerir que alguma coisa tenha sido gravada.) É bastante revelador sobre a personalidade de Madonna que, mesmo sem ter nada para ela acontecendo em Nova York, desejasse ardentemente voltar para lá, onde ao menos sentia que controlava seu destino. Na França, caberia a uma dupla de produtores musicais que ela nem sequer conhecia direito tornar seus sonhos realidade. Já em Nova York dependia dela. Estava ansiosa para arriscar a sorte, apostando que sua própria criatividade e engenhosidade a conduziriam ao nível seguinte em sua carreira.

Antes que saísse de Paris para sua "breve estada" em Nova York, Madonna procurou Patrick Hernandez no estúdio onde ele estava reunindo os integrantes de sua banda, e disse: "Hoje você está por cima, meu bem, mas amanhã quem vai estar por cima sou eu".

"Onde está a droga do Patrick Hernandez hoje?", Madonna perguntou a um jornalista em 1999.

---

[3]. Burroughs passa uma cantada infame fazendo um trocadilho com o som das letras I ("eu") e U ("você") em inglês. (N.T.)

Certos sacrifícios

EM AGOSTO DE 1979, três semanas depois de voltar da Europa, Madonna e seu amigo Whitley Setrakian conversaram sobre sua emocionante aventura além-mar. "Ela estava vivendo num perfeito buraco em Nova York", lembra-se Whitley. "Mas aquele era seu lar, então nos sentamos sobre o acolchoado no chão e ela me contou sua incrível história sobre como fora a Paris num Concorde, odiara a cidade e depois voltara. Ela me contava isso como se fosse a coisa mais trivial do mundo, eu estava perplexo.

Para mim, aquilo tudo era demais. Mas para ela tanto fazia.

"Fiquei muito impressionado que de repente entrasse em outro mundo e estivesse apartada totalmente do mundo que antes nós dois dividíamos. No entanto, ela via isso tudo como uma evolução natural, e esperava mais viagens à Europa, outras oportunidades de fazer coisas maravilhosas. A viagem talvez tivesse sido infeliz em alguns aspectos, mas na minha opinião definitivamente serviu para lhe dar uma nova injeção de confiança. Parecia ainda mais segura de si quando voltou. Foi logo depois que fui embora de Nova York, após essa visita, que ela encontrou outro anúncio na Backstage para um papel num filme e ficou interessada."

Depois de ir a testes para o filme Footloose e a série de televisão Fama (não sendo escolhida em nenhum), Madonna, com 21 anos, mandou fotos suas e um currículo/carta manuscrito para o cineasta amador Stephen Jon Lewicki, como resposta ao seu anúncio na Backstage que dizia, em parte: "Precisa-se: mulher para filme de baixo orçamento.

Tipo dominadora".

Lewicki recorda: "Eu estava procurando uma mulher fogosa, sexy, dominadora, com uns vinte anos, que soubesse atuar. Recebi cerca de trezentas respostas, a maioria com fotos 20 X 25 em papel cuchê brilhante e currículos vangloriando-se de experiências em grupos de teatro, tudo incrivelmente maçante. Quando havia perdido todas as esperanças, abri o último envelope".

Nele, Lewicki encontrou o currículo de Madonna, duas fotos coloridas 8x12 e uma foto preto-e-branco 20x25, além de uma carta de três páginas manuscritas, que ele guarda até hoje como um tesouro. Madonna, que começa mencionando

que acabara de "regressar da Europa", escreveu em outra parte: "Nasci e fui criada em Detroit, Michigan, onde iniciei minha carreira de petulância e precocidade. Quando estava com quinze anos, comecei a ter aulas regulares de balé e a ouvir música barroca, e lenta e firmemente passei a desprezar meus colegas de classe, professores e a escola de forma geral. Havia uma única exceção: minhas aulas de teatro".

Ele se lembra: "De repente percebi que ali estava uma garota que tinha algumas possibilidades interessantes". Também percebeu que faziam aniversário no mesmo dia.

Mas havia algo mais do que uma particular coincidência — ou presságio, talvez — que fizeram com que se interessasse por ela. Lewicki explica: "Havia algo em suas fotos que me levou a desejar encontrá-la. Nelas, estava sexy, mas não de forma obscena. Recebi todo tipo de fotos e cartas de garotas que pareciam putas querendo ser atrizes e de atrizes querendo ser putas. Contudo, as fotos de Madonna eram diferentes. Em uma, ela estava passando o batom com o dedo mínimo, sentada no que parecia ser um ponto de ônibus. Era sedutor de algum modo, e mesmo assim tinha uma certa fragilidade, uma inocência que realmente me fascinou. Resolvi encontrá-la e marcamos um encontro em Washington Square Park".

Madonna apareceu com uma minissaia vermelha apertada, e com sua atitude convencida e segura de si a reboque. "Dava a impressão de que possuía um grande currículo e muita experiência pela forma como se portava", lembra-se Lewicki com um sorriso. "Era uma garota durona."

"Olhe, eu vou fazer seu filme", Madonna disse sem se alterar para Lewicki, "mas não vou dar pra ninguém."

"Quem foi que falou em sexo?", ele perguntou.

Ela sacou seu estojo e começou a aplicar um cosmético cor-de-rosa em seus lábios usando o dedo mindinho, do jeito que fizera na fotografia que havia fascinado o produtor. "Só quero que saiba", disse, com ar entediado, "que você e eu não vamos transar, sacou?"

"Eu não percebi isso na época, mas hoje acho que estava fazendo seu teste para mim bem ali, naquela hora", explica Stephen Jon Lewicki. "Eu soube que era perfeita para o papel, pois estava desempenhando o papel."

Lewicki contratou Madonna para seu filme de baixo orçamento, com duração de uma hora, cujo enredo envolvia os estranhos acontecimentos entre uma sofisticada dominadora do centro da cidade, Bruna (Madonna), e seu namorado rejeitado e suburbano, Dashiel (Jeremy Pattnosh). Quando Bruna é estuprada no banheiro de um restaurante, ela e seu namorado empregam seus "escravos sexuais" para realizar um sacrifício humano satânico no estuprador.

"Em nenhum momento lhe pedi para tirar a roupa", recorda Lewicki. "Isso ocorria naturalmente com a evolução da cena. Ela era muito à vontade com o próprio corpo, com ficar nua. Longe de ser pornográfico, era muito apaixonante e interessante", afirma. "Começamos o filme em outubro de 1979, e nos divertimos muito, ela estava sempre de alto astral, tinha muita energia, era capaz de improvisar.

É claro que fiquei com uma queda por ela. A gente se interrompia o tempo todo, um insultava o outro. É assim que você se relaciona com Madonna. Ela o xinga, você a xinga de volta... daí ela sabe que você a ama."

"Falava muito sobre sua vida, a morte de sua mãe e como isso a afetara", recorda. "Sabia que achava que tinha de tomar conta de si mesma, pois nunca deixaria ninguém mais fazer isso, por medo de depender dessa pessoa e depois perdê-la. Então, eu era capaz de entender sua natureza rude. Além disso, tinha um pai que na sua opinião a desaprovava. Havia uma certa cena no filme bem realista, e lembro de ouvi-la dizer: 'Meu Deus, meu pai vai ficar louco da vida quando vir isso'. Eu perguntei: 'Vai deixar seu pai ver isso?'. E ela: 'Claro que sim'. Eu tinha a sensação de que ela queria ser rebelde apenas pelo prazer da rebeldia, que queria mostrar-lhe que pensava com a própria cabeça. Era obsessiva com essa necessidade de provar que era independente de qualquer um: sua falecida mãe, seu pai desgostoso."

O primeiro filme de baixo orçamento de muitas atrizes dificilmente é memorável, e o de Madonna não é diferente, com seu final mostrando um sacrifício humano. O roteiro é confuso, o som, medíocre, e a atuação de todo mundo, incluindo Madonna, excessiva e amadorística, embora talvez não intencionalmente profética ("Você chegou a achar por um minuto que algum amante meu poderia ser submisso?", pergunta a certa altura. "É impossível.") Ainda assim, o filme é bem intencionado.

Apesar do caráter modesto do que estava fazendo, como atriz principal, Madonna — com seu cabelo naturalmente escuro aparado rente, à escovinha -já atuava como a estrela que se tornaria dentro de apenas alguns anos. O companheiro de filmagem Russell Lome, que contracenou com ela numa cena quente de amor, estava espantado como a atriz iniciante transbordava autoconfiança. "Ela atuava como se tivesse um maquiador próprio, alguém para cuidar de seu guarda-roupa, toda uma equipe em volta dela— mas não havia ninguém", recorda-se. "Era uma jovem atraente e desconhecida que parecia dominar todas as atenções. Já então adotara a prática de usar um único nome, pensando em como as grandes estrelas do passado eram conhecidas por um único nome no auge de sua fama: Marilyn, Dietrich, Gable, Garbo, Liz, Brando. Acho que Madonna queria que seu nome fosse acrescentado à lista de lendas de

um só nome."

O filme de Lewicki, A Certain Sacrifice, foi na verdade filmado em partes, a primeira em outubro de 1979, a segunda em novembro de 1981. Uma cena não aproveitada de 24 segundos mostra Madonna cantando a canção "Let The Sunshine In", do musical Hair. O áudio dessa sua performance gravado em CD tem circulado há anos no mercado pirata dos colecionadores. Além disso, ela faz uma das vozes numa canção do próprio filme, "Raymond Hall Must Die". "Sunshine" e "Raymond Hall" são considerados pelos historiadores de Madonna suas duas apresentações vocais mais antigas já gravadas.

No início de 1980, o instinto de Madonna lhe dizia que seu futuro definitivamente não estava nos filmes — pelo menos não por enquanto —, e positivamente não estava na dança. Nessa época, ela voltara com seu antigo namorado, Dan Gilroy que não pôde deixar de aceitá-la de volta... em sua vida e também na Breakfast Club. Contudo, em pouco tempo sua ambição crescente causaria conflitos entre os irmãos. Enquanto eles a viam como apenas mais um membro do grupo, ela via a si mesma como a atração principal e assim queria cantar mais canções — principalmente depois que outra mulher (Angie Smits) juntou-se ao grupo como baixista. Embora tivesse simpatia por Angie, não podia deixar de pensar nela como uma rival; não gostava de partilhar o palco com outra mulher. Conforme as semanas se transformavam em meses, Dan ia ficando frustrado com o hábito constante de Madonna de tomar a frente dele e dos outros membros do grupo no palco. "Você é pura ambição com nenhum talento", ele lhe disse durante uma discussão particularmente feia na frente da banda.

"Ah, é?", ela retrucou. "Então vá se foder, Dan. Vá se foder."

"Foi aí que saiu da banda. Era muito difícil ser seu namorado, para dizer o mínimo", afirma Dan Gilroy, no que parece ser uma declaração bastante suavizada, "principalmente porque você sabia que não havia jeito de ela ser fiel. Havia sempre uma porção de caras na sua cola, cada um com um propósito em sua vida. Quando terminasse comigo dessa vez, então seria para sempre."

Novamente, para Madonna, parecia que era hora de partir. Com Dan Gilroy ela havia obtido um lugar para viver, a segurança de uma relação com alguém que realmente a amava, conhecimentos sobre alguns instrumentos musicais e uma experiência de como seria ficar diante de um público acompanhada por uma banda de apoio. Agora estava com a ideia de fundar sua própria banda, criar sua própria música, promover sua própria pessoa... mas sem Dan Gilroy.

"Eu sei que ele ficou com o coração partido", conta Norris Burroughs, o homem responsável por apresentar Dan a Madonna. "Não era o tipo de cara que investia pesado nas relações, mas Madonna fez gato e sapato dele. Havia uma sensação de que era o destino deles, na forma como ela foi a Paris e você

pensava que estava tudo acabado, então ela volta e você percebe que não terminou, que talvez seja apenas um recomeço. Não sei se estava ou não usando Dan, só ela pode dizer isso. Mas na época,[4] tudo isso me pareceu um romance condenado pelo destino."

Logo depois de se mudar da sinagoga/estúdio/casa dos Gilroy, Madonna se associou a seu namorado de Michigan, o baterista Steve Bray. Os dois haviam se conhecido na Universidade de Michigan em 1976; nessa época, Bray era garçom no clube Blue Frogge, na Church Street, em Ann Arbor, frequentado por muitos estudantes da universidade. Era também o baterista de uma banda de rhythm and blues e, segundo Madonna afirmou a respeito do charmoso rapaz, que era afro-americano, "o primeiro cara na vida que deixei me pagar um drinque [gim-tônica]. Era irresistivelmente bonito". Depois que começaram a namorar, Bray permitiu que Madonna viajasse com ele por todo o estado de Michigan, enquanto se apresentava com sua banda em pequenos clubes. Quando o namoro terminou, continuaram amigos. Então Bray se mudou para Nova York. (Em anos futuros, Steve Bray iria ser autor, coautor e produtor de alguns dos maiores sucessos de Madonna, incluindo "Express Yourself', "True Blue", "Into The Groove", "Papa Don't Preach" e "Causing A Commotion".) Agora que Madonna estava determinada a ter uma carreira musical em Nova York, queria estar imersa no negócio 24 horas por dia. Sentindo que transbordava de imaginação e criatividade, iria passar o ano seguinte escrevendo canções e se apresentando na cidade com uma pequena banda de apoio que incluía Steve Bray na bateria. Como Bray também precisasse de um lugar para ficar, os dois concordaram em se mudar para um conglomerado de escritórios e estúdios musicais na Oitava Avenida, no West Side de Manhattan, chamado de Music Building, "Prédio da Música", e simplesmente dormir nos escritórios alugados de quem quer que concordasse com tal coisa— e muita gente concordou. "O Music Building", explica Bray, "ficava perto da Macy's, em Herald Square. Havia pilhas de cantores e bandas trabalhando nos estúdios e salas de gravação do lugar, tentando achar o próprio som. Era um lugar legal, superartístico, dava para sentir a criatividade rolando solta. A gente adorava ali, só de ficar naquela atmosfera era inebriante. Nossa banda era quente e estava ficando cada vez mais quente."

Havia alguns problemas, contudo, um dos quais era resolver a disputa entre o grupo para o nome da banda. Bray se recorda de que "a gente tinha uma porção de nomes.

Primeiro, pensamos em 'Emmy', significando o som [em inglês] da letra 'M', de Madonna. Emmy também era a forma como eu a chamava. Então veio 'Millionaires', depois, 'Modern Dance'". (Convém lembrar que, numa outra entrevista, Steven Bray recordou que o nome "Emmy" era na verdade a

abreviação de "Emanon", "no name" — ou "nome nenhum" — ao contrário.) Apesar das incertezas sobre o nome da banda, a segurança e confiança no futuro por parte de Madonna permaneciam inabaláveis. No entanto, para alguém que não era uma artista conhecida, ela já havia desenvolvido o ego — difícil, de muitas formas— de uma superestrela. Bray continua: "Ela queria que a banda chamasse 'Madonna'. Aí eu achei que já era demais".

"Mas tem tudo a ver", Madonna disse a Steve enquanto comiam no Howard Johnson's, em Times Square. "Olha, sabe aquela banda que se chamava Patti LaBelle and the Bluebells?

Pois quando eles resolveram mudar escolheram o nome LaBelle, por causa da líder do grupo."

Bray digeriu aquele pedaço de informação. "Bem, o que você quer dizer, então", perguntou, "é que você é a líder do grupo?"

"O quê?, não, de jeito nenhum", respondeu Madonna com a voz doce. "Você é o cabeça, Steve, o gênio musical. Eu sou só a estrela."

"Esquece, Emmy", ele disse. "De qualquer jeito, é católico demais. 'Madonna'? Acho que não."

Mesmo hoje Madonna tem de admitir que ficou perplexa com a relutância do grupo em aceitar seu nome para a banda. Por que os colegas não enxergavam a clara verdade — pelo menos a sua verdade — de que ela era seu ganha-pão? Embora julgasse que fazia aquilo visando os melhores interesses deles, tanto quanto os seus, não era isso que parecia para o resto do grupo, que achava que estava apenas sendo egoísta. No fim, todos concordaram com o nome "Emmy", tendo Dan e Ed Gilroy como homens de frente, Madonna nos vocais principais, o antigo membro da Breakfast Club Gary Burke no baixo, Brian Syms na guitarra solo e Steve Bray na bateria. Madonna recorda: "Tocávamos, cantávamos, rodávamos toda Nova York tentando juntar alguma grana, o que nunca acontecia. Foi menos divertido do que eu esperava".

Frustrada, Madonna chegou à conclusão de que as restrições de ser membro de uma banda começavam a erodir sua verdadeira identidade como artista. "Era muito limitador", afirmaria ela mais tarde. "Eu tinha ideias. Numa banda, você não pode ter ideias. Já que não podia me expressar, pensei, então pra que perder tempo com aquilo?"[5]

---

[4]. Mais ou menos nessa época Madonna gravou uns vocais bizarros para Otto von Wenherr, incluindo "Cosmic Club", "We Are The Gods" e "Wild Dancing". Essas canções seriam lançadas em 1986 em selos independentes. Nesse mesmo ano, para capitalizar em cima da fama de Madonna, Otto gravaria

um vídeo em resposta a "Papa Don't Preach" intitulado "Madonna Don't Preach" ("Madonna, não faça sermão").

[5]. Algum material gravado durante essa época veio a público numa gravação pirata, "Emmy and the Emmys Live, First Time Out Of Manhattan", incluindo apresentações ao vivo (cm estilo punk rock) de "Bells Ringing", "Love For Tender", "Are You Ready For It", "Nobody's Fool" e "Love Express". Versões alternativas de outras canções do Emmy também apareceram em várias coletâneas piratas ao longo dos anos. Em 30 de novembro de 1980, o Emmy gravou quatro canções no Music Building em Nova York, para uma demo— "(I Like) Love For Tender", "Drowning", "Bells Ringing" e "No Time", tudo rock and roll da pesada.

Camille

No INÍCIO DE 1981, uma mulher entrou na vida de Madonna— mais uma vez como resultado do acaso, da coincidência e da pura sorte —, e iria se tornar sua mentora e, de diversas formas, sua salvadora. Seu nome era Camille Barbone, na época uma talentosa agente musical da Gotham Agency and Studios (um escritório ligado mais à composição do que à gravação), no Music Building. Barbone — que descreve a si mesma como uma "nova-iorquina de fala seca" — é uma mulher extremamente atraente com cabelo escuro ondulado, olhos castanhos expressivos e aparência impecável. Tem uma personalidade cativante e uma vivida memória para o detalhe, especialmente se o assunto é Madonna.

"Nós vivíamos nos encontrando nos elevadores e corredores do Music Building", recorda Camille. "Flertava comigo constantemente. Por exemplo, certa vez, eu estava com as mãos ocupadas e ela abriu a porta para mim, e quando agradeci, ela disse: 'Ah, não se preocupe, algum dia é você que vai estar abrindo portas para mim'.

"Ela tinha cerca de 22 anos, estava sem ter onde morar nessa época, vivendo em um dos estúdios do Music Building. Havia acabado de deixar o grupo Emmy, dizendo que queria fazer outras coisas. Gravara alguma música e eu acabei ouvindo uma demo, que achei razoável. Eu deveria ter ido a um show seu numa espelunca em Manhattan chamada Kansas City, mas fiquei mal e não pude. No dia seguinte, ela entrou bufando no meu escritório, aos berros."

"Como ousa não aparecer?", gritou para Camille, uma mulher que mal conhecia. "Esta é minha vida. O que aconteceu? Você prometeu que estaria lá."

"Eu tive uma enxaqueca horrível", Camille explicou. "Sinto muito, mas foi impossível."

Madonna lançou um olhar dramático para Camille. Então, perguntou: "O quê? Uma enxaqueca? Mas que desculpa é essa? Que tipo de caça-talentos é você?".

Quando Camille prometeu que estaria na plateia na apresentação seguinte de Madonna, ela lhe disse o dia, a hora e o local do show. Camille começou a escrever a informação em sua agenda quando, de repente, Madonna arrancou o livro de sua mão e o empurrou contra seu peito. "Se é importante o suficiente

para você, você vai se lembrar", disse. "Não precisa escrever, pois será importante o suficiente e não irá esquecer."

"Eu deveria ter ficado insultada", conta Camille com um sorriso, "mas em vez disso fiquei intrigada."

"Então, depois que fui ao show, soube no mesmo instante que se tratava de uma estrela em potencial. Seus cabelos estavam vermelhos quando a vi, mas, um dia ou dois depois, ela os coloriu de castanhos. No palco, estava usando pijamas masculinos, sua aparência era totalmente original. Tinha uma grande coordenação entre corpo e mente. Sabia a impressão que causava, e quando estava no palco dava ao público a sensação de estar dentro dela e sentir o que ela sentia. É uma qualidade rara.

Era linda de verdade. Que rosto!"

Admirada com o talento bruto de Madonna — ela estava executando uma combinação de dance music e rock and roll nessa época —, bestificada com sua imaginação pitoresca e até mesmo um pouco amedrontada com sua insolência descarada, o fascínio de Camille Barbone resultou na rápida assinatura de um contrato entre as duas. Em outra incrível coincidência, Camille, então com 29 anos — sete anos mais velha do que Madonna —, fazia aniversário no mesmo dia que sua protegida. Parecia que definitivamente as estrelas, o carma, o universo, Deus ou simplesmente a Senhora Fortuna estiveram sempre ao lado dela nesses anos iniciais de formação, em perfeito alinhamento com seus objetivos pessoais e ambições profissionais. Nos próximos vinte meses, Camille e seu sócio, Adam Atler, iriam gastar a maior parte do capital de sua empresa para promover e desenvolver a florescente carreira de Madonna, a quem Camille se referia como "uma ninguém pronta para ser alguém".

Ao longo de sua relação, Madonna e Camille se tornariam peças de um desconcertante jogo de vontades e emoções. Anos mais tarde, Camille Barbone confessaria que provavelmente estava apaixonada. Embora não admitisse seus sentimentos para Madonna na época, com certeza os instintos da jovem promessa eram capazes de levá-la a perceber com que intensidade eles ocorriam. Ela era incapaz de deixar passar esse sentimento tantalizante de fascínio que exercia. Afinal de contas, a essa altura cada passo em sua carreira era uma sedução — uma pessoa após outra sendo seduzida por ela para fazer sua vontade — e assim foi por algum tempo.

A verdade é que — a despeito do talento, da sorte e da esperteza — Madonna era apenas mais uma pessoa extremamente ambiciosa em uma cidade superpovoada de gente extremamente ambiciosa, cada um manobrando o quanto podia para conseguir a melhor condição de ser notado. Será que estava errada — deve ter pensado — em perceber que precisava de gente sob seu controle,

usando sua influência por ela, tirando-a de apertos, arranjando-lhe os contatos certos?

Na circunstância particular em que se encontrava agora com Camille Barbone, Madonna desempenhava o papel da pobre garotinha perdida para a figura maternal, sensível e influente de Camille. A amiga mais velha ficou mais do que feliz em aceitar seu papel no palco da vida real de Madonna, primeiramente pagando para extrair seus quatro dentes do siso e depois levando-a para se recuperar em sua casa de Bayside, no Queens. Em breve Camille estaria emprestando (dando) seu dinheiro, arrumando comida e, talvez o que era mais importante, fornecendo-lhe uma sensação de segurança.

"Pensei que a primeira coisa era fazer com que se sentisse protegida e segura", lembra-se Camille hoje. "Então precisava encontrar-lhe um lugar para morar. Ela havia se apaixonado por um apartamento de um dormitório em frente ao Madison Square Garden, na rua 30, West. Por ironia, o nome do prédio era Star Hotel. Então fiz sua mudança para lá e paguei alguns meses adiantado — 65 dólares por mês —, embora estivesse com medo de deixá-la ali, naquela espelunca. Apenas duas semanas depois de estar vivendo lá ela foi roubada. Só levaram suas fotografias, mas mesmo assim foi um aborrecimento para nós duas.

"Então a tirei dali e a pus em um apartamento bem maior no Upper West Side, na Riverside Drive com a 95. Meu sócio conhecia um cara de meia-idade que vivia ali, e o convenceu a aceitar Madonna para morar com ele. Também lhe dávamos cem dólares por semana para as despesas."

Como Madonna dizia que queria atuar, Camille arranjou-lhe uma professora, uma russa emigrada chamada Mira Rostova, que dera aulas a atores de renome como Montgomery Clift e Roddy McDowell. A coisa não foi bem. Depois da primeira aula, Mira se recusou a voltar a trabalhar com Madonna. "Duvido que essa garota um dia seja levada a sério como atriz", disse a Camille. "Em primeiro lugar, ela é vulgar. Em segundo, não se pode dizer-lhe nada porque decidiu que já sabe tudo que há para saber, sobre qualquer coisa. Em terceiro, não escuta, e se não escuta agora, nunca vai escutar. Se eu fosse você, pensaria melhor antes de ser sua agente."

Era 1981: "Você é uma puta de uma egoísta", Camille Barbone dizia a Madonna.

Conforme Camille se lembraria anos mais tarde, andara tendo problemas pessoais com um membro de sua família e queria conversar com Madonna, como amiga, sobre o que estava ocorrendo. No entanto, Madonna — normalmente preocupada e dificilmente prestando atenção de fato quando se tratava de ouvir os problemas de outras pessoas — parecia desinteressada das dificuldades de Camille. Não demorou muito para Camille entender que, dessa

vez em sua vida, Madonna estava muito voltada para si mesma para se importar de verdade com algo mais além de sua carreira. "Quando você tem um problema, eu resolvo", Camille disse, frustrada. "Mas quando sou eu que tem, não dá a mínima."

"Olhe, eu pago você para resolver meus problemas", disparou Madonna, como se Camille estivesse mesmo ganhando dinheiro com sua carreira.

"Mas o que você me dá em troca, Madonna?", perguntou Camille, como iria se lembrar depois. "Você não me dá nada", ela observou, respondendo sua própria questão.

"Você é uma egoísta."

"Mas eu dou o melhor de mim", disse Madonna.

"Isso é besteira. Você dá o melhor de si para si mesma", Camille disse. "Tudo diz respeito a sua carreira, não é? Está pouco se fodendo comigo ou com minha vida."

Foi aí, conforme se lembraria Camille, que Madonna partiu para o ataque. "Olhe para mim", disse, praticamente aos berros, com o rosto vermelho de cólera. (Ela podia subir o tom de uma discussão para uma briga feroz em um nanossegundo.) "Estou ficando velha", continuou, com o olhar inflamado.

"E nada está acontecendo para mim. Estou pronta para fazer alguma coisa com a droga da minha vida, não dá pra perceber isso? E você prometeu me ajudar, Camille.

Então, me ajude, droga", concluiu ela com raiva. "Se você é minha amiga, faça algo for mim. Se você me ama, faça algo por mim."

Camille se aproximou e acariciou o rosto de Madonna. Com o dedo indicador, limpou-lhe uma lágrima. "OK, vou fazer o que puder", disse, tentando acalmá-la. "Claro que amo você. Calma. Adam e eu temos reuniões agendadas para a semana que vem com gente de gravadora. Tenho um monte de ideias."

Com um suspiro dramático, Madonna pôs um ponto final na discussão: "Por que, mas por que tudo tem que ser dessa forma com você?", perguntou, exasperada. "Agora", disse, deixando o teatro de lado com um encolher de ombros, "me diga: que tipo de reunião."

Anos depois, Camille diria: "Quando a linha entre os negócios e a amizade ficava meio indefinida, é aí que os problemas se tornavam inevitáveis. É claro que eu sabia que estava me usando. Mas o que eu podia esperar, sob as circunstâncias? Tentei estabelecer alguns limites, algumas regras, mas... esqueça... Tente impor regras a Madonna."

Uma das "regras" de Camille era que se algum membro da banda que ela organizara para ser sua banda de apoio no palco se envolvesse sexualmente com Madonna, ele (ou ela) estaria automaticamente demitido pela indiscrição.

Camille acreditava firmemente que o envolvimento romântico dentro do grupo só serviria para complicar assuntos que diziam respeito a todos. Além disso, não resta dúvida de que não queria ver Madonna envolvida com ninguém mais. Não conseguia evitar o ciúme, tão fortes eram seus sentimentos. Contudo, a esperta Madonna decidiu usar o código de conduta da outra em seu próprio benefício. Como queria que seu ex-namorado, Steve Bray, entrasse no lugar do baterista Bob Riley, resolveu seduzir este último. "Se você fosse um pouquinho mais gostoso, eu ia me deitar com você aqui mesmo", disse-lhe, com um beijo de seus lábios vermelhos. Então, foi para a cama com ele.

"Agora você vai ter de despedi-lo, Camille", disse Madonna em uma reunião com Riley no escritório dela, no dia seguinte. "São suas regras, não são? Se alguém me comer, vai para rua. E agora podemos chamar Steve, que tal?"

"Meu Deus, eu não vou mandar Bob embora só porque ele transou com você, Madonna", Camille disse, incrédula. "Você armou para ele! Que tipo de pessoa é você, afinal?"

"Eu não armei pra cima dele", disse Madonna. "Ele é que deu em cima de mim. E eu lhe disse o que iria acontecer se a gente dormisse junto, mas ele quis fazer assim mesmo. Agora você precisa mandá-lo embora. Ou então é você que vai parecer fraca e indecisa."

Riley olhava Madonna como se olhasse para uma pilha de lixo. "Ninguém precisa me mandar embora", decidiu. "Eu saio."

Madonna soprou uma grande bola de chiclete cor-de-rosa. "Por mim, tudo bem", disse. "Sinta-se à vontade."

"Eu me perguntava que tipo de pessoa faria algo como aquilo", recorda-se Camille, parecendo até hoje chocada com a simples lembrança do acontecimento. "Eu criara um monstro que, eu sabia, acabaria se voltando contra mim. Simplesmente não podia acreditar que fosse tão vil e ardilosa. Sexo para ela era apenas mais uma forma de conseguir seus objetivos, não significava nada além disso. Depois do que fez com Bob, passei a ter um pouco de medo dela."

"Eu amo você", Camille lembra-se de ouvir Madonna dizendo um dia. As duas acabavam de sair de uma reunião bem-sucedida com um executivo da indústria fonográfica.

Parecia que em breve Madonna conseguiria sua gravação.

"De que forma?", perguntou Camille, desconfiada.

"De todas as formas, é claro", disse Madonna. Abraçaram-se. "Como posso lhe agradecer por tudo que tem feito por mim?", Madonna perguntou. "Acho que você é a maior mulher do mundo."

Havia uma pulsação no ar. Quando parecia que as duas estavam prestes a se beijar, Madonna reagiu abruptamente: "Ai, meu Deus", exclamou com o

entusiasmo de uma colegial.

"Acabei de ter uma ideia genial, do caralho. Vamos chamar o cara da gravadora e dizer a ele..." Fizera a conversa voltar habilidosamente para os negócios. Agora com outro espírito, começaram a discutir a "grande ideia" de Madonna.

"Ela me seduzia, psicologicamente", conta Camille Barbone hoje. "Eu a punha em primeiro lugar. E, pode crer, isso seria minha ruína, pois tudo dizia respeito a ela, nada dizia respeito a nós, e certamente, nada dizia respeito a mim.

"Havia um monte de mensagens nas entrelinhas, momentos esquisitos... e também grandes ideias sobre como promover sua carreira. Havia uma tal imaginação e calor entre nós duas, tanta criatividade. Nunca nos encontrávamos sem estar com um bloco de notas, pois havia muitas ideias vindo à tona o tempo todo. Eu tinha de tomar notas para não perder o fio da meada de tudo que discutíamos 24 horas por dia. Ela era mesmo brilhante. Sempre tínhamos essas conversas doidas sobre o que fazer, como fazer e para onde estávamos indo.

"Muitas vezes me sentia como Chicken Little, correndo em círculos depois que uma bolota caiu em sua cabeça e dizendo: 'O céu está caindo, o céu está caindo', pois havia pessoas que me diziam: 'Não entendo, o que você vê nessa garota? O que ela tem?'. E eu diria: 'Juro que um dia você vai entender. Ela tem uma visão. Tem algo que ninguém mais tem'. Eu acreditava que um dia ela seria uma estrela. Sabia que estava destinada a ser uma grande artista, uma pop star, e investia tudo nela... minha mente, meu coração, minha alma, tudo."

"Sabe de uma coisa? Jurei que sempre estaremos juntas", Madonna disse a Camille um dia no café da manhã. Na noite anterior, ela e uma dançarina chamada Janice haviam passado a noite transando com um engenheiro de gravação do Queens, para grande desgosto de Camille. Madonna parecia exausta, com uma tira de pano amarrada em seus cabelos desarrumados, curtos e escuros, e com os olhos sonolentos.

"É claro que você diz isso hoje", Camille lhe disse, aborrecida. "Mas espere até ficar famosa. Não vai nem se lembrar do meu nome."

Madonna suspirou, sacudindo a cabeça. "É um negócio sujo, o nosso, eu sei", disse, com a voz enfastiada, como se tivesse a experiência de uma veterana do ramo.

Anos mais tarde, Camille se lembraria: "Eu tinha a sensação de que nós duas sabíamos que minha hora estava chegando, que logo eu iria embora. Nós sabíamos como ela era... e quem sabe tivéssemos a esperança de que pudesse mudar. Reuniões, demos, ensaios, fosse lá o que fosse, ela encarava. Menos a amizade sincera. Para ela, isso era algo difícil de fazer".

"Rainha do teatro"

EM AGOSTO DE 1981, Camille Barbone arranjou para Madonna gravar uma demo com quatro canções, no Media Sound (também conhecido como "Master Sound"), uma igreja adaptada na rua 57, West, em Manhattan, onde Camille alugara algum tempo de estúdio. Em gravações que parecem lembrar o estilo da roqueira Pat Benatar, Madonna executou "Love On The Run", "High Society (Society's Boy)", "Take Me (I Want You)" e "Get Up". As gravações — conhecidas pelos fãs de Madonna como as "Gotham Tapes" — foram produzidas pelo guitarrista Jon Gordon, que um dia iria produzir Suzanne Vega. De acordo com o contrato firmado por Madonna com Camille (em 22 de julho de 1981), ela receberia 250 dólares por cada gravação não lançada, e duas vezes essa quantia por cada faixa que fosse lançada, bem como 3% de royalty na venda de cada uma.

O historiador de Madonna Bruce Baron observa: "Até hoje, as mixagens originais das Gotham Tapes jamais vieram à tona, embora gravações ligeiramente diferentes tenham chegado às mãos de vários colecionadores nos últimos anos. Mas essas versões são diferentes, e sua qualidade de som é pobre. É altamente improvável que as mixagens originais das quatro faixas, com o som perfeito, venham a aparecer algum dia. Para os colecionadores, essas quatro gravações são provavelmente as gravações de Madonna mais raras e cobiçadas de todos os tempos".

A certa altura, Camille Barbone ofereceu a Madonna e à Sire Records a oportunidade de adquirir o master original do estúdio, mas nenhum acordo foi fechado. A propriedade dessas canções acabariam se tornando objeto de acirradas disputas judiciais entre Madonna e Camille, num litígio que iria se arrastar por muitos anos. (Em março de 1993, Camille Barbone tocou pedaços de três das canções durante o especial de televisão "Madonna Exposed", de Robert Leach, em que o autor também apareceu como convidado.) Depois de algum esforço, Camille Barbone acabou convencendo seu amigo Bill Lomuscio, gerente de banda e promotor, a dar uma chance a Madonna e agendá-la em alguns clubes locais para obter a necessária exposição. Camille esperava chamar a atenção de executivos de outras gravadoras sobre a cantora, na esperança de

talvez desencadear uma batalha de lances pelos serviços de Madonna. Sem poder contar com a vantagem de ter assistido a uma apresentação dela, Lomuscio afirma que de início não estava interessado em Madonna. "Camille me mostrou uma gravação [era 'High Society (Society Boy)']. Não fiquei nem um pouco impressionado", lembra-se Lomuscio. "Mas ela queria um lugar para experimentar sua performance ao vivo. Então concordei em deixá-la abrir o show de uma banda que eu estava empresariando."

Sempre que Madonna subia num palco, o resultado era previsível: todas suas aspirações reprimidas de fazer algo maravilhoso — sua energia, vontade e talento, para não mencionar sua necessidade de ser o centro das atenções — explodiam numa torrente de pura espetaculosidade. "Não era tanto a música, mas a personalidade por trás dela", lembra Camille Barbone. "Descobri que a melhor maneira de conseguir uma reunião com um selo ou um booker[6] era trazer Madonna comigo. Quando você a conhecia, podia amá-la ou odiá-la, mas sabia que era fascinante. Ela era de fato sua melhor publicidade."

"O grupo que eu empresariava era a banda da casa nesse clube particular, e era muito popular", lembra-se Lomuscio. "Mas aí chegou Madonna com seus músicos e três dançarinos de break que Camille encontrara em Times Square, e esse foi o fim do interesse em minha banda. Com sua apresentação, Madonna chutou meus rapazes para fora do palco. Ela era fenomenal. Um grande talento. Dava para ver na hora. Depois de três canções, estava sendo chamada de volta para mais um bis. Era difícil para minha banda até mesmo ficar no palco." Quando o vivamente impressionado Lomuscio perguntou a Camille se gostaria de um parceiro para tratar de Madonna, os dois começaram a trabalhar em equipe.

Embora seus novos empresários estivessem entusiasmados com o sucesso que Madonna fazia no palco em apresentações ao vivo diante do público, as tentativas de impressionar os executivos de gravadoras com sua demo não iam muito bem. Assim como fora com Lomuscio, a maioria não mostrava interesse pela voz de Madonna simplesmente cantando.

Ela era uma artista visual. O pacote inteiro era importante, sem dúvida não apenas a voz que era, na melhor das hipóteses, pouco além de mediana. "Muita gente dizia que a demo não prestava", afirma Lomuscio, "e que ela não iria chegar a lugar algum — uma pessoa disse tê-la ouvido numa canção chamada 'Get Up', e que soava como a ratinha Minnie depois de aspirar hélio —, mas isso não era verdade. Tudo que você tinha a fazer era assistir sua performance ao vivo... e é isso aí."

No ano seguinte, à medida que Madonna continuava a evoluir em seu número nos palcos nova-iorquinos, começou a atrair seguidores como num culto,

não só por sua música mas também por sua originalidade (completada com as roupas de segunda mão que agora gostava de vestir no palco). Sem que tivesse sequer uma música tocando nas rádios, já possuía fãs que a acompanhavam de show em show, vestindo-se como ela. Madonna podia não ter ainda uma carreira, mas tinha fãs de verdade!

"Essas pessoas me adoram", contou a Camille sobre seu "fã-clube". Depois, com uma risadinha: "E sabe o que mais?", perguntou, "acho que sempre serei boa com minhas fãs, elas merecem."

Camille sorriu. "Isso é muito bonito", disse. "Vamos ver como vai se sentir daqui a uns dez anos."

Depois, numa outra conversa, segundo Camille, Madonna disse: "Uma pessoa horrorosa me disse hoje que eu era grossa, má, estúpida e detestável. O que você acha disso?".

"Ah, acho que é a absoluta verdade", Camille respondeu com franqueza.

"Eu sei", concordou Madonna com entusiasmo. "Não é mesmo? Não é demais que as pessoas saibam isso sobre mim? Quer dizer, é muito cool, você não acha?"

"É", disse Camille. "Com certeza."

"Ei, eu quero que fique com isso", falou Madonna, pondo a mão no bolso. Ela então tirou dali um rosário de turquesa. "Foi da minha avó", explicou, com lágrimas nos olhos. E estendeu a palma da mão na direção de Camille, com o rosário. As duas mulheres se sentaram em torno de uma xícara de café, e Madonna então começou a contar a Camille histórias comoventes sobre sua mãe.

Depois de meia hora, Camille ficou muito emocionada. "Não posso aceitar isso", disse a Madonna, fechando a mão de Madonna em torno do rosário. "Não posso tirá-lo de você, é precioso demais."

"Mas quero que fique com ele", insistiu Madonna. "Não quero que pense que não passo de uma piranha ingrata. Não tenho outra coisa para dar a você."

Camille a abraçou. "Guarde o rosário de sua avó", disse-lhe, mergulhando carinhosamente seus dedos no cabelo dela. "Você acaba de me dar o melhor presente do mundo, e nem percebeu."[7] Com aquele jogo de sedução assexuado, Madonna continuava a conduzir Camille para dentro de seu mundo, enchendo seus ouvidos — talvez intencionalmente, talvez não — com histórias sentimentais sobre ela e sua família.

Era inevitável que as notícias sobre a popularidade de Madonna continuassem a se espalhar; em breve, os mesmos caça-talentos das gravadoras que haviam ridicularizado sua voz estariam fazendo fila do lado de fora de seu camarim e acenando com seus cartões quando ela saía dos clubes. A Geffen e a Atlantic Records não deram bola para a demo de Madonna, mas parecia que

Camille havia conseguido fazer um executivo da Columbia Records se interessar pelas canções. Porém, nuvens negras se juntavam no céu — embora Camille ainda não soubesse disso.

"Sem que eu soubesse, Madonna começara a trabalhar paralelamente com outras pessoas do ramo", lembra-se Camille Barbone. "Havia gente fazendo para ela o mesmo que eu fazia. Minha empresa tinha apenas quatro anos de idade, e não conseguíamos agir tão rapidamente quanto ela desejava. Além do mais, nós discutíamos sobre os rumos de sua música. Acho que ela queria fazer um som mais negro. Estávamos produzindo um material mais no estilo de Pat Benatar, mas poderíamos ter mudado, feito algo mais adequado... se ao menos ela tivesse me dado tempo para recuperar parte do dinheiro e reinvestir em um novo material."

De repente, o mundo de Camille Barbone começou a desmoronar. Quando parecia certo que Madonna iria assinar o acordo com a Columbia, decidiu que deveria romper com Camille. Disse que queria se desligar da Gotham Agency, explicando que não estava feliz com a música que havia gravado com eles. Afirmou que perdera o respeito por Camille como empresária, contou-lhe, "pois você está demorando muito tempo para fazer alguma coisa por mim".

"Mas eu não vou liberá-la de seu contrato", Camille Barbone lhe disse durante uma tensa reunião no estúdio de gravação. "Investi tudo em você", disse com raiva, segundo se lembraria mais tarde. "Tudo estava indo muito bem na minha vida até você aparecer. Agora, olhe para mim: estou lisa. Gastei tudo com você, Madonna!"

"Ah, vá se foder, Camille", disse Madonna com a voz gelada e indiferente. "Foi você que escolheu, não foi?"

"O quê, sua puta", disse Camille, quase cuspindo as palavras. Conforme se lembra hoje, estava tão furiosa que mal conseguia falar. E então desferiu um soco contra a parede, quebrando a mão. Embora estivesse sentindo uma dor terrível, Madonna deu-lhe as costas e balançou a cabeça. "Que rainha do teatro", murmurou, enquanto ia embora do estúdio.

---

[6]. Profissional que agenda ou verifica os compromissos de um artista. (N.T.)

[7]. Anos depois, durante uma troca de roupas para uma sessão de fotos, o crucifixo se soltou do pescoço de Madonna e caiu dentro de seu jeans, no instante em que ela fechava o zíper. "Viu?", disse com um grito estridente. "Até Deus quer entrar nas minhas calças!"

A grande mudança

"SABE O QUE VOCÊ TEM?", Madonna perguntou a Camille Barbone em uma das últimas ocasiões que se encontraram. Madonna pôs a mão no peito de sua mentora. "Você tem coração", disse, "e não precisa mesmo de mim."

Foi um momento confuso, que Camille recorda vivamente até hoje. Com os olhos vermelhos de tanto chorar, ela pousou sua mão no peito de Madonna e disse: "Se você tivesse coração, não sei se estaria fazendo isso comigo".

As lágrimas começaram a escorrer pelo rosto de Madonna. "Tenho que ir", explicou. "Eu amo você, Camille. Você é uma vagabunda, como eu. Trabalhamos bem juntas. Mas agora acabou. Então... adeus."

Madonna foi embora sem se voltar para trás.

"Às vezes me sinto culpada porque ajo como se eu usasse as pessoas para seguir em frente", Madonna disse. "Isso é verdade para um monte de gente ambiciosa. Você tira o que pode e então parte pra outra. Se uma pessoa não consegue me acompanhar — seja física ou emocionalmente —, fico triste com isso. Mas faz parte da tragédia do amor."

"Ela seduz as pessoas", observa sua amiga de longa data, Erica Bell. "Diz o que você quer ouvir, adula, puxa seu saco, faz com que se sinta parte de sua vida. É uma garota esperta. Sabe como se virar", afirma Bell. Não há amargura nesses comentários aparentemente ásperos dela. "Aí, quando você está do jeito que ela quer, suga tudo que pode."

"Ah, ela é mesmo uma esponja", concorda Camille Barbone. "Absorve tudo que pode e seca a pessoa até o talo, e então parte para a próxima vítima.

"Arrisquei toda minha carreira por Madonna e ela quase me destruiu. Eu mendiguei, pedi emprestado e roubei para fazer tudo que pudesse por ela. Mas as regras de lealdade e decência que se aplicam ao restante de nós não se aplicam a ela", continua. "Ela não é intencionalmente maliciosa, apenas incapaz de enxergar a vida do ponto de vista de outra pessoa. O que quer é o que quer, e se você não lhe der, então adeus.

"Eu perdi tudo nessa época porque me concentrei apenas nela e gastei com ela todo meu tempo. Acabei ficando sem meu estúdio."

Depois de Madonna partir e deixar seus antigos aliados para trás, Camille

Barbone afirma que não via maldade na mulher cujo futuro sucesso havia ajudado a criar — mesmo que não estivesse por perto para desfrutar de nenhuma das conquistas. "Não a odeio", suspiraria Camille anos mais tarde. "Pelo contrário, sinto falta dela e a compreendo. Tudo tem a ver com sua mãe, com sua morte. Como Madonna se sentiu tão arrasada quando sua mãe morreu, nunca queria ter contato com as próprias emoções.

Assim, abandona as pessoas antes que estas a abandonem, como fez sua mãe. Eu sabia disso quando nossa amizade estava perto do fim. E vejo isso com mais clareza ainda hoje em dia, depois de pensar ao longo dos anos. Sua mãe", conclui Camille, com firmeza, "tinha tudo a ver com isso."[8]

Madonna diria que deixara Camille Barbone porque "ela ficou ligada demais em mim". Além disso, afirmou, não valia a pena aproveitar a oferta do contrato de gravação com a Columbia Record, pois, como disse, "as canções que queriam que eu cantasse eram uma merda, e eu não iria construir uma carreira em cima delas, de jeito nenhum".

EM outra entrevista ela explicaria melhor: "Meu negócio sempre foi música rítmica, party music, mas a Gotham não estava acostumada com esse tipo de coisa, e embora eu tivesse concordado em fazer rock and roll, meu coração já não estava mais naquilo. O soul era minha principal influência e eu queria que meu som fosse o tipo de música de que eu sempre tinha gostado. Queria abordá-lo de um ponto de vista simples, pois não era uma compositora exímia. Eu queria ser direta. Ainda gosto de dançar e tudo que desejava fazer era gravar algo que fosse dançável e tocasse nas rádios."

Assim, enquanto esperava pela chegada do que Camille teria chamado de "sua próxima vítima", Madonna e Steve Bray se mudaram de volta para o Music Building, onde dormiam em catres, sentavam-se em caixas e matavam a fome com pipoca. (A essa altura eram apenas amigos, sem envolvimento romântico.) Enquanto isso, Madonna voltara a sobreviver fazendo serviços extras pela cidade de Nova York. Só que dessa vez seus "trabalhos extras" estavam relacionados com a música. Por exemplo, ela fez backing vocais para inúmeros artistas no estúdio, entre eles o superastro do heavy metal Ozzy Osborne. Também aparecia dançando freneticamente como extra no videoclipe do grupo Konk.

A atriz Debi Mazar (de Goodfellas — Os bons companheiros), uma das melhores amigas de Madonna e que a conhece desde tempos antigos (ela aparece no vídeo do sucesso de Madonna em 2000, "Music"), conta: "Nenhuma de nós duas tínhamos dinheiro, éramos apenas garotas jovens tentando fazer alguma coisa interessante na cidade de Nova York. As pessoas ainda não estavam morrendo de aids, e aqui se juntara uma pequena comunidade de artistas e músicos — Qean-Michel Basquiat, Keith Harring —, todos misturados: pretos,

brancos, espanhóis, chineses. Era o início do rap, e gente branca e negra andava junto fazendo música [...]. O [Afrika] Bambaataa sampleava o Kraftwerk. Madonna e eu andávamos por aí e íamos ao Roxy, para dançar e ver espetáculos artísticos". Ela acrescenta: "Na época, nós duas tínhamos uma queda por... bem, você sabe, rapazes latinos".

Sem um empresário para dar continuidade a suas ambições, Madonna não tinha outra escolha a não ser promover a si mesma. Depois que ela e o multitalentoso Steve Bray gravaram quatro novas canções — "Everybody", "Stay", "Burning Up" ("ela tinha uma levada meio Joan Jett nesta", lembra-se Bray) e "Ain't No Big Deal" ("não pudemos arranjar o vocoder que queríamos para fazer o efeito vocal, então Emmy apertou o nariz e fingiu", conta Bray) —, Madonna começou a levar a fita para os clubes noturnos mais quentes da cidade, pensando em fazer com que os disc-jóqueis a tocassem, para emplacar algum hit nos clubes. No início dos anos 80, os DJs tinham um tremendo poder no circuito da dança. As canções que tocavam toda noite podiam fazer um artista. Uma vez que uma canção pegasse na cena dos clubes nova-iorquinos, o sucesso facilmente encorajaria um grande selo a assinar com seu dono.

EM 1981, um dos clubes mais agitados de Manhattan se chamava Danceteria, do qual Madonna era frequentadora habitual. Madonna estava de olho no influente DJ do Danceteria, o bonitão moreno Mark Kamins. Com sua dança catalisadora e sua aura sensual, ela já havia se tornado uma estrela nos clubes locais.

Kamins, que a vira dançar de sua cabine, ficara intrigado e queria conhecê-la. Ao que tudo indicava ela queria o mesmo.

Certa noite, quando o DJ tocava música em sua cabine, Madonna foi até ele, deu-lhe sua demo e pediu-lhe que a tocasse naquela noite.

"E uma canção muito boa", disse-lhe. "Chama-se 'Everybody', as pessoas vão adorar."

Kamins balançou a cabeça negativamente. "E se não for boa?", perguntou, desconfiado.

Ela chegou mais perto. "Acha que eu a daria a você desse jeito se não fosse coisa boa?", disse. "Uuuuh, baby, você é tão lindo", ela acrescentou enquanto acariciava seu rosto.

Ele se lembraria de se sentir meio balançado conforme ela chegava mais perto. Então, quando recebeu um beijo direto nos lábios, caiu em suas garras.

Embora hoje em dia afirme ter ficado "impressionado com seu jogo de cintura", Kamins decidiu que ainda assim preferia ouvir a demo antes de tocá-la para o público.

Levou a fita para casa naquela noite e quando a escutou ficou boquiaberto.

"Na noite seguinte pus 'Everybody' para tocar e a reação foi impressionante", lembra-se Kamins. "Quer dizer, era uma canção muito boa, o tipo de coisa que prende sua atenção. Aquela voz era especial, perfeita para esse tipo de música feita para se divertir."

Embora Mark Kamins fosse DJ profissional, ainda sonhava em um dia fazer produção musical. E apesar de mal engatinhar na área de produção, viu em Madonna a chance de fazer sua carreira decolar, e quem sabe levando a carreira dela junto. Ele propôs uma sociedade: caberia a ele bater perna atrás de um contrato para ela gravar, e quando conseguisse um, ela o deixaria produzir seu primeiro álbum. Madonna, que ansiava muito por um contrato para um disco e na verdade ficava admirada de não ter ainda conseguido um àquela altura, concordou com a proposta no ato. Mal contendo as lágrimas, balbuciou com a voz trêmula: "Talvez isso funcione", disse. "Pelo menos é o que espero." Por mais confiante que fosse no futuro, é claro que havia muita vulnerabilidade por baixo de toda sua arrogância.

E foi natural que — previsível como era sua vida, pelo menos quanto a esse aspecto — a sociedade dos dois acabasse se tornando mais íntima e começassem a namorar. "Ela sempre foi sexualmente agressiva, e não era apenas imagem", conta Kamins. "Usava sua sexualidade como uma artista, mas era assim que se dava bem fora do palco. A coisa começou quente e foi ficando cada vez mais quente. Era difícil resistir."

Com a nova namorada a reboque, Mark Kamins levou a fita demo a Michael Rosenblatt, um executivo jovem e agressivo da Warner Bros. Records, que estava doido para encontrar novos talentos. Com Kamins e Madonna sentados à sua frente estudando sua reação, Rosenblatt escutou as quatro canções da fita. Então a rebobinou e ouviu outra vez. "A fita era boa", recorda ele hoje, mas, assim como outros que compartilhavam da mesma opinião, acrescenta, "não fora de série. Só que lá estava aquela garota sentada em meu escritório irradiando um certo quê. Seja lá o que isso signifique, ela tinha mais disso do que qualquer outra pessoa que eu já havia encontrado.

Soube na hora que era uma estrela."

Para alegria de Madonna, Michael Rosenblatt decidiu oferecer-lhe um contrato de gravação: 5 mil dólares adiantados, mais royalties e remuneração de mil dólares por cada canção que fizesse. Tudo acontecera muito rápido. Todos aqueles anos se passaram, anos de luta, esperança, planos, projetos, sonhos, preocupações... e de repente Madonna Ciccone conseguia seu contrato de gravação. Contudo, faltava uma assinatura no papel antes que pudesse ser finalizado: o de Seymour Stein, presidente da Sire Records da Warner, a divisão com a qual Madonna iria fechar contrato.[9]

Infelizmente, Stein estava no hospital, recuperando-se de uma cirurgia no coração.

Sem se abalar— e certamente não querendo sentar e ficar esperando alguém se recuperar de uma operação tão importante, não depois de chegar tão longe —, Madonna pressionou Rosenblatt para que levasse a demo a Stein no hospital. Ele concordou com relutância, provavelmente sabendo que não haveria como discutir aquele assunto com sua jovem nova artista. Quando Rosenblatt contou a Madonna que iria se certificar de que Stein escutasse a demo imediatamente, Madonna segurou seu rosto nas mãos e o beijou — o que certamente era inapropriado mas ao mesmo tempo adorável.

"Estava no hospital quando [Rosenblatt] me chamou e disse: 'Seymour, acho que você deve escutar uma demo com uma canção ['Everybody'] dessa garota. Ela se chama Madonna. Eu ouvi a música e pirei'", recorda-se Seymour Stein, que estava com quarenta e poucos anos na época. "Eu disse, quero que venha se encontrar comigo no hospital. Chamei meu barbeiro para que cortasse meu cabelo e me barbeasse — não queria que pensasse que estava assinando contrato com alguém que morreria em seis meses. Vou dizer a você, ela estava tão ansiosa para assinar aquele contrato que não teria ligado nem que eu estivesse deitado num caixão. Tinha 23 anos, e acho que era muito pobre, mas se arrumou muito bem. Era só uma canção, 'Everybody', mas havia um ímpeto, uma determinação — a garota ia longe."

Como tantos outros, Seymour ficou de queixo caído com a natureza agressiva de Madonna, bem como com seu evidente carisma de estrela. "O negócio agora", disse Madonna, parecendo esquecer o fato de que falava com um homem sentado com roupas de baixo e a agulha do soro espetada no braço, "é assinar meu contrato. Aqui estou", ela disse, com os braços estendidos, "sou sua. Agora me dê o dinheiro!" Ela estava brincando, mas o sentimento era genuíno.

"Ah, acho que não", Stein lembra-se de ter dito.

Madonna deu um passo para trás, com o olhar confuso. Depois de um segundo, talvez para reconsiderar sua estratégia, ela pareceu reordenar seus pensamentos antes de recomeçar o jogo — mas agora com menos agressividade.

"OK, olhe", ela disse. "Apenas me diga o que tenho de fazer para conseguir uma porra de contrato de gravação nesta porra de cidade. É só isso que desejo saber."

"Bem, você já tinha um mesmo antes de passar por essa porta", respondeu Stein, bem-humorado.

"Então por que você está me sacaneando?", Madonna falou.

"Por que não?", retrucou Stein. Parecia que Madonna finalmente encontrara

alguém a sua altura na pessoa de Seymour Stein. Provavelmente aliviada, caminhou em direção de sua cama, estendeu a mão e disse: "Foi muito bom fazer negócios com você, senhor Stein". Para seu deleite, ele tomou sua mão e a levou aos lábios. Seus olhos se encontraram. Havia uma sensação de conspiração no ar, uma sugestão de intimidade, como se os dois soubessem alguma coisa sobre o futuro de Madonna que ninguém mais sabia.

"Se o caminho mais curto de volta para casa fosse através de um cemitério, ela o pegaria, mesmo que fosse numa sexta-feira, 13", observa Seymour Stein. "Ela tinha uma vantagem que era quase inumana como ela. Quer dizer, em todos os melhores sentidos. Dava para perceber que aquela mulher iria longe."

"É isso aí", Madonna contou mais tarde a sua amiga Erica Bell. As duas haviam se tornado amigas íntimas nessa época, depois de Erica tê-la contratado para trabalhar em seu bar em Nova York, o Lucky Strike, na rua 9 com a Terceira Avenida. (O trabalho só durou dois dias.) "Com esse contrato de gravação, acho que finalmente estou chegando lá", disse Madonna. "Não acredito que isso aconteceu exatamente do jeito que achei que seria. Foi assim que programei minha vida, para que acontecesse isso."

"Então me diga, o que você mais deseja hoje na vida?", perguntou Erica. Era uma preguiçosa manhã de domingo, e ela e Madonna estavam deitadas juntas em um sofá, após uma noite de bebedeira na cidade. Anos mais tarde, Erica iria se lembrar dessa conversa como se tivesse acabado de acontecer.

"Quero ser famosa", disparou Madonna. "Quero atenção."

"Mas você tem tanta atenção agora", disse Erica, aconchegando-se mais perto dela.

"Não o bastante. Quero toda a atenção do mundo", falou Madonna, pensativa. "Quero que todo mundo não apenas saiba quem eu sou, mas que me ame, me ame, me ame."

"Bem, eu amo você", disse Erica.

"Isso é ótimo", disse Madonna, acariciando delicadamente os cabelos de Erica, "mas não é suficiente."

---

[8]. Na época em que eu escrevia este livro, Camille Barbone continuava no ramo do showbiz, envolvida em gravações e em empresariar pessoas.

[9]. A Sire Records foi formada em 1966 por Seymour Stein e Richard Gottherer. Após uma década, o selo tornou-se parte da Warner Music Group— e Stein ajudou a moldar a música popular nas décadas de 1980 e 1990, não só com Madonna mas também com os Ramones, Talking Heads, The Pretenders, Dépêche Mode, k.d.lang, Erasure, The Cult, The Replacements, Ice-T e

Barenaked Ladies. Atualmente, Stein continua como presidente e executivo-chefe da Sire Records e também é presidente do Rock and Roll Hall of Fame.

Montanha-russa

Depois de Madonna ter assinado com a Sire, a divisão dance da Warner Bros. Records, seu primeiro contrato não foi para um álbum, mas para um single de doze polegadas com duas faixas dance. Ficou decidido que o primeiro lançamento seria "Ain't No Big Deal", com "Everybody" do outro lado. Contudo, quando chegou a hora de determinar quem iria produzir as canções, Madonna quis dar a honra a seu velho amigo Steve Bray. Mas Mark Kamins achava que, decididamente, como fora ele quem levara Madonna para o selo, deveria ser ele a produzir o single. Os dois haviam sido seus namorados, e Madonna se viu diante de um dilema. "O acordo era que, se eu conseguisse o contrato, eu produziria o álbum", conta Kamins, "e era claro que eu queria que ela honrasse a droga do nosso compromisso. Eu sabia que se a deixasse fazer como queria, acabaria sendo pisoteado."

O bate-boca se seguiu, mas no final Mark Kamins ganhou a distinção por fazer algo que a maioria das pessoas na época jamais conseguiria fazer ao discutir com Madonna: venceu. Percebendo que ele próprio era a mais nova baixa na campanha de Madonna pela fama, Steve Bray ficou tão furioso que não falaria com ela por quase dois anos.

"É uma vergonha quando coisas desse tipo acontecem entre amigos", afirma hoje. "Mas ainda que eu a conhecesse e entendesse o modo como ela operava, simplesmente jamais pensei que seria o próximo da lista. Mas era."

"Olha, não é como se eu tivesse escolha sobre essa questão", Madonna disse em sua defesa. "Todo mundo queria trabalhar comigo nessa época. Lembro-me de quando ninguém queria trabalhar comigo, e quando isso mudou, todos ficavam putos com uma coisa ou outra."

Nessa mesma época, Steve Bray — que detinha sozinho o crédito por ter escrito "Ain't No Big Deal"— vendeu seus direitos para a July Fourth Music. Então, um grupo de disco music chamado Barracuda gravou e lançou sua própria versão da canção na Epic Records antes de a Warner Bros. Records lançar a sua versão com Madonna. Consequentemente, a música foi descartada. (Anos mais tarde, produzida por Reggie Lucas, "Ain't No Big Deal" seria lançada no lado B do single de "True Blue". As outras versões originais, contudo, permanecem

inéditas.) Em seu lugar, a Warner pôs "Everybody" (com mixagens diferentes em cada lado do single de doze polegadas — e um surpreendente toque de sotaque britânico no refrão) em outubro de 1982, produzido por Mark Kamins. (Estranhamente, "Everybody" nunca apareceu em nenhum dos próprios álbuns de Madonna; uma remixagem rara de Rusty Egan foi usada no single de doze polegadas que seria lançado no Reino Unido, e só.) Quando a canção figurou na parada dance da Billboard em 6 de novembro, "Everybody" marcou o início sua "nova vida", ou, como ela definiu mais sucintamente para Mark Kamins: "Meu antigo eu era sem grana, meu antigo eu não tinha lugar para morar, meu antigo eu era alguém de quem meu pai não se orgulhava. Meu antigo eu era Madonna Louise Ciccone. Meu novo eu é Madonna".

Consciente de que provavelmente pusera as mãos em cima de pura dinamite, a Sire Records mandou Madonna pôr o pé na estrada para aperfeiçoar seu desempenho. Nessa época, Madonna também estava começando a expandir seu conhecimento do ramo musical. Instintivamente, percebeu que nenhum empresário, produtor, agente ou gravadora jamais teria seus melhores interesses em mente, não da maneira como ela os teria. Ninguém era capaz de trabalhar mais arduamente por Madonna do que a própria Madonna.

Assim, impôs como primeira tarefa na ordem do dia fazer amizade com pessoas na gravadora que estivessem em posição de ajudá-la. Logo descobriu que um dos homens-chave na produção musical de dance music da Sire Records era Bobby Shaw, cujo trabalho era levar as canções da gravadora para clubes importantes e promovê-las. É claro que Madonna compreendeu a importância da posição de Shaw, pois ela também já fizera isso com "Everybody" quando ainda estava em sua versão mais antiga, antes de ser lançada.

Às sextas-feiras, Shaw costumava fazer reuniões em seu escritório com os disc-jóqueis locais, para tocar e conversar sobre a música do momento. Madonna convenceu Shaw a permitir que participasse dessas reuniões, que eram praticamente desconhecidas no métier. "Deixe com Madonna quando se trata de quebrar a tradição onde tem a ver com esse tipo de coisa", diz Shaw. "Eu não podia dizer não para ela, podia? Bem, talvez pudesse", acrescenta, respondendo sua própria questão, "mas no final ela me convenceria do contrário." Com os especialistas da indústria naquela sala, Madonna seria capaz de ouvir as últimas músicas, descobrir como produzir os hits, o que estava vendendo e em que direção estavam indo as tendências musicais.

Foi por essa época que Madonna conheceu John "Jellybean" Benitez, disc-jóquei da Funhouse, em Manhattan. Benitez e Madonna tornaram-se amigos fiéis e depois namorados.

Na sua mão, ela começou a desempenhar funções na indústria da música e,

como ele se lembra, "por cerca de um ano e meio, eu a amei demais. Era tudo para mim: minha mulher, minha artista favorita, a mais sacana, mais divertida, mais sabichona que já conheci.

"É claro que ela me usava para montar sua 'rede' no negócio", diz ele com objetividade. "Mas eu fazia o mesmo com ela. Acho que um dos maiores juízos falsos é acreditar que as pessoas de quem Madonna se aproveitou ao longo do caminho também não tiravam alguma coisa dessa relação para si mesmos. Mas só de estar associado com ela, se você jogava o jogo direitinho, faria deslanchar sua carreira. Sua postura era de que se você fosse capaz de conseguir algo explorando-a — como ela faria com você —, então, que seguisse em frente."

Com uma prova mais do que definitiva de que a gravadora tinha uma fábrica de dinheiro nas mãos, a Warner finalmente estava pronta para explorar os talentos de Madonna; ela recebeu o sinal verde para seu primeiro álbum. Embora Mark Kamins achasse que iria produzir o álbum, como fora o acordo, sofreria uma decepção. "Madonna decidiu ir com Reggie Lucas para a Warner, o que foi uma safadeza", lembra-se ele. "Fiquei puto da vida. Tínhamos um acordo, afinal. Mas é assim que as coisas são. Ela agiu de outra forma, e aí foi o fim de tudo."

Com seu primeiro álbum agora para realizar, Madonna não podia continuar a ser sua própria agente. Havia muito trabalho a fazer, e estava tão ocupada lidando com as gravações e preparativos para shows que sobrava pouco tempo para se concentrar na segunda palavra da expressão show business. Era hora de encontrar um empresário.

Com experiência em manipular sua própria carreira, decidiu que só passaria o bastão para quem considerasse o melhor do ramo. Depois de alguma pesquisa, voltou sua atenção para Freddy DeMann, da Weisner-DeMann Entertainment, de 41 anos, um empresário do showbiz agressivo e respeitado, que na época era renomado por ter representado provavelmente a maior estrela da música do mundo: Michael Jackson. Seymour Stein conseguiu um encontro com DeMann. Posteriormente, DeMann teve de admitir que não ficara impressionado com a performance de Madonna. Ele perguntou a um de seus assistentes: "Quem é essa garota? E quem ela pensa que é?". No final, foi com a recomendação de Stein que DeMann finalmente concordou em empresariar Madonna. Mais uma vez, o timing dela foi impecável: pouco antes de assinar o contrato com DeMann, o empresário tivera uma rusga com Michael Jackson e já não estava mais trabalhando para ele.

Quando ouviu que DeMann e Michael Jackson haviam rompido, Seymour Stein pensou que Madonna ficaria desapontada por não compartilhar um empresário com o maior criador de sucessos do mundo. "Temi que ficasse aborrecida com isso, mas ela não ficou", lembra-se. "Muito pelo contrário. Ela

disse: 'Ótimo, agora está livre para dedicar todo seu tempo a mim'. É claro que ele tinha outros artistas para cuidar nessa época, mas... assim é Madonna."

Madonna: o álbum de estreia

O ÁLBUM DE ESTREIA DE MADONNA, lançado em julho, poderia pertencer a qualquer um dos inúmeros artistas dance que passaram pela porta giratória da música pop em 1983.

De fato, a reunião daquelas oito canções não oferecia nem um vislumbre do espetacular estrelato que estava apenas começando, mas certamente era um forte indicativo do que os pioneiros do fenômeno Madonna, como Camille Barbone e Steve Bray, viram nela.

O produtor Reggie Lucas havia feito um nome para si na tendência musical do rhythm and blues, com seu parceiro na autoria de canções James Mtume, produzindo uma série de sucessos para artistas como Roberta Flack e Donny Hathaway ("The Closer I Get To You"), Phyllis Hyman ("You Know How To Love Me") e, a mais célebre, Stephanie Mills ("Watcha' Gonna Do With My Lovin", "Put Your Body In It" e "Never Knew Love Like This Before").

Sob o nome de banda Mtume, Mtume e Lucas escreveram e produziram um álbum em 1980 (In Search of the Rainbow Seekers) para o selo Epic antes de seguir caminhos distintos.

Quando a banda Mtume estava criando seu sucesso rhythm and blues de 1983 "Juicy Fruit", o ex-parceiro de Mtume produzia uma garota branca desconhecida que não era dona de uma voz como a de Stephanie Mills, tampouco de nenhuma outra estrela com quem havia trabalhado no passado: Madonna. Quando Madonna e Reggie Lucas começaram a trabalhar nas canções para o primeiro álbum dela, o trabalho foi frustrante. "Ela tinha seu jeito de querer fazer as coisas", diz Lucas. "E sou capaz de entender isso. Então, de tempos em tempos, tínhamos de chegar num acordo."

Madonna escrevera uma canção chamada "Lucky Star" (mais duas outras), que, junto com a composição de Reggie, "Borderline", parecia o alicerce perfeito para o disco.

Contudo, depois de gravar as três canções, Madonna ficou descontente com a produção de Lucas. "E coisa demais", queixou-se na época. "Muitos instrumentos, muita coisa junto acontecendo."

"Você vai ter de me deixar fazer o que sei fazer", Reggie lhe disse, conforme

se lembraria mais tarde.

Ela fez cara de desagrado. "Mas eu tenho ideias, tenho conceitos", argumentou. "Eu também estou nessa há muito tempo."

"Sei disso", ele falou. "Mas, Madonna, quando você traz alguém para produzir, tem de deixá-lo fazer seu trabalho."

"Bem, só não fique no meu caminho", ameaçou Madonna.

No dia seguinte ela pediu desculpas.

Depois de finalizar o álbum, Lucas não se mostrou interessado em refazê-lo segundo as especificações de Madonna. Em vez disso, partiu para outro projeto rapidamente, deixando que Madonna imaginasse o que iria fazer em seguida com seu disco. Ela decidiu chamar seu namorado, o talentoso Jellybean Benitez, para remixar muitas faixas, incluindo a leve e dançável (e esquecível) "Lucky Star". No álbum haveria ainda outra canção que Jellybean acrescentou no último minuto, "Holiday" (escrita por Curtis Hudson e Lisa Stevens, do grupo Purê Energy), produzida por ele.

"Ela estava descontente com toda aquela porcaria, então eu cheguei e tornei um monte de música mais agradável, adicionando umas guitarras em 'Lucky Star', algumas vozes, alguma magia", conta Jellybean. "Uma coisa que a gente precisa saber sobre Madonna é que ela tem bons instintos. É preciso dar ouvidos a sua opinião. Eu não acho que Reggie fez isso. Juntos nós montamos um grande álbum, e eu nem ao menos recebi créditos de coprodutor. Mas tudo bem. Eu só queria fazer o melhor trabalho que pudesse por ela. Quando tocávamos 'Holiday' ou 'Lucky Star', dava pra ver como estava emocionada pela forma como tudo soava. Dava vontade de ajudar, sabe? Ainda que pudesse ser uma filha-da-puta, quando você estava na curtição do trabalho com ela era tudo muito maneiro, muito criativo."

A um primeiro olhar, o álbum de Madonna parecia um projeto-tampão para Reggie Lucas, o tipo de trabalho que um produtor de algum renome aceita apenas pelo dinheiro e para permanecer ocupado. Isso pareceu ser ainda mais verdadeiro quando se espalhou a notícia de que ele não queria finalizar o álbum da forma como Madonna desejava. A um olhar mais detido, no entanto, ficou claro que o disco estava recheado de hits. Mesmo que as canções nunca tivessem se tornado populares, ninguém poderia negar que se tratava de canções fantásticas e bem escritas, que mereciam encontrar um público. No entanto, não seria essa a conclusão a se julgar pelo desempenho na parada do primeiro single do álbum, "Everybody". A canção cheia de ritmo, um convite a festejar, de fato atingiu o primeiro lugar na parada dance da Billboard — um ranking determinado mais pela popularidade da canção nas danceterias do que pelo sucesso comercial —, mas definhava num 103º lugar na parada do mercado pop

da revista, aquela que, como se diz no meio, "realmente conta".

O single de doze polegadas que veio em seguida — a ardente "Burning Up" num lado e a sussurrante mas urgente "Physical Attraction" do outro -tampouco chegou às primeiras posições da parada pop da Billboard, mas ganhou outro primeiro lugar na parada dance, aparentemente definindo aquela nova cantora como apenas mais uma descartável artista dance pós-disco music.

Então veio "Holiday".

Reescrita pelos jovens mas experientes Curtis Hudson e Lisa Stevens, o contagiante e festivo hino pegou fogo quase que imediatamente, primeiro estourando as caixas das danceterias por todo o país — naquelas em que o público já conhecia Madonna — e depois abrindo seu caminho nas paradas pop e rhythm and blues. E, finalmente, a canção subiu ao 16º lugar na cobiçada parada pop da Billboard — um triunfo para uma artista iniciante.

Bem na hora em que o mercado começava a olhar para o novo sucesso, a Sire fez algumas mixagens e relançou "Borderline". Escrita por Reggie Lucas, a canção — a mais próxima de uma balada rápida que se pode achar -era uma faixa sentimental com uma letra particularmente forte e melódica sobre um amor que nunca é totalmente consumado.

Talvez tenha sido a forma fluida e apaixonada como Madonna cantava aquela letra, que tinha mais a dizer do que "sacuda seu traseiro", ou talvez fosse o fato de que os ouvintes estivessem familiarizados com sua voz penetrante; seja lá o que for, em "Borderline" seus vocais soavam refinados, competentes, expressivos. A combinação — uma voz não sensacional, mas comovente, rodeada pela instrumentação cheia e cintilante de Lucas— tornou a faixa o mais perto possível que se podia chegar de um antigo sucesso da Motown em plenos anos 80, movidos a dance music.

Sem dúvida, "Borderline" junto com "Holiday" foram duas das mais importantes gravações nos anos de formação de Madonna, e não simplesmente porque chegaram respectivamente ao 16º e 10º lugares nas paradas pop. Na verdade, as canções foram fundamentais porque, musicalmente, supriam Madonna com duas plataformas distintas dentro da estrutura da dance music. Mais importante, abriram caminho para que a dançável "Lucky Star", tão elaborada em sua simplicidade, quarto single do álbum Madonna, deslizasse para a quarta posição.

Mais tarde, Madonna, que foi coautora de cinco das oito canções do disco, iria se referir a esse seu primeiro esforço como um "álbum de aeróbica", mas as canções estavam em perfeita sintonia com a época. A despeito de um começo lento, o álbum acabaria subindo nas paradas e, um ano depois de ser lançado, finalmente encontrou seu lugar entre as Top 10. Depois chegaria aos 4 milhões

de cópias vendidas nos Estados Unidos e 8 milhões no mundo.

Pouco após o álbum chegar às Top 10, Madonna e Erica Bell brindaram o novo sucesso com uma garrafa de champanhe. Anos mais tarde Erica iria se lembrar dessa conversa como se houvesse ocorrido apenas alguns dias antes.

Parecendo pensativa, Madonna disse: "Me sinto mal sobre algumas pessoas que não estão comigo, pessoas que conheci ao longo do caminho".

"Você quer dizer, como Camille?", perguntou Erica.

"É, como ela e os outros."

"Bem, esse negócio é duro", observou Erica. "São as pessoas que estão em torno de você no momento do sucesso que podem comemorar junto... não as pessoas que você encontrou ao longo do caminho."

Madonna concordou: "Acho que sim", disse, tilintando seu copo contra o de Erica. "De qualquer maneira, ser sentimental é sinal de fraqueza, você não acha?"

Erica não respondeu.

"As pessoas me odeiam", observou Madonna.

"Sei que é verdade", disse Erica.

"Ora bolas", disse Madonna, encolhendo os ombros. "Fiz o que tinha de fazer. Pelo menos ainda tenho você."

"Tem mesmo", concluiu Erica, abraçando a amiga.

Provavelmente o mais perfeito senso de oportunidade da carreira de Madonna estava no modo quase mágico com que seu trabalho coincidiu com a crescente popularidade do videoclipe. Os jovens da época pareciam ávidos de ídolos. Nos anos 70, a era da disco engendrara inúmeros sucessos mas poucos artistas memoráveis. Diversos artistas da música no começo da década seguinte, contudo, ganhariam popularidade exibindo suas imagens sem igual para o público da televisão por meio dos videoclipes: Cindy Lauper com seu chocante cabelo cor-de-laranja, sua maquiagem maluca e suas roupas baratas; Boy George com seus olhos pesadamente delineados e guarda-roupa feminino; Prince com seu sex appeal andrógino e babados em "Purple Rain". Todos os três, e tantos outros, incluindo Michael Jackson — que de fato foi um dos pioneiros da nova mídia e até ajudou a expandi-la com seu longo videoclipe para "Thriller" — se beneficiaram desses estelares veículos de três minutos que lhes permitiam brilhar.

Mas ninguém aproveitou melhor o novo formato, nem obteve um efeito maior, do que Madonna. Tomando emprestada a liberalidade da sofisticada cena de rua do downtown nova-iorquino, dos clubes noturnos e de ícones como Marilyn Monroe, ela adicionou uma pitada de seu próprio estilo sexy e despojado para compor uma imagem inicial que fosse simplesmente

inesquecível. Mesmo com o som adolescente de seu primeiro álbum, sua aparência suscitou ampla controvérsia, uma vez que ela misturava sexualidade e religião, camisas abertas até o umbigo e rosários. Muita gente achava o uso de crucifixos um sacrilégio, mas o símbolo religioso tornou-se parte integrante da moda lançada por Madonna. "Não acho que usar um crucifixo fosse uma tentativa de gerar polêmica", diz Mary Lambert, ela mesma uma polêmica diretora que iria dirigir muitos dos videoclipes de Madonna. "Acho que isso tinha significado para ela— significado religioso, místico. A sua própria maneira, Madonna é uma pessoa muito religiosa."

Nessa época, Susan McMillan, da Pro Family Media Coalition, declarou sobre a imagem de Madonna: "Usar roupa de baixo como roupa normal é apenas uma forma de excitar os homens. E pode acreditar que um pervertido ao ver uma garota de catorze anos de idade andando na rua com um sutiã de renda não vai parar e dizer: 'Com licença, antes que eu agarre você, será que podemos conversar sobre que tipo de impressão quer passar com isso?'."

É claro que Madonna adorava a indignação que causava em puritanas militantes como Susan McMillan. Era o que queria, para isso trabalhava... e o que descobriu faria dela uma sensação pop tanto quanto qualquer música que jamais viesse a gravar. Ela acreditava que quanto mais a imprensa rotulasse seu estilo de "ordinário", mais alto se elevariam as objeções vociferantes dos pais a seu visual — que por sua vez apenas encorajaria crianças rebeldes a imitá-la. Jovens, que logo seriam apelidadas de "wannabes" pela imprensa (como em "wanna he Madonna", quero ser Madonna), passaram a usar brincos de crucifixos e luvas sem dedos. Começaram a amarrar lenços e meias de náilon no cabelo desalinhado — mais uma vez, tudo introduzido na cultura popular por Madonna em seus videoclipes. Seu sucesso com toda certeza validou os estratagemas de chamar a atenção formulados por ela quando criança: fazer alguma coisa para chocar as pessoas e, se fosse bastante escandalosa, mantê-las falando daquilo. Tanto fazia o que estavam dizendo, contanto que falassem sobre ela.

A imagem projetada por Madonna era egoísta, vulgar e sexualizada. Mais do que tudo, a impressão que passava com sua imagem e atitude tinha a ver com o apetite pela fama e a notoriedade. Não era algo postiço ou arquitetado, com certeza. Era inato — ela simplesmente juntava as roupas, dizia, pegando o que tivesse em seu armário ou qualquer peça barata que encontrasse em bre-chós — e muito conveniente, também.

"Acha que minha mãe teria orgulho de mim?", perguntou a Jellybean Benitez depois do lançamento de seu primeiro álbum.

"Meu Deus, Madonna, é claro que sim", ele se lembra de ter respondido.

"Veja o que conseguiu, o que fez. Qualquer mãe ficaria orgulhosa."

Madonna sorriu: "E meu pai?".

"Claro", disse Jellybean. "Tony está feliz, você sabe disso."

"É, bem", concluiu Madonna, "não que faça diferença."

Traições

ENQUANTO MADONNA E JELLYBEAN BENITEZ aproveitavam o sucesso recém-descoberto resultante de "Holiday", o envolvimento romântico entre aquelas duas pessoas imensamente criativas e emocionalmente explosivas logo se tornou competitivo. "Egos, cara", observa Jellybean ao tentar explicar os problemas que teve com Madonna. "Acontece no showbiz: ela estava crescendo demais e eu tinha meu próprio sucesso a caminho. Aos poucos as coisas começaram a mudar entre nós."

"Nunca vi brigas iguais àquelas dos dois", recorda Erica Bell. "Jellybean tem 1,68 metro de altura, é um cara pequeno. Ele usava os cabelos na altura dos ombros, era bonitinho. Não do tipo musculoso, mas Madonna não tinha muita queda por caras muito musculosos, de qualquer maneira. Gostava mais de tipos latinos. E ele era muito doido, temperamental... como ela.

"Lembro de uma vez em que ele lhe deu um fora e ela pirou. Ela ficou encolhida no chão, soluçando e gemendo, tremendo no chão como estivesse tendo algum tipo de ataque. 'Por que tudo isso?', eu me perguntava. Sei que é verdade, pois foi ela quem me contou, que fizera três abortos de Jellybean no tempo em que estavam juntos.

Não era segredo para ninguém, todos seus amigos sabiam. Ela o amava mas não queria ter filhos nessa época. 'Não vou arruinar toda minha carreira tendo filhos agora', me contou. 'Sou egoísta demais. A única pessoa em quem penso é Jellybean.'"

Embora possa ter dito isso para Erica Bell, parece improvável que Madonna pudesse ter feito três abortos em dois anos. Os que a conheciam na época dizem que usava anticoncepcionais. No entanto, em entrevistas com a imprensa ao longo dos anos, Madonna observou que a mídia ficou sabendo "toda vez que fiz um aborto", dando a entender que passou mais de uma vez pelo procedimento.

Melinda Cooper, que trabalhou como assistente para o empresário de Madonna, Freddy DeMann, confirma pelo menos um aborto durante esses anos iniciais. "Madonna gostava muito de Jellybean", recorda-se, "mas desejava uma carreira, e ele também. Então o aborto era necessário."

Cooper afirma que Madonna chamou Freddy para lhe dizer que estava

grávida e decidira não ter o bebê. Ele concordou que o momento provavelmente era ruim para ter uma criança em sua vida, e assim mandou Melinda fazer os arranjos necessários. Melinda lembra-se de Madonna grávida como estando "morta de medo, e também me lembro de que ela definitivamente não queria que seu pai soubesse que iria fazer aquele aborto, nem nenhum membro da família. Fui eu que a levei até o consultório médico, um trajeto difícil em que ficou muito calada, às vezes chorando. Sei que tomara a decisão consciente de que a coisa mais madura a fazer nesse momento de sua vida era evitar que um bebê viesse ao mundo. 'Não estou pronta para ser mãe', ela me disse. 'Pelo menos, não por enquanto.'Ainda assim, definitivamente queria ser uma esposa: para Jellybean."

"A gente pensava em se casar em algum momento", concorda Jellybean Benitez ao falar sobre seu romance de dois anos com Madonna. "Mas não havia jeito [isto iria acontecer], quando a gente pensava pra valer no assunto. Não sei se podia se manter monógama, contudo, pelo menos nessa época. Quer dizer, não, para ser franco, ela não podia."

Melinda Cooper diz: "Definitivamente, Jellybean era o cara certo para Madonna. Era louca por ele. Acho que o motivo de ter começado a pular a cerca foi para chamar sua atenção. Faria qualquer coisa para levá-lo a tratá-la do jeito que queria ser tratada, mesmo que isso significasse incitar seu ciúme".

E de fato, enquanto estava envolvida com Benitez, Madonna começou a sair com Steve Newman, editor de uma pequena revista em Nova York, a Fresh 14. Depois de ele apresentá-la em uma capa, os dois deram início a um namoro.

"Eu lhe disse que não estava a fim de embarcar naquela relação se não quisesse compromisso comigo", lembra-se Newman anos depois. "E ela disse: 'Ah, claro, isso mesmo. Estou a fim disso mais do que tudo no mundo'. Então fiquei tranquilo com tudo aquilo, mesmo sabendo que havia uma porção de negócios pendentes com Jellybean. Imaginei, bem, ela sabe o que está fazendo. Ele estava fora e eu estava dentro... ou foi assim que pensei."

Certa manhã, Benitez, frustrado e enraivecido, invadiu a casa de Newman, onde achou a mulher que estivera procurando por toda a noite anterior. Estava na cara que sua namorada e Steve Newman haviam acabado de fazer amor. Jellybean avançou na direção de Madonna com fúria cega. Arrastou-a para o outro quarto e começou uma discussão tão terrível que Newman ficou atônito: "Ela gritava coisas como 'Se não fosse por mim, você não seria ninguém hoje. Eu fiz você, Jellybean. Você não era nada até eu aparecer e transformar a porra da sua vida'. E ele lhe dizia exatamente a mesma coisa. A disputa era para saber quem tinha transformado quem em uma estrela.

"Eu sabia então que Madonna estava obviamente envolvida com Jellybean, mas eu a amava. Era uma parceira sexual incrível, cheia de imaginação,

selvagem. Só que mais do que isso, era sedutora, com sua personalidade. É interessante estar com uma mulher tão agressiva, que você sabe que vai conseguir fazer sucesso na vida. É inebriante ouvi-la falar, vê-la fazer coisas em seu dia a dia."

Quando Benitez enfim saiu da casa de Newman, Madonna viu Steve parado na janela observando a cidade lá fora, provavelmente pensando sobre seu destino no relacionamento.

Caminhou até ele e tocou em seu braço. Quando ele se virou, caiu em seus braços, com as lágrimas correndo pelo rosto. "Ela me abraçou com força", lembra-se ele, "e foi como se o tempo parasse. Eu estava apaixonado. Eu lhe disse que não a deixaria me arrasar emocionalmente. Falei: 'Escute, não pense que vai fazer comigo o que está fazendo com Jellybean'. E ela disse: 'Ah, não, Steve, você é diferente'."

Ela chorou e implorou perdão. "Amo você", disse-lhe, "só você."

"Olhei dentro de seus lindos olhos e vi refletido ali todo o amor que nós compartilhávamos", lembra-se ele. "Parecia tão perdida e sublime, senti como se precisasse tomar conta dela. Então, o que eu podia fazer? Só esperar e ver como as coisas iriam caminhar, é tudo."

Segundo Madonna, a maior dificuldade em sua vida pessoal nessa época era que, por causa do seu sucesso inevitável, sentia que não seria capaz de encontrar um parceiro entre os homens que frequentavam seu círculo — cada um dos quais estava na verdade ainda batalhando para atingir sua própria medida de sucesso. Mesmo que Jellybean Benitez estivesse ganhando um bom dinheiro como resultado de seu êxito com a canção "Holiday", não achava que um dia ele seria capaz de igualar seu status financeiro. Steve Newman, ela sentia, provavelmente não chegaria perto do status financeiro nem de Benitez. Era apenas uma mulher prática que não queria envolver-se em um relacionamento com um homem que tivesse menos dinheiro do que ela. "Quero que tomem conta de mim", disse. "Não quero ser eu a tomar conta de alguém."

Embora pudesse achar que amava Steve Newman, em questão de meses Madonna já não sentia mais a mesma coisa por ele, mais um exemplo de sua natureza volúvel. Certa noite, num encontro, Madonna e Steve Newman estavam bebendo martínis em um bar de Nova York. Steve aproveitou o momento para falar sobre a falta de compromisso dela, em sua opinião. Muitos anos mais tarde, ele recordaria essa conversa. "Eu gosto muito de você, Madonna", disse-lhe. "Quero dizer, juro por Deus, você é a mulher certa para mim."

"Sei que sou", disse Madonna, impassível. "Isso está bem claro."

"Então por que você simplesmente não se livra desse sujeito, Jellybean? Vamos ser você e eu", disse Newman, instigando-a.

Madonna pensou por um momento e, brincando com a rodela de limão em sua bebida, olhou para o namorado com a expressão séria. "Steve, encare os fatos", disse. "Você é um escritorzinho de nada que não ganha dinheiro nenhum, certo? Mas eu sou Madonna. Quer dizer, quanto estou ganhando: 250 mil dólares por ano? E no ano que vem estarei ganhando dez vezes mais do que isso. E você? Bem, ainda vai ser esse zé-ninguém sem um tostão, não vai?"

Ignorando a expressão de dor em seu rosto, ela continuou: "Na verdade, sua revista provavelmente vai estar quebrada dentro de um ano. Então, receio que isso nunca vá funcionar. Você e eu, Steve, não dá mais. Sinto muito", concluiu, "mas acabou, é sério".

"Isso é tudo que importa para você?", perguntou Newman, incrédulo. "Sucesso e dinheiro?"

"Yeah, é isso", ela respondeu, balançando a cabeça. "Já que você mencionou, é."

Qualquer um que a conhecesse bem sabia que Madonna — que faria 26 anos em agosto — não era o tipo de mulher que se pudesse considerar uma pessoa particularmente gentil. Contudo, era objetiva também consigo mesmo e com suas deficiências. Por exemplo, seria a primeira a chamar a si mesma de "vagabunda". Em uma entrevista comigo em junho de 1984, disse: "Sim, admito. Sou difícil de engolir. E não uso o fato de que sou mulher como desculpa, como fazem uma porção de outras vagabundas por aí. Elas dizem, oh, coitadinha de mim, sou mulher, tenho de lutar dobrado. Isso é verdade. Mas não significa que você tem de ser uma piranha".

Ela também teve senso de humor consigo mesma.

"Como você ganhou essa reputação?", perguntei. "Será que é porque quer atenção, e então fica cutucando as pessoas?"

"Não, não é isso."

"Tá, então, o que é?"

Ela pensou sobre a questão. "Basicamente, acho, é porque as pessoas tendem a me deixar -puta da vida. Logo, eu as odeio."

Nós dois caímos na gargalhada. Ela estava usando um decotado bodysuit preto de amarrar, com três crucifixos pendendo de seu pescoço. "Um para cada pecado que cometi só na última hora", explicou.

Mais tarde na entrevista, Madonna admitiu abertamente que mantivera relações não só com homens mas também com mulheres, e que muitas vezes eram pessoas que podiam fazer sua carreira avançar. "É verdade", disse. "E só treparam comigo porque isso ajudou suas carreiras também. Encare os fatos. A coisa funciona em duas mãos. Quantas pessoas me usaram para subir na vida? Você é jornalista. Faça uma lista e me traga depois."

Perguntei como se sentia sobre os comentários recentes de Cher de que ela era cafona .

"Bom, a cafonice está nos olhos de quem vê, não é?", perguntou. "E quem pode saber mais sobre ser cafona do que Cher?"

"Ela também disse que você era 'vulgar, agressiva e maldosa'."

"Ah, Deus!", disse Madonna, rindo. "É claro que sou."

A medida que sua carreira musical continuava a progredir, Madonna voltou seu olhar para uma de suas antigas obsessões: os filmes. Ela ainda queria ser atriz, essa ambição não havia mudado. Obviamente, sua carreira musical começara a ser compensadora, do ponto de vista financeiro e criativo. Agora, buscava um papel no cinema.

Mais uma vez, a ocasião e a Senhora Fortuna conspiraram para tornar os sonhos de Madonna realidade.

Dessa vez, a produtora de cinema Susie Seidelman estava no processo de escolha de elenco para um filme de orçamento relativamente baixo (5 milhões de dólares) para a Orion Pictures. O roteiro de Desperately Seeking Susan (Procura-se Susan desesperadamente) era bom — uma screwball comedy moderna meio new wave sobre uma dona de casa suburbana e entediada com sua existência de classe média alta que começa a procurar romance em anúncios classificados. Aí entra a "Susan" do título, uma "garota de rua" excêntrica e desmiolada que bagunça a vida sexual de todos os envolvidos e faz com que a dona de casa, que seria interpretada por Rosanna Arquette, largue suas inibições e, após uma perda temporária de memória, "se torne" Susan. A personagem era perfeita para a imagem arrojada de Madonna, e no fim de março de 1984 ela dirigiu seus esforços para obter o papel, levando ao conhecimento de Seidelman seu interesse.

Seidelman também estava interessada em Madonna. Ela tivera problemas com a escolha do elenco para o papel de Susan, pois não achava uma atriz que reunisse convincentemente as qualidades combinadas da personagem: sexy, impetuosa e autoconfiante (entre as atrizes testadas estavam Jennifer Jason Leigh, Melanie Griffith, Kelly McGillis e Ellen Barkin). Depois do screen test de Madonna, todos os envolvidos no projeto concordaram na hora que era perfeita para o papel. As filmagens começaram para ela em novembro de 1984.

Embora o filme fosse um veículo para Rosanna Arquette, não demorou muito para que a imprensa se referisse a Procura-se Susan desesperadamente como o "filme de Madonna"... para desgosto da atriz principal. Logo o filme seria estruturado para dar destaque à inexperiente pop star tornada atriz. Uma canção de Madonna, "Into The Groove", chegou até mesmo a ser enfiada no desenrolar da história, fazendo Rosanna Arquette se queixar depois: "Era

totalmente injusto. Assim que Madonna chegou no filme, o roteiro foi mudado para se adequar a ela. Eu lhes disse que se Susan era para ser nada além de um videoclipe de duas horas estrelando Madonna, então não queria fazer parte dele. Meu contrato não dizia nada sobre fazer um filme disco ou dance. Mas não dava para cair fora...". (Ironicamente, seria em grande parte devido à presença de Madonna, descrita pela ex-crítica de cinema do New York Times Pauline Kael como "uma deusa vadia e indolente", que o filme iria se tornar um dos cinco filmes mais lucrativos de 1985.)

Like a Virgin

De VOLTA AO CENÁRIO DA MÚSICA POP, o segundo álbum de Madonna, Like a Virgin, foi lançado em 12 de novembro de 1984.

Like a Virgin é de fato um retrato dos misteriosos instintos pop de Madonna tornados possíveis com seu zelo impaciente pelo crescimento criativo e sua habilidade inata em trabalhar uma boa gravação. Com o sucesso inquestionável de seu álbum de estreia, ficou claro exatamente quem e o que alimentava a - persona de Madonna: era uma rainha dance das ruas com o encanto sensual de Marilyn Monroe, a frieza reservada de Marlene Dietrich e a eloquência cortante (e protetora) de uma Mae West moderna. O primeiro álbum de Madonna teve êxito em introduzir aquela personagem e agora, com o novo disco, estava pronta para cristalizar e incrementar o conceito.

Era um momento inebriante. O trabalho, a dedicação — e a obstinação — haviam valido a pena. Agora estava na hora de assegurar o futuro.

"A Warner Bros. Records é uma hierarquia de homens velhos, e isso é um ambiente chauvinista para se trabalhar, pois você é tratada como a garotinha sexy", disse ela na época. "Tenho de provar que estão errados, e isso significa que não só tenho de me pôr à prova diante dos fãs, mas também da minha gravadora. É isso que se passa quando você é uma garota. Isso não aconteceria com Prince ou Michael Jackson. Tenho de fazer tudo sozinha e foi difícil convencer as pessoas de que eu merecia assinar um contrato para um disco. Depois de tudo, é um problema tentar convencer a gravadora de que tenho mais a oferecer do que uma simples cantora de um sucesso só."

Para assumir o controle como produtor musical principal, Madonna escolheu Nile Rodgers, um homem de grande experiência quando se tratava de criar uma imagem artística para alguém em um estúdio de gravação. Com o parceiro de produção Bernard Edwards, Rodgers havia formado a banda dos anos 70 Chie, em essência uma seção rítmica de estúdio (incluindo duas vocalistas e o baterista Tony Thompsom), que criou uma série de sucessos de dance music da era disco, como "Dance, Dance, Dance", "Everybody Dance", "Le Freak" e "Good Times".

Como o pop e o rhythm and blues são meios musicais muito influenciados pelos produtores, os hits do Chie rapidamente tornaram o som de Edwards e

Rodgers muito solicitado.

EM pouco tempo a dupla escreveu e produziu conjuntamente hits para outras pessoas, como as Sister Sledge, que obtiveram sucesso comercial com as canções "We Are Family" e "The Greatest Dancer", e Diana Ross, que conseguiu o mesmo com "Upside Down" e Tm Coming Out". De fato, quando a guitarra de Rodgers foi trilhar um caminho diferente do parceiro, sua habilidade inventiva em mesclar rock com rhythm and blues na produção de David Bowie, em 1983, gerou o espetacular sucesso "Let's Dance"...

e provavelmente foi isso que atraiu Madonna. A sua sociedade era — e ainda é — baseada na admiração mútua.

"Sempre fiquei boquiaberto com a incrível avaliação de Madonna quando se trata de criar músicas pop", afirma Nile Rodgers. "Nunca vi ninguém fazer isso melhor, essa que é a verdade. Quando fizemos aquele álbum, foi uma união perfeita, e eu sabia desde o primeiro dia no estúdio. A coisa entre nós, cara, era sexual, apaixonada, criativa... era pop."

Sua energia coletiva — Madonna querendo emplacar com um segundo álbum de arrasar e Nile Rodgers querendo ser o produtor que iria dar isso a ela — conduziu a produção das canções de Like a Virgin com grande precisão. A faixa-título, e primeiro single, oferecia a perfeita continuação para a persona sensual de Madonna, dada a duplos sentidos em cada verso: "Like a virgin... touched for the very first time". O clipe caro e dispendioso — em que Madonna aparece com um leão selvagem — foi filmado na Itália. Quando cantou a canção no MTV Video Awards de 1984 — o primeiro gostinho para o público de uma apresentação sua ao vivo — estava usando um vestido de noiva na altura do joelho, véu, bustiê, cinta-liga e toneladas de bijuterias pesadas. No palco, agia como uma pantera no cio, rastejando no chão sedutoramente, cantando direto para a câmera e flertando o tempo todo com o que sabia ser uma audiência internacional. Segundo contou Melissa Etheridge: "Lembro-me de pensar, 'O que ela está fazendo? Está usando um vestido de casamento. Meu Deus, está rolando no chão. Ai, meu Deus!'. Era a coisa mais ousada e ostensivamente sexual que eu já havia visto na televisão".

Como Nile Rodgers levara músicos do Chie para o estúdio com Madonna, muitos fãs desse grupo sentiram que Like a Virgin era na verdade apenas outro disco do Chie.

Se isso era verdade, ele estava munido de canções melhores e mais duráveis. No entanto, nem Madonna nem Rodgers tiveram qualquer participação na criação de "Like A Virgin". Tom Kelly e Billy Steinberg a escreveram, e foi um senhor de meia-idade, Mo Ostin (então presidente da Warner Bros. Records) quem a descobriu e passou adiante para a novata artista do selo. Madonna e

Rodgers, que deu vida à canção, criaram uma base esparsa e ansiosa marcada por uma caixa de rufo grande e mecânica.

Madonna fazia um vocal recatado que sugeria que realmente era uma virgem — excitada, sexy e desejosa. Tudo funcionou: "Like A Virgin" tornou-se o primeiro single pop de Madonna a atingir o topo das paradas, aí permanecendo por seis semanas. (Nile Rodgers remixou "Like A Virgin" para o single de doze polegadas; contudo, sua versão foi rejeitada em favor do remix produzido por Jellybean Benitez.) Com o sucesso do single "Like A Virgin", o álbum então começou a mostrar seu verdadeiro valor. Por trás da faixa-título a Warner Bros. Records lançou "Material Girl", uma canção ainda mais simples com uma batida meio new wave. Dotada de uma ótima melodia e uma letra semibiográfica e irônica sobre o amor de uma garota pelo dinheiro, "Material Girl" foi catapultada para o segundo lugar das paradas pop.

Enquanto isso, duas canções de trilhas sonoras iriam elevar ainda mais a popularidade de Madonna, ao ponto do delírio. "Crazy For You", uma balada vigorosa escrita por Jon Lind e John Bettis e produzida por Jellybean Benitez (do filme Vision Quest — no Brasil, Em busca da vitória), se tornaria o segundo single de Madonna a chegar ao topo das paradas. Então, a rápida "Into The Groove", coescrita e coproduzida por Madonna e seu antigo namorado, mentor musical e parceiro de banda Steve Bray (da trilha sonora de Procura-se Susan desesperadamente), chegou ao primeiro lugar das paradas de dance music (mesmo sendo apenas o lado B de "Angel", o terceiro single de Like a Virgin). Ambas as faixas eram vitais para o crescente fascínio do público por Madonna: "Crazy ForYou", porque constituía mais uma prova de que ela era vocalmente capaz de se desincumbir de uma balada séria, e "Into the Groove", porque demonstrava sua habilidade sempre presente de criar dance music contagiante. "Dress You Up", o single seguinte de Virgin, contribuiu para aumentar ainda mais esse sucesso, sobretudo comercialmente, quando atingiu o quinto lugar das paradas pop.

Embora Like a Virgin tenha se tornado o primeiro álbum número 1 de Madonna (e um dos mais bem vendidos de 1985), não gerou resenhas muito entusiasmadas ("Uma belezoca tolerável", observou a revista People). Atualmente, é verdade que o álbum parece um pouco repetitivo e imaturo, especialmente se comparado com o conjunto da obra de Madonna desde essa época. Nile Rodgers confessa: "Como fã, não seria o álbum que eu consideraria meu disco favorito em termos de composição".

Contudo, o mero fato de que na época de seu lançamento poucos resistiriam a comentá-lo era um testemunho do contínuo e crescente fascínio do público com a artista que o criara. Mick Jagger até entrou na contenda quando comentou

que as canções de Madonna eram caracterizadas por uma "estupidez central".

Na verdade, talvez tenha sido a "estupidez central" de Madonna que despertou o interesse de grande parte do público, fãs ávidos por uma estrela sensual e provocante que não se importava em deixar claro o quanto apreciava as luzes e a celebridade. Não houvera de fato um fenômeno feminino no imaginário do público desde o reinado de Farrah Fawcett no fim dos anos 70, e seu usufruto do trono como uma das "Panteras" tivera vida relativamente curta até que ela se cansasse da imagem de loura de biquíni e buscasse reconhecimento como atriz séria de televisão.

Madonna, no entanto, viera fantasiando sobre a fama e a fortuna por anos e estava mais do que feliz em dar ao público a imagem feminina ambígua e provocante que faltava sob os holofotes desde os dias de Marilyn Monroe. Seu novo álbum espicaçava com canções como "Dress You Up", "Angel", "Material Girl" e, é claro, a irreverente faixa-título, "Like A Virgin".

Para alimentar ainda mais a Madonnamania e o sucesso de Like a Virgin, a Warner Bros. Records programou-lhe uma turnê superdivulgada. Não era de surpreender que a turnê fosse um sucesso tremendo; no Radio City Music Hall ela quebrou todos os recordes de comparecimento do público quando os ingressos para o show se esgotaram em incríveis 24 minutos. Em meados dos anos 80, parecia que seria impossível detê-la — os números de venda dos álbuns de Madonna andavam na casa dos 80 mil por dia. Ainda que tivesse um olhar no futuro quando dava declarações como "Quero longevidade como ser humano. Quero viver para sempre", críticos como Robert Hilburn, do Los Angeles Times, já estavam predizendo seu rápido declínio. "É como um brinquedo novo", sentenciou Hilburn. "Todos querem brinquedos novos no Natal. Ela é a bola da vez." Outros críticos estavam apostando suas fichas em Cindy Lauper, com sua voz pura e poderosa, embora peculiar, achando que ela é que iria perdurar como diva do pop. O editor da Billboard, Paul Grein, predisse: "Cindy Lauper vai estar aí por muito tempo; Madonna estará fora do cenário em seis meses".

"No começo, fui chamada de tudo que é nome, desde 'A Boneca da Disco' até 'Maravilha de Um Sucesso Só'", recordou Madonna em 1999. "Todos concordavam em que eu era sexy, mas ninguém aceitava que tivesse talento, e isso me irritava muito."

Na verdade, se estava indo para algum lugar, era direto para o topo. Afinal de contas, esses eram os anos 80. De muitas maneiras Madonna era exatamente o que as pessoas queriam na época. Na década anterior, Andy Warhol pronunciara sua famosa máxima de que no futuro todos seriam famosos por quinze minutos, e muita gente parecia ter a intenção de fazer com que sua predição se concretizasse. Muita gente queria não apenas a fama, mas dinheiro, nomes que

fossem uma marca e tudo mais em excesso.

Na televisão, cidadãos comuns estavam descobrindo nos talk shows um veículo viável para incorrer em exibicionismos e expor seus segredos mais íntimos para um público em rede mundial. A televisão a cabo levou sexo e violência aos lares americanos como nunca ocorrera antes. Em Wall Street, corretores mal entrados nos vinte anos estavam ficando ricos vendendo junk bonds, títulos de alto risco e alto lucro, para yuppies ávidos em fazer milhões da noite para o dia.

EM certo sentido, Madonna se tornou a personificação em carne e osso de uma junk bond. As pessoas queriam explorá-la e vendê-la para conseguir obter a maior grana possível — e ela ficava feliz de ser explorada... isso significava dinheiro em seu bolso, também. O público, fascinado com a fama, estava feliz de assistir.

Sem querer denegrir o talento de Madonna — pois certamente ela tem muito talento (em grande parte ainda pouco aproveitado) —, a noção de"celebridade" nunca teve muito a ver com as habilidades pessoais de alguém nem com o que ela possa ter realizado em termos artísticos. Sempre tem a ver com o marketing pessoal — e isso nunca foi mais verdade do que na década de 1980. Com o crescimento da tevê a cabo, dos videoclipes, das revistas, da publicidade de rua e outdoors, da propaganda em rádios e filmes, uma celebridade podia ser explorada 24 horas por dia: na sala das pessoas, em clubes, em supermercados e nas ruas, a mesma imagem projetada de todas as direções, de onde quer que se olhasse. Madonna foi uma das primeiras artistas a entender essa reviravolta cultural; Michael Jackson também percebeu. No início de sua carreira como cantora nos anos 80, ela se certificaria de sempre contar com a cobertura completa da mídia. Iria aparecer de bom grado em todo show de televisão, capa de revista, videoclipe chamativo, custasse o que custasse...

Encontrando Sean Penn

PROVAVELMENTE UM DOS CLIPES mais populares de Madonna é o que ela fez para "Material Girl", uma releitura moderna da performance vocal mais famosa de Marilyn Monroe, "Diamonds Are A Girfs Best Friend". Madonna disse na época: "De certa forma, Marilyn foi transformada em algo não humano, e isso tem a ver comigo. Todo mundo estava obcecado com sua sexualidade, e isso também tem a ver comigo. E havia certas coisas sobre sua vulnerabilidade que me deixaram curiosa e me atraíram".

Quando chegou a hora de filmar o videoclipe (dois dias em Los Angeles em fevereiro de 1985), Madonna decidiu-se por uma clara e óbvia homenagem a sua inspiração loira, Marilyn Monroe. O clipe apresentava Madonna vestindo uma réplica exata do vestido rosa-choque de Marilyn no filme Os homens preferem as loiras (ela odiava o vestido, porém, queixando-se de que não parava de escorregar na altura do peito), cantando no set reconstruído do filme, complementado por uma escada, candelabros e um coro de rapazes devidamente trajados com smoking. ("Não posso desdenhar completamente da canção e do vídeo, pois certamente foram importantes em minha carreira", disse mais tarde. "Mas a mídia se agarrava a uma frase e interpretava tudo do jeito errado. Eu não escrevi aquela música e o clipe era apenas sobre como uma garota rejeitava dinheiro e diamantes. Mas Deus não permite que a ironia seja percebida. Então, quando eu estiver com noventa anos, ainda vou ser a Material Girl. Acho que não é tão ruim, afinal. Lana Turner foi a Sweater Girl até o dia em que morreu.")

A assistente de Freddy DeMann, Melinda Cooper, levou Madonna para a sala de gravação onde "Material Girl" seria filmado. Uma fotografia tirada nesse dia a mostra usando um corpete cor-de-rosa e uma blusa preta de veludo, desabotoada o suficiente para mostrar seu sutiã preto Chantelle. Ela também usava óculos escuros largos e um chapéu vermelho de aba larga, tudo para não ser reconhecida.

Devido à grandiosidade da produção do videoclipe — e à associação com a figura de Marilyn Monroe, que estava fadada a causar sensação —, Melinda Cooper sentiu que a vida e a carreira de Madonna estavam prestes a se transformar. Era uma ideia empolgante. "Você se dá conta de quantas coisas irão

mudar para você agora?", ela perguntou enquanto a levava ao set.

"O que você quer dizer?", Madonna respondeu. Ela estava com seu espelhinho na mão, examinando uma espinha. Jesus Cristo, com tantos dias para ter uma espinha...", disse, preocupada. "Eu pergunto a você se mais alguma coisa pode dar errado em minha vida."

"Quer dizer, seu mundo nunca mais vai ser o mesmo depois desse videoclipe", disse Melinda, ignorando a pergunta retórica de Madonna. "Você sabe disso?"

Madonna fechou o espelhinho. "Eu sei disso, Melinda", falou, incomodada, "mas será que dá pra gente ir logo?"

Nesse primeiro dia no set, sentada no alto da escada esperando o filme começar, Madonna olhou para baixo e notou um rapaz vestido com jaqueta de couro, de óculos escuros, parado num canto no que parecia ser uma pose deliberada, olhando fixamente para ela. Era o ator de 24 anos Sean Penn - nascido em 17 de agosto de 1960 —, na época considerado o mais melancólico e contemplativo (e provavelmente o mais talentoso) dos jovens atores de Hollywood, mais um do "bando de garotos malcriados".

(Os outros componentes do assim chamado "Brat Pack" incluíam os jovens atores Charlie Sheen e Emilio Estevez.) Por ser proveniente de um meio privilegiado, criado em Beverly Hills com pai e mãe pertencentes ao showbiz (seu pai era o diretor de televisão Leo Penn e sua mãe a atriz Eileen Ryan), Penn não precisou batalhar muito para encontrar seu caminho no cinema. No entanto, seu estilo de vida privilegiado não o tornou menos irascível. Tinha a reputação de ser um jovem intensamente reservado, às vezes violento e muito ciumento— e também um ator competente graças a papéis em Fast Times at Ridgemont High, Racing with the Moon e The Falcon and the Snowman.

Depois que manifestou interesse em encontrar Madonna, Sean Penn foi levado ao set de "Material Girl" pela diretora do videoclipe, Mary Lambert.

"Sean era alguém cujo trabalho eu admirava", Madonna contou, "e acho que ele sentia o mesmo em relação a mim. Nunca pensei nem em um milhão de anos que pudesse conhecê-lo."

No momento em que Madonna, parada no alto da escada esperando para começar a descida, percebeu que o estranho ali embaixo era Sean Penn, seu coração começou a bater mais depressa. Embora andasse enrabichada com o ator Keith Carradine nessa época (que aparece no vídeo e com quem foi vista transando entre uma tomada e outra), sentiu que tinha de conhecer Sean Penn. Mesmo a um primeiro olhar, ele parecia autoconfiante e petulante— exatamente seu tipo. Quando finalmente se viram frente a frente no final da escada, ele não a desapontou.

"Ah, veja só", disse Sean Penn fazendo um gesto com a cabeça para seu vestido e sua peruca. Com afetação impertinente, enfiou os polegares nos passadores do cinto de seu jeans e continuou: "Você pensa mesmo que é Marilyn Monroe, não é?". Estava brincando, mas Madonna não achou graça em seu estilo de humor.

"Qual é seu problema?", perguntou irritada. "Não diz nem oi? Vai direto para o insulto? É assim mesmo, nem diz 'Como vai você?'"

"Oh, desculpe, Marilyn", disse Sean Penn, com a voz cheia de um falso sarcasmo. Seus olhos eram um pouco vítreos, um cigarro pendia de seus lábios. Ele estendeu a mão para ela: "Prazer", disse, com um meio sorriso caloroso.

Madonna caiu na risada. Pegou sua mão e, numa voz suspirosa de Marilyn Monroe, arrulhou: "O prazer é meu...".

Mais tarde, ela se lembraria: "Eu tinha essa fantasia de que a gente ia se encontrar, se apaixonar um pelo outro e se casar. De repente, estava desejando que isso acontecesse. O que posso dizer é que gamei nele nesse dia. Sei lá. Só sei que o queria de qualquer jeito".

O lance com Prince

LOGO DEPOIS DE SEU PRIMEIRO ENCONTRO no set de "Material Girl", Madonna, 26 anos, e Sean Penn, 24 anos, começaram a sair juntos. "Depois da filmagem do clipe, fui até a casa de um amigo meu", explica ele. "Ele tinha um livro de citações, que abriu aleatoriamente numa página, e leu o seguinte: 'Ela possuía a inocência de uma criança e a esperteza de um homem'. Olhei para meu amigo e ele disse apenas: 'Caia matando!'. E foi o que fiz." Mas a coisa complicada para Sean Penn era que Madonna também andava saindo com Prince, que conhecera numa outra ocasião nos camarins do American Music Awards, em Los Angeles, em 28 de janeiro de 1985. Ele não era seu tipo, e é difícil saber até por que Madonna estava interessada nele, exceto pelo fato de que o respeitava como músico e provavelmente apenas queria saber o que o fazia ser quem era.

Prince (cujo nome verdadeiro é Prince Rogers Nelson) era — ainda é — uma pessoa excêntrica, notória por exibir um comportamento estranhamente tímido em particular e uma sensualidade ultrajante — saracoteando de sunga e salto alto — no palco. Durante uma entrevista comigo no mesmo ano em que conheceu Madonna, Prince se recusou a falar. Em vez disso, sentou-se silenciosamente em sua cadeira diante de um prato chinês e passou a noite inteira brincando com o arroz e o camarão, o tempo todo de cara amarrada. Como resposta a cada questão, não acenava afirmativamente nem sacudia a cabeça em negativa. Quando a entrevista terminou, foi embora sem dizer tchau. "E isso, meu amigo, é Prince", disse seu agente a título de explicação.

EM seu primeiro encontro, Prince convidou Madonna para acompanhá-lo a uma de suas apresentações em Los Angeles. Embora ela tivesse agendado uma viagem fora de Nova York para começar os ensaios de sua própria turnê, decidiu adiá-la por alguns dias para passar algum tempo com o rock star. Na noite do show, ele a apanhou numa limusine branca imensa e a levou até o Fórum, onde era a apresentação. Madonna disse mais tarde que ficou espantada com o forte cheiro de lavanda da diminuta estrela do rock. "Como uma mulher", ela notou. "Senti com se estivesse na presença de Elizabeth Taylor. Ele exala lavanda. Na verdade, aquilo me excitou."

Um antigo amigo de Prince, T. L. Ross, que estava na limusine, recorda: "ouvi que ela era muito agressiva, que o pobre sujeitinho tinha de se defender. Ela era muito forte. Segundo ele, tinha a força de dez homens". Como devia se apresentar naquela noite, Prince não queria gastar todas suas forças com Madonna, e sugeriu que esperassem.

Após o show, os dois se aventuraram pela noite de Los Angeles e acabariam no Hotel Marquis, em Westwood, numa festa com a turma de Prince. A farra ficou da pesada quando ele subiu numa mesa e começou a tirar a roupa. Subindo junto, Madonna se atracou com ele numa esfregação, com os ombros subindo e descendo e o corpo ondulando.

A festa só acabou às cinco da manhã, e Prince e Madonna — de braços dados, praticamente escorando um ao outro — retiraram-se para a suíte particular do ídolo.

Nos dois meses seguintes, o casal continuou a se encontrar, embora não parecessem ter muito mais em comum do que seu status de superestrelas. Enquanto ela era honesta e direta, ele era calado e acanhado. Para sorte dos dois, ambos idolatravam Marilyn Monroe. Quando ele lhe contou que seu quarto estava abarrotado de pôsteres da deusa loira das telas, Madonna disse que não podia esperar para ver sua memorabilia.

EM uma noite romântica, Prince reservou todo o restaurante Yamashiro, que fica no topo de uma montanha, com uma vista de tirar o fôlego das luzes da cidade de Los Angeles. Madonna usava uma saia rendilhada púrpura com um sutiã preto, de marca, se insinuando sob a blusa impecavelmente branca. No restaurante, os dois comeram comida japonesa e então, após três horas do que pareceu a alguns observadores pouca conversa, partiram para um clube noturno chamado Façade.

"Passei um tempão rodeando esse assunto porque não sei bem como começar ou como dizer a você", falou Prince quando estavam no clube junto com amigos. Estava sendo mais corajoso do que nunca com ela, e na frente de testemunhas, o que tornava tudo ainda mais surpreendente. "Madonna, acho que a gente devia ficar junto, você e eu. Quero que você seja, sabe... minha garota."

Parecendo surpresa, Madonna deixou o pedido em suspenso, como que antecipando um arremate de piada. Mas ele não estava brincando, e sim esperando sua resposta. "Hummm", disse ela, franzindo o cenho e olhando como se estivesse tentando imaginar como lidar com o momento. "Puxa, isso é uma coisa para se pensar, não é?" Suas palavras não aparentavam muita convicção.

Quando Prince pareceu cabisbaixo, Madonna pegou sua mão. "Ah, venha, vamos dançar!", disse-lhe alegremente enquanto o puxava para a pista de dança.

Depois de mais ou menos dois meses, quando já não havia mesmo mais nada

para dizerem um ao outro, Madonna se encheu. Os dois haviam gravado algumas canções em seu estúdio de Mineápolis, e uma delas iria até mesmo ser lançada mais tarde. Mas seus amigos se recordam que, enquanto ela reclamava de sua passividade, ele se pegava em sua natureza agressiva.

Conforme T. L. Ross: "Prince era cósmico demais para Madonna. Para ele, fazer amor é uma experiência espiritual. Para ela — pelo menos na época —, apenas uma expressão física. Enquanto Prince queria saborear cada momento do ato, ela sentia orgasmos múltiplos. Depois de dois meses, ele terminou. Daí, ela resolveu fazer a cena da mulher desprezada.

"Depois que ele demonstrou não ter mais interesse nela, foi aí que os telefonemas começaram. Madonna o importunou por semanas. Mais tarde, ele contou que ela gritava; 'Como ousa me chutar desse jeito, não sabe quem sou eu?'. Definitivamente, não estava acostumada a levar um fora."

Contudo, Madonna teria a última palavra em relação a Prince, anos mais tarde no Los Angeles Times, em outubro de 1994; "Eu jantava com Prince e ele só molhava torrada no chá, muito delicado. Eu enchia o prato de comida diante de mim, perguntando tipo 'Você não vai comer?'. Ele mexia os lábios, sussurrando um 'não' imperceptível".

EM seguida, ela concluiu: "Eu pensei, 'Oh, meu Deus'. Eu tenho uma teoria sobre gente que não come. Elas enchem meu saco".

"Madonna: uma vida solitária"

APÓS SEU BREVE INTERLÚDIO COM PRINCE, Madonna começou a se concentrar em Sean Penn como potencial parceiro. A despeito de sua necessidade fanática pelos holofotes e do desejo obsessivo de Sean Penn pela privacidade, os dois deram início a um namoro apaixonado e empolgado que, no mínimo, provava com certeza que os opostos se atraem. Impressionada tanto com sua reputação de valentão como com suas credenciais de ator, Madonna mais tarde admitiria que era, como explicou, "completamente incapaz de resistir a ele, não que sequer houvesse tentado. Era o homem mais sexy e inteligente que já conhecera". Sean ficou igualmente fascinado por ela. Era fã de Madonna, e por isso quisera conhecê-la. Assim que conseguiu, percebeu rapidamente como sua companhia era agradável, e também que era o tipo de mulher capaz de, quando necessário, fazer face a seu próprio nível de arrogância. "Admito, eu era um sabichão", ele diz. "E ela também. Era um relacionamento celestial, dois sabichões vivendo juntos. Muito romântico."

É claro que os paparazzi se deliciaram com o romance do imprevisível Penn e sua namorada exibicionista. Foram fotografados desde seus primeiros encontros: em Nova York, no clube chamado Private Eyes, e em Los Angeles, quando Sean Penn a acompanhou em uma peregrinação ao túmulo de Marilyn Monroe, no Westwood Memorial Cemetery.

(Madonna estava tremendo de nervosismo durante a visita à sepultura de Marilyn. Quando notou uma rosa vermelha deixada ali pelo seu ex-marido, Joe DiMaggio, ouviram-na murmurar: "Oh, meu Deus, ele a amava de verdade".)

Nessa época, quando todo mundo queria arrancar um pedaço seu — ou pelo menos era assim que devia se sentir —, Madonna disse que queria alguém em sua vida que acreditasse amá-la de verdade. "Ela era solitária, a clássica vítima do estrelato: a celebridade popular e adorada que vai para casa sozinha à noite e desaba em lágrimas", disse seu antigo produtor e namorado, Jellybean Benitez. Embora certamente não se privasse de experiências sexuais, o que faltava em sua vida era um senso de verdadeira intimidade com outra pessoa. Certamente, aqueles em seu círculo nessa época admitem que Madonna não era uma pessoa fácil de conhecer ou de ter intimidade no nível emocional. "Havia um monte de

barreiras", afirma Tommy Quinn, um músico de estúdio nova-iorquino que saiu com Madonna pouco antes de ela conhecer Sean Penn.

Embora Quinn tivesse ouvido Madonna ser acusada de fria, egoísta e indiferente, ele não concordava. "Percebi que vivia na defensiva", diz. "É claro que era presunçosa e — cara! — podia ser uma grande filha-da-puta. Mas por trás de tudo isso, se chegasse a conhecê-la de verdade, havia uma pessoa diferente, uma garota muito insegura.

"Lembro-me de uma noite em particular: estava em minha casa e acabáramos de fazer amor. Havia sido muito intenso, e depois, quando estava deitada em meus braços, percebi que começara a soluçar. Quando perguntei por que, recusou-se a se abrir comigo, mas toda vez que fazíamos amor — o que aconteceu mais ou menos meia dúzia de vezes —, parecia mais triste do que da vez anterior. Pensei comigo mesmo: ou sou muito ruim de cama ou essa garota tem um problema com intimidade. Ser vulnerável era mais do que podia aguentar se permitir."

"Qual o problema?", ele perguntou a Madonna, tocando-a suavemente no rosto.

"Nada", respondeu rápido. "Estou legal. Me deixe em paz, tá?" Conforme ele se lembrou, ela inspirou profundamente e então soltou o ar devagar, como se estivesse sob a carga de um peso excruciante. Então, afastou-se do companheiro e encolheu-se ao pé da cama em posição fetal.

"No início, pensei que estivesse chorando porque achava que fazer sexo a deixava vulnerável, e isso a tornava fraca. Mas depois de conhecê-la um pouco melhor, cheguei à conclusão de que era apenas medo de se machucar, de baixar a guarda, de ficar íntima de verdade."

Algumas noites depois, Quinn decidiu fazer a pergunta que estivera em sua cabeça mas para a qual não encontrara um momento apropriado. "Por que você odeia tanto seu pai?", ele perguntou. "Toda vez que o assunto é sobre seu pai, você sempre tem alguma coisa horrível a dizer sobre ele. Acho que essa é a fonte de toda sua ansiedade."

"Do que está falando?", disse Madonna, chorando. "Como ousa falar assim comigo?"

Então pulou da cama, correu para o banheiro e bateu a porta atrás de si.

Na manhã seguinte, Madonna — com os olhos vermelhos e cheios d'água — vestiu sua meia-calça arrastão e sua minissaia e se preparou para sair. Pôs uma jaqueta pintada a mão sem nenhuma camiseta por baixo. Quando calçava as botas de salto agulha, olhou para Tommy Quinn e disse: "Sabe, só porque estava chorando isso não quer dizer nada. Então, não pense que tem algum tipo de influência sobre mim, ou que me importo com você". Não fez qualquer menção

ao assunto do pai levantado por Quinn.

Enquanto ele pensava no que responder, ela caminhou através da sala e saiu pela porta sem dizer tchau.

Uma semana mais tarde, Quinn a encontrou diante da janela no apartamento dele, no décimo primeiro andar de um prédio de arenito na rua 72, East, em Nova York. Ela estava atraente, vestindo apenas uma camiseta e mais nada, certamente dando um pequeno show indecente para os vizinhos. "Uma moeda por seus pensamentos", disse-lhe Quinn, trazendo uma taça de vinho branco gelado.

"Com certeza eles vão custar muito mais do que isso", disse Madonna com um sorriso fraco. Então, depois de um gole, observou pensativa: "É tudo ficção, você sabe disso, não sabe, Tommy? Sou apenas uma personagem em um romance. Nada disso é real, nada".

"Como se chama o romance?", perguntou Quinn, intrigado.

"Chama-se 'Madonna'", ela respondeu, e depois de pensar mais um segundo, acrescentou o subtítulo: "Uma vida solitária".

Igual a todo mundo, ela queria ser amada — mas ao mesmo tempo tinha medo de ser amada. Ou, como notou sua irmã, Paula: "Era uma mulher como outra qualquer. Precisava de alguém em quem se agarrar, mas tinha medo".

Sean Penn tinha suas próprias inseguranças. Sua mania de privacidade era obsessiva, e os que o conheciam bem alegavam que era porque nunca estava satisfeito com a aparência, sempre se sentindo pouco à vontade na própria pele, não querendo ser visto por nenhuma pessoa, muito menos por todas as pessoas. Sua arrogância e temperamento ruim, segundo os que o conheciam bem, era — não é de admirar — uma camuflagem que mascarava uma cantilena de outras questões emocionais cujas explicações talvez caibam com mais propriedade aos biógrafos de Penn. No entanto, quando ele e Madonna começaram a se encontrar, viram um no outro alguma coisa que os fez sentir, segundo Madonna, "um senso de completude pessoal".

Além disso, sua química sexual era explosiva. Depois do primeiro encontro, ele a atirou no chão e arrancou as roupas dela e as suas com tanto ímpeto que nem tirou as botas. Então fizeram amor. Mais tarde, ela disse: "Chegamos junto ao orgasmo, e foi como se o tempo parasse".

"Quem pode dizer como funciona o coração... simplesmente funciona", observa Meg Lowery, atriz amiga de Sean Penn que vivia em Los Angeles nessa época e frequentava a escola de atores com ele. "Sean me contou que era louco por ela, mas estava preocupado com isso. 'Ela é maluca', me disse. 'E eu sou maluco. Nós dois juntos? Cara, isso é problema.'" Além disso, percebeu que não seria fiel a ele. "Ela está por aí, solta e selvagem", contou-me. "E não acho que

algum homem possa domá-la. Na verdade", disse, "acho que a última coisa que deseja é ser domada."

Além de mostrar uma natureza reflexiva, Sean Penn era também um ator talentoso e um homem inteligente. Quando Madonna descobriu que era um leitor voraz e escrevia poesia, sentiu-se ainda mais atraída por ele. Em breve estava anunciando a todos os amigos, conhecidos e jornalistas que Sean Penn era seu herói, seu melhor amigo "e o cara mais legal do universo". Ela podia lhe contar seus problemas, disse. De alguma forma, ele possuía a compreensão instintiva de um homem que havia sofrido e sabia tudo que houvesse para saber sobre perda e luto, ainda que seus dois pais ainda fossem vivos. Ela podia conversar com ele como com mais ninguém.

O casal logo anunciou seu noivado. A medida que a notícia do grande acontecimento se espalhou, a publicidade sobre a vida e a carreira de Madonna atingiram um novo patamar. Uma declaração surpreendente para alguns de seus fãs— mas não surpreendente para aqueles que a conheciam — veio quando a revista masculina Penthouse anunciou que publicaria fotografias de Madonna nua de anos anteriores. Para não ser passada para trás, a Playboy anunciou sua própria publicação em breve de fotografias escandalosas.

E quando se seguiu uma sensação na mídia com a ideia de que as fotografias iriam mostrá-la de uma forma nova e reveladora, foi exatamente como 35 anos antes, quando se espalhou a notícia de que Marilyn Monroe também posara nua.

Alguns observadores sugeriram que os nus de Madonna iriam de alguma forma prejudicar sua carreira. Jornalistas apontavam o caso de Vanessa Williams, que um ano antes fora forçada a devolver sua coroa de Miss América, quando se descobriu que posara nua anos antes de ganhar o título. (É claro que Vanessa Williams acabaria no fim voltando o escândalo a seu favor. Ela é hoje uma das únicas Miss Américas de cujo nome as pessoas conseguem se lembrar.) A existência de fotos de nus, a corrida entre duas revistas masculinas para se superar na publicação e a ousada declaração de Madonna— "Não tenho vergonha de nada" — apenas jogaram ainda mais lenha na fogueira dos noticiários.

Tommy Quinn não via Madonna havia mais de um ano quando, segundo ele, recebeu um telefonema seu, perguntando se podiam se encontrar. Quando a convidou a seu apartamento, ela disse: "Não dá, sou um animal preso numa armadilha, agora. Se for vê-lo, todos vão saber onde vive, todos vão saber que conheço você e nunca mais o deixarão em paz". Hoje ele recorda: "A fim de me proteger, pediu-me que a encontrasse em um pequeno restaurante italiano na Segunda Avenida, perto da rua 71".

Quando ele chegou, encontrou Madonna sentada numa mesa do fundo,

usando óculos escuros grandes, um chapéu desajeitado e um surrado vestido "doméstico" florido. "Ela parecia uma sem-teto, fiquei atônito."

"Porra, o que aconteceu com você?", perguntou, quando se sentou.

"Minha vida. Foi isso que aconteceu comigo", respondeu Madonna carrancuda, inclinando-se para beijá-lo na face. "Então, o que achou da minha roupa? Sou uma milionária, mas é isso que tenho de usar em público a fim de ter alguma paz e tranquilidade."

Após pedir espaguete, Madonna foi direto ao assunto e explicou por que desejava ver o amigo. "Preciso de seu conselho", disse. "Você ouviu falar dessas fotos?"

"Quem não ouviu?", Quinn respondeu.

Ela tirou os óculos escuros. Parecia que andara chorando. "Simplesmente não sei o que fazer com essa merda toda", disse, triste. "Quer dizer, não sei como me portar… como agir."

Quinn se recordaria anos depois: "Fiquei atônito. Quando ouvi falar das fotos pela primeira vez, pensei que sua postura seria de que não importavam, que estaria acima dessa preocupação. Mas sentado ali com ela, vendo o quanto estava nervosa, percebi que a existência daquelas fotos realmente a deixaram incomodada."

"Ah, eles que se fodam, Madonna", lhe disse Quinn. "Aja como se você não se importasse. Que escolha você tem?"

"Mas eu me importo", disse ela. "E meu pai? Por que ele tem de ver essas fotos? E Sean! O que Sean vai pensar?" Seu sangue ferveu. "Parasitas!", disse, referindo-se à mídia. "Sinto-me tão... incompreendida".[10]

Pelos 45 minutos seguintes, depois de dois pratos de macarrão com almôndegas e uma garrafa de Merlot, Madonna lembrou de um tempo não muito distante, em 1979, quando decidiu posar nua. "Era um cara legal, de verdade", disse sobre o fotógrafo Martin Schreiber. "Ou pelo menos foi o que pensei na época. Ele me bajulou, disse-me que eu tinha um lindo corpo. Me serviu vinho e uma refeição em seu estúdio num loft. Confiei nele, e fui uma idiota por isso, acho."

Madonna e Tommy finalmente concordaram que a única escolha seria agir como se não estivesse nem um pouco incomodada com a existência das fotos, como Marilyn Monroe fizera no passado. A história da sessão de fotos de Marilyn Monroe nua entrou para a lenda de Hollywood. Anos depois de posar, quando era reconhecidamente a atriz mais famosa do mundo, as fotos foram lançadas. Parte da imprensa previu que se a atraente jovem esparramada sem roupa sobre o veludo vermelho era, de fato, Marilyn Monroe, sua carreira fatalmente estaria condenada, como resultado do escândalo. Contudo, sem se

deixar intimidar pela histeria da mídia, Marilyn não negou as fotos.

EM vez disso, voltou a publicidade em seu próprio benefício, declarando aos jornalistas: "Posei mesmo. Estava faminta". Quando perguntada sobre o que estava usando durante as sessões, ela gracejou: "O rádio".

"Se eles [presumivelmente o público e a imprensa] souberem que estou aborrecida com isso, simplesmente vão adorar", concluiu Madonna, parecendo admitir a derrota.

"E quem se importa, afinal", acrescentou, com alegria forçada. "Tenho assessores de imprensa agora, sabia?", acrescentou. "Eles que imaginem a melhor coisa a fazer. De alguma forma vou inverter as coisas a meu favor. Você sabe que sim, não sabe, Tommy?"

"Porra, claro que vai", concordou Quinn, cutucando-a. "Você é maior do que isso, Madonna."

Ele se lembra de que ela soltou um sorriso meio forçado e então brincou, fazendo um sinal da cruz.

"Você é feliz, Madonna?", perguntou. Quando ela se levantou, abraçou-o e se despediu, não parecia ter intenção de responder a pergunta. Jogou cinquenta dólares sobre a mesa. "Veja minha vida", disse, arqueando uma sobrancelha. "Quem não ficaria feliz?"

---

[10]. "A Penthouse fez algo realmente horrível", se queixaria Madonna anos mais tarde. "Enviaram cópias da revista para Sean."

"Ai, meu Deus! Olhe pra mim!"

ESTARIA MADONNA REALMENTE tão aborrecida com as fotos de nus quanto teria dado a entender a Tommy Quinn? Provavelmente um exemplo de sua natureza volúvel era de que mais tarde poderia obter alguma iluminação dos apuros em que se encontrava.

"Lembro-me de quando estávamos as duas quebradas, vivendo em Nova York, e Madonna mostrou-me algumas das fotos", recorda-se Erica Bell. "Estávamos com sono e meio bêbadas, e ela trouxe aquele envelope e espalhou os retratos no chão. 'Olhe pra mim, Rica' [o apelido com que Madonna chamava Erica Bell], disse. 'Tenho os peitos achatados como os seus!' E nós duas caímos na gargalhada, por alguma razão, achando as fotos hilárias. Ela disse: 'Um dia serei mundialmente famosa e a Playboy irá publicar estas fotos, e será o maior escândalo de todos os tempos'. Perguntei: 'Meu Deus, você não vai ficar com vergonha?'. Ela riu e disse: 'O que você acha?'."

Quando as fotos foram publicadas muitos anos depois, Erica recebeu um telefonema de Madonna.

"Ai, meu Deus", disse Madonna, rindo quase histericamente. "Aconteceu exatamente como eu previ."

"Eu sei", disse Erica, dando risadinhas. "Não dá para acreditar, depois de todos esses anos."

"Mas meu peito é tão achatado", disse Madonna. "Igual o seu", acrescentou, brincando.

Anos mais tarde, Erica contou: "Não acho que estivesse preocupada com as fotografias. Se estava, não fiquei sabendo. Só sei que demos um monte de risadas com elas.

Achávamos que aquilo tudo era engraçado pra cacete".

E mais do passado de Madonna foi escavado quando o diretor Stephen Jon Lewicki decidiu explorar seu antigo contato com ela lançando uma versão em vídeo de A Certain Sacrifice, o filme de baixo orçamento realizado em 1979. Provavelmente esperando que Madonna lhe pagasse para impedir a distribuição comercial do filme, Lewicki caiu do cavalo quando gente dela lhe ofereceu a bagatela de 10 mil dólares, que ele prontamente rejeitou. Embora Madonna

movesse um processo contra ele em um esforço para manter o filme fora de circulação, Lewicki acabaria ganhando o direito de lançá-lo, tornando-o milionário em pouquíssimo tempo— nada mal para o produtor de um filme realizado seis anos antes ao custo de 20 mil dólares.

"Acho que Madonna tentou barrar o filme mais como uma jogada publicitária do que qualquer outra coisa", diz Lewicki hoje. "Era também uma forma interessante de usar seu poder, é sério, de ganhar o tipo de exposição que ela gosta quando é conveniente. O New York Post apresentou uma enorme manchete: 'MADONNA TENTA PROIBIR FILME COM NU'. Quer dizer, a histeria que desencadeou com esse filme foi incrível. Mas no final, quando a hora da verdade chegou, não fez nenhum esforço muito grande para levar o processo contra mim às últimas consequências. Acho que até o juiz percebeu que aquilo não passava em grande medida de jogo de cena, e tudo por publicidade.

Então deu o caso por encerrado e liberou o filme."

A essa altura em sua carreira, Madonna realmente não precisava procurar publicidade — que chegava em abundância. Sua relação com a mídia era de amor e ódio — mais de amor do que de ódio, pois adorava se ver retratada, ao mesmo tempo em que fingia detestar a atenção. Certa vez, em uma festa de aniversário, desfilou com um conjunto de calças verdes de seda. "Eu gosto dessa roupa", contou aos convidados, "porque é verde, a cor da inveja. Invejo todos vocês", continuou melodramaticamente, "pois todos vocês têm privacidade... e eu não." Madonna, contudo, não fez nada para impedir a atenção da mídia — pelo contrário, quase a cortejou.

EM maio de 1985, Madonna foi capa da revista Time, com a manchete: "Madonna — Por que ela é quente". Embora parecesse a alguns observadores ter uma postura blasé acerca de grande parte de sua notoriedade recém-adquirida, esse tributo em particular de uma publicação tão respeitada não era algo que pudesse encarar com desdém. Segundo uma assistente de seu empresário, Freddy DeMann, "Madonna esperou na porta da frente pela chegada do mensageiro do escritório de Freddy, com a primeira cópia da revista. Lembro-me desse dia muito bem. Estava usando meia-calça preta de malha, uma saia curta e um top, com quatro crucifixos em torno do pescoço. Como estava trabalhando, não tirara os óculos. Quando a revista chegou, rasgou o envelope para pegá-la. E então, quando a viu, soltou um gritinho."

"Ai, meu Deus, olhe pra mim!", disse Madonna, dançando pela sala com suas sandálias Gucci e a revista na mão. "Estou na capa da Time! Dá pra acreditar? Olhe só!

Dá pra imaginar?" No início de sua carreira, havia dito: "Não vou me contentar enquanto não for tão famosa quanto Deus". Talvez agora começasse a

sentir que esse objetivo estava a caminho.

Verdadeiramente admirada pela presença de Madonna na capa de uma das mais respeitadas revistas do mundo, a incrédula assistente disse: "Não, não dá para acreditar".

De repente, Madonna parou de dançar. Virando-se rapidamente para encarar a moça, disse: "O que você quer dizer com não dá para acreditar? Por que eu não deveria estar na capa da Time?"

"Eu não quis dizer...", começou a balbuciar a secretária, tropeçando nas palavras. "O que eu quis dizer foi... desculpe."

"Ah, pare de rastejar", disse Madonna, exasperada. "Você é tão fraca. Vá logo telefonar para Sean, quero que veja isto."

Quando a assistente ligou para Sean Penn e pediu-lhe que fosse à casa de Madonna para ver a revista, Sean deu a entender que estava ocupado. Solicitou-lhe que enviasse um exemplar para sua casa, via portador. Madonna, dando voltas pela sala e olhando para a capa da revista, escutou a conversa entre a assistente e seu namorado, foi até o telefone, arrancou-o da mão dela e disse: "Venha pra cá agora, Sean". O tom de sua voz era raivoso, arrogante. "Quantas garotas suas já apareceram na capa da Time? Uma! Eu! Agora, venha já pra cá."

Penn chegou meia hora depois.

O fato de Sean Penn ser também uma pessoa tão bríguenta apenas atiçou ainda mais o fogo do vulcão de publicidade que parecia entrar em erupção em média uma vez por semana, em se tratando de Madonna. No dia 30 de junho de 1985, ele foi indiciado por agressão após bater em dois jornalistas do lado de fora de um hotel em Nashville, no Tennessee, onde estava rodando um filme.

Naquela manhã, ele e Madonna haviam recebido um buquê de flores em seu quarto, enviado por alguém da imprensa com um cartão escrito "Madonna e Sean. Parabéns à mamãe e ao papai. Que tal uma exclusiva?". Penn, que estava aborrecido com a bisbilhotice constante, bem como com os rumores de que Madonna estava grávida, disparou quarto afora, em direção a uns jornalistas que ficavam por lá à espreita.

Lori Mulrenin, que testemunhou o ataque subsequente, recorda: "Ele gritava para os dois como se fosse partir suas cabeças ao meio. Daí, quando um dos jornalistas tirou sua foto, explodiu de vez. Pegou uma pedra e atirou com precisão milimétrica no fotógrafo. Então arrancou as câmeras presas nas costas dele e esmagou-as contra o homem, que caiu no chão. Em seguida, pegou novamente a pedra quando o outro repórter tentou intervir. Sean o acertou com um soco no olho, e aí atingiu sua cabeça com a pedra. Madonna, que ficara de longe quando a briga começara, enterrou o chapéu na cabeça para cobrir os olhos e correu para dentro do hotel".

Sean Penn foi julgado por agressão aos dois jornalistas. Foi sentenciado a noventa dias de detenção caso não pagasse multa de cinquenta dólares por cada uma das duas contravenções.

Embora alguns dos estratagemas de Madonna para obter publicidade pudessem parecer, em retrospecto, não muito elaborados, sempre funcionaram. Por exemplo, quando chegou a hora de planejar seu casamento com Sean Penn, ela insistiu que queria uma cerimônia íntima, sem nenhuma publicidade. Agiu como se não desejasse o tipo de atenção internacional que, segundo sabia, fatalmente viria com um evento daqueles. Além de simplesmente ir a Las Vegas onde ela e Sean Penn poderiam se casar com tranquilidade e rapidez, havia inúmeras outras maneiras de Madonna assegurar um casamento privado, se fosse isso que realmente quisesse. No entanto, em sua esperteza, sem dúvida percebeu que o ar de segredo que pretendia fomentar apenas tornou a imprensa mais determinada a cobrir o evento... e o público mais determinado a ler sobre ele. É claro que para deixar as coisas ainda mais tantalizantes Madonna proibiu a imprensa de cobrir o casamento.

A única coisa que Madonna não podia controlar era Sean e seus sentimentos ambivalentes sobre as núpcias iminentes. Duas noites antes da cerimônia, ele deu sua despedida de solteiro em uma sala reservada em cima do clube noturno Hollywood's Roxy. Entre os presentes na festa estavam seu irmão, Chris, os atores Harry Dean Stanton, David Keith, Tom Cruise e Robert Duvall. A stripper "Gatinha" Natividad, contratada para animar a festa, recorda: "Aqueles caras estavam muito bêbados. Divertiram-se a valer. Mas Sean não estava caindo pelas tabelas, nada do tipo. Até que falava coisas com sentido. Mais ou menos".

Sean contou a seu amigo Isaac Benson, também presente na festa: "Cara, não sei se posso ir até o fim com essa coisa toda".

"Você a ama?", perguntou Benson.

"Droga, é claro que a amo", disse, dando um gole numa cuba libre. "Mas a gente vai fazer um ao outro em pedaços. Somos como uma bomba nuclear quando estamos juntos, cara. Como uma bomba nuclear."

"Então talvez você não devesse se casar com ela", sugeriu Benson.

"Ah, sei. E daí o que acontece?", perguntou Penn, erguendo uma sobrancelha. "Ela me mata por embaraçá-la na frente do mundo inteiro, é isso que acontece. De jeito nenhum", decidiu, após brindar com uma cerveja. "Eu a amo. Então, vou me casar. Que Deus me ajude. Olhe, se a coisa toda for por água abaixo", ele sugeriu, tentando ser otimista, "pelo menos ainda terei o cinema, certo?"

Então, os dois amigos brindaram às futuras núpcias. "Felizmente, ninguém vai saber onde será o casamento", disse Sean. "É a vontade de Madonna. Uma

cerimônia agradável e tranquila."

O remake de Apocalypse Now

APARENTEMENTE, SEAN PENN ACREDITAVA de verdade que Madonna desejava "uma cerimônia agradável e tranquila", cujo local era um segredo guardado a sete chaves, ainda que tal conceito estivesse em desacordo com tudo que todo mundo achasse saber sobre a superstar ávida por publicidade. Não havia endereço, local ou telefone gravados nos convites, escritos por seu irmão Martin e impressos em papel rosa-choque. ("Por favor, compareça à festa de aniversário de Sean e Madonna. A comemoração terá início às seis da tarde. Por favor, seja pontual ou perderá a cerimônia de casamento". Os relacionados na seleta lista perceberam que a noiva faria 27 anos no dia do casamento e o noivo, 25 anos um dia depois.) Os convidados seriam informados do local com um telefonema em sua casa ou hotel menos de 24 horas antes da cerimônia.

Apenas empregados indispensáveis ao serviço de comes-e-bebes, a firma de aluguel de mobiliário para festas e o florista ficariam cientes do local da cerimônia. Os motoristas de entregas receberiam o endereço somente quando seus caminhões estivessem carregados e prontos para partir. Além disso, haveria gente supervisionando os caminhões para se certificar de que nenhum motorista iria parar no meio do caminho para telefonar e dar uma dica (em troca de alguma grana) para gente da imprensa sobre o que estava acontecendo e onde.

É claro que não demorou nada para se espalhar a notícia de que o casamento de Penn e Madonna seria ao ar livre na supervisível Point Dume, Malibu, na propriedade no alto da colina do empresário do ramo imobiliário Don Unger, em 16 de agosto de 1985, às seis da tarde.

Quatro dias antes, o casal tirara uma licença de casamento. Sean Penn registrou como seu nome do meio "Justin", nascido em 17 de agosto de 1960. Domiciliado na época no número 6.728 de Zumirez Road, em Malibu. Curso médio completo. Seu pai estava registrado como Leo Penn, mãe, Eileen Annuci. Ocupação: ator.

Madonna preencheu o mesmo endereço de Sean — estavam vivendo juntos na época. Ocupação: artista.

Dias antes da cerimônia, houve um bocado de bate-boca áspero, pois Sean não queria assinar um acordo pré-nupcial. Os representantes de Madonna

estavam inflexíveis quanto ao fato de que ela não deveria se casar sem primeiro ter firmado um acordo com seu noivo, e a atormentaram até que finalmente — e, pode-se especular, com hesitação — pediu a Sean que o assinasse. Ele foi inflexível e disse que não faria aquilo. "Para mim, era o mesmo que assinar uma garantia de morte no casamento", explicou anos mais tarde. Provavelmente sabia que o pedido não vinha da própria Madonna, mas de advogados e empresários (a quem ele mais tarde se referiu como "um bando de idiotas patéticos que me acusavam de querer dinheiro, de querer dar um golpe do baú em Madonna. Era completamente ridículo, e me deixou muito puto"). Sean deve ter se dado conta rapidamente do que estava reservado para ele no papel de marido de Madonna. "Ela se tornou uma megacorporação de uma pessoa só", disse, "e todas aquelas pessoas estavam diariamente ao telefone falando com ela, certificando-se de que eu não estava atrás de dinheiro, como se não tivesse minha própria carreira. Bando de retardados."

"Olhe, Sean, assine logo a porra dos papéis", disse-lhe Madonna diante de um de seus advogados.

"Vá se foder, Madonna", ele disse, amargo. "Não assino nada."

"Então não vai haver casamento", ela disse.

"Tudo bem", ele disse, "então vá se foder."

"Eu não", ela devolveu, "vá se foder você, Sean."

"Eu não", ele respondeu, "vá se foder você, Madonna."

E assim foi...

No final, após toda gritaria e berreiro, Sean não assinou um acordo pré-nupcial. Os planos para o casamento foram finalizados, embora para alguns observadores parecesse que aquelas duas pessoas mal se aturavam uma à outra, que dirá amar uma à outra. Não havia muita cordialidade entre eles.

Sean era distante; Madonna, indiferente. Parecia que um aborrecia o outro. Mas ainda assim o casamento estava de pé. Talvez em seus momentos mais tranquilos a sós, longe das vistas do público, compartilhassem algo de que ninguém mais tivesse consciência, algo que interpretassem como amor e confiança genuínos: os fundamentos de uma vida em comum.

Simplesmente não havia a menor possibilidade de assegurar que a notícia da cerimônia de casamento não iria vazar de alguma forma, a despeito das "precauções". Alguns amigos de Madonna disseram em tom de brincadeira que Madonna provavelmente esgueirou-se para um dos quartos de visitas e chamou ela mesma o National Enquirer. Em questão de uma hora, parecia que praticamente todo repórter de tabloide na região de Los Angeles — mais de uma centena, no mínimo — estava reunido diante da propriedade de 6,5 milhões de dólares de Don Unger, planejando de que maneira chegar mais perto,

subornando empregados do serviço de bufê para tentar se esgueirar pela propriedade.

Representantes dos principais veículos da mídia faziam acordos com moradores da vizinhança para alugar casas nas proximidades, a fim de instalar câmeras com lentes poderosas para obter fotografias exclusivas.

A cerimônia de casamento — completada por uma lista de convidados na maioria célebres que somavam mais de duas centenas de pessoas (incluindo Andy Warhol, Tom Cruise, David Letterman e Cher) — revelou-se um fiasco público retumbante. A imprensa não havia apenas feito um cerco à propriedade; repórteres pendiam das árvores. Um pouco antes, Sean tentara convencer Madonna a permitir algumas fotos rápidas em particular, apenas para deixar vazar parte do calor do evento, mas Madonna se recusou a uma photo op do gênero.

No início, os helicópteros ficaram a cerca de 150 metros de altura do casamento. Contudo, assim que Madonna pôs os pés para fora da casa, eles se aproximaram perigosamente do chão, soprando os cabelos das convidadas com a força de suas hélices. Amaldiçoando tudo aquilo, Sean Penn correu ao longo dos muros da mansão com um revólver, atirando nos oito helicópteros que pairavam acima. Madonna parecia atordoada. A expressão de puro ódio estampada na face amargurada do noivo deve ter sido uma visão terrível. "Eu teria exultado em ver um daqueles helicópteros explodir e os corpos lá dentro queimar", ele declarou. "Aquelas não eram pessoas para mim. Nunca apontei uma arma de fogo para nada que eu considerasse uma forma de vida."

"Então eu percebi", iria se lembrar Madonna anos mais tarde, "que minha vida nunca mais seria a mesma."

Madonna parecia atônita em seu vestido de noiva sem alças branco (!) de 10 mil dólares (criado pela desenhista da turnê "Like a Virgin", Marlene Stewart), de braços dados com seu pai, Tony, que a conduzia ao altar. Por algum motivo estranho e desconhecido, sob seu véu — que ela precisava segurar com as mãos para impedir de sair voando —, Madonna usava um chapéu de aba preta, que ocultava seus cabelos presos no alto da cabeça. Sean vestia um paletó Gianni Versace trespassado com duas fileiras de botões, de 695 dólares. Sua gravata estava torta e seu rosto marcado pela barba feita com descuido.

Com seus vestidos longos esvoaçando, as convidadas gritavam enquanto Madonna gesticulava com os punhos furiosamente em direção aos helicópteros. "Bem-vindos ao remake de Apocalypse Now", dizia Sean Penn aos convidados. Então, o noivo e a noiva, irados, gritaram seus votos de fidelidade para o juiz de Malibu John Merrik, elevando a voz acima do rugido das hélices. No meio do "eu aceito", Madonna ergueu o dedo do meio. Sean permaneceu o tempo todo

com a cara amarrada.

A cerimônia durou cinco minutos, durante a qual o casal trocou alianças de ouro puro. Penn então ergueu o véu da noiva e, ao som de Carruagens de fogo, a beijou, enquanto os convidados aplaudiam de pé. Pouco depois, numa sacada alguns metros acima dos convidados, Sean brindou à "mulher mais linda do mundo". Então, deveria tirar a liga feita sob encomenda de setecentos dólares de sua esposa. Delicadamente, Madonna ergueu o vestido para que Sean a encontrasse. Porém, de modo indelicado, Sean desapareceu completamente sob as ondas de saias, fingindo se debater e ter dificuldade em achar a liga. Enfim apareceu com a peça. Madonna, com os olhos cintilantes, atirou-a para a multidão, onde foi apanhada por sua irmã Paula, que também havia sido sua dama de honra. (Ela deu a liga de presente para a jovem filha do empresário de Madonna.) A ceia de casamento — lagosta com creme branco, espadarte e acompanhamento de salada mista — foi então servida sob uma larga tenda, armada (é claro!) no jardim frontal da mansão, preparada pelo chef de Los Angeles (e dono do famoso restaurante Spago) Wolfgang Puck. Três balcões de bar abarrotados de bebidas, cada um com 2,5 metros de comprimento, mantinham os convidados distraídos do ruído contínuo dos helicópteros acima. Não havia banda ao vivo na recepção do casamento — para grande divertimento de alguns convidados, como Cher, que usando uma espetada peruca púrpura-choque, exclamou: "O quê?

Ela não tem dinheiro para pagar por som ao vivo? Temos de ouvir música gravada? Isso posso ouvir em casa! E sem helicópteros!".

Na recepção, Madonna dançou com os convidados ao som de Prince e Michael Jackson. Enquanto isso, Sean parecia taciturno e deprimido, como fora em sua despedida de solteiro.

Mais tarde, agindo como se estivesse com o humor azedo, Madonna chamou o casamento de "um circo", como se isso fosse algo ruim — algo com o qual ela não contava.

"Eles que se danem", disse a um amigo sobre a intrusão da imprensa. "Vão todos se foder no inferno por arruinar meu dia especial."

"Sério?", perguntou a pessoa. "Você não esperava que tudo isso acontecesse?"

"Eu não disse isso", Madonna respondeu, sem graça. "Mas eles que se danem, de qualquer jeito", concluiu, com um sorriso. (Mais tarde, demonstrando seu senso de humor em relação à cerimônia, ou o fato de que na verdade não estava assim tão contrariada com o rumo que as coisas tomaram, satirizou hilariamente o ocorrido num esquete do Saturday Night Live.) Na verdade, Madonna encenara o evento de imprensa supremo. "O que pode ser melhor do

que ganhar a capa da Time, da People, da Life e de tudo quanto é revista", disse seu irmão, Martin Ciccone. "Era tudo calculado. Ela é um gênio do marketing, disso não há dúvida."

"Achei a cerimônia adorável", observou seu pai, Tony, quinze anos mais tarde. Provavelmente, apenas um pai seria capaz de não tomar conhecimento daquele tumulto a fim de ver a beleza de sua filha, vestida de branco, casando com o homem de seus sonhos. Ele se recordou que, pouco antes de se casar com Sean, Madonna perguntou-lhe: "Está orgulhoso de mim, pai?"

"Sempre tive orgulho de você", ele disse.

"Pai, isso não é verdade", ela disse. "Seja honesto comigo pelo menos uma vez na vida."

"Mas por que não acredita simplesmente que tenho orgulho de você?", ele perguntou.

Tony se lembraria mais tarde que Madonna tinha lágrimas nos olhos quando respondeu: "Porque você nunca quis nada disso para mim. Não queria nem que eu fosse dançarina, muito menos o que me tornei. Queria apenas que eu ficasse em casa, fosse à faculdade, me casasse e tivesse filhos."

Era difícil para Tony compreender as razões para que sua filha dissesse aquilo. Embora fosse verdade que quisesse que Madonna frequentasse a faculdade, simplesmente nunca mostrou tanta indiferença por sua carreira quanto ela repetidas vezes alegara. Era claro que alguma coisa estava errada, que Madonna tinha sentimentos de raiva em relação ao pai devido a algum outro motivo. No entanto, como pai e filha nunca comunicaram de verdade as emoções de maneira direta e honesta, a real fonte de ressentimento de Madonna contra Tony iria permanecer sem vir à baila.

"Bem, você está se casando agora, não está?", Tony Ciccone concluiu. "Isso conta alguma coisa, não?"

Nas malhas de Shangai

Após O CASAMENTO, os recém-casados se mudaram para uma villa em estilo espanhol no alto de uma garganta, em Malibu, com uma impressionante vista do mar. A propriedade escolhida por Sean Penn esparramava-se por vinte hectares; colinas circundantes a protegiam de fotógrafos indiscretos. Para ficar ainda mais a salvo, Penn chamou alguns construtores e mandou erguer um muro em torno da propriedade, encimado por lanças. "Também teremos umas torres de tiro", disse Sean Penn, meio brincando (mas não muito).

Abrigada em seu paraíso seguro, Madonna então tentou levar a vida de mulher casada, até mesmo fazendo tentativas meio a contragosto de se desincumbir do trabalho doméstico. Sean ficava atarantado ao chegar em casa com amigos e encontrar a rainha do pop lavando pratos. Rindo, apresentava a esposa de esponja na mão como uma das mulheres mais ricas dos Estados Unidos.

Como a maioria dos jovens casais, os Penn tiveram sua cota de desafios do primeiro ano. É claro que a diferença entre eles e a maioria de outros casais é que sua relação se dava diante dos olhos do público. Como eram provavelmente o casal jovem mais famoso do mundo, suas discussões — muitas das quais ocorriam na frente de estranhos, longe da privacidade do lar — sempre deram matéria para manchetes bombásticas. Jovens, glamourosos e chamativos aos olhares — além de imprevisíveis em todos os sentidos —, eram constantemente seguidos pela imprensa, bisbilhotados em restaurantes e noticiados quando começavam a gritar um com o outro em público, o que parecia ser um fato comum. Madonna, acostumada com a atenção e até mesmo a flertar com ela, parecia tirar os olhares de letra. "Bem, alguma invasão era de esperar", disse, "como por exemplo as pessoas andando em sua direção na rua.

Mas eu ponho um ponto final nisso quando vou para casa. Muita gente chega aos portões da propriedade para tocar a campainha, querendo nos ver. Acho que pensam que vamos convidá-los para uma xícara de chá ou coisa parecida." Essas intromissões levavam Sean Penn e seu tenaz amor à privacidade ao desespero. Em uma entrevista, ele observou com desprezo: "Eu odeio isso, odeio essa gente, odeio toda essa merda".

Nessa época, Sean considerava várias ideias que o levariam a fazer dupla com Madonna em um filme. Ela desejava ser uma estrela de cinema; ele já era uma. Parecia natural que a ajudasse a atingir seu objetivo. No final, os dois embarcariam no filme do Beatle George Harrison, Shangai Surprise (Surpresa em Shangai). O filme — sobre uma missionária na China — parecia condenado desde o início. O roteiro era malfeito e logo que as filmagens começaram (Madonna e Sean tiveram de viajar até a Ásia para a produção) os Penn passaram a fazer mudanças na história. No início, tinham muita fé no diretor, mas logo começaram a desprezá-lo.

"Tínhamos o roteiro errado, o diretor errado [Jim Goddard] e as estrelas erradas", disse George Harrison sobre o filme. A respeito do casal central, ele disse: "Nem me pergunte".

Havia também problemas fora do set, com os Penn continuamente envolvidos em batalhas quase diárias com a imprensa. Embora os dois fossem estrelas muito bem remuneradas que se apoiavam no interesse e no apoio do público como meio de subsistência, Sean Penn parecia determinado a manter a si e sua esposa longe da mídia, ele, brigando e cuspindo nos repórteres e fotógrafos, ela, olhando de soslaio, sorridente e parecendo mergulhada em pensamentos. Os dois ganharam o apelido de os "Brigões Penn" já na época em que viajaram a Londres ainda para as filmagens de Shangai.

De volta aos Estados Unidos com o filme terminado, e contra um pano de fundo de raiva e hostilidade — de um contra o outro e dos dois contra o mundo —, o casal compareceu à première do último filme de Sean, At Close Range — Caminhos violentos (para cuja trilha Madonna escreveu e gravou a canção intitulada "Live To Tell"). Na première, Madonna apresentou seu novo visual de menina travessa: cabelo curto, maquiagem leve e um vestido preto curto. Quando caminhavam apressados para dentro da sala de exibição, um repórter perguntou a Penn: "Sua vinda aqui esta noite tem algo a ver com uma tentativa de consertar as coisas com a imprensa? Você está aqui hoje em parte por isso?". Sean parou. Olhou com desgosto para os fotógrafos posicionados em busca do melhor ângulo. Enquanto isso, Madonna dava largos sorrisos... assim... agora assim... agora, de novo, assim... para as câmeras apontadas em sua direção. Em torno dela, os fãs acenavam e aplaudiam. "Para a imprensa que me ataca", Sean anunciou de repente, enquanto sua esposa devorava a atenção, "eu digo: vão se foder."

Considerando a comoção e o interesse em torno do casal que o estrelava, a verdadeira surpresa de Surpresa em Shangai foi que não despertou o interesse de ninguém.

A Rolling Stone declarou-o "o primeiro fracasso de Madonna", depois que o

filme de 17 milhões de dólares arrecadou embaraçosos 2,2 milhões de dólares. O produtor George Harrison culpou Penn e Madonna pelo fracasso. Suas duas principais estrelas recusaram-se a dar alento às bilheterias anêmicas ao deixar de fazer qualquer publicidade para ele, e Madonna chegou até a falar mal do filme. "O diretor não conseguiu descobrir o que estava fazendo", ela reclamou. "Estávamos num barco sem capitão e tenho certeza de que o filme mostra exatamente toda a miséria em que havíamos mergulhado nesse trabalho..."

"Eu havia acabado de me casar", diria anos depois sobre Surpresa em Shangai. "Era tudo muito novo para mim, e meu ex-marido meio que impunha sua maneira de ver em todo o projeto. Como eu tinha todo aquele fascínio por ele, deixei-o tomar um monte de decisões que não deveria ter deixado. Eu estava tão verde. De repente me vi no meio de uma situação em que me sentia totalmente intimidada e fora de controle, sem saber o que estava acontecendo, e isso não foi nada legal."

Sobre George Harrison, ela afirmou: "É um cara meigo e de má sorte sem uma gota de maldade no corpo".

Sean foi direto sobre a experiência, contando a David Rensin, da Playboy: "[Durante a filmagem] eu disse simplesmente: 'Estou cagando'. Apenas fiquei bêbado a maior parte do tempo. Estava tão puto e preocupado com outras coisas que foi a única vez em que fiz um filme somente pelo dinheiro".

Os amigos notaram que o fracasso do filme marcou o início do comportamento dividido de Madonna em relação ao seu casamento com Penn. "As brigas eram incessantes", conta Todd Barash, amigo de Penn na época. "Ela continuou até o fim, acho, porque pensou que devia haver um lado 'pra cima' no filme. Mas quando ele afundou, começou a se perguntar o que estava fazendo casada com um cara temperamental que odiava publicidade."

O que Sean não sabia na época — mas descobriria muitos anos depois — é que Madonna frequentemente mandava seus assessores de imprensa avisar a mídia a tempo de cobrir um jantar ou cinema que o casal houvesse planejado. Então, quando chegavam a seu destino e viam-se cercados de fotógrafos, Madonna agiria como se estivesse mortificada.

"Meu entendimento da direção pela qual Madonna estava optando era um desentendimento", contou Sean Penn a David Rensin, escolhendo cuidadosamente as palavras. "E o imenso grau de exposição aos holofotes pelo qual ela estava optando, e sendo cooptada, não era algo que eu tivesse visto nas cartas. Aí estava a surpresa, uma surpresa das grandes. A ideia começou a passar pela minha cabeça pouco depois que fomos viver juntos, mas então havia o coração envolvido, você não vai embora só porque existe uma pequena dificuldade. E você não sabe quanto certas coisas vão durar. Aquilo talvez

passasse, talvez se neutralizasse por si mesmo."

"Quando tudo explodiu numa altercação física entre Sean e a mídia, ela direcionou sua fúria contra ele", disse Todd Barash. "Eu estava na casa deles um dia depois de Sean ter cuspido num repórter, e ele ainda estava encolerizado com o incidente. Andava de um lado para o outro, e em certo momento disse: 'O que eu não entendo é como esses filhos-da-puta sabem de cada movimento nosso. Em todo lugar que a gente vai, tem um mar de câmeras, caralho!'."

Madonna estava preocupada com alguma outra coisa, de joelhos, organizando livros numa estante pequena ("Eles têm de estar em ordem alfabética", disse, "ou então como vamos encontrar qualquer coisa?") quando comentou em voz baixa: "Bem, olhe quem somos nós". O tom de sua voz era distante e enfastiado, como se houvesse dito aquelas palavras para Sean inúmeras vezes no passado. "Somos celebridades, Sean. As pessoas tiram fotos nossas. Por que tanto drama?"

Segundo Barash, Sean voltou-se para Madonna. De pé diante dela, com o rosto subitamente escarlate, gritou: "E você adora isso, não adora, Daisy? [Seu apelido para ela era "Daisy Cobb", que havia tatuado no dedão do pé.] Nunca é o bastante para você, não é? Tanto faz se isso interfere com nossas vidas".

Como não era do tipo que corria de uma boa briga, Madonna ficou de pé e o encarou. Imediatamente pareceu tremer de raiva; nunca levava muito tempo para atingir o nível de Sean. "Olhe, eu dei duro para chegar a um lugar onde as pessoas se importam comigo, então foda-se, quero aproveitar cada momento disso.

E daí? É melhor se acostumar ou então caia fora, porra!"

"Um dia desses você vai ter de escolher", Sean replicou, encarando-a. "Ou eu, ou eles."

Com os olhos chispando, Madonna agarrou o braço de Sean, enterrando suas unhas na pele dele. Com um movimento brusco ele se desvencilhou, gritando: "Nossa, Madonna!".

Então, ergueu a mão. Por um momento, parecia que iria esbofeteá-la. Só que em vez de recuar, Madonna deu um passo à frente, como que o desafiando a bater em sua cara.

Talvez porque houvesse uma testemunha presente, Sean respirou fundo e sacudiu a cabeça. "Sua vagabunda", disse, massageando o braço. "Estou sangrando, olhe só."

Ignorando o pequeno ferimento, Madonna semicerrou os olhos e abriu a boca para dizer algo, mas então se deteve. Devolveu seu olhar furioso fuzilando-o, sem piscar.

De repente, o clima mudou. Madonna aproximou-se de lado de Sean e correu

seus dedos pelo rosto dele. Depois, acariciou seu pescoço. "Desculpe, Sean", disse. "Eu escolhi você, não eles. Sempre vou escolher você." Seu tom de voz baixou para um sussurro confidente, com maneiras inesperadamente conciliatórias, e ela disse algo em seu ouvido. O rosto dele iluminou-se com um sorriso. E se abraçaram.

True Blue

Alguém já disse que o terceiro álbum é na verdade o mais importante na carreira de um artista. Regra geral, as gravadoras não são dirigidas por pessoas lá muito sentimentais. Se um selo pede a um artista que grave um terceiro disco, na maioria das vezes é apenas pelos dois anteriores terem sido um sucesso, não por um sentimento de dívida ou lealdade. O álbum de estreia que consegue um público cria a necessidade de um segundo álbum, que então serve para alimentar um apetite recém-adquirido.

O papel do terceiro disco, contudo, é traiçoeiro e não tão facilmente identificável. Quando chega a hora do terceiro, o artista pode simplesmente dar a seu público mais do que descobriu nos dois álbuns anteriores e se arriscar a entediá-lo, ou explorar um novo território musical e se arriscar a perdê-lo. Ou então o artista pode fazer o que Madonna fez com True Blue em 1986: desenvolver o tema musical que já havia estabelecido antes de uma forma tão honesta e criativa que os resultados reflitam de fato crescimento e maturidade musicais legítimos. Ela estava ganhando muita atenção, graças ao modo como se aproveitava de Sean Penn. Contudo, a vida para Madonna não era feita só de manchetes, ela queria conhecer gente, também. Era uma artista, não uma caricatura de tabloide, embora às vezes fosse reconhecidamente difícil para parte de seu público conciliar as duas.

Ao criar as músicas que foram incluídas em True Blue, Madonna voltou-se uma vez mais para Steve Bray, que obviamente conhecia os gostos musicais de sua ex-namorada muito bem, em parte porque na verdade era ele quem ajudava a desenvolvê-los. E é claro que ela, por sua vez, conhecia as capacidades musicais dele, e por isso o procurou quando quis criar canções rápidas com uma clássica sensibilidade comercial das Top 40.

O outro colaborador de Madonna no álbum era o tecladista e compositor Patrick Leonard. Leonard havia colaborado com ela em "Live To Tell". Satisfeita com o resultado da música, decidiu que Leonard seria um ótimo novo parceiro musical com quem trabalhar. Na maior parte, Madonna trabalhou com Bray e Leonard separadamente, tendo as três mentes se encontrado apenas em uma faixa.

Dava para perceber que True Blue era um veículo para o crescimento de Madonna simplesmente olhando a arte da capa. A foto colorida desbotada de Madonna com a cabeça jogada para trás e os olhos fechados numa sedutora meditação deixa algo em aberto, especialmente se comparada com poses mais sensuais com as quais havia sido associada no passado. Do lado de dentro, o álbum não traz nenhuma fotografia, mostrando apenas as letras das canções e os créditos da produção, um indício de que Madonna talvez quisesse ser reconhecida mais pelo seu trabalho apenas.

"Papa Don't Preach", a faixa de abertura do álbum, começa com um curioso arranjo de cordas feito em sintetizador, que soa como música clássica e que dá lugar a uma batida forte e urgente. A canção foi escrita por Brian Elliot, com letras adicionais de Madonna. Deve ter sido incrível para um compositor desconhecido como Elliot atender um dia o telefone e ouvir que Madonna queria gravar uma de suas canções. Ainda que ela adicionasse alguns versos, segundo os créditos não ganharia nem mesmo um centavo dos lucrativos percentuais de direitos.

A canção conta a história de uma garota que descobre que está grávida e insiste com o pai severo que vai "ter o bebê" e se casar com o jovem namorado. (O cerimonioso arranjo do início da música pode ter sido idealizado especificamente para simbolizar a autoridade paterna rigorosa e protetora.) "Papa Don't Preach", produzida por Madonna e Bray, conseguiu contar uma história dramática na tradição consagrada das canções trágicas das Top 40 criada na década de 1960 — como "Love Child" e Tm Living In Shame", de Diana Ross and the Supremes, ou as canções tristes do artista pop-country Bobbi Gentry, como "Ode To Billie Joe" ou "Fancy" (mais tarde regravada pela cantora country Reba McEntire). Esse tipo de canção em geral tratava de pessoas da classe trabalhadora às voltas com circunstâncias simples porém dramáticas, fazendo o ouvinte sentar-se ansioso na beira da poltrona enquanto acompanhava a história, à espera de um final feliz. Madonna foi recompensada por sua destreza em gravar uma história tão interessante — "Papa Don't Preach", o primeiro single de True Blue, chegou ao primeiro lugar das paradas pop. ("Live To Tell", também incluída no álbum, chegou ao topo antes de "Papa", mas nas paradas de trilhas sonoras.) Antes até mesmo de "Papa Don't Preach" ser lançada, Madonna advertiu a mídia que a canção iria suscitar controvérsia, anunciando que era "uma canção com uma mensagem, que todo mundo vai interpretar da maneira errada". A onda de publicidade predita por Madonna ocorreu, é claro, mas de uma forma que deve tê-la surpreendido. Grupos conservadores como Planned Parenthood ("paternidade planejada"), que antes haviam se pronunciado contra a imagem de Madonna, agora a aplaudiam pelo que consideravam ser uma canção

antiaborto. Ao mesmo tempo, liberais que eram a seu favor atacaram-na. Outros grupos, como o NOW, atacaram a canção por sua (na visão deles) complacência com a gravidez precoce. As revistas a punham na capa exibindo chamadas como "Papai deve fazer sermão?" ou "A canção de Madonna encoraja a gravidez na adolescência".

Depois desses dois singles mais sérios, Madonna e a Warner Bros. Records desanuviaram as coisas para os fãs lançando a faixa-título do álbum, "True Blue", uma das duas faixas (a outra era "Jimmy Jimmy") divertidas e despreocupadas do projeto, escrita e produzida por Madonna e Bray, com um toque retro estilo anos 50. "True Blue" ascendeu ao terceiro lugar das paradas pop, abrindo o caminho para outro primeiro lugar de Madonna, uma produção grandiosa com ares de hino de Leonard para uma canção que ele mesmo escreveu (junto com Gardner Cole e Peter Rafelson): "Open Your Heart".

Madonna talvez não entre para os anais da história da música pop por ter sido a maior cantora com discos gravados. Sua voz, contudo, certamente será notada por sua qualidade emocional. A sua própria maneira, Madonna cantou "Open Your Heart" de modo tão convincente quanto Aretha Franklin cantou "Respect", de forma tão sentida quanto Barbra Streisand cantou "A House Is Not A Home". A música não poderia fazer outra coisa a não ser chegar ao topo das paradas. Era uma canção que as pessoas podiam compreender e na qual podiam se agarrar, que é o que torna uma canção pop memorável — quando o público a adota e a aplica em todas as situações de seu dia a dia.

Mas a menina dos olhos de True Blue acabaria sendo outra colaboração com Leonard (e Bruce Gaitsch), a exótica "La Islã Bonita". Uma encantadora e animada canção de temática espanhola com uma melodia igualmente encantadora, "La Islã Bonita" era diferente de todas as outras canções que Madonna já havia composto ou gravado antes, com uma levada caliente capaz de esquentar até mesmo a produção com sintetizadores. Essa faixa romântica chegou ao quarto lugar das paradas pop.

(A música da canção, composta por Leonard, foi originalmente pensada para Michael Jackson, mas ele a rejeitou.) True Blue era completado pelo balanço dinâmico de "Where's The Party", uma reminiscência de suas raízes em pistas de dança, que acabaria sendo a única faixa produzida coletivamente por Madonna, Bray e Leonard, a açucarada "Love Makes The World Go Round" e a vivaz "White Heat" (dedicada à lenda das telas James Cagney).

Para o clipe de "True Blue", Madonna saiu-se com um novo visual— mais magra e loira do que nunca. Sempre buscando maneiras de se aprimorar, havia contratado um personal trainer para ajudá-la em um programa de exercícios extenuante. Com seu treinador e seguranças a reboque, corria dezesseis

quilômetros por dia, a despeito do tempo, através de colinas quando estava em Los Angeles e pelo Central Park quando estava em Nova York. Depois de correr, continuaria seu regime de exercícios malhando mais uma hora. Também levava a dieta a sério, adotando um menu estritamente vegetariano com massa e frutos secos, e nada de junk food. Devido a sua árdua programação, seu personal tentava manter sua alimentação numa base de proteínas e carboidratos.

No final, True Blue, que chegou ao primeiro lugar da parada de discos da Billboard e se tornaria o álbum de Madonna mais bem-sucedido internacionalmente (vendendo 5 milhões de cópias só nos Estados Unidos, e outras 30 milhões no resto do mundo), não era assim tão bom. Uma artista menos interessante talvez não sobrevivesse a ele. Nem o estruturado trabalho de percussão do lendário Paulinho da Costa era capaz de ajudar a identidade musical do disco a se elevar acima do som frio e sintético tão típico das "gravações de bateria eletrônica" da época. Contudo, muitas de suas canções mostravam considerável crescimento artístico e coragem da parte de Madonna, mantendo o fenômeno Madonna musicalmente em alta.

Problemas no "Paraíso"

EM MEADOS DE 1986, A CARREIRA DE Madonna, então com 28 anos de idade, ia de vento em popa, sendo um sucesso monumental; ela não poderia estar mais satisfeita com os resultados de True Blue — artísticos e comerciais. A vida pessoal, porém, não ia tão bem; seu casamento estava ainda mais deteriorado. O casal parecia discutir sobre tudo, incluindo a recusa dela em fazer o teste do vírus HIV. Nessa época, sabia-se muito pouco sobre o vírus do HIV e havia muita discussão sobre os prós e contras de fazer o teste. Atualmente, Madonna— uma ativista da aids— na certa sugeriria que uma pessoa sexualmente ativa deve fazer o teste do vírus HIV com frequência.

Mas em 1986 ela parecia tão confusa sobre os perigos mortais do vírus quanto o restante da população.

"Mas por que eu deveria fazer o teste?", perguntou a Sean diante de duas pessoas de sua gravadora. Estava se preparando para umas tomadas de teste com o guarda-roupa que seria usado em um novo videoclipe. Contrariada, penteava com os dedos seu novo cabelo platinado. "E se eu for positiva?", perguntava. "E então? Estou morta, certo?"

"Bem, se você for positiva, então pelo menos eu vou saber, não é?", disse Sean, claramente irritado com ela.

"O que você está dizendo, então?", pressionou Madonna. As duas testemunhas presentes ficaram mais desconfortáveis com a briga. "Está dizendo que não vai fazer amor comigo se eu for portadora do vírus?"

"É, porra, é isso que estou dizendo."

Madonna sumiu. Poucos minutos depois, reapareceu vestindo um espartilho preto de bojo dourado amarrado firmemente nas costas, meias arrastão e salto alto. Estava chocante. Sempre conseguia fazer com que os trajes mais vulgares parecessem algo de classe. Uma assistente saiu carregando o que parecia ser um casaco de imitação de leopardo da estilista Norma Kamali. "É o que você quer?", ele lhe perguntou, com o tom hesitante. Madonna o ignorou.

"Bom, então é mais uma razão para que eu não faça o teste", disse Madonna, pinçando o argumento como se jamais houvesse deixado a sala.

Sean Penn parou para olhar por um momento para sua esposa em seu guarda-

roupa incomum, quem sabe admirando sua elegância, seu ar indefinível, seu estilo impecável.

Ela também o estudou. Então, sem desviar o olhar, Madonna estalou os dedos duas vezes. Uma auxiliar correu em sua direção e enfiou um cigarro recém-aceso entre seus lábios. Madonna deu uma tragada e soprou a fumaça. Sean sorriu. "Esta é minha mulher", disse, abandonando a fútil discussão de uma forma tolerante.

"Ah, vá se foder, Sean", disse Madonna com o canto da boca.

"Vou", ele murmurou, "mas só depois de você fazer o teste."

No início de 1986, a epidemia bateu a sua porta quando o artista Martin Burgoyne, um bom amigo e antigo colega de quarto de Madonna em Nova York, foi diagnosticado com aids. Madonna ficou arrasada. Pouco antes, como surpresa, Sean fizera Martin e Erica Bell virem de avião de Nova York a Malibu para a festa de lançamento do clipe "Papa Don't Preach". Madonna notou na mesma hora que Burgoyne não estava bem. Poucas semanas depois, ele lhe telefonou e transmitiu as trágicas novas.

"Ela estava consternada", afirma Melinda Cooper. "Daquele dia em diante, toda vez que o nome de Martin era mencionado, começaria a chorar de repente. Alugou um apartamento para ele na rua 12, assim poderia ficar mais próximo do St. Vincent Hospital, onde estava recebendo tratamento. Também resolveu arcar com as despesas médicas, que chegaram a mais de 100 mil dólares."

Num esforço desesperado de salvar Burgoyne, Madonna pediu a Sean que voasse até o México para comprar uma droga experimental que havia por lá e que não estava disponível nos Estados Unidos. Tinha esperanças de que a droga "curaria" seu amigo. Claro que não curou. Martin, de apenas 23 anos, morreu em novembro de 1986, na véspera do dia de Ação de Graças. No leito de morte, Madonna segurou sua mão até ele morrer. Pagou 4 mil dólares pelo serviço funerário.

Sean fez o possível para consolar Madonna após a morte de Martin, demonstrando um lado terno e amistoso. Contudo, seus frequentes ataques de ciúme tornavam-se um problema sério.

Um dos primeiros sinais de que o temperamento às vezes violento de Sean podia se dirigir não só a fotógrafos como também a sua própria esposa apareceram antes do casamento, quando ele soube que ela andara saindo com Prince. Uma discussão sobre o rock star resultou em um buraco na parede, com o soco desferido por Sean. Desde então Madonna afirmava que estava pasma e atemorizada com o incidente. "Foi então que vi pela primeira vez aquele aspecto demoníaco", disse. "Eu deveria ter imaginado que haveria problemas."

Mas a assistente de Freddy DeMann, Melinda Cooper, lembra-se de uma

história diferente. "Fui ao apartamento dos dois um dia a fim de pegá-la para uma sessão de gravação, e havia um enorme buraco na parede", conta. "Então perguntei a Madonna o que tinha acontecido."

Madonna narrou a história como se estivesse recontando o enredo de uma telenovela picante. "Ai, meu Deus, Melinda", disse ela. "Sean descobriu sobre mim e Prince, e tivemos essa briga incrível. Eu lhe disse, vá se foder, que eu podia fazer o que bem entendesse. Ele ficou maluco, saiu de casa e bateu a porta. Então, entrou de novo", continuou, sem tomar fôlego, "e juro por Deus, Melinda, estava tão puto comigo que deu um soco na parede e abriu este buraco. Olhe só! Não é demais?"

"Demais?", perguntou Melinda, examinando o buraco. "Madonna, isso não é demais, é assustador."

"Do que você está falando?", disse Madonna com entusiasmo. "Quer dizer, imagine quanto uma pessoa precisa amar a outra para abrir um buraco na parede como este."

(Cerca de dois dias depois, Madonna telefonou para Prince e disse-lhe para vir até sua casa e arrumar aquele buraco, "pois você é o responsável, afinal de contas".

Como ela pediu, Prince apareceu com massa de reboco e o fechou.) Agora que estavam casados, Madonna não achava os rompantes de ciúme de Sean "demais". Quando ficava nervoso, ele pegava uma de suas armas e a esvaziava atirando em coelhos e pássaros. Dava voltas em torno da casa com uma calibre 22 carregada enfiada na parte de trás das calças, o que parecia aos preocupados amigos dela, senão à própria Madonna, uma forma de abuso emocional.

Um amigo íntimo de Sean recorda o que ocorreu em uma festa na casa deles. "Estávamos na piscina. Sean havia bebido um pouco demais, e Madonna também. Tinha um cara lá que não tirou os olhos dela a noite inteira, então Madonna foi até ele e começou a paquerá-lo."

"O que é isso?", disse Sean com a cara fechada enquanto caminhava em direção a eles.

"Ah, cai fora, Sean", falou Madonna, "Só estamos conversando."

Sem hesitar nem um segundo, Sean a agarrou e com um movimento rápido a atirou na piscina. O grupo de cerca de trinta pessoas ficou petrificado. Observaram Madonna nadar vagarosamente para o lado raso da piscina e subir os poucos degraus. Pingando e sem dizer uma palavra, atravessou o pátio e entrou na casa. "E não voltou mais", recorda o amigo.

Um pouco antes, em 1986, Madonna e Penn estavam jantando no Helena's, um de seus restaurantes favoritos em Los Angeles, quando um velho amigo dela, David Wolinsky (do grupo Rufus Featuring Chaka Khan), aproximou-se da

mesa, curvou-se e deu-lhe um beijo respeitoso de cumprimento. Imediatamente furioso com o gesto, Penn pulou da sua cadeira e atacou Wolinsky, espancando-o e chutando-o. O ataque só cessou quando as chocadas pessoas em volta conseguiram segurá-lo. Madonna sentiu-se humilhada.

"Parecia que queria se esconder num buraco", recordou uma testemunha. "Lembro-me de observá-la fuzilando Sean e pensar comigo mesmo, está começando a odiá-lo."

"O cara era um cabeça quente", diz David Wolinsky. "Não fiz nada além de cumprimentar sua esposa, alguém que eu conhecia antes de terem se casado. Não houve a menor provocação. Fiquei imaginando o que ela estava fazendo casada com aquele verme."

Embora seu casamento com Sean parecesse desmoronar, ela era incapaz de se concentrar completamente em repará-lo, pois era uma mulher ocupada com uma carreira de sucesso. Era constantemente distraída pelos negócios mais próximos a resolver. "Não há tempo para imaginar um jeito de lidar com Sean", desesperava-se. "Mal tenho tempo de dormir."

Sean Penn estava de volta após o fiasco de Swpresa em Shangai e andava ocupado trabalhando num corajoso policial de Dennis Hopper, Colors (Cores da violência). Enquanto isso, Madonna analisava inúmeros roteiros para si mesma. Influenciada por seu amor à velha Hollywood, estava inclinada a fazer um remake da bem-sucedida comédia de 1950 com Judy Holliday, Nascida ontem, ou o papel de uma estrela que surge feito por Marlene Dietrich no drama de 1929, O anjo azul. Quanto aos roteiros originais, tinha a oferta de algo chamado Blind Date ("Encontro às escuras") e uma versão antiga de Evita (que seria aperfeiçoada por anos). Contudo, estava mais ansiosa para aparecer em um filme com um certo sabor das screwball comedies de Carole Lombard. Chamado Slammer, era sobre uma loira doidivanas, Nikki Finn (Madonna), que, após ser libertada da cadeia por um crime que não cometeu, planeja encontrar o homem responsável pela acusação. Seguem-se as usuais complicações desse tipo de comédia, incluindo cenas de perseguição, mafiosos e uma pantera de 73 quilos. Foi fechado um contrato; as filmagens começavam em Nova York. Talvez porque Sean estivesse então aguardando a sentença pelas acusações de agressão, o nome do filme foi mudado de Slammer (isto é, "cana", o que, na opinião dos produtores, era o destino de Penn) para Quem é essa garota?.

Enquanto isso, em Los Angeles, o temperamento instável de Sean continuava a metê-lo em encrencas, ao atacar um ator de 32 anos de idade no set de Colors. Quando o jovem extra ajoelhou-se com uma câmera num canto do set em busca do melhor ângulo para fotografar, Sean surgiu aparentemente do nada, arrancou com um tapa a máquina das mãos do rapaz e rosnou: "Seu filho-da-puta, não tire

fotos minhas entre as cenas". Então, deu-lhe um soco no rosto.

Quem é essa garota?

EMBORA MADONNA FIZESSE uma publicidade pesada para o filme, posando para inúmeras revistas à la Marilyn Monroe, Quem é essa garota? estava fadado a se tornar outro fracasso de bilheteria, sem dúvida porque a estrela estava tentando com tanto afinco ser tantas coisas diferentes e pouco originais. Apropriando-se da voz de Judy Holliday, com o cabelo e a maquiagem de Marilyn Monroe para um filme que parecia feito sob medida para Carole Lombard, Madonna provou que não estava à altura de nenhuma daquelas tarefas. A Variety chamou o filme de um "fracasso retumbante", enquanto a maioria das outras resenhas não foi muito mais favorável do que isso.

EM sua experiência cinematográfica até aquele ponto, Madonna se dera melhor em Procura-se Susan desesperadamente, um filme em que explorara tantas de suas características pessoais — essencialmente, fazendo o papel dela mesma. Se tivesse continuado a marcar seu desempenho com sua própria persona, única e, àquela altura, identificável (pelo menos até que estivesse mais capacitada a desenvolver personagens), sua carreira no cinema poderia ter brilhado do mesmo modo que sua carreira musical. Contudo, ao tentar criar uma personagem popular para Quem é essa garota? imitando seus ídolos das telas em vez de usar a própria personalidade, Madonna apenas passou a impressão de fastio e aborrecimento. "Não gosto daquele filme", diria em fevereiro de 2000. "Não gosto de meu desempenho nele. Em todos os demais filmes que fiz sou capaz de enxergar alguma coisa boa, ou achar que meu desempenho estava bom, mas o filme não era bom. Em Quem é essa garota? tudo é péssimo."

Se Madonna estava preocupada com o fato de que o fracasso do filme pudesse significar que sua estrela estava se apagando, não precisava ter se incomodado. Afinal, ainda tinha sua impressionante carreira musical.

A trilha de 1987 de Quem é essa garota? não é bem uma trilha sonora no sentido convencional, mas antes uma coletânea de nove canções tiradas do filme. Embora Madonna tivesse apenas quatro canções no álbum, elas eram importantes porque, concebivelmente, significava que o disco podia se vender pela pura e simples presença de Madonna.

Após três álbuns de sucesso, sua presença era decerto formidável. Sendo

ainda um artigo novo e com uma carreira bem-sucedida, Madonna, com 29 anos, era não só uma das artistas mais quentes da música popular, como também uma artista com uma incrível e inquestionável capacidade de perdurar. Quem é essa garota? era uma produção de orçamento relativamente baixo com um elenco de atores que não iria ganhar nenhum Oscar num futuro próximo, então para a Warner Bros. Records a trilha sonora era no mínimo tão importante quanto o filme.

Quando Madonna recebeu o desafio de escrever e produzir a faixa-título, uniu-se a Steve Bray e Patrick Leonard, seus coautores e produtores, e pôs mãos à obra.

Enquanto isso, outras lacunas no disco eram preenchidas por gente mais obscura da Warner Bros. Records, como Club Nouveau, Michael Davidson e Scritti Politti.

É claro que foi Madonna quem contribuiu com os hits que mantiveram a trilha de Quem é essa garota? por pouco tempo nas prateleiras das lojas de discos. A faixa-título e primeiro single, escrita e produzida por Madonna e Leonard, era pura música de Madonna — básica, vigorosa e melódica, com um sotaque latino. Em pouco tempo atingia o primeiro lugar das paradas de singles da Billboard.

O segundo single da trilha sonora, um "groove" festivo de Bray, "Causing A Commotion", causou comoção de fato tanto nas pistas de dança do mundo inteiro como nas paradas americanas, subindo direto para o segundo lugar. As duas outras faixas de Madonna — "The Look Of Love", uma exótica balada de Madonna e Leonard, e a rápida e dançável "Can't Stop", outra criação de Madonna e Bray — foram estrategicamente deixadas no álbum da trilha para induzir as vendas do LP. E funcionou. O álbum de Quem é essa garota? acabou vendendo mais de um milhão de cópias nos Estados Unidos e 5 milhões no mundo todo.

Entrar no vácuo de Madonna provou-se um negócio lucrativo para todos os envolvidos, incluindo a Warner Bros. Records, que acumulou grandes vendas com uma compilação que era basicamente um mostruário para seus artistas marginais: os próprios artistas e produtores, a maioria dos quais jamais havia se envolvido em um projeto de tamanho sucesso, antes ou depois; e Peter Guber e Jon Peters, os produtores do filme, para quem as revigorantes vendas do álbum serviram de holofote sobre um empreendimento cinematográfico cujo sucesso global seria, na melhor das hipóteses, modesto.

Entrementes, foi durante a turnê "Who's that Girl?" que o público viu pela primeira vez o novo visual lustroso e moderno de Madonna — um visual despojado de braceletes, joias e outros acessórios (embora Mr. Blackwell ainda

fosse incluí-la nesse ano em sua infame lista de mulheres mais mal vestidas).

A turnê "Who's that Girl?" foi musical e tecnicamente superior às apresentações anteriores de Madonna, na medida em que incorporava componentes multimídia para tornar o show ainda mais instigante. Por exemplo, gigantescos telões projetavam imagens do papa e de Ronald Reagan enquanto ela cantava "Papa Don't Preach". Ela demonstrava mais confiança em sua presença de palco, sua música mostrava mais maturidade, sua voz estava mais cheia e o show era eximiamente coreografado com complicados números.

Foi cercada pela turba em Londres, e no Japão mil homens foram destacados para controlar a multidão de 25 mil fãs histéricos que compareceram ao aeroporto para saudá-la.

Muitas artistas mulheres comportam-se como divas por um período, quando atingem o status de superestrelas, e a turnê "Who's that Girl?" marcou para Madonna o início do seu. Por exemplo, ela não permitia que membros da equipe falassem diretamente com ela; tinham de se dirigir aos seus agentes a fim de não distraí-la do trabalho.

Começou a ter, a partir desse dia, dificuldades para ligar rostos e nomes, e em vez de se esforçar para conseguir lembrar, preferia não ter de conhecer ninguém com quem não precisasse ter contato por um longo período de tempo. (No início de sua carreira, houve épocas em que não era capaz de lembrar, na manhã seguinte, os nomes das pessoas com quem dormira. Uma assistente que acompanhava Madonna durante as noitadas na cidade ficava encarregada de colocar uma nota no balcão de sua cozinha com o nome da pessoa por escrito, caso viesse a esquecer.)

Os dançarinos tampouco podiam se dirigir a ela, uma prescrição bem distante da relação que iria estabelecer com sua trupe anos mais tarde, na turnê "Blonde Ambition".

Os músicos não podiam sequer olhar para ela, a menos que estivessem no palco com Madonna. Para completar, quando entrava ou saía do palco, exigia que os roadies segurassem biombos em torno dela a fim de protegê-la dos olhares das pessoas atrás do palco, que não podiam evitar de olhar porque afinal de contas tratava-se de Madonna. Seus quartos de vestir em cada ponto de parada ao longo do caminho tinham de ser redecorados segundo suas especificações com tapetes novos, nova pintura (às vezes rosa), mobília nova... e comida mexicana suficiente para alimentar um exército. "Tinha um jeito de pedir que o impelia a lhe dar sua total atenção", diz diplomaticamente Freddy DeMann.

Certa noite, bem tarde, a assistente de Freddy, Melinda Cooper, recebeu um telefonema de Madonna. Esperava uma limusine para levá-la a uma festa, e esta

ainda não havia chegado.

"A porra do carro ainda não está aqui", disse Madonna, espumando. "Está atrasada uns... quinze minutos, Melinda."

"Vai chegar logo", Melinda lembra-se de ter respondido pacientemente.

"O quê, sua idiota", gritou Madonna no telefone. "Seu trabalho é fazer a limusine chegar aqui na hora, Melinda. Você sabe o quanto eu preciso fazer?", perguntou, ficando cada vez mais exaltada. "Um monte de coisas, Melinda, enquanto tudo que você tem a fazer é conseguir com que o carro chegue aqui na hora. E você consegue?

Não, não consegue. Qual o problema com você, Melinda?"

"Mas Madonna...", começou Melinda.

"Não me venha com 'mas Madonna'", interrompeu-a. "Olhe, o negócio é o seguinte: se a porra do carro não estiver aqui em cinco minutos, você já era."

Madonna desligou.

Melinda desmanchou-se em lágrimas.

You Can Dance

EM NOVEMBRO DE 1987, mal acabada a turnê "Whos that Girl?", a Warner Bros. Records seguiu atacando com o lançamento de You Can Dance.

EM qualquer negócio, não há nada como os ventos favoráveis criados pela capacidade de vender algo para alguém duas vezes e, na indústria fonográfica, a música popular é o presente que continua a ser presenteado. Nos maiores selos, os greatest hits e os pacotes de catálogo (os vários álbuns na carreira de um artista) sempre responderam por boa parte dos lucros anuais. Nos anos 80, algo mais surgiu para fazer tilintar o caixa das gravadoras: o "remix". Graças à popularidade da dance music após a era disco, muitos fãs queriam ouvir como soariam algumas de suas canções favoritas se a música fosse retrabalhada, ou "remixada", visando deixá-la ainda mais dançável.

Álbuns de remix — coletâneas de canções que já eram populares aperfeiçoadas no estúdio para alterar o andamento e a sonoridade — são comuns hoje em dia, mas nos anos 80 eram um conceito revolucionário. O próprio processo de remix era remanescente dos dias da disco, quando os produtores remixavam gravações de pop e rhythm and blues especificamente para o mercado fonográfico, lançando então LPs singles de doze polegadas com as canções, além das versões originais, mais curtas. No início, os selos destinavam essas versões apenas aos toca-discos dos Djs em clubes e discotecas espalhados por todo o país. Mas em pouco tempo os fãs queriam possuir as versões disco das canções que haviam dançado na noite anterior, então as gravadoras passaram a distribuí-las nas lojas. Subitamente, as discotecas e os Djs tornaram-se importantes instrumentos para os selos promoverem a dance music, assim como as Top 40 no rádio (e, mais tarde, a MTV) vendem pop, rock e soul. Os DJs mais capazes dos clubes eram muitas vezes contratados pelas gravadoras para remixar as faixas dos discos, e, para alguns, a autoria do remix acabava os levando na verdade a produzir os discos.

Por volta da década de 1980, com a dance music pós-disco em pleno balanço, o conceito de remix se firmou para valer. Nessa época, inúmeras músicas dos artistas estavam sendo remixadas e compiladas para formar um álbum. Madonna, a mais importante artista dance do período, foi à carga com

You Can Dance, uma coletânea de remixes de seis dentre suas canções mais animadas.

Como alguém faz para tornar mais dançável uma canção que já foi criada antes para manter as pessoas na pista de dança, pra começo de conversa? Provavelmente contratando para fazer o remix alguém que esteja mais familiarizado com o material, nesse caso, Jellybean Benitez. Outro que foi chamado era Shep Pettibone, um popular profissional do remix que cuidara da engenharia de som em "True Blue", injetando-lhe um ritmo mais dançante.

You Can Dance deixou uma coisa clara sobre Madonna. Embora caminhasse cada vez mais na direção de se transformar numa pop star séria, musicalmente ainda sabia como dar a melhor festa. As novas e pulsantes versões de "Holiday" (duas versões), "Everybody", "Physical Atraction", "Over And Over", "Into The Groove" e "Where's The Party" levaram You Can Dance ao 14º lugar das paradas de álbum pop da Billboard. Para atrair ainda mais os fãs, You Can Dance também trazia "Spotlight", uma faixa inédita gravada durante as sessões para True Blue. O desempenho do disco tanto nas paradas quanto nos clubes serviu como prova da qualidade do material e do apelo duradouro de Madonna.

Com You Can Dance, Madonna pode não ter iniciado uma tendência mas com certeza teve uma participação no pontapé inicial. Logo, os artistas mais em evidência do momento estavam seguindo o exemplo com remixes de seus próprios LPs, incluindo Dance... Ya Know It!, de Bobby Brown, e No More Games/Remix Álbum, de New Kids on the Block.

"Não sei se gosto disso", afirmou Madonna. "Pessoas metendo a mão em minhas gravações, remixando-as. Não sou eu que vou julgar. Mas meus fãs gostam, e juro que fiz isso pelos fãs, pela garotada nos clubes que gosta dessas canções e queria ouvi-las de uma forma nova, diferente."

Na época de lançamento de You Can Dance, em novembro de 1987, Sean Penn desaparecera da vida de Madonna por vários dias. Ela estava doida de preocupação. Então, ele surgiu inesperadamente em seu apartamento de Nova York, imaginando passar o dia de Ação de Graças com ela. Provavelmente, Madonna não sabia se ficava furiosa ou aliviada. Escolheu a primeira opção. "Você não vai passar o dia de Ação de Graças aqui", disse. Então informou-o de que já instruíra seus advogados a dar entrada nos papéis do divórcio. (Eles entraram com o pedido em 4 de dezembro de 1987, porém, doze dias depois, Madonna suspendeu a ação.) "Estava muito perturbada", disse uma amiga. Podia ver que seu casamento se acabara, e começou a ficar seriamente assustada. "Não quero o divórcio", contou-me, "mas não sei mais o que fazer. Estou começando a odiá-lo de verdade. Sabe aquilo que costumam dizer, de que há uma linha tênue entre o amor e o ódio?", perguntou. "Acho que a cruzei, e é muito feio do outro

lado também."

Talvez uma das razões para aquela reação particularmente forte de Madonna com os problemas causados por Sean era que seus nervos estavam à flor da pele depois que descobriu um caroço em seu seio pouco antes do dia de Ação de Graças. Devido à morte de sua mãe, Madonna sempre tivera consciência da importância do autoexame para detectar algum sinal de câncer. Quando sentiu o caroço, temeu o pior e ligou para o dr. Jerrold Steiner, um respeitado especialista de Beverly Hills, para marcar uma consulta. Estava tão desnorteada que era incapaz de dirigir até o consultório e pediu a sua secretária que a levasse. Depois de examiná-la, o médico lhe disse para continuar observando o caroço e ficar atenta a qualquer alteração na textura ou no tamanho. Também sugeriu que voltasse dali a duas semanas para fazer alguns exames. Madonna inevitavelmente entrou em pânico. Duas semanas pareciam uma eternidade de espera para tratar de algo que a assustava tanto. Contudo, estava tão amedrontada que cancelou o retorno e decidiu, como contou a um amigo, "simplesmente sentar e tentar imaginar um meio de lidar com isso tudo".

Sem dúvida, o casamento atribulado fez pouca coisa para aliviar sua tensão naquele momento. Madonna passou o dia de Ação de Graças com sua irmã, Melanie, no Brooklyn, enquanto Penn voou de volta a Los Angeles, onde começou a beber feito louco. Embora tivesse dito pouca coisa sobre o assustador tumor durante o feriado, Madonna confidenciou a amigos que estava confusa sobre como lidar com Sean e seu temperamento instável. Tampouco tinha maturidade suficiente para ser capaz de entender, ou ajudar, a outra parte com a raiva, mágoa e insegurança que fizeram deles os "Brigões Penn". "Tenho vergonha do que nos tornamos", contou a sua amiga. Então, talvez romanceando o passado, acrescentou; "Lembro de nosso casamento e de como tudo era maravilhoso. Depois olho para hoje e penso; que merda tudo virou, não é?".

John Kennedy Jr.

TODO ARTISTA SE INSPIRA EM OUTRO, mas provavelmente nenhum artista dos dias atuais tenha tomado tantas coisas emprestadas de tantos outros, e com tantas mudanças, quanto Madonna. Apesar de sua personalidade dura como um prego, sua ambição e seu senso perspicaz para a publicidade e os negócios, as "reinvenções" de sua personagem são na maioria das vezes invenções criadas por alguma outra pessoa e então apropriadas e modificadas por Madonna. Em vários momentos de seus clipes, filmes, entrevistas e sessões fotográficas podem-se detectar fortes influências de Marlene Dietrich, Judy Holliday, Twiggy e Lana Turner em seu visual e suas atitudes. Até mesmo artistas menos conhecidos como Edie Sedgwick, a decadente estrela de Andy Warhol, nos anos 60, que estrelou seus filmes underground e morreu ainda jovem de overdose, parecem ter exercido grande influência em vários projetos de Madonna. Mas provavelmente a maior influência na carreira de Madonna tenha sido Marilyn Monroe, o símbolo sexual da geração anterior. Fãs das duas estrelas não podem deixar de notar o impacto que Marilyn exerceu sobre a carreira de Madonna em tudo, desde o cabelo e a maquiagem, expressões, poses para a câmera até citações parafraseadas em entrevistas. (Na verdade, algumas das fotos mais famosas de Madonna são réplicas exatas das de Marilyn.) Madonna admitia prontamente que havia lido todas as biografias já escritas sobre Marilyn Monroe, e era óbvio para o observador bem informado que estava copiando muita coisa da trágica estrela. Alguns críticos comentaram que durante a filmagem de Quem é essa garota? Madonna parecia ter saído direto do set de O -pecado mora ao lado, um dos filmes mais famosos de Marilyn — embora Madonna houvesse adicionado um toque de modernidade com uma jaqueta de couro. Sandra Bernhard, que foi em certa época extremamente íntima de Madonna, chegou ao ponto de dizer que "ela pensa que é Marilyn Monroe". (Um dos momentos mais divertidos e inteligentes de Madonna na televisão ocorreu em 1993 em um esquete do Saturday Night Live, quando parodiou Marilyn cantando o "Parabéns a Você" para o presidente John F. Kennedy, usando um vestido apertado e peruca loira bufante.) Ao longo dos anos, John F. Kennedy Jr. — filho do falecido presidente dos Estados Unidos — também expressou seu próprio interesse e

paixão por Marilyn Monroe. Enquanto crescia, foi se tornando fato notório que seu pai havia tido um caso extraconjugal com Marilyn, o que, segundo amigos, fascinava John. Depois de adulto, quando John Jr. começou sua própria revista, George, surpreendeu muita gente mostrando Drew Barrymore na capa de um dos números trajada como Marilyn, com uma réplica do vestido que ela usava na noite em que cantou o "Parabéns a Você" para seu pai no Madison Square Garden, em 1962. A maioria das pessoas achava incrível que Kennedy pudesse homenagear uma mulher que tivera um caso com seu pai.

Se Madonna fantasiava em ser Marilyn Monroe, e Kennedy estava fascinado com o romance entre a estrela de cinema e seu pai, talvez uma relação entre os dois fosse o mais perto que poderiam chegar de vivenciar aquele capricho particular. Eles podem ter se conhecido em uma festa em Nova York, em dezembro de 1987, como disse John, ou em uma academia de ginástica, nesse mesmo mês, como Madonna recordou. Depois de um encontro, Kennedy, um homem moreno, elegante e musculoso, deu-lhe cópias das chaves de seu apartamento. Segundo Madonna contou a um amigo, John chegou no apartamento pouco depois disso para encontrá-la esparramada no sofá embrulhada em plástico transparente, do tipo que se compra no supermercado para proteger os alimentos. Mais tarde ele diria que não pôde acreditar nos seus olhos. Após um segundo, Madonna sorriu com lascívia para ele e arrulhou: "O jantar está servido, John-John". (A imprensa sempre se referiu a ele como John-John, mas a família e os amigos nunca.) Nessa noite, os dois dançaram, riram e beberam grandes quantidades de vinho.

Posteriormente, uma história muito repetida contava que, ao fazer amor com ela, John teria passado manteiga de amendoim em suas pernas e depois lambido. "Absurdo!", disse Madonna quando lhe perguntaram se a história era verdadeira. "Você sabe quantas calorias tem na manteiga de amendoim? Creme chantilly diet, sim, mas manteiga de amendoim, não."

Talvez estivesse fascinada com ele, mas não tinha ainda intimidade suficiente com John Kennedy Jr. para discutir o perturbador caroço em seu seio que arruinara seu feriado. Sem dúvida, isso não saía de sua cabeça, mas a quem poderia recorrer?

Sozinha certa noite, segundo uma lembrança posterior, ela pegou o telefone e ligou para a única pessoa de quem se sentia próxima, a despeito do estado deteriorado de sua relação. Embora houvesse bastante aspereza entre eles — e parece que sempre houvera, mesmo antes de terem se casado —, ela ainda sentia que a pessoa que a conhecia melhor e poderia lhe dizer o que fazer acerca daquele medo atordoante era Sean.

"Sean ficou muito nervoso ao ouvir sobre o tumor", conta seu amigo, o ator

Stephen Sterning. "Disse-lhe que simplesmente tinha de ter feito algo, uma biópsia. Posteriormente contou que ela estava chorando ao telefone, dizendo estar assustada e que não sabia o que fazer. Então ofereceu-se para ir com ela ao médico, e foi isso que fez.

Foram juntos à consulta. Ela fez a biópsia, e o resultado chegou alguns dias depois: deu negativo. Estava tudo bem." Sean disse na época: "Nada deixa um homem mais sóbrio do que saber que sua esposa pode estar com câncer. Finalmente caiu minha ficha, eu tinha de levar a sério minha vida, a vida de Madonna, nosso casamento".

Agora acreditava que se pudessem pelo menos resgatar a paixão sexual que sentiram um pelo outro no início de seu relacionamento, talvez ela mudasse de ideia e não se divorciasse. Mas ele não era ingênuo. Sabia que tinham problemas. "No final, tínhamos diferentes sistemas de valor", contaria mais tarde ao escritor David Rensin.

No entanto, para Madonna, em 1988 já era tarde demais para recuperar qualquer coisa com Sean. Por mais que apreciasse seu apoio durante aquele momento difícil — talvez o pior de todos em sua memória recente —, sentia que precisaria mais do que uma ocasional crise de saúde para fazer com que permanecessem juntos. Ele fora o único amor verdadeiro de sua vida, mas ela não se sentia mais confortável estando junto a ele. Compreendia-o bem demais. Segundo Stern: "Ela disse a Sean que ainda o amava, mas devido a suas diferenças, não havia jeito de ficarem juntos. Disse que o medo do câncer a fez ver com ainda mais clareza que a vida era curta demais para não ser completamente feliz. Sean teve de concordar, na verdade. Acho que aquela pequena crise fez com que os dois enxergassem a luz... e ironicamente, talvez por ver aquela luz, isso de alguma forma os aproximou, ao mesmo tempo em que os empurrava mais para perto do divórcio".

"Você vai ver como Johnny é lindo", contou Madonna a uma amiga enquanto tomavam um martíni na hora do almoço. Segurava uma foto colorida de Kennedy — um close — que recortara cuidadosamente de uma revista de fofocas. O rosto dele era magro e com ossatura proeminente. Se alguma vez alguém teve um "olhar de puro sexo", esse era o cara. "Você já viu um homem tão bonito? Olhe para esse rosto. Olhe esse cabelo."

Muitos anos depois, sua amiga ("Não use meu nome ou Madonna vai me matar") se lembraria de Madonna dizendo: "Ele é inacreditável. Um espécime perfeito. E olhe só para este corpo. Quem tem um corpo como este? É um deus", concluiu com um suspiro.

Mais uma vez, sua amiga teve de concordar.

"Finalmente estou saindo com alguém respeitável, alguém que o público

ama, alguém de quem posso me orgulhar", disse Madonna. Fez um sinal ao garçom para que lhes trouxesse mais dois drinques. "Você consegue imaginar John Kennedy batendo em alguém ou me humilhando em público? Isso nunca vai acontecer."

"Mas e Sean?", perguntou sua amiga. "Vocês ainda estão casados."

O sorriso de Madonna sumiu rapidamente. Dobrou a fotografia da revista e a pôs de lado, com cuidado. "Não sei o que dizer sobre Sean", afirmou franzindo o cenho.

"Eu o amo, sempre vou amá-lo. E a única pessoa que conhece meu verdadeiro eu. Mas acabou." ("Ah", conclui, pensativa, "ser uma Kennedy. Você acha que eles têm esse tipo de problema?") Parecia que "Johnny" sentia o mesmo em relação a ela. Depois de alguns meses, com a sequência do namoro, pendurou pôsteres de Madonna nas paredes de seu apartamento de solteiro em Manhattan, e até mesmo começou a mudar seu tradicional visual Ivy League[11] para um que julgava mais rebelde, e que ela iria preferir: jaquetas de couro, jeans rasgados, cabelo espetado. E até cultivou um cavanhaque, não muito pontudo, que lhe caía muito bem. Contou aos amigos que estava "louco" por ela. Após alguns meses, John começou a parecer quase consumido pelo fascínio em relação a Madonna. Disse a Thomas Luft, amigo de faculdade de Hyannisport, que não conseguia parar de pensar nela. "É como se tivesse me enfeitiçado", disse. "Estou meio obcecado com ela."

Madonna concordava que agora era impossível não fantasiar sobre se divorciar de Sean Penn e casar com o afluente e influente membro da família Kennedy (uma fantasia que a atormentada Marilyn Monroe havia relatado muitas vezes nos últimos anos de sua vida). "Ter um bebê Kennedy foi um objetivo que Madonna estabeleceu para si", diz sua antiga empresária Camille Barbone, "e ouvi de fontes confiáveis que fez tudo que pôde para interessar John em sua proposta."

Sean significara um monte de problemas. Ela o amava, mas quanto mais será que podia aguentar, deve ter raciocinado. Kennedy era inteligente, sofisticado e... sensível.

Contudo, haveria ainda um grande empecilho para a continuidade de seu romance com o herdeiro de Camelot — e, como não poderia deixar de ser, viria na pessoa da mesma mulher que dera um basta no caso entre Marilyn e o presidente: a rainha de Camelot, Jackie Kennedy Onassis. De fato, toda mulher na vida de John Jr. até aquele ponto sempre fora balizada por um formidável parâmetro: a mãe dele.

"John se preocupava demais com os sentimentos de sua mãe para levar adiante o desejo dela de ter um bebê seu", disse Barbone. "Era muito íntegro.

Um homem bonito, inteligente e rico, o pai perfeito para seu filho, mas isso jamais iria ocorrer."

A despeito da inesperada sugestão da casada Madonna de que John fosse pai de um filho seu — uma oferta que teve de declinar —, seus sentimentos em relação a ela continuavam a crescer continuamente. Steven Styles, um bom amigo de John que frequentara a Universidade Brown com ele, lembra-se de seu fascínio por Madonna: "Ele me telefonou um dia e parecia tão estranhamente deprimido. Acabou confessando que se apaixonara por uma mulher casada que era uma celebridade muito famosa.

EM conflito, disse que não sabia o que fazer. Estava dividido entre o desejo por essa mulher e sua necessidade de se conformar à pressão social de encontrar a 'garota certa', alguém que sua mãe e os demais Kennedy aprovassem. Então falou: 'E uma coisa vou dizer a você, ela não é a garota certa, pode acreditar'. Perguntei quem era. Quando me contou, fiquei mudo. Era Madonna.

"Perguntou-me se gostaria de estar com ele quando contasse a sua mãe. Eu lhe disse: 'John, na verdade vou preferir estar em qualquer lugar menos lá'."

"Sei que ela deseja o melhor para mim", disse John a Styles sobre sua adorada mãe. "Mas às vezes isso significa que tenho de guardar alguns segredos dela... ou então nunca conseguiria sair com ninguém. Vamos encarar os fatos: nenhuma mulher vai ser boa o bastante para ela. A menos que seja da realeza... e mesmo assim..."

---

[11]. A elite das universidades e faculdades americanas: Brown, Columbia, Cornell, Dartmouth, Harvard, Princeton, Universidade da Pensilvânia e Yale. Assim chamada (ivy league significa a "liga da hera") devido à hera que recobre os edifícios das faculdades. (N.T.)

"Jackie se recusa a encontrar Madonna"

JACKIE KENNEDY ONASSIS, a reverenciada ex-primeira-dama da América, já estava bem ciente dos boatos sobre alguma coisa acontecendo entre seu filho único e Madonna.

Costumava comprar todos os tabloides e outros jornais numa banca que ficava no saguão dos escritórios da Doubleday, na Quinta Avenida (onde trabalhava como editora), a fim de se manter a par dos acontecimentos, e foi então que leu pela primeira vez as notícias sobre o romance. Rapidamente deixou claro para John que não o aprovava.

Thomas Luft, cuja mãe era amiga de Jackie, disse: "Ele era incapaz de decidir se estava interessado em Madonna porque gostava dela ou porque Jackie não gostava dela — não que Jackie algum dia a tivesse conhecido. 'Não quero continuar a lhe dar falsas ilusões se o que desejo é apenas me rebelar contra minha mãe.' Seu terapeuta havia lhe dito que a cantora significava para ele insurreição, não amor".

De sua parte, o que mais fascinava Madonna em relação a John era sua total ausência de pretensão. "Estávamos fazendo exercício com ela um dia, correndo pelo Central Park", lembra-se Stephen Styles. "Havia quatro guarda-costas a seguindo. John, é claro, não tinha nenhum. Era tão ridículo, disse-lhe. 'Por que ela precisa de toda essa segurança e você não precisa de nenhuma?' Ele riu e respondeu divertido: 'Eu posso ser um Kennedy, mas, cara, ela é a Madonna!'."

"Ele sempre se apresentava só como John, nunca John Kennedy", outro colega de faculdade, Richard Wiese, recorda. "A palavra 'Kennedy' nunca era pronunciada de boa vontade por seus lábios, ele a minimizava o máximo que podia..."

"Johnny, você faz ideia da enorme estrela que seria se simplesmente agisse como um Kennedy, em vez de tentar ser qualquer um?", Madonna lhe disse. Estava quase irreconhecível com um boné de beisebol, cabelo desgrenhado e uma camisa por cima da bermuda de ciclismo. Estava mascando chiclete, como John gostava de dizer, "como se aquilo fosse sair de moda". Ela disse: "Quer dizer, meu Deus, você pode ser absolutamente imenso!".

"Ah, não se preocupe comigo. Sou grande o bastante", disse John, com um

sorriso. Ele também estava usando uma bermuda justa de ciclismo e uma camiseta simples, e um boné virado para trás como um menino. Seu rosto modelado estava sombreado pela barba por fazer de dois dias. "Eu não quero ser uma estrela", disse, movendo os olhos negros. "Só eu mesmo."

Madonna parecia estupefata. "Mas como alguém pode não querer ser uma estrela?", ela perguntou.

"Não conte comigo", John disse, sem parar de correr. "Você pode ser a estrela da família." Depois, devolvendo-lhe um sorriso, disparou na sua frente.

Quando estava namorando Madonna, John se mudou para um apartamento de dois dormitórios próximo à cobertura de sua mãe na Quinta Avenida. Como surpresa, Jackie contratara uma empregada para ajudá-lo a organizar seus pertences. Ao fazê-lo, a empregada aparentemente jogou fora cartas de amor que Madonna havia escrito para John. Quando ele descobriu a perda, ficou furioso porque pensou que a empregada na verdade estivera seguindo ordens de sua mãe. Mas pessoas próximas da família afirmam que Jackie não fazia ideia do que John estava falando quando ele foi tirar satisfações do ocorrido. Além disso, ela não podia crer que seu filho fosse capaz de acusá-la de tal comportamento. Creditou isso à "má influência" de Madonna sobre ele.

Quando John finalmente contou a Jackie que se apaixonara por Madonna, ela deixou claro que estava desgostosa com os acontecimentos. Jackie se preocupava com o status social de seus filhos desde pequenos. Sempre protetora, alimentava suspeitas sobre a maioria dos amigos deles e permanecia inflexível em sua vontade de que tanto John como sua irmã, Caroline, ficassem solteiros até terminar a faculdade de direito.

"Jackie queria que seu filho escolhesse uma mulher de boa origem", conta um amigo da família Kennedy, o senador George Smathers, da Flórida (que também fora bastante íntimo do presidente John F. Kennedy). "Queria que seus dois filhos encontrassem alguém de classe. Mas John sempre gravitava em torno de estrelas de cinema e mulheres vistosas, era muito parecido com seu pai. John Kennedy terminou ficando com Marilyn Monroe e, de alguma forma, John terminou ficando com Madonna. Não sei o que aborrecia mais Jackie: seu marido com Marilyn ou seu filho com Madonna."

Se ela fosse solteira, talvez Jackie fosse capaz de lidar melhor com a relação (embora, sem dúvida, ainda continuaria desgostosa com a imagem sexualmente carregada de Madonna). Não queria ter de lidar com o escândalo que seria quando todos soubessem que John estava saindo com uma mulher casada. Além disso, segundo os que a conheciam, ouvira histórias -muitas delas provavelmente acuradas — sobre o temperamento de Sean Penn. Temia pela segurança de seu filho. Mas, segundo Thomas Luft, que testemunhou a cena, John disse a Jackie:

"Mãe, posso cuidar daquele pequeno vagabundo escandaloso do Penn de olhos vendados e com uma mão nas costas". "E podia mesmo", diz Luft. Jackie estremeceu com a ideia. "Ah, que ótimo! É tudo que eu preciso, John", ela disse, "ver você sendo levado algemado por ter entrado numa briga com aquele arruaceiro. Não ouse!"

Além do mais, Jackie temia que Madonna pudesse influenciar John a reconsiderar um futuro como ator, algo que definitivamente não queria que acontecesse. Ele fizera umas duas peças na faculdade e, embora tivesse ido às apresentações para demonstrar seu apoio, Jackie pediu-lhe que não se tornasse ator. Seu sonho era vê-lo em breve virar um advogado.

"Eu estava na casa de veraneio deles em Marthas Vineyard quando Jackie lhe disse: 'Preciso que você pense nisso com muito cuidado. Madonna pode ser uma boa garota, mas enquanto não for solteira, só significa problemas'.", conta Thomas Luft.

"Mas gosto dela", disse John, tentando argumentar com sua mãe. "É muito inteligente, devia conhecê-la, mãe. Você é uma editora! É exatamente o tipo de mulher que acharia fascinante."

Luft diz que Jackie revirou os olhos e sacudiu a cabeça no que parecia uma atitude de completo desalento.

"Meu Deus, há milhões de mulheres inteligentes neste planeta, John", ela disse. "E você tem de sair com a única que chama a si mesma de Material guT? Não consigo entender isso, sério!"

"John ficou furioso", diz Luft. "Mesmo comigo lá bem diante deles, e ainda que nunca tivesse respondido a sua mãe na frente de outros, ele retrucou: 'Mãe, deixe-me perguntar uma coisa: quem neste mundo tem sido mais materialista do que você?'."

Luft lembra-se de que Jackie o fuzilou. Então, sem que se esperasse, as lágrimas vieram aos seus olhos, e ela saiu apressada da sala. John foi tomado imediatamente pelo arrependimento. "Mãe, por favor, não quis dizer isso", ele disse, indo atrás dela. "Desculpe." Então, pelo resto do dia, ficou louco da vida consigo mesmo.

"Como pude ser tão estúpido e mesquinho", dizia. "Estúpido, estúpido, estúpido", murmurava, castigando-se. "Mas eu gosto de Madonna", disse a Thomas Luft, "então que se dane, vou continuar a sair com ela."

Dá para cogitar se algum dia Madonna imaginou o impacto que teve sobre os personagens da assim chamada Camelot... e se teria acreditado que algo assim era possível apenas alguns anos antes.

Com Sean Penn na Ásia filmando Casualties of War (Pecados de guerra), Madonna estava livre para explorar um sem-número de opções. Em sua vida

pessoal, havia a possibilidade de um relacionamento prolongado com John Kennedy Jr., embora essa parecesse uma aposta arriscada. Por mais adorável que pudesse ser, mais tarde ela admitiria que algumas coisa estava "faltando". Gostava de homens de vontade férrea, poderosos. A força de John parecia depender demais da mãe e da família. Precisava de tempo para recompor as ideias, mas parecia que seu futuro com Kennedy tinha certas limitações.

Profissionalmente, Madonna estava considerando um espetáculo da Broadway que, segundo esperava, lhe permitiria brilhar com luz suficiente para ofuscar a lembrança das inúmeras resenhas ruins escritas sobre seus dois últimos filmes. Queria provar que era capaz de atuar. O diretor Mike Nichols mencionara uma participação em Speed the Plow, de David Mamet. Madonna era fã ardorosa dos primeiros trabalhos de Mamet e disse que foi atrás do papel em sua nova peça "com toda determinação".

Ligou pessoalmente para Mamet e solicitou um teste.

O enredo de Speed the Plow apresenta uma secretária simples e aparentemente ingênua, Karen (Madonna), que se envolve com dois magnatas do cinema (Joe Mantegna e Ron Silver), conhecidos por produzirem filmes comercialmente infalíveis em Hollywood. Mantegna aposta com Silver quinhentos dólares que consegue levar Karen para a cama. Contudo, ela vira o jogo ao seduzi-lo.

Então tenta convencê-lo a investir dinheiro para transformar um livro pretensioso e intelectualizado que estava lendo, sem nenhum apelo comercial, em um filme. Mesmerizado pela mulher dinâmica disfarçada de simples funcionária de empresa, ele concorda com o pedido — quase permitindo a Karen destruir o acordo comercial que Mantegna e Silver virtualmente têm entre si. Madonna descreveu sua personagem como "honesta, sincera e ingênua, e ávida por poder, como todo mundo". Sua observação provava que, no início, nem sequer percebera que sua personagem não era o que aparentava; podia ser tudo menos ingênua. "Era um roteiro muito doido", descobriu ela no meio dos ensaios. "Eu mal sabia que todos os demais envolvidos me viam como uma megera, um espírito negro do mal."

Tenha ou não sido adequada para a interpretação do papel, seu nome no letreiro significava caixa alto para o espetáculo. Foram vendidos ingressos com seis meses de antecedência, o que significava milhões de dólares para a bilheteria. Embora a peça de três personagens tenha ajudado a confirmar os poderes magnéticos de Madonna, pouco serviu para reverter a reação crítica às suas habilidades como atriz. A noite de estreia, em 3 de maio de 1988, no Royal Theater, em Nova York, atraiu celebridades como Brooke Shields, Jennifer Grey, Jennifer Beals, Tatum O'Neal, Christie Brinkley e Billy Joel.

Embora louvando a peça, os críticos malharam Madonna. "Ela se move como se estivesse sendo operada por um controle remoto em uma cidade a quilômetros de distância", disse Dennis Cunningham, da CBS, acrescentando que "sua inépcia é escandalosamente rematada". John Simon, da revista New York, queixou-se de que "ela poderia ter pago por algumas aulas de teatro". David Richards, do Washington Post, disse apenas que "ela é o ponto mais fraco do espetáculo". Mas Madonna estava feliz com seu desempenho. "É como ter uma ótima noite de sexo", disse sobre a experiência.

"Odiei amá-la e amei odiá-la", disse mais tarde. "Era tão extenuante ter de fazer a mesma coisa todas as noites, interpretando uma personagem tão diferente de mim.

Meu papel não era glamouroso ou vistoso. Eu era o bode expiatório. Essa foi uma das coisas que me atraiu a fazê-lo. Noite após noite, a personagem seguia falhando no contexto da peça. Continuar a falhar toda noite e deixar o palco chorando, com o coração despedaçado... isso só chegou para mim depois de algum tempo."

Na plateia na noite de estreia, talvez para ver de perto o mais recente interesse romântico de seu filho, também estava Jackie Kennedy Onassis.

"John me contou que Jackie a achava 'fascinante'", disse Stephen Styles. "Eu perguntei a ele: 'O que isso significa?', e ele caiu na risada. 'É o jeito de mamãe dizer que Madonna não faz seu estilo', explicou."

"Madonna não sabia que ela estava na casa [no teatro]", conta Diane Giordano. "Se soubesse, do jeito que era fascinada por Jackie, talvez tivesse problemas em se apresentar, teria ficado nervosa."

Depois do espetáculo, quando Madonna foi informada de que Jackie estivera na plateia, aguardou atrás do palco por uma hora, na esperança de que a ex-primeira-dama voltasse para dar um alô. Aplicou uma base clara, quase branca, no rosto, contrastando dramaticamente com seus lábios vermelhos brilhantes. Delineou cuidadosamente as sobrancelhas e então escureceu sua pinta. Puxou os cabelos negros para trás bem esticados e vestiu-se com uma garbosa calça Armani cinzenta risca de giz e uma blusa branca de seda— abotoada até o pescoço. Três amigos vieram se juntar a ela. Alguém serviu martínis. Então esperaram e esperaram, e nada. Jackie não veio.

Mais tarde, Madonna diria que o fato de Jackie não ter aparecido para cumprimentá-la "arruinou" sua noite de estreia. "A única razão pela qual uma pessoa não vai até os bastidores após um espetáculo é não ter gostado do que viu e não saber como dizê-lo", disse Madonna com tristeza. "Se pelo menos eu tivesse sabido que estava lá, juro por Deus que teria atuado muito, muito melhor. Teria me esforçado ainda mais. Por que Johnny não me disse que ela ia?"

Madonna adorava um bom ícone, sempre fora assim. Era uma grande admiradora de Jackie, necessitava desesperadamente de sua aprovação, em especial agora que saía com seu filho. Tinha certeza, contou a alguns amigos, de que seria capaz de convencer Jackie de que não merecia a má reputação que lhe atribuíam e ela acreditava ser verdade. Contudo, Jackie prontamente recusou-se a vê-la. "Como pode não atender minhas ligações?", teria exclamado Madonna, segundo ouviram-na dizer. "Será que não sabe quem sou eu?"

Jackie contou em particular a uma colega na Doubleday: "Não quero validar a relação encontrando-a. Não quero que saia por aí dizendo que somos amigas". Se as circunstâncias houvessem sido diferentes, sem dúvida teria gostado de encontrar Madonna para discutir uma possível publicação de suas memórias pela editora, como seu filho havia dito. Na verdade, perguntara a algumas pessoas da divisão editorial da Doubleday se achavam que Madonna tinha uma história atraente para ser contada. Alguém lhe afirmara que uma autobiografia como essa definitivamente se transformaria num best-seller. Quando pediu mais detalhes, ficou vivamente interessada, porém mais certa do que nunca de que aquela mulher não era para seu filho. "Sim, ela teve uma vida incrível", disse Jackie a uma de minhas fontes, "mas acontece que não desejo ver meu filho fazendo parte disso."

EM julho de 1988, Madonna pediu a John que arranjasse um encontro com sua mãe. Como era fascinante para qualquer um que a conhecesse ver aquela jovem, que obtivera tanto em tão pouco tempo, e não parecia sentir-se intimidada ou impressionada com ninguém, agora tão obcecada com a ideia de encontrar Jackie Kennedy Onassis. Era como se nada mais em sua vida importasse caso não pudesse contar com a aprovação dessa única pessoa, alguém que nem sequer conhecia, mas a quem tão desesperadamente ansiava encontrar.

Mais duas outras pessoas estavam presentes no apartamento de John no Upper West Side, em Nova York, com ele e Madonna quando os dois começaram a conversar sobre o possível encontro. John usava roupa de ginástica vermelha e uma camiseta preta com as palavras "MAN POWER" ("poder masculino") inscritas na altura do peito em grandes letras brancas. Em um singular contraste de moda, Madonna usava um vestido preto curto provocante, aparentemente desenhado por Yves Saint Laurent, e sapatos de salto. Estava fumando. John nunca fumou. Ele perguntou a Madonna por que estava tão certa de que sua mãe estaria interessada em encontrá-la. Seu tom, segundo se lembram as testemunhas, era sarcástico e sem consideração.

Madonna, como sempre, ficou inabalável. "Ela tem de me encontrar porque eu sou Madonna", disse, exasperada. "Quem não gostaria de me encontrar? Afinal de contas, John", concluiu, "sua mãe provavelmente é a única mulher no

mundo mais popular do que eu."

"Impossível", John declarou. "Mamãe ia se certificar de que nunca mais nos víssemos se conhecesse você. Posso garantir."

Sem dúvida, o fato de que Jackie Kennedy Onassis se recusava a conhecê-la tocava no forte complexo de inferioridade de Madonna. Sob toda aquela arrogância, sempre houvera insegurança — não é preciso ser psicólogo para discernir isso em relação a ela. Durante essa época, continuava a contar a amigos: "A mãe dele iria me adorar, se me desse uma chance". A recusa de John de até mesmo dar "uma chance" a Madonna rapidamente se transformou numa fonte de mágoa para ela. Então, como muitas vezes aconteceu em sua vida, a mágoa se transformou em raiva.

Perto do final de 1988, Madonna contou a amigos que estava cheia de John.

Além da questão de Jackie, outro problema de seu relacionamento com John era a comunicação com ele. Era preciso saber como lidar com John Kennedy Jr. quando estava zangado. Era do tipo que gritava. Se estivesse com raiva, berrava a plenos pulmões, com o rosto a poucos centímetros do objeto de sua agressão. Embora isso pudesse ser assustador para algumas pessoas, decerto não era para Madonna. Ela possuía as habilidades necessárias para lidar com aquele tipo de personalidade explosiva, pela pessoa com quem se casara e por ter tido de encarar aquilo quase que diariamente. No entanto, por alguma razão,-parecia não ser capaz de encarar John naquele nível esquentado durante uma discussão. Provavelmente nutria demasiada veneração por ele, devido à história quase regia de sua família. Talvez quisesse aparentar uma postura digna em sua presença. Ou talvez, ainda, simplesmente não se importasse com ele, não sentisse paixão suficiente para embarcar com ele no tipo de relação ruidosa que se habituara a ter com Sean.

Parece que o momento decisivo da vida de John e Madonna ocorreu quando ele pensou que ela dissera algo pessoal seu para alguma outra pessoa — e que essa pessoa então foi à imprensa com a informação. Quando Madonna negou ter feito tal coisa, John não acreditou. "Qual é o seu problema, porra?", berrou no último volume diante de amigos. Todos os presentes que conheciam Madonna agarraram-se em suas poltronas e rezaram, provavelmente esperando o início da terceira guerra mundial. Contudo, em vez de devolver na mesma moeda como todos esperavam, Madonna ficou quieta. Sua expressão de choque indicava que estava atônita com a explosão de John. Abaixou os olhos, incapaz de sustentar seu olhar acusatório. Então, saiu rapidamente da sala. Esse comportamento era estranho por parte de uma mulher acostumada a não economizar palavras durante uma discussão. Intrigado com sua conduta, John virou para os amigos e falou: "O que foi que eu disse? O que foi que eu disse?".

Após esse incidente, Madonna pareceu perder todo o interesse em John Kennedy Jr. Alguns mais íntimos acreditam que o teria achado um "cabeça quente", e como já tivera um em sua vida, não precisava de outro. Outros afirmam que a intensidade de intimidade física que compartilharam havia esvaecido e não valia mais a pena para ela tolerá-lo e a sua mãe dominadora. Madonna pouco disse sobre tudo isso. A uma amiga, referiu-se à situação com Kennedy como "intoxicante e triste", e disse: "Tenho de dar o fora". Perguntou a essa amiga: "Você não acha que a necessidade de ter um companheiro é uma fraqueza? Pois eu acho. E me recuso a ser fraca".

Depois de darem um tempo por duas semanas no fim de julho, John convidou Madonna para jantar em um restaurante badalado no West Side, a fim de discutir a relação.

Segundo um colega da faculdade de direito, Chris Meyer (a quem John convidou para o jantar porque, como explicou, "Não quero ficar sozinho com Madonna. Ela me mata de medo"), John lhe disse que sentia muito por tudo que acontecera em seu namoro em relação a sua mãe. Esperava que pudessem continuar amigos. Também sugeria que não poderia haver nada além disso entre eles porque sua mãe não aprovaria, "e sua aprovação significa tudo para mim".

"Madonna estava irritada com tudo aquilo", disse Chris Meyer. "Ele achava que estava dando um fora nela sem traumas, mas dava pra ver que ela já terminara com John.

Ele não precisou ser gentil com ela. Minha impressão a seu respeito é que em sua cabeça ela já lhe dera o bilhete azul, de qualquer forma, mas o ego de John não lhe permitia crer que houvesse perdido o interesse."

Uma semana mais tarde, Chris Meyer tinha um encontro com um advogado em Nova York no mesmo prédio em que ficava a Doubleday, e encontrou casualmente John Kennedy Jr., que devia estar fazendo uma visita a sua mãe, no banheiro masculino. Postados um ao lado do outro diante dos urinóis, Meyer perguntou a Kennedy sobre Madonna.

"Como vão as coisas, meu velho?", quis saber. "Acabou mesmo com Madonna?"

Sem deixar de olhar para a frente, Kennedy sorriu sutilmente e disse: "Ela é legal, mas terminamos de vez, Chris".

"Por causa da sua mãe?"

Kennedy sacudiu a cabeça. "Na verdade, não", disse, soando meio vago. "Mas toda desculpa é válida, acho. Uma desculpa é tão boa quanto outra quando a gente está tentando romper de forma educada com alguém."

"Puxa", disse Chris. "Que pena."

Sem mostrar reação, John fechou o zíper, foi até a pia e lavou as mãos.

Enquanto as enxugava com uma toalha de papel, virou-se para Chris, que ainda estava diante do urinol. "Tivemos bons momentos", falou. "Eu gostava muito dela. Bom, vem fácil", disse John, amassando a toalha, "vai fácil", concluiu, jogando o papel na lata.[12].

---

[12] John Kennedy Jr. e sua esposa por quase cinco anos, Carolinc Bessette (junto com sua irmã Lauren), morreram quando o avião particular que ele pilotava caiu no oceano Atlântico no verão de 1999. John, Caroline e Lauren foram todos sepultados no mar em 22 de julho de 1999.

Sandra Bernhard

DURANTE A TEMPORADA DE 1988 DE SPEED THE PLOW, Madonna sonhou que ela e a atriz e comediante Sandra Bernhard — uma amiga eventual a quem conhecera alguns anos antes — sobreviveram a uma catástrofe e eram as duas últimas pessoas remanescentes no planeta. Madonna sempre deu importância aos sonhos. Gostava de compartilhar os detalhes de seus sonhos noturnos com os amigos e também os registrava em diários. Assim, ficou atônita quando, algumas semanas depois, foi à peça no circuito off-Broadway de Sandra Bernhard, Without You I'm Nothing, e ouviu um de seus monólogos referindo-se a uma fantasia da comediante em que ela e Madonna haviam sobrevivido à Terceira Guerra Mundial e eram as duas últimas pessoas na face da Terra.

Na verdade, Madonna conhecera Warren Beatty e Sandra Bernhard na mesma festa, na casa dele, quando os dois foram apresentados a ela por Sean Penn. "Nós nos encontramos e eu a conheci quando veio assistir a meu show", Sandra recorda hoje, "e ela gostou mesmo, então foi aos bastidores e a gente se deu muito bem. Ficamos amigas desde o início. Antes disso, era apenas alguém que eu conhecia por intermédio de Sean. Sempre fui fascinada por ela. Quando via Sean numa festa e estava junto, lançava-me um olhar maligno, como se estivesse imaginando que eu e Sean andávamos trepando. Mas não estávamos."

No camarim de Bernhard, após o show, Sandra lhe disse: "Não consigo imaginar como é ser você". Sem se perturbar, Madonna — usando um vestido Chanel branco muito decotado — replicou: "Não consigo me imaginar sendo você". Madonna gostou tanto da atuação de Sandra que até flertou com a ideia de interpretar a si mesma na versão para o cinema da peça dela (o que nunca ocorreu).

Desde quando começara a ficar famosa, cinco anos antes, Madonna se acostumara com o fato de que não podia ser ameaçada pelo escândalo. Na verdade, qualquer controvérsia em que se envolvesse apenas acrescentava mais uma camada de intriga a sua péssima imagem... e isso em geral significava mais dinheiro ainda em sua conta bancária.

Quando um de seus bailarinos de apoio expressou preocupação que uma cena de dança mais quente com Madonna pudesse prejudicar sua carreira,

Madonna explicou: "Quanto pior a reputação, mais trabalho se consegue. Será que vocês não são capazes de entender isso?". Ela com certeza entendia, e explorou isso mais do que qualquer outro artista. Agora, talvez Madonna houvesse decidido que sua amizade com Sandra Bernhard, declaradamente bissexual, era sua chance de apresentar um novo número, um espetáculo diferente para levar seu nome aos jornais e pôr as línguas do americano médio para funcionar com uma palavra: lesbianismo.

EM poucas semanas de sua crescente amizade, Madonna mergulhou na cultura lésbica nova-iorquina, frequentando bares "só para garotas" vestida da mesma forma que suas "colegas de time". Sandra Bernhard e Madonna admitiram Jennifer Grey em seu pequeno bando licencioso e, numa paródia do "Brat Pack" de Sean Penn, batizaram a si mesmas de "Snatch Batch" ("Bando do Agarramento"). As garotas deram início a uma promoção descarada de suas proezas "lésbicas" — gerando o boato de que Madonna e Sandra estavam tendo um caso. Quando questionada por jornalistas, Madonna encorajava a fofoca, dava risadinhas, piscava e só parcialmente negava os rumores. Uma divertida Sandra — obtendo a maior publicidade de toda sua carreira — jogava o mesmo jogo.

"É provavelmente uma das mulheres mais sensuais do mundo", afirmou Sandra a um repórter da Penthouse. "Trabalhou duro e conseguiu algumas coisas interessantes com isso. A despeito de todas as mensagens misturadas que as pessoas acham que passa, Madonna é uma das mulheres mais inteligentes — e disciplinadas — no mundo do showbiz e eu a admiro de verdade. Acho que o que fez é demais e por isso para mim ela é sexy."

A talentosa e perspicaz Sandra Bernhard era notória por seus modos amalucados e linguagem vulgar. Quando conseguiu ser chamada para o The Late Show with David Letterman — gravado nos estúdios da NBC, em Manhattan —, Madonna foi em sua cola. Sandra Bernhard apareceu primeiro e Letterman não perdeu tempo em pedir-lhe que falasse "sobre sua nova grande amiga, Madonna. Há alguma verdade nesse absurdo?".

"Um pouquinho", foi a resposta de Sandra. "Um bocadinho."

Quando Letterman perguntou a Sandra Bernhard o que faziam quando saíam juntas, ela retrucou: "Vamos a festas e ficamos chapadas. Bebemos tequila, conversamos sobre os velhos tempos e nos conhecemos um pouco melhor. O que você acha que alguém faz com a namorada? O que você faz quando sai com a sua namorada?".

Então Madonna fez sua entrada triunfal, vestindo uma roupa similar à de Sandra — jeans na altura dos joelhos, uma camiseta branca lisa, sapatos pretos e meias brancas até as canelas. Sempre impaciente em causar frisson na mídia,

Madonna queria ver o circo pegar fogo. "Vamos falar sobre mim e Sandra", instruiu a Letterman.

Letterman, inquirindo diplomaticamente, pediu a Madonna que desse sua versão do que ela e Sandra faziam quando estavam juntas, e imaginava se poderia participar disso. "Só se você mudar de sexo", disparou Madonna. Sua postura era totalmente masculina, as pernas abertas, desleixada. Não havia nada tradicionalmente feminino nela.

"Nos encontramos às vezes", interferiu Sandra, "com Jennifer Grey, outras vezes somos só nós duas. Em geral você encontra a gente no Canal Bar ou no M.K. [dois bares de lésbicas]."

Madonna prosseguiu: "...a caminho do Cubby...", deixando que Sandra completasse: "... Hole".

Bernhard fez a encenação ficar ainda mais quente alegando que dormira junto com Sean e Madonna.

Esparramadas no sofá do estúdio — praticamente deitadas nele, mais do que sentadas, e com as pernas bem abertas —, as duas falavam uma em cima da outra, riam uma da outra e de Letterman, e estavam sendo ruidosas, grossas, irritantes e horríveis em todos os sentidos.

"A gente só achou que seria divertido", explica hoje Sandra. "Ela nunca fora ao programa de David Letterman antes, e estava com receio de ir sozinha, então eu disse: 'Olhe, eu vou junto com você e vamos foder com ele e com todo mundo'. Acabou sendo um pouco mais maluco, eu acho, do que nós duas esperávamos. Acho que fomos convidadas excelentes, mesmo que David nos olhasse como se a coisa toda fosse um pouco confusa para ele."

A julgar pelo que disse e fez, Madonna não parecia preocupada com o que seu marido Sean Penn, ainda nas filmagens de Casualties oi War na Tailândia, pensaria de sua mais recente jogada promocional como lésbica. Ela percebeu, sem dúvida, que a publicidade internacional e a atenção mundial geradas por uma guinada tão surpreendente somente serviriam para trazer benefícios para sua carreira, que, segundo alguns observadores, parecia uma preocupação tão premente para ela naquele momento quanto qualquer outra coisa em sua vida. O fato é que Madonna jamais foi ao Cubby Hole. Nessa época, contudo, tinha plena consciência de que muitos de seus leais admiradores eram gays, e até mesmo a mais leve sugestão de que ela própria fosse homossexual somente reforçaria a lealdade e devoção desse público. Logo, começou a aparecer em revistas do meio como ativista dos direitos gays, e foi até mesmo mencionada no livro The Gay 100, como uma das pessoas homossexuais mais influentes da história.

Segundo Madonna, a imprensa "não conseguiu sacar a piada". Madonna

também afirmaria que ela e Sandra estavam apenas "fodendo com a cabeça das pessoas", embora amigas das duas insistissem que nesse ponto de sua vida Madonna estava uma vez mais explorando sua bissexualidade, especialmente depois de ver o estranho casal acariciando-se e esfregando o corpo uma na outra enquanto cantavam a canção de Sonny e Cher, "I Got You Babe", numa festa beneficente em Nova York. Provavelmente estava tão descontente com os rumos que as coisas tomaram em sua relação com Sean Penn e John Kennedy que decidiu experimentar algo diferente. Ou talvez não. Apenas ela podia saber— e negou. Como Madonna era franca quanto a sua natureza bissexual, é de presumir que se ela e Sandra — que é aberta quanto à própria sexualidade — estavam tendo uma relação amorosa, teria dito. Afinal de contas, no passado, havia contado sobre alguns de seus namoros com pessoas do mesmo sexo.

Uma das primeiras experiências de Madonna com uma mulher ocorreu aos doze anos de idade, com Moira McPharlin, que tinha a mesma idade. Quando esta foi dormir em sua casa, certa vez, as duas tiraram a roupa e começaram a explorar os corpos uma da outra. Madonna afirma que Moira foi a primeira a lhe mostrar como usar um tampão vaginal. Contou que, antes de Moira explicar-lhe, "eu o punha transversalmente e um dia mal consegui andar direito". É claro que ao longo dos anos ela manteve muitos outros flertes com mulheres. "Vou dizer uma coisa", conta Erica Bell, sua amiga mais íntima, "eu era fascinada por ela muito antes que me beijasse. Mas quando isso aconteceu, uau! Ganhar um beijo de Madonna é descobrir o que é um beijo de verdade."

Quando Penn voltou das filmagens de Casualties of War, em agosto, não achou a menor graça no último escândalo que sua mulher conseguira criar. Detestava Sandra Bernhard tanto quanto ela o detestava, mas Madonna conseguiu aplacá-lo o suficiente para que os dois dessem uma trégua e ela pudesse comemorar seu trigésimo aniversário.

Em setembro, livre de seu compromisso em Sfeed the Plow, Madonna regressou a Los Angeles para começar a trabalhar em seu álbum seguinte, que, esperava, descortinaria uma nova maturidade em seu trabalho. Querendo ficar perto da esposa, Penn aceitou um papel no novo sucesso Hurly Burly, mas somente se a peça pudesse ser apresentada em Los Angeles. Embora amigas como Sandra Bernhard advertissem Madonna de que deixasse o emocionalmente abusivo Penn, Madonna confessou: "Ainda amo Sean". Embora cada um trabalhasse em seus respectivos projetos, o casal ensejou mais uma tentativa de fazer funcionar o turbulento casamento: Sean voltou para a casa em que vivera junto com Madonna, em Malibu. A reconciliação, no entanto, durou pouco.

Tive a oportunidade de ver os dois juntos nos bastidores do teatro Westwood, onde Sean Penn participava de Hurly Burly. Madonna apareceu com Sandra

Bernhard, as duas mulheres usando um conjunto de calça e casaco pretos e exibindo um largo decote. "Morram de inveja, senhoritas", disse Madonna a um par de fãs mulheres que batiam fotos suas. "Esta aqui é minha", acrescentou, fazendo um gesto para Sandra.

Quando Sean notou a presença de Sandra, começou a ficar irritado. "Vejo que trouxe sua namorada com você", disse a Madonna.

"Ai, Sean, não comece", disse Madonna com um sorriso, tentando ao máximo ser carinhosa com ele. "Esta é sua noite, afinal. Seja legal." Soltou uma baforada de seu cigarro no ar e então posou para uma das fãs com a câmera.

Madonna e Sean nunca permitiram que a presença de admiradores, fotógrafos, repórteres ou fosse lá quem fosse ficasse no caminho de uma ruidosa discussão conjugal.

"Se é minha noite, então por que a trouxe aqui com você?", retrucou com raiva, fazendo um gesto na direção de Sandra, que estava mais ao fundo sorrindo para ele e bebendo uma Diet Pepsi. Os dois trocaram olhares desdenhosos. Então, subitamente veio um cheiro forte, parecendo que alguém soltara um pum.

"Sean, que nojo", disse Madonna.

"Não fui eu", disse ele, para se defender. "Foi ela", acrescentou, apontando para Sandra, que fazia cara de inocente.

"Você sabe qual é seu problema?", continuou Sean, voltando sua fúria para Sandra. "É uma pequena provocadora. Gosta de criar problemas, não é? Gosta de me ver puto da vida, não? Gosta do drama."

Sandra manteve uma postura silenciosa, não disse nada.

"E você sempre consegue dar isso a ela, ou a mim, não é, Sean?", disse Madonna, fuzilando o marido. "Será que não podemos ter um momento agradável? Por que está tentando começar uma briga conosco?"

"Do que você está falando? Foi você que veio aqui com sua namorada", disse ele, furioso.

"Ah, que se dane, Sean", Madonna retrucou, ignorando a truculência de Sean. Deu uma última tragada no cigarro, jogou-o no chão e amassou a bituca com o calcanhar.

Provavelmente sentiu a necessidade de uma saída diplomática para aquela cena em público. "Sandra e eu estamos indo para o Crayons [um bar em Westwood]", disse. "Se quiser vir com a gente, será bem-vindo. Se não, então acho que só nos veremos amanhã de manhã."

Conforme sua esposa e sua arqui-inimiga se afastavam, Sean Penn sacudiu a cabeça negativamente e cuspiu no chão. "Mulheres", disse, irritado. "Por que eu não nasci gay?"

Jantar com Warren

A DESPEITO DE SEU SUCESSO como artista da música, Madonna ainda sonhava com o respeito da crítica como atriz de cinema. Sem dúvida percebera que sua participação na Broadway pouco fizera para torná-la mais comercializável como atriz de Hollywood. Bem a sua maneira, mantinha um olho em seu objetivo e instruía seus agentes de cinema a continuar a buscar algo em que pudesse aparecer, algum papel que se adequasse a ela. No início de 1988, surgiu uma oportunidade em um filme que sabia que não poderia resistir, o novo filme de Warren Beatty que estava em processo de escolha de elenco. O filme, Dick Tracy, baseado no popular personagem dos quadrinhos, tinha todas as características de um futuro sucesso de bilheteria, algo que Madonna desejava para sua carreira tão ardorosamente quanto qualquer outra coisa, a essa altura de sua vida. O papel da sensual femme fatale, Breathless Mahoney, parecia talhado para ela.

O problema era que a qualidade das atuações de Madonna no cinema em filmes anteriores não haviam deixado Warren Beatty muito empolgado com a ideia de escolhê-la para contracenar com ele no filme. Ele preferia Kathleen Turner, cuja voz provocante dera uma dimensão extremamente sexy à personagem de Jessica Rabbit em Who framed Roger Rahhit? (Uma cilada para Roger Rahhit). A linda Kim Bassinger também fora igualmente um estouro em um filme fantasioso similar, Batman, e Beatty achava que ela poderia contribuir com o mesmo tipo de aura sensual ao principal papel feminino de Dick Tracy.

Quando Warren Beatty quis sair com Madonna para discutir o filme, ela lhe deu um gelo. "Esperei semanas para conseguir um encontro com ela", lembrou certa vez.

EM seu livro Sex, publicado na década de 1990, Madonna explica que, em sua opinião, "a melhor forma de seduzir alguém é se fazendo indisponível. Basta estar ocupada o tempo todo que a pessoa logo vai estar desesperada para encontrá-la. Então, nos primeiros cinco encontros, não trepe com eles, deixe que cheguem cada vez mais perto, mas, definitivamente, não trepe com eles".

Quando Madonna concordou com Warren em jantar no Ivy, um restaurante em Los Angeles, finalmente usou todo seu charme para fazê-lo enxergá-la no

papel. Vestindo um brilhante macacão de couro preto — com o zíper provocativamente aberto — e um quepe de couro combinando, fez uma porção de perguntas. Estava claramente tentando descobrir novas informações sobre ele, uma fraqueza, qualquer coisa que se provasse útil. Ele fazia o mesmo. Segundo Warren Beatty lembrou mais tarde a amigos, Madonna teria dito: "Sei que ouviu um monte de coisas terríveis a meu respeito, e vim até aqui para lhe dizer que é tudo verdade". Ela riu. "E você?", perguntou. "Ouvi muita coisa a seu respeito, é verdade?" Warren não respondeu. "Como pensei", disse Madonna. "É tudo verdade."

Warren contaria mais tarde que fora instantaneamente fisgado pelo humor de Madonna. Ela era divertida e sensual — perfeita para o papel. Quando a deixou na porta, deu-lhe um beijo, dizendo: "Alô, Houston, estamos decolando".

"Ele a achou genial", disse um amigo de Beatty. "Contratou-a no ato."

A verdade, contudo, é que tanto Kathleen Turner como Kim Basinger não estavam disponíveis naquele momento. Beatty poderia ter continuado a procurar sua Breathless Mahoney ou simplesmente contratar Madonna. Mas estava óbvio que não a achava grande coisa como atriz, pois lhe ofereceu o salário da tabela da Associação de Atores de Cinema, apenas 1.440 dólares por semana. Assim, com efeito, a participação de Madonna baixou consideravelmente o orçamento do filme, uma vez que nem Kathleen Turner nem Kim Basinger trabalhariam em um filme de 60 milhões de dólares por menos de 2 mil dólares por semana — tampouco qualquer outra atriz popular, exceto uma que fosse esperta o suficiente para perceber que uma decisão como essa poderia ser um importante passo na carreira. Afinal, Dick Tracy era uma produção em alto estilo. Junto com Beatty havia um estelar elenco que incluía Al Pacino, Gene Hackman e Mandy Patinkin, com pontas de Dick van Dyke, James Caan e Charles Durning. Por ser um filme da Disney, muito esperado e com lançamento previsto para o verão, era bilheteria praticamente garantida. Madonna percebeu que, se por algum acidente, o filme naufragasse, dificilmente a culpa poderia ser atribuída a ela, uma vez que era apenas mais uma estrela naquela constelação. E no entanto, se fosse um sucesso, receberia o crédito por seu primeiro triunfo comercial no cinema, e poderia usar isso para provar seu apelo nas bilheterias. Além disso, Madonna fizera um acordo pelo qual, como compensação por seu pequeno salário, receberia uma porcentagem dos lucros do filme. Assim, para Madonna, Dick Tracy representava uma situação em que só tinha a ganhar. Era perspicaz o bastante para ver a coisa exatamente dessa forma e aceitou ansiosamente um contrato tido por alguns observadores da indústria como ofensivo, sobretudo considerando-se seu status no showbiz.

Pesadelo em Malibu

NO NATAL DE 1988, o casamento de Madonna e Sean Penn já passava de três anos. Dizer que os quarenta meses desde que contraíram os sagrados laços em agosto de 1985

foram um período difícil seria uma meia verdade de proporções épicas. O hábito da bebida de Penn e seu temperamento violento haviam sido mais do que Madonna podia aguentar, e no fim de 1988 o casamento estava condenado. Ela dizia que era como se houvesse se casado com uma criança num corpo de homem, alguém que funcionava no nível emocional de um garoto de dez anos de idade.

Por essa época, é claro, Madonna tinha plena consciência de que Sean Penn tinha problemas com a bebida, e que isso tornava impossível para ele conseguir se concentrar em salvar o casamento. Seu humor estava mais imprevisível do que nunca. Por exemplo, após uma discussão amarga, ameaçou afogar o cachorro, Hank. De algum modo Madonna conseguiu fazê-lo mudar de ideia. No dia seguinte — como fora sugerido por Robert Duvall —, ela o levou pessoalmente de carro até Palm Springs, ao Betty Ford Center, onde, esperava, poderia convencê-lo a se tratar. Assinaram o registro de entrada como "sr. e sra. Victor Cobb", mas depois de falar com os responsáveis, perceberam que as chances de manter a presença de Sean ali longe dos olhos da imprensa eram nulas. Não estavam nem a meio caminho de Los Angeles, na viagem de volta que durava duas horas, quando o telefone do carro começou a tocar; era o empresário de Madonna, Freddy DeMann, dizendo que haviam sido reconhecidos no Betty Ford Center. "Mas como alguém pôde saber?", lembra-se Madonna de perguntar a Freddy. "Alguém deve ter contado a alguém", disse a ele.

"A imprensa tem poderes mediúnicos quando se trata de vocês", disse a ela.

De volta a Malibu, Madonna não sabia o que fazer em relação a Sean. "Sei que deveria ajudá-lo. Mas ele não queria ajuda", lembra Sandra Bernhard de tê-la ouvido dizer. Sandra voara da Costa Oeste para passar o dia de Ação de Graças com Madonna.

"Não sei o que fazer", continuou Madonna. "Está arruinando nosso

casamento por causa da bebida e me repelindo, sinto-me horrível."

"Deixe eu fazer uma pergunta simples", disse Sandra. "Vocês alguma vez se divertiram?"

"Como assim?"

"Diversão, Madonna, você e Sean alguma vez se divertiram juntos?"

Madonna parecia desolada. Sem dizer uma única palavra, havia respondido a pergunta de sua amiga.

"Então ele tem de ir embora", decidiu Sandra.

Madonna disse que concordava, ainda que ela e Sean andassem cogitando ter um bebê para salvar o casamento. Ela prometera que 1989 seria o ano que começariam a construir uma família. Tinha medo de ter um filho com Sean, disse, pois não queria criar uma criança num lar arruinado, "e é exatamente isso que somos", acrescentou em lágrimas.

"Você vai ser louca se puser uma criança no meio dessa bagunça", disse Sandra. "Estou dizendo, ele tem de ir."

Depois de mais uma briga, Madonna pediu a Sean que saísse de casa. Ele se mudou para a casa do pai, o diretor Leo Penn. Alguns dias depois, na manhã de 26 de dezembro, Sean ligou para Madonna para discutir o estado em que se encontrava seu relacionamento. Durante a conversa, Madonna contou a Sean que decidira não ter um filho.

Ao assinar o contrato para Dick Tracy, explicou, teria de postergar a ampliação da família por mais um ano.

Segundo documentos que iria mais tarde acrescentar ao processo no tribunal de Los Angeles, Madonna disse que Penn estava "desgostoso e puto da vida" com a conclusão da conversa, e que começaram a discutir.

"Acabou", Madonna falou a Sean ao telefone, conforme se lembrava. "Quero o divórcio, eu preciso do divórcio."

Quando desligou o telefone, devia estar tremendo.

Nessa tarde, Madonna ligou para John Kennedy em Nova York. Stephen Styles se recorda: "Por essa época, John e Madonna havia esfriado seu próprio namoro, mas ela ainda era dependente dele para apoio emocional. Então pediu-lhe para viajar até a Costa Oeste e ajudá-la a resolver alguns problemas relacionados com o casamento". Segundo Styles, Madonna explicou posteriormente a Kennedy que necessitava de "apoio moral para aguentar esse período em minha vida".

John decidiu não viajar para a Califórnia. "Acho que não queria ter Madonna em sua dependência", disse Stephen Styles. "Estava com medo de que se fosse em seu socorro toda vez que pedisse, acabariam se envolvendo novamente— o que só aborreceria sua mãe, e isso era tudo que não queria fazer. Sentia-se mal

com tudo aquilo, mas também achava que não podia simplesmente largar tudo e ficar à disposição de Madonna.

Em vez disso, o que fez foi descobrir onde estava Sean", diz Stephen Styles. "Tinha o número de seu celular, que Madonna lhe dera tempos atrás. E John ligou para Sean e disse: 'Se você encostar um dedo nela, vou até aí e acabo com você, seu bostinha'. De fato, ameaçou-o fisicamente. Penn ficou furioso e lhe disse que ia chamar a polícia. Então, John recuou. Ele não queria esse tipo de atenção."

(Stephen Styles acrescenta: "John me contou que encontrou com Sean Penn em uma festa alguns anos antes. Penn exigiu que pedisse desculpas por dormir com sua esposa quando ainda era uma mulher casada. John o mandou passear, e então foi embora da festa antes que uma briga começasse. Madonna aparentemente descobriu o que aconteceu porque no dia seguinte John recebeu uma coroa de flores em sua casa. A mensagem dizia: 'Com os mais profundos pêsames, de Madonna'. Ele achou muito engraçado.") Embora Madonna fosse vista pelo público como forte e independente, a essa altura em sua vida estava na verdade assustada e vulnerável, levando alguns amigos seus a se perguntar o que de fato estava ocorrendo em seu casamento. Sem dúvida, Sean Penn estava furioso que Madonna se envolvesse no que para ele parecia ser um caso extraconjugal com Warren Beatty. "Ele a seguia à noite e os dois sempre acabavam entrando na casa de Warren", conta um amigo de Penn. "Ficava sentado em seu carro em frente o portão de Beatty, esperando que ela saísse, mas muitas vezes isso só acontecia quando o dia clareava. Isso estava deixando Sean maluco, bem como a decisão de Madonna de não começar uma família com ele. Tudo isso ia se acumulando, pronto para explodir."

A declaração de independência de seu marido, que Madonna fez pelo telefone naquela manhã de dezembro, foi seu primeiro passo no resgate de sua identidade. Contudo, não era assim tão simples. Nada com Sean podia ser simples.

No final da tarde de 28 de dezembro de 1988, segundo consta, Sean Penn escalou o muro da propriedade em Malibu e invadiu a casa, encontrando Madonna sozinha no quarto principal. Ela dera aos criados a noite de folga em troca de ajudarem em uma festa de fim de ano. Segundo um relatório de polícia mais tarde colhido na delegacia de Malibu, os dois começaram mais uma vez a brigar sobre a decisão dela de se divorciar. Quando Madonna lhe disse que ia sair da casa — pelo menos segundo o relatório policial —, ele tentou amarrar suas mãos com o fio de uma luminária e uma corda. Madonna fugiu do quarto.

Sean a perseguiu pela sala de estar. Lá — ainda segundo o relatório — ele a amarrou a uma poltrona com uma corda grossa. Muitas outras coisas horríveis

aconteceram — pelo menos segundo relatos que foram publicados do incidente, nenhum deles jamais contestado por Madonna —, mas basta dizer que aparentemente aquela foi uma noite de abuso físico e emocional.

O relatório de polícia registra que Penn estava "bebendo direto da garrafa", e que a agressão se estendeu por várias horas, tempo em que ele, alegou-se, a esbofeteou com violência. Após algumas horas, Penn saiu para comprar mais bebida. Muitas horas depois, regressou e — novamente segundo o relatório policial — continuou a agredi-la.

EM desespero — novamente segundo os documentos oficiais — Madonna finalmente persuadiu Sean Penn a desamarrá-la, dizendo-lhe que precisava ir ao banheiro. Enfim livre, saiu correndo da casa. Sean tropeçava em seu encalço, o que deu a Madonna uma vantagem. Ela chegou ao Thunderbird 1957 coral que Penn lhe havia presenteado em seu aniversário de 28 anos e se trancou dentro do carro.

Enquanto Sean socava furiosamente os vidros do automóvel, Madonna chamou a polícia pelo telefone móvel. Quando terminou de falar, engatou a marcha a ré e partiu com tudo, rumo à delegacia de Malibu, na Pacific Coast Highway.

"Quando Madonna entrou cambaleando no posto [quinze minutos depois], estava desfeita, chorando, com maquiagem borrada por todo o rosto", recorda-se o tenente Bill McSweeney. "Eu mal a reconheci como Madonna, a cantora. Estava em prantos, seu lábio sangrava e tinha marcas em toda parte.

Obviamente fora espancada. Era uma mulher que se metera em grandes problemas, sem dúvida nenhuma."

Os oficiais de polícia, atônitos com os detalhes que Madonna deu das nove horas de sofrimento por que passara, saíram para efetuar a prisão do marido. Sean Penn continuava dentro da casa quando os policiais chegaram e o arrancaram de lá. Um deles se lembra: "Tivemos de usar nossos megafones. 'Sean Penn, saia da casa com as mãos para cima', dissemos. O suspeito apareceu e o levamos algemado".

Divórcio

EM QUALQUER INCIDENTE envolvendo violência doméstica, em geral há os dois lados da história. Madonna acusou Penn de lhe infligir "injúria corporal e condições traumáticas", bem como de cometer "agressão". No entanto, Sean Penn tinha uma versão diferente do tumulto ocorrido em Malibu naquela noite de dezembro de 1988. Ele afirma que jamais amarrou sua esposa. Explica que, após uma típica briga entre os dois, Madonna saiu correndo da casa para se recompor. Ele foi atrás dela gritando que, se ousasse voltar, cortaria todo seu cabelo. Afirma que, como resultado dessa ameaça, "ela ficou preocupada que fosse ganhar um corte de cabelo bem severo". Se a história de Sean é verdadeira, é compreensível que a imagem do marido furioso vindo em sua direção com uma par de tesouras fosse uma visão terrível para Madonna. "Assim, contou sua preocupação para as autoridades locais, que foram até a casa", disse Sean. "Achou que a coisa responsável a fazer -uma vez que estavam indo lá ostensivamente para protegê-la de ter o cabelo cortado e para permitir-lhe catar alguns pertences pessoais — era informá-los de que havia armas de fogo na casa." Ele admite que, de fato, tinha armas na casa. Sean estava na cozinha comendo uma tigela de flocos de arroz quando as autoridades chegaram, brandindo megafones e algemas. Sean afirma que a polícia, temendo que portasse uma arma, "sugeriu que eu saísse da casa. Fizeram o que tinham de fazer, da maneira como tinham de fazer. Eu estava tranquilo quanto a isso".

Após o incidente de Malibu, quaisquer que fossem os detalhes — e o tenente Bill McSweeney, da delegacia de Malibu, insiste que "fomos chamados para investigar uma agressão" —, Madonna instruiu seus advogados a dar entrada nos papéis do divórcio. Sandra Bernhard a convencera de que não deveria seguir nem mais um dia com o casamento. Posteriormente, conforme Madonna contou, Sandra podia "ver minha dor".

"Como sua amiga, não posso parar e ficar olhando isso acontecer", Sandra lembra-se de ter-lhe dito. "Quero que isso acabe, para seu próprio bem. O que posso fazer para ajudar? Livre-se dele de uma vez por todas."

No mesmo dia em que deu entrada no divórcio, Madonna encontrou a promotora pública Lauren Weiss para explicar que agora queria retirar as

acusações contra seu marido.

Segundo foi dito, temia a publicidade que o escândalo subsequente fatalmente iria gerar se houvesse um julgamento. Contudo, a verdade é que não podia suportar ver Sean em um tribunal. Ainda sentia que ele era o amor de sua vida, independente do ponto de deterioração a que houvesse chegado seu relacionamento. Ela se importava com ele, queria que estivesse a salvo. "Que Deus o abençoe e proteja", disse na época, "mas bem longe de mim. Este casamento acabou."

"Madonna pediu que não fosse apresentada nenhuma acusação criminal", diz hoje o porta-voz da promotoria, Al Albergate. "Não havia outra evidência em que basear uma acusação criminal, então não se deu entrada em nenhuma."

A maneira como terminara o casamento de Madonna iria remodelar determinados aspectos de sua personalidade. Ela se acostumara desde muito tempo a ter o controle de sua vida, ou de seus homens. Orgulhava-se disso e até se vangloriava do fato. Às vezes, exibia uma espantosa falta de sensibilidade e ridicularizava mulheres que pareciam fracas ou vulneráveis como resultado de uma relação azedada. Nunca entendeu realmente como uma mulher podia deixar um homem tirar-lhe o que tinha de melhor.

Mas Sean Penn pôs um limite em sua confortável zona de controle, e não apenas metaforicamente.

A noite de Malibu afetou Madonna de formas que somente ela estaria capacitada a explicar plenamente... mas não parecia estar preparada para isso. Nos meses que se seguiram, contam seus amigos, teria pesadelos sobre aqueles terríveis momentos passados em dezembro, quando seu marido perdeu o controle. Parecia psicologicamente machucada pela experiência, tanto mais que falaria do assunto apenas com amigos íntimos.

"Começava a chorar sem nenhuma razão", contou um amigo seu que pediu anonimato. "Nessa época, percebi que estava triste, solitária. Seus fãs e a imprensa tinham uma imagem dela sendo forte e autossuficiente, e assim fora até então — e continuaria a ser. Mas ela estava emocionalmente arrasada pelos maus pedaços que passara com Sean Penn. Perdeu muita autoconfiança e autoestima como resultado disso, e levaria anos para superar o que ocorrera. Em alguns aspectos, acho que ainda não superou."

Quando Madonna pegou as malas com suas coisas e saiu da casa de Malibu em que havia vivido com Sean, para se mudar para seu apartamento em Nova York, deixou para trás, na penteadeira do banheiro, a aliança de ouro em que se lia: "M ama S".

Nem Madonna nem Sean jamais falariam publicamente sobre o incidente. "Basta dizer que Sean tinha um profundo problema em lidar com a raiva",

Madonna contou a uma amiga, em particular. Diz muito sobre o desconforto de Madonna com o ocorrido o fato de não ter discutido o assunto com a mídia. No passado, sem dúvida, todo mundo sabia que corria à imprensa para contar sobre os inúmeros incidentes que tinham a ver com sua vida pessoal... mas agora, aquele não. Os mais próximos dela dizem que Madonna optou por permanecer em silêncio porque simplesmente não sabia o que fazer das ações de Sean, e não suportava falar a respeito. Além do mais, devido à afeição e ao respeito que sentia por Sean, não queria sujar ainda mais seu nome de forma alguma. Afinal, Madonna conhecia Sean melhor do que qualquer pessoa, e deve ter percebido que o que ocorrera em Malibu não constituía um de seus momentos mais admiráveis. Sem dúvida, não desejava que a reputação dele ficasse ainda mais manchada tornando público o que ocorrera entre eles.

De sua parte, diz-se que Sean ficou agradecido pelo silêncio de Madonna. Estava terrivelmente arrependido, contou a um amigo, explicando que o uísque o levara a um perigoso erro de julgamento.

Sean não queria um centavo do dinheiro de Madonna, embora pelas leis da Califórnia pudesse pleitear metade de sua fortuna. Em vez disso, queria que Madonna ficasse com todos os 70 milhões de dólares que havia ganho com sua carreira ao longo dos três anos em que estiveram casados. "Eu poderia ter feito o que bem entendesse", disse ele mais tarde. "A partilha de bens entre os cônjuges é um direito na Califórnia. Mas nunca, nem nas piores circunstâncias, eu tiraria dinheiro de outra pessoa."

Sean Penn ficou com aproximadamente 5 milhões de dólares que ganhara (embora recebesse um milhão de dólares por filme) e com a villa espanhola de três quartos do casal, no valor de 2 milhões de dólares. Como o investimento pessoal de Sean Penn na propriedade conjunta fora de apenas 880 mil dólares, ele ganhou 1,2 milhão de dólares na transação. Também ficou com a mobília em estilo Santa Fé que havia na casa, incluindo a cama feita de troncos com baldaquino.

Madonna levou todas as pinturas e esculturas de art nouveau. Um detalhe esquisito foi que deixou na casa, segundo a documentação do processo, uma boneca mutilada com alfinetes espetados. Madonna ficou com o apartamento em Nova York, mas deu a Penn 498 mil dólares — o equivalente a seu investimento na propriedade.

(Ela adquiriu sozinha a casa de sete quartos em Hollywood Hills, no valor de 2,9 milhões de dólares, que valia mais do que a soma de todos os bens deixados para Sean.) Segundo a documentação do processo, deixou ainda 18.700 dólares de investimentos em "ações de curto prazo", além de 2.300 dólares em dinheiro (as duas somas encontravam-se numa conta conjunta).

O divórcio foi finalizado em 25 de janeiro de 1989. Como os documentos necessários haviam sido preparados e arquivados tantas vezes no passado, eles foram atualizados e estavam prontos para serem assinados por Sean Penn em alguns dias. Madonna amara Sean e queria mesmo ter honrado os votos do casamento, então ficou muito abalada com o divórcio. Como passara momentos infelizes, talvez houvesse pensado que não sentiria falta de Sean, mas estava enganada. Ficou verdadeiramente surpresa com a sensação de perda que teve nos meses que se seguiram à conclusão da separação, como iria admitir mais tarde. Em um nível mais profundo, explicou para amigos, sentia que ela e Sean eram "almas gêmeas". Era difícil para ela compreender de que forma tudo se voltara contra eles.

Hoje em dia, segundo os que a conhecem melhor, ainda lembra da união com Sean com grande arrependimento. Não consegue deixar de romantizar seu casamento, olhando retrospectivamente através de um filtro que obscurece os aspectos mais negros de sua relação. Provavelmente para seu próprio bem, parece querer recordar apenas os momentos mais felizes com Sean — com certeza, não o pesadelo em Malibu. É claro que alguns de seus amigos têm se perguntado quando esses momentos felizes ocorreram, uma vez que a maioria das pessoas nunca testemunhou de verdade a felicidade entre ela e Sean, pelo menos não depois da cerimônia de casamento — e Sean não parecia muito emocionado naquele dia, tampouco. No entanto, é verdade que ninguém sabe realmente o que acontece em um casamento quando duas pessoas estão sozinhas, a não ser as duas pessoas que o estão vivenciando.

Madonna também sente, ou pelo menos assim afirmou em particular, que talvez pudesse ter sido mais tolerante com os sentimentos de Sean em relação a Sandra Bernhard.

Além disso, pergunta-se se talvez não deveria ter sido mais incisiva em forçá-lo a parar de beber. Disse que se sentia culpada porque "deveria ter feito com que parasse. Toda vez que tomávamos um drinque juntos, sentia-me culpada com isso".

Talvez algo de sua culpa adviesse de sua criação católica. "Uma vez católica, sempre católica — em termos de seus sentimentos de culpa e remorso e se você pecou ou não", explicou numa entrevista. "Às vezes sou torturada pela culpa quando não tenho de ser, e isso, para mim, é remanescente de minha criação católica. Porque no catolicismo você já nasce em pecado e permanece uma pecadora pelo resto da vida. Não importa o quanto tente se afastar disso, o pecado está com você o tempo todo."

Na verdade, não havia nada que Madonna poderia ter feito pela profunda imperfeição de Sean. A verdade, ao que parece, é que Penn foi um covarde. Por

alguma razão, queria romper com Madonna e dar um fim ao casamento, mas não tinha coragem de fazê-lo. Em vez disso, criou um cenário horripilante para se certificar de forçá-la a pedir o divórcio. "Não se pode mudar uma pessoa, ou controlar seus demônios", disse depois a respeito de Sean Penn. "Foi uma das coisas que aprendi com aquele relacionamento."

Pode-se sustentar que Sean e Madonna fizeram o melhor que puderam com o que tinham em mãos em termos de bom senso e maturidade. O fato de que os dois eram tão famosos com tão pouca idade também não ajudava em nada a melhorar seu casamento. Com certeza, hoje em dia, Madonna jamais confrontaria seu parceiro em público como fizera com Sean. Embora ainda seja complicada e muitas vezes temperamental, e de vez em quando difícil de entender, obviamente não é a mesma mulher de uma década atrás.

Madonna também admitiria mais tarde que o rompimento com Sean deixou-a ainda "mais desconfiada em relação às pessoas. Você imbui os homens com características que quer que eles tenham", observou. "Então, não são nada do que você esperava. Mas é sua culpa também por não ter feito a lição de casa, por não ter investigado. Hoje sou mais precavida. Mas continuo sendo uma romântica incurável."

Desde seu casamento com Madonna, Sean Penn tem dado duro para se limpar — não está "sóbrio", ainda bebe, mas não deu demonstração de bebedeira em público por muitos anos. Acabou se tornando uma pessoa feliz e produtiva — embora, segundo alguns relatos, ainda não seja talvez o parceiro ideal. Ele e sua segunda esposa, a atriz Robin Wright, mãe de dois filhos seus, tiveram suas próprias dificuldades desde seu casamento em 1996.

Quando perguntado se achava que seu casamento com Madonna poderia ter dado certo, ele responde: "Porra nenhuma. Não com as coisas com as quais tínhamos de lidar".

Os jornalistas constantemente pedem a opinião de Sean Penn sobre a mais recente polêmica autopromocional da ex-esposa, julgando-o uma autoridade no assunto. Em geral, ele não tem nenhuma opinião formada. "Olhem, sou tão bom para falar nisso quanto qualquer outra pessoa", afirma. "Não a conheço muito melhor por ter vivido com ela. De qualquer maneira, estava bêbado a maior parte do tempo."

Nos anos que se seguiram, ele e Madonna continuariam a alimentar fortes sentimentos um pelo outro, embora dificilmente se falassem. "É doloroso demais", contou Madonna ao escritor Kevin Sessums quando este lhe perguntou se ela e Penn ainda mantinham contato. "É horrível", disse, com os olhos marejados de lágrimas.

Alguns anos mais tarde, em 1995, Sean apareceu de repente no palco, sem

que se avisasse, ante um público boquiaberto, que assistia a Madonna receber o prêmio VH1 Fashion and Music. Embora ela gostasse de chocar os outros, e raramente — ou nunca — gostava quando a situação era o inverso, pareceu genuinamente feliz de ver Sean.

Os dois se abraçaram carinhosamente. Quando ele saiu do palco, Madonna foi até o microfone e disse à plateia: "Puxa, esse foi um golpe baixo".

É provável que seu breve encontro de 1995 com Sean Penn tenha despertado em Madonna algo que estava adormecido havia algum tempo. No dia seguinte, prendeu seu cabelo sob um chapéu, enfiou-se num casaco de pele de leopardo e foi ao Central Park se encontrar com Sean Penn, que estava discretamente vestido e com um boné na cabeça.

"Sinto tanto sua falta, querido", ouviram-na dizer. "Você não sente minha falta também?" Os flashes dos onipresentes paparazzi espocaram febrilmente, tirando fotos do casal antes conhecido como os "Brigões Penn". Dessa vez, Madonna e Sean, perdidos na companhia um do outro, pareceram não se importar.

Like a prayer: o álbum

EM MARÇO DE 1989, a atitude comercialmente mais prudente a ser tomada por Madonna seria lançar outro álbum de dance music com novo material. Afinal de contas, tirando pelo desempenho nas lojas do recente You Can Dance, seu público teria ficado feliz em continuar dançando, nada mais. Contudo, Madonna, agora com trinta anos, tinha alguns assuntos na cabeça, pensamentos pessoais sobre sua atribulada relação com o ex-marido, sua família, o mundo e até mesmo com Deus. Assim, embora ainda quisesse que os fãs pudessem festejar, com seu quarto álbum queria também levá-los a pensar. Com esse intuito, Madonna começou a desenvolver ideias para as letras que, até então, eram reflexões pessoais que jamais deveriam ser partilhadas com o público de forma tão aberta e deliberada. Cuidadosamente, começou a vasculhar seu diário e suas anotações pessoais para considerar suas opiniões. "O que era isso que eu queria dizer?", lembrou ela. "Queria que o álbum falasse de coisas em minha mente.

Era uma época complexa em minha vida."

Enquanto Madonna considerava suas alternativas, os produtores Steve Bray e Patrick Leonard começaram a experimentar individualmente várias trilhas instrumentais e ideias musicais para apresentar-lhe. Embora os dois produtores conhecessem bem um ao outro e até mesmo houvessem trabalhado com ela em algumas canções, sempre havia uma competição silenciosa porém feroz entre eles, que disputavam para ver quem conseguia pôr o maior número de canções em um de seus álbuns. Desde que Madonna se tornara uma franquia, os royalties das canções de discos que vendiam milhões de cópias no mundo inteiro haviam feito de Bray e Leonard homens ricos. Os investimentos continuavam altos.

Ambos os produtores emprestaram seu estilo pessoal próprio ao projeto que acabaria resultando no álbum Like a Prayer. Embora Bray tivesse uma queda por canções pop-dance movimentadas, enquanto Leonard era de estilo mais melódico, os dois se provaram indispensáveis ao som sempre em evolução de Madonna. Na verdade, a versatilidade dos dois produtores involuntariamente fazia com que não houvesse um som "real" de Madonna, nenhuma forma de os críticos ou fãs rotularem-na. Assim, enquanto Madonna estava bem ciente da

dinâmica por vezes contenciosa da relação entre Bray e Leonard, nunca fez muita força para impedir — a tensão era boa para a criatividade e os negócios. "Gosto quando as pessoas ficam umas contra as outras", disse. "Gosto até quando vêm pra cima de mim. Se você quer criatividade, precisa fazer sair faíscas. Sou totalmente a favor."

Além do mais, os próprios gostos e ideias musicais de Madonna têm tanto a ver com o que ela é artisticamente quanto os de qualquer outra pessoa. Em última instância, é ela que decide para que faixas vai escrever alguma letra.

Quando Like a Prayer foi lançado, os críticos musicais observaram o jeito maduro e competente de Madonna se expressar. Tornara-se uma compositora competente e recebia coautoria em dez canções do disco, além de ter escrito uma sozinha.

"Like a Prayer", escrita por Madonna e Leonard, fazia por merecer cada parcela da curiosidade que gerou. Como o surpreendente videoclipe que a acompanhava, a canção é uma série de anomalias manipuladoras. Como o clipe, está cheia de referências tanto à dimensão espiritual/religiosa como à carnal — uma celebração jubilosa do amor... mas por quem? Em uma manobra muito típica do uso inteligente que Madonna faz das palavras, o tema lírico da devoção pode ser em relação a um amante ou a Deus. Por exemplo, o tempo todo Madonna canta "Like a Prayer" com uma dose de devoção e reverência, como se se dirigisse a um poder mais elevado. No entanto, a letra que fala sobre "ficar de joelhos" e querer "fazer com que você chegue lá" evoca imagens distintas de... alguma outra coisa.

De fato, os duplos sentidos e as ironias abundam em "Like A Prayer". Embora seja infernalmente dançável, a música é interrompida por uma suave pausa durante a qual Madonna presta uma homenagem amorosa contra um fundo de vozes angelicais e celestiais. Embora a canção tenha um ar distintamente religioso, a tensão sexual subjacente é inegável. As vozes jubilosas de um coro gospel conduzido por André Crouch elevam a natureza espiritual da canção, enquanto uma pungente e profana guitarra de rock a mantém sombria e misteriosa. Como o lendário Marvin Gaye (cuja música ela admirava muito), Madonna teve a misteriosa habilidade de inspirar emoções fortes e conflituosas no curso de uma única canção, deixando o ouvinte queimar a cabeça em busca de respostas — e ansiando por mais. É certamente um dos grandes dons seus.

"Express Yourself", uma das duas faixas que Madonna produziu com Bray, é um despojado hino dançante que insta a um chamado às armas feminino, visando a comunicação e o amor-próprio. "Acho que é uma de minhas melhores canções", disse Madonna. "A gente se divertiu no estúdio com ela."

EM três canções do disco, Madonna procurou exorcizar certos demônios

pessoais. "Till Death Do Us Part", sua triste e áspera carta aberta a Sean Penn, revelava seus sentimentos de desesperança com o antigo casamento. Como faria qualquer artista que quisesse se expor por meio da música, ela transformou a experiência pessoal em arte, deixando claro para qualquer um que estivesse interessado em saber como se sentia em relação ao que ocorrera com Sean. Da mesma forma, em "Oh Father" Madonna revisita a dor e a confusão que caracterizaram sua relação com o mais importante homem de sua vida. Alguns críticos viram nela uma declaração de amor para Tony Ciccone, enquanto outros a viram como uma acusação. "Tudo bem", disse Madonna. "É o que o ouvinte acha que é, está livre para a interpretação. Apenas escrevo canções, cabe aos outros interpretá-las para significar o que querem que signifiquem."

Ela atacava os momentos sombrios com canções como "Keep It Together", outra faixa de Steve Bray, uma brincadeira animada sobre as agruras — e alegrias— da família.

"Cherish" era um triunfo particular da parceria Madonna/Patrick Leonard. Uma criação deliciosa pronta para as rádios, a canção tinha tudo— uma letra forte, positiva, notavelmente bem encaixada na música sobre o amor, uma melodia memorável que era um convite a entrar na cantoria e um arranjo enxuto, vigoroso e cheio de ritmo. Continua a ser, simplesmente, uma das melhores canções que Madonna já compôs; doce e alegre, mas de maneira alguma piegas, é uma faixa pop que Madonna cantou lindamente, e com um charme atrevido inegável. De fato, se "Cherish" tivesse sido lançada nos anos 60, mais provavelmente teria sido originada na Motown de Detroit ou na Meca da composição musical em Nova York, o Brill Building, duas fontes de alguns dos mais duradouros clássicos pop.

Madonna e Patrick Leonard criaram a maior parte do álbum Like a Prayer, com exceção de "Love Song", um dueto coproduzido e cantado no disco por Prince. Quando saíam juntos, os dois superstars tentaram compor alguma coisa em parceria, mas nada do que fizeram jamais conheceu a luz do dia. E provavelmente "Love Song" deveria ter sido mantida em algum lugar onde a luz não a alcançasse. Uma colaboração potencialmente fabulosa é desperdiçada em uma sinuosa canção de ritmo meio lento que não chega a lugar nenhum — um exercício nos excessos de Prince. Embora tenham dividido os créditos da produção, Prince tocou todos os instrumentos e o papel de Madonna ficou reduzido a cruzar os braços em seu próprio álbum e tentar cantar como Prince. Seu convidado de honra talvez tenha inspirado "Act Of Contrition", uma mixórdia experimental com Madonna murmurando uma oração sob um nervoso solo de guitarra contra um fundo de canto coral, uma tática de gravação usado pelos Beatles e por Jimi Hendrix para obter um efeito psicodélico alguns anos

antes. Como em qualquer arte, às vezes o que Madonna produzia funcionava, e às vezes não. (É claro que depende de quem acha que funciona ou não, toda crítica é subjetiva.) Todo artista importante tem pelo menos um álbum em sua carreira cujo sucesso comercial e/ou de crítica torna-se seu momento mágico. Para Marvin Gaye, foi What's Going On?. Para Stevie Wonder, Songs in the Key of Life. Para Diana Ross, a trilha sonora do filme que a catapultou para o sucesso, Lady Sings the Blues. Para Aretha Franklin, foi Hey Now Hey (the Other Side of the Sky), produzido por Quincy Jones e incluindo o single escrito por Stevie Wonder, "Until You Come Back To Me". Para Michael Jackson, é claro, foi Offthe Wall e Thriller. Para Madonna, Like a Virgin era apenas um momento decisivo. Like a Prayer, outro. Para o bem ou para o mal — em geral, para o bem! —, Madonna se forçava a continuar avançando como artista, usando sua veia criativa para se comunicar em outro nível musicalmente. "Like a Prayer é sobre a influência do catolicismo em minha vida e a paixão que provoca em mim", explicou. "Nessas canções, estou lidando com assuntos específicos que significam muita coisa para mim. Dizem respeito à assimilação de experiências que passei em minha vida e em minhas relações. Assumi mais riscos com esse disco do que com qualquer outro, e acho que o crescimento é visível."

"Like a Prayer": o comercial da Pepsi

LIKE A PRAYER ERA NOTÁVEL por mais do que simplesmente sua musicalidade. As circunstâncias sob as quais o single e o álbum Like a Prayer debutaram vieram a criar uma das maiores controvérsias na história da muitas vezes desconfortável ligação entre a publicidade corporativa e a pop music. Tudo começou em janeiro de 1989, quando a Pepsi-Cola anunciou ter assinado um contrato de 5 milhões de dólares com Madonna para utilizar "Like A Prayer" em um comercial de televisão. O acordo também incluía o financiamento pela Pepsi de uma turnê mundial para Madonna. (A gigante do refrigerante tinha um contrato nas mesmas bases com Michael Jackson, e só as notícias do acordo já angariaram para a empresa e o artista uma quantidade inestimável de publicidade.) "Considero um desafio fazer um comercial que tenha algum valor artístico", disse ela. "Gosto do desafio de fundir arte e comércio. Até onde entendo, fazer um videoclipe também é um comercial. O anúncio da Pepsi é uma forma grande e diferente de divulgar a música. As gravadoras simplesmente não têm o dinheiro necessário para financiar esse tipo de publicidade. Da maneira como está previsto, a música ficará tocando ao fundo e a lata da Pepsi será posicionada bem subliminarmente. A câmera faz uma panorâmica pela cena, então não é um comercial agressivo."

Era concebível que o acordo Pepsi/Madonna significasse um ótimo negócio para ambas as partes. Madonna usaria o comercial para divulgar "Like A Prayer" no mundo todo antes de seu real lançamento— a primeira vez que uma coisa como aquela seria feita na indústria fonográfica —, criando assim um cenário de promoção internacional para o single e o álbum que estavam por vir. A Pepsi, por outro lado, teria seu produto, desde já uma importante mercadoria da cultura de massa, associado à maior pop star do mundo.

Embora parecesse o casamento perfeito entre arte e comércio, houve problemas desde o início quando Madonna se recusou a pôr o nome da Pepsi na versão do comercial de "Like A Prayer". No início, ela também se recusou terminantemente a dançar no anúncio multimilionário, planejado para parecer tão atraente quanto um clipe da MTV.

Mesmo assim, a Pepsi seguiu com sua campanha. Em 22 de fevereiro de

1989, a empresa veiculou um caro comercial de televisão durante a transmissão para o mundo inteiro do Grammy Awards, mas que, estranhamente, era na verdade apenas um anúncio do futuro comercial com Madonna. Depois, em 2 de março, durante o mais popular show de televisão dos Estados Unidos nessa época, The Cosby Show, Madonna pôde ser vista em um elaborado — e saudável — comercial vendendo Pepsi tão diligentemente quanto era capaz alguém que tentava manter uma certa dose de imparcialidade como pop star. Estimou-se que 250 milhões de pessoas pararam para ver o comercial de dois minutos, assinalando a primeira vez que um novo single debutava quase que inteiro em um anúncio veiculado no mundo todo. Todd MacKenzie, o porta-voz da Pepsi-Cola Company, disse que a propaganda iria ao ar simultaneamente "em todo o globo, na Europa, nas Filipinas, na Tailândia, no Japão e na América do Sul, além da América do Norte.

Quase todo aparelho de televisão do planeta iria estar sintonizado naquele comercial". Uma versão de trinta segundos do anúncio seria veiculada na tevê durante os meses de verão.

Ao menos, esse era o plano.

A Pepsi mantivera sua parte no acordo injetando gás em "Like a Prayer" (e assim também na Pepsi) por meio de uma campanha avaliada em milhões de dólares. Contudo, Madonna era, nas palavras de um executivo, o "coringa do jogo". Fiel ao seu estilo, ela chocou os executivos da Pepsi e também o setor conservador da sociedade com o vídeo feito para "Like a Prayer". Madonna, sempre de olho em novas formas de se superar, planejou o vídeo para ser mais provocante do que tudo que já havia feito antes. Tendo anteriormente tocado no tema da gravidez precoce com grande sucesso comercial, ela agora planejava atacar o racismo fazendo o videoclipe retratar um casal inter-racial sendo fuzilado por membros da Ku Klux Klan. Contudo, depois de pensar melhor e mantendo-se fiel às conotações religiosas da canção, decidiu-se por outro tema provocativo. A diretora do clipe, Mary Lambert, diz: "Achava que era uma canção sobre o êxtase e mais especificamente sobre êxtase sexual, e como ele está relacionado ao êxtase religioso.

Nós a escutamos juntas e concordamos que era sobre isso. Madonna disse que gostaria de fazer amor sobre um altar, no vídeo".

Quando Mary Lambert manteve a ideia inicial de Madonna de um amor inter-racial no conceito, o resultado foi uma miscelânea de imagens controversas — Madonna beijando um santo negro (interpretado pelo ator Leon, que mais recentemente fez o papel de David Ruffin na minissérie dos Temptations e Little Richard no filme sobre sua vida produzido para a televisão), recebendo os estigmas de Cristo, dançando diante de cruzes em chamas parcamente vestida no

que parecia ser apenas uma combinação preta e, como pedido, fazendo amor num altar com um homem negro (mais uma vez Leon, que no desenrolar do enredo do vídeo fora falsamente acusado de assassinato). Era um clipe fantástico. Madonna, morena, dançava ao longo de todo o vídeo com tal abandono selvagem — em certo momento cantando e dançando vestida em sua roupa de baixo mínima, dentro da igreja, com um coro gospel de negros ao fundo — que era como se soubesse que estava prestes a causar uma comoção, e não podia esperar para ver como seria o desenrolar de tudo.

Grupos religiosos no mundo inteiro perderam pouco tempo protestando contra o que consideraram ser um uso blasfemo de imagens cristãs. Convocaram um boicote nacional da Pepsi e das subsidiárias da Pepsi Co., incluindo suas cadeias de fast-food Kentucky Fried Chicken, Taco Bell e Pizza Hut.

Com os executivos da Pepsi na corda bamba tentando explicar a linha tênue que separa a propaganda e a expressão artística, o próprio Papa entrou na briga, exigindo a proibição de qualquer apresentação de Madonna na Itália. A Pepsi, preocupada com o fato de que uma ideia concebida para gerar milhões de dólares estivesse em vias de fazer a empresa perder quantias correspondentes, finalmente cedeu à pressão internacional. A empresa, citada na seleta lista da revista Fortune 500 como uma das 500 maiores do mundo, cancelou a campanha publicitária logo após o início do comercial de dois minutos ter estreado, em 2 de março de 1989. E também recusou-se a financiar a turnê de Madonna. A Pepsi estava tão ansiosa para se desvincular daquela empreitada que ameaçava seus lucros que deixou Madonna ficar com os 5 milhões de dólares que recebera adiantados na assinatura do contrato— não que a empresa tivesse muita escolha, pois com toda certeza Madonna a teria processado caso a Pepsi houvesse exigido o dinheiro de volta.

Embora dissesse que nunca fora sua intenção que a Pepsi saísse como vítima de todo aquele fiasco, Madonna permaneceu fiel a si mesma. O fato de que não queria segurar uma lata de Pepsi no comercial deveria ter servido de indício para os executivos da empresa sobre o temperamento da cantora: a Madonna pop star iria fazê-lo a sua maneira, não importava o que a Madonna empresária houvesse concordado em fazer. Ela manteve o tempo todo que o anúncio da Pepsi e seu videoclipe eram duas entidades diferentes, e que tinha o direito de ficar em seu métier. É claro que todas as manchetes apenas serviram para aumentar o interesse em Like a Prayer. O álbum gerou cinco singles de sucesso nas paradas da Billboard — "Like A Prayer" virou seu sétimo single a chegar ao primeiro lugar; "Express Yourself", o segundo lugar, "Oh Father", vigésimo, e "Keep It Together" juntava-se a elas, no oitavo lugar. O álbum vendou cerca de 4 milhões de cópias nos Estados Unidos, e impressionantes 30 milhões no mundo inteiro.

No final, os eventos que marcaram "Like A Prayer" apenas serviram para aumentar a reputação de Madonna de empresária astuta, alguém que sabia como vender uma ideia.

Obviamente, a escolha de estrelas da música e de atletas para vender bebidas sem álcool se tornaria um lugar-comum no futuro. No entanto, nenhum deles iria gerar a comoção do negócio fracassado entre Pepsi e Madonna.

Ironicamente, o clipe de "Like A Prayer" ganhou o MTV Music Awards— um programa patrocinado pela Pepsi — de 1989, na categoria Escolha dos Telespectadores. "Acho que isso significa que vocês gostam de mim", disse, parodiando a famosa fala de Sally Fields quando recebeu o Oscar. "Vocês gostam mesmo de mim." Então, sorrindo, a agora loira Madonna acrescentou um toque de ironia: "Gostaria de agradecer à Pepsi por causar tanta controvérsia".

Mimos

QUANDO COMEÇOU A PRODUÇÃO para o novo filme de Warren Beatty, Dick Tracy, em fevereiro de 1989, parecia inevitável a alguns observadores do mundo do cinema que um relacionamento romântico tivera início entre o velho Don Juan hollywoodiano e a nova e sedutora estrela da música pop ávida de publicidade. Agora que estava trabalhando com ele, Madonna, uma antiga fã de cinema, provavelmente não podia resistir à ideia de se envolver com Warren Beatty, um ícone dos filmes que cativava as mulheres com surpreendente sucesso. Como o doloroso rompimento final com Sean Penn ainda estava fresco, contudo, talvez Madonna se sentisse como se houvesse acabado de sair do dentista. Por dentro, provavelmente estava ainda entorpecida depois de passar por tão terríveis provações, sobretudo considerando o pesadelo de Malibu. Contudo, por fora parecia bem — e era inflexível sobre manter as aparências. Contou a amigos que estava determinada a seguir adiante com sua vida e se distrair o mais que pudesse, de modo a não pensar em Sean, em seu casamento fracassado e na catastrófica maneira como tudo acabou. E que melhor distração, pode-se conjeturar, do que começar uma relação com um homem que namorou algumas das maiores e mais glamourosas estrelas de sua era, incluindo Natalie Wood, Joan Collins, Julie Christie, Carly Simon, Cher e Barbra Streisand?

Embora certamente ainda tivesse boa aparência, aos 52 anos de idade Warren Beatty já perdera havia muito tempo o status de sex symhol em Hollywood. Agora, em torno de seu rosto, que continuava belo, surgiam leves sinais de manchas, finas linhas brancas que eram disfarçadas ou pelo bronzeamento ou pelo pancake. (Se alguém chegasse mais perto para verificar, poderia se perguntar se aquelas marcas não seriam resultado de uma cirurgia plástica.) Provavelmente percebendo que sua imagem da "Antiga Hollywood" ganharia um reforço se mantivesse uma ligação com o principal objeto sexual do momento, Warren pareceu espantado com sua boa sorte. "Às vezes olho no espelho e digo, 'Cara, eu estou com a Madonna!'", contou a um repórter. "Ela me torna jovem."

Desde o início, providenciou tudo que pôde para conquistar Madonna. Por exemplo, um dia ela chegou em casa e encontrou sua sala de estar cheia de

pacotes: lingerie, perfume, maquiagem e dúzias de vestidos caros, formais e informais — todos com a sua medida. Havia também caixas de calcinhas numa variedade de cores — novamente, todas do seu tamanho — e uma dúzia de sutiãs de renda pretos Lejaby — sua marca favorita. (É de se perguntar como Warren poderia ter sabido, ou mesmo se lembrado, da marca de seu sutiã favorito.) Havia ainda oito pares de caros sapatos italianos. Ela leu atônita o cartão colocado sobre uma grande caixa de chapéu: "De Warren".

Teria realmente escolhido todas aquelas roupas para ela? Teria perdido todo aquele tempo certificando-se dos tamanhos? E por que fazer tudo aquilo?

Conforme se fazia essas perguntas — e quem sabe quantas mais —, Madonna e duas de suas assistentes passaram uma deliciosa tarde aproveitando os dispendiosos presentes de Warren. Depois de pôr o CD de Like a Prayer no aparelho, ela entrou e saiu de cada vestido novo, dançando e exibindo-se diante de sua imagem no espelho. Ela e suas amigas passaram "um dia de garotas frívolas", como uma das assistentes disse. Prenderam os cabelos, deixaram-nos soltos, experimentaram a nova lingerie — com as etiquetas penduradas — e puseram de lado as coisas que Madonna considerou "cafonas". No final daquele dia divertido, Madonna deu às duas garotas as roupas e a maquiagem que achou que lhes caíam bem, e guardou o resto para si — incluindo todos os sapatos.

No dia seguinte, ligou para Warren para perguntar sobre os presentes. Ele explicou que comprar coisas para si era muito chato, pois, como disse, "um homem só pode usar calças e paletó. Qual a graça?". Disse que gostara de fazer compras para uma mulher e, se Madonna não se importasse, poderia lhe enviar um novo sortimento de "mimos" sempre que estivesse com disposição para tal.

Madonna ficou meio dividida com tanta generosidade. Conforme diria mais tarde, no começo se sentiu irritada. "Não sou nenhuma estrela novata a quem se pode presentear e controlar", disse-lhe. "Sou muito rica, posso comprar minha lingerie." No entanto, também estava impressionada. "Que garota não estaria?", teve de admitir. Depois de tudo que passara com Sean, quem sabe decidisse que merecia um pouco de gentileza. Resolveu ficar com os presentes, mas sob a condição que da próxima vez que Warren Beatty tivesse um impulso daqueles, que a levasse junto para que pudesse escolher os "mimos".

Além de sua paixão por mulheres bonitas e famosas — e por comprar-lhes "mimos" —, o outro grande amor da vida de Warren Beatty era fazer filmes. Em Dick Tracy, ele atuaria como estrela, produtor e diretor. Madonna poderia aprender muita coisa sobre fazer cinema e sobre atuação com ele. Tinha necessidade dessa credibilidade e experiência tanto quanto ele tinha necessidade de sua juventude. Para sua criança indócil, ele bancaria o adulto indulgente, levemente constrangido mas definitivamente encantado com seu estilo de vida

semelhante a um furacão. Algumas pessoas de seu círculo chegaram ao ponto de comentar que Madonna buscava em Warren a figura paterna.

Depois de Sean Penn, Warren Beatty deve ter parecido como um sopro de ar fresco para Madonna. Pois ele podia ser tratado com estupidez — como ela logo descobriria.

Aguentava bastante, ficava nervoso e então desaparecia... para esfriar a cabeça. Ao contrário de Sean, Warren não a atacava de volta, ao menos não fisicamente. Sempre fora da natureza de Madonna brigar com os homens com quem estava envolvida. Enquanto Sean havia sido emotivo e explosivo em relação a seus desafios diários, Warren manteria um ar resignado e filosófico quanto a isso. Na maior parte do tempo, era tolerante; achava-a divertida.

Por uma ironia do destino, fora Sean Penn quem apresentara Madonna a Warren Beatty, e na noite de seu primeiro encontro com ela: "Sean me levou à casa de Warren", disse Madonna. "Acho que queria desfilar comigo — não tenho certeza. Eu não conhecia nada em Los Angeles. Lembro de ter encontrado um monte de estrelas do cinema nessa noite, como Mickey Rourke."

Warren ficou impressionado com Madonna desde a primeira vez que deitou os olhos nela. "Eu entendia a rebeldia", observou, quando falava sobre sua nova parceira. "Então entendia Madonna. Ela é pura rebeldia." (Se isso é tudo que ela "é", na sua opinião, então talvez não a tenha compreendido tão bem quanto pensou.) Ao falar com o redator da Vanity Fair Kevin Sessums, contudo, Warren chegou um pouquinho mais perto quando perguntado sobre o que pensava de Madonna como artista: "Acho que é corajosa nas áreas que explora artisticamente. Acho que é isso que quer explorar. Se você quer dizer que o que acho são as ressonâncias disso ou as motivações pessoais para tal, não sei se iria me interessar por isso. Bem lá no fundo, penso que seu espírito generoso é o que mais influencia seu trabalho.

A medida que avança, vai ganhando o respeito artístico que sempre mereceu".

Diane Giordano lembrou-se da forma como Madonna descreveu um encontro com Warren no Sushi Cove, um restaurante badalado de Mullholland Drive, em Los Angeles, a menos de dois quilômetros da propriedade de Warren, em janeiro de 1989: "Ele usava um terno de seda preto, sapatos pretos, camisa branca e uma gravata preta de seda. Também usava óculos cromáticos. Ela suspeitou que estava tentando ocultar seus pés-de-galinha. Disse que se sentia esquisita pois ele se vestira com tanto aprumo e ela apenas com um simples conjunto de jeans. Depois de uma refeição agradável, a mulher que os atendia perguntou se queriam sobremesa. As únicas opções eram sorvete de baunilha ou chocolate. Madonna pediu os dois".

No dia seguinte, Warren telefonou a Madonna em sua casa. Conversando sobre o encontro, perguntou como Madonna podia ter pedido aqueles sorvetes de dois sabores diferentes.

"Você parece que gosta de experimentar tudo", disse-lhe, para provocar. "E aí, já transou com uma mulher?"

Nessa época, em que a amizade entre Madonna e Sandra Bernhard ia bem, ela ainda provocava o público com a possibilidade de ser lésbica. Com Beatty aparentemente questionando a validade "daquelas histórias", Madonna subitamente tornou-se um modelo de discrição. Recusou-se a responder a suas perguntas e, em vez disso, deu-lhe o troco: "Você já transou com um homem?". Ao que parece, Beatty ignorou a questão.

"Quer uma mulher?", continuou a pressioná-la. "Porque se você quer, será meu próximo presente. Vou dar-lhe uma mulher."

"Tudo isso só porque pedi dois tipos de sorvete?", perguntou Madonna, dando risada.

Na noite seguinte, Warren e Madonna — em um macacão preto de vinil e salto alto (uma estranha escolha para jantar em um restaurante no litoral) novamente foram ao Sushi Cove, dessa vez com a companhia de Sandra Bernhard, a pedido de Warren. "Tudo que me lembro desse encontro foi que Madonna e eu pedimos um prato de sushi para nós duas, e eu disse algo como: 'Warren, você sabe que Madonna e eu dividimos tudo, não sabe?'. E seus olhos brilharam como os de uma criança numa loja de doces. Uma trepada selvagem, pensei comigo mesma. Uma trepada bem selvagem."

Diferenças

EMBORA MADONNA dissesse aos jornalistas— como o da Cosmopolitan — que não queria "diminuir a relação falando sobre ela", estava intrigada o suficiente sobre o que estava acontecendo com Warren Beatty para querer discutir com amigos próximos. Quando os dois finalmente fizeram amor, Madonna confidenciou, não foi o tipo de experiência apaixonada que vivenciara com Sean. Nada podia se comparar com aquilo, tinha de admitir. No entanto, Warren era muito mais generoso como amante do que fora seu ex-marido. Pediu educadamente desculpas por seu breve desempenho na cama, e então cuidou para que ela também se satisfizesse plenamente. Procurou descobrir suas necessidades, suas preferências, seus desejos. "Conhece o corpo de uma mulher melhor do que a maioria dos homens", disse Madonna. "É capaz de acertar o dia de sua menstruação."

"Está por dentro de todos os aspectos da sexualidade. É por isso que é tão perfeito para mim", acrescentou. "Não existem restrições. Ele me diz: 'Se você se comportar mal, vou ter de espancá-la'. Eu adoro isso. Tudo com ele é viver as fantasias sexuais."

"Não sei se alguma vez já transou com um homem", disse ela posteriormente a um repórter da revista gay Advocate. "Mas com certeza não é homofóbico. Certa vez lhe perguntei: 'Você dormiria com um homem?', e ele disse que sentia não ter feito isso, mas que agora, por causa da aids, achava que não era uma coisa muito segura para começar a experimentar."

Quando achou que o conhecia bem o bastante para dizer tal coisa, Madonna sugeriu que Warren recuperasse a boa forma e o físico da juventude exercitando-se com ela. Quando lhe disse que não estava interessado, ela ficou perplexa por não entender como uma pessoa poderia deixar de querer "melhorar a si mesma". Em vez de deixar pra lá, ela insistiu no assunto, sugerindo que fizesse uma lipoaspiração. Warren ficou magoado ou insultado— somente ele poderia dizer qual dos dois. Começaram um bate-boca acalorado sobre se ela poderia ter alguma opinião a respeito do corpo dele, discutindo o assunto diante de amigos em uma noite no Club Nouveau, em Los Angeles.

"Não é você que está sempre dizendo às pessoas que elas não devem julgar

os outros pela aparência?", disse-lhe Warren. "Como ousa me julgar? Funciona dos dois lados, sabia?"

"Ah, por favor", disse Madonna, dando uma bicada em seu coquetel, incrivelmente sexy em suas apertadas calças de veludo. "Vocês, homens velhos, são tão sensíveis", disse, dando uma tragada no cigarro. "Só estou querendo ajudar. Quer ficar gordo e molenga? Por mim tudo bem, vá em frente."

Com quem pensava que estava falando? Com Sean Penn? Era como se Madonna não tivesse aprendido muita coisa de suas experiências com o ex-marido, pelo menos em termos de diplomacia, discrição e sensibilidade. Parecia a alguns observadores que estava sendo cruel de propósito com Warren, talvez dando continuidade a um tema explosivo em sua relação, consciente ou inconscientemente.

Os olhos de Beatty ficaram frios como gelo. Começou a dizer alguma coisa, mas se deteve. Típico dele — não era Sean Penn —, provavelmente não queria fazer uma cena diante de tantas testemunhas. Em vez disso, cheirou seu brande como um conhecedor antes de virá-lo rapidamente. Balançando a cabeça pensativo, levantou e saiu, evitando cuidadosamente o contato visual com quem estivesse observando. "E essa, agora?", disse Madonna a ninguém em particular. "Odeio quando faz isso comigo. Isso é igualzinho a meu pai. Ele é igualzinho a meu pai!" Então começou a morder os nós dos dedos, como se de repente tivesse ficado nervosa ou com medo.

A discussão deve ter continuado no dia seguinte em um restaurante de Hollywood. "Guarde suas estúpidas observações para você mesmo", disse Madonna a Warren na frente de outros fregueses.

"Ai, Cristo! Veja se cresce!", retrucou Warren, dessa vez visivelmente exasperado.

"Não, cresça você", respondeu Madonna, petulante. Então enfiou a mão em sua bolsa e tirou uma barra de chocolate Snickers, que atirou no peito de Warren. Nenhum dos dois pareceu perceber que seu pequeno show paralisara todas as conversas em torno. Até que finalmente o astro do hóquei no gelo Wayne Gretzky gritou: "Ei, vocês dois aí, será que dá pra parar com isso?".

Cinco minutos depois, Warren estava cortando o filé de linguado de Madonna em pequenos pedaços, e delicadamente dando-lhe de comer na boca, com o garfo. (Embora se dissesse que Madonna seguia uma dieta vegetariana restrita nessa época, o que proibia peixe, de vez em quando se permitia sair da linha.) Madonna declarou a um repórter, outra vez para a Cosmopolitan: "O que estou fazendo desta vez é começar como bons amigos com alguém". Disse que adorava a autoconfiança de Beatty. "Eu costumava querer ser presidente", Warren lhe contou. "Mas Hollywood é melhor do que Washington. Aqui tenho

mais poder, e não preciso lidar com a burocracia. Sou o presidente de Hollywood."

Madonna também apreciava a maneira com que Warren Beatty continuava a mimá-la. Por exemplo, no set de Dick Tracy, pagou uma massagista para atendê-la a qualquer hora. Enviava-lhe flores todos os dias em que tinham filmagem. Certa noite, depois de um duro dia de trabalho, Warren levou Madonna para jantar em um caro restaurante italiano. Usando uma blusa transparente de bolinhas vermelha e preta, sutiã preto, calças apertadas pretas e um chapéu-coco vermelho— e mascando chiclete —, sentou-se e rapidamente pediu uma Diet Pepsi, uma bebida que não estava no cardápio. Diet Coke, sim; Diet Pepsi, não. "Bem, vamos embora", decidiu Madonna. Warren então pediu ao garçom que fosse a uma loja de conveniências e trouxesse uma lata de Diet Pepsi.

Quando o garçom voltou, Warren puxou cinco notas de cem dólares de um bolo de dinheiro e deu-as para o rapaz. Então fez um gesto na direção da latinha como se houvesse acabado de materializá-la do ar. "Aí está, minha cara", disse para Madonna. "O refrigerante mais caro do mundo é todo seu." Enquanto Madonna ria alegremente, o garçom abriu a lata e serviu seu conteúdo num copo com gelo. Depois do jantar, os dois ficaram segurando a mão um do outro sob a mesa. Mais tarde, Beatty diria: "Como vive cercada de tantas coisas, acho que as pessoas não percebem o quanto Madonna é divertida. É uma pessoa muito divertida para se estar ao lado e certamente também para se trabalhar".

Warren achava "hilariante" o fato de que Madonna tentara fazer um seguro de seus seios no valor de 12 milhões de dólares. Durante as filmagens no segundo semestre de 1989, o artista responsável pela maquiagem John Cuglione teve de literalmente colar Madonna em um dos vestidos justíssimos da personagem. "Eu estava morrendo de medo de que tivesse uma reação alérgica à cola", lembra-se. "Se eu manchasse um seio ou infligisse algum dano permanente, ela poderia me processar por uma fortuna.

Pior do que isso, eu ficaria conhecido como o babaca que destruíra um objeto de adoração nacional." Quando Madonna teve a ideia de fazer um seguro para seus seios — algo interessante considerando o histórico de câncer de mama de sua falecida mãe —, perguntou a Warren o nome e o número de seu agente. O agente lhe disse que a quantia que estava calculando como valor do seguro era muito elevada. "Mas eu acho que cada um vale 6 milhões de dólares, você não acha?", perguntou a Warren, que teve de concordar.

Madonna tentou ser realista sobre sua relação com Beatty. Disse que não queria se deixar levar pela emoção de estar com ele. "Às vezes sou cínica", disse melancolicamente a um repórter, "e acho que vai ser bom enquanto durar. Então tenho momentos em que me sinto realmente romântica e penso: 'Meu Deus,

somos tão perfeitos juntos'.

De fato, espero que floresça para sempre..."

Trabalhar com Warren como seu diretor não era tão difícil para Madonna como alguns podem pensar que fosse. Ele é conhecido por fazer seus atores filmarem uma cena vinte ou até trinta vezes antes de ficar finalmente satisfeito. Muitos observadores achavam que Madonna iria ser intolerante com isso. "Até mesmo eu achava que ia ser um problema", disse Madonna numa coletiva de imprensa para Dick Tracy após o lançamento do filme. "Por causa de nossa amizade muito íntima, pensei que haveria problemas. Mas não houve. Eu o respeito, tem estado no negócio por tantos anos, como ousaria questionar seu julgamento sobre qualquer coisa."

A Kevin Sessums, da Vanity Fair, ela contou: "Acho que a gente quer a aprovação de qualquer pessoa com quem esteja se relacionando, e mesmo que não estivesse namorando Warren, ia querer sua aprovação, pois é um cara brilhante".

Beatty era igualmente generoso ao fazer comentários públicos sobre sua nova parceira. Outra vez, para Sessums: "Não sei se existem muitas pessoas capazes de fazer tantas coisas quanto Madonna, e também que tenham um estado de espírito tão positivo, que tragam tanta energia e disposição para o trabalho como ela".

Embora houvesse harmonia no set de Dick Tracy, havia problemas cada vez maiores nos bastidores, à medida que Madonna e Warren descobriam importantes diferenças em suas personalidades. Por exemplo, enquanto Madonna só queria saber de ir a festas, Warren era do tipo "caseiro". Certa noite, em 1989, ela o levou a uma danceteria localizada em uma parte deteriorada de Los Angeles chamada Catch One, um notório ponto de encontro de michês no distrito multirracial de South Central. Miseravelmente deslocado em seu terno Versace de três peças, Warren recusou-se a levantar para dançar com Madonna.

"Ei, Pussy Man, venha aqui",[13] gritou ela da pista de dança. Usando um pulôver de moletom com capuz, sob uma jaqueta azul de brim, shorts, sapatilhas de boxe e um boné de couro virado para trás, ela ria, atirava a cabeça para trás e acenava para ele. "Vamos curtir!"

Eu estava lá, observando Madonna para escrever um artigo de jornal, e vi Warren retesar o lábio inferior e sacudir a cabeça. "Não, estou legal", disse com um sorriso fraco. Então tirou um pequeno spray antialérgico do bolso de seu paletó e apertou-o em sua narina. "Não consigo nem respirar", queixou-se, "quanto mais dançar."

"Ai, meu Deus", gritou Madonna com ele. "Será que dá para você parar de resmungar?"

Claramente exasperada com o comportamento careta de Warren, dançou com duas garotas bonitas. Beatty ficou sentado no limiar da pista, olhando, resmungando e parecendo verdadeiramente sentir o peso da idade.

"Eu devia vir aqui com Rob Lowe", Madonna gritou para Warren, referindo-se ao jovem ator que era objeto dos mais novos rumores de com quem estava saindo. "Aquele sim é um cara que sabe como se divertir pra valer." (Os dois não estavam tendo um relacionamento a sério.) Warren apenas encolheu os ombros.

Na manhã seguinte, Madonna estava no estúdio de gravação Johnny Yuma em Los Angeles gravando os vocais para as canções de Stephen Sondheim que apareceriam no álbum I'm Breathless (Music from and Inspired by the Film Dick Tracy). Usando um vestido curto de seda cor-de-rosa e calça fuso, postou-se diante do microfone e cantou a canção lindamente, enquanto a sala cheia de gente, incluindo Warren, observava aparentemente com ansiedade.

Um técnico de estúdio se recorda: "Madonna e Warren estavam felizes juntos, mas não combinavam mesmo assim. Lembro-me da noite em que ela gravou os vocais para 'Hanky Panky' — que é sobre o esporte favorito de Beatty, spanking.[14] A atmosfera estava tão carregada e íntima que eu me sentia como se fosse um intruso. Ela flertava, ele correspondia. Definitivamente, sabe como manter o interesse de um homem. Além do mais, estava feliz de estar lá com Warren, usava-o como se fosse um distintivo de honra. Algumas pessoas diziam à meia voz que ele apenas a estava usando para ajudar a promover o filme. Isso me parecia possível. Mas ela também o estava usando, com certeza".

Mais tarde naquele mesmo dia de abril de 1989, Warren acompanhou Madonna a uma filmagem para o clipe futurista de sua canção "Express Yourself (inspirado no clássico de 1926 de Fritz Lang, Metropolis). Havia vinte dançarinos a sua disposição (alguns eram apenas modelos que também sabiam dançar), alinhados, os finalistas para a produção de um milhão de dólares (somente o clipe longo de Michael Jackson, "Thriller", havia custado mais). Marchando ao longo da fila, como um sargento instrutor de chiclete na boca, inspecionava os candidatos um a um. Para um rapaz de cabelos compridos, disse: "Não tem nenhum problema em cortar os cabelos, tem?". Quando ele hesitou, ela disse: "Ah, dá um tempo. Sim ou não!".

Depois, para o dançarino seguinte: "Que postura é essa? Fique direito", ordenou. "Quer o trabalho ou não?"

Depois, para o seguinte: "Ai, meu Deus", disse. "Olhe só pra você". Ficou um momento em silêncio para observá-lo. Então, virou-se para Warren e disse: "Olhe como as pernas deste cara são tortas. O que é isso?".

Warren não respondeu. Em vez disso, apenas olhou para frente com uma expressão atarantada. "Cara, ela é uma filha-da-puta, não é?", comentou com um

dos coreógrafos.

"É, é...", respondeu o coreógrafo, com um tom exausto.

"Ou talvez esteja apenas se mostrando para mim", Beatty pensou em voz alta. Parecendo agitado, tirou um lenço de seda do bolso de cima e, então, assoou o nariz..

---

[13]. O apelido de Madonna para Beatty era "Pussy Man" (algo como "bichinha") porque, como explicou à *Advocate*: "Quando eu digo pussy, você sabe o que quero dizer. Ele é um banana. Eu gosto de me expressar, e se acho que alguém está sendo uma bichinha, eu digo".

[14] Spanking: dar palmadas de castigo. (N.T.)

"Blonde Ambition"

DEPOIS DE TERMINAREM DICK TRACY, Warren e Madonna teriam um tempo longe um do outro enquanto estivessem se ocupando das respectivas carreiras. Enquanto ele se concentrava em editar Dick Tracy, ela se voltava para sua turnê "Blonde Ambition".

Na sexta-feira, 13 de maio de 1990, Madonna estreou "Blonde Ambition" em Tóquio. Com o controle completo sobre virtualmente todos os aspectos de sua apresentação extremamente teatral, da música e do cenário a dançarinos e figurinos, ela apresentaria a turnê ao longo de quatro meses por um total de 27 cidades no mundo inteiro.

Era um espetáculo verdadeiramente grandioso, a turnê na qual usou o conhecido sutiã de cones dourados desenhado por Jean-Paul Gaultier (que desenhava sutiãs exagerados como esse desde 1984). "Com Madonna, tudo se resume a roupas e sapatos", diz sua amiga, backing vocal e dançarina no show, Niki Harris. "Sutiãs de cones, bustiês, saltos plataformas... tudo que puder usar para dar um toque de sacanagem, vai usar." Números de dança ousadamente sensuais e momentos de imaginária religiosa misturavam-se para compor uma fantasia em ritmo acelerado, cuidadosamente coreografada, inesquecível. O coreógrafo Vincent Paterson recorda que o objetivo de Madonna era que o elenco "quebrasse todas as regras possíveis. Ela queria se manifestar acerca de sexualidade, troca de papéis sexuais e Igreja. E assim o fez".

Madonna conduziu sua imagem sexual a um novo patamar, mais polêmico, adicionando aqui e ali umas insinuações de sadomasoquismo em tom de gracejo. Após apresentar a canção de inspiração na década de 1940 "Hanky Panky", tirada de seu último álbum Vm Breathless, ela brincou: "Todo mundo aqui conhece os prazeres de umas boas palmadas, não é?". Então, no que pode ou não ter sido um comentário de duplo sentido, disse ao público: "Quando machuco as pessoas, sinto-me melhor, entendem o que digo?".

Para dar nova vida a números clássicos de seu repertório, como "Like A Virgin", Madonna se deitou sobre uma cama escarlate, cortejada por dois dançarinos, ambos usando o sutiã de cone preso a seus peitos nus, em que passavam as mãos carinhosamente durante toda a música, que ganhara novo

arranjo orquestral de forma a evocar uma melodia árabe. Então, para conduzir a apresentação a um clímax, Madonna se debatia freneticamente sobre a peça de mobília, esfregando o corpo numa simulação de masturbação. Se era uma "virgem" antes da canção começar, parecia determinada a perder sua virgindade antes que acabasse.

Na época da turnê "Blonde Ambition", Madonna atravessava um pico de popularidade. (Quando a HBO transmitiu o show em 5 de agosto de 1990, ela atingiu seu maior público na televisão americana: 4,3 milhões de lares sintonizados, dando à HBO seus maiores índices de audiência jamais alcançados para um programa original. Para quem achava que o especial era picante demais para a televisão, Madonna passou uma mensagem durante a transmissão. "Sabem o que tenho a dizer à América?", disse, empregando um forte sotaque nova-iorquino. "Tente ter uma porra de senso de humor, OK?" Então, apontando diretamente para a câmera: "Lighten up!" — "Anime-se!".) Enquanto ainda estava nos ensaios para "Blonde Ambition", Madonna decidiu comercializar um vídeo ligado à turnê. Até então, suas tentativas de desempenhar diferentes personagens nos filmes haviam falhado. Embora o público não parecesse ansioso em aceitá-la no papel de atriz, parecia constantemente hipnotizado pela personagem de Madonna que havia criado. Certamente o lado chocante, sensacionalista, sarcástico e petulante da persona de Madonna era baseado na verdade. Era parte de seu genuíno eu na época. Seu lado vulnerável, contudo, é algo que em geral mantém longe dos fãs, e quando permitia que esse aspecto de sua personalidade fosse exposto, na maioria das vezes era uma estratégia calculada para tentar despertar simpatia. Sua ideia agora era produzir um documentário de sua vida na turnê. Embora em pouco tempo pudesse ser vista interpretando Breathless Mahoney em Dick Tracy, talvez tenha raciocinado que se esse papel não interessasse seus fãs, eles iriam, assim esperava, gostar de ver Madonna interpretando Madonna — dentro e fora do palco num documentário de produção própria. "Que São Judas, o santo das causas perdidas, possa encontrar uma forma de fazer essa garota recuperar o juízo", observou o sempre obcecado pela privacidade Warren Beatty, quando foi informado da ideia de Madonna por um amigo comum.

Para dirigir o documentário, Madonna escolheu Alek Keshishian, um jovem cineasta que dirigira videoclipes para Elton John e Bobby Brown. Formado em Harvard, fora diretor de um filme menor — uma ópera-rock baseada em O morro dos ventos uivantes (seu projeto de pós-graduação), que Madonna viu e gostou. Com toda probabilidade, os fortes instintos de Madonna lhe disseram que o cineasta bonitão de longos cabelos cheio de novas ideias era o tipo de artista descolado e arrojado capaz de dar ao filme o prumo certo. "Existia uma

atração mútua", Keshishian conta hoje, "mas não necessariamente sexual." Essa atração em breve conduziria Keshishian ao círculo de confiança de Madonna; ele se tornaria um de seus melhores amigos. Ele voou para o Japão, local de estreia do show, e começou a rodar o filme em março de 1990 para o futuro documentário intitulado Na cama com Madonna (ou Truth or Dare,[15] como ficou conhecido nos Estados Unidos).

Madonna deu a Keshishian pleno acesso a seu mundo, passagem livre para sua vida ao longo dos quatro meses da turnê. Ele e sua equipe de câmera iriam seguir cada movimento de Madonna, dentro e fora do palco, com e sem maquiagem, de bom — e mau — humor.

---

[15] Jogo de salão similar ao jogo da verdade, em que uma pessoa desafia outra a dizer a verdade (truth) sobre determinada questão ou, caso se negue, a cumprir um desafio (dare). (N.T.)

I'm breathless

NA ÉPOCA EM QUE MADONNA começou a trabalhar com Alek Keshishian em seu documentário da turnê "Blonde Ambition", ela já finalizara seu álbum seguinte.

Sem dúvida, Warren Beatty percebera que contratando Madonna como atriz ele ganharia um bônus adicional em Dick Tracy: a possibilidade de que participasse da trilha sonora para o filme. Para um estúdio cinematográfico, o lançamento da música de Madonna muitas semanas antes do filme em que ela própria atuava significava automaticamente milhões de dólares em valor promocional. Quando Warren Beatty deu a Madonna o papel da interesseira Breathless Mahoney, a Disney (distribuidora do filme) ganhou o privilégio de ter uma estrela imensamente popular na trilha sonora, e a Warner Bros. Records, uma boa razão para lançar o sétimo álbum de Madonna, Tm Breathless (Music from and Inspired by the Film Dick Tracy), em maio de 1990.

Antigamente, um álbum de trilha sonora era apenas isso: um tema ou canção de amor do filme dentre uma coletânea de música incidental também ouvida no filme. Eles eram em geral apenas parcialmente bem-sucedidos no mercado. Foi o sucesso sem precedentes da trilha sonora de um filme de pop music mais vendida em todos os tempos, Saturday Night Fever (Os embalos de sábado à noite), nos anos 70, que acabou inspirando os produtores de filmes e os selos das gravadoras a repensar o conceito da trilha sonora como uma ideia viável e capaz de gerar lucros. Nos anos 80 e começo dos 90, as gravadoras adotaram um novo tipo de LP de "trilha sonora", em que apenas umas duas canções tiradas do filme podiam ser ouvidas, sendo o restante da música feita por artistas que não tinham participação alguma, cantando canções sem ter absolutamente nada a ver com o filme. O conceito significou uma galinha dos ovos de ouro para os selos — a oportunidade de lançar um álbum com a distinção promocional de estar associado a um filme — e, na maioria dos casos, um mau uso, apelativo e espalhafatoso, do termo "trilha sonora" para o restante de nós.

O álbum de Madonna apresentava três canções gravadas para o filme. Contudo, o verdadeiro desafio seria escrever e produzir novas canções para o álbum também, que tivessem uma autêntica conexão de música e letra com o

filme. Daí o subtítulo do disco: "música do e inspirada feio filme Dick Tracy". Seria um trabalho difícil, pois as três canções que Madonna gravaria haviam sido compostas pela lenda do teatro Stephen Sondheim. Assim, as novas canções que Madonna escolheu gravar teriam de ser no mínimo compatíveis em estilo. A favor dela, contava o fato de que poderia produzir todo o álbum — inclusive as canções de Sondheim — e sua participação pelo menos asseguraria uma certa dose de continuidade. Para ajudá-la nesse ambicioso projeto, Madonna convocou Patrick Leonard (que se tornara seu aliado de estúdio mais confiável) e o engenheiro de gravação e agora produtor Bill Bottrell (cujo trabalho com Madonna o ajudaria a conseguir produções musicais para Michael Jackson e a roqueira Sheryl Crow).

Madonna e Leonard trabalharam sem descanso para criar música que se encaixasse no estilo e na atitude do filme, passado nos dias dos Intocáveis e da Lei Seca. Segundo Warren Beatty, foram bem-sucedidos, indo "além do que eu jamais sonhara". No disco, Madonna e Leonard fazem a abertura com "He's A Man", uma grande canção de levada blues, intensa e vamp, em que Madonna canta como se fosse uma prostituta fazendo ponto na calçada. Do ponto de vista da voz, está magnífica. "Quero que as pessoas pensem em mim como uma atriz da comédia musical", disse na época. "É isso que o álbum significa para mim. É um projeto com outro alcance, não apenas um disco de pop music, mas de canções com um sentimento diferente, teatral." De fato, ela se desincumbiu da seleção de Sondheim — a melancólica e determinada "Sooner Or Later", o ragtime modificado de "More" e a tranquila e sentimental "What Can You Lose" — com a verve de uma veterana da Broadway. Em particular nesta última, um dueto com Mandy Patinkin, Madonna marca presença, sua voz fazendo a primeira aparição na música como uma flor desabrochando ao amanhecer, aquecendo-se para cumprir a tarefa que tem diante de si. Alguém pode se perguntar em que medida uma cantora como Barbra Streisand, por exemplo, poderia ter contribuído para o álbum mais do que Madonna, mas uma conjetura como essa não diminui o fato de que a performance de Madonna é realmente sublime.

Em comparação, "I'm Going Bananas", de Andy Paley, é uma adocicada canção no estilo de Ricky Ricardo que Madonna executa totalmente na personagem de Breathless.

Então, como se dissessem "ei, eu também sei fazer isso", ela e Leonard compuseram "Cry Baby", uma jocosa cançoneta saída de plenos roaring twenties — os "loucos anos 20" — que Madonna canta como se fosse Betty Boop. As duas faixas, pura diversão e brincadeira, parecem mais ter sido compostas só para encher espaço quando Madonna e Leonard arregaçaram as mangas para

criar "Something To Remember". Complexa e agridoce, a balada singra através de um sublime e melancólico mar de cordas e de uma melodia errante que suavemente sustentam a coisa mais magnética à qual Madonna já emprestou sua voz. Se alguém alguma vez puser em dúvida sua integridade musical, ela sempre poderá apontar a composição de "Something To Remember" — capaz de silenciar até mesmo o mais talentoso dos compositores.

Madonna também conseguiu dar uma certa dimensão ao que pareciam ser os momentos mais descomprometidos do álbum. O rolo compressor de "Hanky Panky" soa simplesmente como uma travessura tola e inocente até o ouvinte perceber o que está acontecendo e do que trata a canção (o passatempo favorito de Warren)... dar umas palmadas!

É difícil escutar as canções de I'm Breathless sem se sentir compelido a tentar encontrar a Madonna real em cada canção. Ela é, sem dúvida, mais inteligente do que Breathless Mahoney, mas as duas possuem a determinação e tenacidade exigidas para obter exatamente o que desejam. Pense a respeito: em 1983 Madonna era apenas uma estrela da dance music iniciante à procura de grandes coisas para realizar. Em menos de dez anos, era a coestrela de um filme importante, fazendo sua trilha sonora, cantando um dueto brincalhão — "Now I'm Following You" — com Warren Beatty.

Por melhor que fosse o disco, I'm Breathless ainda necessitava de um atrativo: um hit. Para isso, Madonna e Shep Pettibone (o brilhante engenheiro/compositor/produtor que ainda permanecia ofuscado pelos dois leais parceiros de Madonna, Steve Bray e Patrick Leonard) bolaram uma canção que Madonna coescreveu e produziu, "Vogue": um hino urbano sofisticado que celebra a arte de "voguing" — uma dança então popular que tinha mais a ver com posar de supermodelo do que com suar pra valer. Na verdade, a dança vogue já existia muito antes de Madonna cantá-la; como Michael Jackson e seu "moonwalk", Madonna simplesmente apresentou ao resto do mundo outra tendência quente da cidade. A faixa dance pulsante e atraente era um tributo de mestre às "garotas e caras com atitude" (o memorável videoclipe em preto-e-branco que acompanhava a música foi sem dúvida inspirado nas clássicas fotografias das lendas de Hollywood tiradas por Horst). O "rap vogue" é ainda um dos momentos musicais mais *camp* de Madonna ("Greta Garbo e Monroe, Dietrich e DiMaggio...").

O historiador de Madonna Bruce Baron nota que "Vogue" foi inicialmente planejada para ser o lado B do single de "Keep It Together". Mas quando os executivos da Warner ouviram a canção, decidiram colocá-la no lado A. Baron conta que Madonna teve de alterar alguns versos mais sugestivos porque a canção seria incluída em um disco ligado a um filme da Disney.

"Vogue" fez o que Madonna e Shep Pettibone esperavam que fizesse: chegou ao primeiro lugar das paradas. (Sua grande apresentação da canção no MTV Video Music Awards de 1990, vestida como Maria Antonieta com uma gigantesca saia bufante, decote imenso, peruca enorme e o rosto completamente empoado viraram um clássico do *camp* e elevaram os padrões para as futuras apresentações nesse programa.) Então, depois de "Vogue", foi a vez de "Hanky Panky" fazer uma respeitável escalada até o décimo lugar. As duas canções serviram para impulsionar Ym Breathless ao segundo lugar da parada musical da Billboard. O álbum vendeu 2 milhões de cópias nos Estados Unidos e 5 milhões no mundo todo.

I’m Breathless é um dos grandes momentos musicais de Madonna, algo verdadeiramente elogioso de dizer considerando sua prolifera carreira. "Dei um duro danado nesse disco", afirmaria mais tarde. "Em seu lugar e época, é importante para mim." Além disso, não poderia ter agradado mais a Warren Beatty, e, como recordaram os amigos dela, não havia nada mais importante do que sua aprovação por todo o trabalho dela no filme, atuando e cantando. "Ele significava muito para Madonna", confirma Freddy DeMann. "Queria que se orgulhasse."

Talvez um indício dos sentimentos de Warren sobre o álbum tenha sido a festa que deu junto com Madonna logo que o disco foi lançado. Ele lhe pediu para "se vestir informalmente" para seus amigos de Hollywood, como Jack Nicholson, Michelle Pfeiffer e Al Pacino, além de chefões de estúdio de várias companhias cinematográficas, os caras que faziam as coisas acontecer naquele negócio.

Madonna comentara muitas vezes sobre o "jeito com as pessoas" de Warren. Era verdade em 1990 — e continua a ser verdade hoje — que seu aperto de mão firme e afetuoso no momento em que volta sua atenção para alguém geralmente deixa a pessoa com a sensação de ter sido tocada por algo especial. Madonna notou que as pessoas ficavam estimuladas por um encontro com Warren, sinceramente felizes de estar em sua presença. Com ela, a história era diferente: a menos que fossem fãs de verdade, a maior parte das pessoas tinha medo de cruzar com ela, ficavam preocupadas com o que pudesse fazer ou dizer. De fato, quando entrava em algum lugar, na maioria das vezes as pessoas enxameavam a sua volta não porque quisessem tocá-la, mas porque queriam ver que coisa escandalosa poderia ocorrer como resultado de sua presença, quem iria insultar, que palavrão diria ao fazer isso. Madonna afirmava querer aprender com Warren como ser mais graciosa. Assim, as festas na casa dele eram sempre emocionantes.

Ela apreciava a companhia de seus influentes colegas do cinema e gostava do

jeito como a tratavam, aceitando-a entre eles.

Para a festa de Dick Tracy, Madonna usou um vestido preto simples, de costas nuas, desenhado por Halston, e o cabelo dourado preso sofisticadamente no alto da cabeça.

Estava feminina, bem vestida, graciosa e elegante. Sorrindo, tocando, beijando e se movendo entre a multidão, parecia uma experiente socialite, conversando animada com gente que normalmente a aborrecia, rindo alegre das piadas de Warren, sem praguejar. Será que algum dia sonhara que iria chegar tão perto do glamour, do poder e da magia da verdadeira Hollywood, e ajustar-se tão bem? Provavelmente, sim. "Estava deliciada", lembrou-se um convidado, "a anfitriã perfeita."

Durante a festa, Warren tocou "Something to Remember", da trilha de Dick Tracy, e pediu aos convidados que parassem de conversar por alguns minutos. Todo mundo fez silêncio. Certamente, ao longo desses poucos instantes, Madonna deve ter se sentido ao menos um pouco aturdida ali parada, com um martini numa mão e um cigarro na outra... e todos os olhos sobre ela. Até mesmo o batalhão de garçons vestindo smokings, paralisados como soldadinhos de brinquedo com suas bandejas de crudités, patês e outros tira-gostos, parou de servir para prestar atenção.

Quando a canção terminou, Warren caminhou até ela e lhe disse algo. Madonna reagiu com um sorriso surpreso e um gesto que parecia ser de agrado. Então, fazendo um meneio, Warren se virou e começou a aplaudir. Os convidados se juntaram a ele, cobrindo Madonna de ovações, sorrisos e carinhosa congratulações. Para ela, aquele devia ser um momento único. Como recordou mais tarde Jack Nicholson: "Ela ficou lá e simplesmente aceitou tudo graciosamente... aquela linda, imprevisível, surpreendente jovem com lágrimas nos olhos, e eu pensei comigo mesmo — meu Deus! Que estrela!".

Warren pede a mão de Madonna em casamento?

ERA 1990. DENTRO DE ALGUNS MESES, Madonna completaria 32 anos. Sua carreira, até aquele momento, fora espantosa, de muitas formas. Contudo, sua vida pessoal — os relacionamentos amorosos com homens, em particular — haviam sido pouco satisfatórios. Cada um fora alimentado por uma paixão forte e avassaladora — fazendo amor com intensidade ou discutindo acaloradamente. Não havia meio termo. Assim como fora com seu pai, e depois com Sean Penn, para Madonna, pelo menos em algum nível, parecia que uma relação não era válida a menos que envolvesse gritos e escândalos. Mesmo em público, não conseguia se furtar a começar brigas com seus namorados.

Parecia incapaz de entender que era possível amar alguém e ainda assim discordar dele sem dar início a uma batalha ruidosa e infindável.

No passado, nenhuma pessoa com quem Madonna estivera romanticamente envolvida fez muita coisa para apoiar suas necessidades emocionais. Muita gente, é claro, a ajudou na busca do estrelato. Depois que terminava com esses homens, ela os punha de lado. Aqueles que tentaram ajudá-la a lidar com seus problemas emocionais também foram descartados. Parecendo incapaz de viver uma intimidade genuína, de alguma forma sempre conseguia atrair homens— como Sean Penn, John Kennedy e agora Warren Beatty — igualmente incompetentes para isso.

Sua vida amorosa estava prestes a se tornar ainda mais confusa...

No dia 16 de maio, durante um jantar romântico em um restaurante de Hollywood, após um duro dia de trabalho editando som e filme no estúdio, Warren Beatty tomou uma atitude surpreendente. Pediu Madonna em casamento (segundo ela contou a amigos) ou pediu que concordasse em um dia se casar com ele (que é como ele vagamente descreveu a oferta a amigos seus). Fosse qual fosse a proposta, presenteou-a com um anel de safira e diamante de seis quilates no valor de 30 mil dólares.

Madonna — vestida com uma peruca loira lisa e comprida repartida no meio e o que parecia ser um terno risca de giz masculino clássico, com um bustiê por baixo — pôs o anel no dedo médio da mão esquerda, ostensivamente para dissimular o fato que aquilo significava uma promessa de casamento. Depois de

Warren ter sinalizado ao garçom para que enchesse seus copos com champanhe Cristal, o casal brindou ao momento. De tão emocionado que estava por ela ter aceito o anel, Warren deu ao garçom — segundo uma das fontes desta história— uma gorjeta de quinhentos dólares.

A maior parte de seus amigos tinha de concordar que o compromisso entre Madonna e Warren — fosse de um casamento verdadeiro ou de um dia virem a se casar — não parecia aproximá-los como casal; suas discussões continuavam.

"Guarde suas estúpidas opiniões para você mesmo", disse-lhe Madonna durante um jantar certa noite no Ivy, em Los Angeles, apenas alguns dias depois do "compromisso".

O motivo para a briga permanece obscuro. Parecendo de certo modo furioso, Beatty jogou um maço de dinheiro sobre a mesa, ergueu-se e foi embora. Humilhada e confusa, Madonna ficou ali sentada sozinha — com cerca de cinquenta fregueses boquiabertos encarando-a estupidamente. "Parem de olhar para mim", gritou antes de levantar e sair dali.

Quando o casal foi passar um fim de semana em San Antônio, no Texas, para cumprir um compromisso de divulgação do estúdio, Warren e Madonna hospedaram-se no caríssimo hotel La Mansion dei Rio. Entre uma e outra obrigação com a imprensa, Warren esfriava a cabeça jogando golfe, enquanto Madonna fazia tratamentos faciais e frivolidades do gênero. Bill Hollerman, parceiro de Beatty no golfe, recorda-se: "Warren passou o fim de semana no telefone com Jack [Nicholson], queixando-se de Madonna, de que ela e Sandra Bernhard estavam planejando um grande casamento, que Sean Penn telefonava de quinze em quinze minutos gritando para que deixasse sua esposa em paz, e assim por diante. Beatty dizia que ela não ficava feliz a menos que estivesse brigando. Ele contou: 'É uma garota legal, mas não dá para sair junto. A gente não sabe o que vai dizer ou fazer em seguida, sobre o que vai ser a próxima grande briga. Estou velho demais para isso'".

"Mas você não é velho", disse-lhe seu amigo.

"Tá, mas sou velho o bastante para não querer parecer um idiota", disse Warren.

Hollerman também relatou que Barbra Streisand, uma das ex-namoradas de Beatty, também ligava para o Texas dizendo-lhe que era "louco por se apaixonar por aquela putinha". Um antigo sócio de Barbra confirma: "Quando soube de Warren e Madonna, tornou-se uma provocadora. Ela e Warren não tinham quase nenhum contato antes da notícia, e de repente ela virou sua grande protetora, dizendo-lhe que Madonna apenas o estava usando para melhorar sua carreira no cinema.

"Além disso, sua mãe, Kathleen, ainda uma grande influência na vida dele,

não aprovava Madonna. Por mais que tentasse impressionar a velha senhora, não conseguia nada." ("Não é de admirar", disse Madonna em particular. "Veja só quantas mulheres ela viu com seu filho. Provavelmente não aprovava nenhuma delas, tampouco.") O imprevisível ponto de ebulição veio quando Madonna presenteou Warren com uma cara pintura a óleo. Depois de agradecer educadamente, ele a escondeu atrás de um sofá, onde provavelmente pretendia que permanecesse, pois o quadro não combinava com sua decoração. Três dias depois, Madonna se encarregou de pendurar ela mesma a pintura em uma parede da sala de estar. Quando viu o quadro pendurado sem sua permissão, Warren explodiu, acusando-a de querer "controlá-lo". A guerra ficou cada vez mais intensa a partir daí. Era um pequeno incidente, mas, como muitas vezes acontece, despertou algo em Warren e Madonna que causou uma briga grande o suficiente para arruinar quaisquer planos futuros que pudessem alimentar.

A première de *Dick Tracy* foi em junho de 1990, e depois de toda a sensação que causou, parecia que se confirmaria o sucesso de bilheteria previsto pela Disney. O filme estreou faturando alto. (No final, contudo, ele se revelaria um desapontamento financeiro, com vendas nos Estados Unidos de apenas 104 milhões de dólares.) Madonna estava descontente com a forma como editaram suas apresentações; disse que se recusava a assistir ao filme inteiro pois não aguentava ver a forma como cortaram seus números (ela ainda não os vira). Warren achou que estava sendo ridícula, o que só motivou mais brigas entre os dois. As coisas ficaram particularmente tensas entre o casal quando Warren afirmou que apenas concordaria em ser capa da Newsweek sob a condição de aparecer sozinho. Quando o chefe de redação da revista, Rick Smith, informou ao diretor dos Estúdios Disney, Jeffery Katzenberg, que sem Madonna não haveria capa, este ordenou que uma foto incluindo Madonna fosse imediatamente enviada à Newsweek. Ainda assim, Madonna achou desleal da parte de Warren tentar cortá-la da capa de uma revista tão importante, e os dois começaram mais uma briga, dessa vez por causa da divulgação.

Um sócio e amigo de Beatty diz: "Eu estava na Flórida com Warren [para ajudar a promover Dick Tracy] quando ele recebeu uma ligação de Madonna. 'Estou trabalhando', disse a ela. Estávamos jogando golfe. Isso, para mim, dizia tudo".

"Você a ama?", perguntou o amigo de Warren entre uma e outra tacada.

Warren parecia confuso com a pergunta. "Ela é divertida", disse. "Mas, afinal, o que é o amor? Eu não acho que sei. Meu problema", admitiu, "é que me canso com facilidade."

Seu sócio hoje diz: "Não senti firmeza em sua resposta. Percebi na hora que não iria haver casamento, embora ele houvesse me dito que convidaria Jack

Nicholson para ser seu padrinho se viesse a se casar com ela. Também disse que Madonna pedira a Sandra Bernhard para ser sua dama de honra. Pensei comigo mesmo, bem, isso aí parece que vai ser um show e tanto, mas não um casamento e tanto. Sabia que nunca se concretizaria só pela atitude dele".

Parecia a alguns observadores que Warren ficara agastado com a petulância de Madonna. Provavelmente, o fato de ter lhe dado um anel simbólico seja mais significativo de sua confusão quando se trata de assuntos afetivos do que de seus sentimentos em relação a Madonna. Ele era como um garoto de escola impulsivo e brincalhão tentando impressionar a namorada com um presente caro e chamativo. Contudo, quando chegou a hora de ser fiel à promessa representada pelo anel, Warren foi incapaz de encarar o desafio — ele não conseguia manter um compromisso, assim como não conseguira se comprometer com outras mulheres no passado. Se alguém iria mudar o rumo de Warren Beatty na vida, esse alguém não seria Madonna. Isso para não dizer que o comportamento dela apenas o estava impelindo na direção oposta.

"Por onde você tem andado?", Madonna quis saber de Warren, segundo Bill Hollerman. Os dois mal haviam entrado em sua suíte após um dia jogando golfe. Madonna estava sentada em uma escrivaninha de frente para a parede, bebendo chá. Estava vestindo um felpudo roupão branco de tecido absorvente. Uma toalha do mesmo tipo estava enrolada em sua cabeça. Não estava maquiada, parecia que acabara de sair do chuveiro. "Parecia ter doze anos", lembra-se Hollerman. "Treze, no máximo."

"Ah, estávamos jogando golfe", respondeu Warren, aparentemente um pouco inseguro quanto ao que deveria responder diante de seu tom imperativo.

"Mas havíamos combinado almoçar", disse ela, ficando de pé diante dele. Estava de péssimo humor. "Então, é por isso que estou aqui, para almoçar."

Madonna pegou a toalha em sua cabeça e começou a enxugar o cabelo. "E quem é esse aí?", quis saber, fazendo um gesto com a cabeça na direção de Bill Hollerman, sem nem mesmo olhar diretamente para ele.

"Ele vai com a gente, se não se importa."

Madonna fez uma cara azeda. "Mas eu me importo", disse, com tom categórico. "Eu não como com estranhos, você sabe, Warren." Dando-lhes as costas, Madonna entrou no banheiro e bateu a porta. Após um segundo, de dentro do banheiro, gritou: "Pelo que sei, ele trabalha para a porra do National Enquirer, e você quer me levar numa porra de almoço com ele?"

"Encantadora, não é?", Warren comentou para Bill. Os dois homens deixaram a suíte.

No dia seguinte, com o amigo de Beatty observando, Madonna ligou para Warren em seu celular quando estava no campo de golfe. Beatty segurou o

telefone a meio metro do ouvido e se encolheu todo. Era como se a voz dela arranhasse seus nervos, como um giz sobre um quadro-negro.

Embora a relação estivesse claramente fadada a acabar, Madonna parecia determinada a continuar agarrada a Warren Beatty, de qualquer maneira. Na época, era conhecida por pessoas de seu círculo por ter uma personalidade de viciada quando se tratava de homens. Parecia ser "dependente" de drama em qualquer relação em que estivesse envolvida. O fato de que ela e Warren se metessem em brigas tão ácidas era o que, parecia, os mantinha unidos. Era o mesmo tipo de drama que mantivera sua ligação com Sean Penn por tanto tempo depois que a relação dos dois já havia terminado. Podia não ter sido uma boa relação, mas ao menos era alguma relação... a forma como se agarrara a Sean. Agora, Madonna queria salvar o que quer que ainda sobrasse entre ela e Warren.

Quando conversava com Madonna sobre alguns de seus "problemas", seu amigo, o empresário milionário David Geffen, sugeriu que fosse a um psicólogo e, após algumas visitas, Madonna parecia estar prestes a explodir de psicanálise, ao dar uma entrevista à Vanity Fair. "Admito que tenho este sentimento de que sou uma garota má e tenho de ser punida", disse. "A parte de mim que sai por aí dizendo 'Foda-se! Foda-se! Estou jogando isso na sua cara!' é a parte que encobre a outra, que diz: 'Estou magoada. Fui abandonada e nunca mais vou precisar de ninguém'. Ainda não resolvi meu complexo de Electra", acrescentou, sem provocação.

"O final do clipe de 'Oh Father', quando estou dançando no túmulo de minha mãe, é uma tentativa de abraçar e aceitar sua morte." Então, em um momento de arguta autoanalise, observou: "Tive de lidar com a morte de minha mãe, e então tive de lidar com a culpa de vê-la partir, depois tive de lidar com a perda de meu pai quando ele se casou com minha madrasta. Eu era apenas uma garota raivosa e abandonada. E ainda tenho raiva."

O fim de Warren

EM AGOSTO DE 1990, depois que Na cama com Madonna foi finalizado, Madonna mostrou a Warren Beatty e a alguns outros amigos seus uma versão inicial do filme na sala de projeção da casa de Beatty. Um amigo dele que estava presente lembra-se de que ela trouxe pipoca para todo mundo — uma dúzia de pessoas — e serviu-as com refrigerante, dizendo: "Quero que pareça com cinema à moda antiga". (Para si mesma, Madonna trouxe uma garrafa de leite de soja e Cheddar Lites— biscoitos de queijo lights.) Então, à medida que o filme seguia e se tornava claro que o linguajar picante de Madonna seria como na vida real, Warren disse aos amigos: "Minha definição de à moda antiga e a definição dela parecem não bater".

"Ai, Cristo, quando foi que você ficou tão puritano?", Madonna perguntou a Warren, com o filme rodando e ele se encolhendo e fazendo caretas em certas cenas. "Não se lembra de quando era jovem, livre, rebelde? Quando não era tão cheio de certezas?"

Beatty sorriu fracamente. "Muito pouco", disse.

"Meu velhinho", disse Madonna carinhosamente, encostando a cabeça em seu ombro. "Teria sido melhor se tivesse ficado em casa olhando para seu calendário erótico de 'Garotas de Hollywood dos Anos 80'."

Beatty se virou para outro lado desanimado, vendo Madonna ensinar seus dançarinos a fazer sexo oral, usando uma garrafa como exemplo. Em outra cena, quando Madonna chama Warren de "babaca" e bate o telefone na cara dele, ele sacudiu a cabeça com desaprovação. Provavelmente estava se perguntando se sua namorada podia dizer a diferença entre sua vida pessoal e o mundo do entretenimento. Com certeza, para um homem tão cioso da privacidade como Warren Beatty, a linha que separa as duas coisas devia parecer um tanto indistinta no documentário.

Mais tarde no filme, uma conversa entre Madonna e Beatty sobre uma entrega de refeição no quarto foi registrada pela câmera. "Era algo completamente insosso", diz o amigo de Beatty que estava presente nessa projeção. "Não se tratava tanto do que os dois tinham a dizer, mas sim da maneira como diziam. Madonna se comportava como uma vadia, como sempre,

e Warren era tolerante, como sempre. Dava pra notar sua tensão crescente à medida que a cena era exibida na frente de todos, apresentando-o como alguém que deixava que ela subisse em suas costas. Havia mais outras cenas com Warren, também, que acho que o deixavam descontente.

"No final, conforme os créditos iam passando, muita gente aplaudiu. Warren parecia feliz, mas se você o conhecia saberia que estava apenas fingindo. Ela não parava de insistir, querendo saber o que estava acontecendo com ele. 'Qual o problema? Você não gostou do meu filme?', ficava perguntando, como uma criança esperando a aprovação do pai. Finalmente, ele disse: 'Quer saber? É que estou com dor de cabeça. Está tudo bem'. Então, ela começou a esfregar sua nuca, dizendo coisas como: 'Meu papaizinho querido, está tão tenso. É tanta coisa na cabeça...'. Pensei comigo mesmo, Deus do céu, ou ela realmente gosta deste cara, ou pensa que é o pai dela."

No dia seguinte, um mensageiro do advogado de Warren Beatty lhe trouxe uma carta. O papel dizia que certas cenas com Warren deveriam ser cortadas do filme ou ela seria processada. A maioria dos amigos dela previa uma reação explosiva de sua parte, contudo, isso não ocorreu. Se houve alguma discussão entre os dois sobre a admoestação legal, ninguém ficou sabendo.

"Ela não disse nada a ninguém", conta Niki Harris. "Mas eu percebi que estava muito triste. E se há uma coisa que as pessoas que convivem com ela sabem muito bem é que se Madonna não traz o assunto à baila, é melhor você ficar quieto. O fato de não ter dito uma palavra sobre aquilo significava, ao menos para mim, que estava bastante aborrecida."

No final, as cenas em questão foram removidas do filme.

Mais tarde, Madonna se queixou ao escritor Don Shewey: "Havia conversas ao telefone que eu achava muito comoventes, tocantes, reveladoras, mas Warren não sabia que estávamos gravando. Não era justo, sem falar que é um crime federal. Ele, mais do que ninguém, estava relutante em ser filmado. No final das contas, acho que não respeitava o que eu estava fazendo nem levava a coisa a sério. Simplesmente achava que eu não estava fazendo merda nenhuma, só um filme caseiro."

Por ocasião do lançamento (maio de 1991), alguns espectadores ficaram espantados que Madonna houvesse deixado intacto outro momento surpreendente e genuinamente cândido. Como andava com problemas de garganta, visitou um médico especialista. Quando perguntaram a Madonna se queria que a consulta fosse filmada, Warren Beatty, também presente, observou: "Ela não quer nem viver longe das câmeras, quanto mais falar". Após o lançamento do filme, ela explicou: "Acho que o que Warren estava tentando dizer é que ele é muito tímido e reservado e não compreende minha falta de

inibição, pois é o oposto de mim. O que há de tão íntimo em relação a minha garganta?

Quer dizer, meu Deus, todo mundo sabe quando fiz um aborto, quando me casei, quando me divorciei, quando estou rompendo com alguém. Minha garganta agora é tão íntima?

De qualquer maneira, as câmeras não me seguiam 24 horas por dia. Elas não estavam no quarto quando eu estava trepando".

Houve alguns incidentes, contudo, que Madonna decidiu não mostrar para o público. Por exemplo, durante as três noites de apresentações em Boston, ela causou tantos problemas para a equipe do Boston Harbor Hotel que provavelmente sua passagem jamais será esquecida por lá. Ela e seu grupo reservaram mais de trinta quartos do nono ao décimo primeiro andar, ao custo de 48 mil dólares. As coisas ficaram difíceis para a cozinha do hotel, pois toda a comida dela tinha de ser trazida de Hong Kong.

"Ficava absolutamente furiosa se tivesse de esperar mais do que vinte minutos por algum prato especial", disse Diane Demitri, que era a guest relations nessa época.

"Não sabíamos como fazer aquelas comidas, e os pobres chefs ficavam na cozinha procurando feito loucos por instruções em livros de receitas asiáticos, enquanto Madonna ligava de dez em dez minutos gritando: 'Cadê a porra do meu macarrão? Cadê a porra do meu macarrão?'."

Madonna também frisou que nenhum funcionário do hotel podia pedir seu autógrafo ou tentar conversar com ela se a visse no elevador.

"Nenhum empregado que entrasse em contato com ela estava autorizado a se dirigir a ela ou mesmo agir como se a houvesse reconhecido", disse Diane Demitri. "Ela se registrou sob o nome de Kit Moresby [uma personagem de um de seus livros prediletos, O céu que nos protege], e mesmo que você soubesse que era Madonna no interfone pedindo o serviço de quarto, tinha de se dirigir a ela pelo outro nome.

"A governanta me chamou certa manhã e disse: 'A srta. Moresby está aborrecida porque diz que a água de seu banho está com uma cor esquisita'. disse-lhes para enviar alguém ao seu quarto imediatamente. Quando o homem chegou lá em cima, deu com a 'srta. Moresby' metida num robe branco, andando pelo quarto, lívida. Infelizmente, ela estava certa. O encanamento corroído pela ferrugem dera um tom levemente escuro à água. Quando ele se desculpou, a 'srta. Moresby' pegou a toalha enrolada em sua cabeça, fez uma bola com ela e atirou em sua direção. 'Como você espera que uma mulher tome banho nessa lama?', gritou. 'Tenho um show para fazer esta noite.

Faz ideia do estresse que estou passando? Faz ideia do tormento que é minha

vida?'

"Quando ela e sua turma deixaram o hotel, todos deram um suspiro de alívio", disse Diane Demitri. "Quando fomos a sua suíte, vimos que deixara na bandeja do serviço de quarto um cartão com seu nome, em que escreveu: 'Que espelunca!'."

Depois do aviso de que Warren Beatty poderia ir à justiça contra Madonna por causa do documentário, nada parecia o mesmo entre eles — não que fosse muito melhor antes da intimação. Ele já começara a se distanciar dela e, a despeito de seu aparente desejo de fazer o mesmo, Madonna estava impotente para salvar o relacionamento.

Foi na verdade uma decisão de Warren terminar. Madonna não teve qualquer escolha nisso.

A maior parte do público parecia não saber os detalhes do romance entre Madonna e Warren, e por que ela parecia tão furiosa sempre que mencionavam seu nome. Era difícil separar as matérias sensacionalistas da verdade, e havia tantas reportagens de tabloides conflitantes que muitas pessoas mais esclarecidas simplesmente ignoravam todas.

Madonna passou alguns dias chorando por causa de Warren, sobre como fora cruel e chegara com ela até aquele ponto para então simplesmente mandá-la passear. Ele explicou mais uma vez que o anel que lhe presenteara era apenas em sinal de amizade, não uma promessa de casamento.

Para Madonna, talvez parecesse como se houvesse perdido um pai, assim como um namorado, e por nenhuma razão que pudesse compreender. Warren simplesmente era incapaz de se comprometer em uma relação — e é por isso que permaneceu solteiro por tanto tempo, até que Annette Bening finalmente o domou. Madonna tinha seus problemas, ele também. Nunca teria dado certo.

Além de tudo, Warren Beatty mostrara a Madonna um lado da nata de Hollywood que jamais conhecera antes, e que não gostaria de perder. Seu mundo era algo exclusivo, ilustre, um mundo em que encorajava as grandes estrelas presentes a ficar de pé para aplaudir sua namorada no meio de uma festa. Não era nada fácil deixar isso para trás. Como ela adorava misturar-se à elite de seus amigos, ainda que por poucos minutos durante festas em sua casa. Ela contou a amigos íntimos que o odiava não apenas por que mexera com suas emoções, mas também porque lhe mostrara um novo modo de vida — em que pessoas se portavam com graça e dignidade, em vez de arrogância roqueira —, para então expulsá-la de tudo aquilo. Bem ao seu estilo, muitas vezes melodramático, sentiu-se enganada e usada. E bem próprio de sua personalidade, também, contou em particular a algumas pessoas que se sentia irritada por não ter tido força suficiente para ser ela a romper com Warren, antes que ele terminasse com

ela. Todos próximos a ela, contudo, viam seu relacionamento com Warren Beatty pelo que era de fato: um simples namorico entre duas estrelas de cinema que não significava muita coisa — algo que provavelmente não passaria de uma nota de rodapé sobre o filme Dick Tracy em algum livro enfastiante sobre filmes dos anos 90.

Depois que tudo acabou, Madonna tentou minimizar o significado de seu romance com Warren Beatty em entrevistas à imprensa, provavelmente porque estava de fato magoada com ele e não queria se mostrar diante dos olhos do público como uma pessoa triste ou vulnerável. De sua parte, Warren nunca disse uma palavra sobre por que ou como o relacionamento terminou.

"Acho que eu não significuei absolutamente nada para Warren Beatty", disse Madonna com tristeza a um membro da equipe que cuida de sua carreira. "Ele me usou e então me jogou fora como um pedaço de carne estragada."

"Não sei muita coisa sobre isso", diz sua amiga Erica Bell. "Sempre me perguntei o quanto ela encarava aquilo com seriedade. Não tinham muito em comum, vamos ser sinceros. Mas o coração fala mais alto que a razão, eu acho. E ela o desejava. Será que Warren era apenas uma grande conquista para ela? Pode ser", conclui Erica Bell, respondendo sua própria pergunta. "Acho que foi atrás dele porque quis, porque era uma boa presa. Mas então, como muitas vezes acontece, um dia é da caça."

A epifania Tony Ward

EM 16 DE AGOSTO DE 1990, em seu aniversário de 32 anos, Madonna recebeu um pacote em sua casa, um presente de Warren Beatty. Quando abriu a caixa, encontrou um broche de cerca de trezentos dólares. Parecia um presente barato; pouco impressionada, repudiou-o com um leve gesto de mão. "Preciso dar umas voltas", disse, com ar melancólico.

Então foi até o carro com a pessoa que por acaso estava com ela quando o pacote foi entregue. "Se Warren e eu não havíamos terminado ainda, com certeza agora terminamos", disse Madonna. Ela tirou os sapatos de salto alto e dirigiu descalça, e quando fazia uma curva bem fechada com seu Mercedes 560SL preto em Mulholland Drive, atirou o broche pela janela.

Aborrecida pela forma como andava seu namoro com Warren Beatty, Madonna começou a fazer um balanço de sua vida. Aos 32 anos de idade, olhava para trás — como diria mais tarde — e começava a perceber que só conseguia se lembrar de sua vida relacionada ao que estivesse fazendo em sua carreira na época. Ainda assim gostava da fama, e sua carreira prosperava, não podia parar agora. Não iria pensar a respeito. No entanto, começava a sentir uma ponta de remorso. "Do que é que desistira para chegar onde chegara, essa era a questão", recordou um de seus irmãos. Embora ainda não estivesse pronta para lidar plenamente com essas questões na época, Madonna fez o que fazem muitas pessoas desesperadas e sozinhas... especialmente no final de uma relação — mesmo uma medíocre como aquela que tinha com Warren Beatty: transferir as emoções para outra pessoa, inventando uma paixão.

O belo Tony Ward foi a maneira que Madonna achou para tentar esquecer Warren Beatty. Com um Marlboro no canto da boca e, provavelmente, procurando alguém para se apaixonar, Madonna viu Tony, de 26 anos, na praia de Malibu. Tinha o corpo magro e musculoso, cílios longos e negros, pele translúcida. Embora houvesse aparecido como um extra nos videoclipes de "Like A Prayer" e "Cherish", Madonna não lhe dera muita atenção. Agora, em seu aniversário de 32 anos, percebeu imediatamente que Tony podia ser seu presente especial. Foi até ele e — ninguém sabe por que — avançou para apagar o cigarro em suas costas. Então deu a volta e beliscou um de seus mamilos com tanta força

que ele gritou "Caralho!". Mas em vez de ficar furioso, Ward ficou fascinado. Seu belo rosto abriu-se num sorriso. "Acho que podia equilibrar meus óculos na sua bunda", disse a ele. "Sabe, adoro caras com uma bunda igual a sua." Deu-lhe umas palmadinhas suaves; ele fechou os olhos, como um cachorrinho.

Então ela passou a ponta do dedo em torno de seu lábio. A atração entre os dois foi imediata.

Depois que se conheceram, Madonna descobriu em Tony uma pessoa gentil, agradável e compreensiva. Embora não falasse muito sobre o que ocorrera com Warren Beatty, Ward diria depois que percebia uma tristeza intrínseca na personalidade de Madonna. "Não sou do tipo de mulher que admite ter necessidade de alguém ou de alguma coisa", Madonna lhe disse. "Sempre achei que isso fosse sinal de fraqueza." Era como se precisasse de alguém em quem confiar. No entanto, naquela noite a troca de confidencias teria de esperar porque Madonna e ele tinham outra coisa em que pensar, indo para a cama.

Posteriormente, Madonna não conseguia parar de falar com os amigos sobre o corpo de Tony, tão firme e musculoso. "Uma boa mudança de Warren", ironizou.

Erica Bell conta: "Madonna andara fazendo uma seleção de candidatos para ser seu namorado, e aquele foi o cara que escolheu. Fisicamente, era perfeito para ela.

Se você tivesse um computador de uma agência de encontros amorosos e lhe fornecesse todas as preferências de Madonna, Tony Ward seria o resultado. Com 1,67 metro de altura, cerca de 77 quilos, moreno e sexy, com olhos castanhos lindos de morrer".

O casal não perdeu muito tempo. Na verdade, tinham muito em comum, incluindo a paixão pelo cinema. "Na minha infância, quando eu me apaixonava por um filme ficava emocionalmente afetado", diz hoje Tony Ward, ator que figurou em uma porção de filmes independentes. "Quando era criança, assisti a Grease mais de cinquenta vezes. Assisti a Hello Dolly cinquenta vezes. Assistia a Lucille Bali sem parar e era viciado nos filmes de Danny Kaye, Abbott e Costello, Katharine Hepburn e James Stewart. Meu sonho era ter feito um filme com Danny Kaye", diz ele. "Era meu ator favorito, com quem me sentia mais ligado."

Tony se mudou para a mansão de Madonna em Hollywood em setembro de 1990.

"Era muito estranho, pois ele sempre fantasiara sobre fazer amor com Madonna", lembra-se a desenhista de moda Jayme Harris, uma das inúmeras namoradas de Tony na época. "Também gostava de imaginar que estava transando comigo enquanto Madonna assistia. Tony queria fazer de tudo —

bancar meu escravo sexual e, também, meu empregado.

Por exemplo, gostava de cozinhar, lavar os pratos, pôr o lixo para fora e arrumar a cama. Curtia também usar salto alto e botas de cano longo, até a coxa."

Não é de surpreender, dadas as inclinações de ambos pelo escândalo, que a relação de Tony e Madonna fosse diferente e pouco convencional. Adoravam brincar de "fazer papéis", e, como ela admitiria mais tarde, poucos homens ficavam tão à vontade quanto ele ao fazer suas fantasias se tornarem realidade. Tony era bissexual, transformista e posava nu para revistas gays e fotos sadomasoquistas. Usando o nome de Anthony Borden Ward, era mais conhecido em alguns setores da comunidade gay por seu ensaio fotográfico de seis páginas em uma revista chamada In Touch For Men, de 1985. "Ele fez tanto sucesso com nossos leitores que a edição esgotou em poucas semanas", lembrou-se Keith Saltar, um editor da revista.

Para se divertir, Madonna maquiava Tony e o vestia de mulher — inclusive com roupas de baixo —, saindo então pela cidade para exibir sua nova "namorada". Ward também gostava de desempenhar o papel submisso nas fantasias de Madonna. Por exemplo, quando o levou a uma festa de aniversário do fotógrafo Herb Ritts, disse-lhe que usasse apenas jeans, e mais nada. Quando ele insistiu em acrescentar um colete de couro preto ao conjunto, Madonna permitiu. (Ela, por sua vez, usava uma jaqueta Chanel preta, calças pretas, óculos escuros pretos e botas pretas até o tornozelo.) Na festa, começou a "humilhá-lo" diante dos convidados, proibindo-o de abrir a boca em sua presença. Ele parecia gostar do jogo. Quando Madonna mandou que raspasse seu bigode de Fu Manchu na frente de todos, Ward obedeceu. Mais tarde, organizou um jogo de truth or dare. Quando a brincadeira começou, desafiou-o a tirar a roupa na frente de todos, tarefa a que se prontificou com muito empenho.

Depois o desafiou a tirar a cueca e ficar totalmente nu, o que também não hesitou em fazer. Naquela noite, os dois voltaram para casa — provavelmente excitados pela farra na festa — e curtiram outra sessão de "sexo selvagem" juntos. Se ela se sentia impotente pela forma como terminara seu relacionamento com Warren, certamente estava equilibrando a balança com Tony Ward. Nesse namoro, era ela quem dava as cartas.

"Não gosto de ser controlada", disse um dia. "Para ser livre, é preciso muito dinheiro, e poder, e isso eu tenho"... mas Tony não tinha.

Em 18 de setembro, Tony foi junto com Madonna a Nova York, para assistir a uma exibição de *Goodfellas* (Os bons companheiros), no MoMA. A jornalista Kelly Winters relembra: "Perguntei a Madonna quem era seu parceiro, e ela disse que o nome dele era Nick Neal. Ele [Tony] olhou para mim com a

expressão confusa, e então ela virou para ele e ralhou: 'Seu nome é Nick Neal agora, então pode se acostumar'".

Madonna então enfiou seus dedos por entre o cabelo negro e espesso de Tony, parecendo sentir muito prazer naquilo. De repente, agarrou um tufo e o puxou com força, fazendo com que gritasse: "Caralho!". Nisso, mordeu sua orelha. "Caralho!", gritou ele outra vez. Madonna parecia feliz.

Kelly Winters continua: "Mais tarde, ouvi alguém lhe perguntar sobre Warren Beatty. Ela riu na cara da pessoa. 'Quem?', perguntou. 'Ah, você quer dizer aquele cara com quem fiz o filme? Da última vez que ouvi falar dele, estava numa casa de repouso, em algum lugar.'".

Em 10 de dezembro de 1990, Madonna soube que estava grávida de Tony. Como andara se sentindo enjoada havia alguns dias, disse-lhe que suspeitava estar grávida, e pediu-lhe que a acompanhasse ao Cedars-Sinai Medicai Center para os testes necessários. Esperava que fosse verdade que estivesse grávida. Ele não tinha certeza do que esperar, "a não ser pelo melhor". Quando o médico, dr. Randy Harris, confirmou a gravidez, Madonna ficou radiante. "Eu queria essa criança mais do que tudo na vida", contou a uma amiga no dia seguinte, ao telefone.

"Você vai se casar com Tony?", quis saber a amiga.

Madonna deu um longo suspiro, como que admitindo a derrota quando o assunto era casamento. "Duvido", disse, soando cansada. "Mas acho que posso cuidar da criança sozinha. Na verdade, tenho certeza de que posso."

Deve ter percebido que Tony não tinha o perfil necessário para ser seu marido. Ainda assim, estava feliz com a gravidez. Talvez raciocinasse que já que não podia ter uma relação satisfatória com um homem, ao menos podia tê-la com sua própria criança.

No entanto, apenas alguns dias após as boas notícias vieram as más. Devido a complicações ginecológicas, a saúde do bebê de Madonna estava em risco. Numa consulta que deve ter sido um sofrimento, Harris recomendou-lhes interromper a gravidez. Era uma notícia terrível. Madonna fizera vários abortos antes, e prometera a si mesma de que da próxima vez que ficasse grávida teria o bebê. Mas isso não era para acontecer. Em 14 de dezembro, Tony a acompanhou ao Cedars para realizar uma dilatação e curetagem que levou apenas quinze minutos, mas que tirou algo mais de Madonna.

Tony, que ficara zanzando impaciente por ali enquanto o procedimento era realizado, recordou: "Quando entrei novamente na sala, ela estava chorando. Era desolador.

Queria o bebê, e parecia injusto que não pudesse tê-lo".

Madonna ficou impressionada com a maneira como Tony Ward cuidou dela,

apoiando-a de todas as formas possíveis, determinado a mostrar que podia ser um bom companheiro.

Ele a amava, qualquer um era capaz de perceber, e sonhava com um futuro comum para os dois. Tony, por mais defeitos que pudesse ter, era diferente dos homens que Madonna conhecera recentemente. Parecia de fato querer ficar com ela sem segundas intenções. "Já estive com homens e mulheres incríveis", disse-lhe. "Mas nunca amei ninguém de verdade. Até agora." De sua parte, ela dizia que se sentia "segura" com ele. Contudo, havia problemas: Ward era confuso e imaturo em alguns aspectos que era impossível negar. E tinha um segredo: era casado.

Quatro dias depois que conheceu Madonna, ele e sua namorada Amalia Papadimos se casaram em Las Vegas. Depois da cerimônia, Tony foi ambíguo; não sabia se queria ficar com Madonna ou com sua esposa. Duas semanas depois, disse à segunda que as coisas não poderiam dar certo entre eles.

"Nunca vivemos tempo nenhum juntos", explicou sobre seu casamento. "Ela ficou chocada que eu mudasse de ideia daquela maneira, mas mesmo assim eu a amava. Era minha grande amiga. Obviamente, casar-se e depois de duas semanas dizer 'Não posso fazer isso' a fez passar por um mau pedaço."

Ele também não sabia se devia ou não contar a Madonna sobre seu casamento, e optou por não fazer isso imediatamente. Em vez disso, mudou-se para a casa dela e, provavelmente, esperou "pelo melhor".

"Foi pouco antes do Natal, acho, que Tony contou a Madonna que era casado. Acho que aquilo a magoou demais", conta uma certa Tina Stanton, que também saía com Tony nessa época. "Uma vez pude ouvir Madonna lhe dizendo: 'Caras como você geralmente nem aparecem na tela do meu radar. Também não sei muito bem porque fiquei com você, a não ser pelo fato de que não pude resistir'. Além do mais, via algo em Tony, uma ingenuidade, uma inocência, um bom coração."

O fato de Madonna contar a Tony Ward que um homem como ele "nem apareceria na tela de seu radar" é um indicativo de que não compreendia a si mesma tão bem nessa época quanto pensava. Muito pelo contrário, se sentia atraída por homens como Tony, recebendo-os de braços abertos... e inevitavelmente pagando o preço pelo mau julgamento. Tony não só era emocionalmente inacessível — como Sean Penn, John Kennedy e Warren Beatty —, com também era casado.

Foi em uma festa de Natal em sua casa em dezembro que Madonna e Tony se envolveram numa briga que seria assunto de conversa entre seus amigos por muitos anos.

Usando um vestido de frente única Gaultier para a ocasião formal e festiva,

Madonna estava com o cabelo curto e loiro. Ninguém diria, a julgar por sua aparência tranquila, que tivera um péssimo dia. Uma empregada da casa pusera a essência de banho errada em sua banheira, deixando seu cabelo verde enquanto relaxava na água.

(Dá para imaginar sua reação ao descobrir, olhando-se no espelho na manhã de uma grande festa!) Levou quatro horas para seu cabeleireiro restaurar sua cor loira "natural", o que custou 750 dólares. Agora, estava deslumbrante. Garçons de casacos brancos circulavam entre os convidados — os habituais parentes, amigos e parceiros de negócios misturados a caçadores de publicidade e parasitas que esperavam ser mencionados nas colunas de fofocas no dia seguinte — portando bandejas com champanhe gelada e hors-d'oeuvres quentes.

Uma garota linda que não podia ter mais do que dezesseis anos — com os olhos pesadamente velados por causa de drogas — jogou-se nos braços de Tony, oferecendo-se a ele. Os olhos de Madonna faiscaram por um instante, depois ela deu de ombros e foi embora.

Mais tarde, Tony viu Madonna dançando com um homem a quem encarava havia tempo como um possível rival. À medida que observava os dois agarrados na pista de dança, foi entrando em ebulição, até não aguentar mais.

"Ei, você é minha mulher", gritou subitamente. "Corta essa."

"Ah, é?", retrucou Madonna, separando-se do parceiro de dança. "Seu é o nervosismo. Eu sou minha mulher mesmo."

Furioso, Tony pegou um caro vaso chinês e atirou-o no chão, despedaçando-o.

Para retaliar, Madonna arremessou nele um antigo lampião. Ele desviou. Todo mundo observou com fascínio horrorizado o lampião atingir a parede e fazer-se em pedaços.

A reação seguinte de Tony foi pegar uma bandeja de crudités, patês e azeitonas e atirá-la ao chão, provocando um estardalhaço.

Daí, na melhor tradição da frustração e raiva melodramáticas, Madonna disse: "Fora! Todo mundo pra fora! A porra da festa acabou!". Virando-se para Tony, foi ainda mais clara: "E isso inclui você. Cai fora!". Então, virou-se e saiu da sala, deixando todos à espera de seus casacos e jaquetas.

No dia seguinte, Ward pediu muitas desculpas e presenteou Madonna com um novo vaso cheio de rosas brancas. Era um gesto amável, embora aquilo não mudasse nada. Afinal, quantas cenas mais de deixar os cabelos em pé ela iria aturar quanto a suas questões amorosas?

Aí estava. Foi nesse momento que teve uma epifania.

Inadvertidamente, a existência de Tony Ward no mundo de Madonna constituíra um catalisador que a transformaria, que alteraria sua vida. Algo

dentro dela sofrerá um ajuste após o confronto do feriado com Tony. Ninguém pode dizer o que despertara isso — quem sabe, o vaso voador? —, mas, finalmente, ela tomou uma decisão sobre o que esperava dos homens em sua vida. Provavelmente não foi apenas a experiência com Tony Ward. Antes, o acúmulo das experiências com romances condenados até aquele ponto foi o que, finalmente, lançou uma luz esclarecedora sobre o que Madonna desejava em um relacionamento... e — abençoado seja — não era Tony Ward, nem ninguém como ele.

"Sabe, eu preciso de algo mais", disse Madonna a Sandra Bernhard, "do que esse absurdo melodramático." Amigas como Sandra afirmam que o conflito final com Tony constituiu um momento decisivo para Madonna, porém, como muitos desses momentos na vida, não foi algo grandioso ou retumbante. Foi apenas um simples momento de clareza, ainda que importante o suficiente para dar forma a tudo que se seguiria a ele. Ou, como Madonna explicou para Sandra: "Sinto como se minha mente desorganizada acabasse de ficar organizada".

"Tony, você não é o bastante para mim", Madonna lhe disse, como ele se lembraria mais tarde. "Enfim atingi um estágio em minha vida em que percebo que preciso ter mais do que você é capaz de me oferecer. Entendi isso agora." Tony ficou prostrado. Era inacreditável, diria posteriormente, ouvir Madonna de repente estar tão certa sobre o que queria e o que merecia. O mais doloroso naquilo tudo, é claro, era que o cenário que acabava de pintar para si mesma não o incluía.

"Se é assim que você se sente sobre isso", disse-lhe com a voz embargada, "então acho que não há nada a fazer além de ir embora."

"Era duro demais para mim, aguentar aquilo, ouvi-la dizer aquilo para mim", recorda Tony. "Era uma afirmação muito forte. Me senti completamente magoado, abandonado, 'ai de mim' e todo esse tipo de coisa. Levou muito tempo até eu entender. Ainda sinto um amor muito intenso por Madonna, e não importa se ela está aqui comigo ou em algum outro lugar. Se nunca mais voltar a vê-la, ainda assim a amarei. Sei que se estiver passando por maus bocados, ou quando tiver de decidir algo importante e precisar de um amigo, vai perceber que pode me ligar e contar comigo."

"Não quero que odiemos um ao outro", Tony Ward lembra-se de ouvir Madonna dizer quando lhe deu um abraço de despedida. "É que estou tão exausta", disse, quem sabe querendo se referir aos seus romances mais recentes. "Quando duas pessoas terminam, dizem coisas terríveis uma à outra. Não vou fazer isso com você, Tony", concluiu.

"Nem vou deixar que ninguém faça."

"Madonna, se as pessoas soubessem quem você é de verdade, acho que

ficariam surpresas", disse-lhe Tony Ward.

"Bem, então vamos esperar que nunca descubram", disse ela. "Afinal, eu tenho uma imagem a zelar."

The Immaculate Collection

PERTO DO FINAL DE 1990, mais um álbum de greatest hits de Madonna estava pronto para ser lançado pela Warner Bros. Records, The Immaculate Collection. Na verdade, era muito mais do que uma mera coletânea das canções mais vendidas e mais populares de Madonna. Era o marco orgulhoso de uma carreira que, desde o início, se moveu em apenas uma direção: para cima.

Lançado em novembro — o título era um trocadilho espirituoso com a referência bíblica à imaculada concepção de Maria —, a "imaculada coleção" continha mais sucessos genuínos do que uma rádio Top 40 geralmente toca em uma hora. Era uma crônica em áudio do extraordinário percurso de Madonna até ali, começando pelo começo, com três de seus primeiros singles — "Holiday", "Lucky Star" e "Borderline" —, chegando até o momento presente. Os detratores poderiam dizer o que quisessem sobre a mulher ser apenas um brilho fugaz de pouco talento (e, acredite ou não, havia de fato os céticos, tanto fãs como membros da indústria, que ainda achavam que a carreira de Madonna teria vida curta), mas The Immaculate Collection cristalizou a história de sucesso de Madonna: "Like A Virgin", "Material Girl", "Crazy For You", "Into The Groove", "Live To Tell", "Papa Don't Preach", "Open Your Heart", "La Islã Bonita", "Like A Prayer", "Express Yourself", "Cherish" e "Vogue" — quinze gravações de sucesso, no total. Alguns dos mais bem-sucedidos pop stars do mundo, homens ou mulheres, surgiram e sumiram sem jamais ter emplacado sequer um primeiro lugar.

É o objetivo último de qualquer artista pop atingir o topo das paradas musicais — The Immaculate Collection continha oito canções de Madonna que haviam chegado lá.

O êxito de Madonna como artista musical não é realmente difícil de entender se a pessoa percebe o que ela representa. Uma cantora como Pat Benatar é quente, mas é uma roqueira, não uma estrela pop. Madonna era o tipo de artista que não surge com frequência na cultura pop — uma garota branca com atitude, capaz de manter o ritmo. (Nancy Sinatra personificou a versão disso em sua geração, nos anos 60, quando gravou o sucesso "These Boots Were Made For Walking", mas a coisa foi por água abaixo quando se descobriu pouco depois

que a atitude estava na música, não em Nancy.) A música de Madonna sempre teve algo a dizer para diferentes pessoas. Se por um lado não era blueseira demais para ser rejeitada pela garotada branca do subúrbio, por outro tinha a levada rhythm and blues e hip hop suficiente para agradar a garotada urbana — seu público negro essencial. Afinal de contas, em sua pré-história musical, Madonna fora uma artista dance, cuja energia e inspiração emanavam das ruas. Se surgisse no século XXI, mais provavelmente seria considerada uma artista do hip hop — impetuosa e independente demais para ser a próxima Britney Spears e avançada demais para ser uma Jessica Simpson ou uma Mariah Carey Continuaria sendo única, mesmo se fosse uma nova artista.

Antes de Madonna, a última cantora a mesclar influências dance e pop com tanta eficácia foi Donna Summer e seus compositores/produtores Giorgio Moroder e Pete Bellote (e, mais tarde, apenas Summer e Moroder), cujos toques de europop transcenderam com sucesso a mera disco music. Mas Donna Summer, por maior êxito que obtivesse, não dispunha do inexplicável senso musical de si mesma e do mercado que Madonna tinha — instintos indispensáveis para criar todos aqueles sucessos compilados em The Immaculate Collection. Por volta de 1990, a produção de alguns desses hits talvez soasse um pouco datada (a bateria eletrônica foi ao mesmo tempo a melhor e a pior invenção da pop music no século XX), mas as canções em si eram eternas.

Diferentemente da maioria dos jovens artistas que surgiram na mesma época que ela, Madonna era capaz de redefinir sua identidade à vontade. Enquanto podia facilmente criar party music como "Into The Groove" e "Express Yourself", também conseguia apreciar uma cançoneta pop bonitinha como "Cherish". Era capaz ainda de produzir canções de amor sérias e dolorosas como "Live To Tell" e "Crazy For You", e de fazer isso sem exibir uma gota do cinismo exigido para compor músicas inteligentes e autodepreciativas como "Material Girl" e "Like A Virgin". (Prince também podia ser assim versátil, mas apenas bem mais tarde em sua carreira foi capaz de levar a si mesmo menos a sério na música. Michael Jackson nunca foi capaz de ser desse jeito. Para ele, gravar um disco é um assunto tão sério que não há lugar para ironias.) Para Madonna, a recompensa por tanta versatilidade veio na forma de uma série de sucessos duradouros. The Immaculate Collection chegou ao segundo lugar da parada de álbuns da Billboard. Ao final, acabaria vendendo a impressionante quantidade de 18 milhões de cópias no mundo todo; destas, 9 milhões só nos Estados Unidos e 5 milhões no Reino Unido. O mercado declarou em alto e bom som seu reconhecimento de que a música era tão apreciável da segunda vez como fora da primeira.

É claro que The Immaculate Collection recebeu um empurrãozinho extra

para ganhar a atenção dos compradores de disco com a inclusão de duas novas canções. "Justify My Love", que seria escolhida como primeiro single do álbum, foi escrita e produzida pelo roqueiro recém-surgido Lenny Kravitz, com o tecladista André Betts como coprodutor. (Mais tarde, Ingrid Chavez, musa de Prince contratada por seu selo Paisley Park, veio reivindicar — e acabaria ganhando — parte dos créditos pela composição parcial da letra.) No papel, "Justify My Love" devia parecer bem simples — um arranjo de percussão puxado para o blues sob o zumbido aural e sussurrante do sintetizador, com Madonna falando versos sensuais acima da canção, e Kravitz gemendo casualmente uma melodia mais ao fundo. O resultado foi uma das poucas canções na carreira de Madonna em que ela de fato não imprimiu sua marca criativa. Exceto por acrescentar umas poucas palavras, deixou Kravitz à vontade para moldar a faixa. O resultado final transbordava de sensualidade pungente, apaixonada. O single chegaria ao primeiro lugar na parada da Billboard, mas não sem despertar a controvérsia que de algum modo parecia sempre cercar qualquer novo projeto de Madonna.

Uma vez que The Immaculate Collection estava programado para ser lançado pouco antes do documentário Na cama com Madonna, ela ficou determinada a manter o interesse do público no nível máximo. Decidiu — não é de surpreender! — que criar uma boa polêmica somente iria ajudar a incrementar as vendas. O problema era que Madonna cruzara a linha do que a maioria das pessoas consideraria de bom gosto vezes demais em anos recentes, e agora se tornara mais difícil para ela chocar o público.

Precisava de uma ideia nova, que lhe veio à mente quando uma jornalista perguntou durante uma entrevista se algum de seus clipes já fora proibido na MTV.

O videoclipe de "Justify My Love"— dirigido por Jean-Baptiste Mondino — parece ter sido concebido com o propósito específico de ser proibido de aparecer na televisão.

Para criar o escândalo necessário, Madonna incorporou no clipe muitos dos temas que lhe haviam rendido manchetes no passado. A ideia é simples: Madonna, mais uma vez bancando Marilyn Monroe, vai parar em um quarto de hotel onde uma orgia parece estar em andamento. Intrigada, observa lésbicas masculinizadas de seios de fora acariciando-se, travestis se agarrando, um voyeur que observa — Tony Ward, com olhar de drogado. Depois, Madonna beija uma lésbica andrógina e então sai correndo do hotel, rindo maliciosamente.

Se a MTV foi vítima ou cúmplice de Madonna em seu esquema para criar sensacionalismo, não está claro somente para aqueles que não entendem nada do mundo do showbiz.

A conveniente cadeia de eventos que se seguiu foi a seguinte: depois de investir pesadamente nas chamadas de um "Fim de Semana Madonna" em que o clipe de "Justify My Love" seria a atração principal, a rede subitamente anunciou com grande alarde que ele não poderia ser exibido por ser "sexual e religiosamente ofensivo". Em 29 de novembro de 1990, o apresentador da MTV Kurt Loder explicou ao público internacional do canal que: "Quando os diretores de programação da MTV deram sua primeira olhada no clipe e em suas quentes cenas de cama, gays e lésbicas se agarrando, sadomasoquismo e peitos de fora, decidiram que não podiam pôr aquilo no ar". (Com toda certeza, poucas pessoas que assistem à MTV não se interessariam por um clipe com uma tal descrição.) De repente, Madonna dera um golpe de mestre, bolando um estratagema que antes lhe escapara: o clipe proibido.

Tão logo ele foi banido, o rolo compressor publicitário de Madonna mais uma vez entrou em movimento. Houve inúmeros protestos de Madonna, que falou muito sobre censura e como era "injusto" tudo aquilo acontecer com ela. Por essa época, contudo, a mídia e o público já sacavam havia muito tempo o jogo de Madonna de criar polêmicas antes de lançar um produto. Ainda assim, o executivo da Sire Records, Seymour Stein, pareceu comprar o peixe, ou pelo menos agiu como tal: "Quando ela começou a produzir o clipe de 'Justify My Love', não teve a intenção de fazer com que o proibissem e não fosse exibido... Acho que apenas acredita naquilo que faz".

Quando o respeitado programa noturno da ABC-TV, Night Line, decidiu levar ao ar um especial dedicado a toda controvérsia, e então exibiu o clipe inteiramente sem cortes, Madonna concordou em ser entrevistada pelo programa em 3 de dezembro de 1990. "Houve toda aquela celeuma em torno de um videoclipe", recorda-se Forrest Sawyer, seu entrevistador. "Era simplesmente espantoso." Durante a entrevista, Sawyer observou o óbvio: como resultado da controvérsia, o clipe — disponível nas lojas uma semana depois de ser proibido, bem a tempo das vendas de Natal, ao preço de 9,95 dólares— certamente iria trazer muito mais lucros para todas as partes interessadas.

"Yeah", disse Madonna, encolhendo os ombros. "Sorte minha." O primeiro clipe single jamais produzido vendeu 400 mil cópias.

Enquanto "Justify My Love" era pura polêmica, quebrando todas as regras, por comparação o segundo single de The Immaculate Collection, a animada "Rescue Me", escrita e produzida por Madonna e Shep Pettibone, era o pulsante cardápio dance padrão. A canção ascendeu rapidamente ao nono lugar da parada pop, requisitando seu ingresso no seleto clube formado pelas dezesseis outras número 1 e sucessos Top 10 que fizeram de The Immaculate Collection um projeto digno de ser notado e respeitado.

Michael Jackson

EM 25 DE MARÇO DE 1991, Madonna iria cantar "Sooner Or Later", canção de Dick Tracy indicada ao Oscar, escrita por Stephen Sondheim, na cerimônia de premiação da Academia. No entanto, enfrentava um dilema: quem deveria acompanhá-la naquela noite? Quem causaria maior impacto na mídia, a maior sensação? Para Madonna, tudo se resumia a "causar sensação" quando se tratava de aparecer em público com algum parceiro, em vez de uma seleção baseada em com quem poderia passar momentos mais agradáveis.

De qualquer forma, não havia ninguém em sua vida. Estava atravessando um período solitário e, depois da serena mas poderosa revelação que foi Tony Ward, seus padrões ficaram mais elevados. "Quem é a última pessoa no planeta com quem todos esperariam me ver?", perguntou a seu empresário Freddy DeMann.

"Prince?", sugeriu.

“Não, disse ela. "Eu o odeio agora."

"Que tal Warren?"

“Não”, disse ela, outra vez. "Eu o odeio agora."

"Tony Ward?" Mais uma vez não.

Então Madonna exclamou: "Que tal Michael Jackson? Ai, meu Deus, que ideia genial. Você gosta?"

Freddy DeMann concordou que uma companhia como aquela seria surpreendente, sobretudo porque Michael Jackson acabara de assinar o maior contrato de gravação da história com a CBS Records, valendo potencialmente um bilhão de dólares. "Quem sabe ele possa me ensinar a ganhar dinheiro", brincou Madonna. "E quem sabe eu possa ensiná-lo a gastar."

Como fora empresário de Michael Jackson, era questão de dar alguns poucos telefonemas até conseguir arranjar um "encontro" entre seu antigo cliente e sua atual, dois dos maiores e mais polêmicos ícones da música pop americana. A reunião foi marcada para um jantar no restaurante Ivy, em Beverly Hills, uma semana antes da entrega do Oscar. Mas na noite em questão, Madonna quase esqueceu seu compromisso, pois tivera um dia ruim. Freddy enviara para sua casa, como presente, uma estátua de madeira de um metro de altura... de Madonna. "E essa agora, o que é que eu vou fazer com isso?", perguntou

Madonna, cocando a cabeça. "Quer dizer, é muito sinistro. Dêem só uma olhada...", falou para os amigos que estavam com ela quando o presente foi entregue. Ali estava, esculpida em teca, no meio da sala, a estátua, uma perfeita réplica de Madonna com um sorriso maroto. "Estou com medo, acho que quando eu for dormir, essa coisa vai vir atrás de mim com uma faca", disse, e não parecia estar brincando. Então mandou a estátua de volta para seu empresário.

Uma hora antes do combinado para pegar Michael Jackson (ele lhe disse que iria dirigir, mas, segundo Michael, ela falou: "Ficou maluco? Eeeu dirijo!"), Madonna ainda estava vestida com um penhoar de seda cor-de-rosa, comendo salgadinhos e assistindo a um programa de fofocas sobre ela mesma na televisão. Segundo uma amiga que lhe fazia companhia nessa hora, enquanto assistia ao programa, Madonna disse: "Veja só essa reportagem sobre mim e Warren rompendo. Puxa, é tudo verdade. Cada maldita palavra do que estão dizendo é verdade!".

Passando manteiga e marmelada em um croissant, empertigou a cabeça e examinou sua amiga mais de perto. "Ouça, se alguma vez eu descobrir que andou me entregando num desses programas, ponho você pra fora daqui. Ouviu?" Quando a amiga lhe assegurou que não era ela a fonte da história, Madonna disse: "É, mas eles têm a informação, e se tem alguém por aqui me entregando, esse alguém não sou eu, com certeza". Então, depois de pensar por alguns segundos, concluiu: "Sabe, não me surpreenderia se fosse Warren. Ele adora publicidade, não importa o que diga, especialmente se isso faz com que pareça um figurão". Nesse meio tempo, enquanto continuava a assistir ao programa, teve um estalo. "Ai, meu Deus, Michael Jackson", gritou, pulando do sofá. "Esqueci completamente. Como pude esquecer Michael Jackson?"

Provavelmente houve momentos em que Michael Jackson queria poder esquecer Madonna. Como contou-me certa vez: "Ela está sempre na onda, não é? Não entendo. Qual é o lance com ela? Não é uma grande dançarina nem uma grande cantora. Mas sabe como se vender", disse. "Deve ser isso."

Dois anos antes, em 1989, a Warner Bros. Records pagou um anúncio em uma das publicações da indústria fonográfica, proclamando Madonna a "Artista da Década". Ainda que a maioria das pessoas do meio entendesse que aquele anúncio era o tipo de homenagem vazia que os selos das gravadoras frequentemente prestam a artistas que eles próprios promovem, Michael Jackson ficou particularmente aborrecido. Um irado Michael, que havia faturado mais do que qualquer outro na história com seu álbum Thriller, telefonou para seu advogado John Branca e queixou-se de que Madonna não merecia tanta aclamação. "Veja, isso me faz parecer ruim", explicou, como Branca se lembraria depois. "Eu sou o artista da década, não sou? Ela superou a vendagem

de Thriller?", perguntou Michael a John Branca. "Não, não superou", disse, respondendo a própria pergunta.

Diante da agitação de seu cliente, o advogado sugeriu que apresentassem à MTV a ideia de um prêmio ficcional que pudesse ser entregue a Michael. E John Branca tirou da cartola um prêmio para o "Artista da Década do Videoclipe de Vanguarda". Michael gostou. "Isso certamente vai ensinar uma lição àquela bezerrinha", disse, referindo-se a Madonna.

Agora, dois anos depois, Michael se via sentado do outro lado de uma mesa no Ivy, encarando o objeto de seu escárnio. Madonna vestia uma jaqueta preta e bermudas com meia-calça de renda e um crucifixo no pescoço. O cabelo loiro metálico brilhava forte sobre seus macios ombros desnudos, com as raízes escuras orgulhosamente à mostra. Michael Jackson estava de jeans pretos, uma camiseta vermelha e jaqueta da mesma cor, com o desenho de um marinheiro bordado. Usava o chapéu de feltro fedora que era sua marca registrada, com os cabelos negros ondulados caindo-lhe na altura do ombro. Ele me contou o que lembrava desse encontro: "Não tirei os óculos escuros. Fiquei sentado ali, tentando ser agradável, sabe como é. E o que aconteceu, então, foi que ela esticou o braço e arrancou meus óculos. Ninguém nunca tinha arrancado meus óculos... E aí os atirou longe, quebrando-os", prosseguiu Michael. "Eu fiquei chocado. 'Estou saindo com você agora', disse-me, 'e odeio quando não posso ver os olhos de um homem.'Aquilo não foi muito simpático".

Mais tarde nesse jantar, Madonna pegou Michael espiando seu decote. Com um sorriso lascivo, puxou sua mão e a pôs em seu peito. "Você gosta?", perguntou, provocante.

Michael Jackson retirou a mão, nervoso.

Depois, enquanto comiam, deixou cair um pedaço de pão entre os seios, e o pescou e comeu, só para ver a reação de Michael.

"Meu Deus, você devia ver os músculos daquela mulher", recordou Michael. "Quer dizer, ela tem músculos no braço maiores do que os meus. Eles são saltados, sabe como é? Queria saber como ficou com os músculos tão grandes, mas não tive coragem de perguntar porque fiquei com medo de que ela quisesse ver meus músculos."

Uma semana mais tarde, o estranho casal — descrito pela revista People como "O Garoto de Um Bilhão de Dólares e a Rainha a Vapor do Pop"— deu as caras na cerimônia de apresentação de entrega do Oscar, no Shrine Auditorium, em Los Angeles.

Madonna estava mais parecida com Marilyn do que nunca, metida num decotado vestido branco de lantejoulas Bob Mackie, sem alças, agarrado ao corpo, e com uma estola de arminho. Seus lábios estavam cor de cereja. O

cabelo loiro, emoldurando sua face em ondas suaves, parecia captar e absorver toda a luz em torno. No pescoço ostentava 20 milhões de dólares em joias emprestadas por Harry Winston. Michael Jackson estava espetacular vestido igualmente com roupas brancas de lantejoulas, portando um enorme broche de diamante, de luvas e calçando botas de caubói com bico dourado. Os dois se sentaram na fileira da frente na plateia. Durante a transmissão, a performance de Madonna em "Sooner Or Later" foi mais do que um simples tributo a Marilyn; parecia que havia se apropriado de cada um dos maneirismos e características de Marilyn Monroe. O público gostou. Ao que parece, contudo, a aceitação das pessoas não significou muita coisa diante do telefonema que recebeu no dia seguinte, de seu pai, dizendo-lhe que achara sua apresentação "ótima". Vindo de Tony Ciccone, que raramente fazia um elogio, isso era motivo de muito orgulho. Para grande deleite seu e de Michael Jackson, "Sooner Or Later" acabaria ganhando o prêmio da Academia para a Melhor Canção.

Durante a festa anual do Oscar promovida pelo falecido agente literário Swifty Lazar, no Spago, em Hollywood, Madonna e Michael Jackson causaram sensação entre os jornalistas com sua chegada bem antes da hora. Sob a luz dos flashes que estouravam de todos os lados, o repórter Army Archerd perguntou a Madonna como conseguira convencer o sempre recluso Michael Jackson a acompanhá-la em um evento público como aquele. "Ah, Michael anda aparecendo mais", respondeu, com uma risada.

Dentro do Spago, contudo, Madonna desgarrou-se do persistentemente tímido Michael e foi para os lados de Warren Beatty. Quem pode explicar suas atitudes? Talvez porque Michael Jackson fosse tão isolado pelo poder, dinheiro e sua própria necessidade obsessiva de privacidade, ela não conseguisse encontrar nada para conversar com ele sobre a vida real. A acompanhante de Beatty, a modelo Stephanie Seymour, não aparecera, deixando o caminho aberto para Madonna buscar sua atenção; ela não aparentava ter o menor ressentimento em relação a Warren. Na verdade, estava até mesmo flertando com ele.

O pobre Michael Jackson ficou embaraçosamente sozinho no meio do salão cheio de celebridades, muitos dos quais não conseguiam deixar de encará-lo com ar abobado.

Felizmente, sua fada madrinha, Diana Ross, estava presente para tomá-lo sob suas asas protetoras.

"Sabe, eu não entendo, Michael", disse-lhe, alto o bastante para que fosse ouvida por todos que estivessem por perto. "Quer dizer, ela deveria estar com você, não é? Então o que está fazendo com ele?"

"Sei lá", disse Michael. "Acho que deve gostar mais dele."

Do outro lado do salão, Madonna se pendurava em Warren, mordiscando sua

orelha e sussurrando coisas como se ainda fossem um casal. Diana Ross, bebendo uma taça de champanhe, olhava Madonna com ceticismo. "Sabe, eu a acho uma mulher horrorosa", disse após alguns momentos. Esvaziou a taça. "E o vestido é cafona, além disso."

"Yeah", Michael concordou, taciturno. "Cafona."

"Michael não gostou muito dela, mas sabia reconhecer coisa boa quando via uma", um de seus advogados recorda, "e assim decidiu lhe pedir para aparecer no clipe de sua canção 'In The Closet'. Tiveram algumas reuniões, que eu mesmo arranjei. Madonna estava interessada, mas disse algo como: 'Olhe, se vamos fazer alguma coisa, não vai ser apenas uma cançãozinha boba de amor. Quer dizer, a gente tem de fazer algo completamente escandaloso, ou então estou fora. Tudo bem?'. Michael concordou: 'Legal, vamos nessa. Vamos fazer um clipe muito louco'."

Poucos dias depois, Madonna lhe telefonou com sua ideia de um vídeo "escandaloso": como a canção se chamava "In The Closet",[16] ela apareceria vestida de homem, e ele, vestido de mulher.

Provavelmente porque a sexualidade de Michael Jackson fora por tantos anos objeto de discussão na mídia, ele ficou preocupado na mesma hora. Disse a Madonna que precisaria de tempo para pensar sobre a ideia, e então telefonou para sua aliada mais próxima, sua irmã Janet. Janet Jackson tampouco tinha muito respeito por Madonna.

("Se eu tirar minha roupa no meio da rua, as pessoas vão olhar para mim, também", disse certa vez. "Isso faz de mim uma artista?") Porém, Janet achava que o irmão deveria aceitar os termos de Madonna. "Nunca vão esperar isso de você", disse sobre o público. "Será sua forma de tirar sarro da forma como eles o veem. E com Madonna? Uau, que demonstração." Ainda assim, Michael decidiu pôr a ideia de lado.

Sobre Michael Jackson, Madonna disse à revista gay *Advocate*: "Eu ficava dizendo a Michael: 'Eu adoraria fazer com que José e Luis [seus dançarinos na época] passassem uma semana com você. Eles o arrancariam dessa caixa de sapato em que você está. Qualquer um que esteja dentro de uma caixa de sapatos guardada dentro de um armário não vai ficar muito tempo depois de dar umas bandas por aí com Luis e José. Ou comigo, se for o caso'".

Alguns anos mais tarde (em outubro de 1994), falando sobre Michael, e também sobre Prince, ela concluiu no Los Angeles Times: "Eu jamais poderia dizer que fui amiga nem de um nem de outro. Passei muito tempo com os dois. Eram pessoas muito diferentes, mas sinto o mesmo em relação a eles. Eu me sentia como uma camponesa em sua presença, como uma enorme e tosca fazendeira. Tipo, se estou com fome, eu como; se estou com sede, eu bebo;

quando sinto vontade de dizer algo, digo. Só que eles têm esses modos, são tão cuidadosos com o que comem e com o que dizem. Mas nunca é tarde demais para começar a ser um ser humano. Se ao menos tentassem se comportar como alguma coisa o mais próximo possível disso. Não consigo imaginar nenhum desses dois se enfiando em calças de agasalho e calçando um par de tênis para correr um pouco, brincando no quintal com o cachorro ou simplesmente sendo frívolos, saindo com amigos para passear, sem maquiagem na cara. Entende o que quero dizer? Acho que não fariam isso".

---

[16] Embora a canção não trate do tema, Madonna fazia a associação com a expressão "sair do armário (closet)", gíria para homossexualidade assumida. (N.T.)

Ingrid

DEPOIS DA ENTREGA DO OSCAR DE 1991, Madonna conheceu uma mulher fascinante que se tornaria uma de suas amigas mais íntimas, Ingrid Casares. Uma cubana-americana elegante e atraente, Ingrid foi apresentada a Madonna por Sandra Bernhard. Na época, trabalhava como booker de modelos na Wihelmina Modeling Agency, em Los Angeles, quando sua namorada, Sandra, levou-a à festa de aniversário de Madonna. Ingrid, que orgulhosamente declarava que "eu não me classifico sexualmente", já se tornara figura recorrente nas colunas de fofocas por estar envolvida com uma série de amantes mulheres, incluindo Bernhard, k.d.lang, a modelo Maureen Gallagher e a cantora Billie Myers. "A gente se envolve com certos grupos, faz determinados contatos", explicaria ela anos depois, "foi assim que conheci minhas amigas, e Madonna especialmente, que é minha melhor amiga." Embora tenha brincado certa vez, dizendo que poderia "achar uma cura para o câncer e ainda assim ser conhecida como a namorada de Madonna", Ingrid provou-se uma competente mulher de negócios. Foi dona de três clubes noturnos de sucesso em Miami — Liquid, Joia e Bar Room.

Com seu cabelo de efebo curto e escuro, e uma personalidade contagiante, Ingrid chamou a atenção de Madonna, que, depois de ser apresentada a ela, disse que gostaria de conhecê-la melhor. As duas se tornaram amigas inseparáveis, para grande desgosto de Sandra Bernhard.

A fotógrafa Chita Mavros era amiga de Ingrid nessa época. Ela recorda: "Ingrid e Sandra estavam tendo alguns problemas em seu relacionamento. Sandra pediu a Madonna para falar com Ingrid, para interceder em seu favor e ajudar a consertar as coisas. No entanto, ao fazer isso, Madonna e Ingrid tornaram-se muito íntimas, rapidamente. De repente, Ingrid só falava 'Madonna isso' e 'Madonna aquilo', o que aborreceu Sandra".

Desde essa época, Sandra disse que poderia ter resolvido seus problemas com Ingrid se simplesmente Madonna houvesse ficado fora disso. "Ela achava que Madonna — com seu estilo de vida de showbiz e dias e noites da pesada— era o divertimento perfeito para Ingrid", conta Chita Mavros. "Então, acusou Madonna de estar dormindo com Ingrid, embora ela negasse.

"Madonna e Sandra tiveram brigas horríveis por causa de Ingrid. Um dia, Sandra foi ao apartamento dela e adivinhe quem encontrou saindo do chuveiro só com uma toalha?

Madonna. Sandra virou uma fera, começou a gritar com toda força, acusando Ingrid de traí-la com sua melhor amiga. Não havia como controlá-la, estava muito nervosa.

Depois disso, ela e Ingrid romperam, e a amizade dela com Madonna terminou."

A ironia, pelo menos segundo Chita Mavros, era que Ingrid e Madonna provavelmente não estavam envolvidas sexualmente. Ingrid disse que Madonna não era seu "tipo", e que apenas apreciava sua amizade. Certamente, as duas negam que o relacionamento entre elas foi mais aprofundado.

Mas o rompimento com Sandra Bernhard persistiu. Hoje, tudo que sente é desprezo por Madonna. "É uma mulher que não tem a mais vaga ideia de quem é", afirma Sandra Bernhard. "Eu lhe dei tudo— amizade, amor. Como ela me pagou de volta? Com uma punhalada nas costas. Eu juro que, tão certo como estou aqui agora, Madonna vai roubar tudo de você, até mesmo seus amigos mais íntimos se puder pôr sua pequenas mãos sujas sobre eles."

Sandra— outrora a maior aliada e defensora de Madonna— hoje diz que sempre achou os tributos de Madonna a ícones como Marilyn Monroe e Marlene Dietrich repreensíveis.

"Eu podia ouvir Marlene Dietrich gritando lá do túmulo: 'Matem essa vagabunda, matem agora!'", diz Sandra. "Eu já contei a você sobre meu pesadelo? Sonhei que estava junto com Madonna fazendo compras na Tiffanys, procurando alguma coisa de classe. Então, subitamente me virei e dei com uma mulher asquerosa e desdentada. Acordei com um grande sorriso no rosto e aí passou pela minha cabeça o seguinte: Carol Burnett[17] já não fez isso antes?".

Madonna parece magoada com os comentários de Sandra, sempre que os ouve por intermédio de amigos, a maioria dos quais procura manter a neutralidade. "Nunca fiz nada para ela. Nada", diz. "A razão para o fim do nosso relacionamento é a mesma da maioria das amizades: inveja e ciúme. Ela é uma mulher brilhante com muito talento.

Não posso acreditar que diria essas coisas terríveis de mim. Depois de todos esses anos, achei que fosse superar isso tudo, mas não. Então, em algum nível, eu ainda devo ser importante em sua vida, ou ela não continuaria me escorraçando na imprensa."

Quando lhe perguntei certa vez o que acontecera entre ela e Sandra, Madonna respondeu: "Só posso lhe dizer o seguinte: houve um imenso mal-entendido sobre alguma coisa, ela perdeu as estribeiras e nunca mais as

encontrou. É tudo o que vou dizer a respeito do assunto".

---

[17] Famosa comediante da televisão americana. (N.T.)

Na cama com Madonna

EM MAIO DE 1991, Na cama com madonna finalmente foi lançado. Ao "forçar os limites", em suas palavras, o filme, com diversos futuros projetos, provaria que até mesmo Madonna poderia ir longe demais... até finalmente cruzar a linha entre o bom gosto e o mau gosto.

Na cama com Madonna é fascinante de assistir, não porque sua estrela principal esteja particularmente perspicaz ou brilhante no filme, mas por tudo que acontece em torno dela — a forma como seus dançarinos a adulam e disputam sua atenção, como seu empresário é destratado e como alternadamente ela oscila entre um comportamento grosseiro e maternal com todos. É uma "interpretação" autenticamente camp.

É também muito interessante ver em ação uma mulher tão narcisista que acredita que tudo que diz ou faz é tremendamente relevante e importante. Ou, caso contrário, por que se comprometeria a ser filmada aplicando maquiagem, ou falando ao telefone, ou até visitando o túmulo de sua mãe pela primeira vez desde que era criança — numa limusine, com os olhos ocultos sob enormes óculos escuros redondos à la Jackie O? ("Fico pensando: com que se parecerá agora?", reflete sobre a falecida mãe, num tom de voz monótono. "Provavelmente, apenas um monte de cinzas.") A medida que o documentário avança, ela briga com Warren Beatty, sussurra segredos para Sandra Bernhard e rememora uma experiência sexual com uma colega de escola, que mais tarde entrou com uma ação contra ela, declarando entre atônita e embaraçada que não tinha a menor lembrança do incidente. "Mas ela meteu o dedo em mim", insistiu Madonna. "Lembro de estar olhando para seu tufo de pelos!"

Espertamente, também exibia seu lado doce bancando a mãezona de sua ninhada de cantoras e dançarinos mimados e vulneráveis — alguns deles tão jovens que estavam saindo de casa pela primeira vez. Madonna encabeçava a prece antes de cada show, dava-lhes conselhos sobre suas vidas amorosas e intercedia nas altercações. No filme, explica que selecionava cantoras e dançarinos que fossem "emocionalmente defeituosos", para que pudesse ser a "mãe" deles. Disse: "Esta é a oportunidade da vida deles. Quero impressioná-los, quero amá-los". A certa altura, quando correram rumores de que o dançarino de

21 anos Oliver Crumes — que continuava insistindo em ser o único dançarino heterossexual no grupo — estava envolvido sexualmente com Madonna, e a história foi publicada na primeira página de um tabloide, aconselhou os outros sobre como lidar com o ciúme de Crumes. Em uma cena em que a informam que policiais canadenses podiam interditar seu show por sua alegada indecência, ela ora a Deus pois "todos os meus bebês estão se sentindo frágeis". No final do filme, todos juntos pulam com ela na cama, em variados estágios de nudez. "Saia da minha cama e não volte até que seu pinto esteja maior", ordena a um dançarino que dá risada. Seus modos sugerem crueldade e humor ao mesmo tempo.

"Vejo um enorme paradoxo em mim", falou à Advocate, comentando sua impressão sobre o filme, "a intensa necessidade de ser amada e busca de aprovação justapostas à necessidade de cuidar de outras pessoas, de ser a mãe que nunca tive. Não percebia o quanto eu era matriarcal, o quanto era maternal, até ver esse filme."

Além disso, ela disse à Vaníty Fair: "As pessoas vão dizer: 'Ela sabe que a câmera está lá, está só atuando'. Mas mesmo que eu esteja atuando, há veracidade em minha atuação. Você pode olhar e dizer, ainda não sei quem é Madonna... e tudo bem! Pois nunca vai conhecer meu verdadeiro eu. Nunca".

"Acho que a impressão sobre mim terá dois lados", disse. "As pessoas vão pensar: 'Ah, não passa de uma mulher fria e dominadora'. Penso que é a percepção que o mundo tem de mim, de que sou ávida de poder e manipuladora. Acho que grande parte do filme mostra um lado meu mais gentil."

Quando um jornalista perguntou se o filme era chocante, Madonna ficou na defensiva. "Ele é chocante?", perguntou. "Eu fazer um boquete numa garrafa? Você vê gente fazendo isso nos filmes o tempo todo. É uma piada. O que é chocante? Por que você não sabe o que é ou não chocante? Não conhece seus próprios sentimentos? É uma piada."

Seu empresário, Freddy DeMann, sentiu que o filme iria ferir a reputação de Madonna. Segundo ela se lembraria mais tarde, De Mann tentou convencê-la a cortar inúmeras cenas.

"Aquela em que você enfia o dedo na boca para mostrar que Kevin Costner a deixa com vontade de vomitar tem de sair, Madonna", disse ele durante uma reunião.

"Não, essa fica", disse ela, sacudindo a cabeça.

"Tá, então aquela em que você diz que a mulher enfiou o dedo em você, essa tem de sair, é nojenta."

"Fica", disse ela. "Não tem nada de nojento."

"OK, então aquela em que você banca a puta para todo mundo..."

No fim, ele é que foi cortado. "Vá se foder, Freddy", disse, segundo se lembrava da reunião. "Todos sabem que sou uma cadela. Quem se importa? As pessoas acham que sou Saddam Hussein. Comparam-me a Hitler. Deixe a porra do meu filme em paz! Não há nada lá que as pessoas já não saibam."

Aparentemente, um aspecto de sua vida que Madonna não queria ver revelado no filme era tudo que dizia respeito a como dirigia seus negócios. Embora seja conhecida como uma pessoa aberta, acessível e sem segredos, quando o assunto era dinheiro escolhia (e assim é até hoje) permanecer um enigma. Assim, as câmeras eram proibidas nas reuniões de negócios, mesmo que o diretor Alek Keshishian tentasse forçar sua entrada. "Cai fora!", ela gritava.

Em vez de mostrar ao público que grande parte de sua imensa celebridade tinha a ver com seu gênio para as relações públicas, tanto quanto com seu talento, aparentemente Madonna queria que o público acreditasse que ela era derivada somente de seu talento. Assim, quando os editores de revistas punham em pauta artigos voltados para sua extraordinária esperteza nos negócios, ela se recusava a discutir lucros, ganhos e estratégias. Do mesmo modo, Madonna instruía sua equipe e amigos a não falar dessas coisas.

Em 1991, os rendimentos de Madonna pelo conjunto de seu trabalho com músicas, filmes e projetos comerciais chegariam a cerca de 60 milhões de dólares, incluindo os 36 milhões de dólares gerados com a turnê "Blonde Ambition". Ela passava longas horas administrando suas posses e investimentos, dificilmente delegando responsabilidades importantes para outros. Também criou inúmeras empresas lucrativas: Boy Toy, Inc., para royalties de música e gravação; Siren Films, para produção de filmes e vídeos (tomando o lugar da Slutco, uma produtora de vídeo que acabou pouco depois de começar); Webo Girl, para divulgação musical; e Music Tours, Inc., para contratos de apresentações ao vivo.

Madonna estava — e continua até hoje — envolvida em todas as negociações relacionadas a sua carreira, sempre comparecendo às reuniões com seu bloco de papel pautado, uma caneta e uma pilha de perguntas. Segundo seu ex-namorado John "Jellybean" Benitez: "Ela tem uma porção de gente que a alimenta com as informações de que necessita, e encara isso de forma mais criativa do que a maioria dos artistas. Absorve tudo, e faz um monte de perguntas".

Em 1991, Freddy DeMann ganhou mais de 10% do rendimento anual dela. O contador de Madonna, Bert Padell, fatura anualmente um milhão de dólares por seus serviços.

Na área legal, seus negócios são conduzidos por Paul Schindler, da Grubman Indursky Schindler, uma empresa que utiliza um sistema conhecido como

"faturamento instintivo", em que os honorários são negociados com o cliente depois que o negócio foi fechado, dependendo de quanto tenha sido lucrativo. Madonna achou que o advogado valia o curioso método de faturamento. Ainda assim, diz o empresário de outro rock star, "se me tratasse da forma como trata as pessoas que trabalham com ela, eu cairia fora em 24 horas. Ela é notória por maltratar as pessoas que trabalham para ela, e acho que pensa que pode tratá-los assim porque os paga bem o bastante. Ou quem sabe ache que o privilégio de trabalhar para ela seja em si mesmo algum tipo de recompensa".

Seus fãs, contudo, não se importavam de fato com o que acontecia por trás dos panos na vida de Madonna, contanto que continuasse a se entregar a eles no palco. Na verdade, a parte mais maravilhosa de Na cama com Madonna é o trecho sobre o show da turnê "Blonde Ambition". Os dançarinos, o cenário, a música e, é claro, Madonna...

tudo é visualmente fascinante. Ao ver sua performance, ficamos admirados com o nível de comprometimento dela com seu show e seu público. Com certeza, poucos artistas trabalham tão duro quanto Madonna para agradar uma multidão. A maioria não tem nem noção da larga visão e imaginação dela. Além disso, no filme, quando Madonna trouxe seu pai Tony para o palco em Detroit, pedindo ao público que cantasse "Parabéns a Você" para ele, foi um momento genuinamente comovente. A filha prestou uma homenagem ao pai literalmente curvando-se para ele diante dos fãs, e somente aqueles mais próximos dela e de sua família viram o real significado de seu gesto.

"Ela estava dizendo: 'Eu amo você, papai. Quero que me aceite. Olhe para toda essa gente. Veja como me amam'", diz Niki Harris, que estava no palco com Madonna como uma de suas duas cantoras. "Foi um momento único."

Ao lado da conflitante realidade de quão talentosa Madonna é como artista, provavelmente a única coisa que fica clara para o espectador de Na cama com Madonna é que ela não era — pelo menos nessa época — alguém que uma pessoa mais razoável acolheria de bom grado em sua vida. Certamente, era a própria definição daquela figura comum da nova era, o amigo que só dá trabalho.

Sem dúvida, uma das lembranças mais doces de Madonna relacionadas com o documentário foi sua experiência no 44º Festival de Cinema de Cannes, quando foi à França para promovê-lo. Ela e sua enorme equipe registraram-se no mais exclusivo e glamouroso hotel da Riviera, o Hotel du Cap, em Éden Roc; Madonna alojou-se na enorme e luxuosa Princess Suite, "que eu amei, amei, amei", disse depois. Como sempre, os fotógrafos arriscavam suas vidas, pendurando-se por meio de cordas em despenhadeiros e tentando focar suas lentes telescópicas enquanto ela nadava numa queda-d'água, ou circundando-a

em lanchas alugadas a uma velocidade perigosamente alta enquanto tomava sol em algum iate. Raramente ela teve — ou tem hoje — qualquer momento de paz e tranquilidade onde quer que aparecesse em público na Europa. De alguma forma, conseguiu ficar — ou pelo menos agir como se estivesse — completamente desligada do fato de que estranhos com câmeras arrebentavam-se uns contra os outros em torno dela tentando capturar "a foto perfeita". Ela foi ao encontro da imprensa em Cannes pela primeira vez metida num maravilhoso vestido de seda cor-de-rosa. Seu cabelo escuro e encaracolado estava preso no alto da cabeça, como uma coroa. No exato momento em que os flashes espocavam em torno dela, seu vestido deslizou e foi ao chão, formando um montinho aos seus pés. E então, lá estava ela — posando desse jeito e daquele outro — vestida com nada mais que um sutiã branco bojudo de seda e cinta-liga e meias de mesma cor. Era fascinante que mesmo nessas parcas e modestas vestes — que, usadas por outra mulher, seriam nada mais que vulgares —, parecesse refinada, feminina e sob controle. "Dava para sentir sua presença — ou o reflexo brilhante de sua celebridade — a uma distância de trinta quilômetros", escreveu Robert Sandall, do Sunday Times. "Todos estão comentando sobre a verdadeira estrela na cidade — Madonna."

Pouco depois que Na cama com Madonna foi lançado, um de seus "filhos" dançarinos voltou-se contra ela quando percebeu que não iria ganhar nem um centavo por aparecer no filme (que aliás faturaria milhões de dólares). No show, Sallim Gauwloos, também conhecido como "Slam", executava uma pantomima do dueto Warren Beatty— Madonna, "Now I'm Following You" (de Dick Tracy). Ele afirma que ficou desiludido com a experiência toda.

"Depois da turnê e do filme, nunca mais falei com ela. O filme faz parecer que éramos uma enorme família feliz, mas não era bem assim. A gente nunca levava nossos problemas até ela; nunca chegávamos tão perto, ainda que seja isso que tenham tentado fazer parecer."

De sua antiga patroa, diz: "Era uma pessoa sensível de muitas formas. Mas era muito, muito insegura, especialmente em relação a outras mulheres. Quando havia uma festa, nenhuma mulher bonita era convidada, nunca. Somente homens. Ficava maluca se houvesse alguma mulher mais bonita do que ela presente. Essa era a lei. Somente homens eram convidados para suas festas, ou mulheres que não fossem nem de longe tão atraentes quanto ela".

E acrescenta: "Pensei que fôssemos bons amigos de verdade. Sempre soubemos que estava rodando um documentário. Então tivemos uma reunião a certa altura e dissemos: 'Olhe, a gente está sendo pago pela turnê, é verdade, mas vamos receber algum dinheiro por esse filme, também?'. Era óbvio para a gente que se você lançasse um filme estrelando Madonna, ei, cara, isso significava um

montão de grana.

"Ela ficou um pouco insultada que tivéssemos até mesmo a coragem de perguntar sobre dinheiro, e disse: 'Se o filme for um sucesso, então tudo bem, vou pagar mais alguma coisa'. Daí o filme foi lançado, e o sucesso foi estrondoso. E a gente nunca viu um centavo. Nada. Eu fiquei muito triste. Ela deveria no mínimo ter me ligado para dizer 'Ei, o filme foi um sucesso, aqui está o dinheiro que prometi a você'. Mas nada."

EM janeiro de 1992, três dançarinos profissionais que participaram da turnê "Blonde Ambition' entraram com uma ação contra Madonna por terem aparecido no documentário. Os dançarinos— Gabriel Trupin, Kevin Stea e Oliver Crumes — entraram com um processo no Superior Tribunal de Los Angeles, alegando que Madonna mentira para eles sobre suas intenções em relação às filmagens que estavam sendo feitas durante a turnê. Eles sustentavam que sua privacidade pessoal fora invadida pela filmagem nos bastidores e que não haviam sido pagos por terem aparecido no filme. Madonna ficou furiosa com a ação. "Aqueles ingratos", disse a uma colega. "E pensar que fui eu quem os fez chegarem onde estão hoje, e tratam-me desse jeito."

Pouco após a abertura do processo, Madonna cruzou com Oliver Crumes em uma festa. "Se você queria dinheiro", disse a ele, com a voz gelada, "por que não vendeu aquele Cartier que lhe dei de presente?"

A ação iria se arrastar por anos na justiça, até que os dançarinos simplesmente não puderam mais pagar por seus advogados. Finalmente, em setembro de 1994 — mês em que a revista Forbes publicou seus rendimentos de 37 milhões de dólares naquele ano —, Madonna ofereceu um acordo informal para os três. Os termos do acordo permanecem confidenciais até hoje, embora um dos dançarinos tenha dito: "Pelo que os advogados dela nos obrigavam a aceitar, esqueça. Não valia a pena".

"Era praticamente impossível levar adiante as reivindicações no caso devido aos recursos financeiros superiores de Madonna", conta a advogada Debra Johnson, que representava os dançarinos. "Com muita frequência em Hollywood, uma figura poderosa como Madonna fica à vontade para agir como se estivesse acima da lei", conclui ela.

Sex

EM 21 DE OUTUBRO DE 1992, o famoso livro de Madonna, Sex, foi publicado pela Time-Warner. Quando finalmente apareceu— após meses de especulação e promoção —, o público descobriu que a incursão de Madonna no mundo editorial viria na forma de um livro grande demais e preço maior ainda (49,95 dólares), com 128 páginas, encadernado em espiral, entre duas capas gravadas em relevo em aço inoxidável, intitulado, simplesmente, Sex. Como que para se certificar de que o público reconheceria inteiramente a natureza controversa de sua empreitada editorial, o livro chegou às livrarias embrulhado em Mylar prateado (o que também era uma garantia de que somente clientes que houvessem pago por ele poderiam se inteirar de seu conteúdo). O pacote incluía um CD da nova canção de Madonna, "Erótica", em uma bolsa de Mylar prateado fechada a zíper. "A Warner Books está cagando de medo", disse Freddy DeMann, avaliando o nervosismo da editora em distribuir uma obra como aquela.

Pode-se dizer que a gênese de Sex mostra uma típica faceta do caráter de Madonna e sua forma de agir, como ela mesma disse no passado: "Pego um pouco disso e um pouco daquilo e transformo em meu". Um pouco antes, no início de 1990, Judith Regan, então editora da divisão de livros de bolso da Simon & Schuster, teve uma ideia para um livro sobre fantasias sexuais e eróticas que achou perfeita para Madonna. "Achei que se encaixava exatamente em tudo que ela representava na época", diz Judith. "Então mandei uma caixa com o material ao escritório de seu empresário, incluindo fotos eróticas que pensei que a interessariam, bem como o tipo de texto que julguei ser apropriado. Era tudo colorido e imaginativo, se é que devo dizer eu mesma. Bem, de qualquer forma, eu estava feliz com o material. Como viria a saber depois, ela também ficou impressionada e achou que seria uma boa ideia. A próxima coisa que sei é que estava sentada com ela e seu empresário, Freddy DeMann. Eu estava grávida na época, e a primeira coisa que Madonna me disse foi: 'Puxa, sabe, eu não tenho filhos'. Parecia uma coisa estranha pensar que eu não saberia uma coisa como essa sobre ela, uma das mulheres mais famosas do mundo."

"Só quero que você saiba que não vou sequer pensar em fazer isso se me

disser que já o ofereceu para qualquer outra celebridade", Madonna advertiu Judith Regan durante a reunião.

"Por que isso?", perguntou Judith. É claro que ela sabia a resposta, mas ainda assim queria ouvi-la da própria mulher.

"Porque tem de ser exclusivo para mim", disse Madonna, tipicamente. "Tem de ser meu e de mais ninguém."

"Bem, eu comecei do topo. Com você", Judith lhe assegurou. "Se não está interessada, então vou a outro lugar. Mas espero que esteja interessada. Acho que isso realmente pode funcionar para você."

Madonna pareceu satisfeita. Durante o resto da reunião, deixou claro que apenas se envolveria num projeto como aquele se pudesse exercer controle completo sobre ele. "Seus instintos são impressionantes, foi uma coisa que percebi sobre ela bem naquele momento", conta Judith Regan. "Sabia exatamente o que queria fazer, e como fazê-lo. Fez perguntas inteligentes sobre o mercado editorial. Não é de espantar, eu a achei muito viva, muito ambiciosa. Astuta."

Provavelmente Madonna era ainda mais astuta do que Judith percebera. No final da reunião, concordara, segundo Judith, "no principal, em fazer um livro que chamaríamos de Madonnas Book of Erótica and Sexual Fantasies. Disse-me que seu empresário entraria em contato para acertarmos os detalhes. Nunca mais tive notícias, então cheguei à conclusão de que não ficara interessada. Daí, seis meses depois, soube que estava fazendo o projeto para a Warner Books [um braço da Time-Warner, que possui a Warner Bros. Records, e hoje distribui o selo de gravação de Madonna, Maverick]. Obviamente, roubara meu conceito, minhas fotos e minhas ideias e os usou para conseguir um contrato com outra editora. Nunca tive notícias dela, nem uma palavra de gratidão, desculpas ou qualquer coisa", conclui Judith Regan. "Francamente, achei uma enorme falta de consideração."

O conteúdo de Sex, quando finalmente foi publicado (pela Warner Books nos Estados Unidos e pela Secker & Warburg no Reino Unido), consistia de ensaios verbais e visuais de Madonna (como ela mesma, mas também no papel de uma personagem chamada Dita, emprestada da deusa das telas Dita Parlo, dos anos 30) sobre suas fantasias sexuais pessoais — ou pelo menos o que queria que o público acreditasse que fossem suas fantasias sexuais. "Este livro não desaprova o sexo seguro", apressou-se a acrescentar em uma de suas notas ao leitor. "São fantasias com as quais sonhei. Como a maioria dos seres humanos, quando deixo minha mente vagar, raramente penso em preservativos."

Lindamente fotografada em preto-e-branco por Steven Meisel— que a fotografou em grande parte de sua carreira —, Madonna podia ser vista pedindo

carona nua, posando lascivamente vestida com roupas de couro sadomasoquistas, bancando a dominadora brutal de uma dupla de lésbicas, chupando alegremente o dedão de alguém, depilando impudente a região pubiana de outra pessoa, sendo chupada por um motociclista e barbaramente estuprada por skinheads (vestida como uma colegial). Está no mínimo parcialmente nua na maioria das fotografias, e completamente nua em muitas delas. Em uma, posou em uma postura sexualmente sugestiva com um cachorro. "Acabou sendo muito mais indecente, acho, do que aquilo que eu tencionava publicar", afirma Judith Regan. "Ela foi até o fim. Eu queria ser imaginativa, erótica... mas não tão lasciva."

De fato, a maior parte do que está escrito no livro parece com cartas enviadas para revistas pornográficas: "Eu amo minha boceta, é a consumação plena de minha vida", escreveu Madonna. "Minha boceta é um templo do conhecimento." Muita atenção também é dada à alegria do sexo anal, "a forma mais prazerosa [de fazer sexo] e também a mais dolorida". Muitos parágrafos vividos são devotados às formas como ela aprecia fazer sexo, com cada posição descrita em detalhes minuciosos, grande parte disso tendo a ver com sadomasoquismo. Ela também se detém entusiasticamente sobre a primeira vez que se masturbou.

Muita coisa em Sex é surpreendente, uma vez que não se pode chamar de chocante. Mais do que um livro "adulto", é na verdade infantil e impetuoso. Embora Madonna insistisse que estava tentando desmistificar a sexualidade em todas suas variadas facetas, saber quem ela era e como funcionava tornaria claro para qualquer observador arguto que por mais que tentasse fazer aquilo passar por um texto de garota perversa e fotos pornográficas, não passava disso... uma tentativa de se fazer passar por. Estava sendo malcriada, não revolucionária. Isso fica bem claro quando se lê nas entrelinhas de uma entrevista que deu à MTV em 1998. "Eu pensei: 'Sabe de uma coisa, vou ser sexualmente provocante, serei irônica, e vou provar que consigo chamar a atenção de todos e que todo mundo vai ficar interessado... e, mesmo assim, louco da vida com isso'." É de pensar: por quê? Ela ainda não provou sua habilidade para ser sexualmente provocante, irônica, chamar a atenção?

Quem conhecia Madonna bem sabia o que estava acontecendo de fato com ela nessa época: o livro Sex — e todo escândalo espalhafatoso que o precedeu e que se seguiria a ele — era na verdade apenas algo que usava como uma barreira entre si e o restante do mundo.

Por anos, parecera a Madonna que todos os momentos de sua vida foram expostos para o mundo, cada palavra e gesto seu exibidos nos jornais para serem comentados, em geral de forma crítica e acerba. Ela se sentia caçada, ainda que houvesse sido ela mesma quem dera início à caça. Por seus próprios feitos,

tornara-se uma das mulheres mais vigiadas e criticadas do mundo. Jamais deixara seu público na mão, sempre a postos com um comentário provocativo, uma historinha indecente, uma foto chocante. Agora, como era exatamente o que criara, estava tendo problemas em relação às pessoas "normais". Sentia que não a compreendiam. E ela certamente não os compreendia. Parecia haver perdido a si mesma em algum lugar no meio de todas aquelas manchetes. O isolamento terrível era seu irônico destino, um isolamento advindo do fato de ser uma figura pública que atraía tanto sensacionalismo. Suas relações com os homens foram abismais. Seria isso em parte devido a sua fama?

Para se prevenir de ter de pertencer à massa, fosse consciente ou inconscientemente — e somente ela seria capaz de dizer qual das duas alternativas —, Madonna criou uma persona que ninguém poderia entender... alguém tão ultrajante que desafiava explicações, alguém que a maioria das pessoas julgasse objetável (pelo menos quem não fosse pornógrafo). "Ela estava perdendo o contato", disse um de seus auxiliares de relações públicas. "A barreira que interpôs entre si e o restante do mundo fundava-se na noção de sexo louco e selvagem. Sexo puro e simples, ordinário e controverso."

A maioria dos profissionais de saúde mental é da opinião que, na condição humana, há dois modos de ser antissocial. No homem isso assume a forma de um comportamento hostil e agressivo. Na mulher, pode se apresentar como um comportamento sexualmente provocante e escandaloso. Em outras palavras, quando garotos estão furiosos, ocorrem brigas. Quando garotas estão furiosas, mostram as calcinhas. Alguns de nós não desenvolvem esses comportamentos; parecia que Madonna estava "mostrando as calcinhas" apenas porque estava contrariada com o intenso escrutínio que sua vida pessoal havia sofrido ao longo dos anos. Sob seu ponto de vista, não havia outra forma de dar o troco.

Tony Ward, Naomi Campbell, Isabella Rossellini e os rappers Big Daddy Kane e Vanilla Ice tiveram todos participação especial no livro Sex, em fotografias que os mostravam em diferentes estágios de nudez.

As fotos foram tiradas durante o período de oito meses em que Madonna e Vanilla Ice (cujo nome verdadeiro era Rob Van Winkle) tiveram um envolvimento amoroso. Ice, cuja canção "Ice, Ice Baby" foi, em 1990, o primeiro rap a chegar ao topo da parada da Billhoard, diz que a relação com Madonna era difícil, "pois ela mudava muito de personalidade". Ele conta ainda o quanto lamenta ter posado com ela para o livro. "Aquilo me deixou meio puto", diz ele. "Fez com que eu parecesse igual a todas as outras pessoas que também apareciam ali, um bando de pervertidos. Eu não sou pervertido."

Outro destaque no livro era a amiga de Madonna, Ingrid Casares, que mais tarde se queixaria de que sua participação no projeto iria alimentar anos de

fofocas absurdas sobre sua própria vida sexual. "Na verdade, eu sou muito conservadora", afirma Ingrid categoricamente. Ingrid Casares e Madonna foram fotografadas travestidas de homem, beijando-se apaixonadamente.

Embora o fascínio inicial com o livro o tenha impulsionado para o primeiro lugar da lista de mais vendidos de The New York Times, as resenhas foram na maior parte negativas. Richard Harrington, do Washington Post, chamou o livro de "uma bobagem cara e volumosa a ser deixada na sala de estar, cheio de fantasias sexuais explícitas destinadas a separar as wannabes verdadeiras das fajutas. Sex é chocante? Na verdade, não. Principalmente porque é Madonna, e da forma como nos acostumamos a esperar que se comporte. Sex é um porre? Na verdade, é".

Com toda a pose sexual, era irônico que no início de 1992 Madonna fosse vista na inocente e divertida comédia de Penny Marshall, A League of Their Own (Uma equipe muito especial), sobre uma liga de beisebol feminino passada em 1943. Como parte do elenco estelar que incluía Geena Davis, Tom Hanks e Rosie O'Donnell, Madonna novamente não carregaria o fardo de um filme inteiro em seus ombros. O filme foi um sucesso de bilheteria no ano de 1992, e acrescentou um ponto positivo ao currículo cinematográfico de Madonna — ainda que estivesse apenas razoável no papel e muitos não o considerassem memorável. Contudo, qualquer observador que achasse que o filme marcaria o nascimento de uma Madonna mais dócil saberia que estava errado quando Sex foi publicado. (Antes desse filme, ela fez uma breve aparição na comédia de humor negro de Woody Allen, Shadows and Fog — Neblina e sombras, um fracasso de bilheteria que passou rapidamente pelos cinemas.)

Erótica

CASADO COM A PUBLICAÇÃO DE Sex, Madonna lançou um novo álbum, com bastante propriedade intitulado Erótica.

É uma pena que Erótica ficasse atrelado a duas outras empreitadas menos memoráveis na carreira de Madonna nessa época, pois, diferentemente de Na cama com Madonna e Sex, Erótica tem de fato muita coisa que conta a seu favor. O que ocorre é que, vindo na esteira daqueles dois projetos precedentes, Erótica pareceu mais do mesmo à maioria dos observadores. No entanto, esse disco deve ser considerado por seu próprio mérito, e não apenas como algo ligado aos outros projetos para adultos, pois ele tem um valor autêntico.

Madonna disse com frequência que em sua opinião — aliás, compartilhada por inúmeros historiadores da cultura — uma das razões pelas quais a música pop é tão poderosa na sociedade contemporânea é porque muitas vezes serve como um espelho de nossa cultura. Se alguém quer descobrir a quantas anda o mundo, um exame atento da Top 40 da Billhoard pode ser uma boa maneira de começar. Embora os jornais forneçam notícias diariamente, a pop music, pelo menos em alguns níveis, pode compor um quadro mais amplo da sociedade. Por exemplo, pode-se não encontrar nenhuma canção sobre paz, amor ou mudanças sociais entre as Top 40; nesse caso, essa ausência é eloquente.

Pode significar que a sociedade está com os olhos voltados para outro lado nesse momento, que prefere comercializar suas desditas em troca de cançonetas pop bonitinhas sobre os bons tempos e o romance. Apatia e esperança, otimismo e alegria — seja lá como estiver a cultura pop naquele momento, é assim, normalmente, que estará a música.

Está claro que poucos cantores têm os dedos no pulso da sociedade como Madonna, mais até do que Michael Jackson (que passa tempo demais em seu próprio ambiente para manter o contato), ou Prince (que parece ser muito obcecado consigo mesmo para prestar atenção em alguma outra coisa). Os instintos de Madonna a mantêm plugada na vida.

Na época do lançamento de Erótica em outubro de 1992, grande parte da sociedade parecia estar reexaminando a própria sexualidade. Os direitos gays estavam na linha de frente dos debates sociais no mundo todo, assim como uma

conscientização cada vez maior sobre a aids. Uma geração parecia cada vez mais curiosa para explorar, sem culpa, vergonha ou remorso, um lado diferente da vida, algo mais provocativo e quem sabe mais misterioso... que são os temas de Erótica. Um álbum conceitual diversificado, sua música está focada na sexualidade de uma forma ousada e aberta que não se viu em nenhum outro disco de Madonna até então. Erótica era algo mais do que apenas garotos encontrando garotas, os pássaros e as abelhas e essa coisa toda. Madonna já tratara com eficácia dessas ideias inocentes em canções pop como a efervescente "Cherish" e a sincera "Open Your Heart". Erótica ia mais fundo, com mais franqueza e agudeza. De alguma forma, Madonna sabia que o momento era perfeito para se expressar daquela forma. (E também acreditava, ao que tudo indica, que era hora de um livro que tratasse desses assuntos — daí o livro Sex. No entanto, embora seja uma boa experiência ouvir Madonna tratar da sexualidade, é uma má experiência ver isso página após página.) Erótica não era uma surpresa completa para ninguém que estivesse prestando atenção na música mais recente de Madonna. Ela já apresentara antes esse viés em Breathless, quando cantou a canção "Hanky Panky", sobre palmadas, mostrando um certo conhecimento de causa. Depois havia o single "Justify My Love', uma pitada de sexo pra lá de indecente. Erótica, contudo, era a exploração musical madura, uma exposição, ou o que se acreditava ser a realidade sexual de Madonna.

Para esse álbum, Madonna mais uma vez buscou o produtor/compositor Shep Pettibone, com quem havia escrito e produzido "Vogue". Após ter sido obrigada a se sujeitar às restrições musicais de Breathless, Madonna desejava fazer um trabalho que fosse dance de forma clara e óbvia; Pettibone era perfeito nesse gênero. De fato, a julgar pela música que compuseram juntos, pode-se afirmar com segurança que Pettibone é de longe seu melhor colaborador na dance music. Após ele compor a música, Madonna criava a melodia vocal e fazia a letra. Muitas vezes (como em Erótica) ela tinha ideias também para a música, tal sua versatilidade.

Trabalhavam bem juntos, em grande parte porque ele a compreendia. "Ela é o oposto da calma", afirma Pettibone. "Seu nível de paciência é incrivelmente baixo, então você precisa fazer as coisas fluírem suavemente. É melhor fazer vir à tona o anjo dentro dela, porque a fera não é muito divertida."

Não é preciso escutar de fato a música de Erótica para entender a intenção de Madonna com o álbum. Se o próprio título em si já não fosse dica suficiente, a arte de capa do CD certamente deixaria isso bem claro. Com imagens tiradas de Sex, uma fotografia apresenta Madonna em roupas sadomasoquistas, brincando com um chicote de equitação e batendo em seu braço; em outra foto, ela aparece sentada amarrada e amordaçada. A foto da contracapa mostra Madonna numa

cena de "pedolatria" — sugando alegremente o dedão do pé de alguém. Não fosse pelo livro Sex, seu público teria ficado surpreso com as poses; na esteira do trabalho que havia sido publicado, contudo, as fotografias pareciam redundantes.

A faixa-título, também o primeiro single a ser lançado, consistia de uma batida house irresistível, sobre a qual Madonna, na personagem de "Mistress Dita", fala num tom hipnótico e orgástico sobre a correlação entre dor e prazer e como tudo está ligado ao sexo. A letra falada é separada pelo refrão hipnótico e provocador: "Erotic, erotic, put your hands all over my body". A canção facilmente teria passado por tema de um filme de Fellini.

O clipe de Erótica logo foi exibido exaustivamente pela MTV... após a meia-noite, claro, para proteger as crianças. Na tela, Madonna aparece como uma dominadora mascarada, com um dente de ouro e o cabelo alisado. Dá um beijo de língua numa garota e realiza seu ato sadomasoquista, mas tudo está editado rápido demais para ser considerado realmente revelador. O videoclipe soa mais como uma montagem de imagens planejada para chocar. Parecendo incongruente com roupas de couro e óculos escuros, o apresentador da MTV Kurt Loder, em geral com visual despojado, explicava tantalizado que: "Algumas pessoas não fazem objeção a tais jogos de assumir personagens, contanto que sejam consensuais. Outros consideram essas práticas repulsivas, e é por isso que a MTV não está levando este vídeo ao ar nos horários diurnos regulares ou no início da noite".

A colunista Molly Ivins escreveu: "Você pode dizer que perdeu a ligação com seus compatriotas americanos quando a deusa do sexo reinante é alguém que você não levaria para casa nem que fosse a última mulher a permanecer no bar".

Dessa vez, uma Madonna mais mansa não agiu como se objetasse à restrição da MTV quanto ao horário de exibição de seu vídeo. "A MTV atinge um público imenso e grande parte dele é formado de crianças", disse em uma entrevista na rede de tevê a cabo. "Muitos dos temas explorados em meu videoclipe não são dirigidos a crianças, então eu entendo por que ele não pode ser mostrado."

Como era de esperar, o público de Madonna ficou ainda mais fascinado com a canção e o clipe depois da polêmica. Ela galgou o terceiro lugar na parada de singles da Billboard.

"Deeper and Deeper", o segundo single de Erótica, era uma mudança de enfoque em relação à faixa-título. Uma house animada convencional na tradição dos clubes mais funk de Nova York, a faixa trazia Madonna cantando uma letra comum sobre estar profundamente apaixonado. A canção chegou ao sétimo lugar da parada.

Erótica pode ser considerado à frente de seu tempo. A canção "Secret Garden", com letras declamadas sobre um arranjo jazzístico, é similar à soul music suave que gente como o grupo Roots e Eykah Badu iriam defender quase uma década depois, sob a bandeira do "neo-soul". Musicalmente, o disco Erótica era na verdade um caldeirão multirracial da música urbana dos anos 90— uma semente de hip hop e house, aliado a um rhythm and blues sintetizado mais convencional. O álbum sexualmente mais promíscuo de Madonna era também seu álbum de sonoridade mais rhythm and blues.

Contudo, era o espetáculo da sexualidade da artista sendo exposta que parecia ser o que mais tirava o fôlego dos fãs e dos críticos. Erótica foi o primeiro (e, até agora, único) CD de Madonna a apresentar uma advertência na capa: "Aviso aos pais: letras explícitas". Obviamente, Madonna não inventou as imagens de sadomasoquismo e bondage que explorava tão ousadamente, mas pode-se argumentar que Erótica era a trilha sonora para a liberação sexual de uma época em que as pessoas ainda procuravam maneiras de gozar sua sexualidade a despeito da ameaça da aids. Ao contrário de seu livro, sua música era uma forma de arte da qual seu público não se cansava... e à qual sempre voltava em busca de diversão. Porém, de acordo com a natureza autoinfligida do escorregão em sua carreira nesse momento, Erótica se tornaria o projeto mais malsucedido comercialmente de Madonna, vendendo apenas 2 milhões de cópias.

"Muita gente espera me ouvir dizer que me arrependo de ter lançado o livro Sex. Mas não", contou Madonna à revista Time cerca de dois anos depois. "O problema foi lançar o álbum Erótica ao mesmo tempo. Eu adoro esse disco, e ele foi subestimado. Tudo que fiz nos três anos seguintes foi diminuído por causa de meu livro."

Uma péssima jogada

NO FINAL DE 1992, MUITOS DE SEUS FÃS, bem como os críticos, estavam perguntando se Madonna fora longe demais. O lançamento do filme Na cama com Madonna, o livro Sex e o disco e o videoclipe de Erótica serviram para responder a essa questão com um sonoro "sim!". (Sob o título de Truth or Dare, Na cama com Madonna faturou apenas 15 milhões de dólares nos Estados Unidos. Como produtora executiva, Madonna investiu 4 milhões no filme, de modo que recuperou seu investimento. No entanto, calculadas as despesas, o filme não foi tão lucrativo quanto ela esperava.) Quem era aquela mulher, afinal? Era uma rebelde do sexo, ou apenas uma criança mimada, internacionalmente conhecida por gostar de tirar a roupa e dizer coisas feias?

Ninguém conseguia responder a essa pergunta com muita precisão, tal fora a forma como ela ocultara sua verdadeira identidade sob a névoa do escândalo e do sensacionalismo.

Mesmo quando tentava explicar a si mesma ("Eu adoro minha boceta, e não há nada errado em gostar de minha boceta"), soava como uma lasciva estrela pornô que ninguém levava a sério.

"Depois que o livro Sex foi lançado", lembrou-se ela, "houve uma época em que eu não podia abrir um jornal ou uma revista sem ler alguma coisa incrivelmente mordaz sobre mim."

Tivesse ela previsto a publicidade negativa que seria gerada por Na cama com Madonna, Sex e Erótica, talvez escolhesse uma temática diferente para seu filme seguinte, provavelmente continuando com filmes leves dirigidos à família, como Uma equipe muito especial. Em vez disso, optou por um thriller lúgubre, Body of Evidence (Corpo em evidência), para ser sua próxima incursão no cinema — o último de quatro passos incautos na demolição de sua imagem.

No filme, que estreou na esteira de Sex, em janeiro de 1993, Madonna interpreta Rebecca Carlson, uma dona de galeria acusada pelo assassinato de um velho milionário, que morreu após fazer sexo com ela (suscitando a confusa questão da culpabilidade do corpo do parceiro como uma arma letal caso o ato resulte na morte da outra pessoa).

Ela acaba se envolvendo sexualmente com seu advogado de defesa,

interpretado por Willem Dafoe.

No final do filme, a personagem de Madonna é assassinada, levando alguns espectadores desgostosos a dar vivas quando ela morre. "E uma mulher poderosa", diz o diretor do filme Uli Endel. "Às vezes você se sente como um domador com uma leoa na jaula. Você tem de forçá-la a pular através do aro de fogo, e aí só há duas possibilidades.

Ou ela vai pular no meio do fogo... ou vai matá-lo."

EM todos os filmes dos anos 40, a garota má tinha de morrer", disse Madonna. "O que eu adorei originalmente sobre o papel [no primeiro roteiro] era que ela não morria. Mas, no fim, eles me mataram. Então senti como se tivesse sido sabotada, de certa forma. Por alguma razão, quando o filme foi lançado, fui totalmente responsabilizada por ele. Era minha culpa, um absurdo, que todo mundo fizesse filmes ruins. Sabe, Diabolique foi lançado [em 1996] e Sharon Stone não foi responsabilizada pelo fato de que o filme era um lixo."

De fato, os críticos "assassinaram" Madonna ao escrever sobre o filme, declarando Corpo em evidência uma cópia requentada de terceira categoria de todos os filmes de crime dos últimos vinte anos (e particularmente de Instinto selvagem, o estrondoso sucesso de bilheteria de um ano antes). Eles se apressaram a comparar Madonna, desfavoravelmente, com a atriz principal do outro filme: "O problema não é só que Madonna não funciona como uma Sharon Stone gostosa", queixava-se um crítico da Rolling Stone. "Ela não funciona nem como uma Madonna gostosa. Em vez de expressar emoção, Madonna faz poses e pronuncia falas afetadas que parecem legendas saídas de seu livro Sex recitadas numa voz estridente de araponga."

Comentários ruins e a condenação de grupos religiosos certamente jamais haviam atingido Madonna antes desse momento, mas quando foi noticiado que o público nos cinemas dava gargalhadas com o desempenho supostamente sério de Madonna em Corpo em evidência, ficou claro que forçara os limites. Começou a ficar evidente até mesmo para ela que uma nova reinvenção teria de ocorrer em breve, se pretendia ser capaz de manter uma carreira— sobretudo quando outro filme, Dangerous Game (Snake Eyes, nos Estados Unidos, ou Olhos de serpente, no Brasil), foi lançado, em 1993, para ser bombardeado pela crítica e conhecer um fracasso assustador de bilheteria. Nesse filme, Madonna interpreta uma atriz de dotes limitados que faz sexo com praticamente todo mundo que conhece em sua vida. O sexo é violento— Madonna arranca suas roupas várias vezes, com grande diligência.

EM uma cena de Olhos de serpente, o ator James Russo fala sobre a personagem de Madonna, Sarah Jennings: "Nós dois sabemos que é uma puta de merda que não sabe atuar".

Novamente, era mais do que a crítica— ou seu público — podia aturar. O filme foi uma tremenda decepção, sobretudo considerando que era dirigido pelo altamente respeitado Abel Ferrara (conhecido na época por The Bad Lieutenant — Vício frenético —, com Hervey Keitel, que também coestrelava em Olhos de serpente) e que Madonna financiara grande parte dele com seu dinheiro.

Entrementes, felizmente para ela, a carreira de Madonna nos estúdios de gravação e nos palcos de shows ainda tinha ímpeto suficiente para sobrepujar o fracasso resultante de façanhas como Corpo em evidência e Olhos de serpente. Diante do fogo cerrado da publicidade, Madonna escolheu não se esconder. Em vez disso, decidiu pelo que sempre soubera fazer de melhor: pôr o pé na estrada para uma turnê.

No último trimestre de 1993, Madonna seguiu em frente com uma limitada turnê de vinte dias por quatro continentes — sua primeira em quatro anos —, que chamou de "The Girlie Show". Sabiamente, percebeu que um giro de 180 graus em sua carreira seria um passo transparente, e ao mesmo tempo provavelmente iria minimizar grande parte do que fizera antes desse momento. Ela de fato expandira a consciência de grande parte de seu público, ainda que o que fizesse fosse às vezes questionável.

Agora, se deveria aparecer com uma nova imagem, a transformação teria de ser gradual. Como resultado, "The Girlie Show" foi uma turnê de transição. Embora ainda tivesse alguma sensualidade, era mais de uma inocência burlesca do que uma tentativa ruidosa de chocar. As imagens sadomasoquistas explícitas e a iconografia religiosa blasfema dos dois últimos anos agora eram passado. Muito pelo contrário, esse espetáculo tinha o espírito vigoroso de um Barnum & Bailey Show, ainda que apresentasse uma Madonna mais suave e delicada.

A Time o descreveu como: "A um só tempo, uma retrospectiva do cinema, as Ziegfeld Follies, um clipe ao vivo, uma imitação burlesca proibida para menores do Cirque du Soleil — começando com 'Tears Of A Clown', de Smokey Robinson, e fechando com 'Be A Clown', de Cole Porter". A crítica concluiu que Madonna, "antes, a prostituta Jean Harlow, hoje, uma arlequina petulante, é o maior espetáculo sobre a Terra". "The Girlie Show" possibilitou a Madonna terminar o difícil ano de 1993 com uma nota bem-sucedida. Muitos observadores e fãs o consideraram o melhor show em cartaz, reafirmando que, como cantora e artista de palco — já que não como estrela de cinema —, Madonna ainda era capaz de agradar seu público. Ainda assim, ela estava mais sensível do que nunca à crítica, provavelmente porque teve de suportar tanto nos últimos tempos. Até mesmo o mais leve tom negativo em uma resenha a fazia balançar. "Ninguém me entende", queixou-se a uma amiga íntima. "Eu estou rompendo as barreiras, por que as pessoas não enxergam isso?"

"Talvez porque as pessoas estejam completamente de saco cheio de você e de toda essa baboseira de sexo", disse a amiga. "Mesmo diminuindo o tom, ainda é alto demais."

Madonna deixou de falar com essa pessoa por seis meses.

Baixaria na TV

DURANTE A TURNÊ "THE Girlie SHOW", Madonna teve uma ríspida conversa telefônica com seu pai, Tony, durante a qual ele lhe disse que gostaria que a filha "parasse de ser tão indecente". Segundo o que Madonna mais tarde iria contar a amigos, afirmou estar embaraçado não tanto pelo que ela estava fazendo, mas pelo que as pessoas diziam a seu respeito. Em vez de mostrar alguma compreensão com o que seu pai provavelmente estava tentando dizer, ou seja, que ficava magoado quando ouvia estranhos criticando sua filha, ela tomou seus comentários por uma crítica. Os dois voltaram a travar a mesma batalha de tantos anos, que tinha a ver com a crença de Madonna de que seu pai jamais suportara suas aspirações ou compreendera sua arte. Ou, como Tony explicaria depois: "Quando um pai está preocupado, isso quer dizer que ele não aprova? Por que ela tem de ser tão cabeça quente? Por que leva tudo para o lado pessoal?".

Após todos aqueles anos, Madonna continuava tão magoada e furiosa com a morte de sua mãe que na verdade nada que Tony Ciccone dissesse ou fizesse estaria certo, no que dependesse dela. Era a mesma história: tinha de culpar alguém pela perda, então culpava o pai. E mesmo assim ainda desejava sua aprovação.

Sem dúvida, Tony tinha mesmo de ficar preocupado quando assistiu a participação de Madonna no The Late Show with David Letterman, em 31 de março de 1994.

A recente compreensão de Madonna de que sua habilidade para criar interesse sobre si mesma chocando o público já não estava mais funcionando deve ter sido reforçada quando pôde observar a reação do público ao se apresentar no programa de Letterman. Era uma Quinta-Feira Santa, em que os católicos celebram a última ceia de Cristo, no feriado da Páscoa.

No que foi talvez uma derradeira tentativa de parecer chocante, sensual e polêmica, Madonna meteu os pés pelas mãos no programa de Letterman praticamente desde o momento em que sentou na poltrona. Usando um vestido de veludo preto justo, com surrados coturnos da mesma cor, o cabelo preto repuxado para trás, entrou no palco segurando uma calcinha. Em poucos

segundos, daria início ao que muita gente considerou uma performance ofensiva que incluía um monte de obscenidades desfiadas por ela enquanto fumava um charuto. Perguntou a Letterman — a quem chamou de "um bosta pervertido" — se queria cheirar suas calcinhas. Embora Letterman tentasse evitar responder, Madonna não deixaria barato. "Eu lhe dei minha calcinha", disse para o público, rindo, "e ele não quer cheirá-la!" Então, depois de perguntar a Letterman por que era tão obsessivo com sua vida sexual (uma vez que esse era geralmente o tema de seus monólogos cômicos), Madonna continuou a tentar conduzir a conversa de volta a... sua vida sexual.

Num cabo de guerra verbal, um Letterman contrariado (mostrando um lado hesitante de si mesmo dificilmente visto na tevê) tentou mudar de assunto, mas Madonna estava inflexível. "Você quer pôr a mão em meu vestido?", perguntou. Letterman cortou para um comercial imediatamente. Quando voltaram do intervalo, Madonna estava fumando um charuto e explicando que era "do tamanho certinho". Depois, com a conversa sobre sexo que não levava a lugar algum, e com suas tentativas de criar duplos sentidos não dando em nada, pareceu desesperada para soar provocativa. "Você sabia que é bom fazer xixi no chuveiro?", perguntou. O público ficou em silêncio. Sem desanimar, Madonna continuou: "É sério, mijar no chuveiro é muito bom. Também serve para combater pé de atleta. A urina é como um antisséptico".

"Você não conhece um bom farmacêutico?", contragolpeou Letterman. "Experimente um pouco de Desenex."

Nesse momento, parecia à maior parte dos observadores que Letterman ia encurtar a entrevista, mas Madonna, provavelmente percebendo que estava se afundando, tentou marcar alguns pontos antes de ir embora.

"Temos de nos despedir agora", disse-lhe Letterman.

Madonna continuou. "Não dá para pará-la", disse David. "Tem alguma coisa errada com ela!"

"Alguma coisa está mesmo errada comigo", disparou ela de volta. "É o fato de eu estar sentada aqui!"

Inexplicavelmente, Madonna agarrou-se àquela história de mijar no chuveiro e declarou que "todo mundo mija no chuveiro e põe o dedo no nariz".

A essa altura havia uma pessoa na plateia gritando para que saísse do palco, e Letterman estava quase suplicando que o fizesse, explicando que tinha outros convidados à espera. "Obrigado pelas baixarias que proporcionou a todos nós", disse-lhe antes que finalmente fosse embora.

Conta Paul Shaffer, diretor musical do programa de Letterman: "A gente sabe que Madonna não vai aparecer em um programa a menos que possa causar algum impacto, e nesse programa ela usou a linguagem para conseguir algum.

Lembro-me de dizer a mim mesmo: 'A Material Girl está sem material'. Todo mundo ficou boquiaberto, escandalizado, de verdade. E foi meio que um choque ouvi-la usar aquele linguajar em rede nacional".

Embora o programa tenha obtido uma das maiores audiências da carreira de David Letterman, o noticiário gerado pela aparição de Madonna na imprensa representou uma das piores críticas que ela jamais recebeu. Em cada nota havia o comentário de que mencionara a palavra "fuck" trinta vezes, obrigando a rede a soar o "blip" a cada vez. Ray Kerrison, do New York Post, resumiu a reação do público: "Ai de nós, é isso que o mundo tem de esperar a partir de agora de Madonna. Ela construiu uma carreira, se é que se pode chamá-la assim, em cima de blasfêmias, impudicícias, profanidades e obscenidades. É uma forma patética de correr atrás de celebridade e notoriedade por parte de uma mulher de pouco talento e pouca inteligência. Ela não tem nada a vender a não ser o escândalo. Infelizmente, já que não pode voar com as águias, fica remexendo com os ratos".

"Liguei para ela no dia seguinte", conta sua amiga Rosie O'Donnell, que também tem um programa de bate-papo, "e perguntei: 'Que diacho foi aquilo?'. Ela explicou, aborrecida: 'Mandaram-me fazer aquilo. Armaram tudo para cima de mim. Era quase tudo decorado, e agora eles [os produtores de Letterman] estão agindo como se não tivessem nada a ver com a coisa toda'.

"Madonna estava mesmo muito puta. Disse-me que na verdade não queria fazer aquilo, que àquela altura de sua carreira sabia que não seria o melhor, mas acabou dando ouvidos a eles. 'As pessoas gostam quando você as choca', disseram-lhe. E acabou dando ouvidos a eles, contra sua própria intuição mais acertada. Foi um erro, disse.

Não queria fazer aquilo, aprontaram para ela."

Talvez. Ou talvez não.

Anos mais tarde, Madonna admitiria em uma entrevista com Mary Murphy, do TV Guide: "Foi um tempo em minha vida em que eu andava furiosa: furiosa com a forma como fui criada; furiosa com esta sociedade sexista em que a gente vive; furiosa com pessoas que acham que só porque tenho sexualidade não posso também ser talentosa.

Furiosa com tudo. A imprensa me atacava constantemente, e eu me sentia como vítima. Então comecei a dar patadas de volta nas pessoas e aquela noite [no programa de Letterman] foi uma dessas ocasiões. Não fiquei particularmente orgulhosa disso".

Bedtime Stories

QUAL SERIA SEU PRÓXIMO PASSO AGORA? Ela praticamente destruíra sua imagem nos últimos anos provocando uma controvérsia após outra. A reação na maior parte negativa a *Na cama com Madonna*, *Sex, Erótica* e *Corpo em evidência* levou-a a pensar — finalmente! — que talvez tivesse ido longe demais, que erguera um muro tão alto entre si mesma e o público que seria impossível escalá-lo para voltar a estabelecer contato com o mundo da forma que sempre lhe fora mais importante — artisticamente.

A horrível participação no programa de David Letterman foi a gota d'água. Ainda que aparecesse em seguida, mais comportada, no programa de Jay Leno, e novamente com Letterman, em um programa de premiações, em que os dois agiram como se então fossem grandes amigos, o público ainda assim parecia estar saturado dela.

Segundo um de seus empresários nessa época, Madonna percebeu que necessitava fazer algumas mudanças drásticas em sua carreira ou, apesar de suas imensas vendagens, seria o fim dela. Com sua esperteza costumeira, a despeito das escorregadelas em anos recentes, sentiu que precisava crescer, suavizar sua imagem e restabelecer o contato com o público. Nos anos seguintes, tentaria fazer exatamente isso... e o álbum *Bedtime Stories* iria ajudar muito a cumprir esse objetivo.

Bedtime Stories seria também o segundo de seus discos a ser lançado pelo Maverick, seu próprio selo de gravação, custeado pela (sua distribuidora) Warner Bros. Records com 60 milhões de dólares (o primeiro fora *Erótica*). Por anos, Madonna quisera lançar sua música num selo de gravação próprio, e, expandindo essa visão, queria que o selo fosse uma empresa multiuso do entretenimento, especializada não apenas em música, como também em televisão, cinema, livros e publicação de canções.

Como Madonna continuava a ser uma artista muito bem-sucedida comercialmente no início da década de 1990, a existência de seu selo Maverick Records era uma aberração.

Uma das primeiras artistas mulheres a ter um selo de verdade, e uma das poucas mulheres a dirigir sua própria empresa no ramo do *entertainment*, a

Maverick é muito mais do que um logo. É um empreendimento seu genuíno, com funcionários e executivos nos lugares certos, todos gerenciados, na época, por Freddy DeMann, cujo cargo era de presidente. A sede da empresa fica num elegante prédio térreo, sem letreiros, em West Hollywood, perto de um dos retiros de consumo favoritos de Madonna, a chique loja de departamentos Fred Segal, na avenida Melrose. Madonna havia discutido a ideia de um empreendimento como aquele com Warren Beatty por diversas vezes.

Ele a encorajou e diz-se que teria ficado orgulhoso ao ouvir que finalmente ela concretizara seu sonho.

"Meu objetivo, é claro, é obter sucesso com a nova empresa", disse, falando sobre a Maverick. "Não sou uma dessas artistas idiotas que ganham um selo para parar de encher. Eu quis uma empresa de gravação. Então, não vou ser invisível ou simplesmente ter uma participação só na aparência. Não existe honra nem satisfação nenhuma em pavimentar o caminho para outra pessoa." (Sem sombra de dúvida, a maior artista já contratada pela Maverick foi a cantora e compositora canadense Alanis Morissette, cujo álbum *Jagged Little Pill* vendeu quase 30 milhões de cópias no início de 2000. O selo também tem Cleopatra, além de Deftones, Jude e Prodigy.) Que *Bedtime Stories*, de 1994, se seguisse ao pornô soft de *Erótica* deve ter parecido um pouco estranho para um ouvido desprevenido ou para o fã ocasional de Madonna.

Afinal de contas, embora *Bedtime* fosse consideravelmente mais moderado no tom do que a sonoridade etérea e sexualmente carregada de *Erótica*, ele demonstrou que, como sempre, Madonna tinha instintos aguçados sobre os rumos que a pop music estava tomando na época de seu lançamento. No começo dos anos 90, o hip hop dominara todas as paradas musicais. Esse ritmo era a "dance music" do momento, o "novo" rhythm and blues de uma geração de jovens vestida na moda com calças folgadas e mochilas de grife que mais pareciam roupas velhas. Era uma tendência e não espanta que Madonna quisesse fazer parte dela.

Bedtime Stories iria se revelar o mais diferente disco de Madonna na época. Era a primeira vez, desde Nile Rodgers e o álbum de 1984 *Like a Virgin*, que trabalhava com produtores conhecidos. (Por razões que eram tanto sobre criatividade quanto sobre manter o controle das coisas, ela optara por trabalhar com gente relativamente desconhecida em álbuns recentes.) Certamente, a essa altura em sua carreira de fama e sucesso, Madonna podia trabalhar com qualquer um dos maiores produtores musicais de sua época, de Quincy Jones (que ajudara a conduzir Michael Jackson a seu fenomenal sucesso) a um caro artesão do som como David Foster (que realizara um trabalho maravilhoso com Barbra Streisand) ou Narada Michael Walden (produtor havia muito tempo da tremenda

voz de Whitney Houston), ou mesmo o produtor de New Jack Swing, Teddy Riley.

Para as faixas que seriam incluídas em *Bedtime Stories*, Madonna buscou os mais quentes produtores jovens em atividade no cenário musical urbano do hip hop. Encabeçando a lista estava Dallas Austin, o produtor/compositor de 22 anos de Atlanta, Georgia, que fez fama e fortuna produzindo, entre outros, o grupo vocal Boyz II Men, a cantora adolescente de rhythm and blues Monica e, principalmente, o jovem trio feminino de hip hop TLC. Freddy DeMann foi também instruído a fazer uma tentativa com outro nome proeminente do pop/rhythm and blues, o compositor e produtor Kenny "Babyface" Edmonds. Edmonds era o hitmeister da música negra do momento, tendo escrito futuros sucessos nas paradas para Whitney Houston e Toni Braxton, entre outros artistas rhythm and blues.

Os nomes de Austin e Edmonds figurando nos créditos de produção do CD provariam a seriedade de intenções de Madonna em entrar no mundo do rhythm and blues e do hip hop pela porta da frente. Contudo, ela ainda completou seu time de colaboradores trazendo Nellee Hooper, no passado a mente criativa por trás do grupo de estúdio britânico Soul II Soul, que fez sucesso em 1989 com os singles "Keep On Movin'" e "Back To Life (However Do You Want Me)". Ela ainda chamou Dave "Jam" Hall, então um dos mais qualificados compositores/produtores jovens do soul urbano, que emplacara sucessos com, entre outros, o grupo rhythm and blues de garotas Brownstone.

"Ela sabe como recrutar homens para um projeto", diz Freddy DeMann. "Sabe como se cercar com os melhores e os maiores, e acho que essa é uma de suas grandes façanhas. Não é como muita gente que acha que deve fazer tudo sozinha. Vai atrás de assistência, mas somente das pessoas mais gabaritadas."

Quando "Secret", o primeiro single de Bedtime Stories, foi lançado, surpreendeu inúmeros fãs de Madonna, bem como a crítica. Não era uma faixa muito dance, tampouco uma cintilante balada melódica, que fizeram o estilo de Madonna até ali. Em vez disso, começa apenas com o som de sua voz cantando sobre um violão folk, antes de abrir para uma dispersa seção rítmica retro. A voz penetrante de Madonna permaneceu no centro da produção. "My babys got a secret", ela cantava, embora nunca compartilhe com o ouvinte exatamente o que pode ser esse segredo. Ela e Dallas Austin compuseram a brilhante canção, que, por mais que se ouça, nunca cessa de intrigar. Ela chegou ao terceiro lugar da parada single da Billboard.

"Take a Bow"[18] era o segundo single do disco, uma balada melancólica e lindamente executada, escrita por Madonna e Babyface. "Take a Bow" é uma canção sombria, sarcástica, tipo o-mundo-é-um-palco, que trata de amor não

correspondido (um tema recorrente nas letras de Madonna), cuja falsidade podia enganar todo mundo, menos ela. "Take a bow" implorava para desempenhar uma performance grandiosa e transparente na vida e no amor. (O clipe pitoresco foi filmado ao longo de sete dias em Ronda, na Espanha, tendo por tema uma tourada — usando três touros — e com a participação do popular toureiro Emilio Munoz. Foi em parte devido ao clima de anos 40 do videoclipe que Alan Parker achou que Madonna poderia interpretar Evita.) Embora não figure nos créditos com sua participação, Babyface também canta na faixa, acompanhando Madonna nos vocais quase verso a verso, de um modo que faz da performance deles praticamente um dueto. A canção se provou vencedora, conduzindo Madonna de volta ao posto nas paradas singles da Billboard com o qual se acostumara — o primeiro lugar.

---

[18] O ato de se curvar para agradecer os aplausos ao final de um espetáculo. (N.T.)

Invasão

NO FINAL DE 1995, MADONNA— agora com 36 anos— tinha preocupações maiores do que simplesmente amenizar sua imagem pública. Embora estivesse acostumada a ser caçada por fotógrafos e fãs, viu-se de repente sendo tocaiada não por um fã, mas por um fanático: um vagabundo amalucado de 27 anos de idade chamado Robert Hoskins. Hoskins chegou até mesmo ao ponto de fantasiar que era seu marido. Sua campanha em busca da atenção de Madonna teve início em fevereiro, enviando-lhe uma perturbadora série de cartas bizarras assinadas "seu marido, Bob". Também começou a aparecer na casa dela de modo inesperado, tocando sua campainha, provavelmente imaginando que alguém iria aparecer e deixá-lo entrar. Certa manhã, Madonna ficou desconcertada ao ver, da janela de seu quarto, Hoskins espreitando no quintal de sua propriedade. Alertou a segurança, que o algemou e o manteve preso na garagem por 45 minutos, à espera da chegada da polícia.

Assustada, Madonna deixou a cidade imediatamente, viajando para sua nova residência em Miami. Sem se deixar intimidar, Hoskins apareceu novamente em sua propriedade, escalou o cercado de quase quatro metros de altura e esgueirou-se até ficar a uns cinco ou dez metros da casa, onde foi confrontado por um segurança, Basil Stephens.

"Eu a amo!", gritou Hoskins para o homem. "Eu a amo, vocês não entendem!"

Hoskins então avançou para cima do segurança, gritando-lhe que saísse do caminho, pois estava em casa para ver "sua esposa". Quando Hoskins supostamente tentou tirar a arma do segurança, Stephens atirou.

Madonna estava em sua casa na Flórida quando recebeu a notícia de que seu perseguidor estava se recuperando no Cedars-Sinai Hospital de três ferimentos à bala, no braço e no abdômen. As notícias imediatamente causaram calafrios a muitas pessoas do mundo das celebridades. Ela há pouco se encontrara com Diana, a princesa de Gales, em uma festa em Londres e a convidara a visitar sua casa. Naquela manhã, recebeu a notícia de que Diana estava interessada em visitá-la num futuro próximo.

"Diga-lhe para não vir", disse Madonna a um de seus sócios. "Meu Deus, não

quero ser responsável por nada que possa lhe acontecer. Por que deveria ela participar de meu pesadelo?"

"Madonna atrai um bando de gente louca", disse o detetive particular de Los Angeles Anthony Pellicano. "Atrai o que existe de pior, aparecendo em público e pavoneando-se para todos verem."

Madonna ficou assustada de verdade com a persistência de Hoskins, embora tentasse permanecer inabalável e continuar com sua vida e carreira.

"Isso a apavorou de verdade", disse um amigo seu. "Era difícil para ela chegar a uma conclusão sobre aquilo. Estava com medo de sair de casa. Disse-me: 'Quando eu era mais jovem, sabia lidar muito melhor com esses malucos que andam soltos por aí. Mas conforme vou ficando mais velha, isso fica cada vez mais difícil. Talvez esteja perdendo minha força... ou talvez esteja perdendo a razão'. Estava detestando sua vida e mais ainda sua carreira, sentindo que havia desandado e saído dos trilhos."

Assim que se viu de volta a Los Angeles, Madonna foi, transtornada, ao escritório de seu agente na CAA (Creative Artists Agency). Seu rosto estava pálido e parecia minúsculo. Os lábios, com um brilho vermelho, dominavam sua aparência. Parecendo incrivelmente magra, vestia um conjunto branco novinho — todo vincado e engomado — e um chapéu da mesma cor. Também usava um colar de pérolas, brincos combinando e um delicado relógio de ouro. Sem dúvida, tinha plena consciência dos olhares e sussurros das pessoas na sala de espera. "Em que posso ajudá-la?", perguntou a recepcionista, com a voz trêmula.

"Você quer me ajudar?", respondeu Madonna, abruptamente. "Bem, vejamos. Preciso de um novo agente. Esta agência é uma bosta. Me recomende uma nova agência, e aí você estará me ajudando."

A recepcionista não sabia o que responder. Exasperada, Madonna apanhou um doce de um recipiente prateado na mesa da secretária e enfiou o chocolate mentolado na boca. Então foi direto ao escritório de seu agente e bateu a porta atrás de si.

Something to remember

"HOUVE TANTA CONTROVÉRSIA sobre minha carreira na década passada que praticamente não deram atenção a minha música. As canções quase foram esquecidas. Embora não me arrependa de minhas escolhas artísticas, aprendi a apreciar a ideia de fazer as coisas de um jeito mais simples. Sem muito estardalhaço, sem distrações, apresento-lhes esta coletânea de baladas. Algumas são antigas, outras são novas. Todas são de coração."

Assim escreveu Madonna no texto que vinha na capa de seu décimo álbum, Something to Remember, lançado no fim de 1995. Talvez nunca tenha havido uma observação mais verdadeira sobre Madonna ou sua carreira musical, e feita por ela mesma. Como tantas outras antigas e poderosas estrelas de cinema de Hollywood que a inspiraram, a vida pessoal de Madonna muitas vezes ofuscou suas realizações profissionais. Obviamente, ela se recusou a acrescentar que em geral era ela mesma quem estava na origem desse furor que desviava a atenção de seu trabalho. Afinal de contas, foi Madonna que praticamente arruinou a própria imagem com sua busca ensandecida e obcecada por escandalizar sexualmente.

"Ela sabia que havia chegado a hora de mudar", diz um membro de sua equipe de agentes que insistiu em permanecer anônimo. "Teria de ser muito estúpida para não perceber isso, e não dá para dizer que Madonna é estúpida. Estava apreensiva, um pouco agitada com o que as pessoas andavam dizendo sobre ela. Foi por isso que produziu o disco Something to Remember, para lembrar às pessoas que havia mais coisas a seu respeito do que apenas a controvérsia que sempre a cercou quase que desde o início de sua carreira."

Madonna também tinha razão quando escreveu que algumas de suas canções foram subestimadas em diversas ocasiões devido às fofocas e insinuações do momento. Sua habilidade como compositora séria de canções pop começou a atrair cada vez menos a atenção. Por exemplo, os tabloides não noticiavam que escrevera a maioria de suas canções e as publicava por intermédio de sua empresa, a Webo Girl Publishing, Inc. "Madonna não fez alarde de sua capacidade musical", observa Mirwais Ahmadzai, uma estrela da florescente cena eletrônica francesa que futuramente produziria seu álbum de 2000, Music.

"Ela é uma compositora nata", afirma. "Ouve muitos clássicos da música, não só aquelas canções mais óbvias, como 'Singin' In The Rain', mas coisas menos conhecidas. Adora isso. Lembro-me de uma vez em que estava presente com ela e outras pessoas em um jantar na Alemanha, e alguém começou a falar de antigos musicais; Madonna sabia cantar tudo. Coisas que nossos pais ouviam, estava por dentro de tudo.

Música consistente, melódica. E o que ela faz é realmente consistente, melódico."

Se fatos como esses não rendem manchetes muito excitantes, o interesse de Madonna pela publicação de gravações é significativo, particularmente em um meio em que todos os dias cantores/compositores famosos criam valiosos copyrights sobre os quais não detêm direito algum. Para não mencionar o fato de que Madonna é uma das poucas mulheres que põem a mão na massa quando o assunto é produção musical — e está entre as pessoas mais bem-sucedidas no negócio, homens ou mulheres. Sem dúvida, é alguém capaz de ombrear com lendas como George Martin, produtor dos Beatles (cujos desempenhos nas paradas foram ameaçados pelos sucessos de Madonna), e Quincy Jones.

Assim, quer Madonna tenha lançado Something to Remember, uma coletânea de canções de amor previamente gravadas, porque tinha algo a provar, quer simplesmente para cumprir uma obrigação contratual, o disco de catorze faixas representou de fato um manifesto, que começava desde a capa do CD. Nela, Madonna aparece deliciosamente cosmopolita, vestida de branco. Na frente, numa pose meditativa; atrás, recatada, brincalhona e apenas um pouco sensual.

Conforme escreveu no texto, nem todas as canções eram relançamentos; quatro eram novas. É interessante notar que mesmo que os lucros de Madonna aumentassem a cada vez que gravasse uma canção de sua autoria, ela alegremente se dispunha a cantar uma nova canção de outra pessoa, ou, se julgasse que tinha algo de inovador a acrescentar, regravava um velho clássico. Essa é a diferença entre uma artista preocupada antes com o projeto como um todo do que com a quantidade de dinheiro que entraria em sua conta corrente após as vendas.

Uma antiga fã do clássico de 1976 de Marvin Gaye, "I Want You", Madonna regravou a canção com o grupo de dance music britânico Massive Attack. (Ela também aparecia no disco Inner City Blues— The Music of Marvin Gaye, da Motown Records, em novembro de 1995.) A faixa foi produzida por Nellee Hooper. Enquanto a versão de Marvin Gaye, escrita pelo veterano compositor de rhythm and blues Leon Ware e por T-Boy Ross (irmão caçula de Diana Ross), tem uma produção mais elaborada, a de Madonna foi reduzida basicamente

apenas a sua voz e à batida clubber do Massive Attack. O resultado é um pouco mais sensual do que a versão de Gaye; dá para imaginar Madonna arrastando-se sedutoramente pelo chão, atrás de sua presa.

"Remember", outra nova faixa, é o exato oposto dessa regravação de Marvin Gaye. Escrita por Madonna, Patrick Leonard e o cantor e compositor Richard Page, a linda canção de venda milionária foi tema do filme de 1994 With Honors. Ela soa também como trilha de filme, com seu arranjo de cordas pungente e grande emotividade.

É evocativa de outro tema de filme de Madonna, "Live To Tell", que também está no disco, só que melhor.

Entre as faixas, também se incluíam duas novas baladas sentimentais e expansivas, "You'll See" e "One More Chance", as duas compostas por Madonna com o compositor e produtor David Foster. O universo de trabalho de uma estrela do porte de Madonna é pequeno. Chega um momento em que tem de parar de trabalhar (ou de considerar a ideia) com pessoas que fizeram sucesso com seus pares, ou competidores, no mundo da música pop. Foster fora produtor de Barbra Streisand e escrevera sucessos para Al Jarreau e Earth, Wind & Fire ("After The Love Is Gone"). O interessante foi que, com toda a empolgante capacidade musical de Foster, ele e Madonna criariam duas das canções mais lúgubres que ela já gravou — mas aí é que está a emoção de um trabalho em dupla: ninguém nunca sabe qual vai ser o resultado.

O restante de Something to Remember consistia de algumas das mais importantes baladas de Madonna, incluindo "Crazy For You", "Oh Father", "Take A Bow", "Forbbiden Love", um remix de "Love Don't Live Here Anymore", "This Used To Be My Playground" (uma performance melancólica que aparece em Uma equipe muito especial, que se tornara sua décima gravação a chegar ao primeiro lugar, em 1992, fazendo aqui sua estreia num álbum de Madonna) e "Something To Remember", da trilha de Dick Tracy -I'm Breathless. O fato de ter feito dessa balada tirada de Dick Tracy a faixa-título do CD pode ser uma dica de como se sentia sobre a canção que ela e Patrick Leonard haviam composto — provavelmente querendo que recebesse a atenção que não obtivera na primeira vez.

Em todo caso, talvez a única coisa que faltava em Something to Remember era uma reverência em torno do álbum. Era um cartão de Dia dos Namorados, uma carta de amor de Madonna para seus fãs e também para os amantes da música. Como qualquer projeto de Madonna, aparentemente dizia algo mais do que o óbvio. Dessa vez, a coletânea parecia cutucar provocativamente o público de seu tempo: "... E estas são apenas minhas baladas".

Elenco perfeito?

ELA DESEJARA AQUILO POR ANOS, mas nunca tivera tanta necessidade disso quanto no ano de 1995.

Desde o primeiro momento, no começo de 1995, em que Madonna soube que ganhara o precioso papel de Eva Perón na filmagem do musical Evita, de Andrew Lloyd Webber, sentiu que uma mudança fundamental ocorreria em sua vida e em sua carreira. "Eu queria muito ser reconhecida como atriz", disse certa vez. "Descobri que se você se cerca de grandes roteiristas, grandes atores, um grande diretor, um grande figurinista *etc.* é muito difícil dar errado. Antes, eu tinha sido muito afoita para fazer filmes e não me certifiquei de que todos esses elementos estivessem em ordem e fossem bons. É uma perda de tempo realizar algo medíocre. A menos que se acredite absolutamente em todos os aspectos da produção, é melhor não perder seu tempo."

Por mais de uma década, a maior parte da imprensa e do público especulava que Madonna era a escolha perfeita para o papel de Evita. No entanto, como sua carreira no cinema jamais decolara, como resultado de desastres de bilheteria, tais como Surpresa em Shangai, Quem é essa garota? e Corpo em evidência, inúmeras outras atrizes foram consideradas para o papel. Uma busca que quase rivalizava com a escolha de Scarlett O'Hara no clássico E o vento levou, nos anos 30.

Patti LuPone, que tivera um desempenho magnífico como Evita na Broadway, estava sendo considerada e diz-se que desejava muito interpretar esse papel também no filme.

Glenn Close, que causara sensação estrelando no palco em outro musical de Andrew Lloyd Webber, Sunset Boulevard, também disputava o papel. Entrementes, Meryl Streep aplicava-se em tomar aulas para melhorar a voz e fazer um teste para Evita. Havia ainda notícias esporádicas de que genuínas divas do canto como Bette Midler, Mariah Carey, Olivia Newton-John e Gloria Estefan estavam todas interessadas em estrelar o que prometia ser um musical para o cinema amplamente divulgado e de grande orçamento. Para não ficar para trás, Liza Minnelli e Barbra Streisand — artistas respeitadas por suas qualidades interpretativas e seu talento como cantoras — também foram mencionadas ao

longo do projeto em diferentes momentos.

Depois de anos de anúncios, negações, rumores e especulações, a maioria dos observadores em Hollywood acreditava que Michelle Pfeiffer finalmente fora escolhida pelo diretor do filme, Alan Parker (de Bugsy Malone, Fame, Pink Floyd — The Movie e The Commitments), como sua estrela. Michelle Pfeiffer de fato expressara interesse pelo projeto. Contudo, as decisões levaram tanto tempo para serem tomadas que, enquanto esperava o desenrolar dos acontecimentos, ela teve um bebê. Quando Parker se encontrou com ela no momento de tomar sua decisão final a respeito do elenco, ficou claro que a maternidade dela agora representava um problema. Com duas crianças para cuidar (uma filha adotiva e o novo bebê), a atriz não estava muito disposta a encarar o longo e penoso cronograma de filmagens que Alan Parker tinha em mente.

Então, estava fora. Mas quem seria a escolhida?

Foi depois que ouviu falar sobre a rejeição de Michelle Pfeiffer que Madonna, com seu misterioso instinto para o timing perfeito em funcionamento, como sempre, enviou a Parker uma carta manuscrita de quatro folhas. Ali, explicava por que seria a escolha perfeita para o papel de Evita.

Na carta, Madonna prometia que iria cantar, dançar e atuar de corpo e alma se ele lhe desse a oportunidade. Deixaria a sua vida e a sua carreira em suspenso para devotar todo o tempo e energia a Evita. Deve ter percebido que não tinha escolha; Madonna estava muito desesperada para fazer algo digno de nota no cinema. Em 1995, e depois novamente em 1996, ganharia pequenos papéis no elenco de apoio em filmes que a maioria das pessoas nem sequer sabia que participava, só pela experiência.

O primeiro fora *Four Rooms* (no Brasil, Grande Hotel — Uma comédia cinco estrelas), em 1995, uma série de quatro episódios interligados, um dos quais conta com sua participação no papel de uma bruxa chamada Elspeth. Blue in the Face (Sem fôlego), também lançado em 1995, era uma sequência do popular Smoke (Cortina de fumaça), e nele Madonna faz uma rápida aparição, mostrando as nádegas para Harvey Keitel após entregar-lhe um telegrama cantado. Em 1996, ela iria aparecer brevemente em Girl 6, de Spike Lee, como uma das chefes de uma rede de telessexo.

"Quando fui escolhida para interpretar Evita, sabia que não era a primeira escolha de Andrew Lloyd Webber", diria ela mais tarde. "Não acho que estivesse particularmente emocionado com minhas capacidades como cantora. Eu sabia que estava me arriscando, assumindo uma posição complicada. A sensação é de que todo mundo espera um tropeço meu."

É claro que havia fortes semelhanças entre Madonna e Eva Perón. Evita foi

uma morena de aparência latina que conheceu a fama com o cabelo tingido de loiro, assim como Madonna; tinha uma vontade férrea, como Madonna; era emotiva, dramática e às vezes cheia de autopiedade, como Madonna. A história da ascensão de Madonna para a fama — uma lenda parcialmente criada por ela mesma e parcialmente criada pela mídia — também ombreia com a de Eva Perón quanto ao fato de que as duas mulheres exploraram uma série de relacionamentos com homens a fim de superar os anos iniciais de luta e, no final, conseguir com muita garra sair da obscuridade.

Madonna como Eva Perón, Evita. Parecia a escolha perfeita... e era exatamente o que Madonna mais precisava para impulsionar sua carreira num momento em que estava tentando remodelar sua imagem. Ao longo dos anos 80 e 90, ela exaurira sua fórmula de símbolo sexual agressivo usando canções, filmes, livros e declarações indecentes para marcar a ferro na consciência do público uma imagem particularmente escandalosa. No entanto, em 1996, a ideia de Madonna como uma pária sexual — a desafiadora e abusada garota má do pop — definitivamente saíra dos eixos. Enfim, a pessoa de tantos disfarces percebeu que precisava reinventar-se completamente. Daí, Evita.

Porém, haveria algumas pequenas objeções quando foi o momento de ajustar a história de Eva Perón à opinião de Madonna sobre o assunto.

Um dos maiores problemas que Madonna enfrentava com sua mais recente — e mais importante, sem dúvida — empreitada cinematográfica era que a história de Evita não estava completamente de acordo com a nova imagem, mais suave e incontroversa, que desejava projetar para o público àquela altura de sua vida. A história de uma mulher manipuladora que galgava seu caminho até o topo pulando de cama em cama — a verdadeira história de Eva Perón — talvez houvesse funcionado melhor para Madonna nos anos 80, quando tudo em que pensava era como chocar o mundo, mas não em 1995. Antes de comparecer aos ensaios, passou horas debruçando-se sobre o roteiro, escutando a música e informando-se sobre a história, sugerindo aos produtores mudanças em coisas que eram historicamente documentadas. Não que a versão de Andrew Lloyd Webber para a vida de Eva Perón fosse completamente acurada, mas ele chegara próximo demais da verdade, no teor e na intenção, muito mais do que Madonna desejava para seu filme libertador. Seu desejo era reescrever a história — ainda que de forma sutil — para criar uma Eva Perón mais doce e vulnerável. Queria fazer uma Evita mais ao seu gosto e, por extensão, uma Madonna mais ao gosto de seu público. Em último caso, seu objetivo era não só inventar uma Evita light, mas também uma Madonna light.

A verdadeira história era que a inteligente e perspicaz Evita influenciara toda uma nação ao unir-se a um homem que se tornaria o próximo presidente do país,

Juan Perón. Antes de seu relacionamento com Perón, Eva Duarte era uma atriz menor do cinema e do rádio, que obtivera papéis igualmente menores por meio de seus relacionamentos amorosos. Contudo, como protegida, e depois esposa, do homem mais poderoso do país, a Eva da vida real foi capaz de desviar seus interesses para a política, que era onde residiam seus verdadeiros talentos. No final, tornou-se tão importante para o futuro de Juan Perón como ele era para o dela. Instintivamente sabia que poderia conquistar a estima da classe trabalhadora, fazendo assim com que também seu marido caísse nas graças do povo. Compreendia as massas perfeitamente, afinal, Eva também nascera e crescera na pobreza.

Embora os programas de caridade do governo argentino proibissem qualquer participação sua, por ser mulher do presidente, Evita tinha poder para criar suas próprias fundações, que juntaram somas enormes de dinheiro. E ainda que tivesse trazido uma série de benefícios para o povo da Argentina, também não economizou em luxos para si mesma. Deslumbrava a todos gastando milhões de dólares em joias e alta-costura. Nascida pobre e ilegítima, percebeu que a imagem de uma mulher que obtivera grande sucesso contra todas as probabilidades era sua arma mais importante para atingir a classe trabalhadora. As massas queriam seu êxito pois o sucesso dela significava o seu próprio. "Sou uma de vocês", teria dito ela, jogando seus braços adiante e tornando-se um símbolo de até onde uma criança ilegítima vinda de uma família pobre poderia chegar.

Fama, dinheiro e glamour não foram o suficiente para a ambiciosa Evita. Também queria poder numa escala ainda maior e ambicionava ser a primeira mulher eleita para o cargo de vice-presidente. Infelizmente, seus sonhos jamais se concretizariam. O câncer levou sua vida em 1952, com a idade de 33 anos, fazendo assim com que permanecesse por toda a eternidade, pelo menos aos olhos do povo que a adorava, uma santa.

Era uma história e tanto simplesmente da forma como ocorrera... e certamente a história pela qual Madonna ficara originalmente atraída. Mas agora ela sentia necessidade de fazer algumas pequenas alterações.

"E que não se parece comigo", disse ao diretor Alan Parker.

"E de fato não é você", ele retrucou. "É Evita Perón."

"Mas meu público vai pensar que sou eu. E não é."

"Mas é Evita Perón!" E assim foram...

Ao que tudo indica, o que mais aborrecia Madonna era a insinuação de que Evita usara tantos homens em sua escalada até o topo, provavelmente porque a imprensa e o público muitas vezes supunham exatamente a mesma coisa a seu respeito. "É uma forma de gente invejosa solapar sua força e suas realizações",

observou em uma entrevista à Vanity Fair. "Jamais usei algum homem que não quisesse ser usado", disse. "E se alguém foi usado, esse alguém fui eu, eu fui usada." É claro que Madonna não era assim tão cega em relação ao seu passado como essa declaração parece indicar. Qualquer um que a conhecesse bem se lembraria que havia admitido outrora ter usado pessoas — homens e mulheres — e que sua consciência pesava por causa dessas manipulações, retrocedendo até o ponto de se sentir arrependida por não ter Camille Barbone ao seu lado quando enfim obteve sucesso com o primeiro álbum, em 1983. No entanto, agora não era hora de confessar os pecados.

"Eu achei que [a abordagem original da personagem] era um ponto de vista masculino e chauvinista, de que toda mulher poderosa é uma prostituta ou dormiu com todo mundo para chegar onde chegou", afirmou. "Essa insinuação perpassa todo o musical, é ridículo. Não dá para chegar ao topo dormindo com alguém", concluiu. De repente ela parou de forma abrupta, provavelmente pensando no que estava dizendo, e rapidamente consertou: "Bem, quem sabe em Hollywood, mas ela [Evita Perón] influenciou toda uma nação".

"Odeio que a façam parecer uma piranha", queixou-se, deixando clara sua intenção de distorcer as coisas. "Gostaria que parecesse mais... delicada, eu acho, mais profunda."

"Bem, muita gente gostaria que Madonna fosse mais delicada, mais profunda", disse o desgostoso crítico de cinema Gene Siskel quando o filme foi enfim lançado. "Mas, pelo menos até onde ouvi, ela não é nem um pouco delicada, e muito menos profunda. A verdade é a verdade..."

Conforme vista através dos olhos de Madonna, Eva Perón não mais era um animal político. Em vez disso, era "mais delicada, mais profunda". Lá se ia a alpinista brilhante, maquinadora e conspiradora que usava o sexo como uma arma para demolir qualquer um que se pusesse em seu caminho — a verdadeira história de Evita, e talvez também de Madonna, dependendo de como se escolhesse encará-la. Em seu lugar entraria uma Eva Perón tímida, reservada e etérea oprimida por homens, mas que — graças a sua inteligência e força de vontade — acabaria chegando ao último degrau da escada política. Como era tão linda e persuasiva, também acabaria se tornando uma lenda.

Após sua morte no final do filme, o espectador iria chorar, de tanto amor e respeito por Eva Perón. "Há alguns anos, ninguém teria chorado se eu morresse, tão cansadas as pessoas estavam de mim", disse ela em particular. "Só espero que isso mude com este filme."

Uma vez que podia moldar seu papel em Evita segundo sua vontade, era hora de se preparar para tornar-se Eva Perón. Como sempre fora seu estilo, assim que assegurava um objetivo em vista, tomava todas as providências para não haver

falhas. Mergulhando no projeto, começou com um plano para melhorar seu alcance vocal.

Por ser um musical filmado, esperava-se de todos os membros do elenco de Evita que cantassem, e não que fossem dublados pela voz de outra pessoa. A habilidade de Madonna — afinal de contas, era uma cantora — foi no mínimo uma das razões para os produtores terem-na escolhido para estrelar no papel principal, para começo de conversa. No entanto, o motivo pelo qual se acreditava que Madonna era ideal para o filme podia também acabar sendo o motivo de um desempenho terrível. Porque sim, ela era uma cantora. .. mas uma cantora pop. Embora a comunidade artística da Broadway e de Hollywood ponderasse sobre sua capacidade de cantar de forma convincente os versos diante de uma câmera, o setor musical da Broadway presunçosamente escarnecia da ideia de ver Madonna cantando as letras de Tim Rice sobre a criação musical de Andrew Lloyd Webber.

Em alguns aspectos, Madonna achava que estava à altura da tarefa. Ao longo dos anos, sem saber, ela se preparara para isso por meio de cada pequena demo que custeara, cada faixa musical à qual emprestara sua voz, cada sofá de estúdio de gravação em que passara a noite, batalhando para compor mais uma canção de sucesso. O problema, contudo, é que nada que pudesse ter feito poderia tê-la preparado inteiramente para a gravação de Evita — jamais fizera algo como aquilo. Já participara de trilhas sonoras antes, mas nessas situações em geral detinha um considerável controle sobre sua contribuição musical. Compôs e produziu muitas das canções para o álbum Tm Breathless, de Dick Tracy, mas aquela era uma "música do e inspirada pelo filme", não um álbum de trilha sonora no sentido clássico. A trilha sonora de Evita pertenceria integralmente ao filme. Afinal, tratava-se de um musical; a trilha sonora era o filme.

Madonna começou imediatamente a tomar aulas de canto com a respeitada professora nova-iorquina Joan Layder. "Ela tinha de usar sua voz de uma forma que nunca fizera antes", observou Layder. "Evita é teatro musical de verdade — em certo sentido, é operístico. Madonna desenvolveu um registro mais elevado, que não sabia que tinha."

Ironicamente, uma das clientes de Joan Layder era Patti LuPone. Sempre competitiva, Madonna tinha medo de sair perdendo se comparada com ela, dona de uma voz tão potente. Layder depois brincaria que Madonna tinha a sensação de que Patti LuPone ficava atrás da porta ouvindo-a durante as lições.

O treinamento vocal para o filme era difícil. Madonna era obrigada a forçar sua voz de maneiras que nunca tentara antes. Porém, até mesmo ela ficou espantada com sua destreza vocal, assim que se acostumou a usar "sua ferramenta" (como Joan Layder a chamava) da forma apropriada — cantando a

partir do diafragma, em vez da garganta.

Por mais que soasse metálica e fraca nas gravações antes dessa época, de repente — depois de apenas algumas semanas de treinamento — sua voz estava encorpada, rica e teatral. A cada vez que abria a boca para cantar, ficava fascinada como era capaz de acessar elementos em sua voz que nem sabia que estavam ali. Era como se fosse dormir certa noite e, magicamente, acordasse no dia seguinte como uma cantora de verdade. "De onde veio isso?", perguntou a Joan Layder sobre sua nova capacidade.

"Deus", ela lhe respondeu. "Deus!"

"De repente percebi que estivera usando apenas metade de minha voz", contou mais tarde ao crítico de música pop do Los Angeles Times Robert Hilburn. "Até então, eu aceitava totalmente que era dona de um alcance vocal muito limitado, e estava tudo bem. Anita O'Day e Edith Piaf também tinham um alcance limitado, e sou uma grande fã delas. Então imaginava que tinha de me virar o melhor que pudesse."

Do jeito que as coisas iam, ela não teria de "se virar" com um alcance vocal limitado. Ao final de cada lição, ligava emocionada para os amigos e dizia: "Você não vai acreditar nisso, ouça!", e então cantava ao telefone a plenos pulmões, extasiada com sua própria proficiência.

Quando desembarcou em Londres em setembro de 1995, com Antônio Banderas e Jonathan Pryce, para dar início aos ensaios para a gravação da trilha sonora de Evita, estava pronta. Cada experiência profissional de Madonna na música até aquele ponto— cada canção que cantou, como aprendeu a respirar, como aprendeu a posicionar sua boca diante do microfone, como aprendeu a manter a potência vocal, além de seu novo treinamento vocal -serviu para prepará-la para aquele dia em que pisou pela primeira vez nos estúdios CTS, em Londres.

Alan Parker ficou deliciado ao ouvir a "nova" Madonna. Como o filme inteiro consistiria dos atores mexendo os lábios para os vocais pré-gravados, a produção de Evita significava o dobro do trabalho para todos os envolvidos. Primeiro, os atores tinham de interpretar seus papéis no estúdio de gravação, e depois teriam de repetir a performance diante da câmera, no set de filmagens.

No primeiro dia de gravação efetiva, contudo, parecia que algumas considerações especiais teriam de ser feitas para a estrela do filme. "Eu estava acostumada a compor minhas próprias canções e chegar no estúdio, escolher os músicos e dizer o que soava bom e o que não", explicou Madonna mais tarde. "Trabalhar em 46 canções com todos envolvidos e não ter nada a dizer era uma adaptação e tanto. Era difícil entrar lá, dar tudo de mim e dizer: 'Agora façam o que quiserem com isso'." Além do mais, Madonna não se sentia confortável em

executar aquele "roteiro vocal" simultaneamente com uma orquestra de 84 instrumentos em um estúdio gigantesco. Estava acostumada a cantar sobre uma trilha previamente gravada, e não a ter músicos ouvindo cada erro, o que era natural em um processo de gravação. "Três mundos estavam em colisão", constatou Parker. "O teatro musical, o pop e o cinema."

Apesar de todo o árduo trabalho, o primeiro dia de gravações foi um desastre. Ela tinha de cantar "Don't Cry For Me, Argentina" nesse dia, e na frente de Andrew Lloyd Webber. Acreditando ter feito um trabalho horrível, saiu correndo do estúdio, com lágrimas rolando por seu rosto pálido como porcelana. ("Como posso seguir adiante?", lamentava-se. "Não dá para trabalhar desse jeito. Sou uma artista, não uma marionete.") Mais tarde Alan Parker apelidaria esse dia de "Segunda-Feira Negra".

"Eu estava tão nervosa", recorda, "porque sabia que Andrew tinha reservas quanto a mim, e lá estava eu cantando a canção mais difícil da peça. De repente, ali, com todo mundo pela primeira vez, foi muito tenso."

Uma reunião de emergência foi marcada entre Alan Parker, Andrew Lloyd Webber e Madonna. Toda a orquestra com seus 84 componentes foi mandada embora, e Webber ainda trouxe um novo maestro. Também ficou decidido que Madonna gravaria todos os seus vocais em um estúdio mais moderno, em que se sentisse mais à vontade, enquanto as orquestrações maiores seriam regidas e gravadas em outro lugar. Decidiu-se ainda que Madonna cantaria somente à tarde, dia sim, dia não. Os dias vagos eram reservados para que descansasse a voz. Mesmo assim, independentemente de tudo que fora feito segundo sua conveniência, a gravação da trilha sonora era uma tarefa árdua. O elenco e o diretor trabalharam ao longo de quatro meses para obter quatrocentas horas de gravação — tudo isso antes que um único centímetro de filme houvesse sido rodado.

O julgamento do invasor

NUMA QUARTA-FEIRA, 3 DE JANEIRO DE 1996, Madonna chegou ao tribunal de Los Angeles sob estrita segurança em um luxuoso e enorme carro preto com os vidros escuros.

Ela podia ser vista do lado de dentro usando óculos escuros conforme o veículo era manobrado e entrava em uma garagem subterrânea que também servia para conduzir presos para dentro do edifício. Os repórteres entraram na sala do tribunal antes que Madonna fosse levada para dentro por um exército de oficiais de segurança e guarda-costas. Uma nova Madonna, mais discreta, usava um austero casaco cor de carvão trespassado com duas fileiras de botões, saia na altura das coxas, joias simples, sandálias pretas e batom vermelho, com o cabelo avermelhado preso no alto da cabeça. Estava adorável, mas parecia nervosa.

Finalmente chegara a hora de Madonna testemunhar no caso contra Robert Hoskins, acusado de invasão e ameaça. Como ignorara uma intimação para testemunhar no caso, fora intimada a comparecer ao julgamento ameaçada de ir para a cadeia, caso não aparecesse, sob uma fiança de 5 milhões de dólares. Do banco das testemunhas, afirmou que não aparecera da outra vez porque estava com medo de Hoskins e não queria lhe dar a oportunidade de vê-la de tão perto. Prosseguiu descrevendo como ficara perturbada com sua aparência recalcitrante e com "seu olhar", quando passou por ele um dia em que estava diante da entrada de sua propriedade. Afirmou que ficara aterrorizada quando Hoskins disse a sua assistente (Caresse Norman) que era o marido de Madonna e cortaria sua garganta "de orelha a orelha", e depois mataria Caresse e todo mundo na casa se não o deixassem ver sua "esposa". Disse que começou a ter "pesadelos em que ele estava dentro da casa, perseguindo-a".

Conforme seu perseguidor a encarava do outro lado da sala, Madonna, que no início estava visivelmente nervosa, mas que depois começou a ficar cada vez mais furiosa, deixou clara sua perplexidade com a decisão do magistrado de que fosse forçada a testemunhar no julgamento. Seu advogado, Nicholas DeWitt, tentara convencer a juíza Jacqueline Connor a permitir que Madonna gravasse em videoteipe seu testemunho ou pelo menos solicitar que Hoskins fosse retirado da sala enquanto ela testemunhava.

A juíza indeferiu as duas solicitações, dizendo que Hoskins tinha o direito assegurado pela Constituição de ficar diante de seu acusador e que não queria dar a ele ensejo a uma apelação. Madonna ficou boquiaberta. "Ela é uma mulher", disse, em particular. "Por que tinha de ser tão detestável?"

"Estou com dor de estômago", disse, sentada no banco das testemunhas. Com a cara fechada, explicou: "É um transtorno inacreditável que um homem que tenha ameaçado minha vida esteja sentado diante de mim do outro lado da sala e de alguma forma tenha conseguido transformar sua fantasia em realidade. Eu estou sentada diante dele.

É isso que ele quer". Evitou fazer contato visual com Hoskins durante o testemunho de uma hora e quinze minutos; lançou apenas dois breves olhares em sua direção.

No dia seguinte, 4 de janeiro, o guarda-costas de Madonna, Basil Stephens, testemunhou que Hoskins estivera na propriedade de Madonna (chamada Castillo DeLago), em Hollywood Hills, por três ocasiões. Em sua primeira visita, Hoskins ameaçou matar o guarda-costas se não entregasse a Madonna um bilhete que havia rabiscado em um panfleto religioso. Na segunda, Hoskins trouxe umas bolsas consigo e "parecia que estava se mudando para lá". Embora o advogado de Hoskins sustentasse que não passava de um sem-teto e um pobre-diabo, Stephens discordou, dizendo que o considerava "extremamente perigoso". Como prova adicional, foi apresentada ao júri a filmagem de uma câmera de segurança feita no dia dos disparos. Mostrava Hoskins ignorando uma placa de "PROIBIDA A ENTRADA", escalando o portão frontal, pulando de um muro para dentro da propriedade e esgueirando-se até a porta da frente.

EM sua terceira e última visita à casa de Madonna, em maio de 1995, o comportamento de Hoskins passou de bizarro a violento. Stephens testemunhou que fora forçado a atirar durante uma altercação. Pensando que Hoskins estava morto após ter disparado três vezes contra ele, Stephens abandonou a cena para ligar para a polícia. Contudo, dez minutos mais tarde, voltou para descobrir Hoskins sentado próximo à piscina de Madonna, com feridas nos braços e no abdômen. Stephens lhe disse que uma ambulância estava a caminho. No que parecia uma cena surreal de um filme ruim, Stephens lembrava-se de ter dito ao fã obcecado: "Desculpe ter atirado em você", ao que Hoskins respondeu: "Tudo bem".

Quando Madonna soube do ocorrido em sua residência, ficou tão perturbada que decidiu vender a propriedade de 7 milhões de dólares. Disse: "Como vou poder me deitar junto à piscina sabendo que uma coisa dessas aconteceu no local? Acho que isso atrai energia negativa, tenho de dar o fora dali".

Após o júri de oito homens e quatro mulheres ter julgado Robert Hoskins

culpado de invasão, a juíza o sentenciou duramente a dez anos de cadeia, observando que "sua aparente enfermidade mental parece aumentar o perigo".

Após o julgamento, Madonna continuou a ter pesadelos com Robert Hoskins — e se esse era seu objetivo doentio, foi bem-sucedido. Madonna disse que não podia evitar de sentir que seus sonhos eram premonições de uma tragédia. Mesmo assim, a partir desse dia, nunca mais tocou no assunto de Hoskins. Os mais próximos a ela dizem que não consegue deixar de se sentir responsável por incitar esse tipo de evento potencialmente cataclísmico em sua vida apenas em virtude de algumas das campanhas abertamente sexuais em busca de publicidade (como o livro Sex) que realizou em sua carreira, muitas das quais podiam ser recebidas por gente emocionalmente menos estável como um convite ao assédio. Parecia que crescer não era uma coisa fácil para Madonna, em especial no que dizia respeito a encarar as repercussões e assumir a responsabilidade de suas ações passadas. Mesmo assim, sendo adulta — e particularmente uma mulher que estava em vias de se transformar numa pessoa capaz de compreender, em suas próprias palavras, "que cada ação nossa provoca uma reação" —, não poderia desprezar os Robert Hoskins de sua vida como um mero infortúnio de sua celebridade.

Provavelmente ele era o resultado inevitável de algumas das formas pelas quais ela lidava com a busca pela fama.

A produção de Evita

NO INÍCIO DE FEVEREIRO DE 1996, após as provações do julgamento, Madonna viajou de Los Angeles a Buenos Aires. Após gravar a trilha sonora de Evita, talvez tivesse pensado que o pior ficara para trás. Porém, seu caminho continuava cheia de percalços. Quando chegou a Buenos Aires, poucos dias antes de começar sua parte nas filmagens, descobriu que sua vida não ia ser fácil "naquele lugar esquecido por Deus" (como se referia à cidade). Espalhadas pela capital argentina havia pichações exigindo "Madonna, vá embora!". Parecia que alguns argentinos estavam descontentes que uma estrela pop descarada como aquela pudesse querer retratar sua amada Evita.

Para piorar as coisas, as condições de estada foram, no início, muito mais adversas do que a vida com a qual Madonna se acostumara nos seus últimos doze anos de superestrela. "Nada de academias! Nada de comida decente!", lamentava-se. "Não dá para viver assim", gritou a um dos assistentes de produção do filme. "Eu quero uma Evian. Você ouviu? E-vi-an!"

Mas logo Madonna estava bem estabelecida — pelo menos nos fins de semana — em uma luxuosa mansão de 12 milhões de dólares, pagando um aluguel de 70 mil dólares por semana. E é claro, como é da natureza de qualquer diva, que fez um série de exigências tidas como absurdas por algumas pessoas — tais como gardênias flutuando em potes nos banheiros e orquídeas brancas em todos os demais ambientes —, bem como alguns outros pedidos mais razoáveis: um liquidificador, suco de maçã e de manga, pipoca, vitaminas Gummy Bears, cereais Special K da Kellogs, farinha de aveia, batatas chips, vegetais frescos variados, frango teriyaki e um aparelho de CD em cada quarto. Também pediu que um dos quartos fosse transformado numa academia equipada com pesos, esteiras e uma série de outros aparelhos Life Cycle, Stair Master e Versa Climber. Havia também, é claro, as compras para mantê-la ocupada. Em um domingo, entregou-se a uma orgia consumista no espaçoso mercado de pulgas de San Elmo, onde permaneceu por três horas. Depois, seguiu para Antigona, uma loja de roupas antigas, onde comprou cinquenta chapéus, dez pares de luvas, uma dúzia de vestidos e dez mantilhas de renda. Guarda-costas, motoristas e assistentes esperavam para abrir-lhe as portas, preencher cheques para ela ou

cumprimentá-la por seu bom gosto.

A despeito de seu estilo de vida confortável, havia ainda o problema que era o eterno motivo dos resmungos de Madonna: o fardo da fama. Os fãs que haviam migrado para aquele estranho país para "atormentá-la" (palavra sua) e "espreitá-la" (mais uma vez, palavra sua) quando não estava em sua residência de fim de semana, mas em seu hotel próximo ao set, estavam tornando sua vida uma prisão. Um grupo de jovens admiradores manteve uma vigilância constante junto à janela da suíte de seu ídolo, no segundo andar, cantando e fazendo serenatas para o objeto de sua obsessão. "Tive uma noite de merda", queixou-se Madonna. "A garotada sob minha janela apareceu de duas em duas horas a noite inteira para acenar para mim na varanda e fazer juras de amor eterno... nada muito shakespeariano."

Deixar o hotel provou-se ainda mais difícil. Cada vez que Madonna saía, a multidão a cercava. "Infelizmente, quinhentos fãs histéricos tornaram minha saída praticamente impossível", disse mais tarde, descrevendo a cena. Certa tarde, tentando executar uma fuga rápida, ela e seus acompanhantes entraram no carro e saíram em disparada, quando alguém percebeu que uma jovem estava agarrada na capota do veículo, com grande risco para a própria vida. "Então paramos e a arrancamos aos berros dali, enquanto ela gritava e chorava que me amava", disse Madonna. "Eu tentei dar a ela o cartão de meu psiquiatra mas o motorista se afastou muito rápido."

O estresse, contudo, não dissuadiu Madonna de se prender a um programa rígido a fim de continuar a se aperfeiçoar durante a produção. Uma vez que seria requisitada não só a cantar, mas também a dançar e, é claro, atuar, trabalhou diligentemente para se aperfeiçoar nas três áreas.

Quanto a sua interpretação, para ficar absorvida na complicada personagem de Evita, Madonna viajou pela Argentina encontrando-se com pessoas que conheceram a verdadeira Eva Perón— diplomatas, intelectuais, ministros e até mesmo alguns poucos amigos de infância. Porém, dentre aqueles que concordaram em falar com ela, Madonna fazia dúzias de perguntas bem pensadas sobre a aparência da ex-primeira-dama, o que comia, como se comportava e do que gostava de fazer em suas horas livres. Ficava tão grata pela informação que recebia, que dava um beijo no nariz de alguns de seus entrevistados, enquanto outros beijava nos lábios, com ternura. "Foi divertido ser a entrevistadora pra variar", riu. Como resultado desse tipo de pesquisa, Madonna começou a entender sutis traços de caráter que sentia que seriam necessários para garantir seu melhor desempenho como Eva Perón.

A filmagem de Evita começou em 13 de fevereiro de 1996. Nos primeiros dias de produção, Madonna tomou consciência de como era excruciante pôr para

testar suas recém-adquiridas, a duras penas, habilidades de interpretação, canto e dança no set de filmagem. Fazia um calor sufocante em Buenos Aires em fevereiro, e Madonna, como a Eva de quinze anos de idade metida em uma roupa de época e numa desconfortável peruca, precisou realizar inúmeras tomadas dizendo adeus a sua família a caminho da cidade grande no primeiro dia de filmagem. Um trem antigo cuspia sem parar intoxicantes ondas de fumaça e ventos quentes sopravam poeira em sua boca enquanto ela mexia os lábios para acompanhar a canção pré-gravada. Foi uma experiência miserável, e era apenas uma amostra do que estava por vir.

Nos dias que se seguiram, Madonna precisou passar longos dias sob o sol intenso, alternando entre fazer hora à espera da luz apropriada para filmar e executar complicados números de canto e dança. "Eu estava morrendo de calor e exaustão e servindo de repasto para formigas, moscas e vespas", contou mais tarde.

Madonna estava filmando seis dias por semana e ensaiando no dia de folga. Com as filmagens se arrastando em Buenos Aires, começou a se sentir cada vez mais solitária e alienada. "Minha família e meus amigos são as pessoas que estão no filme", disse na época. "Eles me viram desnudar minha alma e mesmo assim não sabem nada sobre mim." Também sentia tontura e enjoo todos os dias, condições que atribuía ao incrível calor.

Mau humor à parte, Madonna continuava a provar-se a profissional consumada quando atuava de verdade diante das câmeras. O elenco e membros da equipe, alguns a contragosto, não podiam deixar de admirar seu comprometimento com o projeto. Até Jonathan Pryce— que interpretava Juan Perón e disse após os primeiros dias de filmagem com ela que nunca trabalhara com alguém tão mal-educado — acabaria achando coisas boas para dizer a seu respeito. "Ela é uma força dinâmica e decidida e só posso admirar isso", admitiu ele. "Passei a gostar dela cada vez mais. O público tem preconceitos contra ela devido à mídia, mas você logo percebe que é uma pessoa normal. É verdade que não se preocupa muito em manter a imprensa a distância, mas há um monte de lendas criadas em torno dela."

Um problema adicional para Madonna era o fato de que a namorada de Antônio Banderas, a atriz Melanie Griffith, se tornara um aborrecimento. Assim que Banderas foi escolhido para ser o narrador do filme, Che, Madonna começou a ouvir de alguns assistentes seus que Melanie Griffith estava descontente. Uma vez que Madonna era tida amplamente como "devoradora de homens", Melanie ficou preocupada que seu namorado pudesse ser sua próxima vítima, principalmente porque a outra dissera com todas as letras em Na cama com Madonna que tinha uma queda por Banderas e o achava "muito sexy". (Ela

também se apressou a acrescentar: "Ele deve ter um pênis muito pequeno, ninguém pode ser assim tão perfeito".) "Tudo de que não preciso neste exato momento é de uma namorada ciumenta", Madonna disse a Alan Parker, segundo um dos companheiros dele. "Não estou nem interessada em Antônio. Aquela tirada em Na cama com Madonna foi só uma piada idiota. Antônio é certinho demais para mim." Estava aborrecida de verdade. Alan Parker encostou suavemente sua testa na dela, tentando confortá-la. Então, deu-lhe um beijo no nariz e saiu andando. Ela ficou parada, provavelmente percebendo que apenas fora tratada de uma maneira condescendente.

Mais tarde, quando contaram a Madonna que Melanie acompanharia o namorado na Argentina, ela não acreditou. "Como uma mulher pode ser tão insegura?", perguntou.

"Se fosse eu, e ele fosse meu namorado, e estivesse preocupado com outra mulher, diria: 'Ei, ela é toda sua, tigrão... vá até lá e depois caia fora'. E isso liquidaria o assunto."

Pouco antes das filmagens começarem, Madonna resolveu acertar as coisas por conta própria e decidiu ligar para Melanie Griffith.

"Entendo que estejam havendo alguns rumores", alega-se que tenha dito a ela, "e apenas quero que saiba que são completamente ridículos. Na verdade, não vejo a hora de que chegue aqui, Melanie, vamos nos divertir!" Não se sabe qual foi a reação de Melanie Griffith à ligação. Depois que desligou, contudo, Madonna virou-se para uma pessoa e disse: "Bom, acho que isso deve dar um jeito nisso. E se não der, acho que vou ter de me virar com ela quando chegar à Argentina com seu namorado pelas rédeas".

Apesar de ter recebido o telefonema conciliatório de Madonna, Melanie continuava distante em relação a ela quando finalmente chegou ao set de filmagens. "Parecia que não confiava nela", disse Louise Keith, uma amiga de Griffith residente em Los Angeles. "Madonna certamente flertava com Antônio, mas acho que era uma coisa inofensiva, apenas o jeito de ser de Madonna. Mas Melanie não gostava daquilo. Contou-me que Madonna fez tudo que pôde para passar-lhe a perna, mas Melanie não iria entregar os pontos. 'Eu não quero fazer amizade com ela, de jeito nenhum', disse Melanie, quando um dos 'treinadores' de Madonna a procurou para convidá-la para um almoço com sua chefe. Isso a deixou muito puta da vida. Pra falar a verdade, acho que não trocaram duas palavras por todo o tempo que Melanie esteve lá, cerca de duas semanas. Em vez disso, as duas trocavam olhares gelados toda vez que estavam uma na presença da outra."

Um membro da equipe mais tarde recordou: "Madonna não conseguia se segurar e deixou escapar: 'Melanie me odeia'. Disse a Parker: 'Não vai aceitar um

convite se eu estiver na mesma sala. Não sei o que Antônio viu nela, mas ela o tem na palma da mão'".

Na imprensa, Madonna fez pouco da situação com Melanie Griffith. Ao escrever sobre o incidente na Vanity Fair, recusou-se até mesmo a mencionar o nome de Melanie: "A imprensa está tentando fazer um auê sobre minha competição com sua [de Banderas] namorada", escreveu. "É ridículo, pois todo mundo sabe que jamais me envolveria com um homem que usa botas de caubói."

De sua parte, Melanie permaneceu diplomática. Na verdade, Griffith me disse que ajudou a amenizar a relação de trabalho entre seu marido e Madonna. "Dizem que é uma pessoa difícil, mas eu a entendo", diz Melanie Griffith. "Na verdade, acho que a entendo melhor do que Antônio, sendo uma mulher neste meio. Sei que deseja que as coisas saiam perfeitas, mas alguns homens não lhe dão ouvidos precisamente por ser uma mulher. Sabe como isso pode ser frustrante? Disse a Antônio para prestar atenção nos instintos dela, pois tem instintos muito bons. Foi o que ele fez.

"É claro que jamais tiveram um caso", disse Melanie. "Acha que eu iria tolerar uma coisa dessas? Não, não iria."

O entusiasmo de Madonna pelo projeto de Evita voltou a emergir quando a produção se mudou para a locação de seus sonhos — o balcão da Casa Rosada, a qual ocasionara seu pedido de permissão para filmagem diretamente ao presidente Carlos Menem. Para tornar a cena visualmente a mais dinâmica possível, a companhia usou cada extra disponível, num total de 4 mil pessoas. Quando Madonna caminhou até o balcão, não pôde conter um suspiro de admiração pela cena em torno. Olhando para baixo, até onde o olhar alcançava, havia... gente. É verdade que eram figurantes contratados, mas deviam parecer com fãs mesmo assim. Quando começou a mexer a boca para "Don't Cry For Me, Argentina", a multidão explodiu em saudações incontidas.

Após uma noite inteira de filmagens, Madonna estava tão feliz com seu trabalho que mal podia falar. A medida que o sol nascia, o elenco e a equipe se abraçavam em silêncio. Apesar das dificuldades pelas quais passaram, nessa manhã pareciam vivenciar uma forte sensação de triunfo. A filmagem daquelas dificílimas sequências em Buenos Aires finalmente estava chegando ao fim, e agora, após uma emocionante noite de filmagem na Casa Rosada, todo mundo se sentia como se estivesse realizando de fato aquilo a que estava destinado. Talvez as coisas acabassem funcionando, afinal de contas. Talvez de fato estivessem trabalhando juntos para criar algo muito especial. Depois de despencar para um desespero tão profundo apenas poucos dias antes, o moral de todos fora agora de repente elevado a um novo patamar.

Porém, ainda faltava muito para o término de Evita. Após alguns dias de

descanso, toda a companhia iria se mudar para a Hungria para muitas outras semanas de trabalho exaustivo. Uma vez lá, um novo problema surgiria, um que ninguém havia previsto... e que, pelo menos até o momento, somente a atriz principal suspeitava: Madonna estava grávida.

Carlos Leon

EM MEADOS DE MARÇO, com as filmagens das cenas argentinas de Evita terminadas, Madonna voou de volta aos Estados Unidos para alguns dias de descanso, antes de seguir viagem para Budapeste. Em Miami, ela velejou, andou de bicicleta e assistiu à luta de Mike Tyson na televisão, andando pra lá e pra cá de camisola, tomando sorvete e lendo sonetos de Shakespeare. Depois, rumou para Nova York, para alguns dias de compras. Tudo isso foi zelosamente registrado na página do dia 19 de março de seu "diário", publicado na Vanity Fair. O que não registrou é que também programou uma visita ao médico, que então a informou de que estava grávida. "Fiquei atordoada quando vi no ultrassom uma criatura minúscula mexendo-se dentro de meu útero", lembrou-se mais tarde. "Sapateando, acho. Acenando com seus braci-nhos e tentando chupar o dedo. Eu podia jurar que o ouvi dando risada. A risada pura e alegre de uma criança. Como se dissesse, 'ha-ha, enganei você'."

Na verdade, ela andava dizendo que queria um bebê havia anos, mas na época de seu casamento com Sean Penn, com sua carreira progredindo a passo acelerado, seguiu postergando a gravidez com seu marido temperamental. Dizia ter se arrependido dos abortos que fizera e que considerava a perda daqueles bebês como fragmentos arrancados dela mesma que não poderia mais recuperar. Estava preocupada, agora, que em sua busca por fama e sucesso houvesse deixado escapar algo a que teria dado ainda mais valor se pelo menos tivesse lhe dado a chance: a maternidade. A terrível escolha que sentia ter de fazer — o sucesso ou a maternidade — cabe somente à mulher, e estava relutante em fazê-la. "Quero as duas coisas", disse Madonna. "Não sei se posso ter as duas coisas, mas o que sei é que quero as duas coisas."

Ao longo de todo o ano de 1995, Madonna deu longas declarações aos jornais sobre ter um bebê, mas sendo cuidadosa ao acrescentar que não queria se concentrar na gravidez até o final de seu papel tão sonhado em Evita. Aos 37 anos de idade, Madonna começou a insinuar que estava considerando a ideia de um doador de esperma para ajudá-la a ter o bebê. Ela brincou com o repórter Forrest Sawyer, no programa de televisão Prime Time Live, que seu relógio biológico estava tiquetaqueando tão alto que pensava em pôr um anúncio

procurando um homem adequado para ser o pai de seu bebê, para "encarregar-se do serviço de paternidade. Tenho certeza de que vou encontrar o homem certo", disse. "Tenho certeza." Depois acrescentou, num tom sério, que sem uma criança sentia "uma ansiedade, um vazio".

Na quarta-feira, 10 de janeiro de 1996, Madonna teve um encontro com Sean Penn no Carlyle Hotel, em Nova York. Os dois ficaram no quarto juntos por 21 horas e meia, segundo repórteres que esperavam do lado de fora. Aqueles mais íntimos de Sean e Madonna dizem hoje que ela estava tentando convencer Penn a terem um bebê juntos.

"Tive um monte de homens desde que nosso casamento acabou, mas você é o único que quero para pai de meus filhos", disse, segundo um amigo de Penn. "Você é o único homem que amei de verdade, Sean, e sabe disso."

"Ela tentou pra valer convencê-lo a fazer aquilo, dizendo que ainda o amava mas que sabia que os dois não tinham futuro. Ainda assim, era exatamente o tipo de homem, disse ela, que desejava como pai de seu filho. Sean considerou o assunto, é verdade. Mas, no final, achou que não seria uma boa ideia."

Penn, que já tinha dois filhos com sua segunda esposa, Robin Wright, declinou da oferta de Madonna.

Porém, ela parecia mais determinada do que nunca a ter um filho. "É o que desejava acima de tudo", diz sua ex-amiga Sandra Bernhard. "Acho que faria qualquer coisa para ter um." É verdade que qualquer um que conhecesse Madonna sabia que uma vez que sua mente estava fixada num objetivo, era muito improvável que não encontrasse um modo de atingi-lo.

O escolhido para ajudá-la a cumprir seu objetivo de ser mãe foi Carlos Leon, moreno, alto (1,82 metro) e bonito. Madonna conheceu Carlos em setembro de 1994, quando corria no Central Park. Enquanto ele dava suas pedaladas pelo parque, ela o observou atentamente, impressionada com seu corpo rijo e a forma como seus braços e pernas volumosos saltavam na roupa de spandex preto. Depois de pedir ao seu guarda-costas que ficasse a uma distância segura, Madonna aproximou-se do robusto estranho de traços latinos finamente esculpidos e convidou-o para tomar um cappuccino com ela num café ali perto. No café, Madonna soube que o cubano-americano, nascido em Nova York, fora criado em Manhattan e educado em escolas paroquiais. Fora aspirante a um dia tornar-se ciclista profissional, sonhando em vencer corridas como o Tour de France. No entanto, para ganhar a vida, agora era personal trainer, tirando cem dólares a hora, a maior parte na academia Crunch. Ainda assim, sonhava em um dia fazer parte da equipe olímpica de ciclismo.

Impressionada com seu jeito sedutor e personalidade cativante, Madonna pediu a Carlos que mantivesse contato. Obviamente, o que talvez seja mais

incrível nessa história de como a superstar internacionalmente conhecida encontrou o anônimo professor de fitness é que, nesse estágio de sua vida e carreira, Madonna apanhasse um estranho no Central Park. Imagine a história praticamente inacreditável que Carlos Leon contou a seus amigos durante uma bebida no final daquele dia. Pouco depois, começaram a sair juntos.

Às vezes mencionado na imprensa como um "dançarino nova-iorquino", o cordial Carlos logo seria visto segurando a mão de uma Madonna feliz e animada em festas em Nova York, Miami e Los Angeles. "Estamos planejando começar uma família", subitamente anunciou Madonna na festa de seu aniversário de 37 anos, "mas vamos esperar até que eu termine de fazer Evita." É claro que essa declaração de intenção de maternidade não fazia muito sentido para os observadores mais atentos, que não podiam entender exatamente quem era Carlos Leon ou seu propósito na vida de Madonna. ("Essa é a diferença entre mim e Madonna", disse sua amiga Rosie O'Donnell. "Ela dorme com seu personal... Eu não dou a mínima para o meu.") Não fazia muito sentido para os amigos que sabiam que recentemente ela pedira a Sean Penn para ser pai de um filho seu, porém, como disse um deles, "tentar extrair um significado da vida de Madonna é o mesmo que tentar extrair um significado da eletricidade".

Aparentemente, ela sentia que era incapaz de ter uma relação plena com um homem naquele momento de sua vida, e simplesmente não queria esperar para encontrar um antes de ter um bebê. Madonna é uma mulher impaciente, como qualquer um que a conhece vai admitir. Depois de Tony Ward, ela ficara muito mais preocupada com o tipo de homem que admitiria em sua vida. Até ali, ninguém passara no teste. Contudo, agora era hora de ter um bebê... a relação ideal teria de esperar.

Durante a visita de Carlos a Buenos Aires, ele e Madonna dificilmente dormiam no mesmo quarto, provocando especulações entre o elenco e a equipe sobre a condição de seu relacionamento. Mas o que se sabia então era que Madonna vinha sofrendo pesadelos desde que o filme começara. "Neles, eu era constantemente caçada, presa e maltratada", confidenciou mais tarde a uma amiga. "Toda noite, eu tinha esses sonhos. Acordava exausta." Madonna dormia no quarto master de sua suíte, enquanto Carlos dormia no quarto de hóspedes. (Muitas vezes, os dois começavam a noite no mesmo quarto, antes que Carlos mudasse para o menor.) Após vivenciar a alegria de escutar as batidas do coração de seu bebê, Madonna começou a ficar preocupada com o futuro do filme, o que só aumentava seu estresse.

O que aconteceria com Evita agora? Seu médico lhe avisara que a gravidez estava completando cerca de dez semanas. Segundo estimava ela, poderia disfarçar sua condição por mais umas sete semanas, talvez. No entanto, muitas

cenas de dança importantes estavam programadas para o final das filmagens. "É claro que poderiam arrumar uma dublê de corpo para todas minhas sequências de dança [como Jennifer Beals em Flashdance]", refletiu Madonna, "mas a ideia de outra pessoa executando meus números era repulsiva."

Enquanto pensava como prosseguir, Madonna decidiu revelar a novidade somente para as pessoas mais próximas: seu -personal trainer, sua assistente e o pai da criança, Carlos. Resolveu não contar às irmãs, nem a nenhum de seus amigos. "Não é que eu tivesse vergonha de alguma coisa", explicou mais tarde. Seu maior medo, acrescentou, era que a história de alguma forma vazasse para a voraz imprensa. Sabia que a ideia de uma Madonna mãe solteira se tornaria instantaneamente um furo mundial e causaria uma sensação que, a seu ver, faria de sua vida um verdadeiro inferno. "Vão mandar seus fotógrafos para me torturar", disse na época, "e estou desesperada para terminar as filmagens em paz."

Finalmente, quando percebeu que não tinha outra escolha a não ser informar Alan Parker, Madonna pegou o telefone.

"Você está sentado, Alan?", perguntou, a título de saudação. Então entregou: "Estou grávida".

"Quanto?", o atarantado Parker perguntou, confuso. "Quer dizer, para quando é?"

Uma corrida na reta final

ALAN PARKER TENTOU NÃO ENTRAR em pânico mas, como se recordaria mais tarde, não conseguia deixar de fazer alguns cálculos rápidos após descobrir que sua estrela principal estava esperando um bebê: quantas semanas de filmagem ainda restavam naquele filme de 59 milhões de dólares e por quantas semanas ainda ela manteria sua aparência magra e esguia. Não havia outra coisa a fazer a não ser dar-lhe os parabéns, e concordar com ela de que ambos deveriam esperar para "ver o que acontece agora". Também concordaram que era melhor manter a gravidez em segredo, por medo da interrupção que a reação da mídia pudesse causar ao filme. Madonna contaria mais tarde que se sentia como uma adolescente assustada tentando esconder dos pais severos uma gravidez indesejada.

Não demorou muito, contudo, até alguns membros da equipe começarem a desconfiar das inexplicáveis e contundentes mudanças feitas por Parker no cronograma de filmagem, sobretudo no que dizia respeito às sequências de dança. "Começaram a se perguntar se eu finalmente havia pirado de vez", lembrou-se Madonna. Assim, ela e Parker não tiveram outra escolha a não ser notificar os outros produtores sobre sua condição. Madonna, contudo, continuou a fazer segredo de sua gravidez para os amigos e colegas atores, sentindo que quanto menos pessoas soubessem, maiores as chances de manter o assunto longe da mídia. "Senti como se estivéssemos numa corrida contra o tempo", disse na época. "Como eu iria fazer fotos glamourosas para promover o filme quando não conseguia nem entrar em meus figurinos?"

Sozinha em seu quarto de hotel à noite, Madonna refletia, preocupada. A gravidez deveria tê-la feito feliz, mas não. Tinha a sensação incômoda de que estava quase destruindo o que ela e os demais haviam lutado tanto para conseguir. Mas será que o sucesso no filme era assim tão importante, lembra-se de ter se perguntado. "Tudo que quero, na verdade, é alguma paz em minha vida", ouviram-na dizer a ninguém em particular. "É pedir muito?"

Os dias eram longos, filmando cenas ao ar livre sob temperaturas geladas, subindo e descendo ruas à frente de uma multidão que carregava tochas e cantava pedindo que Perón fosse libertado. Em alguns dias, teve de permanecer

de pé quatro horas seguidas, dançando na maior parte do tempo. Em uma cena, como uma Evita cada vez mais doente, teve de cair no chão protegendo o útero. Tomada após tomada, Madonna repetia pacientemente a queda, e quando a cena finalmente ficou completa, estava coberta de hematomas. Embora xingasse e resmungasse, confidenciou em particular que estava muito orgulhosa de seu trabalho naquele dia. ("Sei que será uma cena muito tocante.") Era bastante trabalho duro, provavelmente ainda mais do que previra quando lutara pelo papel.

De volta ao hotel, mirando-se no espelho, não encontrava em seu reflexo o rubor feliz da gravidez. Em vez disso, sua imagem revelava uma mulher exausta com o rosto marcado por imperfeições. Podiam-se ver claramente uma série de linhas em torno da boca, uma teia de pregas nos cantos dos olhos. Sentada em sua penteadeira, começava a aplicar cuidadosamente a maquiagem. Seus olhos não se desgrudariam de sua imagem enquanto não estivesse satisfeita com a máscara a ser exibida em público. Porém, como se lembraria mais tarde, levaria muito tempo, um dia de cada vez, para alcançar aquele seu objetivo.

Sentindo frio constantemente, parecia não ser capaz de conseguir se aquecer. Tampouco era capaz de pôr de lado totalmente a lembrança do dia de trabalho, de modo a poder relaxar e, quem sabe, às vezes (nem sempre) conseguir dormir. Sentia-se em pânico, ansiosa, "como Judy Garland em seus últimos dias", conforme explicou a um de seus assistentes. Mais tarde, teve de admitir que não conseguia afastar a deprimente sensação de que estava vivenciando a dissolução de sua vida cuidadosamente construída, de que tudo pelo que lutara com tanto ardor para conseguir estava em vias de se perder para sempre.

Não era um bom momento.

Sem alarde?

EM 13 DE ABRIL DE 1996, a agora empresária de Madonna, Caresse Norman, telefonou para a colunista de fofoca número um dos Estados Unidos, Liz Smith— sempre uma grande incentivadora da carreira de Madonna— e confirmou a notícia da gravidez. O artigo de Liz Smith sobre isso foi publicado nos jornais do mundo no dia seguinte.

"Surpresa, surpresa, a cegonha não pôde esperar", escreveu ela. "As boas novas de Budapeste acabam de chegar — Madonna está de fato grávida."

"Madonna não quer fazer muito alarde disso", Liz Rosenberg disse a Liz Smith em um telefonema logo depois, "embora eu não saiba como ela espera conseguir isso. Mas está delirante de felicidade, assim como todos que lhe são próximos. Detesto recorrer a um clichê, especialmente sobre Madonna, mas ela está radiante!"

Pouco antes do telefonema dado a Liz Smith, Madonna ligou para seu pai, Tony, dando-lhe as surpreendentes notícias. Durante a filmagem de Evita, ela desenvolvera um relacionamento mais estreito com sua família, ironicamente por telefone e a uma grande distância. A cada vez que Madonna telefonava para seu pai da Argentina para lhe dizer como estava indo, ele ficava emocionado de ouvi-la. Tinha orgulho dela, dizia. As conversas frequentes que tiveram sobre sua vida e carreira nessa época certamente foram mais civilizadas do que as conversas em anos recentes. Inadvertidamente, Madonna parecia sempre levar a mal as coisas que Tony dizia.

Por exemplo, um ano e meio antes, seu pai lhe telefonou para contar que vira o vídeo de "Remember" na televisão e achara que ela estava muito "bonita" nele. Em vez de aceitar o cumprimento pura e simplesmente, Madonna não pôde deixar de se aborrecer.

"Mas pai, esse clipe está passando faz seis meses e só agora você vem dizer isso?", lembra-se de ter lhe dito.

"Sabe, é que a gente não assiste muito à televisão", ele disse.

"E você pensa que está acompanhando o que ando fazendo", ela lhe disse. "Meu Deus. Aí não tem nem tevê a cabo?"

A partir disso, a discussão aumentou. "Meu pai se recusa a admitir quem sou

eu e o que conquistei", disse a um repórter pouco depois.

Contudo, agora que estava a tantos quilômetros de casa e com tantas coisas na cabeça, Madonna parecia capaz de distanciar-se o suficiente dos aborrecimentos para sentir saudades de seu pai e do restante da família. "Estava com saudades de casa", afirma seu irmão Martin, a quem telefonava periodicamente. "Ligava para todos nós, seus irmãos e irmãs e até alguns primos." Ou, como Tony contou a um parente: "Temos conversado, não brigado. Eu não sei, talvez as coisas estejam mudando".

Foi como se em alguns aspectos Madonna estivesse de fato transformando a si mesma em uma pessoa mais delicada e razoável — o tipo de mulher que estava tentando convencer seu público de que era nessa época. "Não que fosse uma santa", diz Alan Parker, "mas notei que, com o transcorrer das filmagens, ela parecia amadurecer."

Quando Madonna soube que estava grávida, disse que não queria que seu pai soubesse disso pelos jornais. Telefonou para ele dando-lhe as novas, e também confessou-lhe que era a pessoa mais importante em sua vida — e que esperava que sua filha não lhe causasse tantas decepções quanto ela causara a ele por tantas vezes no passado.

É claro que Tony ficou preocupado com o fato de Madonna não estar casada e não parecer muito inclinada a se casar com Carlos Leon. Porém, sentiu muito orgulho e ficou cheio de uma emoção genuína com o telefonema. "Nós choramos ao telefone", lembra-se ele. "Percebi que minha filha estava crescendo. E foi gentil comigo", disse, rindo. "Nada de tiradas engraçadinhas."

É provável que com a gravidez finalmente tenha vindo um senso de aceitação e reconhecimento por parte de Madonna de que só lhe restava vivo um dos pais, e que deveria pelo menos tentar ser boa com ele. Se havia dirigido sua fúria pela morte da mãe contra Tony — e certamente parecia à maioria das pessoas que era exatamente isso que tinha feito ao longo dos anos —, talvez agora percebesse o quanto fora injusta com seu pai. Ou talvez simplesmente houvesse crescido e aceitado a morte de sua mãe como uma terrível tragédia pela qual ninguém era responsável, e que a capacidade de seu pai em continuar seguindo com sua própria vida era um ato de força e coragem, não uma traição à memória da falecida esposa. Com certeza, se uma tragédia similar um dia ocorresse com Madonna, ela também de alguma forma daria prosseguimento a sua vida, por mais difícil que isso pudesse ser. O espírito dos Ciccone — passado de pai para filha — é forte e resoluto. Ou, como diz o ditado, tal pai, tal filho.

A histeria da mídia acerca da gravidez de Madonna não surpreendeu ninguém de seu meio; as notícias viajaram pelo globo rapidamente como um boletim de guerra. Com sua característica propensão por ser dramática operando,

Madonna se queixou da atenção: "Bom, o mundo sabe", disse na época. "E sinto como se minhas entranhas tivessem sido abertas. A primeira página do Post, a CNN, até a Rádio Húngara. Para que tanto alarde?", perguntou. "Queria que todos simplesmente me deixassem fazer meu trabalho."

A mãe de Carlos, de 49 anos de idade, Maria Leon, que é assistente social, saiu em defesa de Madonna. "Tudo que as pessoas dizem sobre ela não é verdade. Quando você a conhece, descobre que é muito amistosa e calorosa. É uma pessoa real, como você e eu." O pai dele, Armando, que possui uma rede de lojas de cheque-cashing (troca de cheques) em Manhattan, acrescenta: "Ela adora Carlos. E nós a amamos também". (Armando disse que quando seu filho apareceu em uma reunião de família pela primeira vez com Madonna — para degustar o que, segundo viriam depois a saber, era seu prato predileto: feijão preto —, "não pudemos acreditar. Pensamos que era uma sósia, ou algo assim. Tocamos música cubana e conversamos a noite toda".) Nessa importante época da filmagem de Evita, Madonna não podia evitar de sentir que o interesse do público e da mídia em sua gravidez era um aborrecimento. O que ela queria mesmo, alegava, era privacidade e paz de espírito, a fim de conseguir terminar o filme.

Para tornar as coisas ainda mais interessantes para a mídia, as piadas em cima de Carlos Leon começaram instantaneamente. Ele visitara Madonna em Buenos Aires porque ela o queria a seu lado para lhe dar apoio moral quando anunciasse sua gravidez, mas ficou cada vez mais entediado ali, esperando, enquanto ela trabalhava longas horas no set. Quando viajou de volta a Nova York, descobriu o agressivo interesse que a imprensa tinha sobre ele. "É ótimo estar de volta a Nova York", rosnou quando um fotógrafo tirou sua foto sentado em um banco no Central Park. Para seu grande desgosto, a imprensa agora o chamava de o "Sêmen Superior de Madonna" e seu "Namorado Faz-Bebê" (ambas as manchetes cortesia do New York Post).

A imprensa imediatamente descobriu que ele nascera em Nova York e crescera na rua 91 West, em uma vizinhança bem diferente da elegante coletividade do Central Park (para a qual ele recentemente se mudara). Amigos também recordaram o leve sotaque das ruas na voz de Carlos. Algumas fontes insinuaram que Carlos esperava que o encontro com Madonna pudesse representar a oportunidade de uma vida melhor para ele. "Carlos ambicionava mais", lembra-se uma antiga namorada que pediu anonimato.

"Ele achava que poderia ser modelo ou ator."

Seu leal amigo Michael Gacki rapidamente veio em sua defesa. "Ele não está agarrado na barra de sua saia", declarou ao New York Post. "Ele acorda às seis da manhã todos os dias, trabalhando doze ou treze horas por dia como personal

trainer para conseguir seu ganha-pão. Está com ela há um ano e meio, e na minha opinião isso não o mudou em nada." Gacki prossegue explicando que ele e seu amigo Carlos já estiveram os dois envolvidos com mulheres "mais bem-sucedidas" que eles, mas que "nós queremos ter certeza de nos virarmos sozinhos".

Patrice Gonzalez, que nunca foi namorada de Carlos mas teve um relacionamento platônico com ele, afirma: "Ele é mesmo esse tipo de cara que olha para as pessoas e as vê pelo que realmente são, e isso inclui Madonna. Gosta dela desde o instante em que a conheceu. Ficou espantado que fosse tão tímida, como acabou percebendo depois. Mas quem é que pode dizer de fato se estava perdidamente apaixonado? Ele nunca quis se prender ao mundo dela. Ela era temperamental, uma companhia difícil. Além disso, ele é do tipo ciumento. Se ela aparecesse em uma revista cumprimentando algum modelo, ficava louco da vida. Também tinham bate-bocas de tempos em tempos a respeito da forma como o tratava. Ela gostava de dar ordens às pessoas."

Patrice estava na casa dos pais de Carlos quando ele e Madonna foram fazer uma visita. Quando estavam se preparando para sair, Madonna virou para o namorado e, num tom meio brusco, disse: "Pegue meu casaco".

"Pegue você", ele devolveu, com os olhos chispando de irritação.

"Qual é seu problema?", perguntou ela. "Não pode pegar meu casaco?"

"Carlos, vá buscar o casaco dela", disse Maria, sua mãe, tentando apaziguar as coisas. "Seja um cavalheiro."

"Olhe, não sou seu assistente pessoal", Carlos disse a Madonna, ignorando o pedido de sua mãe. Parecia claro para a maioria dos observadores que, para ele, havia muito mais em questão do que apenas buscar o casaco da namorada. Provavelmente ele e Madonna haviam tido discussões semelhantes antes. "Se você quer que eu vá buscar seu casaco, diga 'por favor'", falou ele. "Eu não trabalho para você, não sou seu funcionário, entendeu?"

Madonna revirou os olhos e lançou-lhe um olhar gelado. "Meu Deus", resmungou.

"Ah, agora dá para entender", disse Carlos. "Sabe, subestimei completamente sua capacidade de ser... uma vaca."

Embora Madonna parecesse furiosa, conseguiu de alguma forma controlar seu temperamento. Talvez tentando pôr panos quentes porque a mãe dele estava presente, aquiesceu.

"Carlos, será que poderia pegar meu casaco?", disse, antes de acrescentar docemente em espanhol, "-por favor".

Enquanto Carlos ajudava Madonna com seu casaco, sua mãe disse: "Então, então. Viram que bonito?".

Quando Madonna finalmente contou a Carlos que estava grávida, ele percebeu, segundo Patrice Gonzalez, que sua filha iria criar uma ligação entre eles com a qual teria de lidar para o resto da vida. "Isso foi uma grande adaptação para ele", diz Patrice, "e o forçou a encará-la de outra forma, como uma mulher que ficaria em sua vida por muito tempo."

Muitos jornalistas chegaram ao ponto de sugerir que Madonna estava tendo um bebê como um tipo de golpe publicitário extremo para seu filme. Embora ofendida, ela provavelmente não deve ter ficado surpresa com a insinuação. Afinal de contas, parecia a muitos observadores que faria qualquer coisa para promover um projeto. Assim, por que não aquilo? "As pessoas têm sugerido que fiz isso [ficar grávida] para chocar os valores da sociedade", disse. "São comentários que só um homem faria. É difícil demais ficar grávida e trazer um filho a este mundo para fazê-lo apenas por capricho ou provocação. Há também especulações de que usei Carlos como pai de aluguel, querendo dizer com isso que sou incapaz de ter uma verdadeira relação. Percebi que esses comentários são todos feitos por pessoas que não podem conviver com a ideia de que algo de bom esteja acontecendo comigo. Algo especial que são incapazes de estragar."

Traição

MADONNA COMPREENDIA AS ARMADILHAS de ser mundialmente famosa. Certamente, isso lhe custara a perda de privacidade, e estava acostumada a lidar com o fato. Também compreendia que cometera sérios enganos em sua vida amorosa. Depois de Tony Ward, jurara que seria mais seletiva. Contudo, era uma criatura sexual com necessidades e desejos normais. Embora não quisesse se envolver em uma relação séria com o homem errado, ainda precisava compartilhar intimidade física com alguém. Era compreensível para todos que a conheciam que acabasse se envolvendo intimamente com o libidinoso astro do basquete Dennis Rodman. Contudo, uma escolha ruim é uma escolha ruim, mesmo se resulta em sexo extraordinário... Dennis acabaria traindo o relacionamento dos dois ao escrever sobre isso em seu livro de memórias, Badass I Wanna Be.

Dois anos antes, em 1994— antes da filmagem de Evita —, Madonna começou a sair com Dennis Rodman, um astro do basquete dois anos mais novo do que ela que gozava de uma reputação excêntrica — dentro e fora das quadras. Com sua aparência bizarra — cabelo loiro descolorido, tatuagens e inúmeros piercings —, bem como seu comportamento extravagante, ele desfrutava dos holofotes da celebridade tanto quanto Madonna. De fato, seguindo à risca o manual de carreira de Madonna, muitas vezes agia de modo polêmico apenas pela farra — como da vez em que anunciou seu casamento e apareceu na coletiva de imprensa completamente travestido, com um vestido de casamento e véu. E então declarou que estava se casando consigo mesmo.

A brincadeira entre os dois começou quando Madonna encontrou Dennis pela primeira vez e pediu seu telefone. Em vez de lhe dar o número de seu telefone, ele passou o número do fax. "Você está tentando me sacanear", escreveu-lhe ela pelo fax no dia seguinte. "Este número é desta droga de máquina. Qual o problema com você?"

Mas não demorou para que mensagens brincalhonas e às vezes picantes começassem a voar para lá e para cá entre os dois. "Quero ter seis filhos", Rodman mandou por fax a Madonna, "o que você acha?"

Ela respondeu que por ela tudo bem ter seis filhos, mas que teriam de

começar a trabalhar nisso imediatamente. "Você acha que estou brincando, mas verá que não", escreveu. Também mencionou que teria se interessado por Dennis mesmo que fosse um duro e trabalhasse numa revendedora de carros. "Deite em sua cama, feche seus olhos e me foda em algum momento hoje", concluía.

Talvez porque estivesse no auge de sua própria notoriedade, Dennis Rodman não parecia nem um pouco impressionado com a fama ou o dinheiro de Madonna, o que aos olhos dela apenas servia para torná-lo ainda mais interessante. Um amigo de Dennis lembra-se de estar em uma festa com os dois. "Estávamos paquerando umas garotas", disse.

"Madonna não parava de tentar entrar no meio, mas ele a ignorava." Pouco acostumada a ser ignorada, quando Rodman finalmente deu-lhe seu número de telefone (não do fax, enfim), começou sua campanha para conquistá-lo. "Ligava de dez a quinze vezes por dia", revela o amigo de Rodman. "Ficava perguntando: 'O que está havendo?

O que você está fazendo?'."

No começo de 1995, Dennis confidenciou a amigos que Madonna era "diversão pra valer". Enquanto isso, Madonna, por sua vez, também confidenciou a amigos que estava apaixonada por Dennis, embora pareça difícil imaginar que qualquer um dos dois pudesse acreditar nisso— ou que ela mesma acreditasse. É mais provável que estivesse seduzida pela química sexual entre os dois. Quando ele não estava disponível e ela não conseguia fazer contato por telefone — talvez ele estivesse escolhendo que ligações atender —, inundava-o com faxes românticos cheios de mensagens como "Bom dia, Papai Pernas Longas".

Essas brincadeiras tolas duraram por alguns meses e não resultaram em muita coisa, a não ser uma aventura inconsequente no quarto para os dois participantes. Madonna terminou o relacionamento quando ouviu dizer que Dennis estava fazendo fofocas sobre ela para amigos comuns. Mais tarde, quando alguns dos faxes que lhe enviou acabaram sendo publicados no tabloide Globe, ela percebeu que, se é que fazia alguma diferença, fora infeliz em seu desejo. Os comentários de Rodman na Playboy de que teve de romper com ela quando começou a pressioná-lo para engravidá-la — certamente um tema dominante em sua vida nessa época com os homens com quem saía — deixaram-na ainda mais furiosa com ele. (Rodman recordou à Playboy; "Esteja em tal quarto de hotel em Las Vegas nesse dia específico para me engravidar". Ele declinou.) Pouco mais de um ano depois, Rodman escreveu seu livro. Nele, foi explícito sobre as preliminares e as conversas íntimas entre os dois: "Ela não é nenhuma acrobata, mas também não é nenhum peixe morto". Quando o livro de memórias foi publicado, Madonna correu para a loja e comprou um exemplar

para si. Segundo algumas fontes, leu o capítulo sobre ela e ficou tão nervosa que atirou o livro no fogo.

"Um certo jogador de basquete asqueroso, com quem cometi o erro de me envolver, decidiu publicar uma autobiografia e dedicou todo um capítulo a algo parecido a fazer sexo comigo", falou Madonna posteriormente. "Incluindo um diálogo inventado pelo qual nem mesmo um escritor pornô assumiria o crédito. É tão idiota que tenho certeza de que ninguém vai levar a sério, mas não fico muito feliz em ler as manchetes e é claro que mais uma vez me sinto explorada por alguém em quem confiei e a quem admiti em minha vida."

Ela também explicava: "Quando o encontrei pela primeira vez, enviei-lhe alguns faxes bobos com uns desenhos infantis, e meses depois que paramos de nos encontrar, eles foram levados ao [programa de fofocas da televisão] Hard Cofy, e então pensei: 'Isto é só o começo...'".

O público talvez ficasse surpreso de saber que Madonna foi discreta demais para contar a verdade sobre seu relacionamento com Rodman, que, da forma como foi, guardava pouca semelhança com o que ele retratava no livro. Segundo pessoas próximas a Madonna e Rodman, o casal só manteve relações sexuais por duas vezes — e não de cinquenta a cem vezes, como ele se gabava em seu livro.

Segundo a dançarina Trina Graves, que saiu com Rodman em Chicago: "Ele foi bem específico em me dizer que ele e Madonna dormiram juntos uma vez em Miami, e que foi um grande desapontamento. Pôs a culpa nela, chamando-a de frígida. Disse que não conseguia ficar excitado quando estava com ela, porque fazia muitas exigências na cama. Disse que tirava sua virilidade.

"Porém, depois que eu mesma estive com Dennis, pude ver o outro lado. Ele é egoísta demais para fazer amor com uma mulher de um jeito que possa ser considerado memorável.

Minha experiência com ele foi chata, insípida. Nada de que valha a pena falar." Trina Graves recorda que o astro do basquete nem mesmo tirou seu terno de seda no encontro. Em vez disso, baixou suas calças de uma forma que mais sugeria uma cena pornográfica do que alguém fazendo amor. "E não", admite, "comigo também não subiu."

Uma amiga de Madonna que a conhece há vinte anos concorda: "Madonna jurou muito tempo atrás que faria sexo com um homem somente uma vez se ele se provasse egoísta demais para se preocupar com a satisfação dela — e isso com certeza é uma definição de Dennis Rodman. Além disso, ela esperava mais de um homem do que Dennis tinha a oferecer. Disso, tinha certeza".

A essa amiga em particular, Madonna confidenciou que, depois que ela e Dennis ficaram bêbados uma noite, desabaram juntos na cama. "O pobre coitado não conseguia se excitar com ela", disse a amiga. "Culpou o álcool nessa noite.

Então, na noite seguinte, ela quebrou sua própria regra e deu-lhe uma nova chance.

"Dessa vez, Dennis conseguiu, mas apenas para sua satisfação — dela, não. A coisa toda durou cerca de quinze minutos. Depois, fim. Nunca mais fizeram sexo."

A amiga de Madonna diz que, após a publicação do livro de Dennis Rodman, a cantora decidiu não contar a verdade sobre seu caso com o jogador porque não queria "ser tão má com ele como Dennis fora com ela, mentindo sobre Madonna em sua biografia. Nada daquilo era verdade". Embora houvesse afirmado à imprensa que o livro estava "cheio de mentiras", resolveu deixar que Rodman conservasse sua imagem de machão, mantendo segredo de que era um fracasso na cama. "Madonna poderia ter manchado a reputação máscula de Rodman se houvesse decidido contar a verdade sobre sua proeza sexual", diz a fonte, "mas, em vez disso, acho que optou por ter pena dele.

Ela me disse: 'Tenho dó daquele bosta'."

Durante uma entrevista de Madonna com Oprah Winfrey, esta notou que havia lido na imprensa que Rodman queria se desculpar com ela por causa do livro (que passou oito semanas no topo da lista dos mais vendidos do New York Times e lhe rendeu uma quantidade imensa de publicidade). Madonna disse: "Bem, seria melhor se ele rastejasse daqui até a China". Na verdade, Madonna e Dennis Rodman já tiveram uma conversa telefônica sobre isso. De algum modo, Rodman conseguiu ligar para Madonna em Londres e pedir desculpas "por qualquer mal-entendido".

Segundo se disse, ela respondeu: "Dennis, nós dois sabemos o que aconteceu quando fizemos sexo... e não foi nada sobre o qual valesse a pena escrever".

Modelo de comportamento?

DEVIDO A SUA ESPERTEZA NOTÓRIA para as relações públicas, não é de surpreender ninguém que Madonna goste de verdade de dar entrevistas para a mídia. Embora ache que já disse tudo que tinha a dizer para a imprensa— e mais de uma vez —, entende plenamente o valor da publicidade e está sempre disposta a jogar o jogo se for o momento apropriado em sua vida e carreira. Não suporta a maioria dos repórteres e jornalistas — "parasitas!" —, mas reconhece que lidar com eles é um mal necessário.

Durante as filmagens de Evita, sabia que ainda tinha de se comprometer com a imprensa, mesmo que estivesse exausta com o cronograma. Afinal de contas, estava trabalhando em um filme caríssimo com um monte de coisas envolvidas, não só para ela, mas também para seus produtores. Qualquer publicidade, percebia, provavelmente ajudaria o projeto. Ainda assim, não conseguia evitar de sentir desconfiança em relação à mídia, na maior parte por causa da forma como sua gravidez estava sendo tratada na imprensa.

Madonna ficava magoada, e às vezes lívida, de ler editoriais nos jornais discutindo se era ou não um modelo de comportamento decente para os jovens. Furiosa, disse a um repórter que a sociedade era "doente". Quando instada a explicar-se, continuou: "Esse interesse e fascínio bizarro com... bem, parece que sou a primeira celebridade a ficar grávida sem estar casada. É tudo tão absurdo, a quantidade de atenção e como as coisas são deturpadas. Como se o que estivesse fazendo fosse muito incomum".

Ela ficou particularmente irritada quando leu que Camille Paglia, a polêmica feminista homossexual, havia deduzido que a razão para Madonna ter um bebê fora do casamento era sua incapacidade de se ligar a um homem. Paglia observou que o público tinha razão em ficar preocupado com o bem-estar da criança.

"Por acaso alguém se queixou de que nem Susan Sarandon nem Goldie Hawn sejam casadas com os pais de seus filhos?", retrucou Madonna, batendo na mesa com a palma da mão. "Quem disse alguma palavra quando Woody Allen e Mia Farrow tiveram um filho e continuaram a viver cada um de um lado do Central Park? Por que ninguém espera que essas pessoas sejam modelos de

comportamento?"

Madonna especulava — provavelmente de forma acertada — que o público se sentiria mais confortável se ela simplesmente se casasse com Carlos Leon, apenas para que depois o casamento deles fracassasse. Mas se resolvesse ser honesta sobre seu futuro com Leon, tinha de admitir que não havia futuro para os dois. Ela definitivamente não iria se casar apenas para aplacar o público.

"Não quero ser a advogada do casamento, OK?", gritou com uma repórter da revista USA Weekend. "Sou eu quem deve escolher o que vou ou não defender. Por que não posso defender a liberdade de expressão, o sexo seguro e esse tipo de coisa? Isso é liberdade de expressão — dizer que não sinto que precise casar para ter uma boa relação e criar os filhos de uma maneira saudável."

Provavelmente o melhor curso de ação seria simplesmente dar um basta na loucura... parar com as entrevistas, parar de ler histórias sobre si mesma, parar de convocar os repórteres para discutir com eles sobre o que deveriam escrever. Contudo, era incapaz de aguentar. "Se soubesse que algo estava sendo publicado, ai, meu Deus, não conseguia deixar de ler", contou um antigo colega. "E, ai, meu Deus, tinha de discutir isso. Alguém pensaria que tinha muito o que pensar só com o filme, mas não, não Madonna. Tinha de tomar conta também da mídia. Por quê? Eu não sei..."

Talvez a razão para o comportamento de Madonna com a imprensa é que— como ficou demonstrado por seu comportamento no passado — parece ser uma pessoa que tem necessidade do máximo de drama possível em sua vida. Quando as coisas ficam muito tranquilas, parece sentir uma compulsão para o caos. Quando percebe que finalmente se concentrou em um projeto, parece procurar um motivo para confusão. Essa é Madonna.

Com mais duas semanas de filmagem pela frente, a estrela grávida estava exausta, com razão. Durante cinco meses, acordara todas as manhãs às seis para passar por três horas de cuidados com a aparência, tendo seu cabelo penteado e enrolado segundo a elaborada moda dos anos 40. Suas unhas passavam por uma manicure cara e perfeita, a cor de seus olhos era alterada para castanho com dolorosas e irritantes lentes de contato e dentes falsos incômodos eram fixados no lugar.

Para Madonna, era como se houvesse passado um dia inteiro antes mesmo de começar a trabalhar. Embora tentasse focar sua visão quando andava pelo set devidamente paramentada, em geral o que estava em torno era apenas um borrão. Sob o olhar aprovador dos cenógrafos e figurinistas, Madonna trabalhou nas suas últimas semanas de uma forma que parecia de algum modo desligada.

Nessa mesma época, ela também se sentiu culpada sobre até que ponto era capaz de se concentrar no filme. Como disse mais tarde, muitas vezes se pegava

"pedindo desculpas a meu filho ainda não nascido por qualquer sacolejo desconfortável que estivesse lhe causando". Ansiava em fazer compras para o enxoval do bebê, admitiu, mas sabia que teria de esperar apenas mais duas semanas até o filme ser completado antes de poder dar ouvidos ao chamado da maternidade.

Ironicamente, algumas das mais cansativas cenas do filme estavam programadas para as duas últimas semanas. Sentindo-se desamparada e cada vez mais ansiosa, precisava fazer as cenas extenuantes da morte de Evita, bem como novas tomadas da dramática cena no balcão, nas últimas semanas de produção. Enfiou algumas aspirinas na boca e rapidamente as engoliu com um pouco de água Evian, a fim de se preparar para as provações que se seguiriam. Após lançar um olhar aterrorizado na direção de Alan Parker, fez o que tinha de fazer. "A intensidade das cenas que estávamos rodando e a quantidade de trabalho e concentração emocional necessárias ao longo do dia são tão exaustivas do ponto de vista mental e físico que tenho certeza de que precisarei ser internada quando tudo acabar", escreveria mais tarde em seu "diário" para a Vanity Fair.

Ao longo de todo o tempo, a única coisa que manteve Madonna seguindo em frente era o que sempre a fazia prosseguir: a esperança de conseguir um sucesso maior do que conhecera no passado. Seus instintos lhe diziam que estava realizando seu melhor trabalho nesse filme. O que sempre desejara para si mesma, mais do que ser uma sensação do pop ou uma artista de sucesso, era ser uma estrela de cinema. Contudo, era o objetivo que parecia o mais evasivo de todos. Se ao menos pudesse aguentar e continuar a fazer o melhor trabalho de que era capaz, com a qualidade de interpretação que vinha obtendo desde o início das filmagens de Evita, Madonna tinha certeza de que seu futuro no cinema estaria, finalmente, assegurado. Esse tipo de sucesso com quase toda certeza faria valer a pena todo seu sofrimento. Ou, pelo menos, assim pensava ela na época.

Anticlímax

DEPOIS DE TODO O TRABALHO PESADO, ansiedade e expectativa, o último dia de filmagens de Evita, em 27 de maio de 1996, mostrou-se um anticlímax para Madonna. Mais tarde, ela admitiria que fantasiava com um final emocionante para sua longa provação. Estava imaginando que, ao pronunciar suas últimas falas, desabaria emocionalmente diante de seus colegas de trabalho, completamente dominada pela experiência. Embora fosse se sentir grata que o filme houvesse acabado, também se sentiria triste que tivesse chegado o tempo de dizer adeus para todas aquelas maravilhosas pessoas de quem gostara e que admirava cada vez mais, e que lhe retribuíram com igual amor e admiração — ou pelo menos assim o fizeram, naquela sua fantasia particular. Madonna até mesmo se deu ao trabalho de preparar um discurso de despedida dramático e lacrimoso, que cada membro da equipe e do elenco levaria para casa como parte de sua memória afetiva dela, algo para poder contar a seus familiares e amigos... e talvez também aos futuros biógrafos de Madonna. Passando a mão trêmula sobre a testa, estava pronta para começar seu discurso no estilo régio de Evita quando, na conclusão da última tomada, Alan Parker gritou: "Isto é tudo". Porém, antes que tivesse a chance de começar a falar, todo mundo debandou e rapidamente começou o trabalho de desmontar os cenários. Ninguém pensou duas vezes.

De repente, estava tudo terminado. Contudo, Madonna não se sentiu como achou que se sentiria, conforme explicou mais tarde. Não havia sensação de tristeza, júbilo ou gratidão, como contaria depois. Em vez disso, sentiu-se... entorpecida. Ela piscava e as lágrimas vinham rápidas aos seus olhos.

Então, pareceu indefesa, como se estivesse tentando compreender o que acabara de acontecer. Talvez percebendo sua confusão, alguém se aproximou— não se lembra quem —, deu-lhe um forte abraço e então sussurrou alguma coisa — não se lembra o quê — em seu ouvido.

Enquanto a equipe embrulhava os equipamentos, não houve discursos, nada de despedidas tristes. "Eu estava tão cansada", lembra-se Madonna. "E todos os demais também."

No total, foram 229 cenas; 40 mil extras apareceram em roupas de época;

cerca de 6 mil figurinos tiveram de ser trazidos de vinte diferentes lojas de roupas em Londres, Roma, Paris, Nova York, Los Angeles e San Francisco. O guarda-roupa de Madonna consistiu de 85 roupas, 39 chapéus, 45 pares de sapatos, 56 pares de brincos e quantidade semelhante de cortes de cabelo — enquanto o departamento de arte criou 320 diferentes cenários, incluindo 24 mil objetos de cena.

Para Madonna, o filme acabou bem na hora, não apenas porque sua barriga começava a ficar apertada dentro das roupas, mas também porque estava à beira de um colapso emocional. "Não teria aguentado nem mais um minuto", lembraria.

Porém, mesmo que as filmagens houvessem acabado, a estrela grávida não teria muito descanso. Para divulgar Evita entre o grande público, a máquina publicitária dos Estúdios Disney começou a rodar a pleno vapor. Eles estavam determinados a criar um "evento" em torno da estreia do filme, anunciando uma programação adiantada, "lançamentos exclusivos" nas principais cidades americanas. Poucas semanas depois de voltar para os Estados Unidos, Madonna viu-se como parte integrante de uma campanha maciça que incluía publicidade em revistas de moda, com vistas a promover o "visual Evita". Em sua edição de novembro de 1996, por exemplo, a Vanity Fair concedeu-lhe a publicação do que se descobriria ser, provavelmente, um dos maiores press releases do mundo, algo chamado "Os diários secretos de Madonna".

"Isto é, de alguma forma, um diário", escreveu Madonna em uma introdução ao longo artigo, "um livro de esboços de sentimentos, ideias e sonhos, tudo relacionado a um só tema — a produção de Evita [...] um mês antes que as filmagens começassem fiz uma promessa a mim mesma de que escreveria tudo que acontecesse comigo. Estava com um frio na barriga e sabia que aquela era a aventura de minha vida. Queria poder me lembrar de cada detalhe."

O público de Madonna devorou mais esse petisco, assim como fazia com tudo servido por ela, sem perder tempo pensando que pessoas que mantêm "diários secretos" para documentar eventos importantes em suas vidas em geral não os publicam alguns meses depois em revistas internacionais. Mas o "livro de esboços" dos sentimentos de Madonna forneceu de fato alguma informação útil sobre a atmosfera na produção do filme, conseguindo, como era a intenção, deixar o leitor curioso para assisti-lo.

EM setembro de 1996, Madonna estava profundamente afetada por sua gravidez. Em 9 de setembro começou a escrever um diário sobre isso. Nele, disse que havia dias em que não conseguia nem mesmo trabalhar, pois se sentia à mercê de mudanças de humor que tornavam sua vida impossível. Também se queixava de hemorroidas, dores nas costas e dizia que "minha vida virou um

inferno".

Ainda assim, conseguia se divertir um pouco com os amigos. "Assim que Evita chegou ao fim, passamos um montão de tempo juntas", diz sua boa amiga Juliette Hohnen.

"Provavelmente foi a primeira vez em anos que se viu forçada a permanecer em um único lugar por algum tempo. Dávamos boas risadas fazendo um teste do percurso entre sua casa e o hospital, treinando para o grande momento. Por mais que praticássemos, sempre errávamos o caminho em algum ponto e então, como uma dupla de irmãs briguentas, culpávamos uma à outra por não saber dirigir ou se orientar."

Além de um diário escrito, Madonna também manteve um relato em vídeo de sua gravidez. Os amigos que o assistiram disseram que é tão comovente que deveria ser mostrado para o público. Segundo uma fonte: "Ela falou sobre o quanto foi difícil a gravidez, como se sentiu doente, como seu rosto ficou todo desfigurado, como se sentia pouco atraente e como sabia que tudo valeria a pena pelo bebê. Sei que quando sua filha vir esses vídeos em anos futuros, sentirá uma proximidade especial com sua mãe que Madonna nunca sentiu com a mãe dela — um dos objetivos de Madonna nesse projeto".

"M [muitos de seus amigos a chamam de 'm'] me disse que ter um bebê crescendo dentro dela a fez desejar fazer um esforço para corrigir algumas coisas que fizera no passado sobre as quais não estava muito feliz hoje", disse sua grande amiga. "Por exemplo, sei que durante sua gravidez ela pelo menos tentou consertar seu rompimento de longa data com Michael Jackson."

Michael não falava mais com Madonna desde a época em que a irmã dele fez pouco caso da proposta de clipe em que Madonna queria que Michael Jackson se vestisse de mulher. Contudo, no final de 1996, Madonna mandou-lhe um bilhete desejando-lhe sorte no início de uma turnê para a qual estava embarcando na época, e enviou um enorme arranjo de flores para Praga, onde era a estreia da turnê. Tentou se abster de fazer comentários críticos sobre ele, o que para ela era difícil.

"Também começou a telefonar para pessoas com quem não falava ou encontrava havia anos", diz sua amiga. Diane Giordano conta: "Ela me disse que queria ser uma boa mãe, mas tinha medo de que isso não fosse possível porque estava acostumada a ser autocentrada. Tornou-se uma pessoa espiritualizada, e começou a olhar para si mesma de um jeito novo e mais descomprometido. Assim, a gravidez de M foi uma época emocional e muito humana para ela — bem como para todas as pessoas em sua vida que recebiam surpreendentes telefonemas no meio da noite de Madonna pedindo perdão. Ficar grávida e resolver ter o bebê foi a decisão mais difícil que já teve de tomar, mais difícil do

que qualquer outra coisa em sua carreira. Assim como para muitas mulheres, engravidar representou uma época decisiva em sua vida".

Embora fosse complicado, especialmente perto do fim da gravidez, ainda tentava aproveitar seu tempo livre. Juliette Hohnen recorda: "Decidimos ir a uma exposição de arte quando estava com nove meses de gravidez. Para evitar os infalíveis paparazzi, tivemos de nos deitar na traseira de uma minivan imunda. Tanta coisa para um transporte glamouroso".

Também tentou ir a quantas festas fosse possível, só para se manter ocupada. Após um encontro com o fotógrafo Herb Ritts no restaurante Perino, em Beverly Hills, em setembro de 1996, com uma enorme barriga (usando um vestido azul-claro de corte diagonal desenhado por Susan Becker, um suéter combinando de Anna Molinari e levando no pulso o relógio de ouro cravejado de diamantes que Donatella Versace deu-lhe de aniversário), Madonna confessou a amigos próximos que se sentia deslocada, "gorda, feia e horrorosa". Estava parada em um canto com aspecto solitário e miserável. Ritts passou direto por ela, sem notá-la, e quando a viu pediu desculpas e disse: "Sinto muito, não vi você". Ela disse: "Não sei como alguém pode não me ver, estou grande como a porra de uma casa".

Andava com desejos pouco usuais para ela: ovos e omeletes de todos os tipos, sorvetes de caramelo e de morango, pizza, cheeseburger e outras tranqueiras. Uma pessoa a viu em uma pequena biboca numa parte decadente de Hollywood, de pé em um canto, "comendo um daqueles abomináveis cachorros-quentes com um refrigerante".

Lourdes

EM 14 DE OUTUBRO DE 1996, com 38 anos de idade, Madonna deu à luz uma menina de quase três quilos a quem batizou de Lourdes Maria Ciccone Leon, no Hospital do Bom Samaritano, em Los Angeles. Lourdes — cujo nome foi inspirado pela famosa cidade de peregrinação homônima, na França — nasceu com fartos cabelos bem pretos, como seu pai. Foi um parto difícil; dezesseis horas de trabalho que terminaram em uma cesariana. Madonna inicialmente tinha esperança de um parto natural, com a trilha sonora de um filme romântico de Alan Rudolph, de 1988, chamado The Modems, tocando suavemente ao fundo. Mas seu sonho de um nascimento tranquilo foi por água abaixo quando a realidade da dor a fez mudar de ideia. "Eu só quero que isso tudo acabe", disse aos médicos. "Foda-se The Modems. Não aguento isto!" Enquanto a conduziam até a sala de parto, Madonna, meio grogue, virou-se para Carlos Leon, sua recém-promovida empresária Caresse Norman, sua assessora de imprensa Liz Rosenberg e diversos outros amigos e guarda-costas e disse: "Tchau pra todos vocês, vou entrar na faca, agora".

Apesar de ter se registrado com o pseudônimo de Victoria Fernandez, seguiu-se a previsível correria da mídia, incluindo os inevitáveis artigos "Madonna e seu bebê" que rapidamente se disseminaram pelo mundo. Do lado de fora do hospital, onze caminhões estavam estacionados, equipados com pequenas torres de satélites, além de dúzias de equipes de câmera e hordas de fotógrafos e repórteres, todos esperando pacientemente por novos mexericos — como a revelação de que o pediatra de Madonna era o dr. Paul Fleiss, pai de Heidi Fleiss, a famosa cafetina de Hollywood. O nascimento ocorria apenas dois meses antes da estreia de Evita. A coincidência entre esses dois eventos tão importantes na vida de Madonna "era incrivelmente poética", segundo ela. "Esperei tanto por esse filme e ele finalmente aconteceu. Desejei tanto ter um bebê e engravidei enquanto fazia o filme. De repente, Deus me deu dois presentes tão importantes para mim." Ela observou que "tudo que faço é tão observado de perto que eu não deveria ficar surpresa de que continuasse assim depois que engravidei. Tentei manter algum senso de humor quanto a isso, mas fico muito irritada. Minha filha não é um artigo de consumo, não é um novo

passo na carreira, não é uma apresentação a ser julgada e criticada. Tampouco eu estou fazendo o papel de mãe".

Carlos Leon — que cortara o cordão umbilical com a tesoura cirúrgica— daria a Madonna a plena custódia do bebê. Quanto à questão do casamento, Madonna afirmou enfaticamente: "Não sinto a necessidade. Estou perfeitamente feliz do jeito que as coisas estão". Ao definir o papel paterno na criação de um filho, Madonna disse: "Acho que é tão importante quanto a mãe. Mas eu não apontaria especificamente o que cabe ao homem ou à mulher. Ambos tem funções a desempenhar". Quando pressionada a responder se o ideal seria ter tanto a mãe quanto o pai em casa, Madonna rebateu: "Eu cresci sem mãe e me saí muito bem".

Madonna decidiu que não iria liberar uma foto oficial da pequena Lourdes para o consumo das massas (o que só aconteceria um ano depois na Vanity Fair), o que serviu apenas para tornar uma foto do bebê ainda mais exclusiva. Se um fotógrafo conseguisse obter um retrato nítido, estimava-se que poderia conseguir até 250 mil dólares por ele. Ela ficou enraivecida que o preço por uma fotografia de sua filha fosse tão exorbitante, embora também deva ter compreendido que, se houvesse divulgado uma foto, o preço — e quem sabe até o interesse — teria declinado dramaticamente.

Enquanto Madonna se recuperava do parto, o interesse da mídia nela e em sua filha continuou em alta. Com a estreia de Evita a apenas dois meses de acontecer, as subsequentes entrevistas dadas por ela giraram tanto em torno da maternidade quanto da produção do filme. E assim, com a máquina da publicidade em funcionamento, a imagem suavizada que começara a orquestrar pouco antes do início das filmagens também entrou em cena. Agora, finalmente estava apta a anunciar para o mundo que era uma Madonna mais delicada e gentil, com novos valores e compromissos mais dignos... e nada mais, nada menos do que um bebê.

"Madonna tem sido retratada inúmeras vezes como petulante, indecente e rude", escreveu o jornalista Jonathan Alter depois de uma entrevista com ela. "Mas descobri que nenhuma dessas coisas é verdade. Foi emotiva sobre a maternidade, apaixonada sobre a interpretação de Eva Perón e surpreendentemente incerta sobre o que a aguarda no futuro. Em lugar de sua lendária autoconfiança, Madonna pareceu, de modo pouco usual, vulnerável."

EM uma matéria que foi chamada de capa na revista Redbook, Madonna disse: "Quando comecei a pensar seriamente sobre a maternidade e em tomar conta de uma criança, certas pessoas que eu achava divertidas e interessantes já não pareciam tão divertidas e interessantes. Fiz uma tremenda faxina emocional e acabei com um punhado bem menor de amigos".

Nas quatro primeiras semanas após o nascimento de Lourdes, Madonna não fez nada além de cuidar dela, segurá-la e dar-lhe de mamar. Depois lentamente começou a voltar ao trabalho, sentando-se em sua mesa e conversando ao telefone, tentando administrar sua gravadora. "Foi uma adaptação e tanto", disse Madonna. "Eu costumava fazer uma lista e sabia que conseguiria dar conta de tudo. Agora tem um monte de coisas que deixo de fazer, e está tudo bem."

Madonna enviou uma mensagem para seu pai, Tony, e sua esposa, Joan, para que viessem visitá-la em Los Angeles e conhecer Lourdes. Foi uma época feliz. Se havia alguma animosidade entre Madonna e seu pai e sua madrasta, certamente não ficou evidente durante o tempo que a visitaram após o nascimento do bebê. Outros membros da família Ciccone — e também a família Leon — foram à casa dela para comemorar o nascimento. Tony pareceu se dar bem com Carlos, e alguns observadores perceberam que tentou convencê-lo a se casar com sua filha. "Papai, pare com isso, por favor", disse ela, de bom humor. Ela usava calças de estilo militar e uma camiseta regata, com o sutiã à mostra (o que talvez tenha feito Tony dar um tempo). "Carlos fará o que achar melhor. Se quiser casar comigo, vai casar." É claro que a decisão de tornar Madonna uma mulher casada muito dificilmente caberia a Carlos.

Um mês após o nascimento do bebê, Madonna mais uma vez voltou seus olhos para o futuro— e para a -première de Evita, em dezembro. Com seu 1,64 metro de altura, a estrela havia chegado a pesar excessivos 63,5 quilos antes do nascimento de Lourdes, e agora podia ser vista pedalando furiosamente em volta do Griffith Park, em Los Angeles, tentando emagrecer uns dez quilos e chegar a 52 antes da noite da première. Nas semanas seguintes mergulhou em um programa de dieta pobre em gordura e de exercícios extensivos, e no início de dezembro já estava voltando à velha forma.

Pouco antes de dar à luz, ela pusera sua mansão de mais de 7 mil metros quadrados — antiga residência do gângster Bugsy Siegel — à venda por 6,5 milhões de dólares.

Madonna dizia que a casa, que fica logo abaixo do famoso letreiro "HOLLYWOOD", era mal-assombrada e que não queria viver ali com sua filha. Seu duplex em Manhattan também estava à venda por 7 milhões de dólares. Preparando-se para o bebê, ela comprara uma aconchegante casa de 2,7 milhões de dólares em um bairro de Los Angeles, Los Feliz. Construída na década de 1920, a casa em estilo mediterrâneo de três dormitórios tinha 4.600 metros quadrados, além de um chalé com dois dormitórios, e estava situada em um terreno de 8 mil metros quadrados. Madonna dividiria seu tempo entre essa residência e sua mansão de 4,9 milhões de dólares em Miami.

Evita: o filme e a trilha sonora

DEPOIS DE MUITA DIVULGAÇÃO, Evita finalmente teve sua grand première em Los Angeles, em dezembro de 1996, no Shrine Auditorium, à qual Madonna e Carlos Leon compareceram juntos. Ela usava um vestido carmim inspirado em Eva Perón, desenhado por John Galliano, um chapéu emplumado e véu, e charmosos sapatos de cadarço de Manolo Blahnick.

Parecendo confiante e vivaz, foi escoltada por guarda-costas conforme fazia sua entrada grandiosa entre a confusão de policiais, limusines, câmeras de filmagem e fãs, quase 2 mil deles. Definitivamente, estava à vontade quando as luzes choveram sobre ela sob os gritos de repórteres e fotógrafos tentando chamar sua atenção.

O sorriso de Madonna era amplo. Exultante, ria, acenava e posava enquanto os paparazzi batiam fotos e os repórteres escreviam suas anotações.

"Sim, foi muito divertido", disse a um.

"Não, não tenho planos para outro filme", explicou a outro, "mas se você conhece algum produtor, diga-lhe para me ligar", acrescentou rindo.

"Veja o filme", disse com entusiasmo para um comentarista de tevê e seu câmera. "É minha maior realização, depois de minha filha."

Lá dentro, conversou com Antônio Banderas e Melanie Griffith, parecendo genuinamente feliz, mesmo com um tratamento de canal de emergência marcado para o dia seguinte.

Depois, o próximo compromisso da estrela seria voar para Londres com sua filha para a première de Evita na Inglaterra.

A cara produção de 56 milhões de dólares foi um rápido sucesso comercial; em geral, as resenhas dos filmes eram favoráveis. Richard Corliss, da revista Time, escreveu: "É um alívio dizer que o filme de Alan Parker, com estreia marcada para o dia do Natal, é muito bom, com ótimo elenco e lindas imagens. Madonna mais uma vez mexe com nossas expectativas. Ela realiza uma interpretação digna de orgulho da partitura. Sem dispor do vigor da Evita de uma Elaine Paige, do West End,[19] Madonna faz Evita com uma fadiga pungente. Ela possui mais do que apenas um brilho fugaz de estrela. Ame ou odeie Madonna-Eva, mas ela é um ímã para todos os olhos. Não deixe de vê-la".

É verdade; Evita é uma produção espetacular. A direção do filme e a direção de arte estão soberbas. O elenco de apoio é excelente, os cenários são de tirar o fôlego, os figurinos são deslumbrantes... tudo isso vem se somar para compor um filme visualmente belíssimo. Ele entretém o tempo todo e, por vezes, emociona. Mas como foi a performance de Madonna como estrela?

Não há como negar que ela é uma artista pop magnífica. Em seus videoclipes e shows tem uma magia que, em seus melhores momentos, é capaz de fascinar e eletrizar o público. Provavelmente, se tivesse emprestado um pouco da sexualidade cintilante e despojada de sua personagem musical a Eva Perón (como fizera em seu primeiro filme, Procura-se Susan desesperadamente), sua interpretação teria sido um sucesso estrondoso. Mas a escolha de Madonna foi minimizar a avidez, o desejo de sucesso, a necessidade de sobressair de Eva Perón. Sua determinação de retratar uma imagem mais simpática da personagem — e de si mesma — acabou privando Evita de seus sentimentos ocultos mais prementes. No final, as habilidosas manipulações de Evita tornam-se suaves sugestões; canções que deveriam explodir de intensidade em vez disso apresentam certa palidez. Por exemplo, a acanhada interpretação de Madonna da canção "I'd Be Surprisingly Good For You" dilui o que deveria ter sido um tour de force, e faz com que pareça fraca e queixosa.

Madonna dança com maestria e está adorável nos figurinos de época (embora pareça velha demais em certas cenas do início quando — filmada em uma penumbra escura — interpreta Eva na adolescência). Mas o espectador permanece sempre consciente de Madonna como uma artista pop trabalhando com afinco no papel. Em nenhum momento ela se torna uma só com a personagem. Seu desempenho é tão calculado — assim como sempre foi em seu trabalho — que não parece haver um único momento verdadeiramente orgânico para ela como atriz no filme todo. Quase podemos ouvir sua mente trabalhando: click — olhe desta forma, click — sinta desta forma, click — hora de chorar.

Em seus momentos mais fracos, há distrações agradáveis. Por exemplo, sua performance na tão esperada cena de "Don't Cry For Me, Argentina", no balcão da Casa Rosada, parece mecânica e sem paixão, especialmente considerando tudo que fez para conseguir a locação. Contudo, de alguma forma a cena tira ímpeto e vigor dos movimentos de câmera, das dramáticas mudanças de luz e particularmente dos outros atores. Os olhares furtivos de rebeldia e admiração de Antônio Banderas, os orgulhosos incentivos de Jonathan Pryce em segundo plano e as fortes emoções nos rostos dos extras que interpretam os partidários de Evita emprestam sua força a uma cena em que Madonna — com todo o esforço de seus músculos do pescoço — parece ser incapaz de conclamar.

Embora possa haver discussões entre diferentes grupos sobre seu trabalho

como atriz no filme, como cantora Madonna não poderia estar mais maravilhosa. Quando o álbum duplo com a trilha sonora de Evita foi lançado, a interpretação que se ouviu foi de fazer cair o queixo. Madonna cantou as canções com um senso de disciplina e profundidade técnica e emocional raramente vistos ou ouvidos antes em suas apresentações, e uma familiaridade segura em relação à obra que lhe permitiam entrar nas canções de Webber e Rice de uma forma que parecia ainda mais profunda e convincente do que sua transformação em Evita na tela.

Como Evita Perón, Madonna é responsável por cantar a maioria das peças do musical, sozinha ou com outra voz. Quando faz sua primeira aparição na trilha sonora — como a melancólica voz de Evita, refletindo em seu túmulo durante a triste passagem de "Oh What A Circus" —, é maleável e forte, e não soa de jeito nenhum como fora de lugar. E está ainda mais firme em "Eva and Mafaldi/Eva Beware Of The City", um movimento com andamentos complexos e conflitantes. Vozes melhores que a dela certamente já cantaram a festiva e determinada "Buenos Aires", uma das marcas registradas do musical, mas Madonna também se sai bem.

No final, Madonna achou seu espaço como cantora em uma obra digna de ser chamada inquestionavelmente do mais desafiador material de sua carreira. Ela não se limitou a cantá-la com correção, como algumas outras cantoras transformadas em atriz podem ter feito, mas teve um desempenho que foi, em alguns momentos, cativante. Quem pode negar que sua voz tem uma presença marcante e inequívoca na audição de "You Must Love Me"?

Dois singles da trilha, a já mencionada "You Must Love Me" e "Dontt Cry For Me, Argentina", chegaram respectivamente ao décimo oitavo e ao oitavo lugar da parada da Billboard, ao passo que em 1996 a própria trilha sonora, por sua vez, atingiu o segundo lugar na parada de álbuns da revista. O disco vendeu 5 milhões de cópias nos Estados Unidos e mais 11 milhões no restante do mundo. Com aquela reunião de canções, ela acrescentou mais um triunfo a um currículo excelente já recheado de realizações... e também silenciou uma boa parcela de gente que caçoava dela no processo.

No mínimo, o interesse que cercou Evita — o filme e a trilha sonora -deve ter dado a Madonna mais oportunidades de estrelar filmes de grande orçamento. O Globo de Ouro, concedido pela Foreign Press Association, reconheceu seu valor ao lhe dar o prêmio de melhor interpretação feminina em um musical ou comédia. Certamente, esse prêmio foi uma honra merecida, simbolizando ura ano de extraordinário trabalho duro, dedicação e comprometimento de parte de Madonna. Infelizmente, nenhuma oferta se seguiria a ele, pelo menos nenhuma que julgasse digna de merecer seu tempo e energia. Para completar, o Oscar a

esnobou, embora "You Must Love Me" ganhasse o prêmio de melhor canção (que foi entregue aos compositores Webber e Rice).

"Eu sou paciente", concluiu em uma entrevista. "Papéis femininos são difíceis de aparecer, especialmente bons papéis. Eu gostaria de dizer que conduzo minha carreira de uma forma inteligente, mas nesse caso como explicar Corpo em evidência? Quando surgir a personagem certa, talvez eu perceba, talvez não. Não sou um gênio. Faço o melhor que posso."

---

[19] Conhecida como a "primeira-dama do teatro musical britânico", Elaine Paige foi a primeira protagonista de Evita, em 1978. (N.T.)

Sem futuro com Carlos

DEPOIS QUE A LENDÁRIA ESTRELA DE CINEMA Elizabeth Taylor passou por uma cirurgia para remover um tumor benigno do cérebro em 1997, Madonna lhe enviou uma cesta de frutas enquanto ela convalescia no hospital. O cartão dizia: "Você é meu ídolo. Nunca haverá outra Elizabeth Taylor. Fique boa". Após Elizabeth voltar para casa, Madonna se tornou uma visitante frequente de sua mansão em Bel Air, e uma amizade entre as duas mulheres começou a florescer. Quando Madonna levou a pequena Lourdes em uma visita pela primeira vez, Elizabeth ficou fascinada com a criança. Incitou Madonna a casar-se com Carlos Leon e a "dar um pai a ela. Minha querida, é óbvio que você ama esse homem", teria dito Elizabeth Taylor, "então por que não se casa com ele? Deus sabe que me casei com muito mais homens que me deram muito menos do que Carlos deu a você. Ele lhe deu um lindo bebê e irá lhe dar mais coisas ainda. Além disso, é lindo".

As duas riram sobre o fato de que Madonna quisera que o Papa batizasse sua filha, mas que ele recusou. "Imagine, eu sendo recusada pelo Vaticano", disse ela, segundo uma de suas amigas. "Como ele ousa?" (Na verdade, Madonna não achava que o Papa pudesse consentir com tal batismo. Afinal, não era nem casada. Mas o que tinha a perder perguntando?) Em vez disso, o batismo de Lourdes ocorreu na igreja de São Judas, em Miami. "Foi bonito, mas não era o Vaticano", disse a Elizabeth Taylor.

Madonna posteriormente insinuou em uma entrevista que esperava que sua filha fosse criada como católica, pois "essa base foi importante para mim, e importante para Carlos. Pode-se dizer o que quiser sobre o catolicismo, as coisas que você adquire no caminho ajudam de fato a dar-lhe algo em que se apoiar quando está com problemas. Então, quando você tem esse alicerce, pode começar a olhar para outras filosofias — e foi isso que eu fiz".

Os dois ícones culturais — Liz e Madonna — tornaram-se boas amigas, e assim permanecem até hoje. Madonna descobriu ter em comum com Elizabeth Taylor sua recém-descoberta busca espiritual; recentemente, ela ficara interessada na cabala, um tratado medieval e místico do judaísmo que enfatizava a ligação entre o eu e o universo. Madonna começou a convidar amigos para

estudar com ela, descrevendo-a como "uma interpretação mística do Antigo Testamento".

Com tantos motivos para se sentir exausta em sua vida e carreira atribuladas — inúmeros Grammys, turnês, bajulação mundial —, talvez parecesse que a única coisa que lhe restava fazer era finalmente abraçar quem ela era de verdade, e não apenas quem parecia ser quando ligada a sua carreira ou a um homem. Tornou-se uma seguidora tão devotada da cabala que promoveu uma dinâmica reunião em Los Angeles em 18 de setembro para discutir a filosofia com amigos e colegas de negócios. "A cabala é o único lugar onde não me sinto como uma celebridade", disse. Embora tenha passado a maior parte de sua vida discutindo os aspectos positivos e negativos de sua criação católica, Madonna agora afirmava que nada a tocara mais do que a cabala e que só agora se sentia totalmente preparada emocionalmente para assumir a responsabilidade por sua vida. Depois de voltar a Los Angeles, Madonna surpreendeu alguns de seus colegas assistindo regularmente a aulas sobre a Bíblia no Kabbalah Learning Center, em Los Angeles. O despertar espiritual iria também plantar sementes para o próximo grande passo artístico.

Embora Elizabeth Taylor e outros amigos tenham insistido com ela para casar-se com o pai de sua filha, no início de outubro de 1997 Carlos Leon parecia estar desaparecendo rapidamente da vida de Madonna. A maioria dos observadores acreditou que Madonna terminou o relacionamento assim que conseguiu dele o que desejava: uma criança.

Não era tão simples assim. Na verdade, foi Carlos que começou a perder o interesse em continuar a relação com Madonna e, convenientemente, nesse preciso momento ela passou a distanciar-se dele. Que não iriam se casar foi uma decisão mútua. Após o nascimento de Lourdes, ele contou a amigos que não queria estar casado com uma mulher "que nunca vai para a cama antes das duas da manhã e que acorda às cinco para ver o que foi publicado sobre ela em alguma merda de país estrangeiro". Ela tinha uma boa vida, disse, mas não sabia se divertir, "pois alguma coisa sempre está acontecendo em sua vida, algo dramático, que acaba estragando seu dia. Não é justo. Ela dá duro demais em troca de tantos dias ruins".

Outro problema, segundo Patrice Gonzalez, tinha a ver com a constante ênfase de Madonna em sua carreira, independentemente de onde estivesse ou do que estivesse fazendo o casal. "Tudo dizia respeito a ela, o tempo todo", afirma Patrice, "e isso o repelia muito. Carlos entendia — afinal de contas, ela era quem era —, mas nunca gostou. Era um homem orgulhoso, sentiu-se desprezado."

Patrice e outros amigos de Carlos contam de uma ocasião — sem dúvida, houve várias — em que estavam em uma festa com Carlos e Madonna em

Manhattan e puderam observá-lo sendo jogado de escanteio.

"Chegaram juntos", diz Patrice, "mas em questão de minutos estavam separados. Os convidados meio que instintivamente abriam caminho para deixá-los avançar pela sala, e então caíam sobre ela como abutres, pondo-o de lado. Nas duas horas seguintes, Carlos ficou sentado em um canto enquanto Madonna e seus amigos e colegas conversavam sem parar sobre ela e Evita."

Parecendo absorto, Carlos caminhou até o bar, onde se juntou a um amigo. Quando apoiou os cotovelos no balcão, uma tatuagem em forma de coração (com a data da primeira vez que encontrou Madonna) pôde ser vista em seu bíceps esquerdo. Ele também usava um caro anel em forma de coroa, um presente dela no primeiro aniversário dos dois.

Provavelmente notando sua ausência, Madonna caminhou até ele. "Qual o problema, Carlito?", perguntou.

"Para ser franco, estou de saco cheio de ouvir falar em Evita", respondeu ele. "Desde o momento em que chegamos, cada palavra que foi dita é sobre você e esse filme", continuou, tentando manter a calma. "Esta gente nem mesmo sabe quem sou eu ou o que é que eu faço. E estão pouco se lixando."

Sem dúvida, Madonna já ouvira esse tipo de queixa antes de seus namorados. Sabia que era difícil para qualquer homem ficar na sombra, principalmente se não fosse uma celebridade. "Eu não gostaria de bancar o senhor Madonna para ninguém", disse certa vez. Ainda assim, segundo um amigo de Carlos que estava presente, ela pareceu um pouco magoada. "Todo mundo aqui está orgulhoso de mim", disse. "Por que você não?"

Carlos sacudiu a cabeça. "Você não consegue mesmo entender, não é?", perguntou, lançando-lhe um olhar duro, decidido. "Isso não tem nada a ver com você, Madonna."

Madonna não respondeu. Em vez disso, com o cenho franzido, examinou o fundo de seu copo quase vazio, como se esperasse encontrar a resposta ali.

"Não era que não tivesse orgulho", disse Patrice Gonzalez. "Ele simplesmente estava cansado de ouvir falar nela e na sua realização recente. Disse que sabia cada fala em cada cena daquele filme, de tanto que ouvira falar naquilo. Aonde quer que fossem juntos, a conversa sempre era sobre Evita - como estava furiosa com alguma coisa que acontecera, como estava feliz com outra coisa, como seu dia fora ruim, como fora bom. Então, quando o filme terminou, a conversa continuou a ser sobre ele, como havia sido, como ela nunca esqueceria de tudo. Assim, sair em público e ficar cercado por aquele papo interminável era demais para Carlos."

"Esta é sua vida, não a minha", disse ele com tristeza, enquanto estavam juntos um ao lado do outro no bar.

"Eu sei", disse Madonna. Por um momento, sua expressão transmitiu um profundo desespero. Então, sacudiu a cabeça com aborrecimento e disse: "Carlos, acho que você está bancando o bebê chorão. Venha, vamos nos divertir. Sabe de uma coisa?", disse com um sorriso. "Que tal se a gente só conversar sobre você o resto da noite?"

Ele não respondeu, provavelmente magoado de que estivesse fazendo pouco de sua frustração.

"Vamos, me pague um drinque", continuou, tentando desanuviar o momento. "Meu copo está vazio. O copo de uma dama nunca pode estar vazio."

Depois de um momento de silêncio que deixou claro que ele não estava brincando — nem bêbado —, Madonna virou-se para Carlos e disse: "Meu gato está cansado de mim, hein?". Na ponta dos pés, esticou-se para dar um beijo suave no rosto dele. "As coisas vão se resolver por si mesmas", disse. A amiga de Carlos percebeu um tom de inevitabilidade na voz de Madonna, de compreensão e aceitação. "Confie em mim", disse antes de sair.

Carlos pareceu indeciso.

Em pouco tempo começaram a correr os rumores de que a relação de Madonna com Carlos Leon havia terminado e de que seus advogados negociavam um arranjo financeiro que assegurasse não só sua segurança financeira como também seu silêncio. Segundo o acordo, como saiu na imprensa, Carlos teria determinados direitos de visita, mas teria de assinar documentos concordando em nunca tentar obter a custódia plena da filha.

Se era sua intenção realmente fazer-lhe uma proposta financeira — e, vamos ser realistas, seria uma grande ingenuidade acreditar que uma tal oferta não foi feita e aceita —, o acordo com Madonna teria de ser generoso. Carlos recebera inúmeras propostas de escrever um livro sobre seu relacionamento com Madonna, uma delas de mais de 3 milhões de dólares. Ela ficou preocupada quando chegou a seus ouvidos a possibilidade de um livro de sua autoria. Contudo, não precisava ter se preocupado.

Leon rejeitou a oferta completamente. Com lealdade a toda prova, prometeu que jamais escreveria sobre seu relacionamento, tampouco responderia a entrevistas sobre ela, e que não tinha de incluir tais cláusulas em seu acordo. "É algo implícito", disse-lhe, segundo um amigo seu.

Madonna suspeitava que poderia confiar na discrição de Carlos — e de que não diria nada negativo ou revelador sobre ela — e, assim, fez exatamente isso. Embora nem sempre houvesse feito o melhor juízo quanto à escolha de parceiros no passado, dessa vez percebeu a importância de não repetir a série de circunstâncias em sua vida que a levaram a se envolver com alguém como Dennis Rodman. Carlos foi uma boa escolha. Segundo alguns amigos dos dois,

ela tomou plena consciência de sua devoção, e ficou ainda mais preocupada com seu bem-estar, nos anos que se passaram após a decisão de não se casar. Após as complicações de tantas relações infelizes e turbulentas— Penn, Kennedy, Beatty, Ward, até Rodman —, Madonna finalmente dera com um dos mocinhos: Carlos Leon. Mas como ocorre muitas vezes quando o assunto é amor e romance, não era tão simples assim. Embora Carlos pudesse ter o potencial para ser o parceiro ideal, a dura verdade era que Madonna não sentia por ele o tipo de amor duradouro que faria as coisas funcionarem entre os dois — tampouco ele sentia por ela.

Carlos nunca falou sobre qualquer acordo financeiro com Madonna, se existe de fato um. Na opinião de um amigo seu, "Madonna e Carlos chegaram a um acordo com certeza.

Ouvi dizer que recebeu alguns milhões de dólares, casas em Los Angeles e Nova York e 100 mil dólares por ano até Lourdes completar dezoito anos. Encare os fatos.

Mesmo que isso não seja completamente acurado, alguma coisa conseguiu, mas isso não significa que ela vai lhe arrumar trabalhos para o resto da vida. Ele não quer isso, e ela não vai fazer isso. Carlos é muito orgulhoso. Considera Madonna uma de suas maiores amigas no mundo e mesmo que os dois provavelmente se afastem cada vez mais com o passar dos anos, ainda têm uma coisa em comum, e sempre terão: Lourdes".

De fato, na época do primeiro aniversário da filha, em outubro de 1997, Carlos Leon não deu as caras. Em vez disso, foi Ingrid Casares que acompanhou Madonna e Lourdes para ver os golfinhos em um aquário em Los Angeles. Enquanto isso, Leon era flagrado por fotógrafos divertindo-se nas ondas de Malibu com uma loira de biquíni. Os fotógrafos mostraram o casal correndo pela areia, mergulhando no mar e se beijando no que parecia um abraço apaixonado. Nessa época, Leon até mesmo já possuía seu próprio "porta-voz", Eric Weinstein, que, a despeito das reveladoras fotos, declarou: "Carlos e Madonna estão tentando reatar as coisas". Madonna ficou descontente quando viu as fotografias publicadas em um tabloide — os quais ela lia religiosamente —, não porque Carlos estivesse seguindo com sua vida, mas porque sentia que ao se mostrar capaz de fazer aquilo dava a impressão para o público de que ela era dispensável. "Você não deixa Madonna por uma loira barata qualquer", disse a um colega. "Acho que Carlos deveria ser mais discreto. Mas o que posso fazer? Afinal, ele precisa ter sua vida, também."

Um ano depois, o repórter Chris Wilson, do New York Post, reconheceu Carlos em uma festa em Nova York distribuindo folhetos anunciando um filme de baixo orçamento chamado Blasphemy, no qual fazia um papel. Quando

Wilson perguntou-lhe se ainda conversava com Madonna, ele ficou furioso. "Não falo sobre minha vida pessoal!", disse, exasperado. "Esta entrevista acabou!" Carlos então mandou Wilson devolver o luxuoso panfleto promocional que acabara de lhe dar. Quando Wilson hesitou em devolver, Leon agarrou seu braço e grunhiu: "Vou revirar seus bolsos", fazendo um gesto em direção a um amigo com aparência de capanga, que grosseiramente o mandou devolver o folheto.

Os instintos de Madonna sobre ele estavam corretos desde o início. Parecia que definitivamente ela não teria de se preocupar com Carlos Leon dizer muita coisa para alguém sobre ela. Mesmo assim, encontrei-o por acaso em um bar no East Village em Nova York no final de 1999 e tive oportunidade de lhe fazer algumas perguntas.

Leon disse que via sua filha Lourdes "o máximo que podia. Ela é a luz da minha vida". Também garantiu que "Madonna é a melhor mãe do mundo, e sei que posso confiar nela em relação a nossa filha. Mas Lourdes é nossa filha, não só dela. Odeio quando os jornalistas agem como se eu não existisse, como se Madonna fosse mãe solteira. Eu existo. Não estamos casados, mas eu estou envolvido". Quando lhe perguntei sobre a existência de algum acordo contratual entre os dois, Leon foi sucinto: "Amamos um ao outro, confiamos um no outro. Mais pessoas deveriam tentar fazer isso".

Andy Bird

OS ANOS 90 FORAM DE MUITAS FORMAS difíceis, desafiadores para Madonna. Ainda que continuasse a desfrutar de grande sucesso comercial, sentia que a fama pela qual tanto ansiara no passado agora nada mais era do que uma sanguessuga faminta e insaciável que a sugava até secar, impedindo-a de ser verdadeiramente feliz. A maioria do público tinha a falsa impressão de que, como era famosa, também se sentia incrivelmente realizada em sua vida e amada de verdade. Mas pessoas famosas sempre dirão que a realidade é oposta — que se você não conseguiu se realizar de fato em sua vida, a adoração de milhares de pessoas na verdade só pode fazê-lo se sentir ainda mais vazio. Nas piores circunstâncias — como fora para Madonna —, a fama se tornara um substituto para o amor, uma influência perturbadora em sua vida, muitas vezes trazendo um sentimento de felicidade quando, na verdade, não havia felicidade alguma. "Eu costumava ser tão infeliz", disse recentemente. "Talvez seja por isso que eu sou tão, sei lá, talvez cruel com tanta gente... embora não ache que esteja preparada para superar isso", acrescentou com uma risada. O nascimento de Lourdes foi de enorme ajuda a esse respeito, dando a Madonna um senso de satisfação que nunca sentira antes. "Desde que minha filha nasceu, comecei a perceber a efemeridade da vida", disse. "E não quero desperdiçá-la me preocupando com coisas como que batom usarei hoje."

Ela se provou uma mãe excelente, afirma sua amiga íntima e confidente Rosie O'Donnell. "É uma mãe severa e amorosa. Por exemplo, não quer que a filha assista à televisão.

Dá para imaginar? Eu uso a tevê como babá para minhas [quatro] crianças. Se não fosse pelo aparelho, não sei o que faria para mantê-las ocupadas." (Quando pequena, Madonna também era proibida de assistir à televisão por seu pai, Tony, que achava que havia meios melhores de ocupar o tempo de uma criança.) É verdade que Madonna insiste que sua filha não veja televisão, dizendo que não quer a garota sendo influenciada por imagens de violência e sexo. Mesmo que tenha construído sua carreira como uma imoral deusa do sexo, ela acredita que as crianças devem ser protegidas desse tipo de situação. (Diz também que se alguma vez descobrir que Lourdes está saindo com um homem

casado, "vou ter de matá-la".) "E nada de junk food para Lourdes, também", diz Rosie O'Donnell. "E quando a garota vem para minha casa para passar o fim de semana, pode esquecer! A criança que deixa aqui é outra: devora doces, assiste à MTV, é malcriada. Para dizer a verdade", continua a comediante, "acho que Madonna sabe que é muito dura com ela e a deixa passar uns dias em minha casa para lhe dar um tempo. Mas quando volta para a mamãe, entra na linha novamente. E então, quando me faz nova visita, tenho de começar o processo todo outra vez para transformá-la em uma de 'minhas' crianças."

Na vida privada de Madonna, Carlos Leon desempenhou seu papel, fosse como parceiro de um romance temporário, fosse como apenas um amigo de confiança capaz de lhe dar um filho que ela desejou tão desesperadamente. Agora, com ele totalmente fora do cenário, estava ansiosa para seguir adiante com sua vida e carreira.

Em setembro de 1997, Madonna deu início ao que se tornaria um relacionamento instável com o aspirante a ator e roteirista britânico Andy Bird, depois de terem sido apresentados em Los Angeles por um amigo comum, Alek Keshishian (o diretor de Na cama com Madonna). Seria com Bird que Madonna retomaria sua vida amorosa depois de Carlos Leon. Embora seu palpite para homens houvesse parecido acertado quanto a Leon, a escolha de Bird se mostraria um pouco menos feliz. Ela pode ser a mundialmente famosa Madonna, mas é tão falível quanto qualquer outra pessoa quando se trata de escolher um parceiro. É verdade que aprendeu algumas lições sobre amor e relacionamento ao longo do caminho, e quem sabe pensou que as estivesse aplicando em sua vida quando optou por ficar com Andy Bird. Contudo, como descobriria mais tarde, estava enganada.

Madonna se apaixonou imediatamente pelo inglês de 1,90 de altura que usava seu cabelo castanho claro perto do ombro e sempre se vestia de preto. "Foi desejo à primeira vista", revelou uma amiga sua na época. "Ela o chama de Andy 'Esquisitão'. O cara não está exatamente montado na grana. Parece que não tem um tostão furado, mas Madonna caiu perdidamente por ele. Quando estavam juntos, não conseguia tirar as mãos de cima dele."

A um olhar superficial, é fácil ver por que Madonna apreciou a companhia de Bird, pois é um homem que gosta de verdade das mulheres. Em seus primeiros encontros, pareceu muito curioso sobre ela, dificilmente falando de si e, em vez disso, fazendo-lhe perguntas que a obrigavam a pensar sobre si mesma. Com isso, acabou se tornando um verdadeiro enigma para ela no começo de seu namoro, mais do que o contrário. Logo Madonna se sentiu imensamente intrigada com sua aura de mistério. Baseando-se no que ouvira sobre ele de amigos comuns, era um homem de vasta experiência sexual, embora raramente

mencionasse qualquer coisa sobre isso. Sua discrição a esse respeito fascinou Madonna, que é uma mulher antiquada no sentido de que julga cavalheiro um homem que não é do tipo que conta detalhes íntimos. Sem falar que essa característica em particular caía muito bem em qualquer um que estivesse envolvido numa relação com uma celebridade como ela, deve ter pensado.

Pouco depois de conhecer Andy Bird, Madonna voou para Londres para passar dois meses em busca de uma residência, afirmando que achava a Inglaterra um lugar mais seguro para criar sua filha. "Apaixonei-me pelo lugar", disse. "Fiz amigos excelentes em Londres e estou pensando até em pôr minha filha na escola de lá. Acho que os britânicos são mais inteligentes que os americanos." Com seu namoro avançando sob o olho atento da mídia, eles se mudaram para uma casa alugada em Chelsea. Por duas vezes, Bird levou Madonna para visitar seus pais em Stratford-upon-Avon, o local de nascimento de Shakespeare, a pouco mais de duzentos quilômetros dali. Os pais de Bird acompanharam o casal em um almoço num pub local. "Madonna é uma pessoa adorável, muito encantadora e gosto muito dela", disse a mãe de Bird, Kathleen.

"Parecem muito felizes juntos e lhes desejo a melhor das sortes. Estou realmente orgulhosa. Madonna é bárbara."

No que alguns de seus amigos chamaram de "um tempo recorde", Bird e Madonna alugaram uma casa em Chelsea por 4.500 libras por semana, enquanto Madonna procurava um lar permanente em Londres. Depois, quando ela precisou voltar para Los Angeles a trabalho, ele se mudou para sua casa em Los Feliz. Bird contou a um repórter londrino: "Estou vivendo por lá agora e tentando a sorte como diretor de cinema".

O romance de Madonna com Andy Bird, um fumante inveterado mas abstêmio, foi tumultuado desde o início, gerando resmas de tabloides com manchetes sobre os dois ao longo de um ano. A certa altura, ela o expulsou de sua casa na Califórnia e ele acabou voltando a Londres, para trabalhar de porteiro no bar Met. De outra feita, ela o deixou sem um centavo na Flórida por uma semana antes de implorar para que voltasse após uma série de telefonemas derretidos.

Quem pode saber o que Madonna viu em Andy Bird? Pareciam ter muito pouco em comum. Ela era obstinada e ambiciosa, ele mais retraído acerca de sua carreira. Ela era uma multimilionária, ele quase não tinha dinheiro. Contudo, era um homem gentil, e também divertido. Um gentleman com um grande senso de humor, Andy fazia Madonna rir. Era educado e tranquilizador. Não cruel e briguento como Sean Penn, nem emocionalmente problemático como Warren Beatty e John Kennedy Jr. Na verdade, era mais como Tony Ward — carinhoso e bem-intencionado, embora, talvez, não muito estável ou seguro financeiramente.

O que contava a seu favor é que Andy tratava Madonna não como uma estrela, mas como uma amiga, o que ela achava irresistível. Faziam piqueniques juntos, conversavam sobre filmes, contavam piadas um do outro. Em julho de 1998, os dois trocaram votos em uma cerimônia cabalística que supostamente os estava unindo para todo o sempre.

Madonna pôs um vestido branco florido para a cerimônia. Tanto ela como Bird ficaram descalços. Contou a amigos nessa época que sonhava em ter um filho com Bird, mas que o casamento não era necessário, pois "tivemos essa adorável cerimônia".

EM um período de sua vida que parecia saído do filme Notting Hill, com Julia Roberts, Madonna não dava muita bola para a conta bancária de Andy — pelo menos, não no começo. No entanto, conforme as semanas se transformavam em meses, ela não conseguia conciliar o fato de que Bird agisse de forma tão pouco clara em relação às suas ambições futuras enquanto, ao mesmo tempo, fosse uma pessoa tão espiritual. No seu modo de pensar, o propósito da espiritualidade era usá-la para fazer sua vida se mover em direção a um novo patamar, não para se apoiar nela como uma desculpa para a estagnação. Bird, contudo, achava que as preocupações com a carreira eram secundárias em relação às metafísicas. Em uma viagem a Londres no primeiro semestre de 1998, Madonna concordou em acompanhá-lo ao Inergy Centre de Kensal Rise, na parte oeste da capital inglesa, centro especializado no ensinamento de ioga. Posteriormente, ela disse: "A ioga é muito física e me fortalece de dentro para fora, não apenas externamente. Ela me ajuda a me tornar mais flexível em relação ao modo como vejo o mundo e as outras pessoas".

"Era uma garota adorável e parecia gostar muito de nosso filho", disse a mãe de Bird, depois que ela e seu marido Horace, um contador, sentaram-se para tomar uma xícara de chá com Madonna. "Gostei dela, e devo dizer que me surpreendeu por ser tão educada. Não sei dizer o que esperava. Perguntava-me se iriam se casar, mas sei que os jovens raramente se casam hoje em dia. Sei que ele se importava muito com ela. Só tive boas impressões a seu respeito, mas acho que teve mais experiências do que Andy, era mais cosmopolita."

Com 29 anos de idade, dez anos mais novo do que ela, Andy parecia mesmo precisar crescer em alguns aspectos. Ainda era inseguro. O momento decisivo no namoro provavelmente foi quando acusou Madonna de arrastar a asa por um jovem diretor enquanto estava em Londres fazendo um videoclipe. Não havia nada entre eles. (Pelo menos, não ainda.) Além do mais, quando se tratava de discrição com a mídia — uma exigência para qualquer um que tivesse um relacionamento com uma grande celebridade —, Andy Bird era um iniciante. "Ela arranja namorados como se não houvesse um amanhã", Andy disse a um

jornalista. Sem dúvida esse não era o tipo de declaração que Madonna gostava de ouvir de seus parceiros. Ela deve ter farejado problemas mais à frente.

Madonna não dispunha de muitas pessoas a quem recorrer para discutir assuntos que tivessem a ver com seu namorado. Aqueles que a conheciam havia muitos anos não eram os mais indicados para dar algum conselho, achava, pois, como afirmou, "já ouviram minhas histórias mais de mil vezes, e estão cansados disso... e de mim".

Provavelmente, essa foi a razão por que Madonna voltou-se para uma surpreendente nova amiga ao tentar compartilhar alguns de seus problemas com Andy Bird.

Gwyneth e Peter

MADONNA TEVE MUITAS AMIGAS ao longo dos anos, mas parece ter tido problemas em manter esses relacionamentos, provavelmente porque é uma pessoa tão competitiva por natureza. Perto de maio de 1998, porém, ela e a atriz Gwyneth Paltrow tornaram-se amigas íntimas. A amiga de Paltrow em Los Angeles, Jeannette Misterling, diz: "Parece uma dupla estranha, mas têm muito em comum, sendo não pouca coisa o desejo de manter sua amizade longe do olhar público. As duas têm sentimentos ambivalentes sobre a mídia, e assim não querem que sua amizade seja logo dissecada. Elas gostam de se prender a algumas coisas de natureza pessoal... e não deixar que o público lhes tire tudo".

Segundo amigos próximos das duas celebridades, elas se conheceram pessoalmente no meio de 1996, quando fotografias de Gwyneth e Brad Pitt nus, durante as férias, foram publicadas na imprensa. Madonna ficou tão injuriada com a invasão que tomou as dores de Gwyneth e telefonou para ela (mesmo sem conhecê-la). (Dá para se perguntar por que celebridades sempre parecem saber como fazer contato umas com as outras — mesmo que nunca tenham se conhecido antes — quando sentem vontade de fazê-lo.) Embora Madonna tenha contado a Gwyneth que passara por experiências similares com fotógrafos bisbilhoteiros, e que estava solidária a ela, Gwyneth admitiu que ficara horrorizada com as fotos invasivas, muito mais do que jamais sonhara em divulgar para os fãs ou a imprensa. "Como poderei dar as caras em público outra vez?", disse para Madonna, segundo contou depois a amigos.

"Mas você está com vergonha de quê?", perguntou Madonna. "Já fui vista nua inúmeras vezes e na verdade acho que isso incrementou minha carreira. De todo modo, talvez você gostasse de ir a uma academia", aconselhou. "Poderia tomar alguma coisa para ficar mais forte, está magra demais."

Depois dessa conversa, as duas continuaram a trocar cartas e telefonemas. Sempre que Gwyneth estava em Los Angeles, dava um jeito de visitar Madonna. Almoçaram juntas inúmeras vezes, trocando confidencias e comendo depois a sobremesa favorita de Gwyneth, torta de maçã caramelizada com sorvete de baunilha, junto com grandes quantidades de café expresso.

"Gwyneth está vivenciando os altos e baixos de ser incrivelmente famosa

pela primeira vez", explicou Madonna a sua amiga Juliette Hohnen. "Acho desorientador as pessoas tirando fotos suas, escrevendo histórias sobre você, enfiando o nariz em seus negócios pela primeira vez. Quisera eu ter tido alguém a quem recorrer quando isso aconteceu em minha vida. Acho que não teria levado muitas coisas para o lado pessoal. Fico feliz de poder ajudá-la, é como se fosse minha irmã mais nova, embora seja uma pessoa muito sofisticada para sua idade."

Pouco antes, no fim de 1997, depois que Madonna expressou um interesse em Viggo Mortensen (que interpretou o sargento instrutor de Demi Moore no filme G.I. Jane — Até o limite da honra),[20] Gwyneth ajudou a arranjar um encontro para ela. (Gwyneth e Viggo eram bons amigos e havia planos de fazerem um filme juntos.) Embora Gwyneth tenha marcado o encontro esperando que Madonna tirasse Andy Bird da cabeça, as coisas não deram certo; Madonna e Viggo não tinham nada em comum. Quando Gwyneth perguntou se haviam dormido juntos, Madonna deu risada e negou, acrescentando: "Quando cheguei em casa tudo que eu queria era ir para a cama... sozinha". Além disso, aventuras de uma só noite agora tinham pouco apelo para ela.

Quando estava nos Estados Unidos, longe de Andy Bird — ao menos por ora —, Madonna começou a passar mais tempo com o ator divorciado Peter Berg, que interpretava o dr. Billy Cronk no seriado de tevê Chicago Hope. Peter a aconselhou a deixar Andy e tocar sua própria vida. Também lhe prometeu que se assim o fizesse ficaria ao seu lado. Exausta do namoro com Bird, Madonna aceitou o conselho de Peter e terminou com ele, finalmente.

Em agosto de 1998, Madonna e Peter, de 35 anos— que estava sempre com a barba por fazer, bem na moda —, foram vistos em Nova York juntos, romanticamente aconchegados um ao outro em restaurantes e caminhando pelo Central Park. Quando os dois apareceram na loja de donuts Krispy Kreme, às oito da manhã, após passar a noite em claro, causaram sensação. "Ai, meu Deus, você me dá um autógrafo?", perguntou a garota atrás do balcão. "Você me dá um donut?', respondeu Madonna, impaciente.

Dois dias depois, os dois foram a um show do Savage Garden, em Nova York, no Beacon Theater. Naquele dia, Madonna tivera de castigar Lourdes por algo que ela havia feito. Estava aborrecida com isso, dizendo que se sentia horrível sempre que tinha de "erguer a voz para minha filha". Berg sugeriu que Madonna fosse fazer compras enquanto ele levava Lourdes para tomar um sorvete. "Todo homem que deseja dar um descanso para a mãe de uma criança pequena é um homem bom", disse Madonna. Quando chegou cheia de sacolas em casa, voltando de um dia inteiro na Quinta Avenida, Berg a estava esperando para o jantar. Lourdes sentara-se alegremente em seu cadeirão, de banho tomado

e vestida para a refeição.

Peter Berg logo ficou apaixonado por Madonna, dizendo a um amigo: "Ela é decidida, inteligente e independente. Sua aparência só se iguala em qualidade a sua riqueza.

O que mais um homem pode querer?". Porém, ela parecia indecisa sobre como proceder. Depois de Carlos Leon e Andy Bird, estava cautelosa. Sabia o que estava procurando — mas como o reconheceria quando o encontrasse? Viu-se refletindo sobre a natureza do amor e do risco. "Na minha idade", disse na época, "o amor é um negócio arriscado— um risco que não estou muito disposta a correr —, especialmente porque, realmente, será que preciso de um homem?"

"Não quero muita coisa da vida", Madonna disse a Berg diante de amigos comuns. Alcançou sua bolsa e tirou dali o estojo de maquiagem. Depois de ver seu reflexo no espelho, enfiou novamente a mão na bolsa para pegar o pó de arroz e passar no rosto, sob o olho esquerdo. "Só quero um pouco de paz e tranquilidade à medida que me aproximo da velhice", comentou enquanto corrigia a maquiagem com o dedo mínimo. Então, fechando o estojo com um clique, disse: "É pedir demais?".

"Você? Paz? Tranquilidade?", perguntou Berg com uma sobrancelha arqueada. "Não nesta vida. Não, isso nunca vai acontecer."

"Eu sei", disse Madonna com um sorriso. "Mas não custa nada sonhar."

No Cafeteria, um restaurante de Nova York, Peter Berg encontrou-se com Madonna após ela haver jantado com Ingrid Casares, o presidente da Sony Tommy Mottola e o estilista Victor Alfaro, um dos donos do restaurante. Na frente de todos, Berg disse a ela que a esperaria "pelo tempo que for necessário para que possamos ficar juntos". Com um sorriso triste, Madonna disse: "Bem, Peter, então você vai esperar muito tempo". Pelo resto da noite, ele pareceu apenas observá-la, cheio de amor e admiração.

Peter e Madonna então saíram juntos do local, mas — para grande tristeza dos observadores fascinados — simplesmente beijaram-se no rosto e seguiram cada um seu caminho debaixo da suave garoa. Após caminhar uma quadra, Madonna parou e tirou suas sandálias marrons Manolo Blahnik, ignorando os onipresentes paparazzi, que sem dúvida estavam desapontados com seus trajes recatados— blusa de tricô, saia cor de terra e um suéter combinando amarrado em torno da cintura. Descalça, ela caminhou pela escorregadia rua de Manhattan — bem-sucedida, inteligente, rica, linda... e sozinha.

---

[20] Mais conhecido hoje por sua participação em O Senhor dos Anéis, como Aragorn. (N.T.)

Ray of Light

EM 1998, AOS 39 ANOS DE IDADE, Madonna estava longe de terminar o que provavelmente era a mudança de imagem mais ambiciosa em quinze anos de carreira. Nos últimos anos, sempre de maneira muito premeditada, vinha se empenhando em consertar os prejuízos a sua figura pública com a queda de popularidade resultante de projetos sexualmente explícitos em quatro diferentes mídias: o vídeo Na cama com Madonna, o livro Sex, o disco Erótica e o filme Corpo em evidência. Sabiamente, decidiu abandonar seu papel de revolucionária sexual e assumir uma personagem mais suave como mãe e pensadora da nova era.

Mas não se tratava apenas de mudança de imagem. Ela fora, de fato, afetada por suas experiências com Evita e a filha, Lourdes. "É só uma evolução, verdade, desde que fiz Evita", disse a Gerri Hirshey, da Rolling Stone. "Porque fui para a América do Sul e fui malhada daquela forma nos jornais todos os dias — como que uma experiência viçaria com o que aconteceu com Eva Perón —, para então descobrir que estava grávida. Sair do desespero mais profundo e chegar do outro lado... sabe, me tornar mãe, estou encarando a vida de forma totalmente nova. Vejo o mundo como um lugar mais cheio de esperança e sinto uma quantidade infinita de compaixão em relação às outras pessoas."

EM março de 1998, foi lançado seu primeiro álbum após o nascimento de Lourdes, Ray of Light. Nele, se combinariam suas recém-adquiridas crenças da nova era— que aparentemente ela aperfeiçoara com a ajuda de Andy Bird — e uma música que era ao mesmo tempo atual e lançava uma tendência. De fato, se algum dia houve um disco que provava sem dúvida que Madonna ainda entendia como se manter à frente no jogo da música pop, esse era Ray of Light.

Depois dos filmes, das trilhas sonoras e das inesquecíveis baladas, Madonna percebeu que, bem no fundo, ainda era uma artista da dance music. Também percebeu que tendências nesse gênero começam nos locais onde as pessoas dançam — e que era onde Madonna iria buscar seu novo som.

A música tecno e eletrônica foi, por muitos anos, o que se tocou nas famosas raves: festas underground ilegais e extremamente populares realizadas em depósitos abandonados e áreas desertas e afastadas em cidades do mundo todo.

Era nesses lugares que os jovens amantes da música, sob a influência do álcool e da popular droga de seu meio, o Ecstasy, estavam se juntando para dançar ao ritmo etéreo dos sintetizadores. Era a música quente, que Madonna sabia que ainda não havia chegado ao grande público.

"Definitivamente, é um terreno inexplorado", observou na época. "E eu preciso entrar nessa."

Assim como fora atrás do produtor de pop e dance mais quente do momento para ajudá-la em sua incursão por aquela tendência de sucesso (Nile Rodgers, em Like a Virgin) e empregara produtores quentes da cidade para auxiliar em sua guinada para o hip hop (Dallas Austin e outros, em Bedtime Stories), Madonna espertamente percebeu que para fazer um autêntico álbum de tecnopop precisava ir beber na fonte. Originalmente, sua intenção era ter como colaboradores Robert Miles, Trent Reznor, Nelle Hooper, Babyface e William Orbit. No fim, provavelmente numa tentativa de dar ao projeto uma identidade forte, apenas Orbit — um compositor e produtor renomado na área da música tecno e eletrônica — foi contratado. (O historiador de Madonna Bruce Baron observou que deve haver demos das canções de Ray of Light coproduzidas com um ou mais dos originalmente indicados. Mas até o momento nada apareceu, diz ele.) Embora William Orbit tenha trazido consigo seu próprio time de colaboradores, Madonna mais uma vez chamou o inseparável parceiro Patrick Leonard. Leonard serviria como esteio à tecnologia de Orbit e, conforme explicou, para "manter o álbum resultante soando como Madonna. Ela não queria perder sua identidade", disse ele. "Queria apenas expandir seu som." Junta, essa equipe iria criar o que se poderia chamar de o projeto mais ambicioso de Madonna desde que se envolvera com o musicalmente elaborado Evita.

Com Ray of Light, Madonna de forma alguma inventou algo novo. Tampouco o fez Michael Jackson quando adotou o "moonwalk", uma moda entre os dançarinos de rua — verdadeiros gatilhos do pop —, anos antes que ele a levasse a um público totalmente novo e mais amplo. Madonna apenas absorveu a essência da cena tecno — seu som e personalidade — e então a aplicou à sensibilidade comercial de dance music que dominava tão bem. Como outros ídolos e ícones da cultura pop antes dela, capazes de se remodelar aos caprichos de momento do público (como fizeram os Beatles nos anos 60 quando passaram da simplória e melódica "She Loves You" para a loucura psicodélica de "Lucy In The Sky With Diamonds", no espaço de uns poucos anos), Madonna simplesmente fez o que sabia que tinha de fazer para permanecer em dia: brilhantemente se "metamorfoseou" na moda dominante. O que ocorre é apenas que ela muda com o tempo melhor do que a maioria de seus contemporâneos, cujas tentativas de acompanhar as mudanças musicais na maioria das vezes

parecem inimaginavelmente artificiais.

O primeiro single do álbum, "Frozen", é uma canção simples porém majestosa sobre crescimento espiritual de uma pessoa que parece não desejá-lo, tornada irresistível pelas melodias vocais contagiantes e um sotaque musical que poderia ser mais bem descrito como marroquino. Um grande sucesso, a faixa chegou ao segundo lugar da parada de singles da Billboard.

A faixa-título do disco e segundo single, "Ray Of Light", era a personificação do que Madonna tentou realizar com o projeto. A música começa enganosamente com uma guitarra serena e melódica antes de abrir caminho para uma batida determinada e um turbilhão sonoro sintetizado. Em termos líricos, é uma celebração do poder e da consciência de si mesmo. Seu sentido de abandono é cativante, e a canção carrega o ouvinte. O sucesso foi instantâneo, estreando no quinto lugar das paradas da Billboard — sua entrada mais alta até então. (Antes, em dezembro de 1995, 'You'll See" estreou no oitavo lugar e, em março de 1998, "Frozen" igualou essa posição de entrada.) "Ray Of Light", que foi o quadragésimo single de Madonna a figurar nas paradas e trigésimo segundo entre os Top 10, capturava o sentimento inebriante da era— a "nova" energia da chegada do milênio.

"The Power Of Goodbye", uma canção sobre a força da resignação amorosa, tem um atraente quê de europop. De fato, todas as letras de Ray of Light oferecem uma certa dose de reflexão sobre a antiga personagem de Madonna e aquela em que se tornou. Por exemplo, "Nothing Really Matters" apresenta seu próprio reconhecimento do egoísmo do passado.

"Não quero dissecar demais meu processo criativo", disse quando a repórter Janice Dunn lhe pediu para explicar as canções que escreve. "Pra que serve isso, afinal?

Quero que as pessoas tenham uma reação visceral e emocional às coisas, não que fiquem pensando de onde vem meu material. Sabe, se vejo um inseto se arrastando pelo chão e isso me inspira o mais incrível poema de amor, não quero que as pessoas reflitam sobre seu relacionamento e depois pensem em meu inseto se arrastando pelo chão."

Sem qualquer insinuação de bondage ou sexo oral em nenhuma letra, esse álbum na verdade trata de ecologia, o universo, a Terra, "as estrelas no céu", anjos e céu e, surpreendentemente para alguns observadores, contém respeitosas referências a Deus e "ao Evangelho". Em uma canção ela fala de "esperar pelo tempo em que a Terra será como uma só", enquanto em outra faz o melhor que pode para transformar um canto de ioga em algo pop e dançante. No entanto, quando o álbum foi lançado, a indústria da música como um todo, em geral inabalável em seu apoio a uma artista comercialmente tão bem-sucedida com

Madonna, não achou que fosse ser um sucesso. A sonoridade das canções não se prestava muito ao rádio, argumentaram alguns. Outros críticos alegaram que Madonna, ao menos para os padrões da música pop, estava velha demais para fazer aquele tipo de álbum. Todos erraram. Ray of Light acabou vendendo 4 milhões de cópias nos Estados Unidos e mais 12 milhões no mundo todo. Também apresentou um antigo ícone do pop a um jovem público como uma artista passível de despertar interesse e ser adotada musicalmente.

Com quase quarenta anos de idade, Madonna descortinava uma nova imagem física que incluía o uso de togas e sáris, e véus sobre longos cachos negros. Lá se iam os anos daquele seu visual sedutor e da roupa de baixo usada como traje normal. Agora, era fotografada com expressões reflexivas no rosto, com o cabelo soprado por um vento celestial. Seu rosto era retocado para ganhar uma aparência brônzea e imaculada, que era provavelmente o que se esperaria de um anjo. Ainda assim, Madonna objetava fortemente à percepção de que estava constantemente se reinventado. "Prefiro pensar que estou lentamente me revelando, revelando minha verdadeira natureza", disse. "Minha sensação é de que simplesmente estou me aproximando do âmago do meu verdadeiro ser."

Com os louvores da crítica e o sucesso comercial de Ray of Light, a transformação de imagem de Madonna provou ser um novo triunfo. Estranhamente, em quinze anos de fama, só recebeu um Grammy, pelo melhor videoclipe, em 1991. (Não é excepcional que artistas aclamados não ganhem o Grammy. Madonna estava em boa companhia com os Beatles e Diana Ross, entre outros notáveis.) Contudo, as estrelas estavam mais uma vez a seu favor, e com uma nova carreira e imagem Madonna iria faturar três Grammys na cerimônia de premiação em Los Angeles, no Shrine Auditorium, em fevereiro de 1999 (durante o qual ela cantou "Nothing Really Matters" em um fascinante quimono vermelho, maquiada em estilo oriental e com o cabelo totalmente negro)— um para melhor álbum pop, um para melhor gravação dance e outro para melhor videoclipe curto. (No ano seguinte, no Grammy de 2000, Madonna acrescentou outro prêmio a sua coleção quando ganhou o de melhor canção escrita para um filme: "Beatiful Stranger", de Austin Powers: The Spy Who Shagged Me (Austin Powers 2: o espião "Bond" cama.) Embora Ray of Light tenha sido bem recebido — assim como a Madonna nova e mais madura —, seus planos para uma turnê foram deixados em suspenso enquanto ela se concentrava em sua carreira no cinema. Em 1998, esteve prestes a assinar um contrato para estrelar junto com Goldie Hawn a dispendiosa versão cinematográfica do musical da Broadway Chicago (que nunca se materializou)[21] e já assinara contrato para estrelar em uma comédia romântica, The Next Best Thing (Sobrou pra você), estrelando Rupert Everett, recém-saído do esmagador sucesso de My

Best Friend's Wedding (O casamento de meu melhor amigo), um êxito comercial estrelado por Julia Roberts. O novo roteiro — que Everett mostrou a Madonna — pegava a história secundária de *O casamento de meu melhor amigo* (a amizade entre uma mulher hétero e um gay) e a punha em primeiro plano. Em *Sobrou pra você*, os dois amigos desfrutam uma alcoolizada noite de intimidade e decidem seguir com a gravidez resultante até o fim, e criar juntos a criança.

Mais uma vez, contudo, a carreira cinematográfica de Madonna iria se mostrar menos do que brilhante. Quando Sobrou pra você finalmente foi lançado (em 3 de março de 2000) o filme seria atacado com tanta malevolência quanto todos Os outros que fizera no passado. Sob a manchete "Seu melhor é o pior", o New York Post sentenciou: "Faz tempo que não aparece um filme tão pretensioso e malfeito quanto esse". A crítica prosseguia: "Durante a primeira metade do filme, Madonna fala com um inexplicável sotaque inglês que chama a atenção para a aparente incapacidade da cantora de enunciar uma linha". O USA Today seria mais sucinto em sua análise: "Madonna ainda não sabe atuar". (Ela emplacaria um sucesso, porém, com a canção "American Pie", uma versão do clássico pop de 1971 de Don Mclean, que Madonna gravou para Sobrou pra você.) "Acho que metade dos meus filmes é bom e a outra metade é uma merda", disse ela a respeito de sua carreira no cinema. "Há duas coisas que trabalham contra mim. Uma é que sou muito bem-sucedida em outra área e é bem difícil para as pessoas permitirem que você cruze para qualquer outro lado. Além disso, como participei de uma série de filmes realmente muito ruins, isso dá ensejo a que algumas pessoas digam: 'Ah, ela não sabe atuar. Não sabe fazer isso, não sabe fazer aquilo'. Mas, honestamente, consigo lembrar de atores e atrizes que ganharam o Oscar e que fizeram muito mais filmes ruins do que eu."

---

[21]. O original deste livro foi finalizado em janeiro de 2001. (N.T.)

Sai: Andy Bird

A GRANDE RUPTURA NA RELAÇÃO de Madonna com Andy Bird ocorreu em outubro de 1998, quando ele fez uns poucos comentários de apreço, embora inócuos, sobre ela para a imprensa: "Nossa relação é tempestuosa, mas vale a pena continuar", disse Bird ao Daily Mail. "Eu tenho uma responsabilidade com Lourdes... e com Madonna." Madonna lhe telefonou quando leu o comentário e teve uma reação muito emotiva. Sentia-se traída, disse. Deve também ter ficado surpresa, pois o julgava muito mais discreto quando se tratava de comentar sua vida a dois.

"Se não posso confiar nas pessoas com quem durmo, em quem vou confiar?", perguntou. Bird negou até mesmo ter conversado com o repórter e pediu desculpas profusamente pelo fato de que as notícias a houvessem enervado. Contudo, quando Madonna sente que uma pessoa traiu sua confiança, é difícil para ela ter outra vez plena confiança em tal pessoa. "Madonna consegue ser uma pessoa aberta, até perceber que você a decepcionou e disse alguma coisa publicamente sobre ela que não deveria ter dito", observou seu ex-empresário, Freddy DeMann. "Uma vez que isso acontece, esqueça. Nunca mais irá confiar em você de novo. Principalmente se você conversou com a imprensa..."

(Em 1997, depois de catorze anos como seu empresário, DeMann tornou-se o principal executivo de seu selo Maverick. Então, em 1998, após uma série de deploráveis brigas legais bastante divulgadas, ele deixou o Maverick; Madonna acertou sua dispensa por 25 milhões de libras.) Arrependido, Andy Bird tomou um voo e cruzou o Atlântico para ir a Nova York e — é de se perguntar por que teria feito isto — contou aos repórteres no aeroporto que desejava acertar as coisas com Madonna. "Vale a pena continuar e certamente eu não teria vindo até Nova York para brigar com ela", disse.

A despeito da trégua que estavam dando, Madonna era ambígua em relação a Andy Bird. De muitas formas, a relação deve tê-la lembrado das que mantivera com músicos nos velhos tempos em Nova York. Ela se importava com aqueles homens, também, mas sentia que o potencial de que dispunham para se realizar em suas vidas tanto quanto ela se realizara na sua era limitado. Embora muitas

vezes pareça terminar uma relação em que ganha mais dinheiro do que seus parceiros — Carlos Leon sendo o mais recente —, isso não é mais um problema para ela. "É perfeitamente aceitável na sociedade um homem encontrar uma linda garota que não tenha realizado as coisas que ele realizou e ir viver com ela", disse à Vogue americana. "Por que sempre tem de ser o homem que ganha mais dinheiro? É patético, sexista, revoltante, e se as pessoas não mudarem seu modo de ver as coisas — o lugar do homem e da mulher na sociedade —, nada vai mudar nunca." Para Madonna, não era tanto uma questão financeira quanto o fato de sentir que Andy Bird não estava motivado para fazer em sua carreira o que ela achava que deveria. Madonna tem tanta iniciativa e determinação, que não consegue evitar de condenar aqueles que a seu ver não se igualam a ela. Além disso, como disse certa vez a Tony Ward, em um relacionamento precisava de mais coisas do que Andy Bird podia lhe dar. Mais uma vez, seja lá o que for que criaria um vínculo permanente entre Madonna e um homem simplesmente não estava presente naquele homem.

"Não posso ser o que você quer que eu seja", disse-lhe Andy Bird em uma festa em Los Angeles diante de testemunhas. Como sempre nesses dias, ela estava vestida de modo informal, com um vestido de seda não muito curto, um cardigã e sapatos Fendi sem cadarço. Parecia tão "normal", que era difícil para os observadores acreditarem que era realmente a Madonna. "Não espero que você seja quem eu quero que seja", Madonna retrucou, "apenas ache um caminho... por favor!"

"Eu sou quem eu sou", disse ele, mudando o pé de apoio. Sua resposta pareceu fraca, até mesmo para o observador mais casual.

"Bem, talvez isso não seja bom o suficiente para mim", Madonna falou. "Já estou nesta vida há tempo demais para aguentar essa merda." Enquanto ia se afastando, acrescentou: "Eu quero ter outro filho, mas pretendo ser mãe dele, não sua namorada".

Era verdade que, por essa época, Madonna decidira que queria ter outro filho. Ela gostava de ser mãe. "Lembro-me de sentar no colo de minha mãe", recorda-se, "ou deitar junto a ela na cama com seus braços em torno de mim. Sei o quanto estimo essas lembranças. Em alguns momentos que passo com Lola [Lourdes] quase me sinto transportada para esse tempo. Não vejo minha mãe cuidando de mim tanto quanto eu acho, eu é que sou a mãe que eu nunca tive."

Houve um período curto após o nascimento de "Lola" em que Madonna se perguntou se tomara a decisão correta sobre ter um bebê. Por anos, ela vivera uma vida egoísta e egocêntrica — sabia disso, até mesmo cantara isso no CD Ray of Light. Ficara tão acostumada com a independência proporcionada pelo sucesso e a riqueza que se tornou difícil para ela comprometer seus desejos e

necessidades por causa de um relacionamento amoroso. Na maior parte de sua vida, Madonna foi a única e maior preocupação de Madonna. Cada decisão que tomava — em particular quando adulta, e sobre sua carreira— tinha a ver com o que se encaixava melhor em suas necessidades. Queria dormir até tarde após uma aparição em público exaustiva? Por que não? Uma escapadela com um novo namorado para passar um fim de semana exótico em algum lugar distante?

Certamente. Será que queria mesmo tirar todos os sapatos de salto Prada do chão do closet para dar espaço para brinquedos de bebê? Difícil.

Então nasceu Lourdes. "Bom, isso mudou tudo", explicou a um entrevistador. "Foi um ajuste difícil, e ela não sabia mesmo se era capaz de fazê-lo", contou uma amiga sua. "Ela dizia: 'Meu Deus, que mãe horrível sou eu. Sou tão egoísta. O bebê está chorando e tudo em que consigo pensar é que preciso financiar esse clipe'". Mas quando relaxou, percebeu que "Não, isso é o que eu quero fazer, não o que tenho de fazer".

De fato, com o nascimento de Lourdes, Madonna vivenciou seu próprio renascimento. Sempre suspeitara de que seria uma mãe capaz, mas ficou verdadeiramente surpresa com sua capacidade de amar a filha. Como contaria depois, ficava espantada com sua devoção a Lourdes. Isso lhe causara um impacto, mostrara quem era como pessoa, como mulher. Deu-lhe um sentido de propósito de alcance muito mais amplo do que apenas o showbiz, bem como um senso de satisfação que jamais experimentara em sua vida. Gostasse ou não, existiam — e existem — dias em que seus planos de superstar não importavam; as necessidades de Lola vinham primeiro. É claro que havia algo que solidificava sua autoestima quanto a sua capacidade de ser uma boa mãe. Afinal de contas, fazia com que sentisse orgulho de si mesma, se sentisse bem consigo. "Como qualquer mulher — não sou diferente — tenho de lidar com o fato de que já não sou a pessoa mais importante em meu mundo."

Agora, Madonna queria dar a Lourdes um irmão ou irmã. Outra vez, via-se diante de um apuro familiar. Queria um bebê. Deveria ela esperar até encontrar um parceiro adequado? Não, era impaciente demais para fazer isso. Perguntou a Carlos Leon se estava interessado em ter outro filho. Mas ele respondeu que não estava muito propenso a isso, explicando que, emocionalmente, uma criança era o máximo de responsabilidade que podia assumir por ora.

Como geralmente acontece na vida de Madonna, mal estabelece um objetivo para si, parece que a imprensa de alguma forma fica sabendo de seus planos. Histórias de que Madonna estava interessada em ter outro bebê, ainda que não estivesse à procura de outro marido, começaram a ganhar corpo no começo de 1998, quando a imprensa inglesa noticiou que desejava ter Andy Bird como pai da criança.

"Como é que eles sabem exatamente o que estou pensando e o que estou fazendo?", perguntou a um de seus conselheiros da mídia britânica. "Se não me 'desce' alguma vez, a primeira coisa que devo fazer é ler o News of the World para descobrir que estou grávida."

De fato, ironicamente, poucos dias depois de terminar com Andy Bird, Madonna descobriu que estava grávida. Era um momento ruim para ela. Os que a conheciam melhor dizem que seu desejo de ter um bebê só era comparável a sua absoluta incerteza sobre a adequação de Andy como pai. Afinal, tinha de planejar uma relação a longo prazo com quem quer que viesse a ser o pai de seu próximo filho. Se por um lado andava às boas com Carlos Leon, seu relacionamento com Andy Bird era cansativo e difícil. "Ela não estava certa de querer continuar a vê-lo no horizonte por mais tempo", afirma uma de suas amigas mais íntimas. "Ainda assim, quando descobriu que estava grávida, sabia que teria de imaginar um jeito de se dar bem com o pai do bebê, Andy Bird. Um aborto estava fora de questão", conta essa amiga. "Não a essa altura de sua vida, nesse estágio do jogo, quando queria ter filhos, não iria se livrar deles. Alguém sugeriu um aborto, e ela disse: 'De jeito nenhum. A época de fazer isso acabou. Nunca faria outro aborto, não depois de ter tido um bebê. Esqueça'."

Parecia que teria de encontrar uma forma de ajeitar as coisas com Andy Bird, e até mesmo torná-lo uma parte integrante de sua vida. Isso não seria fácil para Madonna.

Uma vez que rompia com uma pessoa, o relacionamento acabava de vez. É difícil para Madonna aceitar de volta em sua vida uma pessoa que caiu em desgraça com ela.

É algo raro — se é que alguma vez aconteceu.

Enquanto tentava trabalhar as complexas emoções envolvendo ter Andy Bird para sempre em sua vida, a difícil decisão foi tomada para ela — pela Mãe Natureza. Madonna teve um aborto natural na sétima semana.

Ninguém sabe se falou ou não com Bird sobre a gravidez. Alguns amigos do casal insistem que sim — e que faltavam dois dias para ele viajar aos Estados Unidos para ficar ao seu lado quando teve o aborto e lhe disse para cancelar a viagem. Outros dizem que seus sempre confiáveis instintos lhe disseram para esperar um pouco mais antes de informar Bird sobre sua condição — e que estava feliz por ter feito exatamente isso quando a notícia deixou de ser relevante.

Madonna ficou triste com o aborto, naturalmente. Mas de alguma forma também ficou aliviada. Sabia que queria ter outro filho — e que queria no mínimo gostar do pai, se não ficar perdidamente apaixonada por ele.

Entra: Guy Ritchie

AO LONGO DE TODA SUA VIDA, sempre pareceu que os elementos da sorte e das circunstâncias se alinhavam de forma tal que Madonna geralmente tinha o que queria quando queria. Ou talvez seja apenas que uma vez que fixa sua mente em um objetivo, simplesmente não há como detê-la enquanto não o atinge.

Bem na época em que Madonna decidiu que queria outro filho, ficou seriamente envolvida com o cineasta inglês Guy Ritchie, dez anos mais novo do que ela e diretor do popular filme britânico Lock, Stock and Two Smoking Barreis (Jogos, trapaças e dois canos fumegantes). Madonna conheceu Ritchie em uma reunião de fim de semana no início de 1998, promovida pela mulher de Sting, Trudie Styler (que investiu pesado no filme de Ritchie, com Peter Martin e Stephen Marks), em sua fazenda de 21 hectares, em Wiltshire. Ritchie mais tarde admitiu que o principal motivo para ter ido à reunião foi conhecer Madonna, "de modo que devia ter algo em mente", acrescenta ela, rindo. (Madonna acabaria concordando em lançar a trilha sonora do filme dele pelo selo Maverick Records, então o que tinha mente era apenas a velha e boa "rede" do showbiz.) Madonna manteve uma breve relação com Guy nessa época — achou-o "autoconfiante e charmoso". No entanto, sentiu o mesmo em relação ao produtor de Guy, Matthew Vaughn, o endinheirado filho do astro do seriado The Man from U.N.C.L.E. (O agente da U.N.C.L.E.), Robert Vaughn. "E ele arrastou a asa por ela [no pior sentido] por anos", disse Guy Ritchie.

Enquanto Madonna pensava sobre Matthew e Guy, continuou seu relacionamento com Andy Bird. Não demorou muito para que a notícia do breve interlúdio com Ritchie chegasse aos ouvidos de Bird. Previsivelmente, ficou aborrecido com o que estava acontecendo às suas costas. O rápido namoro com Guy na verdade era um pouco irônico; Bird anteriormente a acusara de ter um caso com outro cineasta britânico, um homem em quem ela na realidade não estava interessada. Ele tinha tanta certeza de que Madonna um dia lhe seria infiel, que sua profecia se concretizou. Nessa época, Guy estava envolvido em um relacionamento de longa data com a modelo e apresentadora de tevê Rebecca Green, filha do magnata britânico Michael Green, presidente da Carlton TV.

Rebecca ajudara Guy a produzir seu primeiro filme, um curta chamado Hard Case.

Também convenceu sua mãe e seu padrasto, o rico banqueiro Gilbert de Botton, a investir em Jogos, trapaças e dois canos fumegantes, de modo que Guy estava, como disse um de seus amigos, "bem amarrado nela". No entanto, quando Guy se tornou famoso, ela ficou impaciente com a sucessão de modelos com quem ele começou a sair, até que finalmente ela, ou ele (dependendo da versão em que se queira acreditar), terminou o relacionamento.

Nas primeiras semanas de 1999, Madonna e Guy começaram a ser vistos em público juntos — coincidindo com as notícias dos jornais de que ela estava querendo um novo bebê. Na época, Guy acabara de terminar o namoro com Rebecca Green, que afirma que seu relacionamento com Ritchie "chegou naturalmente a um fim", mas, acrescenta, "Madonna andava rodeando e é provável que tivesse alguma coisa a ver com isso. Nós ainda nos falamos", diz sobre Guy. "Não posso dizer quando foi a última vez porque é um pouco doloroso — não para mim, mas para ela. Tenho de ser um pouco boazinha."

Como Madonna, Guy Ritchie foi acusado de reescrever a história de sua vida, provavelmente para fins de dramaticidade. Assim, como no caso de Madonna, a gente deve tomar o que Ritchie diz sobre seu passado com o proverbial pé atrás. Ele é esperto o bastante para saber que é bem mais interessante, e sexy, ter começado com projetos de rua do que ter sido criado na classe alta. (Ou, como escreveu no diálogo de um de seus personagens em Jogos, trapaças e dois canos fumegantes, homens da classe alta têm "colhões delicados de veado" e são "bichas. Delicados como uns veados de merda.") "Vivi no East End por trinta anos", alguém o citou como tendo dito em 1999. "Já me meti num monte de brigas [...]. Fui pobre minha vida toda [...]."

Guy Ritchie é, na verdade, filho de pais de classe média alta. Seu pai, John, seguiu os passos de seu próprio pai quando ele deixou Sandhurst para ingressar nos Seaforth Highlanders, após o que se tornou um executivo de publicidade responsável pelos anúncios dos cigarros Hamlet. (O avô de Guy, o major Stewart Ritchie, foi um herói militar, morto em ação em 1940 depois que se ordenou que o 2º Batalhão dos Seaforth Highlanders permanecesse em solo francês quando a maioria das forças britânicas era evacuada de Dunkerque.) A mãe de Ritchie, Amber, é uma ex-modelo.

Nascido em 1968 em Hatfield, Hertfordshire, Guy Ritchie viveu com seus pais e sua irmã, Tabitha, em Fulham, no oeste de Londres. Quando estava com cinco anos, seus pais se divorciaram e, pouco depois, Amber casou-se com Sir Michael Leighton, o 11º de uma linhagem de baronetes de trezentos anos de idade que certa feita gabou-se de ter tido "104 casos". Guy cresceu levando uma

vida privilegiada na Inglaterra rural. Ele foi criado na propriedade do século XVII de Loton Park, perto de Shrewsbury, uma mansão que pertencia a seu padrasto.

"Guy adorava o lugar e se dava bem com Sir Michael", afirma John Ritchie. "Ele podia perambular pela propriedade e gostava muito de atirar e pescar trutas. Chegou mesmo a pensar em ser um couteiro ou entrar no exército para manter a tradição de família."

Sua mãe Amber, Lady Leighton, divorciou-se de Sir Michael Leighton em 1980. Atualmente, vive com sua filha, Tabitha, em Wandsworth, no sul de Londres. Tabitha, dois anos mais velha do que Guy, trabalha no negócio de health and fitness.

Guy perdeu o contato com seu padrasto Sir Michael Leighton quando este se casou novamente. Ele guarda também algumas ligações com a realeza. Sua madrasta paterna, Doris, é descendente da casa real dos Stewart. Por meio dela, Guy é primo (embora em terceiro grau) de Sarah, a duquesa de York, e da falecida Diana, princesa de Gales. Por meio de Doris, Guy pode até invocar parentesco com Sir Winston Churchill como um parente distante.

Ao longo de toda sua infância, Guy lutou contra a dislexia e, depois de frequentar dez escolas diferentes, desistiu de estudar com a idade de quinze anos. Foi então, alega, que o expulsaram da cara Standbridge Earl's School (4.725 libras por período letivo), perto de Andover, em Hampshire, cujos professores eram especialistas no ensino de disléxicos, por "bater uma carreira de farinha"...

"A educação para mim era uma causa perdida", disse ao Sunday Times. "Eu poderia muito bem ter sido mandado para o campo a fim de ordenhar vacas por dez anos. Não tinha interesse no que quer que supostamente estivesse sendo ensinado a mim."

O pai de Guy, John, hoje com 72 anos, aposentado e vivendo em uma casa de 1,3 milhão de libras em Chelsea, tem diferentes lembranças dos dias escolares do filho.

"O diretor me ligou dizendo que Guy fora um mau menino e que se eu o matriculasse novamente teria de expulsá-lo", recorda-se. "Mas não eram drogas — ele foi pego no quarto de uma garota e não estava frequentando as aulas."

O que se seguiu em sua vida, diz Guy Ritchie, foi um período perigoso em que "se metia com gente da pesada" e usava drogas. "Usei de tudo um pouco, e a maioria dos traficantes que conheci ao longo do caminho estavam na escola pública."

"Guy tem um certo tipo de imaginação, um tipo de humor que as pessoas nem sempre captam", diz seu pai. "Ele diz as coisas às vezes brincando, acho. Então os jornais as imprimem, e soa como se estivesse tentando ser um patife.

Na verdade, nunca foi. Não que eu saiba, pelo menos."

Quando estava com cerca de dezoito anos, Ritchie se mandou para a África, e depois para a Grécia, onde cavou esgotos por algum tempo antes de voltar à Inglaterra.

Alguns jornalistas mencionaram que trabalhou como pedreiro quando chegou, mas seu pai lembra-se de que o filho foi na verdade "mensageiro" da Island Records, depois trabalhou como barman e, em seguida, no transporte de móveis — um trabalho que chegou ao fim abruptamente quando Guy amarrou uma mesa antiga na capota de sua van e inadvertidamente entrou em um túnel muito baixo.

Então ele se tornou mensageiro na agência de publicidade de seu pai e logo depois, com praticamente nenhum treinamento na área — mas usando os contatos de seu pai —, começou a fazer videoclipes para "bandas tecnorave de eurotrash". Em pouco tempo aplicava seu florescente talento como diretor — e tino comercial empresarial — para fazer curtas-metragens. Finalmente, com a idade de 29, atingiu o sucesso comercial e de crítica como roteirista e diretor de Jogos, trapaças e dois canos fumegantes. Tendo Matthew Vaughn como produtor, o filme devia muito a Quentin Tarantino e seus Reservoir Dogs (Cães de aluguel) e Pulp Fiction. Graças ao público composto essencialmente de jovens do sexo masculino, o filme faturou 18 milhões de libras somente na Inglaterra, embora tenha custado apenas um milhão de libras para ser feito. Além disso, após ser publicamente elogiado por Tom Cruise, Jogos, trapaças e dois canos fumegantes também conheceu um sucesso respeitável — embora não estrondoso — nos Estados Unidos.

É tão irônico quanto paradoxal que Guy Ritchie se visse envolvido romanticamente com Madonna— uma artista amplamente considerada um ícone gay —, uma vez que tanto Jogos, trapaças e dois canos fumegantes como o mais recente Snatch (Porcos e diamantes) mostrassem óbvios sentimentos homoeróticos subliminares, bem como perturbadoras inclinações homofóbicas.

Por exemplo, em Jogos, trapaças e dois canos fumegantes, um dos personagens de Ritchie explica o que acredita ser o logro perfeito: pôr um anúncio em revistas gays vendendo "pênis artificiais para o ânus do Fã-Clube das Bichas com Cócegas no Cu" e esperar pelos cheques. Então, enviar cartas dizendo que o estoque acabou e anexar um cheque carimbado "Fã-Clube das Bichas com Cócegas no Cu". "Ninguém vai descontar!"

"Você tem colhões grandes e valentes", pergunta o jogador de futebol transformado em ator Vinnie Jones num momento de confrontação em Snatch, "ou colhões delicados de veado?" (Snatch é uma comédia de humor negro, uma história de gangsterismo, ambientada em grande parte no Hatton Garden

londrino, sobre ladrões de diamante e boxe sem luvas. No elenco estrela Brad Pitt, que abriu mão de 90% de seu cachê usual para interpretar o boxeador cigano cujas falas são praticamente incompreensíveis o filme inteiro.) Mark Simpson do Independent chamou os dois filmes de Ritchie de "pornôs gays para héteros". Em um artigo intitulado "Just What Sort of a Guys Guy is Guy Ritchie",[22] escreveu sobre Snatch: "Seus diálogos 'mockney geezer'[23] estão cheios de referências a 'ter minhas calças arriadas', fazer 'ficar curvado', 'penetração total' e ser 'fodido'". Isso não é de surpreender, uma vez que em Jogos, trapaças e dois canos fumegantes e na série de tevê derivada do longa-metragem de que foi produtor executivo, as mulheres são conspícuas por sua ausência — o único snatch[24] em Snatch é com outro homem... "Em uma época de confusão masculina, [Ritchie] é o exemplo proeminente de um fenômeno em ascensão: o homo-hétero", escreveu Simpson. "Exclusiva e inflexivelmente heterossexual na cama, o homo-hétero fica no entanto enfeitiçado por imagens masculinas, fantasiando com um mundo de homossociabilidade que está distante do homossexualismo apenas a um sabonete caindo no chão. Será que Guy Ritchie — que vive com a mulher famosamente descrita como um gay aprisionado no corpo de uma mulher — é um gay aprisionado no corpo de um hétero?"

Provavelmente análises como essa de Simpson são o motivo de Guy Ritchie parecer irritadiço acerca de sua imagem pública. Quando um repórter da revista masculina FHM perguntou-lhe por seu gosto para roupas, ele ficou na defensiva, usando palavras como "fruta", "bicha-louca", "porra de árvore frutífera" e "afetação". Também disse, de modo estranho, que estaria melhor se metido "numa roupa de gladiador". Mais tarde, em outra entrevista, disse que "não vou deixar Madonna me vestir como um veado".

Guy Ritchie é alto e tem aparência atlética, com o cabelo louro escuro desfiado e olhos castanhos escuros emoldurados por um rosto sensível e bem talhado. Seu charme é contagiante; ele atrai pessoas como um ímã (exceto quando Madonna está por perto; seu magnetismo é obviamente mais forte).

Quando Guy estava em Los Angeles em janeiro de 2001 para o lançamento nos Estados Unidos de seu filme Snatch, tive a oportunidade de encontrar com ele e fiquei surpreso com a jovialidade de seu modo de agir e sua aparência. Embora estivesse com 32 anos de idade, seu comportamento era extrovertido e amigável como de um garoto de colégio. Não é nem um pouco pretensioso, como se pudesse ser o chapa de qualquer um — coisas que tornam seu relacionamento com Madonna mais intrigante, até mesmo desconcertante.

Não importa como se encare isso, ao conhecê-la, Madonna parece tudo menos "normal". É preciso esforço de imaginação para achar que ela pudesse se

tornar rapidamente o "chapa" de alguém. Mesmo quando não era uma estrela, não era o tipo de garota que se julgaria acessível e fácil de conhecer. Agora, como tem sido uma celebridade por tantos anos, ela se conduz com ares decididos de realeza e um senso de glamour que deriva não tanto de sua aparência, mas de seu caráter e personalidade. Sua presença tende a criar uma distância entre ela e qualquer admirador. É de espantar, assim, como acabou ficando com Guy Ritchie, que é muito mais afável e modesto— e como ele acabou ficando com ela.

Embora pareça fútil analisar coisas do coração (especialmente quando o namoro ainda está em botão e possa mudar de tantas maneiras diferentes), basta dizer que os dois parecem equilibrar a personalidade um do outro. Talvez nessa extraordinária combinação de contrastes, Guy lhe propicie uma sensação de normalidade e ela, uma certa emoção. Guy e seu parceiro Matthew Vaughn estão constantemente desenvolvendo novos projetos de filme — no momento quatro, incluindo um remake do filme de futebol na penitenciária com Burt Reynolds, de 1973, rebatizado de The Mean Machine.[25]

Desde o início, Madonna gostou de estar com Guy Ritchie, disse, pois ele a tratava "como uma pessoa normal, não como um ícone". Quando se dirige a ela, tem o dom inestimável de fazer com que se sinta a pessoa mais importante do mundo para ele. Além disso, nunca conheceu alguém tão cheio de cumprimentos; ele elevou a bajulação a uma forma de arte. "E não se sente intimidado com a fama", disse Madonna, "chama-me de 'Madge' e até me faz lavar seu carro com ele", diz ela. Finalmente. Aquele sim — Guy Ritchie — parecia ter tudo: era bonito, sexy, ganhava dinheiro, sensível e com uma maturidade segura e perceptiva. Mais importante, amava Madonna, que lhe retribuía a afeição com emoção equivalente.

EM todo relacionamento, contudo, há traços de personalidade aos quais os dois parceiros têm de se adaptar. Um problema que ambos precisaram enfrentar bem cedo em seu namoro foi que Guy a contradizia em público. Em vez de fazer uma cena, ela mordia o lábio. Depois, não deixaria mais barato. "Nunca me contradiga diante das pessoas", disse-lhe, segundo dois amigos íntimos. Os quatro estavam sentados em um pub escuro, cada um bebendo um quartilho de Guinness sob uma cortina de fumaça de cigarro. Madonna usava o que parecia ser uma blusa de gola olímpica Versace, uma jaqueta de couro Gucci e uma Levis batida.

("Nunca, nem em um milhão de anos, eu poderia me imaginar sentada em um pub, bebendo", diria mais tarde, feliz com o fato do quanto haviam ficado relaxados seus padrões de uma vida saudável.) "Mas quando você está errada, está errada", disse Guy, mantendo uma postura quase clínica.

"De jeito nenhum", insistiu ela, dramaticamente. "Quando estou errada, ainda estou certa — em público." Tirou seu espelho da bolsa e — com um rápido meneio de mão — aplicou uma camada fresca de brilho para os lábios cor de amora. "Se um dia você tiver algum problema com algo que eu disser", concluiu, olhando para seu reflexo, não para ele, "venha me dizer em particular, viu?"

Era como se tivesse de doutrinar Guy sobre a forma como vinha vivendo ao longo de quase duas décadas. Se alguém lhe pedisse para fazer algo que não queria — "o que acontece cerca de trinta vezes por hora", como disse —, simplesmente inventava algo e dizia que tinha outros planos, em vez de afastar a pessoa ou pedir desculpas.

Certa vez em uma festa, quando estava sendo importunada por um fotógrafo, mentiu e disse que não poderia deixá-lo tirar sua foto naquela noite porque tinha planos para um jantar. Guy cortou e disse: "Não, Madonna, isso é amanhã à noite. Esta noite você está livre". Ela o fuzilou com o olhar, com uma intensidade que não escapou a ninguém que estava presente e testemunhou o episódio. Não é provável que Guy Ritchie um dia cometesse aquele erro novamente.

Guy, cujo antiquado charme inglês só é comparável as suas maneiras impecáveis e polidas, também teve de se acostumar à forma como Madonna comia uma salada. Os mesmos dois amigos que estavam com eles no pub recordam-se do que aconteceu em um jantar mais tarde naquela noite quando a salada foi servida: Madonna começou a comer com as mãos.

"Mas isso é muito... errado", disse Guy, com o rosto de desaprovação.

"O que você quer dizer?", perguntou Madonna. Ela embrulhou um crouton usando uma folha de salada pingando molho e enfiou tudo na boca.

"Isso... ora, isso aí... comer com as mãos?"

"Ah", disse Madonna, rindo. "Isso. É assim que eu como salada. É bom ir se acostumando."

Possivelmente devido a seu envolvimento romântico cada vez mais sério com Guy Ritchie, e seu envolvimento profissional com Rupert Everett, uma espantosa mudança na mística de Madonna perto do final dos anos 90 foi seu hábito surpreendente de falar no que parecia ser um sotaque inglês de alta classe que de alguma forma tinha laivos de italiano. Algo parecido com a afetação que Elizabeth Taylor começou a ter após seu envolvimento com Richard Burton. "Sim, deveras", era sua frequente observação, hoje notória. Madonna amava de fato os britânicos e estava determinada a fazer de Londres seu lar principal. "Odeio usar esta frase, mas é verdade que se pode começar tudo novamente na Inglaterra", disse. "O que acho de fato é que o inglês mais estúpido é cerca de dez vezes mais inteligente que o americano mais estúpido." Em pouco tempo ela

deixou sua casa alugada de 15 mil dólares por mês em Notting Hill para adquirir uma casa de quatro andares com duzentos anos de idade em South Kensington por 5 milhões de dólares.

Madonna cresceu, e como resultado é uma pessoa diferente do que era quando mais jovem e mais frívola. Por exemplo, não é mais maníaca por compras. Costumava gastar milhares de dólares todas as semanas com roupas. "Fiquei muito austera para isso agora", diz. "Estou parcimoniosa demais para gastar meu dinheiro dessa maneira. Sou tão cuidadosa, mas tão cuidadosa, que até mesmo esqueço que tenho um monte de dinheiro."

Madonna está tão cuidadosa, de fato, que as pessoas que trabalham para ela dizem que ficou econômica além da conta. Mantém as flores em sua casa muito depois que já murcharam, só para não ter de gastar dinheiro com flores frescas. Insiste que sua governanta faça compras usando cupons de desconto, de modo a poder economizar uns poucos dólares em alimentos. Anda pela casa toda apagando as luzes para não gastar energia. Não deixa que os amigos façam ligações interurbanas em seu telefone.

Dificilmente paga a conta quando sai para jantar com os amigos. Quase nunca tem dinheiro consigo, e está sempre se queixando de que está "pobre de dinheiro vivo", como costuma dizer — mesmo que seja uma das mulheres mais ricas dos showbiz. Sua porta-voz, Liz Rosenberg, admite que quando Madonna está se apresentando em turnês, cuida da própria roupa, pois acha as taxas dos hotéis muito caras. Investiga ela mesma as contas de hotéis para ter certeza de que não foi lesada, e se descobre que estão cobrando a mais manda seu contador tratar com o gerente.

A única extravagância: sapatos. Ela tem centenas de pares, muitos dos quais julga frágeis e refinados demais para usar em público, de medo que possam ser danificados no tumulto louco que parece sempre estar a sua volta. Guarda muitos de seus preferidos envolvidos em papel de seda, fechados em caixas. De vez em quando, tira-os das caixas, fica admirando-os e acariciando-os, os põe nos pés e... tira de novo, guardando de volta.

A escritora Janice Dunn em uma entrevista (no meio de 2000), Madonna disse: "Quando vou à casa dos Versace e vejo o modo como os ricos vivem, eu penso: 'Sei que posso viver desse jeito', mas não é algo natural para mim. Aprecio mesmo as pessoas que escolhem uma existência completa e mergulham nela para viver uma vida superior, glamourosa, decadente. E que têm torneiras de ouro e estátuas em toda parte. Aprecio as coisas bonitas, e tenho coisas lindas na minha casa — arte fina, tenho tecidos de linho Frette e todas essas coisas. Mas acontece que simplesmente não preciso ficar mostrando. Gosto de mostrar quando estou no palco. Não gosto de mostrar, tipo Venha dar uma olhada, veja

como sou rica'. Esse não é meu estilo".

Além do mais, embora Madonna valha milhões de dólares, ainda teme que seu destino sofra um revés, voltando a ser a jovem que comia em latas de lixo em Nova York, nos dias difíceis. "Você nunca supera o fato de ter comido de uma lata de lixo", afirma, "não importa quanto dinheiro consiga. Gostaria que as pessoas me entendessem, mas acho que a menos que tenham tido minhas experiências, jamais poderão compreendê-las, ou a mim. Acho que sou a pessoa mais incompreendida do planeta."

"As pessoas acham que meu objetivo é apenas compor sucessos musicais e fazer filmes", conclui ela. "Eu não me sento aqui pensando se ainda estarei fazendo videoclipes com cinquenta anos. Espero chegar nessa idade com três filhos, que serão o centro de minha vida... sem aparecer na MTV".

Guy Ritchie pareceu ser o parceiro perfeito. Ele a amava, compreendia sua necessidade de crianças e até mesmo a encorajava a dar um tempo em sua carreira, para, como ele disse, "começar de fato a pensar sobre o que vai torná-la uma pessoa realmente feliz". Ou, como Madonna concluiu a seu respeito: "Este é um protetor".

---

[22]. O trocadilho intraduzível joga com o nome do cineasta: guy significa "cara, homem, rapaz" (guys guy: "um cara que é de outro cara"). (N.T.)

[23]. Mais uma expressão intraduzível: geezer é um tipo, um esquisitão, um velho inglês excêntrico, e mockney, um falar urbano londrino, é uma fusão das palavras mock, neste caso com o sentido de "imitar, ridicularizar", e cockney, o sotaque/dialeto do depauperado East End londrino. (N.T.)

[24]. Snatch significa "roubo", mas também "agarração". (N.T.)

[25]. Já lançado no Brasil como Penalidade máxima. (N.T.)

Bird versus Ritchie

FOI EM 19 DE MARÇO DE 1999 que o passado de Madonna atravessou seu futuro quando Andy Bird e Guy Ritchie se encontraram pela primeira vez no badalado Met Bar, em Londres, que é ligado ao Metropolitan Hotel, em Park Lane. O que aconteceu diz tanto sobre Guy como sobre Andy. Os dois, que deram de cara um com o outro, começaram a falar sobre Madonna — que estava em Los Angeles na época para as festividades pré-Oscar, de braço dado com o vocalista do Sugar Ray Mark McGrath.

"Estávamos comparando observações sobre ela quando de repente ele me golpeou", conta Andy Bird. "Veio do nada." Bird — dois anos mais novo do que Ritchie— disse que o soco lançou-o cambaleando sobre duas mesas. "Eu simplesmente não podia acreditar", observou ele.

Ed Baines, um chef londrino e amigo de Guy Ritchie, diz: "Guy sentou-se lá ouvindo por uma hora e meia e ficando cada vez mais exaltado. Ele é muito honrado. Aquele cara [Bird] não parava de falar. Guy se levantou para ir embora e o cara agarrou seu braço e disse: 'Você não vai a lugar nenhum'. Guy então achou que um soco no nariz não faria mal algum".

O rompimento com Madonna fora difícil para Andy Bird quando surgiu o momento de desemaranhar suas vidas entrelaçadas — amizades compartilhadas, famílias, moradias, posses. Fora Madonna quem chegara a uma conclusão sobre a necessidade de terminar, não Andy. Foi uma grande angústia para ele, diz um amigo seu, "uma verdadeira dor física, pois nutria sentimentos verdadeiramente profundos por ela".

No fim de 1999, Andy Bird envolveu-se romanticamente com a apresentadora de televisão e designer de interiores britânica Anna Ryder Richardson. Infelizmente, o relacionamento acabou após três meses. "Acho que sou uma pessoa muito confiante, mas aquilo era demais para aguentar. Fiquei doente de ouvir a palavra Madonna perto do fim de nossa relação", disse ela. "Era uma pressão que eu não precisava. No final, ela acabou com nosso namoro — simplesmente porque ele não conseguia se esquecer dela."

Como perdera algo que desejava tanto, era difícil para Andy Bird não ser amargo. Além disso, havia um componente público implicado no rompimento,

um elemento de humilhação, uma vez que estava claro para a maioria dos observadores que fora ela quem tomara a decisão, não ele. Ainda assim, não era muito inteligente da parte de Bird expressar qualquer animosidade acerca do que ocorrera com o atual parceiro de Madonna, Guy Ritchie.

Guy é um homem forte que não fala muito em público mas que, entre seus amigos e colegas de negócios, é tão conhecido por suas bravatas de cara durão como é por Jogos, trapaças e dois canos fumegantes. Embora pareça de certa forma tímido quando está ao lado de Madonna, seus hobbies incluem caratê e judô e, como afirma, "chutar uns traseiros". Chama a si mesmo de "um filho-da-mãe espertalhão e presunçoso". Enquanto Carlos Leon era gentil e despretensioso, Guy Ritchie é do tipo briguento, bem parecido com Sean Penn— uma personalidade que Madonna acha irresistível. Como muitos ingleses, parece reservado em público, mas em particular é expressivo, veemente e muito divertido — até alguém passar dos limites com ele. Tem uma pequena cicatriz no rosto, que ostenta como uma medalha. "Tudo que posso dizer é que fiquei totalmente surpreso quando meu oponente sacou uma faca Stanley", diz, explicando a cicatriz. Uma bela linha reta... seja ou não verdade.

Embora seja provável que tenha pintado a si mesmo com tintas heroicas, Guy Ritchie é discreto o bastante para se omitir de dar seu lado na história. Diferente de Bird— que discutiu a briga com a mídia —, Ritchie manteve sua boca fechada, o que, sem dúvida, lhe valeu a apreciação de Madonna. Cerca de um ano mais tarde, Guy comentou com Steve Hobbs, da GQ: "Há algo de honesto sobre a violência. Algumas coisas são melhores se acertadas na hora. É claro", concluiu, "ajuda se você for um grande filho-da-mãe."

O grande momento de Madonna

ELA SE TORNARA UMA PESSOA MELHOR— não somente como mãe, mas também como namorada. Parecia que no final de 1999, o sucesso de Madonna como mãe de Lourdes havia influenciado a forma como se relacionava com um homem em sua vida. Agora, como resultado de ter de lidar com as exigências de sua filha, estava mais paciente ou, no mínimo, tentava ser compreensiva. É claro, era difícil para ela agir sem egocentrismo em certas ocasiões. Afinal de contas, ainda era uma pessoa rica que passara boa parte dos últimos quinze anos como uma estrela mimada e voltada para si mesma. No entanto, agora tentava ser uma pessoa mais abrangente e generosa, não só por causa de Lourdes, mas também porque aprendera as lições de todos os seus desagradáveis romances anteriores. "Finalmente percebi que se você tem o tipo certo de homem em sua vida, tem de ser o tipo certo de mulher", contou à Cosmofolitan. O relacionamento de Madonna com Guy Ritchie estava funcionando de uma forma que simplesmente teria sido impossível com homens como Sean, Warren, John Jr. e, até mesmo, Carlos e Andy.

Guy gostava quando Madonna tirava uma hora para conversar sobre os projetos dele, em vez de apenas sobre seus próprios. Trazia um sorriso ao seu rosto vê-la com Lourdes, brincando com a menina, disciplinando-a ou simplesmente compartilhando um momento de tranquilidade. Já não era egoísta como no passado — embora, na verdade, ele jamais houvesse conhecido esse outro lado seu. Por mais difícil que fosse para seus detratores aceitar -ou até acreditar —, a Material Girl era agora uma mulher madura, o tipo de mulher que um homem pode querer não só em sua vida, mas também na vida de seus filhos. É certo que uma grande dose de bagagem emocional está envolvida quando se é o parceiro de Madonna — havia dias em que podia ser difícil, exigente, impossível —, mas Guy parecia sentir que valia a pena, principalmente quando estava em casa, sozinho com a mulher que chamava de "patroa".

Para o resto do mundo, Guy e Madonna são um casal extraordinariamente atraente, bronzeados e saudáveis, ágeis e sorridentes com a despojada aura de duas pessoas que desfrutam o melhor que a vida tem a oferecer. Mas por mais que tentem compreender um ao outro, suas briguinhas e discussões espelham as

de qualquer casal comum... a despeito da situação incomum. Por exemplo, no fim de dezembro de 1999, Guy se viu em meio a um típico drama de Madonna quando o casal passou a véspera de Ano Novo na mansão de Donatella Versace, em Miami Beach.

Madonna pediu— e foi atendida— uma escolta policial para a festa de Versace, para não ter de enfrentar o trânsito ao atravessar a multidão que comemorava o milênio enchendo o palacete de doze dormitórios e trinta banheiros na Ocean Drive, diante do qual Gianni Versace fora assassinado em julho de 1997.

"Pareceu um pouco exagerado para mim", Guy observou depois diante de outros convidados. Estava elegante como sempre, metido no tipo de terno risca de giz de "alta costura" apreciado por alguns gentlemen ingleses.

"Bem, é que simplesmente detesto trânsito", Madonna explicou com um tom petulante. Ela então tirou seu casaco e, sem dizer palavra, estendeu-o para Guy. Debaixo dele, usava uma blusa justa na cintura e uma saia de inspiração anos 40.

"Mas você não estava nem mesmo dirigindo", Guy observou, enquanto apanhava a roupa. "Estávamos numa limusine."

"E o que você quer dizer?", perguntou Madonna, olhando para ele.

"Quero dizer que...", começou a explicar Guy. Obstinadamente, parecia não ter intenção de abandonar o assunto.

"Ai, meu Deus, Guy! Por favor", exclamou Madonna, com um sorriso. Então agarrou a mão de Gwyneth Paltrow e começou a caminhar com ela através da multidão de gente.

(Gwyneth e seu namorado, Guy Oseary — um dos executivos chefes do selo Maverick, de Madonna —, estavam passando um tempo na casa de hóspedes de sua residência em Coconut Grove, em Miami Beach.) "Ele tem um bocado a aprender sobre sair com uma mulher de posses", disse Madonna a respeito de Guy, com um sorriso conspiratório para suavizar a crítica. Sorrindo, a encantadora Gwyneth, em esguias calças de camurça e usando uma jaqueta de couro, gesticulou com o dedo indicador para sua amiga como que dizendo "Ora, ora, não seja incorrigível".

"Um uísque duplo", Guy pediu ao garçom que passava. Sacudiu a cabeça, amistoso. "Sem gelo."

No jantar para 75 pessoas servido no pátio da mansão, Madonna e Guy Ritchie estavam acompanhados de Gwyneth Paltrow, Guy Oseary, Ingrid Casares, Rupert Everett, o irmão de Madonna, Christopher Ciccone, e Orlando Pita, seu cabeleireiro. Gigantescas lonas plásticas haviam sido amarradas às palmeiras em cada lado da mansão para impedir a visão de fãs ou fotógrafos, enquanto homens semivestidos serviam hors-d'oeuvres e champanhe.

"Foi uma verdadeira noite de dissipação e licenciosidade", lembrou-se Madonna mais tarde. "O melhor réveillon que já tive. Havia homens sem camisa com o corpo untado de óleo dançando sobre pedestais e uma banda de mambo tocando, além da comida simplesmente deliciosa. As pessoas pulavam, subiam e desciam dos móveis. Não sei quantos drinques tomei. Tudo que sei é que não paravam no copo e rapidamente você tinha vinte drinques pela metade... Eu estava com um grupo de amigos perfeito."

Cerca de uma hora e meia antes da meia-noite — quando Madonna e os demais devoravam carne e salmão —, a atriz e cantora Jennifer Lopez apareceu na festa, de bicão.

Jennifer estava em Miami para evitar a atenção da mídia de Nova York após sua recente prisão com o namorado, Sean (Puffy) Combs. Um humor sombrio pareceu se apossar de Madonna — que já estava um pouco embriagada a essa hora — assim que notou Jennifer. Ficando de pé, anunciou para os amigos: "O jantar acabou". Então foi até um canto distante do pátio, seguida fielmente por quatro de seus cinco companheiros: os dois Guys (Ritchie e Oseary), Ingrid e Rupert. Porém, Gwyneth permaneceu na mesa, fitando fixamente uma taça de vinho vazia e parecendo perdida em pensamentos.

Estava sendo um réveillon tenso para Gwyneth, que recentemente decidira terminar sua breve relação com Guy Oseary, afirmando que "acontece que não é o cara certo para mim". No entanto, disse que iria manter uma promessa feita a ele de ser seu par na importantíssima véspera de Ano Novo.

Mais cedo naquele dia, Madonna e seus amigos entraram no iate dela e partiram do embarcadouro que ficava em sua propriedade com destino à casa de Rosie O'Donnell em Miami, em South Beach, cerca de quinze minutos distante de barco. O iate estava sendo pilotado pelo guarda-costas de Madonna. Assim que chegaram à casa de Rosie, Gwyneth passou cerca de uma hora chorando no ombro da amiga sobre o quanto sentia falta do ator e antigo namorado Ben Affleck, que conhecera em 1997 no set de Shakespeare in love — Shakespeare apaixonado (pelo qual ela ganhou o Oscar). Provavelmente se sentindo enredada no meio de uma situação delicada — uma vez que Guy Oseary era não somente um parceiro de negócios seu na Maverick como também um bom amigo —, Madonna fez o melhor que podia para ser diplomática e compreensiva. Encurtou a visita a sua amiga e voltou para casa.

Madonna havia trazido seus instrutores de ioga até Miami para que ela e os amigos pudessem relaxar e meditar. ("Tenho de fazer ioga onde quer que eu vá", disse.) Gwyneth, no entanto, não estava interessada em ioga nesse momento e passou o resto do dia na casa de Madonna apenas choramingando.

Naquela noite, para grande aborrecimento de Madonna, Gwyneth passou o

tempo todo em seu celular conversando com Ben Affleck, que estava em Boston. Alguém ouviu Madonna dizer a Gwyneth: "Você vai sufocar completamente o pobre homem. Será que dá para desligar o telefone e aproveitar o resto da noite?"

"Ah, mas sinto falta do meu Benny queridinho", disse Gwyneth, infeliz.

Segundo uma testemunha, Madonna ergueu os olhos para o céu. "Seu Benny queridinho vai dar área se você não parar de bancar a carente", disse. Quando a esguia Gwyneth sentou-se no chão, segurando os joelhos, Madonna a estudou com um ar tristonho, e então deu meia-volta.

Houve muita especulação sobre por que Madonna ficou tão aborrecida com a presença de Jennifer Lopez. A verdade era que estava furiosa com comentários feitos pela cantora sobre ela e Gwyneth em uma entrevista publicada recentemente.

Sobre Madonna, Jennifer observou: "Se eu a acho uma grande artista? Sim. Se eu a acho uma grande atriz? Não. Atuar é o que eu faço. Tipo 'Ei, não cuspa na minha arte'". Sobre Gwyneth, ela disse: "Não me lembro de nada que tenha feito. Algumas pessoas ganham crédito por associação. Ouvi muito mais sobre ela e Brad Pitt do que sobre seu próprio trabalho". Por outros amigos comuns, Madonna também descobriu que Jennifer Lopez andara fazendo outros comentários desagradáveis sobre ela que não apareciam nessa entrevista.

"Vamos dançar", disse finalmente Madonna. Então, ela e sua turma foram para o Bar Room, um dos clubes noturnos de propriedade de Ingrid (agora também uma talentosa empresária representando Victor Calderone, um DJ que remixou muitas canções de Madonna). Em quinze minutos, Madonna viu-se cercada por uma multidão excitada, em que cada pessoa lutava por um único e precioso segundo de sua atenção. George Cukor certa vez disse de Marilyn Monroe que toda vez que entrava em um lugar "era um acontecimento". Certamente, o mesmo podia ser dito de Madonna. Movendo-se de forma vagarosa e deliberada em meio às pessoas que a veneravam, sorria e acenava como se a festa fosse em sua homenagem. Em pouco tempo foi engolfada por um cortejo de adoradores.

Enquanto isso, Guy Ritchie sentava-se no bar, sozinho.

Ele nunca cansou de se surpreender, como contaria depois, com a forma como se tornava praticamente invisível sempre que estava com Madonna em público. A maioria das pessoas olhava através dele e fixava a atenção em sua namorada internacionalmente famosa, e no que quer que ela estivesse fazendo, e fosse lá com quem.

"Guy, chegue aqui", gritou Madonna do meio da multidão. "Quero que conheça alguém."

Um enfastiado Guy Ritchie virou-se para um homem que não percebera que era um repórter de um jornal de Miami. Ergueu o copo para ele antes de dar um gole. Então, se levantou. "Quem sabe no réveillon do ano que vem", concluiu, com a voz cansada e inexpressiva. "Vou pra casa, vou dormir."

Lá pelas quatro da manhã, a festa de Ano Novo estava a pleno vapor, caótica. Com as hipnóticas ondas pulsantes de tecno enchendo o ambiente, Madonna subiu em uma mesa e começou a dançar selvagemente no ritmo. "Venha aqui", sinalizou para Gwyneth com um sorriso provocador.

Após um segundo de hesitação, Gwyneth pulou para cima da mesa e juntou-se à amiga. Lá no alto, para delírio dos pelo menos duzentos presentes, Madonna e Gwyneth fecharam os olhos e começaram a dançar, as duas parecendo entrar num transe sedutor, com movimentos descaradamente voluptuosos. Com as mãos em arco acima das cabeças, provocavam-se e incitavam uma à outra no que parecia ser uma versão improvisada de uma dança ritualística grega chamada tsamikos (em que duas dançarinas seguram a ponta de um lenço branco no alto — só que no caso não havia nenhum lenço branco entre as duas).

Embora a música já estivesse alta, de alguma forma parecia cada vez mais alta.

Conforme Madonna dançava despudoradamente, é possível apenas imaginar o tipo de imagens que cruzavam sua mente. Era o fim do milênio. Desde o nascimento de Lourdes, estivera se sentindo contemplativa. Cegada pelas torrentes de cores vindas da iluminação ofuscante, talvez os rostos do passado piscassem diante de seus olhos — instantâneos de Christopher Flynn, Camille Barbone, Dan Gilroy, Erica Bell, Jellybean Benitez, Sean Penn, Warren Beatty, John Kennedy Jr., Sandra Bernhard, Carlos Leon, Andy Bird e tanta gente mais —, nomes e rostos de amigos e companheiros levados pelo tempo, todos arremetendo numa onda de saudosismo milenar, evocando sentimentos facilmente relacionados com aquela época do ano — apenas provavelmente tornados ainda mais sentimentais em virtude daquele momento único, o fim de um milênio, o início de outro.

Enquanto Gwyneth Paltrow corcoveava em cima da mesa, Madonna a circundava, um predador com água na boca examinando sua presa. Assim como sempre calculara cada passo em sua carreira, vendo cada desafio como um adversário a ser dobrado segundo sua vontade, Madonna olhava para Gwyneth com olhos famintos. Então, como se não pudesse mais disfarçar seu apetite por carne jovem e fresca, Madonna deu o bote. Agarrou Gwyneth e dobrou sua espinha até arqueá-la. Forçada a se render à vontade da amiga, Gwyneth capitulou. Então, enquanto a multidão urrava aplaudindo e assobiando, Madonna fez o que sabia fazer de melhor: quebrou as expectativas. Beijou-a na boca,

abandonando-se, entregando-se a Gwyneth Paltrow e às circunstâncias, injetando um sopro de vida em tudo aquilo e extraindo do momento o máximo que podia.

Abandonando-se alegremente ao Grande Momento de Madonna, Gwyneth continuou a mexer seu corpo com a música, com uma expressão gloriosa no rosto enquanto retribuía o beijo de Madonna. Quando Madonna finalmente a soltou, Gwyneth continuou a dançar em cima da mesa, agora com um sorriso satisfeito e parecendo mais viva e linda do que nunca. As pessoas em volta seguiam aplaudindo e marcando o tempo da batida enquanto observavam Gwyneth se tornar uma só com o reverberar e martelar da música.

Seus problemas amorosos, suas preocupações com este ou aquele sujeito aparentemente sumiram, erradicadas completamente pelo Grande Momento de Madonna.Madonna pulou da mesa para observar, parecendo o protótipo perfeito e consumado de uma nova geração de ícones, loura e sexy, enquanto a doce, inocente e ingênua Gwyneth Paltrow continuava dançando em cima da mesa — tendo acabado de ser beijada por outra mulher. Quem pode saber o que Gwyneth estava pensando, ou como sua própria vida seria transformada pelo momento, se é que mudaria de alguma forma. Porém, para Madonna, aquilo não passara de mais um ato de completa e típica indiferença por todos os demais. Em todo caso, fora um beijo que demonstrava um maravilhoso traço de permanência acerca de sua personalidade. Sim, ela mudara. Sim, estava mais madura.

Mas com cabala ou sem cabala — no fundo, ainda era quem sempre fora —, continuava sendo uma mulher em sua melhor forma criando situações chocantes e entregando-se a elas completamente, forçando todos os outros a participar, quisessem ou não.

Com Gwyneth Paltrow ainda fazendo seu show exclusivo no alto da mesa, perdida em seu próprio prazer, Madonna sacudiu a cabeça com aprovação, os olhos faiscando.

Então, gritou bem alto, erguendo a voz acima do ruído estridente, fazendo sua melhor imitação de Austin Powers. "Yeah, baby", gritou Madonna para a amiga. "Yeah, baby!"

Music

NO ANO 2000, MADONNA COMPLETOU duas décadas como ícone incontestável, testado e aprovado. No universo das estrelas pop, fizera de tudo, sem dúvida. Viera de lugar nenhum — não nas costas largas de alguma celebridade ou como protegida de alguém famoso, mas por conta própria, com impetuosidade, anônima — para criar com um único single um catálogo multimilionário de compradores no mundo todo.

Havia feito turnês por todo o mundo, tornando-se nesse meio tempo uma artista fascinante. Desenvolveu-se não só como compositora capaz mas também como produtora musical. Teve aparições no cinema e na Broadway. Criou empresas, gerando milhões de dólares para si mesma e seus conglomerados ligados ao showbiz, bem como para os indivíduos orbitando em torno dela. Conheceu pelo menos uma vez o gosto de recuperar a popularidade de um jeito ou de outro, com o ganhador do Grammy Ray of Light.

Na aurora do século XXI, parecia que Madonna, a pop star, fora de tudo, desde a mais polêmica até a mais emulada artista mulher da história do showbiz. Depois de se testar em quase todas as categorias em que trabalhou, havia de fato apenas um objetivo ao qual uma estrela com amor-próprio como ela podia agora aspirar: compor mais um sucesso.

Um desafio comparável a obter o estrelato é mantê-lo, um fato que qualquer artista que venda milhões pode confirmar. No final do século XX, Michael Jackson — o único outro pop star no showbiz comercial e artisticamente tão bem-sucedido quanto Madonna — viu sua carreira decair significativamente. É claro, como Madonna, se Jackson nunca houvesse composto outra música ou nunca mais pisasse no palco, sua lenda como um dos maiores artistas de todos os tempos ainda estaria assegurada. No entanto, sua incapacidade de acompanhar o volúvel e cheio de modismos mundo da música pop tornou-se embaraçosamente visível no fim da década de 1990, com o lançamento de HIStorj Part I, um álbum duplo com material novo e antigas canções. As frustrantes vendas do CD não puderam ser salvas nem pelo dueto maníaco e supercarregado entre o Rei do Pop e sua irmã Janet, chamado Scream. Em anos recentes, Prince e Janet também assistiram à queda de vendagem de sua música, os lucros com os CDs dos dois

superastros certamente nem se comparam ao que eram nos áureos tempos.

No final dos anos 90 e no começo de 2000, Madonna, os artistas mencionados, a indústria da música como um todo e de fato todo o mundo contemporâneo do pop foram tomados de assalto pelo que provavelmente será uma moda passageira de "boys bands" e artistas femininas sexy e adolescentes, cuja enlouquecida linha de frente compreende os milionários Backstreet Boys, N'Sync, Britney Spears e Christina Aguilera. Ainda assim, não parecia que Madonna ficara à deriva no início do novo ano. Ray of Light vendera milhões de cópias no mundo todo, um álbum saudado como ousado e inovador. Porém, alguns dos críticos de Madonna o viam como mais um artifício calculado por parte da artista para explorar música eletrônica de inspiração rave, que de modo geral ainda não fora detectada pelo radar das principais correntes do pop até Madonna se apoderar da tendência.

Os detratores de Madonna não entenderam que Ray of Light era na verdade onde os gostos pessoais dela se encontravam à época — Madonna não estava apenas explorando um novo som; era um som que estudara e apreciava. O fato de ser uma pop star madura com um amplo leque de experiências profissionais não diminuíra seu apetite em se aventurar por música nova. Embora ainda goste de ouvir canções como "Singin' In The Rain" de musicais clássicos de Hollywood quando está na intimidade de sua casa ou seu escritório, Madonna aprecia os trabalhos de artistas alternativos e músicos ecléticos praticamente desconhecidos do grande público, como Anoushka Shankar, filha do lendário músico indiano Ravi Shankar.

Certo dia, ouvindo inúmeras demos e outras gravações que chovem nos escritórios da Maverick Records diariamente, tanto de compositores e produtores aspirantes como consagrados, Madonna ouviu a fita de um álbum do compositor/produtor Mirwais Ahmadzai, que anteriormente já elogiara a capacidade musical dela. A não ser para os amantes da música rave, Mirwais (que raramente usa seu sobrenome) é praticamente um estranho para os fãs americanos de pop music. "Eu ouvi e pensei tipo 'Isto é o som do futuro, tenho de conhecer essa pessoa'", diria Madonna à Rollling Stone. "Então foi o que fiz, e nos demos muito bem. E foi exatamente o que aconteceu com [o produtor de Ray of Light] William Orbit, também."

Em um encontro rapidamente providenciado por Guy Oseary, Madonna e Mirwais mostraram um tal entrosamento que isso a fez decidir que "o som do futuro" seria também o som de seu próximo álbum. Três semanas depois de apertarem as mãos, ela e o produtor estavam juntos no estúdio; a maior parte do material foi gravada em Londres, começando em setembro de 1999. Perto do final de janeiro de 2000, as gravações estavam praticamente encerradas.

Madonna sempre considerou a competição entre seus produtores como o melhor meio de extrair o máximo deles, mas William Orbit disse que não teve o menor problema em trabalhar com Mirwais por perto. Em todo caso, nenhum dos dois produtores poderia ouvir o resultado do trabalho do outro até o árduo processo de masterização do álbum em Londres.

Como William Orbit estava já bastante ciente das idiossincrasias de Madonna no estúdio, foi Mirwais quem teve de se familiarizar com o estilo de trabalho criativo da artista. Tanto um técnico quanto um músico, o francês iria fuçar interminavelmente nas faixas musicais, adicionando efeitos e tirando outros, justapondo alguns sons e remixando outros. Como muitos artistas com uma visão clara do que querem no estúdio, Madonna tinha tendência a ser impaciente, e a tediosa maneira de Mirwais muitas vezes a levaria à loucura. Ela recorda: "Eu batia o pé, dizendo: 'Já está bom, acabou. Chega de mexer nisso'. Ele [Mirwais] simplesmente se sentava diante da tela de seu computador, mudando, aperfeiçoando, editando, cortando, colando — sei lá. E aquilo nunca acabava. Mas a vida é curta demais para um absurdo desses.

No estúdio eu sou tipo 'estou com pressa'. Acho que ele postergava ainda mais pelo fato de eu saber tão claramente o que queria, e que não estava interessada em um monte de embelezamentos quando chegava a hora da produção".

"Ela assumiu um grande risco pegando uma pessoa como eu", contou Mirwais a um repórter após o álbum ser finalizado. "Quando se chega nesse nível de celebridade, pode-se simplesmente trabalhar no mainstream e não sair de lá. Tudo que faz, para ela é como um desafio, e gosto desse tipo de personalidade."

Quando o trabalho terminou — realizado entre Londres, Los Angeles e Nova York —, o que veio à tona foi Music, uma engenhosa e caótica paisagem sonora de melodias pop e vertiginoso pop-funk eletrônico em que a emoção reservada, muitas vezes indiferente, de Madonna é geralmente a única coisa viva no horizonte. Music, com toda sua parafernália eximiamente trabalhada, nada seria se não houvesse a paixão. As últimas escolhas a serem incluídas no CD foram "Impressive Instant", repleta de sons abstratos e grooves poderosos concebidos para fazer exatamente o que sugere o refrão sintetizado, deixar o ouvinte em transe, e "Amazing", uma faixa acelerada, estilizada, energizada pela guitarra, feita com a colaboração de Orbit e que poderia ser prima musical de "Beautiful Stranger" (a canção que Madonna e Orbit fizeram para a trilha sonora de Austin Powers 2: o espião "Bond" cama). Incluída também estava "I Deserve It", uma balada melancólica tocada na guitarra acústica obviamente dedicada a Guy Ritchie ("This Guy was made for me", "Este cara foi feito para mim", canta

Madonna).

Obviamente, o carro-chefe do projeto seria seu primeiro single e faixa-título, "Music". A canção é uma paulada de pop-funk eletrônico, um hino dançante que atinge o futuro mas que também astuciosamente conjura imagens e sensações dos velhos e bons dias da disco music (com seu afetuoso chamado ao "Mr. Dj", uma lembrança dos tempos idos da disco). É um arranjo enxuto e determinado que rapidamente gruda na pele.

Como as letras das canções, o divertido clipe de "Music" apresentaria um enredo bastante simples que não se arrisca a nada mais profundo do que três garotas na cidade procurando diversão. A ideia foi inspirada na vida real de Madonna no final da década de 1970 e início dos anos 80, quando a jovem Madonna Ciccone e suas amigas, Debi Mazar e Niki Harris, costumavam vagar pelo eclético cenário artístico e clubístico de Manhattan em busca de música e romance. Originalmente, foram escolhidas atrizes para fazer a turma de Madonna no clipe. Porém, quando se percebeu que as mulheres eram bonitas demais e sem muito jogo de cintura, uma Madonna frustrada, no meio da tomada, pegou o telefone e pediu a Mazar e Harris para se juntarem a ela no set.

Do mesmo modo que se ligou na cena eletrônica para fazer a música, para o videoclipe Madonna iria com a maior cara de pau copiar a ideia do "gueto fabuloso" — um visual que superou as expectativas popularizado pelo rap da Costa Leste e estrelas da música urbana como Sean "Puffy" Combs, Lil' Kim e Mary J. Blige, caracterizado por roupas assinadas e casacos de pele descendo até o chão, complementado profusamente por ouro e diamantes (até mesmo nos dentes). Quando Puffy desce de seu Bentley vestido dessa forma, tem o ar sério.

No clipe de "Music", porém, Madonna usa todos seus vistosos paramentos com uma piscadela divertida. Para dar humor ao videoclipe, foi escolhido para interpretar o motorista palhaço da limusine o comediante britânico Ali G, cujos maneirismos abusados e irreverentes divertiam Madonna sempre que estava na Inglaterra. (Ali G estrelou um talk show na televisão como seu próprio personagem, insultando políticos e outros eminentes membros da vida pública britânica.) No fim de janeiro de 2000, Madonna nutria grandes esperanças com Music.

"Tenho de continuar em evidência", concluiu enquanto almoçava com duas amigas em Los Angeles, onde algumas das canções estavam sendo finalizadas.

Sua aparência era estupenda metida numa jaqueta cor de chocolate Balenciaga e em calças Donna Karan. Embora estivesse com o cabelo preso e usasse óculos escuros grandes, ainda atraía olhares. Enquanto lhe serviam uma salada de tomate e mussarela, disse: "Deus me ajude, mas acho que vou ter de dividir tempo no rádio com Britney Spears e Christina Aguilera".

Encolheu os ombros. "Que outra escolha tenho?"

"Bem, você sempre pode se aposentar", sugeriu brincando uma das amigas.

Madonna limpou os lábios com um guardanapo. "Mas o que seria do negócio da música sem mim?", perguntou com uma risada.

Rocco

EM FEVEREIRO DE 2000, MADONNA FINALMENTE confirmou o que os tabloides vinham declarando havia meses, que estava determinada a ter outro filho. "Acho que Lola deveria ganhar um irmão ou irmã", disse numa entrevista. "Acho que está muito mimada. Precisa de um pouco de competição. Mas eu tenho de estar vivendo um relacionamento estável." Embora Madonna abreviasse a conversa na hora de dizer quem achava que deveria ser o pai, seu namoro com o cineasta britânico parecia ser pra valer.

Um mês depois, quando Matt Lauer, do programa americano Today, perguntou a Madonna se ela estava grávida, sua resposta foi um peremptório "não". Porém, menos de três semanas mais tarde, ela e Guy Ritchie deram uma declaração conjunta à imprensa: "Estamos felizes de confirmar os rumores de que esperamos um filho para o final deste ano". Na verdade, Madonna sabia que estava grávida quando conversou com Matt Lauer, mas não queria anunciar o fato para o mundo todo antes de falar com o pai do bebê — e não queria informar Guy enquanto ele não terminasse seu trabalho em Snatch.

Ter um segundo filho parecia um progresso natural na vida de Madonna. Ela tinha orgulho da forma como criava Lola— é claro que mantém uma babá (não um exército, só uma), mas orgulha-se de realizar a maior parte do trabalho sozinha — e estava animada com a oportunidade de duplicar seus esforços como mãe.

"A última coisa que vou fazer é criar meus filhos da maneira que várias celebridades criam os deles", afirmou Madonna. "Não quero circular por aí com babás e tutores.

Acho que é muito importante para as crianças ficar em um lugar e se socializar com outras crianças. Eu tive isso [em sua infância]. Não estou dizendo que não quero mais fazer turnês ou filmes novamente, mas percebi que terei de fazer um monte de concessões, e me sinto bem com isso."

De sua parte, Carlos Leon ofereceu seus cumprimentos a Madonna por um meio estranho, o programa de fofocas de celebridades Inside Edition. "Quero lhe desejar toda a sorte do mundo", disse à mãe de sua própria filha. Cofiou o cavanhaque pensativamente. "Estou emocionado por ela", disse. "Espero que

seja uma criança muito saudável e feliz, e um irmão ou irmã maravilhoso para Lourdes."

A segunda gravidez foi, para Madonna, tão enfastiante — e desconfortável— quanto a primeira, particularmente durante os dois últimos meses. Guy comentou com um amigo que estava espantado pelo modo como Madonna ficou envergonhada na hora de ir para a cama perto do sétimo mês, sempre apagando a luz antes de tirar a roupa.

Provavelmente, como tantas mulheres grávidas, não se sentia atraente.

Em 10 de agosto, apenas dois dias depois que Gwyneth Paltrow fizera para ela um chá de bebê em sua casa, Madonna começou a sentir-se mal. Naquela manhã, ela e Gwyneth haviam conversado por telefone (Madonna se lembraria mais tarde), rindo do fato de que Madonna estava usando agora as mesmas roupas de grávida que usara da primeira vez — "e não ligo para o que as pessoas pensem sobre isso", afirmou. Falou em ser fotografada com um vestido Abe Hamilton cor de vinho coberto de renda preta, para um evento de caridade recente, e não pensou duas vezes no fato de que fora fotografada com os mesmos trajes na outra gravidez. "Acho que posso dizer com segurança que a moda já não é mais minha preocupação principal", disse (não nessa mesma conversa com Gwyneth, mas para uma repórter, posteriormente).

Depois de desligar, Madonna deu uma entrevista para o rádio, por telefone, para o disc-jóquei de Los Angeles Rick Dees. Sentada na mesa do café, anunciou que seu segundo bebê seria um menino. Brincou que o nome dele seria "Menino Jesus". Então atacou os hospitais ingleses como "antiquados e vitorianos", quando perguntada se teria o bebê no Reino Unido. Modificando a crítica, disse que não queria nem pensar em complicações causadas por dar à luz em um país estrangeiro, acrescentando: "Gosto de eficiência". (Na verdade, Madonna é uma notória anglófila, tendo cantado em verso e prosa a cerveja stout, declarado seu amor pela zona rural inglesa e manifestado seu desejo de enviar Lourdes para uma escola particular no Reino Unido. "Tenho um caso de amor com a Inglaterra", disse recentemente. Seu "caso de amor" foi uma surpresa para alguns amigos, pois pouco antes, em 1995, ela aparentemente desprezara a Inglaterra a ponto de nem mesmo comparecer ao casamento de sua boa amiga Juliette Hohnen no país.) Tendo desligado novamente o telefone, andou nervosamente antes de ir se deitar, queixando-se de náuseas. Nessa noite, Guy Ritchie fora a uma sessão privada de seu filme Snatch. Às nove da noite, Madonna ligou para seu celular para lhe dizer que estava com problemas e ia para o hospital. O noticiário depois divulgou que ele correu para casa para apanhar a namorada e então correu com ela para o hospital, levando-a pela ala de emergência e gritando "Salvem nosso bebê! Salvem nosso bebê!".

Na verdade, Madonna já estava no hospital quando ele chegou lá, "embora Guy goste de pensar que foi ele que me levou para dentro", disse ela. (Madonna foi levada ao hospital por um empregado.) Meses antes, ela fora diagnosticada como tendo placenta prévia, condição em que a placenta obstrui o canal do parto, causando hemorragia na mãe e cortando assim o suprimento de sangue do bebê. Seria necessário fazer uma cesariana, mas não o procedimento emergencial noticiado na imprensa. Ela tomara as medidas necessárias semanas antes da cirurgia, pelo menos duas semanas antes da data prevista para o nascimento.

Madonna foi colocada em uma sala do lado oposto do corredor à que Catherine Zeta-Jones tinha, poucos dias antes, dado à luz o filho do ator Michael Douglas. Os médicos então passaram a monitorá-la tão cuidadosamente quanto ao bebê, esperando que talvez conseguisse aguardar até completar o período de gravidez. Infelizmente, como com Lourdes, o nascimento do novo bebê não seria fácil. Ao ser levada à sala de cirurgia, ouviram-na dizer a Guy Ritchie: "Querido, eu amo você. Vai dar tudo certo".

A essa altura, Madonna perdera uma grande quantidade de sangue; na verdade, sua hemorragia era mais rápida do que a reposição de sangue feita pela transfusão e estava perto de entrar em choque. O bebê nasceu à uma da manhã, 11 de agosto, cerca de três horas após Madonna ter dado entrada no hospital, pesando substanciais dois quilos e setecentos gramas. (Por comparação, Lourdes, cuja gravidez foi até o final, nasceu exatamente uma libra mais pesada.)[26].

Guy sentou-se ao lado da assustada Madonna, segurando sua mão e reconfortando-a ao longo de toda a difícil operação. Deram ao menino o nome de Rocco, um nome que, pode-se argumentar, tem os necessários antecedentes italianos, mas certamente reflete os fortes interesses cinematográficos de Ritchie em nomes associados com o crime organizado. Considerando que havia especulações na imprensa que o roteirista-diretor poderia querer batizar seu filho de Vinnie ou Anthony (Ant-ny, como ele pronunciaria), Rocco provavelmente significou uma concessão.

Imediatamente após o nascimento, começaram a circular histórias de que o bebê talvez sofresse de algum dano cerebral. Felizmente, a maior parte dessas matérias escapou aos ouvidos de Madonna, que estava protegida de toda essa especulação infundada pelo cuidadoso Guy Ritchie. De fato, devido ao seu nascimento prematuro, Rocco apresentou um quadro leve de icterícia, normal nesses casos. Como seus pulmões não estavam plenamente desenvolvidos, ele permaneceu sob intensos cuidados.

Em 15 de agosto, a despeito das declarações de Liz Rosenberg do contrário, o pequeno Rocco continuava no hospital com alta programada somente para dali a alguns dias. Liz havia dito que a criança já se encontrava em casa com

Madonna, mas estava mentindo, provavelmente a fim de proteger a mãe e o filho do tumulto da mídia.

Guy visitaria Rocco nas manhãs e nos começos de tarde, enquanto Madonna não sairia de casa. Depois, ela o visitaria discretamente no Cedars-Sinai Hospital de Los Angeles todos os dias, chegando mais ou menos às 5h30 da tarde e permanecendo quatro horas para amamentá-lo e acarinhá-lo. Em todas as ocasiões, a segurança em volta da criança foi intensa, com pelo menos quatro guardas designados para seu conjunto de quartos, além de enfermeiras particulares. Quando Madonna ia visitá-lo, trazia ainda mais dois seguranças próprios.

No dia em que o bebê finalmente recebeu alta do hospital, em 16 de agosto de 2000, cinco dias após seu nascimento e, ainda, no dia do aniversário de 42 anos de Madonna, sua alegre e aliviada mãe levou-o para sua casa em Los Feliz. (A propriedade estava à venda nessa época por 4,2 milhões de dólares; Madonna acabara de comprar a residência de Diane Keaton dos anos 20 em estilo espanhol que ficava no alto de uma colina por 6,5 milhões de dólares e estava em processo de reforma, orçado em um milhão de dólares.) Entrou em seu quarto, sentou-se com uma bombinha de peito e seu novo filho — e então notou um saco de papel sobre a mesa. Olhou lá dentro e encontrou uma caixa. Ela continha um anel de diamante, presente de Guy, que fora tão maravilhoso ao longo de sua gravidez (até mesmo parou de beber durante esses meses, para que ela não se sentisse tentada). No bilhete que estava junto, Guy lhe disse o quanto significava para ele, e como estava orgulhoso dela e do filho. "Isso não é nada comparado com o presente imenso que vou lhe dar em breve", escreveu. (Madonna insiste em dizer que esse foi seu primeiro anel de diamante. Provavelmente porque devolveu o de Warren Beatty, que não contou. Quando se casou com Sean, ganhou uma simples aliança de ouro.) Tempos depois, os amigos íntimos que Madonna normalmente recebe em sua casa ("uma eclética infraestrutura de amigos: escritores, pintores, poetas, negociantes de arte e palheiros") naturalmente apareceram para visitar o mais novo membro da família. O pequeno Rocco — que parece mais com o pai do que com a mãe — foi aconchegado em seu cesto, chupando o dedo e dormitando, com um cobertorzinho de ursinho de pelúcia enrolado em seus pés. "Puxa, ele é tão perfeito", empolgou-se Gwyneth Paltrow, um dos cinco visitantes apinhados no quarto do bebê.

Por causa dos hóspedes, Madonna havia penteado o cabelo loiro, na altura dos ombros, para trás, tirando-os do rosto. Usava calças azuis folgadas bordadas em um motivo padronizado e um corpete branco simples sob uma camiseta de mangas curtas. Sapatos altos Manolo Blahnik com mais de quatro dedos de salto davam-lhe um ar de incontestável elegância. ("São melhores do que fazer sexo",

disse ela sobre os sapatos Blahnik — não pôde usar saltos altos na gravidez — "e duram mais.") Brincos Cartier complementavam seu visual com um toque delicado e inusual. Sua pele parecia translúcida. Só havia uma palavra para descrevê-la: saudável.

"Ele é perfeito, não é?", disse, fitando sua criança com enlevo. Nesse momento, Lourdes entrou correndo no quarto com uma mamadeira. "Aqui, mamãe", disse, empunhando a mamadeira para mãe. "Pra ele", acrescentou, fazendo um gesto para o irmão. Madonna arrebatou Lola em seus braços e apertou-a com força. "Ainda não", disse, com a voz baixa e sussurrante. "Logo, logo."

"Era um sentimento de muita tranquilidade", disse outro dos convidados de Madonna. "Lola então começou a sugar furiosamente a mamadeira. 'Você já é uma menina grande agora', disse M, tirando-a gentilmente das mãos dela. 'Vamos descer e beber um pouco de suco.' Então ela, Gwyneth, Lola e o restante de nós saímos do quarto na ponta dos pés. Fomos até a cozinha, tomamos umas cervejas e comemos Doritos. Doritos! Lembro-me de quando ela nunca podia comer tranqueiras, nunca."

Mais tarde, quando sobravam apenas alguns convidados, Madonna trocou suas roupas e vestiu um leve penhoar branco. Após se juntar a seus amigos na espaçosa sala de estar banhada pelo sol, com uma tela de Diego Rivera acima da lareira, esparramou-se no sofá, com o bebê aninhado em seus braços. "Eu pensei, 'minha nossa, aí está uma Madonna que o público não conhece, uma Madonna relaxada e mais livre'", disse o convidado. "Uma Madonna que talvez nem ela mesma conheça, pelo menos até pouco tempo atrás." (Ou, como disse seu irmão Christopher observando Madonna dar de mamar a Lourdes: "Eu não acredito, estou olhando para ela e vendo isto, mas eu não acredito mesmo assim".) "Você já conseguiu estabelecer uma rotina com ele?", perguntou um dos amigos de Madonna.

"A gente dá comida para ele lá pelas dez e meia, antes de irmos dormir", disse Madonna, soando como uma mãe mais do que qualquer um que a conhecesse poderia acreditar.

"Então, ele dá uma mamada entre as duas e três da manhã . Depois, entre as seis e as sete, acho. É um bebê bonzinho", disse Madonna, com orgulho. "Só chora quando quer alguma coisa, e por que não deveria? Guy e eu acreditamos que deve ter exatamente tudo que quiser. Deus sabe como eu sempre tive..."

Debbie Mazar, que depois faria o primeiro corte de cabelo no pequeno Rocco ("se machucá-lo, eu mato você", admoestou sua mãe), conta: "Ela está em boa forma, e parece muito apaixonada— os dois [Madonna e Guy] parecem se dar às maravilhas. Não quero dizer que está em uma nova posição, porque odeio

quando as pessoas a enfiam numa caixa apertada e dizem, 'Madonna fez mais uma música, é tudo muito diferente, leve e novo! Deve estar com ótima cabeça!' Saca, todo dia ela pode estar com a cabeça ótima ou com a cabeça ruim. Mas ela está muito feliz e linda hoje, e parece muito apaixonada".

"Madonna primeiro se apaixonou por sua filha, e isso a ensinou a amar de verdade", diz Rosie O'Donnell. "Quando você está pronto, a coisa chega. Definitivamente, ela está pronta. Nunca a vi mais feliz... mais aplicada, mais capaz de deixar seu lado de estrela à parte."

---

[26] O peso de Lourdes mencionado no original, segundo o sistema americano, foi de seis libras e nove onças. (N.T.)

Finais felizes

É PROVÁVEL QUE NINGUÉM MAIS do que o pai de Madonna, Tony Ciccone, esteja orgulhoso com o rumo que tomou sua vida. Embora não suportasse seu sonho de ser dançarina e tivesse esperança de que fizesse a faculdade antes de iniciar sua carreira, entendia plenamente sua vontade de, como ele hoje diz, "realizar algo em sua vida, o que ela fez — rapaz, e como fez!".

Quando Rocco nasceu prematuramente, com problemas, foi Tony quem, por telefone, de sua vinha no norte de Michigan, sugeriu que sua filha chamasse um padre para administrar a extrema-unção no bebê. Embora Madonna seja ambígua em relação aos sacramentos, é uma prova do respeito que tem por seu tradicional pai ítalo-americano o fato de que até mesmo tenha considerado a ideia de dar ao pequeno Rocco a unção dos enfermos. Como se veria, o sacramento não foi necessário. Quando se confirmou que a criança ficaria bem, Tony e sua esposa Joan desabaram nos braços um do outro, aos prantos — e então brindaram com um ótimo vinho ao mais novo membro da família, o oitavo neto de Tony. "Às vezes penso que sou melhor como avô do que provavelmente fui como pai", afirma hoje. "Mas vamos ser francos, Madonna era um caso especial", acrescenta.

"Acho que qualquer um vai simpatizar com o pai que teve o trabalho de criar Madonna."

No dia do nascimento de Rocco, Tony Ciccone continuava a tocar o trabalho pesado na estrutura da Ciccone Vineyard's and Winery, uma vinha que iria abrir para o público dali a um mês, localizada no alto de uma colina entre a estância de Grand Traverse Bay, na baía de Sutton, e a península Leelanau. Tony fundou sua vinha em 1994, após se aposentar de seu emprego como físico e engenheiro na General Dinamics, em Detroit. Ela é dedicada a seus pais, Gaetano e Michelina, que imigraram de Pacentro, na Itália, para os Estados Unidos três anos antes de seu nascimento. As Ciccone Vineyards foram um projeto conjunto de Tony e sua esposa, Joan, a madrasta com quem Madonna nunca se dera bem quando jovem mas de quem agora é — quase 33 anos depois — muito próxima.

"É nossa vida juntos", comenta ele com orgulho sobre a vinha, uma das 25

no estado de Michigan, "minha e de minha mulher. Temos Pinot Grigio, Dolcetto, Cabernet Franc e Chardonnay plantadas aqui. Acho que mantém a mim e a Joan unidos, mesmo na idade avançada em que nos encontramos." E acrescenta: "Plantamos verduras em Rochester [Michigan] antes de ter a vinha. Meu pai também foi um agricultor. É um trabalho bom, vigoroso. Os Ciccone sempre foram trabalhadores vigorosos".

Foi cerca de dez anos antes, explica Tony, que ele começou a cultivar uvas. Como surpresa, Joan o presenteou com uma máquina de esmagar uvas. "Ele sempre quis ter uma vinha", lembra-se ela. "Era seu sonho. Sabíamos que o trabalho seria pesado. Mas quando a propriedade da baía de Sutton foi posta à venda, também soubemos que tínhamos de comprá-la." (Os Ciccone não especificaram se Madonna contribuiu para a aquisição da propriedade de seis hectares.) A maioria de seus vizinhos nem mesmo sabe que Tony é pai de Madonna. "Eu não faço alarde disso", diz ele. "Não é necessário. Se alguém descobrir, descobriu. Eu não conto. Alguns sabem, mas não dão grande importância ao fato."

Hoje, adulta e mãe, Madonna parece entender que Tony estava verdadeiramente dando o melhor de si na época em que a criava, e que seu casamento com Joan não foi uma traição a sua primeira esposa, mas sim sua única alternativa se queria seguir com a vida — e dar uma mãe aos seus filhos.

Certamente, alguém pode dizer que nada amadurece mais uma pessoa do que se tornar pai ou mãe. Parece que Madonna estava agora se identificando mais com o papel de genitora e menos com o de filha, desse modo percebendo como era estar na pele dele pela primeira vez na vida. É provável que finalmente fosse capaz de ver que necessitava de seu pai mais do que de sua raiva. De fato, ver as coisas através dos olhos de mãe foi, para Madonna, um sinal auspicioso — permitiria mudanças significativas em sua relação com o pai.

"Eu adoro meu pai", diz ela hoje. "É o tipo de pessoa que diz o que faz e faz o que diz, assim como eu. Todo mundo que me conhece sabe que eu sou meu pai, pelo menos nesse sentido. Ele é severo, como eu. Também é carinhoso, como acho que sou. Sua ética de trabalho está entranhada em mim. Agora que tenho uma família, tenho um enorme respeito por ele e pela forma como lutou para nos manter unidos, no passado, quando eu era uma criança chata e mal-educada. Ele não teve os privilégios que eu tive, tampouco. É difícil enxergar tudo isso enquanto você não tem filhos."

Alguns dos irmãos de Madonna não se deram tão bem quanto ela na vida, provavelmente de algumas formas enfatizando a diferença em sua personalidade e sua determinação de enfrentar os desafios de suas circunstâncias. Ela atribuía a instabilidade da prole dos Ciccone à morte de sua mãe. "Tenho uma família

enorme de pessoas que são todas emocionalmente defeituosas de um modo ou de outro. Emocionalmente, somos todos muito carentes por causa de minha mãe." Enquanto alguns de seus irmãos e irmãs podem ter permitido que o trauma sentido com a perda da mãe pusesse em risco seu futuro, Madonna de alguma forma conseguiu que seu próprio trauma trabalhasse a seu favor para subir na vida.

Madonna é mais próxima do caçula da família, Christopher, que a acompanhou em inúmeras turnês antes de abrir um restaurante. Dentre os sete, Christopher é o mais leal a ela, a despeito de alguma acrimônia que tenha resultado quando ela, em 1991, discutiu sua homossexualidade em uma revista gay sem a permissão dele. Desde então Christopher tem viajado com a irmã, trabalhando como diretor artístico em suas turnês. (As pessoas que trabalham para ela costumam se referir a ele como "o papa", devido a sua poderosa posição na organização.) Ele também foi o designer de interiores em algumas de suas casas. "Ela tem uma opinião própria", explica ele.

"Eu lhe ofereço um modo diferente de ver as coisas. Outras pessoas também fazem isso. Mas conosco é diferente. Brigamos muito, e seja lá quem vença, não deixamos que isso nos afete. Nenhum de nós dois tem medo de ser direto, e Madonna sempre soube o que queria."

Homem de negócios empreendedor, bem como proprietário do restaurante Orient, em Nova York, ele também tem participação no popular restaurante Atlantic, em Los Angeles, que Madonna frequenta. Diz ele: "Nosso pai passou a maior parte de sua vida nos preparando para o resto de nossas vidas. As coisas que aprendi com ele foram honestidade, lealdade e o valor da verdade.

Ele nos ensinou a ter disciplina. íamos à igreja todos os dias. Nosso senso de arte e drama — e de decadência — vem todo daí."

Embora Madonna seja próxima de Christopher, continua a ser uma estranha para os demais irmãos. Martin é um alcoólatra em recuperação que sofreu significativa instabilidade em sua vida e carreira. Trabalhou como disc-jóquei em Detroit e também foi empreiteiro por algum tempo. No início dos anos 90, durante a turnê "Blonde Ambition" de Madonna, Martin sofreu um divulgado revés em sua recuperação apenas um dia depois de receber alta de um centro de reabilitação (pago por sua irmã). Provavelmente de modo injusto, ele aparece em Na cama com Madonna como incoerente e irresponsável, além de bêbado demais ou desorientado demais para ir a seu show e visitá-la depois. Da forma como as cenas são apresentadas, é como se Madonna ficasse decepcionada com seu comportamento — tornando-a vítima, opondo-se assim à ideia que despertaria mais simpatia de que o perturbado e superexposto Martin possa ser uma vítima da celebridade de Madonna. Após sua terceira prisão por dirigir

embriagado e uma advertência do juiz de que poderia ser preso, Madonna perdeu a paciência com ele. Em 1994, Martin contou a um jornal: "Madonna não mexe um dedo para me ajudar". Os dois não têm ficado particularmente próximos desde essa época. "Essa não é a irmã com quem eu cresci, que cuidou de mim como uma mãe, que era tão cheia de compaixão", diz.

"Acho que a fama muda mesmo as pessoas." (Em dezembro de 2000, Martin estava internado no Chabad Rehabilitation Center, em Los Angeles, recebendo tratamento por drogas.) Sobre Martin, Madonna rebateu: "É uma pessoa muito torturada. Tive de acabar com sua mania de me ligar toda vez que precisava de alguma coisa. Preciso sentir que gosta de mim pelo que sou, não pelo meu dinheiro".

Outro meio-irmão, Mario, é um ex-viciado em cocaína que também enfrenta uma série de problemas em sua vida. Em certo momento, recebeu uma sentença de dez anos de prisão sob acusação de roubo. Sua salvação só veio quando Madonna contratou uma superpoderosa equipe de advogados para defendê-lo das acusações de ter invadido uma floricultura em Rochester, Michigan, e ter fugido com cerca de 2 mil dólares. Na época, estava também sob condicional de uma pena de três meses por ter assaltado sua namorada de então. Fora sua terceira condenação em seis meses, após o que ele alegadamente espancou um motorista e fraturou o nariz de um policial.

"Minha irmãzona não pode me domar", disse. "Sou o que sou e ela não tem nenhum direito de me dar lições. Nem mesmo gosto de sua música."

Sobre os outros irmãos de Madonna, Anthony e Paula são ambos produtores de televisão, e Melanie é uma empresária de músicos em Los Angeles. Madonna mantém uma relação cordial porém distante com seus meio-irmãos Jennifer e Mario.

"Passamos por maus bocados, mas a família tenta permanecer forte", afirma Tony. "Eles cresceram. Vivem suas próprias vidas, eu vivo a minha."

"Nonnie disse algumas coisas sobre mim no passado, provavelmente todas verdadeiras", observa Tony, voltando ao afetivo diminutivo de infância de sua filha. "Talvez eu não fosse o melhor pai do mundo, mas a vida não era fácil para nenhum de nós." Diz que nunca sentiu necessidade de chamar a atenção de Madonna ou de qualquer outro de seus filhos sobre nada que dissessem a seu respeito, "pois somos ítalo-americanos. Em nossos corações, sabemos que amamos uns aos outros. Isso é tudo que importa. Às vezes não dá para ficar junto, mas a vida é longa e sempre há um novo dia.

"Mas Madonna e eu passamos mais tempo junto do que as pessoas pensam", conclui ele. "Hoje ela possui uma tranquilidade, por ter de cuidar de Lourdes e Rocco. Nossa, como as coisas mudaram para ela", espanta-se. "Se você estiver

escrevendo um livro, é assim que acaba. Vai ter um final feliz. Todo mundo gosta de finais felizes..."

Hora de tomar decisões

"No início de minha carreira, fiz tudo que queria fazer e isso me fazia sentir bem, era divertido, era legal", observou Madonna numa entrevista recente. "Atualmente, sinto que tudo que fazemos afeta a sociedade de um modo potente. Sinto um senso de responsabilidade, pois minha consciência aumentou."

Não havia nada que desejasse mais do que ser famosa... trabalhou duro nisso sendo criativa, imaginativa e, além disso, mantendo seu público em suspense. Era um autêntico pé-de-boi. A mulher de 25 anos de idade que certa vez contou a Dick Clark (ao aparecer pela primeira vez na televisão, em American Bandstand) seu objetivo de "dominar o mundo", tinha, nesse meio tempo, obtido mais dinheiro, fama e poder do que a maioria das pessoas imagina possível em uma única vida. O que ela possui é concreto, obtido a duras penas e sem sombra de dúvida seu. Em um negócio em que o sucesso é inteiramente dependente das sempre cambiantes modas e do gosto inconstante do público, Madonna ainda é muito competitiva. Seus instintos de sobrevivência são regulados com tanta precisão quanto o sonar de um morcego. Como resultado, ela continua a ser uma artista no topo das paradas já entrada na casa dos quarenta; vendeu mais de 100 milhões de discos. Em outubro de 2000, uma matéria de capa na Rolling Stone estimou que valia mais de 600 milhões de dólares.

O single de "Music", para surpresa de ninguém, abriu seu caminho até o primeiro lugar das paradas em setembro de 2000, depois de seis semanas na parada single da Billboard. A faixa de sucesso provou, mais uma vez, que diferentemente de muitos artistas como ela, Madonna é capaz de fazer se curvar segundo sua vontade a noção do que se imagina que aconteça com conhecidos pop stars.

Ela continua a compor música contemporânea que sacode o mundo, e o faz a despeito da investida da música alternativa, boys bands e wannabes de sucesso, muitas das quais projetaram suas carreiras a partir da Material Girl original.

No fim de setembro de 2000, Madonna comemorou o lançamento de seu novo álbum, Music, com uma festa meticulosamente planejada para ligar sua personagem nova e serena do novo milênio com a personagem original e festiva da década de 1980. Para isso, a estrela reservou o Catch One, um clube

originalíssimo, caindo aos pedaços, notório reduto negro de homossexuais na comunidade multirracial de South Central, em Los Angeles.

EM uma noite normal, o Catch One recebe uma diversidade urbana de drag queens, gays enrustidos, badalados "gueto fabulosos" e um pequeno batalhão de brancos sofisticados da cidade, que aparece para observar a cultura gay negra de Los Angeles e se sacudir a noite toda ao som do tecnofunk na imensa pista de dança. Na terça-feira, 19 de setembro, o clube abriu suas portas para o que era talvez o público mais estranho a ter entrado lá — seiscentas pessoas descritas pela colunista Liz Smith em seu jornal como "os amigos mais próximos" de Madonna. Os copatrocinadores da festa, a Warner Bros. e a revista de celebridades americanas US Weekly, gastaram segundo se noticiou 2 milhões de dólares para transformar o normalmente imundo Catch One em um paraíso temporário para o beautiful people, uma lista classe A condimentada com uma pitada de strippers e dançarinas exóticas, todas na tradição da experiência vivida nos antigos dias de Madonna -aqueles dias cerca de quinze anos antes, quando a jovem estrela brilhava com todo seu fulgor no Catch One sempre que cruzava suas portas, acenando para que seu velho namorado alérgico, Warren Beatty — o "Pussy Man" —, se juntasse a ela na pista do clube: "Venha se divertir!".

Mas agora não eram os dias antigos, e Madonna — que estava com seu alisado cabelo dourado solto e repartido no meio, e vestia uma camisa preta promocional do último filme de Guy Ritchie, Snatch — já não era mais a partygirl que mascava chiclete e vomitava profanidades. Embora tenha se misturado com os convidados famosos, passou a maior parte do tempo longe da pista de dança, com um restrito círculo de amigos e colegas de negócios numa assim chamada sala VIP. Foi embora cedo, depois de uma hora e meia, apenas. For a sua primeira noite longe de Rocco desde que o levara do hospital, um mês antes, e queria voltar para casa a fim de amamentá-lo. Sua carreira estava no piloto automático, de qualquer forma: "Music" entrou nas paradas direto no primeiro lugar— em quinze países, incluindo o Reino Unido.

A manhã seguinte à festa para "Music" foi um dia como outro qualquer na casa em estilo mediterrâneo de Madonna em Los Feliz.[27]

A fim de ficar de olho nas operações diárias de suas empresas, incluindo a Maverick Records, as casas de Madonna são equipadas com máquinas de fax e inúmeras linhas de telefone. Todas as manhãs, quando não está fora, ela faz uma lista de objetivos para cumprir no dia, e também listas de tarefas para seus dois assistentes e outros parceiros de negócios. Das oito às nove da manhã, responde e envia e-mails em seu computador. Das nove às onze, faz telefonemas para tratar de assuntos de trabalho com seus advogados e agentes, sua porta-voz e sua dedicada e capaz relações-públicas há dezoito anos, Liz Rosenberg (a quem seus

amigos costumam chamar de "A Confirmadora", aquela pessoa que separa a verdade dos boatos, ou pelo menos executa bem seu trabalho de proteger Madonna da publicidade negativa).

"Meu trabalho é mais cheio de surpresas do que as pessoas pensam", diz Rosenberg. "Madonna não acorda de manhã e planeja sua campanha na mídia, nem eu. A gente não pensa: 'Com quem vamos foder hoje?'. Não tem nenhum plano mestre, nenhum exército de tanques e assessores de imprensa."

Se não está igualmente ocupado com sua própria carreira, Guy pode muitas vezes ser visto na cozinha ajudando a cozinheira a preparar o café. (Ele é um chef excelente, ao passo que Madonna afirma não "ter o gene da cozinha. Não quero ir para a cozinha e fazer coisas. Quero ir para lá e ser servida".) Ela mantém um planejamento diário enlouquecedoramente detalhado. "Se quer que eu examine dez coisas, e sou capaz de cuidar de apenas nove, ela se lembra da única coisa que esqueci", diz Liz Rosenberg. "Não é muito fã de perder tempo." O restante do dia é dedicado a ensaios, sessões de gravação e entrevistas. De maneira intermitente, de algum modo consegue achar um tempo para os dois filhos— cada um dos quais têm sua própria babá. (Ela conta ainda com um exército de assistentes para ajudá-la em casa e no escritório da Maverick.) Talvez como resultado da meditação e da ioga — ou será que ela simplesmente cresceu? — Madonna hoje projeta o brilho de uma pessoa bem resolvida não só consigo mesma mas também, possivelmente, com a morte de sua mãe e com o lugar permanente que o pai ocupa em sua vida. Em aparições recentes, seus olhos verdes parecem brilhar com um novo conhecimento, uma sensação de triunfo, talvez. "De repente percebi que não sabia tanta coisa assim", diz ao analisar o início de sua jornada pessoal pela metafísica. "Comecei a me fazer as perguntas mais elementares: 'O que é realmente importante na vida? Por que estou aqui?'."

Provavelmente o mais intrigante sobre a forma como Madonna evoluiu é que, pelo menos com base em seu atual comportamento conservador, parece crer que a verdadeira sensualidade — o poder sexual feminino de verdade — deriva não do exibicionismo mas de seu oposto, a elegância tranquila e o calmo distanciamento. Hoje, lida com sua vida e seus amores com dignidade maior do que antes — embora, é claro, sempre haverá provavelmente a ocasional dança em cima de uma mesa e beijo em público com alguém como Gwyneth Paltrow apenas para manter sua vida— e a nossa— mais divertida. Atualmente, sua imagem é polida, não mais de alguém desprezível. Suas roupas chamam a atenção sem ser gritantes demais e são de Versace, Dolce & Gabbana, Oscar de Ia Renta e Gianfranco Ferre (a maioria delas presenteadas devido à exposição que Madonna propicia aos estilistas). Está sexy e moderna, sendo verdadeiramente ela, mais tolerante com os outros e — pasmem! — até mesmo

tímida, às vezes. Isso ficou patente para alguns observadores quando, na festa da première de Sobrou pra você no Sacis, em Manhattan, perguntaram-lhe se Guy Ritchie — de braços dados com ela — alguma vez assistira a Corpo em evidência e a suas cenas de sexo e masoquismo. Visivelmente ruborizada, ela exclamou: "Ele nunca viu, e nunca vai ver, muito obrigada".

"Eu era incrivelmente petulante, complacente comigo mesma, ingênua", observou recentemente. "Mas precisei fazer todas aquelas coisas para chegar onde cheguei, e estou feliz com o que sou agora. Não tenho arrependimentos, mesmo nos momentos em que digo: 'Ai, Deus, não posso acreditar que disse ou fiz isso'. Mas sabe de uma coisa? Adoro aquela pessoa também. Foi ela quem me trouxe até aqui."

Mais crescimento de sua parte, ou apenas mais manipulação da mídia?

Somente o tempo vai dizer o quanto Madonna é sincera em sua busca espiritual e sua evolução pessoal. Contudo, é impossível não ter esperança de que a pessoa que ele projeta hoje seja a verdadeira Madonna Louise Verônica Ciccone, que sua persona como mãe de dois seja o resultado de anos de trabalho em si própria... e não apenas outra personalidade transitória interessante. Nesse caso, então talvez sua vida real — e não uma apenas atada a uma fantasia do showbiz, seja dela ou nossa — tenha acabado de começar.

No início de 2000, a mídia continuava a especular se haveria ou não casamento com Guy Ritchie, principalmente quando foi vista usando o anel de diamante que ele lhe dera por ocasião do nascimento de Rocco. De fato, os dois haviam secretamente decidido se casar perto do final do ano.

Por mais que parecesse amá-la, alguns de seus amigos achavam que poderia haver problemas se o orgulhoso Guy Ritchie fosse forçado a tolerar as indignidades que muitas vezes vêm junto em um relacionamento com Madonna, em especial devido a seu temperamento. Por exemplo, na festa no Catch One comemorando o lançamento de Music, ele se envolveu em um confronto com um segurança corpulento que se recusava a deixá-lo entrar na seção VIP do clube.

"Mas sou Guy Ritchie", protestou o roteirista-diretor. A camiseta regata de Guy, ostentando a palavra "MUSIC", deixava seus impressionantes bíceps à mostra. Seu cabelo estava curto e tingido de loiro não muito forte. Usava um pequeno brinco de diamante. A música ao fundo era alta, pulsante... e irritante. Luzes de todas as cores do arco-íris rodopiavam sem parar, inundando a cena. Uma cacofonia latejante e enervante, que era na verdade "Impressive Instant", do CD de Music, podia ser distinguida ao fundo.

"Não me importa se você é o Lionel Richie", disse o segurança uniformizado, erguendo a voz acima do ruído. Usava um fone de ouvido, de

modo que pudesse receber ordens.

"Seu nome não está na lista", declarou, mastigando um cubo de gelo. "Se não está na lista, não entra. É assim que funciona."

"Saia da frente", ameaçou Guy. Quando tentou passar à força pelo homem, um flash espocou. Ele parou, virou a cabeça e zangou-se com o fotógrafo.

Provavelmente percebendo que se distraíra, o segurança pôs uma mão no musculoso peito de Guy e o empurrou.

Guy virou o pescoço para encará-lo, com uma expressão incrédula no rosto. Parecia abismado — e indignado — que o segurança até mesmo ousasse tocá-lo. "O quê, você deve estar brincando", falou sem acreditar, com a voz furiosa, o olhar ameaçador. "Você ficou louco?" Parecia que ele havia arrancado uma página do "Manual de Comportamento Social de Sean Penn".

Por alguns tensos minutos, os dois se estudaram com a expressão grave — os olhos a centímetros de distância —, como dois garotos num parquinho prontos para brigar.

As veias no pescoço de Guy estavam saltadas. Felizmente, uma das funcionárias de Madonna chegou à cena. "Senti um sobressalto de alarme", recordou-se mais tarde, "quando percebi que Guy cerrara a mandíbula." Assumindo rapidamente o controle da situação, agarrou Guy pelo braço e o conduziu para a área reservada onde Madonna estava com seus amigos. Quando se aproximou da namorada, ela ria alegremente, sem saber o que acabara de ocorrer. Ele sussurrou algo em seu ouvido e, aparentemente como reação, Madonna olhou na direção do segurança, com um franzir de testa desaprovador. Bem nessa hora, alguém lhe disse qualquer coisa. Ela jogou o cabelo loiro para trás, abriu o rosto num sorriso luminoso e começou a rir outra vez, relaxada e falante. Guy, a seu lado com as mãos nos bolsos, ficou ali com cara de poucos amigos.

"Estamos melhor quando somos apenas nós dois, sem nada de fãs, adolescentes histéricas ou a imprensa", Guy disse a um repórter após esse episódio no Catch One. Madonna, como sempre, estava cercada por seu cortejo de adoradores enquanto ele conversava com o jornalista. "Quando sou só eu e a patroa", observou, apontando Madonna com a cabeça, "então está bom. Isto aqui? Isto não está bom."

Pela definição de Guy Ritchie, estava "bom" um mês antes da festa de Music, quando levou "a patroa" para jantar no restaurante Palm, em Hollywood. O casal estava lá para celebrar a alta de Rocco do hospital, um dia antes. A melhor mesa imediatamente foi-lhes reservada, é claro, como ocorria em qualquer lugar que comiam. Madonna, sentada ao lado — não do outro lado — de Guy, era constantemente cumprimentada por gente que a conhecia, pensava

que a conhecia e queria conhecê-la. Ela encarava as intromissões com bom humor, aparentemente feliz de estar em público. O cabelo longo com mechas loiras emoldurava um rosto que parecia livre de preocupações, contente. Sua pele era reluzente como na juventude. Os seios estavam parcialmente à mostra pelo decote de um insinuante vestido escarlate — afinal de contas, ainda era Madonna.

Uma tigela gelada com caviar, pratos com salmão defumado e galinha fria e um cesto prateado com frutas foram colocados sobre a mesa.

Embora conversando com o garçom, que lhe perguntara sobre a saúde de seu filho, não parecia se importar em mostrar-se de uma maneira emotiva, honesta. "Minha vida é perfeita agora", disse Madonna. "Se eu nunca mais fizer nada, pelo menos terei feito isso."

"Saúde, saúde", disse Guy, com um sorriso amplo no rosto. Ergueu uma taça de champanhe na direção de Madonna. Lançando um olhar admirado sobre a borda, acrescentou: "A uma nova vida".

---

[27]. Quando este livro foi escrito, Madonna tinha quatro residências: a casa em estilo espanhol que comprara de Diane Keaton em 2000, para onde acabara de se mudar; um apartamento no lado oeste do Central Park; a mansão à beira d'água em Miami; e uma casa em Chelsea, Londres. Quando ficava em Londres, ela e Guy Ritchie ficavam em uma casa alugada em Notting Hill Gate. Porém, a casa de Los Feliz de Madonna foi vendida recentemente para a atriz americana da televisão Jenna Elfman, e suas casas em Miami e Londres estavam para vender.

O casamento com Guy Ritchie

COM PUBLICIDADE OU SEM PUBLICIDADE? Para Madonna, se a escolha deveria ser feita, sempre fora em favor da primeira opção, e com dose exagerada — contanto que fosse em seus próprios termos. Porém, isso estava para mudar quando chegou o momento de planejar seu casamento de 2 milhões de dólares com Guy Ritchie.

Como namorado de uma superstar internacionalmente aclamada, Guy Ritchie estava suportando uma cobertura da imprensa com a qual não estava particularmente feliz, e um tratamento por parte de repórteres que, em sua opinião, às vezes beirava o desrespeitoso. De sua parte, Madonna nunca parou de reclamar da intromissão da mídia em sua vida. Tem sido seu manto por anos: "Odeio a imprensa. Odeio a imprensa". Com o passar do tempo, não mudou muita coisa a esse respeito: ela odeia a atenção que atrai tanto quanto a adora.

Assim, foi decisão de Guy — não de Madonna — que a futura cerimônia de casamento não seria divulgada para a mídia. Tudo — as núpcias, a recepção, as festas — seria planejado e conduzido com vistas à completa privacidade e ao segredo absoluto. Madonna parecia não se importar que fosse de um jeito ou de outro. Se tivesse de lidar com a imprensa em seu dia especial, faria isso. Com certeza seu time estava equipado com os meios de manter tudo sob controle. Porém, Guy achava que de jeito nenhum o casamento deles poderia se tornar um espetáculo público, e assim é que deveria ser. É uma sorte que Madonna aprecie tanto um homem capaz de cuidar das coisas, pois isso é certamente o que ela encontrou em Guy Ritchie.

Dois amigos do casal afirmaram ter testemunhado uma conversa entre Madonna e Guy Ritchie no restaurante Kensington Place, no lado oeste de Londres, dois meses e meio antes do casamento, uma conversa que, provavelmente, denuncia uma certa dose de nervosismo pré-nupcial por parte de Madonna.

"Só acho que não deve ter imprensa em nada disso", Guy disse a sua noiva. "Quero que seja uma cerimônia tranquila, particular, você não concorda?"

"Olhe, tá, se é assim que você se sente, então acho que a gente deve simplesmente se mandar para Las Vegas e casar às pressas", disse ela, segundo

as testemunhas.

Mesmo lá dentro, usava um casaco de couro de cobra (tingido de vermelho) na altura dos tornozelos, pois se sentia resfriada. "Garanto a você, mesmo assim, que vai ser um circo... um zoológico", continuou, "então, não se iluda."

"Por que diz isso?", espantou-se Guy.

"Porque tudo que faço é um circo de merda", respondeu Madonna, rispidamente. "Ou será que você não percebeu? Cristo! Você não viu ainda a parada que passa toda vez que saio da merda da casa?"

"Pode deixar isso comigo", Guy disse. Não deu atenção ao seu tom de voz, provavelmente já acostumado, a essa altura. "Desde que estejamos de acordo: nada de mídia e nada de truques. E você sabe do que estou falando, Madonna", concluiu, apontando um dedo paternal em sua direção.

Madonna suspirou fundo. "Olhe, eu não dou a mínima", disse, visivelmente irritada. Provavelmente estava aborrecida com a sugestão de que poderia chamar a atenção da imprensa para seu casamento de propósito. Ou, talvez, estivesse apenas ficando deprimida por causa de uma gripe; não parecia particularmente bem. Antes, queixara-se de que estava com "a pior dor de cabeça, desde que começamos a falar sobre esse casamento". Finalmente, ela disse: "Eu não quero passar pelo estresse de tentar controlar essa coisa toda. Então, vá em frente", concluiu. "Esfalfe-se sozinho, Guy."

No fim, embora não admitisse isso na época, Madonna ficou imensamente aliviada em saber que Guy estava tomando providências em relação à mídia. Para Madonna, controlar o interesse da imprensa em cada movimento seu sempre fora uma rotina. Porém, para o calmo Guy Ritchie, amante dos esportes, isso era nada mais do que uma questão de estratégia de jogo. Da forma como imaginava, se um fotógrafo conseguisse penetrar no casamento e tirar algumas fotos, Guy perderia o jogo. Não seria o fim do mundo, contudo, porque, afinal de contas, era só um jogo. "Mas acontece que não gosto de perder", advertiu um amigo. "Então, vou lhe dizer bem agora, não haverá cobertura da imprensa nesse casamento. Vamos encontrar um lugar tão fora do caminho que ninguém terá acesso a ele."

Foi o amigo de Guy, Vinnie Jones, quem sugeriu o "fora do caminho" castelo de Skibo, na Escócia, para a cerimônia. Já se disse que Andrew Carnegie certa vez descreveu seu castelo nas Highlands — hoje abrigando o privado Carnegie Club, um clube esportivo residencial — como "o céu na terra". Segundo se conta, o magnata e filantropo escocês do aço e ferro, Carnegie, deixou sua terra natal com a idade de trinta anos para fazer fortuna na América. Quando voltou, era um dos homens mais ricos e bem-sucedidos de sua geração. Sua procura de um lugar para viver nas Highlands levou-o à propriedade deteriorada e de

vegetação luxuriante de Skibo, que ele comprou em 1898. Após gastar 2 milhões de libras — uma quantia fenomenal na época — para reconstruir o castelo, transformou-a em uma das maiores residências do mundo, base de sua vida social e empreendimentos filantrópicos. Em Skibo, Andrew Carnegie recebeu luminares como o rei Eduardo VII, os Rockefeller, Rudyard Kipling, Edward Elgar, Paderewski, Lloyd George e Helen Keller. Em 1990, o empresário britânico Peter de Savary adquiriu a propriedade por 6 milhões de libras, e então abriu ali um clube particular.

Hoje, totalmente restaurado, o castelo de Skibo, com seus vinte quartos e doze chalés privativos nos jardins, constitui um esconderijo nababesco para gente privilegiada e rica. A beleza da propriedade — empoleirada em colinas ondulantes dominando Dornoch, Firth — é de tal magnitude e claridade espantosa que provoca uma experiência emocional só de vê-la em fotografias, o que dirá de uma experiência verdadeira, em primeira mão. O clube também é famoso por sua extrema discrição, em especial depois de abrigar o casamento semissecreto do astro de cinema avesso à publicidade, Robert Carlyle. Os clientes regulares incluem Jack Nicholson, Michael Douglas e Sean Connery.

Quando foi à Escócia para checar esse parque de diversões para os ricos e famosos, Guy achou que era o lugar ideal para seu casamento com Madonna. Ele queria um evento espetacular, em parte porque desejava impressionar os seus — e dela — amigos e família, em parte porque sentia que Madonna merecia e era algo pelo qual podiam pagar. No início, quando lhe mostraram um caderno com fotos do castelo de Skibo, Madonna achou que o lugar era muito isolado e, como disse, "meio assustador, como algo saído de um filme de Drácula".

"Ah, você vai mudar de ideia sobre isso", disse Guy, seguro. "Confie em mim."

"Ela concordou numa porção de coisas com Guy", disse uma amiga de Madonna, que só falou sob a garantia de anonimato. "Queria uma cerimônia bonita, é óbvio, mas estava inclinada a fazer isso em Beverly Hills. Não queria que seus amigos tivessem de voar até a Escócia. Mas tomou uma decisão de deixar Guy fazer a coisa do jeito dele.

Ela me disse: 'Olhe, eu e minha equipe manipulamos tudo que acontece em meu mundo. Não quero que Guy sinta que entrou nesse tipo de vida. Então, deixe que faça a coisa a seu modo. Estou tranquila com isso, Deus sabe que é verdade', disse, 'só quero que toda a maldita coisa acabe logo'.

"Com as duas crianças, a promoção do novo CD (Music), o planejamento de videoclipes e outros passos em sua carreira", continua a amiga, "estava sempre se sentindo completamente exausta, com dor de cabeça e irritada... sem disposição para planejar um casamento, e definitivamente sofrendo privação de

sono por causa de Rocco."

Madonna disse à amiga que "se casaria o mais rápido possível em minha sala de estar em Los Angeles, vestindo uma camiseta confortável e um par de jeans bordados.

Mas", continuava, "se tiver de montar um grande show, acho que posso fazê-lo. Faz muito tempo que não faço uma turnê", brincou ela, "então tenho energia suficiente para um grande show".

Sua única preocupação era que o batismo de Rocco — que prometera a seu pai realizar antes do casamento — fosse memorável. "Era seu único real interesse", disse sua amiga. "Não o casamento, mas o batismo", que queria fazer perto do castelo, na catedral do século XIII de Dornoch, no norte da Escócia, cerca de oito quilômetros ao norte de Skibo.

Quando chegou a hora de pensar na segurança, e em que quantidade ela deveria estar presente, Guy considerou o primeiro casamento de Madonna com Sean Penn em 1985 em Malibu, Califórnia. Embora se acreditasse amplamente que na verdade ela orquestrara grande parte do teatro público e da comoção que cercaram a cerimônia, Madonna nunca deixou de se queixar daquilo — para Guy, para amigos, para a imprensa e qualquer um que queira escutar. Como não estivera lá, Guy não sabia na verdade em que grau a loucura fora manipulada por sua "patroa" — embora, conhecendo-a tão bem, suspeitasse de algum envolvimento de sua parte — e o quanto daquilo fora realmente uma intrusão indesejada. Assim, para ficar seguro — e talvez para se certificar de que não teria de ouvir suas lamúrias sobre o segundo casamento —, contratou um corpo de segurança de setenta profissionais da Rock Steady, uma firma particular muito respeitada, em um esforço de garantir a segurança dessa segunda cerimônia.

Com os planos quase finalizados, Guy começou a fazer a agenda para preencher todos os 51 quartos nos jardins de 3 mil hectares do castelo de Skibo por cinco noites.

Contudo, haveria algumas regras. Os hóspedes não poderiam circular à vontade, e somente receberiam permissão de deixar o castelo para o batismo de Rocco, na catedral perto dali. Seriam monitorados cuidadosamente o tempo todo, "para sua segurança e a nossa", explicou Guy a um dos mais céticos convidados. Não haveria televisores nem rádios em nenhum dos quartos. Os celulares deveriam estar desligados. Com efeito, o contato com o mundo exterior seria completamente interditado aos hóspedes ao longo de toda a duração de sua estadia de cinco dias. É claro que para alguns dos amigos célebres de Madonna que sempre pareciam de alguma forma aborrecidos por ter de viver no mundo real com gente real, a ideia de um isolamento como esse era um nirvana puro e

perfeito. Para muitos dos amigos de Guy, porém, aquilo era uma proposta absurda. "Acho que ele tem andado tempo demais com a patroa", disse um, ironizando.

A lista de hóspedes de Guy seria limitada, de toda forma, uma vez que Madonna estipulara que os convites seriam estendidos apenas às esposas dos convidados masculinos, ou namoradas que eram familiares a ela. Não queria os parceiros solteiros e arruaceiros de seu namorado trazendo strippers e outras mulheres de profissões questionáveis para o castelo a fim de farrear.

"Olhe, vai ser demais", prometia Guy a um amigo que hesitava diante do tempo que teria de permanecer no castelo acompanhado de uma mulher com quem estava prestes a terminar uma relação, mas que Madonna insistia que levasse de todo jeito. "E um lugar especial. Você tem de conhecer. A boa vida, e vai ser boa pra você. E de todo modo", concluiu Guy, "o que é isso, porra? Por que não se juntar a mim e à patroa para se divertir um pouco, hein?"

Em 5 de dezembro de 2000, Madonna e Guy deixaram sua casa em Londres e foram à Escócia para assinar alguns papéis legais relacionados com a futura união e para fazer os arranjos finais. Após o seu jatinho particular (levando o casal, dois guarda-costas e uma assistente pessoal) pousar no aeroporto de Inverness, às 11h30, chegaram ao macadame duas Range Rovers, fornecidas pelo Carnegie Club.

Com os flashes dos excitados fotógrafos, que já estavam esperando por sua chegada, espocando em torno dela, Madonna, afogueada, usando um casaco escocês e jeans bordados, desceu do avião. Guy vinha logo atrás, à vontade de jaqueta e jeans. Depois de rápidos sorrisos e alguns acenos breves, o casal entrou em sua Range Rover e partiu.

Antes de ir ao castelo, Madonna decidira que primeiro queria dar uma olhada na catedral de Dornoch. Então, quinze minutos depois de aterrissar, sua pequena entourage tomou a direção de Dornoch.

A catedral foi fundada em 1224 por são Gilberto da Morávia, então bispo da diocese. Ostenta um magnífico vitral, homenageado em memória do santo pelo príncipe Charles em 1989. Embora pequena se comparada à maioria das outras catedrais, domina os edifícios circunvizinhos no antigo burgo real. Assim que adentrou a majestosa construção, Madonna foi tomada por sua beleza. Paralisada, permaneceu no centro da igreja sob os suaves raios de sol que atravessavam os coloridos vitrais. Tudo era paz e serenidade no lugar. Talvez até quietude demais.

Ela não podia resistir. Que cantora poderia? Sem aviso, Madonna abriu a boca para ver como sua voz soaria amplificada pela acústica da catedral de 776 anos de idade.

Sua assistente pessoal, um residente local que por acaso estava ali rezando, três turistas espanhóis e Guy eram as únicas pessoas presentes para testemunhar a performance improvisada. Cantando a "Ave Maria", a voz de Madonna rompeu o silêncio do lugar e elevou-se até as vigas do teto, provavelmente soando melhor do que nunca.

"Sim", disse ela com um sorriso satisfeito. "Acho que é perfeita." Então caminhou até Guy e aninhou-se em seus braços. "Acho que podemos fazer aqui, não é?", perguntou, timidamente.

"Melhor não", avisou ele, com um sorriso amplo e brincalhão no rosto.

"Ah, então, temos de fazer aqui." Ela beijou seu cabelo, seus olhos e seus lábios, apaixonadamente.

Após a visita à catedral, foram ao castelo de Skibo. Ali, Madonna teve de concordar com a avaliação de Guy sobre a propriedade extensa e tranquila. Era mesmo de tirar o fôlego, o local romântico ideal para um casamento. Não era difícil, Madonna diria mais tarde, visualizar como fora no passado quando Andrew Carnegie recebia gente influente e famosa naquela enorme propriedade e seu imenso castelo. Assim que entrou nos jardins, foi rapidamente transportada para o passado. Mais tarde, Madonna admitiu a uma amiga que não conseguia deixar de notar a visão quase delicada que Guy tinha da história — e da natureza e sua beleza —, por ter escolhido o majestoso e austero castelo de Skibo, cujo ambiente era totalmente masculino, ainda que imensamente sensível. "Para ele ter escolhido este lugar", dizia, maravilhada, "sabe, a ideia por trás disso — foi escolha dele, não minha —, me diz muita coisa. E me deixa sem fôlego."

Com Madonna e Guy de volta a Londres — a imprensa desconfiava de suas pesquisas e planos para o casamento embora a assessora de Madonna, Liz Rosenberg, negasse obedientemente que até mesmo houvesse planos para tal. Porém, assim que as proclamas foram oficialmente afixadas no cartório de Dornoch, em 6 de dezembro, as notícias se espalharam: o casal definitivamente iria se casar na área de Dornoch, em Sutherland. Não dava mais para negar. No entanto, o local do evento permaneceria um mistério para todos, exceto os mais próximos do círculo íntimo de Madonna e Guy.

Em 18 de dezembro, o casal novamente foi à Escócia em seu jato particular. Embora uma centena de jornalistas se acotovelasse para documentar sua chegada, Madonna e Guy não deram declarações. Madonna sorriu para a multidão, mas seu sorriso apagou-se um pouco quando escutou o som de uma gaita de foles, tocada por um artista conhecido como Spud, o Gaitista (Calum Fraser), recebendo-a com sua esquisita interpretação de "Like A Virgin". Ao que parecia divertindo-se com a cena toda, as sobrancelhas de Guy se ergueram numa expressão cômica quando finalmente reconheceu a melodia. "Acho que

isso prova que é possível tocar qualquer coisa em uma gaita de foles", disse.

Os convidados chegaram pouco depois de Madonna e Guy. A experiência de cinco dias no castelo de Skibo seria, aparentemente, uma provação difícil para certos hóspedes, alguns dos quais se queixariam mais tarde de se sentir aprisionados nos jardins da propriedade. Mas com toda sinceridade, como podia ser tão ruim? Todos os presentes passariam o tempo no relaxante esplendor eduardiano dos jardins do castelo, com acesso livre a todas as amenidades e atividades do lugar, como pesca de salmão e truta, tiro ao disco, arco e flecha, croqué, mountain biking, trilha, observação de pássaros, falconaria e caça ao faisão. Também havia quadras de tênis, mesas de snooker e de pingue-pongue, além de uma piscina fechada, ginásio, sauna seca e a vapor. Na maior parte do tempo, Madonna achava-se isolada com as mulheres; Guy, com os homens. Ocasionalmente, o casal iria se encontrar para longas caminhadas românticas, de braços dados um com o outro. Durante as noites, todos os convivas participavam de elaboradas refeições — haggis ("Desculpe, mas simplesmente não posso comer isso", alguém ouviu Gwyneth Paltrow dizer a um convidado. "Oras bolas, nem mesmo sei o que é!"), um prato feito com cordeiro, farinha de aveia e condimentos.

Em 21 de dezembro, Rocco foi batizado na catedral de Dornoch. Uma multidão de cerca de mil pessoas, que se juntara diante da igreja horas antes, era mantida à distância por um cordão policial. "ROCCO É NOSSO RAIO DE LUZ EM DORNOCH", mostrava um cartaz erguido com orgulho por um morador local, aludindo ao CD ganhador do Grammy de Madonna, Ray of Light.

Para seu batismo, o pequeno Rocco foi vestido com um "macacão infantil" branco bordado a ouro, de 45 mil dólares, assinado por Donatella Versace. Durante a cerimônia privada, a madrinha do bebê, Trudie Styler, leu o comprido hino "Lorica", enquanto seu marido, Sting, cantou a "Ave Maria". (O padrinho do bebê era Guy Oseary, parceiro de Madonna na Maverick Records.) Alguns familiares de Madonna, na cidade para o casamento, também compareceram ao batismo de meia hora, incluindo seu pai, Tony, e sua esposa, Joan, a irmã de Madonna, Melanie Henry, e seu marido, Joe. A mãe de Guy, Lady (Amber) Leighton, e seu pai, John — com a madrasta de Guy, Shireen Ritchie, e seu filho de 21 anos, Oliver (de um casamento anterior) —, estavam todos presentes. Além do padre, compareceram ainda quarenta pessoas que eram completos estranhos para o casal, os anciãos da igreja, descritos como paroquianos com um registro de comparecimento perfeito. Sem eles, segundo as severas regras da igreja, nenhuma cerimônia é permitida na catedral. "Bem, quem vai impedi-los de nos entregar para a imprensa?", quis saber Madonna. "Não confio em nenhum deles."

"Da maneira como vejo, se você não pode confiar em pessoas que vão à igreja todo domingo", disse Guy, segundo ele me contou posteriormente, conforme lembrava-se de ter dito, "então em quem vai confiar?"

Madonna estava tão emocionada com o batismo (realizado não pelo padre mas por sua superiora, a reverenda Susan Brown), que se disse que irrompeu em lágrimas por três vezes durante a cerimônia. Depois, Madonna e Guy posaram do lado de fora da catedral com seu bebê por apenas alguns minutos. Guy deliciou a multidão segurando Rocco no alto enquanto Madonna — com o cabelo preso e o rosto coberto por um véu, usando um manto Chloe trespassado com duas fileiras de botões — ficava a seu lado, aparentando beleza, modéstia e... realeza. Com um sorriso aberto, acenava bastante para a numerosa multidão que a saudava, com lágrimas nos olhos. Enquanto isso, os fotógrafos eternizavam o momento em filme... sem dúvida, nem sequer em sonhos imaginando que seriam as únicas fotos que tirariam de tudo que estava para ocorrer nas 24 horas que se seguiriam.

Mais tarde, Guy ficou sabendo que as autoridades haviam prendido dois homens — James e Robert Jones, ambos ex-soldados do sul de Londres — por invadir a igreja para tentar filmar em vídeo o batismo. Robert, de 51 anos, de fato escondera-se no órgão da catedral por sessenta horas — usando dois sacos plásticos para recolher fezes e urina. Ele e James foram descobertos cerca de uma hora após a cerimônia. "Ponto para o outro lado", disse Guy, na esportiva. "Quase."

"Na verdade, eu estava me divertindo com aquilo", disse Guy alguns meses depois. "Quer dizer, a gente tem de mostrar um pouco de senso de humor a respeito, não acha?", acrescentou. "Conseguiram uma boa colocação por terem ido tão longe, era o que eu achava."

Finalmente, chegara o grande momento. O "evento principal", o casamento, em 22 de dezembro de 2000, às 6h30 da tarde.

Com o som queixoso de uma gaita de foles solitária enchendo o imenso vestíbulo do castelo de Skibo, a filha de quatro anos de Madonna, Lourdes, descalça e com um vestido cor de marfim de mangas curtas e gola alta, conduzia o cortejo nupcial, delicadamente atirando pétalas de rosa vermelha de um cesto em suas mãos, conforme descia os catorze degraus da escada acarpetada de vermelho. Imediatamente, muitas das mulheres começaram a chorar.

Entre os 55 convidados sentados ao pé da escadaria estavam Gwyneth Paltrow (que fora sozinha); Donatella Versace (acompanhada por Rupert Everett); Sting e sua esposa Trudie Styler; o cineasta Alex Keshishian; o estilista Jean-Paul Gaultier; e as velhas amigas de Madonna Debi Mazar e Ingrid Casares. Além de membros da família de Guy, muitos amigos dele e alguns

componentes dos elencos e equipes de seus filmes — incluindo Statham e Jason Flemyng de Jogos, trapaças e dois canos fumegantes — também estavam presentes.

Após o momento de Lourdes, a música da pianista francesa Katia Labeque serviu de fundo para a entrada de Guy Ritchie, que caminhou através da passagem no meio, entre os convidados, e subiu a escada agora coberta de pétalas de rosa. Embora nascido e criado na Inglaterra, Guy estava determinado a se casar em trajes totalmente das Highlands. A ideia romântica da linhagem escocesa de sua família sempre o enchera de contentamento e orgulho. Ele acreditava que a herança de seus ancestrais lhe pertencia integralmente como homem, que o antigo sangue deles corria em suas veias e formava sua identidade. Para esse casamento — seu primeiro — ele vestiu um kilt Hunting Mackintosh xadrez de azul-marinho e verde, feito sob encomenda pela Casa Escocesa da Grã-Bretanha, ostentando o motivo xadrez ancestral do clã Mackintosh.

Sob o kilt, Guy não usava nada, como era o costume. ("Mas eu não sou um maricás", explicou brincando a um amigo.) Seu blazer azul-esverdeado havia sido feito por Alfred Dunhill, de Londres. Também usava abotoaduras antigas verdes, presente de casamento de sua noiva. (Rocco Ritchie, com quatro meses de idade, vestia um traje semelhante — mas com fraldas por baixo —, e estava aninhado no colo de sua babá na primeira fila da congregação.) Guy subiu os degraus e parou no alto, belo e altivo sob o brilho cálido de centenas de velas.

Ritchie era escoltado por seus dois padrinhos: Matthew Vaughn (produtor de Jogos, trapaças e dois canos fumegantes e de Snatch) e o proprietário de clube noturno londrino Piers Adam, que, como Guy, sofre de dislexia (os dois assistem a aulas juntos, para superar a deficiência). Eles foram seguidos até o alto da escada por Stella McCartney, a dama de honra de Madonna.

A maioria dos amigos de Madonna — assim como a imprensa — esperava que Gwyneth Paltrow fosse a escolhida para ser a dama de honra. Porém, segundo uma pessoa de seu círculo íntimo, Gwyneth disse que não podia "suportar a pressão de uma tal performance" e implorou a Madonna para "me poupar dessa, por favor". Assim, a honra foi estendida à srta. McCartney, estilista e filha de Sir Paul McCartney. Ela usava um modesto conjunto de seda cinza e bege de desenho próprio. Então, afinal, a noiva... Quando Madonna caminhou pela nave lateral, atravessou a passagem no meio dos convidados e subiu até o alto da grande escadaria, era uma visão, com seu vestido de seda sem alças cor de marfim, corselete justo e uma longa cauda. Um antigo véu, bordado com renda do século XIX e encimado por uma tiara eduardiana de diamantes, pendia sobre seu rosto e descia suavemente até o chão. Era uma imagem esguia,

graciosa e dramática. Um crucifixo de diamante de mais de seis centímetros, de 37 quilates, estava preso delicadamente em seu decote, junto aos seios que não eram nenhum mistério para a maioria do mundo livre. Braceletes de pérolas e diamantes davam um caro e clássico toque final ao conjunto. Quando caminhava através da passagem central, seu pai, Tony, em um formal smoking preto, ficou a seu lado, de braços dados com ela, trocando os passos com determinação. Os dois pareciam extraordinariamente radiantes caminhando até o topo da escadaria, em perfeita harmonia um com o outro.

Fora tão longe que, certamente, sua juventude de classe média em Bay City, Michigan, devia parecer a anos-luz de distância no passado, conforme a Madonna Louise Ciccone de 42 anos de idade lançava um olhar aos convidados lá embaixo, com os modos serenos e aparência regia. Parada no alto da majestosa escada, cuja balaustrada fora enfeitada com hera e orquídeas brancas, estava resplandecente na luz sobrenatural do imenso e antigo castelo. Dir-se-ia uma rainha mostrando-se a seus súditos... ou quem sabe até Eva Perón aparecendo para seus eleitores, pois aquela era uma produção que, pelo menos para alguns observadores, parecia ter sido feita em tão grande escala quanto aquela em que ela estrelava em Evita.

Os trajes de Madonna eram resultado de semanas de planejamento: o vestido fora desenhado (de graça) por Stella McCartney; a tiara — 767 diamantes, 80 quilates — era um empréstimo da Asprey & Garrard, de Londres; os braceletes foram cortesia da Adler, de Londres; o crucifixo de diamante fora confeccionado pela Casa de Harry Winston, de Nova York. Tudo havia sido coordenado o mais rápido possível, para não deixar pendências. Madonna, com seu inimitável pendor pela eficiência, tão conhecido por aqueles que trabalhavam para ela, não gostava de perder tempo. Já que concordara em dar um show, daria um — e bom! —, mas tudo teria de ser feito de forma rápida e eficiente. Sem confusão. Ou, como ela diria: "Simplesmente faça!".

Isso não quer dizer que Madonna não estava entusiasmada com os planos para o casamento. Os convites, lista de convidados, cardápios, planejamentos de viagem, floristas, músicos... ela se desincumbia de tudo, com a assistência de sua competente equipe. Assim que se envolveu com a criação do vestido de noiva, a imaginação e o senso de estilo de sua designer correram soltos. Logo Madonna entrava no ritmo das coisas, acompanhando a seleção de cada tecido com Stella McCartney e outras amigas próximas, como uma das maiores aventuras de sua vida. "Com que frequência você escolhe algo cuja memória vai guardar para o resto de sua vida?", disse em uma conversa com uma amiga, enquanto observava esboços de vestidos. "Não quero olhar para trás nas minhas fotos de casamento daqui a dez anos e dizer: 'O que eu estava pensando?'.

Além disso, olhe como tudo isto é divertido. Que garota não adoraria fazer isto?" Queria perfeição, independentemente do custo em termos de tempo, dinheiro e energia.

Os que compareceram ao casamento disseram que, como sempre, ela conseguira o que queria.

Quando chegou ao topo da escadaria, Madonna deu um beijo no rosto de seu pai e então deixou-o para se juntar a Guy. De longe, parecia estar chorando. Emocionado, Guy pegou sua mão, olhando sua noiva com carinho e afeição patentes.

A cerimônia de casamento — que teve lugar diante do antigo vitral — durou apenas vinte minutos (e foi também conduzida pela reverenda Susan Brown, a primeira e única mulher nomeada como ministra e encarregada de uma catedral, que antes também batizara Rocco). Com a voz inaudível, o casal trocou os votos que haviam escrito, selando suas promessas de um para o outro. Depois trocaram alianças — a de Madonna, um simples anel de platina e diamante, a de Guy, de ouro. Mesmo de longe, Madonna pareceu enrubescer no momento em que foram decretados marido e mulher. Um espectador na terceira fila recordou mais tarde: "Dava para ver, com súbita claridade, o intenso amor em seus olhos por aquele homem. Guy tocou seu rosto de maneira gentil, talvez limpando uma lágrima, não tenho certeza. Mas foi um momento sem igual. Havia um vínculo verdadeiro, em todos os níveis".

Depois do beijo obrigatório, os recém-casados finalmente desceram os degraus como marido e mulher, com os convidados saudando em aprovação.

Dando um breve sorriso de deleite, Madonna pareceu se iluminar quando ela e Guy pararam ao pé da escadaria para receber os cumprimentos dos amigos e familiares.

Aqueles que a conhecem melhor dizem que nunca pareceu mais feliz do que nesse momento. Parecia cheia de um contentamento que, provavelmente, jamais conhecera antes.

Após a cerimônia, todos foram conduzidos ao salão de recepções de Skibo para fazer um brinde com champanhe. O jantar foi depois servido na sala de jantar do castelo, com painéis de carvalho. Com o som de uma tradicional banda escocesa de quatro instrumentos tocando ao fundo, os convidados beberam champanhe e vinho tinto e comeram camarões, salmão, mexilhões, carnes Aberdeen Angus, batatas assadas e repolho roxo. Como sobremesa, foi servido profiterole caramelizado. Às onze horas, a festa foi transferida para uma discoteca montada no porão do castelo. A essa altura, Madonna se trocara e usava um conjunto cor de marfim. Adornavam-na milhões de dólares em joias: diamantes emprestados de Harry Winston. Os convidados então dançaram

através da madrugada ao som de música gravada de Madonna e Sting, bem como de artistas que haviam contribuído para a trilha sonora de Snatch.

Graças ao cuidadoso planejamento de segurança feito por Guy Ritchie e alguns membros da experiente equipe de Madonna, o evento lograra transcorrer sob um véu do mais completo segredo, um blecaute sem precedentes da mídia. A uma temperatura enregelante, centenas de jornalistas acamparam do lado de fora dos portões trancados do castelo, à espera de alguma notícia de que eles haviam se casado. Ela nunca veio. Dúzias de paparazzi, maquiados com tinta preta e usando apetrechos de camuflagem, arrastaram-se através da vegetação rasteira em torno do castelo para dar uma olhada mais de perto. Foram furiosamente perseguidos pelos seguranças de Guy, armados com sofisticados equipamentos de detecção de calor, câmeras infravermelhas e outros dispositivos de obtenção de imagens térmicas. Os fotógrafos eram pegos um por um, como gamos sendo caçados. "Se alguém conseguir passar pelos meus homens, esse cara merece entrar", disse Guy, rindo.

"Ao final do dia", nas palavras de Guy Ritchie, ele havia certamente "vencido o jogo". Nem uma única fotografia do casal digna de ser vendida fora tirada por qualquer paparazzi, embora um fotógrafo de alguma maneira tenha conseguido obter uma imagem borrada e distante da "patroa" parada diante de uma janela. Além disso, nenhuma observação em primeira mão foi fornecida aos jornalistas. Nunca houve um anúncio oficial de que o casamento estava ocorrendo, apenas uma declaração da ministra que oficiara a cerimônia: "Ocorreu de fato".

Vagarosamente, no curso de três dias após o casamento, detalhes em esboços — muitas vezes contraditórios — do que acontecera detrás dos portões do castelo começaram a surgir. Surpreendentemente, nenhum retrato dos dois se casando foi fornecido à imprensa, embora o fotógrafo Jean Baptiste Mondino houvesse sido notado documentando toda a cerimônia. "Se vamos participar desse jogo, vamos até o fim com ele", disse Guy a um dos assessores de imprensa de Madonna. "Então, nada de fotos."

Ela não poderia ter ficado mais deliciada com a ideia de não liberar fotos para a imprensa, provavelmente sem levar em consideração que os fãs cujo suporte financeiro lhe propiciara toda aquela opulência poderiam estimar ter pelo menos um retrato da ocasião. Porém, de seu ponto de vista, havia algo de apropriado, até mesmo novo, nessa virada de acontecimentos. Como explicaria mais tarde, em particular, era com frequência desanimador para ela perceber que o público estava tão plenamente ciente de como agia e aparecia durante praticamente todos os principais momentos de sua vida. Dava-lhe uma sensação de satisfação saber que seu segundo casamento permanecia um mistério. "Acho

isso fabuloso", disse a uma amiga. "Afinal de contas, não me casei para divertir as pessoas. Eles todos que se fodam", disse, sem dúvida se referindo à mídia, não aos fãs. "Acho que já lhes demos o suficiente, não acha?"

No fim, a única brecha real veio do pai de Guy, John, que disse a um repórter — antes de chegar no castelo — que Guy usaria um kilt xadrez Hunting Mackintosh da família. Assim que chegou na Escócia, o Ritchie pai foi severamente repreendido por um dos assistentes de Madonna. Quando ouviu mais tarde sobre o ocorrido, Guy ficou enraivecido — talvez o único momento em que passou raiva durante os cinco dias em Skibo. "Ele é meu pai", sibilou Guy para o ajudante de Madonna ao confrontá-la.

"Como ousa falar com ele dessa forma?" Uma discussão se seguiu, um bate-boca inflamado que terminou rapidamente quando Guy saiu de perto com a expressão feroz, resmungando algo sobre "os babacas de merda que trabalham para a patroa". Embora perdoado imediatamente pelo filho e sua noiva pela pequena transgressão, o Ritchie pai continuou um pouco melindrado pela altercação interna. Na catedral, pouco antes do batismo, um repórter da Associated Press perguntou-lhe o que aconteceria na cerimônia, e John Ritchie respondeu: "Eu não ouso dizer".

Depois do casamento, o pai de Madonna e sua esposa Joan deixaram a Escócia e partiram para os Estados Unidos. Todos que conheciam Madonna sabiam que a presença de seu pai na Escócia fora um forte indicativo de que sua relação com Madonna — "Nonnie", como às vezes a chamava — estava agora atravessando um período de calmaria.

Quaisquer desavenças que ocorreram entre eles estavam relegadas ao passado, onde, assim se esperava, deveriam permanecer.

Um amigo próximo relatou ter entreouvido uma conversa entre pai e filha nos jardins do castelo de Skibo. Tony, admirado com o cenário, passou grande parte do tempo com o pai de Guy, John, inebriando-se com o ambiente, banqueteando seus olhos na paisagem. Na manhã do casamento, ele e Madonna passaram momentos reconfortantes nos jardins. Usando o que parecia ser um suéter de cashmere cor-de-rosa de gola olímpica e calças jeans, Madonna sentou-se sob um sicômoro, segurando o bebê Rocco nos braços, junto ao peito. A alegre babá brincava de pega-pega com Lourdes, a cerca de um metro dali. Amigos de Madonna agrupados em volta viam-na com o novo bebê e observavam a vista espetacular que se estendia a sua frente. A cena pacífica se desenrolava tranquilamente sob a luz tênue das primeiras horas da manhã, abundante em sua beleza, harmonia e sentido de permanência que tornava tudo aquilo tão distante do mundo exterior.

Quando Tony acercou-se da filha, ela sorriu para ele. "Bem, foi um longo

caminho até aqui, pai", disse Madonna.

"Devo dizer", concordou Tony, "que nunca pensei que estaríamos neste lugar juntos", acrescentou, fazendo um gesto com a mão para abarcar a luxuriante paisagem.

"Não, pai", respondeu Madonna. "Eu quis dizer você e eu. Tivemos um longo caminho."

Segundo testemunhas, os olhos de Tony se encheram de lágrimas. Ele balançou a cabeça, com um sorriso se formando lentamente em seu rosto. "Meu Deus. Olhe para você", disse à filha. Madonna ergueu Rocco no ar e fez uma careta brincalhona para ele. "Mãe... e em pouco tempo, esposa. Olhe que grande pessoa você se tornou, Nonnie", concluiu Tony, com o rosto repleto de orgulho genuíno.

"Pa-jraz!", exclamou Madonna, pronunciando distintamente as duas sílabas. Parecia envergonhada, provavelmente porque sabia que havia gente escutando.

"Não, é isso mesmo", insistiu ele.

"Ah, pare com isso", disse Madonna, com expressão comovida. "Você vai me fazer chorar."

"E isso não pode acontecer, pode?", perguntou outra voz. Era Guy, aproximando-se por trás de Madonna. Estava usando confortáveis calças de veludo cotelê, um grosso suéter de lã e sorria.

Madonna virou a cabeça. "Ah, então é isso. Vocês estão conspirando contra mim, agora", concluiu, de bom humor. Deu o bebê para Guy. "Tome esta criança", disse, ficando de pé. "Vou cair fora daqui."

"Para onde vai?", perguntou Guy.

"Para algum lugar onde possa dar uma boa chorada", respondeu ela.

Guy carinhosamente pôs o bebê nos braços da babá ali ao lado e então seguiu Madonna. Juntando-se a ela, pôs os braços em torno de sua cintura. Saíram caminhando sem dizer palavra, parecendo seguros um com o outro, parecendo pertencer um ao outro, talvez perdidos em seus pensamentos, sem necessidade de trocar palavras entre si.

Epílogo

"Drowned World"

NÃO SERIA SURPRESA PARA NINGUÉM que a conhece que o ideal utópico da felicidade-após-o-casamento constituiria um desafio para Madonna. Quando a primeira edição deste livro foi finalizada, em janeiro de 2001, Madonna e seu marido Guy Ritchie estavam em vias de iniciar uma vida a dois como marido e mulher. Muitas pessoas próximas de Madonna achavam que as chances de a união ser bem-sucedida estava contra eles, em grande parte devido ao fato de que ela ficara cada vez mais independente ao longo dos anos; parecia difícil imaginá-la como alguém capaz de assumir um compromisso com outra pessoa. Todavia, o mais importante, provavelmente, desde que conhecera Guy Ritchie, é que Madonna não estava, como dizem seus colegas de negócios, ligada "na potência-Madonna máxima" — ou seja, não estava planejando um show grandioso, viajando e se apresentando enquanto vivia a vida excitante de uma superestrela do pop. É verdade que havia gravado, feito videoclipes e aparecido em algumas premiações.

Porém, Madonna e Guy tiveram a sorte de serem um casal capaz de usufruir do tempo e do espaço necessários ao aprofundamento e à maturidade exigidos para uma relação estável. Como se veria, eles necessitariam da força da ligação forjada durante seu "período ocioso" para manter a força de seu casamento durante a primeira turnê desde 1993.

O anúncio da turnê "Drowned World" foi recebido com grande entusiasmo pelo público de Madonna: os ingressos para as 48 apresentações em dezessete cidades espalhadas pelo mundo todo esgotaram-se em poucas horas. Seu cachê seria de quase 2 milhões de libras por show — e ela teria de trabalhar por cada libra. Madonna percebeu que as pressões de uma grande turnê internacional — o planejamento, os detalhes, a apresentação, a enorme equipe, a viagem, todos os problemas com os quais convivera por anos — eram um enorme desafio.

Ao longo dos anos, Madonna havia feito tremendos sacrifícios para atingir aquele sucesso inigualável, sua enorme riqueza e seu inegável poder no mundo do showbiz.

Porém, sempre fora ela, e somente ela, contra o mundo — ou pelo menos era assim que pensava. Agora, havia seus dois filhos no cenário: Lourdes, com quatro anos, e Rocco, com menos de uma ano. Guy também planejava ficar com ela na maioria dos shows. Lá se iam aqueles dias em que ela e seus dançarinos podiam passar o tempo brincando em camas king-size, conversando sobre tamanhos de pênis e cirurgia plástica.

"Montamos a turnê toda de modo a torná-la manejável para a família", observou Caresse Henry, amiga íntima e empresária de Madonna, "e na Europa queríamos ficar na mesma cidade por uma semana para que as crianças não tivessem de mudar muito. Madonna constrói tudo em torno da família."

Quando a seleção de músicas para os shows foi finalizada, muitos em torno de Madonna estavam preocupados que o resultado fosse desapontador, em grande parte porque ela decidira não incluir seus sucessos mais famosos, como "Like A Prayer", "Vogue", "Papa Don't Preach" e uma legião de outras canções. De fato, a maioria das 22 canções era tirada de seus dois CDs mais recentes, Ray of Light e Music. A estratégia de Madonna ia na contramão da maioria dos artistas veteranos da época, como os Rolling Stones ou U2, que incluíam em suas turnês inúmeros sucessos antigos a fim de manter seus lucrativos clientes satisfeitos. Os ingressos para o show de Madonna custavam 250 dólares. Não era muito usual para ela, que sempre conseguira atingir um cuidadoso equilíbrio entre o que queria fazer artisticamente e o que sabia que seus fãs esperavam, tomar a decisão de negligenciar completamente as prováveis necessidades de seu público nessa turnê — cujas vendas já haviam sido encerradas quando foi divulgada a notícia de que não cantaria suas canções mais populares. Contudo, como explicou ao entrevistador E. Jean Carroll: "Qual a graça de fazer um show a menos que você vá criar um grande teatro? Estou cansada da maioria dos shows que ando vendo por aí. Não quero ir e ver alguém parado no palco tocando música. Quero que meus sentidos sejam subjugados".

"Ai, meu Deus, vai ser um saco", lembra-se de ter dito a backing vocal Niki Harris. "Eles vão nos vaiar até sairmos do palco." Ela se recorda de Madonna dizer: "Por favor, apenas confie em mim. Eu fiz muito sucesso. Sei o que estou fazendo".

É claro, essa era a mesma mulher que vestiu uma camiseta de Britney Spears quando ia para a cama todas as noites por uma semana durante o período em que se apresentou no The Late Show with David Letterman, em Nova York, no final de 2000. Ela decidira que Britney era o seu "talismã da semana", explicou em particular, e que vestir uma camiseta com o rosto de Britney Spears estampado lhe traria boa sorte. "E trouxe", disse. (Bem quando se pensa que a forma como Madonna vive sua vida é perfeitamente calculada e lógica, essa história de

Britney Spears mostra como toda sua imagem é mais uma vez transformada.) Niki Harris e Donna DeLory — ambas trabalharam com Madonna por mais de doze anos — conseguiram convencer sua chefa a encerrar o show com seu primeiro grande sucesso de 1983, "Holiday".

O conceito de Madonna para a turnê "Drowned World" era levemente inspirado no prodigioso romance do autor britânico J. G. Ballard de 1962, The Drowned World, o segundo dentre quatro romances de desastre ambientados no futuro — cada um com um tema: ar, fogo, água e terra. Nesses livros, o protagonista viaja através de paisagens maravilhosas e perigosas, até que finalmente descobre a "verdade". Foi em seu CD de 1998, Ray of Light, que ela vislumbrou pela primeira vez uma analogia entre a obra de Ballard e suas próprias ideias, de realizar as coisas com ambição e atingir sucesso no final, mas a um alto custo. Nessa obra e, dois anos mais tarde em Music, Madonna concluiu que sua própria "verdade" era a paz interior, a reparação e os valores familiares.

Como os livros de Ballard, o show "Drowned World" de Madonna apresentava quatro seções distintas, uma miniópera cada uma, com seus respectivos cenários e roupas, trazendo figurinos de punk, gueixa, cowgirl e uma estranha fusão entre flamenco e gueto fabuloso, além de evocar artes marciais, country & western, rock and roll, dança butô japonesa e até circo. Aquilo fazia algum sentido? Nas mãos de Madonna... de algum modo, sim. Tendo ficado admirada com a turnê mundial de Ricky Martin em 1999-2000, "Livin' La Vida Loca", a primeira coisa que ela fez foi recrutar o diretor e coreógrafo Jamie King para assisti-la com suas ideias. Ela também contratou grande parte da equipe de produção de Martin, incluindo a criativa consultora técnica Joyce Flemming e o diretor de produção Mark Spring, bem como uma equipe de design que incluía o designer de luz Peter Morse, o designer de produção Bruce Rodgers e o diretor de vídeo Carol Dodds. Os figurinos de Madonna, avaliados em cerca de 200 mil dólares, seriam criados por Gaultier, Versace, Dolce & Gabbana e DSquared, incluindo até seu sutiã preto de vinil.

Assim que as linhas gerais do show ficaram do jeito que Madonna queria — a seleção de músicas e as quatro peças durante as quais elas seriam apresentadas —, levou suas ideias para Bruce Rodgers. Como Rodgers não conhecia Madonna e não estava familiarizado com sua música, mergulhou em seus CDs para encontrar inspiração, e então vagarosamente começou a concretizar a visão de Madonna. "Tornou-se óbvio para mim na fase de esboços que aquele seria um show muito sombrio", diz ele. "Sua música é muito espiritual, mas de uma forma bem sombria. Embora um monte de gente da equipe de design tenha feito concertos teatrais similares, nenhum de nós jamais tinha feito nada naquele nível

operístico."

Ao longo de todo o planejamento subsequente e o processo de ensaios, Rodgers disse que Madonna fora como sempre acerca de suas apresentações em um palco: meticulosa.

Se alguém não pudesse implementar algo que quisesse, essa pessoa estava na rua. Para Madonna, era uma simples questão de atingir seus objetivos. Tinha uma visão, então queria vê-la concretizada, e se alguém não estava com ela — provavelmente tentando convencê-la de que uma ideia não iria funcionar por uma questão logística ou financeira —, estava contra ela, e logo era despedida. Afinal de contas, não chegara onde estava na vida fazendo concessões ou pensando de uma maneira limitada.

"Uma das partes mais difíceis no início foi fazer com que todos os envolvidos na produção parassem de dizer 'Isso é impossível", conta Bruce Rodgers. "Madonna dava constante apoio ao design, dizendo 'Vá fundo'. Além disso, eu estava acostumado a tentar tirar o máximo com o mínimo de dinheiro. Mas por causa do cronograma, os custos começaram a subir e isso me deixou — e a todo mundo — em pânico. Mesmo assim Madonna sabia para onde estava indo cada centavo..."

A tranquilidade serena de Madonna ao longo de todo o processo de planejamento não era surpresa para seus amigos. Ela andava praticando ashtanga-ioga nos últimos cinco anos, e estava certa de que os momentos de meditação passados a sós a conduziriam através de quaisquer momentos difíceis durante a organização e execução final de seu show. Queria que tudo parecesse ser realizado sem esforço, sem suadouro. Para isso, programou um tempo de ensaio para a produção de oito semanas.

"Ela é muito exigente, precisa e minuciosa. E graças a Deus, pois foi ótimo ter semanas de ensaios físicos, sem o palco", diz Peter Morse, que projetou a luz para o show. "Isso me deu a oportunidade de sentar e vê-la repetir as coisas, de forma que pude começar a ter ideias e fazer mudanças conforme progredíamos no design do sistema. Quando o palco foi montado, e entramos no período verdadeiro de ensaios, ainda tínhamos mais três semanas. Era um tempo valioso e necessitávamos de cada minuto. Foi tudo muito bem pensado por Madonna."

A DSquared foi uma das empresas de design contratadas por Madonna para criar figurinos para o terceiro ato, a seção de western. Dean Caten, que dirige a empresa junto com seu irmão gêmeo Dan, recorda-se: "Ela faz as coisas calculando o quanto é capaz de erguer a perna em função do peso da calça. Lembro quando fizemos uma camiseta um pouco maior por acidente. Ninguém iria notar, foi o que pensamos. Ela deu uma olhada e disse: 'Não, está maior. Vocês mudaram. Façam do jeito que estava'.

Estamos falando de meio centímetro. Ela é muito, muito precisa".

Para essa produção, Madonna queria até mesmo parecer que desafiava a gravidade quando se envolvia em uma elaborada batalha de artes marciais inspirada no filme Crouching Tiger, Hidden Dragon (O tigre e o dragão). Para isso, tomou aulas de "voo", a fim de aprender a pular e a flutuar com perícia usando desconfortáveis cintas e amarrações, presa a um cabo vertiginosamente elevado acima do palco de mais de 450 metros quadrados. Nada era um desafio grande demais para ela ou para os outros. Se queria ver dançarinos seminus balançando-se das vigas do teto pelos tornozelos no primeiro ato, então era exatamente o que esperava ver no primeiro ato. Ou, como explicou o diretor da turnê e coreógrafo Jamie King: "Ela queria algo novo, queria mudança, e queria algo que nunca houvesse sido feito antes. Se alguém era incapaz de realizar, ou de inspirá-la de uma nova forma, então não tinha razão para estar ali".

Para o afável Guy Ritchie, testemunhando todo o processo criativo de sua esposa pela primeira vez, era desconcertante ver tantas cabeças na guilhotina. Dez pessoas foram mandadas embora em uma semana. "Eu não gostaria de trabalhar para ela, posso lhe assegurar", disse. Sabiamente, contudo, ele dificilmente arriscava uma opinião, preferindo apenas assistir à "patroa" em ação.

A primeira apresentação da turnê "Drowned World" ocorreu em 9 de junho de 2001 em Barcelona, no estádio Palau Sant Jordi, diante de um público de 20 mil pessoas.

Finalmente ver o show em toda sua glória deslumbrante era algo que inspirava admiração em todos que haviam observado Madonna e sua equipe montá-lo juntos — incluindo Guy, que disse: "Como faz isso, eu não sei. E eu me casei com ela". É claro que antes de subir no palco Madonna estava tão enjoada de tensão nervosa que vomitou em um balde.

A ruidosa abertura punk incluía canções como "Drowned World/Substitute For Love", "Ray Of Light" e "Impressive Instant". Junto com uma séria Madonna, dez dançarinos de botas e máscaras de gás, alguns com cortes moicanos, moviam-se ameaçadoramente em torno dela, ora provocando-a, ora atormentando-a. Como Madonna seguia mantendo uma atitude roqueira e desafiadora, não hesitava em mostrar ao público como não havia amolecido ao longo dos anos (ainda que houvesse amolecido). "Fuck you, mother-fuckers!", gritou para a multidão que a venerava entre "Candy Perfume Girl" e "Beautiful Stranger".

No início do segundo segmento — a sequência de dança butô japonesa — Madonna adentrou o palco usando um incrível quimono com mangas absurdamente enormes de quinze metros de comprimento. A seção incluía

"Frozen", "Mer Girl" e "Nobody's Perfect". Mais tarde, durante "Sky's Fits Heaven", apresentou sua extasiante batalha de artes marciais.

O terceiro ato, centrado na personagem da cowgirl, trazia "I Deserve It", "Don't Tell Me" e "Gone", junto com dois dos mais antigos sucessos da noite, "Secret" e "Human Nature". Durante essa parte, Madonna pulou sobre um touro mecânico e transformou seu momento western em uma apresentação quase — mas, felizmente, não inteiramente — tão sexualizada quanto o número da masturbação de "Like A Virgin" na turnê "Blonde Ambition".

O último ato, de temática mais vaga que os outros, tinha um conceito espanhol/flamenco/gueto fabuloso, incluindo "Lo Que Siente La Mujer" ("What It Feels Like For A Girl"), uma versão acústica e em estilo flamenco de "La Islã Bonita" (uma das várias canções em que ela tocava violão ou guitarra) e "Holiday". Quando tudo isso foi encerrado com o ruidoso e eximiamente executado final de "Music", a maioria dos observadores tinha de concordar que o show fora de tirar o fôlego — ainda que estranho. O tempo total somara apenas uma hora e 37 minutos.

"Ao longo de todo o show, Madonna fez uma exibição de arrogância, cuspindo obscenidades, assumindo ares de valentona e encarando raivosamente o público com mais frequência do que lhe sorria", observou John Pareles, em sua resenha para o New York Times. "Ela representa o amor-próprio amparado por zilhões de horas de malhação e toda uma trupe de lacaios devotados — o suficiente para deleitar um público a quem parece desprezar. 'A música une as pessoas', canta ela no final... une, quer dizer, desde que Madonna esteja no comando."

Não houve bis. Em lugar disso, o comediante britânico Ali G aparecia nos telões para anunciar: "Ela não vai voltar, então, caiam fora, vão embora. Teremos os Backstreet Boys neste mesmo local amanhã, então, francamente, ninguém vai querer estar por perto para vê-los".

A noite de estreia foi um sucesso absoluto. Embora exausta emocional e fisicamente após a primeira performance, Madonna estava feliz com seu trabalho. Depois que tudo terminou, com as lágrimas rolando à vontade nos bastidores, sentia-se muito gratificada. A sensação de histeria nervosa que pairava no ar em seu camarim antes da hora da apresentação deu lugar à mais pura paz e satisfação. Infelizmente, esse estado de euforia não duraria por muito tempo.

Cerca de uma hora após o show, um membro imprudente da equipe de Madonna mostrou-lhe uma história que fora publicada na revista alemã Stern. Nela, Guy se queixava de Madonna. A citação dizia: "Ainda é muito cedo para saber como minha esposa vai influenciar minha vida, mas já dá para perceber

que às vezes é uma tarefa dura conviver com ela".

Madonna talvez não desse maior importância a esse tipo de jornalismo em outra época — afinal, como deve ter raciocinado, Guy podia ter sido mal interpretado. De toda forma, ela sabe que é uma pessoa "difícil de conviver". Isso não é novidade. Porém, após a noite estressante, aquilo a aborreceu muito. Pediu a Guy para juntar-se a ela em seu camarim. Lá, os dois começaram a bater boca em alto e bom som sobre a entrevista. Ela disse: "Como você acha que isso me faz parecer?", ao que ele respondeu, conforme ouviram-no dizer: "Desde quando a gente se importa com isso?". Guy saiu do camarim depois de cerca de cinco minutos, irritado. Ela correu atrás dele, provavelmente não querendo que seu mau humor arruinasse o triunfo daquela importante noite para ela, para eles. Mas tarde, os dois pareciam bem juntos, olhando um para o outro com grande admiração, enquanto cumprimentavam convidados na festa após o show. No entanto, a pequena explosão de Madonna era um prenuncio do que estava por vir.

Guy teria de se acostumar com o fato de que a irritabilidade caracterizaria o humor de Madonna durante a maior parte da turnê. Ela já atingira o ponto da exaustão, e ainda tinha meses pela frente. "Eu a vi em Paris e fazia tanto calor que pensei que fosse ter um colapso", lembra-se Marty Callner (que dirigiu o especial da HBO de 1993 indicado para o Grammy Madonna Live Down Under: The Girlie Show, e que iria produzir Madonna Live: The Droumed World Tour para o mesmo canal). "Ela continuava a se arrastar através daquilo, lá no alto, dançando com figurinos pesados sob as luzes quentes. Você dizia para si mesmo: 'De onde é que isso vem?'."

Embora Madonna, como sempre, desse o melhor de si criativamente em épocas de extrema pressão, seu humor estava em seu pior. Qualquer um que tenha vivido com um artista vai concordar que há um preço de bastidores a ser pago pelo brilho no palco. Guy Ritchie não seria poupado das frequentes erupções de raiva e frustração de sua mulher.

De fato, nos dois meses seguintes, Madonna estaria em seu pior nível de exigência e despotismo.

Mamãe Drama

Após A França, a turnê "Drowned World" rumou para a Inglaterra. Em Londres — onde Madonna se apresentaria na Earl’s Court em julho de 2001 —, Madonna e Guy iriam se ver envolvidos em contínuas discussões ao longo de três dias consecutivos.

O primeiro bate-boca ocorreu quando o casal estava com amigos no restaurante San Lorenzo. Naquela noite de verão, Guy estava formalmente vestido com um terno risca de giz e sapatos sociais. Madonna gostava quando ele se vestia para sair à noite, dizendo que a postura de seu marido exigia um alfaiate à antiga. De sua parte, contudo, preferia se vestir de forma mais casual, especialmente quando tinha de gastar tanto tempo preparando-se para entrar no palco. Nessa noite, ela estava sinuosamente vestida em couro preto dos pés à cabeça. Também usava luvas de renda sem dedos, um toque de elegância. Seu humor, contudo, estava sombrio como seus trajes.

"É uma loucura completa", exclamou Guy, envolvido em uma longa discussão com os amigos sobre a turnê "Drowned World". Enquanto Guy falava, Madonna ficava quieta, comendo sua comida.

"Dois aviões jumbos cheios de coisas [1.500 malas de equipamentos], mais um jato para a equipe e um quarto [o luxuoso Falcon 900, com doze assentos] para mim, as crianças e as babás. E brinquedos para as crianças", continuou Guy, segundo se lembrou uma testemunha. "Você faz ideia de quantos bichinhos de pelúcia estão sendo transportados ao redor do mundo?", perguntou. "Caramba, é inacreditável."

Guy explicou que ele e a "patroa" estavam "de pé ao raiar da aurora", todos os dias. "Estamos em aviões, em hotéis, em shows, passando o som, ensaiando. Quer dizer, seu quimono tem, como é, quinze metros de comprimento?", perguntou. "Tente pôr aquela coisa na mala." Ritchie, que parecia ter conhecimento de cada detalhe envolvendo a turnê, observou que eram necessárias sete pessoas para ajudar Madonna a entrar e sair do quimono. Ele também mencionou que ela possuía quatro versões de cada figurino à disposição para toda a turnê, cada um lavado à mão, passado no vapor e pronto para usar.

"É um caos diário com os ensaios e a passagem de som", acrescentou.

"Depois, ela sobe no palco e tem de brilhar e mostrar energia quando não sente nada disso", continuou, falando sobre Madonna como se ela não estivesse presente. Após o show, seguiu ele, havia a inevitável multidão de pessoas atrás do palco querendo tirar um retrato com Madonna. Ele disse que seria preferível se ela deixasse rapidamente o local da apresentação para voltar ao hotel e ir para a cama. "Mas quer posar com esse e aquele outro", observou. "Enquanto isso, as crianças já estão de volta ao hotel, choramingando pela mãe."

Madonna soltou um profundo suspiro e fechou seus olhos, provavelmente em busca de algum tipo de paz interior induzida pela ioga. "As luzes aqui são um saco, não?", disse, olhando em torno. Mais tarde, alguém de sua equipe explicaria seu estado de espírito dizendo que tivera uma reação ruim ao botox, que supostamente haveria injetado nas axilas para impedir o suor dentro dos figurinos. (O botox, que é injetado pelos cirurgiões plásticos na testa ou em torno dos olhos para causar uma paralisia, suavizando as rugas, também bloqueia mensagens neurais para as glândulas, inibindo assim a transpiração. No entanto, uma "cláusula" no contrato de Madonna requer para ela duas garrafas de vodca Absolut — não para beber, mas, antes, para remover desagradáveis manchas de suor de seus trajes... provavelmente no caso de o botox falhar.) Guy ignorou a esposa. "De qualquer forma, a coisa toda é inteiramente o espetáculo", concluiu.

"Meu Deus, Guy. Por favor", exclamou Madonna de repente. "Eu tenho feito isso por quinze anos."

É claro que Madonna sabidamente já desconsiderara Guy, e em público. Faz parte de sua personalidade ser rude com as pessoas. Se a pessoa a conhece bem, percebe que seu lado impaciente e alheio é mais uma fachada e, logo, não se sente ofendido com isso. (Ou, como seu irmão Martin disse recentemente: "Ela é uma autêntica manteiga derretida e a maioria das pessoas não saca isso sobre ela. Ela tem medo que esse lado dela aflore, e então todos vão saber que não é tão feroz como quer que as pessoas pensem que é".) "Olhe, só estou dizendo...", começou Guy.

"Exato", disse Madonna, cortando-o. "Com licença", disse aos amigos, pondo-se de pé. "Mais tarde conversamos", falou a Guy. Lançou-lhe um olhar cortante e saiu do restaurante.

"Bem, lá vai ela, se mandando outra vez", disse Guy. "Até mais tarde", lhe disse, acenando a mão.

"Nos quinze minutos seguintes, Guy ficou agitado", disse a testemunha. "Finalmente, falou: 'Bem, escutem, acho que é melhor eu ir atrás de meu pássaro'." Ficou de pé. "Ela é tão difícil", disse, tirando a jaqueta do espaldar da cadeira e vestindo-a. "Mas está sob muita pressão", concluiu, levando na esportiva. "Então, o que se pode fazer?"

Dez minutos mais tarde, ele voltou com Madonna, que aparentemente esfriara a cabeça. "Eu não sou uma filha-da-puta, de jeito nenhum", disse aos amigos, a título de desculpas. "Sou apenas uma boa atriz." Então, acrescentou, com humor típico. "Ao contrário do que algumas pessoas dizem."

Em Londres, o casal registrou-se no Berkeley Hotel, pois seu novo lar de 5,7 milhões de libras, uma casa avarandada de quatro andares em estilo georgiano, próxima à Oxford Street, estava sendo remodelada. Porém, uma falha no sistema de ar condicionado do Berkeley forçou-os a se mudar para o Claridges, perto dali. Como o clima em Londres estava particularmente quente e úmido, Madonna e as crianças não conseguiam dormir sem o ar-condicionado. Ela não se importava que a imprensa a chamasse de diva por trocar apressadamente de hotéis no meio da noite... contanto que pudesse ter a boa noite de sono que necessitava para levar adiante uma turnê.

Na noite seguinte, o mesmo grupo de amigos que estivera com o casal no restaurante San Lorenzo juntou-se a Madonna e Guy no bar do Claridges. Quando chegaram lá, os dois já estavam tendo uma acalorada discussão envolvendo o menino, Rocco. Ao que parecia, Guy achava que Madonna não estava ligada ao bebê da forma como ele achava que deveria estar àquela altura. Enquanto ela e Lola eram muito próximas, observou Guy, Madonna não passava tempo suficiente dedicando-se ao filho. Quando seus amigos chegaram, Guy estava no meio de uma frase, dizendo "...as amas-secas têm todo o trabalho com as fraldas e coisas assim, e você nem chega perto disso, não é?".

"Essa é boa", disse Madonna, bruscamente, "mas é exatamente para isso que são pagas."

É verdade que, depois que mergulhou nos ensaios para seu show, Madonna dificilmente trocava as fraldas de Rocco. Quando sua agenda ficou lotada, decidiu estabelecer prioridades quanto a seu tempo e achar outros momentos de qualidade para passar com o bebê, em vez de momentos em que ele necessitava de cuidados higiênicos. "Se outras mães pudessem fazer isso, é provável que iriam fazer, também", disse ela.

Guy prosseguiu dizendo que na verdade não havia muito mais coisas a fazer com um bebê pequeno além de "trocar suas fraldas" e "fazer sons carinhosos para ele", e, acrescentou, "você também parece não andar fazendo muito disso, tampouco".

Um dos presentes tentou defender Madonna dizendo: "Ninguém pode aferir o amor que uma mãe tem por seu filho". Nisso, Madonna explodiu. "Não preciso de ninguém para me defender", disse. "Essa conversa toda é ridícula. Não vou nem responder, é um insulto."

Ela virou seu drinque e pegou a bolsa. "Quando é que você vai parar de me

atormentar?", perguntou a Guy. Inesperadamente, as lágrimas brotaram em seus olhos. Parecia engolir com dificuldade, como se tentasse conter o choro. Não conseguiu. Logo uma lágrima rolou pelo seu rosto. Obviamente, Guy atingira um ponto fraco, talvez algo que despertasse delicadas emoções tendo a ver com a infância de Madonna e a perda de sua mãe. Somente Madonna saberia ao certo o que era, mas alguma coisa nas críticas dele a atingira em cheio, não havia dúvida quanto a isso. Estava estampado em sua cara. "Desculpem-me", disse ela, quando saiu.

Os outros conversaram entre si sem saber o que fazer, enquanto Guy permaneceu quieto e contemplativo.

Dez minutos mais tarde, Madonna voltou. Guy perguntou como podiam fazer as pazes. Segundo se disse, Madonna sugeriu que bastava pedir desculpas.

"Você é ótima mãe", concedeu Guy. "Eu fui ridículo e peço sinceras desculpas." Segurou sua mão e beijou a ponta de seus dedos.

"Bem, isso está bom para começar", Madonna disse, com um sorriso cúmplice para os outros. "Mais tarde vamos ver o quanto ele está disposto a se desculpar."

O terceiro round entre os dois ocorreu na noite seguinte, mais uma vez no San Lorenzo. Madonna usava um macacão muito justo, preto, de mangas compridas, com uma gargantilha combinando, o cabelo loiro na altura dos ombros partido ao meio. Estava com a expressão fechada, como se um sorriso fosse sugar até a última gota de sua energia.

Não houve testemunhas de seu desentendimento; os dois jantaram a sós. Quando saíram do restaurante e tomaram o caminho de volta ao Claridges, estavam novamente discutindo feio. Madonna chorava. Guy desceu da limusine primeiro, ela veio atrás dele. Um amigo cumprimentou Guy quando entrou no hotel. Sem dizer palavra, Guy disparou através do saguão, deixando uma Madonna trêmula enfrentar sozinha os paparazzi à espera. As fotos, publicadas no dia seguinte, captaram seu ar desolado.

O resto da turnê conheceu triunfos profissionais e desafios pessoais, cada dia trazendo doses equivalentes de emoção e desespero — além de mais brigas e reconciliações com Guy. Havia também momentos memoráveis que nada tinham a ver com Guy ou com o show; momentos de experiência pessoal para Madonna. Na Alemanha, em 24 de junho, Ingrid Casares, Gwyneth Paltrow e Stella McCartney (que viajaram as três com a turnê para algumas cidades) acompanharam Madonna numa visita a um antigo campo de concentração, Sachsenhausen in Oranienburg. Um dos primeiros campos de concentração nazistas, Sachsenhausen chegou a ter mais de 200 mil internos. Judeus, tchecos e outros perseguidos pelos nazistas eram aprisionados arbitrariamente ali, e muitos

foram mortos, de 1936 até a chegada das tropas soviéticas, em 1945. Lá era também um centro de treinamento para a elite policial nazista, a SS, bem como para guardas de campos de concentração.

Um fotógrafo que posteriormente circundou o mundo fotografou Madonna, vestida de jaqueta de couro preta e jeans da mesma cor, apontando para o slogan infame "ARBEIT MACHT FRE" ("O trabalho os libertará"), em letras de ferro na entrada do campo. Outra foto mostra Madonna e Gwyneth caminhando pelo Alojamento 38, onde os judeus eram confinados em condições particularmente cruéis. As duas estavam abaladas com a ideia de que dezenas de milhares de mortes haviam ocorrido naquele lugar. "É mais do que posso suportar", disse Madonna depois. "Só estar lá me afetou profundamente."

Alguns dos que trabalharam na turnê "Drowned World" mais tarde expressaram a opinião de que a visita a Sachsenhausen cobrou seu preço de Madonna num momento em que tinha muito pouco a dar. Nos dias que se seguiram estava desatenta e parecia especialmente triste. Os show na Europa foram bastante duros, e quando chegou a hora de cumprir a etapa americana da turnê — na terceira semana de julho, na Filadélfia — estava exausta. Em semanas recentes se tornara tão amarga que alguns membros do grupo começaram a chamá-la de "Andréa" pelas costas — em referência a Andréa Yates, uma texana perturbada, que ficou conhecida nos Estados Unidos por ter afogado seus próprios filhos.

Em agosto, o respeitado crítico de música pop Joel Selvin soltou uma crítica inócua sobre seu desempenho na guitarra ("ela dificilmente eleva sua guitarra acima do status de objeto de cena") em sua resenha do show para o San Francisco Chronicle. Madonna com certeza não acredita que é uma guitarrista talentosa — pelo menos segundo aqueles que a conhecem bem —, uma vez que somente começou a tocar com seriedade em dezembro de 2000, e raramente dá ouvidos às resenhas, não se importando nem um pouco com o que os críticos têm a dizer sobre ela ou seu trabalho. Assim, diz muito sobre seu estado de ânimo de então que tenha ficado exasperada e furiosa com o comentário crítico de Selvin, pinçado em meio a uma opinião no mais bastante favorável sobre a apresentação.

Antes de seu show em Oakland, Madonna lia a resenha enquanto seus cabelos loiros eram secados pelo cabeleireiro Luigi Mirenu. Quando terminou de ler, bateu estrepitosamente o jornal em sua penteadeira. Enquanto Mirenu borrifava spray em seu cabelo, ela começou a passar manteiga em um bagel, resmungando em voz baixa.

Nessa noite, disse ao público que estava furiosa com Joel Selvin — mencionando seu nome no palco! "Aposto que ele sabe tocar guitarra muito

bem", disse, sarcasticamente.

Então, acrescentou: "Sabem de uma coisa? Se vou dar ouvidos a um babaca, vou perder meu tempo". A multidão, é claro, aplaudiu entusiasticamente. Mesmo assim, algumas pessoas de sua equipe acharam o comentário um pouco forte, até para Madonna.

Em Las Vegas, no começo de setembro, quando se apresentou no MGM Grand Theater, Madonna e Guy ficaram na Mansion (a cara suíte VIP da MGM). Madonna odeia Las Vegas.

Com exceção do jogo — "e eu não jogo meu dinheiro fora, eu o guardo", diz ela — não há mais nada para se fazer ali como diversão. Como sabe que a cidade está sempre formigando de turistas vindos do mundo todo que adorariam ter um mero relance dela, tinha horror a sair da suíte.

O primeiro dia em Las Vegas fora um exaustivo dia de ensaios e passagem de som. Usando uma calça jeans folgada (e uma carteira com uma correntinha) amarrada baixo na cintura, um cinto preto largo e uma camiseta sem mangas com as palavras "YOU SUCK" ("você é um saco") estampadas no peito, Madonna parecia muito mais uma triatleta com seu corpo esculpido do que uma pop star, especialmente com os bíceps ainda inchados do trabalho no ensaio. Mas deixando as aparências de lado, realmente não estava bem. Com a garganta arranhando por causa de uma tosse constante, estava exausta e apática. Embora o corpo estivesse quebrado, não se permitiria desviar-se de sua rotina normal de trabalho. Já cancelara dois shows antes devido a uma laringite, e sentia-se horrível por fazer isso com os fãs. Não, ela seguiria em frente — de algum modo. Uma determinação interior a impelia adiante, como sempre fora no passado. "Como vou conseguir fazer a apresentação desta noite", disse, preocupada com o aperto que sentia no peito, "eu não sei. É melhor começarem a rezar", acrescentou.

No começo da noite, um mordomo, designado pelo hotel para atender o casal, levou-lhes como cortesia da casa um prato de lagosta e uma garrafa de champanhe. Assim que serviu a lagosta, o mordomo abriu a garrafa, com um pequeno estouro. Serviu Guy uma pequena quantidade, para que provasse. Guy experimentou e assentiu aprovadoramente.

O homem então serviu uma taça para Madonna. Afundada na cadeira do outro lado da mesa onde estava seu marido, com as pernas abertas numa postura masculina, ela se inclinou e brindou com Guy, tocando as taças. Tomou um gole. Então, numa golfada, cuspiu toda a champanhe de sua boca. "Nossa, isso tem gosto de mijo!", exclamou.

Guy ficou com um olhar atônito, segundo o mordomo se lembraria depois. "O que a patroa quer dizer", explicou, "é que o sabor desta champanhe talvez

tenda um pouco para o amargo."

"O que a patroa quer dizer", Madonna corrigiu o marido, "é que isto tem gosto de mijo! E não é só", disse ela, "esta lagosta também não está fresca. Prove, Guy".

Ele provou um pedaço. "Não sei", disse ele, em seu tom mais isento. "Parece fresca para mim." Guy gesticulou com o dedo negativamente para Madonna, e então fez um gesto de cortar a garganta com a mão, como que dizendo: "Corta essa!".

Entrementes, o mordomo pegou um telefone próximo e chamou a cozinha para dizer que a "sra. Madonna" ("e não me chame assim!") estava descontente porque a lagosta não estava fresca.

Desligou, virou-se para a "sra. Madonna" e lhe disse que, segundo lhe informaram, a lagosta estava fresca, sim.

"Não sou chamada de Mamãe Drama por acaso", disse Madonna depois, ao recontar a história do mordomo para alguns membros de sua trupe. "Sou simplesmente horrível, e sei disso. OK? Eu sei disso. Então", concluiu, com um sorriso perverso, "vai ter de lidar com isso."

O que parece fazer de Guy Ritchie um parceiro ideal para Madonna é que ele a compreende e a seu mundo, e não torna as coisas ainda piores desafiando-a, a menos que seja estritamente necessário. Sem dúvida, preferiria que refreasse seu comportamento de diva com funcionários — mas talvez aí já seja pedir demais, percebe ele, provavelmente. Afinal de contas, quem é uma diva maior do que sua própria esposa? Os que conhecem melhor o casal, afirmam que Guy percebe que Madonna sempre teve medo de uma ligação mais profunda com outra pessoa, e que isso tem a ver com problemas de abandono. Há muito tempo ele aprendeu a selecionar cuidadosamente seus argumentos, a organizar seu raciocínio mesmo no auge de um bate-boca e a esfriar a cabeça. O fato de que segure as pontas nos arroubos temperamentais de Madonna com mordomos é um bom sinal para ele, ela e seu casamento.

Além disso, não é como se Guy não tivesse nada a fazer com seu tempo. Se tudo que ele fizesse ao longo do dia fosse seguir a esposa por aí e observar suas apresentações, é pouco provável que ela o deixaria tomar parte em sua vida. Enquanto acompanhava Madonna em sua turnê, Guy estava fazendo planos para dois grandes filmes, um, Love, Sex, Drugs & Money,[28] estrelando sua esposa, filmado em boa parte na ilha de Malta; o outro, The Siege of Malta, um épico baseado no sítio da ilha em 1565 (considerada a última grande batalha das cruzadas), também a ser filmado nesse local no primeiro semestre de 2002. A história do sangrento cerco de quatro meses seria uma empreitada de produção cara. O sítio aconteceu no forte de Saint Elmo, que na verdade foi destruído

durante as batalhas, e assim teria de ser reconstruído com base em esboços.

Planejado para custar cerca de 40 milhões de dólares para ser produzido, o filme de Guy Ritchie será o maior filme rodado em Malta desde Gladiador. É claro que um pouco de senso de humor ajuda — e Guy acha que sua esposa é uma das mulheres mais divertidas que já conheceu. Quando um editor europeu divulgou um press release alegando que Madonna enviara ao biógrafo Andrew Morton (que estava escrevendo um livro sobre ela na época) textos religiosos budistas com uma dedicatória "Talvez isso o ajude a levar uma vida melhor", algumas pessoas na turnê acreditaram que isso era verdade. Para confirmar a história, um de seus assessores de imprensa perguntou a Madonna — nos camarins antes de sua apresentação na Filadélfia — se ela fizera mesmo aquilo. "Mas é claro, sempre mando textos sagrados para meus biógrafos", respondeu. Sem perder um instante, Madonna fez um gesto para Guy, sentado numa cadeira ali perto. "Pode perguntar ao meu marido", sugeriu. "Ele vai lhe dizer que minha maior preocupação nesses dias não é a merda da turnê, ou ele ou mesmo nossos filhos, não, é a iluminação espiritual de Andrew Morton, é claro." Guy deu uma risada tão convulsiva, que acabou caindo da cadeira em que estava sentado.

Como sempre, Madonna era uma mulher cheia de surpresas. Quando Carlos Leon, o pai de Lourdes, com 33 anos, foi preso em Nova York por fumar maconha no Washington Square Park, em Manhattan, a maioria das pessoas em torno dela achava que ia telefonar bufando e dizendo como ele a embaraçava. Após ser preso, ele passou uma quente noite de agosto na cadeia e então, com um advogado do seu lado, alegou-se culpado de contravenção na manhã seguinte. "Pobre sujeito", disse Guy quando ouviu a notícia.

"Mas como pode alguém fumar erva em plena luz do dia no meio de um parque? Isso não faz sentido para mim."

Madonna ligou para Carlos e falou com ele por uma hora, dizendo-lhe que achava a acusação ridícula e que não deveria se importar com aquilo. "Acho que a polícia poderia encontrar maneiras melhores de gastar o tempo, sobretudo em Nova York", afirmou-se que Madonna teria lhe dito. Era uma reação imprevisível — ela é veementemente contra o uso de drogas —, mas que provavelmente não surpreendeu ninguém. Carlos sempre demonstrara a mais absoluta lealdade a Madonna. Nada importa mais para ela do que a lealdade daqueles que fazem parte de sua vida, e sua lealdade a eles.

Um verdadeiro teste de fidelidade para seu marido veio no final da turnê "Drowned World". No início de setembro, a escultural apresentadora de televisão Tânia Strecker, de 27 anos, mais uma vez insinuou que ela e Guy (a quem conhecia desde os treze anos de idade, descrevendo-o como "o amor da minha vida") andaram se encontrando apenas alguns meses antes de seu casamento com

Madonna. Se era verdade ou não que Tânia e Guy estavam romanticamente envolvidos depois que ele conheceu Madonna foi um tema incessante de notícias sobre Tânia Strecker no passado. "Não posso dizer quando foi a última vez porque é um pouco doloroso — não para mim, mas para ela", disse numa outra entrevista.

É claro que Madonna conhecia a mulher mais jovem, dezesseis anos mais nova do que ela — e até contou a amigos que suspeitava que Guy ainda sentia alguma atração pela outra. Porém, quando Guy negou que houvesse tido qualquer coisa com ela assim que ele e Madonna assumiram um compromisso (cerca de três meses após começarem a sair juntos), acreditou no marido.

Hoje, mais de um ano depois, a imprensa britânica voltou a alegar que o relacionamento de Guy e Tânia durou mais do que as pessoas pensaram. Madonna e Guy estavam em Oakland, uma das últimas paradas da turnê quando as notícias chegaram. Segundo uma fonte próxima a eles, tiveram uma breve discussão a respeito. Ele negou que fosse verdade, e isso pôs um ponto final no assunto.

Madonna mais tarde disse que não iria aviltar o que havia entre ela e o marido trazendo à baila aquelas "revelações". Contou a uma amiga: "Ele finalmente mencionou o assunto para mim, dizendo que não passava de bobagem. Pra mim, a coisa termina aí. Sabe, ele é o homem mais confiável que eu já conheci", concluiu Madonna. "Eu teria casado com ele se não fosse assim?"

Em vez de pressionar Guy sobre aquelas alegações, Madonna decidiu ser doce com ele. Pediu a seu chef pessoal que lhe preparasse seu café da manhã inglês favorito, com ovos fritos, salsichão, croissants e presunto. (Tanto ele como Madonna geralmente seguem uma dieta macrobiótica, mas dão suas escorregadas de tempos em tempos.)

---

[28]. O filme receberia o título final de *Swept Away* (no Brasil, Destino insólito). (N.T.)

11 de setembro... e além

O DIA 11 DE SETEMBRO DE 2001 foi a pavorosa data em que terroristas usaram aviões da United Airlines como armas para atacar os Estados Unidos, derrubando quatro aeronaves de passageiros, causando danos ao Pentágono, destruindo o World Trade Center em Nova York e assassinando mais de 5 mil inocentes. Os eventos catastróficos tiveram para Madonna o mesmo efeito que para a maioria dos americanos, ou melhor, para a maioria das pessoas do mundo: reafirmaram o que realmente importa na vida.

Não era a turnê "Drowned World" — a despeito da ilimitada energia que havia lhe devotado -ou qualquer das manchetes sensacionalistas constantemente rodopiando em volta dela que importavam de verdade, Madonna percebia agora. Antes, eram seus filhos, Guy, seus amigos, a vida que criara para si mesma... coisas pelas quais estava mais agradecida no amanhecer de 11 de setembro.

Após os ataques, Madonna mal pôde dar prosseguimento à turnê, tal era a raiva profunda que a possuíra, o pesar atordoante. Guy compartilhava da sensação de incredulidade, choque e descrença de sua mulher. Assistiram à cobertura na televisão juntos por muitas horas. Como, perguntavam-se, poderiam sonhar em continuar com o show — uma produção antes tão importante em suas vidas e que agora parecia tão trivial? Logo a tristeza deu lugar à raiva, embora Madonna sentisse no fundo que deveria resistir ao ódio. Ainda assim, era como se nada nunca mais fosse ser igual. O mal se espalhara com fúria homicida pela América. O país — o mundo — fora assaltado pelos mais insanos atos de violência. Como poderia Madonna agora seguir em frente e cantar algo como "a música une as pessoas"?

Para deixar as coisas ainda mais difíceis para ela, Lourdes e Rocco tornavam-se cada vez mais intratáveis e difíceis. Agora, já não eram mais as crianças bem-comportadas que sua mãe exibia com tanto orgulho para seu "mundo submerso". Lourdes começara a usar seus lápis de cor para rabiscar armários e malas de equipamentos, além de bagagens e até paredes. Frustrada com a nova rotina de sua vida, tornou-se egoísta e insensata. Certa vez, atirou seus óculos escuros Christian Dior de trezentos dólares através da sala e exigiu:

"Quero o papai, quero ele agora". Por sua vez, Rocco aparentava ser incapaz de parar de chorar até que a mãe estivesse com ele, segurando-o nos braços, cheirando seu pescocinho, limpando as lágrimas de seu rosto triste de bebê. Os dois haviam se acostumado a uma rotina regular e sensata; agora completamente arruinada durante a primeira turnê mundial com um ícone do pop que por acaso também era a mãe deles. Madonna dizia que seu coração ficava partido toda vez que pensava nos transtornos que causara em suas jovens vidas. "Nunca mais", disse a sua relações-públicas Liz Rosenberg, provavelmente se perguntando se era mesmo capaz de cumprir o que dizia. "Nunca mais."

Felizmente, Madonna tinha apenas mais umas poucas apresentações na Califórnia. Ela cancelou o show programado para a terça-feira, 11 de setembro, no Staples Center, em Los Angeles. Dois dias depois, o público foi informado de que deveria chegar pelo menos uma hora antes das apresentações de modo que houvesse tempo suficiente para passar pelos rigorosos procedimentos de segurança. Nessa noite, e durante os shows subsequentes, Madonna dedicou um minuto de silêncio aos mortos e feridos nos ataques terroristas. Também pediu que os lucros de seus shows restantes fossem reservados às famílias das vítimas. Usando uma saia com a bandeira americana em vez do tecido escocês, e valendo-se do palco como um palanque para expor suas opiniões, expressou comentários pacifistas que provavelmente não foram tão compreendidos ou apreciados durante aquele momento trágico quanto ela gostaria que fossem. "Acho que cada um de nós deve examinar o próprio coração e refletir sobre os atos de terrorismo que cometemos, ódio, intolerância, negatividade, a lista não acaba", disse ao seu público no Staples Center. "Somos todos responsáveis. Não se trata apenas de [Osama] bin Laden, todos nós contribuímos para o ódio no mundo de hoje."

Insinuar que o público era de alguma forma responsável pelo horror que ocorrera nos Estados Unidos era mais do que alguns dos presentes podiam compreender — houve vaias e assobios esparsos. Falando de um ponto de vista metafísico, contudo, Madonna expressava com firmeza a crença de que somos todos responsáveis por nossos atos e de que nossos pensamentos moldam nosso meio e são criativos para o bem ou para o mal. Toda escolha gera uma consequência. Eis um modo de pensar filosófico e espiritual que para uns pode ser difícil de compreender sem uma completa explicação, particularmente em tempos de grande terror, em que as pessoas tendem a se sentir em grande parte impotentes. Embora suas palavras parecessem indicar culpa, não foi essa sua intenção. Na opinião de Madonna, há uma grande diferença entre culpa e consciência global. É uma linha tênue, contudo, e que escapou a muitos de seus fãs e críticos, em especial naqueles dias. O fato de que não estava conseguindo

se comunicar com seu público somente a fez se sentir ainda mais deprimida, e ansiar ainda mais pelo fim da turnê. Estava feliz quando acabou.

Provavelmente para tornar as coisas ainda mais estressantes para Madonna nesse período, houve um problema médico. Em 19 de setembro, ela decidiu se submeter a um exame para cuidar desse assunto no Cedars-Sinai Hospital, em Los Angeles. Algumas pessoas acham que os meses seguidos montando um touro mecânico podem ter lhe provocado uma hérnia. No entanto, ela raramente — ou nunca — deixou cair uma gota de suor em cima daquela geringonça.

Após o exame, ficou claro que Madonna realmente havia rompido um músculo abdominal. Contudo, enquanto estava no Cedars, houve uma ameaça de bomba no hospital. A ala em que estava sendo examinada teve de ser rapidamente evacuada. Embora ainda sentindo dores, teve de fugir pelo estacionamento no subsolo, de onde foi levada em seu carro. Mais tarde, confessou que, enquanto seu motorista dirigia para longe dali, pensou que fosse ter um colapso nervoso ou alguma forma de esgotamento físico.

Estava de fato em seu ponto crítico após tantos meses de estresse e ansiedade. Agora aquilo"? Era mais do que podia suportar, amplificando sua profunda sensação de medo e desespero. "Quero tirar meus filhos daqui", disse, privadamente. "Gostaria de poder levar todos meus entes queridos, mas não posso."

Na época em que a turnê acabava, Guy e Madonna já haviam feito seus planos para trabalhar juntos na ilha mediterrânica de Malta, onde, no começo de outubro, deveriam começar as filmagens de Destino insólito. O novo filme seria um remake do filme italiano de Lina Wertmuller, de 1974, Travolti da un insolito destino nell'azzurro mare d'agosto, estrelado por Giancarlo Giannini e Mariangela Melato. Guy estava escalado para dirigir a comédia romântica; Madonna iria interpretar uma mulher abastada que tem um caso com um marinheiro comunista que conhece em suas férias, no iatismo (interpretado pelo filho de Giannino, Giancarlo Jr.). Guy antes já dirigira Madonna em seu controverso clipe de "What It Feels Like For A Girl". Também lhe arranjara um papel sem créditos em seu sombriamente cômico comercial da BMW, "Star". Teve de admitir que a presença de sua esposa no set de filmagens o intimidava tanto que "a única forma de dirigi-la é segurando-a pelos bagos".

Em um lindo dia poucas semanas após os ataques terroristas nos Estados Unidos, Madonna viu-se velejando ao largo da costa de Malta, distante de Michigan — o estado em que nasceu — e de Nova York — a cidade que adora. Por mais que goste de se apresentar perante o público, depois do fim da turnê "Drowned World" ela se perguntava se valera a pena submeter-se e a si e a sua família àquela provação. Por ora, estava feliz de ter deixado a turnê no passado,

nunca mais queria visitar esse lugar particular outra vez.

De algum modo, ao final de um longo mas produtivo dia de filmagens na costa italiana, conseguia parecer elegante num simples traje azul esportivo, o cabelo claro pendendo ondulado em torno do rosto. Após somente algumas semanas longe do rolo compressor da rotina de shows, sentia-se renovada. Dava para notar: sua pele brilhava novamente, parecia cheia de saúde e vitalidade e — por causa dos horrores terroristas — prometera a si mesma pelo menos tentar não ficar obcecada com coisas que na verdade não eram tão importantes no cenário mais amplo, ter ciência de cada momento. "Sei que para mim é mais fácil falar do que fazer", confidenciou a uma pessoa. "Mas estou tentando."

Enquanto Madonna dedilhava um violão, Guy sentou-se a sua frente, massageando-lhe os pés descalços. Com o sol dourado banhando a quietude do final de tarde, pareciam suspensos no tempo e no espaço, contra o azul escuro do mar e o céu amplo descortinando-se infinito diante deles. Uma brisa suave e balsâmica graciosamente impelia as velas de seu barco reluzente através das águas tranquilas e sonhadoras. Os dois silenciosamente perdiam-se nos próprios pensamentos.

Algo na distância aproximava-se rápido, um ponto no horizonte, uma única nódoa no imaculado azul do céu. Não havia como não reconhecer a fonte daquele som de motores que chegava cada vez mais perto, os golpes de vento, a horrível cacofonia agora prestes a arruinar toda a tranquilidade. Em minutos, o helicóptero estava bem acima de seu alvo.

Quando Madonna olhou para cima, viu um homem inclinando-se precariamente para fora da janela da aeronave, com uma câmera diante do rosto. Atirando os cabelos para trás, ela sorriu e lançou-lhe um olhar sedutor. Então, esticando o braço, ergueu a mão para o céu, mostrando-lhe o dedo do meio. "Isso é pra você", gritou acima do ruído. "Está vendo isso? É todo seu, babaca."

Guy ergueu-se de um pulo e atirou-se na direção da esposa.

Quando tentou forçá-la a abaixar o braço, provavelmente na esperança de impedir que uma foto pouco lisonjeira circulasse por todo o planeta, os dois caíram no chão do barco, amontoados. Então começaram a lutar, agarrando-se e puxando-se, rindo o tempo todo. No final, um deles conseguiu levar a melhor sobre o outro e acabou ficando por cima.

Era ela, é claro.

FIM

Créditos das fontes e outras informações

COMECEI A DESENVOLVER Madonna: uma biografia íntima pela primeira vez em janeiro de 1990, pretendendo que se seguisse ao meu primeiro best-seller, Call Her Miss Ross: The Unauthorized Biography of Diana Ross. Embora minha carreira tomasse outros rumos, eu e minha equipe de pesquisadores nunca deixamos de tocar o desenvolvimento de uma biografia completa de Madonna.

Após ter escrito oito biografias, sei que é impossível escrever acuradamente sobre a vida de alguém sem inúmeras testemunhas confiáveis para fornecer um leque de diferentes pontos de vista. Uma biografia deste tipo é construída, ou afunda-se, com a cooperação e franqueza dos envolvidos na história. Ao longo dos anos, inúmeras pessoas reservaram um tempo em suas vidas para me ajudar nessa empreitada: centenas de amigos, parentes, jornalistas, gente da sociedade, advogados, celebridades, executivos e ex-executivos do showbiz e colegas e não só amigos mas também inimigos, companheiros de escola, professores, vizinhos, gente da mídia e arquivistas foram contatados na preparação deste livro por um período de dez anos. Obviamente, considerando o alcance da vida e da carreira de Madonna, eu e meus pesquisadores tivemos a oportunidade de entrevistar uma ampla variedade de fontes. Decidimos propositadamente nos concentrar naqueles que nunca contaram suas histórias antes.

Essas pessoas foram entrevistadas para este trabalho ao longo da última década, tanto por mim como por meus leais pesquisadores, Cathy Griffin nos Estados Unidos, Thomas DeWitt no Reino Unido e Teri Donato na Itália. Muitas dessas fontes são pessoas que não vejo ou com quem não falo há quase dez anos, mas minha gratidão por sua cooperação e assistência nunca irão sumir com o tempo.

Sempre que me pareceu prático, forneci fontes dentro do corpo do texto. Algumas pessoas não foram citadas diretamente no texto mas forneceram observações que me ajudaram a entender Madonna, sua vida e carreira, de modo mais amplo.

Ao escrever sobre uma pessoa tão poderosa e influente como Madonna é no mundo do entertainment, um biógrafo está fadado a descobrir que muitas fontes

com informações valiosas preferem não ser nomeadas no texto. Isso é compreensível. No transcorrer de minha carreira, acabei compreendendo que para algumas pessoas arriscar uma relação importante e de longa data por causa de um livro é uma questão puramente pessoal. Sou imensamente agradecido à assistência de muitas pessoas próximas a Madonna que ao longo dos anos despenderam seu tempo e energia para este projeto, e respeitarei seu desejo de anonimato. Os que puderam ser nomeados assim o foram aqui nestes créditos.

Assisti a todos os filmes já feitos por Madonna para determinar quais eram importantes para minhas observações particulares e quais não eram. Além disso, reli todas as notas de imprensa, material de divulgação e outros relacionados a estúdios, biografias e releases de cada filme de Madonna, que estão arquivados na Margaret Herrick Library. Agradeço à equipe dessa biblioteca em especial.

Além disso, é óbvio, assisti a centenas de horas de aparições de Madonna na televisão, em eventos especiais e shows, coletivas de imprensa e documentários e também ouvi horas de entrevistas no rádio e outras transmissões nas quais Madonna tomasse parte, ou em que era ela o assunto principal. Não seria nem um pouco prático listar todas essas fontes aqui. Agradeço a Nick Scotti por me ceder grande parte desse material.

Inúmeras organizações e instituições forneceram-me artigos, documentos, entrevistas gravadas, entrevistas filmadas, transcrições e outros materiais que também foram utilizados diretamente ou com a finalidade de compor um pano de fundo. Infelizmente, é impossível agradecer a todos os indivíduos associados com cada organização que foram tão úteis e me cederam seu tempo; contudo, gostaria de expressar minha gratidão ao menos para as seguintes instituições:

Alvin Ailey American-Dance Theater; American Film Institute Library; Associated Press Office (Nova York); The Bancroft Library (University of Califórnia, Berkeley); The Bay City Public Library; Bay City Times; The Beverly Hills Library; Arquivos do Boston Herald; Boston Public Library; The Brand Library Art and Music Center; British Broadcasting Corporation; Califórnia State Archives (Sacramento); Detroit News; The Detroit Public Library; The Glendale Central Public Library; Globe Photos; The Hartford Public Library; Hayden Library, Arizona State University; The Hollywood Library; The Houghton Library (Harvard University); The Los Angeles Public Library; Los Angeles Times; The Margaret Herrick Library (Academy of Motion Pictures Arts and Sciences); Michigan Chronicle; The Neal Peters Collection; New York City Municipal Archives; New York Public Library; New York University Library; Occidental College (Eagle Rock, Califórnia); Photofest; The Pontiac Public Library; The Princeton University Library; Rochester Adams High School; Rochester Eccentric; The Rochester Public Library; Starfiles;

University of Califórnia, Los Angeles; West Middle School.

É claro que não ouvi nada além de Madonna nos últimos anos — não que isso fosse fundamental. Acredito que é importante para um biógrafo apreciar e em certa medida compreender seu objeto de trabalho. Na pior das hipóteses, meu mergulho na história musical de Madonna serviu apenas para aprofundar meu respeito por sua arte. Devo também agradecer aqui o conhecido crítico musical, repórter e bom amigo de muitos anos, Steven Ivory, por sua assistência em dissecar e analisar a música de Madonna.

Este livro seria muito diferente não fosse o envolvimento de Steve, e lhe agradeço pelas horas de trabalho que consumiu no projeto.

Madonna tem inúmeros fãs-clubes maravilhosos. Decidi não falar sobre as dedicadas pessoas que dirigem essas organizações por medo de pôr em risco suas longas e carinhosas relações com Madonna. No entanto, por meio de suas newsletters e outros fóruns de expressão — incluindo seus websites e chats na internet *etc.* —, fui capaz de confirmar detalhes e acrescentar cor a certas seções de meu livro. Madonna é privilegiada por ter tantos fãs devotados a preservar sua lenda e reputação. Conheça-os todos na internet... estão todos lá. (Se você realmente quiser saber mais sobre Madonna, contudo, sugiro uma visita ao madonnacatalogue.com. Esse site, dirigido pelo respeitado historiador de Madonna, Stephen Michael Caraco, é espantoso por seu nível meticuloso de detalhe.) Como ex-chefe de redação da revista Soul, tive a oportunidade de entrevistar Madonna em inúmeras ocasiões durante anos recentes de sua carreira, em 1983, 1984, 1985 e 1987. Também compareci a muitas coletivas de imprensa dadas por Madonna ao longo dos anos. Neste trabalho, utilizei muitas das lembranças de Madonna que guardei desses encontros.

Como notas dificilmente são de interesse do leitor comum, escolhi um modo mais geral — e prático, por razões de limitação de espaço — para identificar as fontes, diferente da tradicional especificação da página ou da linha. As notas a seguir não são de modo algum abrangentes, mas se destinam a dar ao leitor uma visão geral de minha pesquisa. Em alguns casos, incluí entre parênteses o(s) ano(s) em que as entrevistas foram conduzidas.

Além do mais, devido a sua natureza volumosa, tomei a escolha de não incluir listas completas de artigos de revistas e jornais que serviram de referência. Simplesmente não seria prático fazer isso. Os mencionados nestas notas foram incluídos porque achei importante que fossem reconhecidos.

Entrevistas conduzidas com pessoas que tiveram um relacionamento com Madonna (algumas datas entre parênteses) Com John "Jellybean" Benitez: obrigado a Jellybean Benitez (1984, 1984, 1990), Erica Bell (1991) e Melinda Cooper (1994). Também: TeenMachine, junho de 1991, "Spillin' The Beans With

Jellybean", por Marie Morreale.

Com Steve Newman: obrigado a Steve Newman (1995) e April Dougherty(1999, 2000).

Com Prince: obrigado a T. L. "Boom-Boom" Ross (1998) e Jerome Quigley (2000).

Com Tommy Quinn: obrigado a Tommy Quinn por cinco entrevistas (1998-2000).

Com Sean Penn: em 1988, passei seis meses desenvolvendo uma proposta para um livro chamado Sean Penn: Lone Wolf. O livro permanece inédito. Contudo, usei grande parte desse material neste livro sobre Madonna. Também recorri a minha própria entrevista com Sean Penn em 1987. Obrigado também a Meg Lowery (2000), Lori Mulrenin (2000), Isaac Benson (2000), Todd Barash (1999), David Wolinsky (1989) e Martin Ciccone (1992), Al Albergate (1999), promotora distrital Lauren Weiss (1988) e tenente Bill McSweeney (1989). Revisei os documentos relacionados à prisão de Sean Penn do Departamento de Polícia de Los Angeles em dezembro de 1988; também faço referência à entrevista de setembro de 1987, "Madonna Interviewed On Fame, Sex And Sean Penn", por Jane Pauley, NBC-TV. Foram ainda de grande valia: Playboy, novembro de 1991, "Sean Penn", por David Rensin; Fame, novembro de 1990, "Sean Penn: Is There Life After Madonna?", por Harry Crews; USA Today, 5 de julho de 1988, "Sean Penn Comes Back Kicking"; Time, 17 de dezembro de 1990, "Madonna Draws A Line", por Jay Cocks; New York Post, 6 de janeiro de 1989, "Madonna Sues Sean Penn For Divorce"; People, 23 de janeiro de 1989, "Surprise! It's Splits, Fits And Quits Again For Sean Penn And Madonna", por James S. Kunen; USA Today, 24 de junho de 1987, "Bad-Boy Penn Gets 2 Months In Jail", por Lorie Lynch; People, 2 de setembro de 1985, "Madonna Lands Her Lucky Star", por Roger Wolmuth; People, 17 de agosto de 1987, "Chris Finch, Madonna's High-Stepping Sidekick Who's Also A Penn Pai", por Kim Hubbard e Sandra Lyon; Harper's Bazaar, de maio de 1988, "Madonna Broadway Bound"; People, 8 de julho de 1985, "Desperately Seeking Matrimony", por Carol Wallace; People, 14 de dezembro de 1987, "Diary Of A Mad Marriage/The Divorce Of Madonna & Sean", por Joanne Kaufman and Victoria Balfour; Sun, 18 de agosto de 1985, "Sean's Gunplay Upsets Madonna", por Rod Barrand; Chicago Tribune, 2 de agosto de 1987, "The Show Góes On Without Sean", por Gene Siskel; Star, 16 de junho de 1987, "Sean Penn's Rampage Over 'Lost Love' Madonna", por Lorraine Tilden; USA Today, 3 de julho de 1987, "Bad Boy Or Bad Rap?/Sean Penn Is Off To Jail", por Karen Peterson; News of the World, 27 de outubro de 1985, "Bride Madonna's Bizarre Baththime", por Wendy Leigh; Star, 4 de fevereiro de 1986, "Sean's Tantrums",

por Steve Edwards; New York Post, 13 de agosto de 1985, "Madonna and Sean Get Marriage License"; Star, 11 de novembro de 1988, "Sean Penn's X-Rated Animal House", por Barry Levine; Rolling Stone, março de 1989, "Madonna — The Rolling Stone Interview", por Bill Zehme; Vanity Fair, março de 1986, "Tough Act", por James Wolcott; Los Angeles Times, 18 de agosto de 1991, "New Directions For Sean Penn", por Kristina McKenna; People, 14 de dezembro de 1987, "Everyone Said It Wouldn't Last... And It Didn't", por Joanne Kaufman; US Weekly, 7 de setembro de 1987, "How's That Girl?", por Fred Schruers; People, 11 de fevereiro de 1985, "Who Is Sean Penn — And Why Doesn't He Want Anyone to Find Out?", por Scott Haller; National Enquirer, 24 de janeiro de 1989, "Madonna To Cops: Drunken Sean Beat Me And Tied Me Up", por Joe Mullins, Patrícia Towle, Roger Capettini, Reginald Fitz e Michael Glynn; Star, 24 de janeiro de 1989, "Sean Penn's 9-Hour Torture of Madonna", por Lorraine Tilden.

Com Sandra Bernhard: obrigado a Sandra Bernhard pela entrevista conduzida em 1996. Também recorri a: Penthouse, novembro de 1988, "Sandra Bernhard: The Queen Of Comedy", por Richard Dominick. Também revi a gravação de Madonna e Sandra no programa de David Letterman, The Late Show with David Letterman, julho de 1988; Star, 28 de junho de 1988, "It's All-Girls Night"; Sun, 26 de maio de 1989, "Madonna And Sandra Shock Fans", por Allan Hall; People, 12 de junho de 1989, "Gal Pais Sandra Bernhard And Madonna Monkey Around To Save The Jungle"; USA Today, 24 de outubro de 1989, "Bernhard Burning Over 'Sordid Press'", por Ann Trebbe; Interview, março de 1990, "Sandra Bernhard", por Paul Taylor; New York Post, 26 de fevereiro de 1994, "Ex Gal-Pal Rips 'Grubby Madonna'", por Richard Johnson com Kimberly Ryan; Laugh Factory, 28 de abril de 1994, "Tea Time From Hollywood — Sandra Bernhard Pours The Tea On Madonna", por Paul Mooney; National Enquirer, 10 de novembro de 1992, "Sandra Bernhard: 'Madonna Stole My Lesbian Lover'", por John South, Tony Brenna e Lydia Encinas.

Com John Kennedy Jr.: como autor de Jackie, Ethel, Joan: Women of Camelot (Warner Books, 2000), fiz inúmeros contatos com o círculo dos Kennedy. Para este texto, utilizei várias fontes dessas para aclarar o relacionamento de John com Madonna. Algumas delas pediram anonimato. Porém, dois que não o fizeram são Steven Styles e Thomas Luft, que entrevistei em dez ocasiões diferentes sobre Madonna e John (1990-2000). Também entrevistei dois antigos membros do Serviço Secreto, ambos amigos pessoais de John que pediram anonimato. Meus agradecimentos também a Richard Wiese (1999), senador George Smathers (1994) e Chris Meyer (1995, 2000) por suas entrevistas.

Também recorri a: New York Post, 4 de outubro de 1991, "The Real Story Behind Madonnas Fling With JFK, Jr.", por Marsha Kranes.

Com Warren Beatty: obrigado a Diane Giordano (1990, 1994) e Bill Hollerman (1990). Obrigado também a Cathy Griffin por certos detalhes e valiosas informações concernentes a Madonna e Warren. Também recorri a: National Enquirer, 20 de junho de 1989, "Madonna To Wed Warren Beatty", por Tony Brenna, Diane Albright e Jerome George; Entertainment Weekly, 20 de dezembro de 1991, "Warrens World", por James Kaplan; Interview, setembro de 1991, "Sean Penn", por Julian Schnabel.

Com Tony Ward: obrigado a Tony Ward pela entrevista conduzida em 1992; Jayme Harris (1993); e Sandra Bernhard (1996). Obrigado também a Keith Saltar (2000) e Tina Stanton (2000). Também recorri a: National Enquirer, 26 de fevereiro de 1991, "What Madonna Doesn't Know About Her Live-In Boyfriend", por John South, David Duffy e Alan Braham Smith.

Com Michael Jackson: como autor de Michael Jackson: The Magic and the Madness (Carol Publishing, 1990), fiz inúmeros contatos com o círculo de Jackson. Utilizei algumas dessas fontes para dar substância às histórias sobre Michael e Madonna apresentadas aqui. Obrigado também a Michael Jackson (1996) e John Branca (1990) pelas entrevistas que conduzi com eles, das quais extraí informações concernentes à relação de Michael Jackson com Madonna. Obrigado também a Monica Pastelle (1995, 1998, 2000). Além disso, recorri a meus próprios livros: Call Her Miss Ross: The Unauthorized Biography of Diana Ross (Carol Publishing, 1989); Motown: Hot Wax, City Cool and Solid Gold, (Doubleday, 1986); e Janet Jackson: Out of the Madness (que coescrevi com Bart Andrews, Doubleday, 1994). Também recorri a minha pesquisa para: "The Secret Life Of Michael Jackson" para o Daily Mail, 24 de agosto de 2000; People, 15 de abril de 1991. Recorri a "Madonna And Michael", por Steve Doherty Todd Gold, David Marlow e Robin Micheli.

Com Ingrid Casares: obrigado a Chita Mavros (1999, 2000). Também recorri a: New York Post, 7 de fevereiro de 2000, "Casares Speaks", por Jared Paul Stern; New York Post, 11 de abril de 2000, "Now It's Madonna [And Pai] With Child", por Linda Massarella.

Com Carlos Leon: obrigado aos pais de Carlos, Maria Leon e Armando Leon (1996, 1999). Obrigado também a Michael Gacki (1996), Patrice Gonzalez (1998, 1999, 2000).

Recorri a: Daily News, 16 de outubro de 1996, "My Lourdes, She's Daddys Little Girl", por Corky Siemaszko; New York Post, 17 de abril de 1996, "Man Who Stole Madonnas Heart", por Bill Hoffman; Daily News, 17 de abril de 1996, Beaus Mom Ecstatic", por Jere Hester e Wendell Jamieson; Los Angeles

Times, 16 de abril de 1996, "She's Now A Maternity Girl", por Liz Smith; New York Post, 4 de maio de 1997, "Mr. Madonna Dematerializing", por Neal Travis; New York Post, 24 de abril de 1996, "Madonnas Top Seed Jets Home", por Linda Massarella; Newsweek, 29 de abril de 1996, "Get Married, Madonna", por Jonathan Alter; New York Post, 30 de junho de 2000, "Don't Ask Carlos Loses His Cool"; People, 26 de outubro de 1996, "Labor Of Love", por Todd Gold; People, 29 de abril de 1996, "And Baby Makes Three", por Karen S. Schneider.

Com Dennis Rodman: obrigado a Dennis Rodman (1996) e Trina Graves (2000). A correspondência por fax entre Madonna e Dennis foi publicada no Globe em 1995, e também levada ao ar no programa de televisão Hard Copy. Consultei ainda: Bad as I Wanna Be, por Dennis Rodman (Delacorte Press, 1996).

Com Andy Bird: obrigado à mãe de Andy, Kathleen Bird (1998), Joseph Lafferty (2000), Elvin Bishop (2000). Também recorri a: People, 5 de abril de 1999, "Two Guys, A Girl And A Punch In The Nose" (não assinado); Reuters, 22 de março de 1999, "Fighting Over Madonna" (agência de notícias); UPI, 23 de março de 1999, "Bird And Ritchie Clash Over Madonna" (agência de notícias); Now, 4 de dezembro de 1997, "Madonna's English 'Geezer'", por Jon Clark.

Com Gwyneth Paltrow: obrigado a Jeannie Misterling (1999, 2000). Também recorri a: Reuters, 5 de janeiro de 2000, "Lopez Irks Madonna, Guests At Miami Y2K Party" (agência de notícias); New Idea, 3 de janeiro de 2000, "Madonna And Gwyneth Paltrow" (não assinado); Entertainment Weekly, 5 de janeiro de 2000, "How Madonna Became Gwyneth Paltrow's Role Model", por Liane Bonin.

Também me apoiei em pesquisa para essas histórias sobre Gwyneth Paltrow de minha autoria: Women's Day, 6 de dezembro de 1999, "Why Gwyneth Can Never Please...", por J. Randy Taraborrelli; Women's Day, 13 de dezembro de 1999, "Gwyneth's Search For Love", por J. Randy Taraborrelli; Daily Mail, 16 de fevereiro de 2000, "Gwyneth Paltrow", por J. Randy Taraborrelli.

Com Guy Ritchie: obrigado a inúmeros amigos e parentes de Guy Ritchie que, devido a seu casamento com Madonna, pediram anonimato. Também foram úteis: Birmingham Post, 2 de setembro de 2000, "At The Movies, Meet Guys Gang...", por Alison Jones; Independent, 2 de setembro de 2000, "Guy Ritchie: Who's Afraid Of This Guy?", por David Thomson; Independent, 27 de agosto de 2000, "Just What Sort Of A Guys Guy Is Guy Ritchie?", por Mark Simpson; People, 19 de outubro de 1996, "Mama Madonna/A Labor Of Love", por Todd Gold; Vanity Fair, outubro de 1992, "Madonna In Los Angeles Times", 1º de março de 1998, "Madonna, Only More So", por Robert Hillburn; New York Post, 2 de março de 2000, "Madonna And Guy Do The Ex Best Thing", por Neal

Travis; Vanity Fair, outubro de 1992, "Madonna In Wonderland", por Maureen Orth; Good Housekeeping, abril de 2000, "Madonna Grows Up", por Liz Smith; US Weekly, 2 de outubro de 2000, "The Maternal Girl", por Todd Gold; Los Angeles Times, 4 de junho de 2000, "In Search Of The Next Best Thing", por Ruth Ryon; Heat, março de 2000, "Has This Man Changed Madonna:1"; Sun, 21 de setembro de 2000, "Madonna, I'm Still Breast Feeding...", por Dominic Mohan; Daily Mail, 21 de março de 2000, "Madonna's Baby", por Randip Panesar and Oliver Harvey; New York Post, 22 de fevereiro de 2000, "Madonna's Boy No Toy", por Peter Fearon; US Weekly, fevereiro de 2000, "Madonna Announces She's Pregnant For Second Time", por Sarah Saffian; US Weekly, 29 de março de 2000, "Madonna And Ritchie Quash Rumors", por Jerry Rubinfield; New York Post, 21 de março de 2000, "Pregnancy Is 2nd Nature For Madonna", por Bill Hoffman; Peofle, 3 de abril de 2000, "Like A Family", por Steve Dougherty; New York Post, 19 de março de 2000, "Britain Beckons Madonna", por Neal Travus; Globe and Mail, 19 de agosto de 2000, "We Say A Little Prayer", por Gayle Macdonald and Alexandria Gill; Toronto Sun, 16 de agosto de 2000, "Madonna Despairs", por Sophie Vokesdudgeon; New York Post, 14 de maio de 2000, "Madonna A Backyard Mama", por Neal Travis; Daily Mail, 10 de maio de 2000, "AUs Swell Between Madonna And Guy", por James Clothier; Daily Mail, 1? de maio de 2000, "Side By Side, Madonna And The Apple Of Her Eye", por Oliver Harvey; Daily Mail, 4 de junho de 2000, "I Love My Guy...", por Alison Boshoff; GQ, outubro de 2000, "Guy Ritchie — Entrepreneur", por Steve Hobbs.

Com seu pai, Tony ("Finais felizes"): obrigado a Silvio Ciccone pela conversa telefônica que tive com ele e sua esposa, Joan, em agosto de 2000, que usei como base para essa parte do livro. Também me apoiei em: Night&Day, 6 de agosto de 2000, "Interview With Madonna's Father", por Caroline Graham and Melanie Bromley.

Evita

Meu obrigado a todos os entrevistados em Buenos Aires, incluindo Simone Sarella (1998), Isidrio Alvarez (2000) e Ceclia Nunuz (2000) por apontar para mim e meu pesquisador Jorge Rodriguez-White a direção correta e nos municiar com tantos detalhes — e tão vividos — sobre o encontro entre Madonna e o presidente Carlos Menem. Obrigado aos empregados de Menem que falaram anonimamente sobre aquela reunião. Além deles, aos donos do La Cigale Bar (que pediram para não ser identificados) na área de Bajo, por dicas e toques dados ao sr. Rodriguez-White. Como ele explicou, o Costanera Norte e Las

Canitas em Palermo é aonde vão os jovens ricos da cidade para beber e comer... e quando Madonna se encontrava na cidade para fazer Evita, era objeto de grande fascínio por lá. Agradecemos a tantas pessoas que deram a Jorge inúmeras informações e tantos nomes e números. Também recorri a "The Madonna Diaries" na Vanity Fair (novembro de 1996) como pano de fundo. Obrigado também a Martina Logan (2000), Joan Layder (2000) e Louis Keith (2000). Também recorri a: USA Today, 3 de janeiro de 1997, "Antônio Banderas: Evita Tests Press-Shy Stars Voice And Mettle", por Marco R. delia Cava; Time, 12 de fevereiro de 1996, "People: Ali the Rage In Argentina", por Belinda Luscombe; Time, 24 de fevereiro de 1997, "Crying For Madonna, Experts Explain Why Oscar Snubbed The Studios", por Bruce Handy; American Vogue, outubro de 1996, "Madonnas Moment As Evita, Mother And Fashion Force", por Julie Salamon; Time, 16 de dezembro de 1996, "You Must Love Her", por Richard Corliss; Billboard, 16 de outubro de 1996, "Radio Embraces Evita", por Larry Flick; New Perspectives Quarterly, inverno de 1997, "Evita Or Madonna: Whom Will History Remember" (entrevista com o escritor argentino Tomas Eloy Martinez); US Weekly, \°. de agosto de 1997, "Scaling Down", por Ty Burr; USA Today, 23 de dezembro de 1996, "Madonna Stars, Banderas Shines In Evita", por Mike Clark; Newsweek, 11 de novembro de 1996, "Selling Evita To The Masses", por Susan Miller; Los Angeles Times, 4 de maio de 1996, "She'll Surprise A Lot of People", por David Gritten; Here!, 16 de dezembro de 1996, "What A Pri-Madonna!", por Caroline Peal; Los Angeles Times, 29 de setembro de 1996, "Madonna's Double Feature", por David Gritten; Los Angeles Times, 24 de dezembro de 1996, "Q & A With Alan Parker And Andrew Lloyd Webber", por David Gritten; Variety, 10 de dezembro de 1996, Evita [resenha do filme], por Todd McCarthy.

Entre os livros que consultei está: The Making of Evita, por Alan Parker (HarperCollins, 1996).

A infância de Madonna e os anos iniciais

Ao longo dos últimos dez anos, passei grande parte do tempo em Michigan, onde inúmeras pessoas abriram-me as portas de seus lares — bem como seus álbuns de recordações — para lembrar da jovem Madonna Louise Verônica Ciccone. Estou em dívida com muitas pessoas que viveram em Michigan na mesma época que os Ciccone — muitos dos quais permanecem lá até hoje — e, também, com os filhos e as filhas das pessoas que mantinham relações de amizade com a família Ciccone, cujas memórias deles e de Madonna permanecem intactas. Fiquei impressionado com sua afeição pelos Ciccone e aprecio sua confiança.

Obrigado também àqueles que se submeteram a entrevistas, incluindo: Christopher Ciccone (janeiro de 1993); Martin Ciccone (janeiro de 1993); Carol Belager; Karen Craven; Clara Bonell; Beverly Gibson; Tanis Rozelle; Russell Long; o falecido Christopher Flynn (1987, 1989); Carol Lintz; Nancy Ryan Mitchell; Whitley Setrakian (1991, com o autor e também com o agente literário Bart Andrews, com o propósito de um possível livro de memórias, que no entanto permanece inédito); Gay Delang; Tony Castro; Gina Magnetti; Pearl Lang (1989); Susan Seidelman (1991); Moira McPharlin Messana e Walter Pugni.

Selecionei citações de muitas entrevistas publicadas, bem como transmissões de rádio e entrevistas para a televisão com Madonna não publicadas previamente. As mais úteis foram: Time, 27 de maio de 1985, "Madonna Rocks The Land", por John Skow, Cathy Booth e Denise Worrell; e "Now, Madonna on Madonna", por Denise Worrell; Bay City [Michigan] Times, agosto de 1987, "Hey, Madonna, Come Visit Us", por Jeff Phillips; Nightlife, 1984, "Madonna: On The Borderline Of Stardom", por Michael Kozuchowski; News of the World, 16 de agosto de 1987, "I Groped Schoolgirl Madonna On Very First Date", por Hugh Dehn; Peofle, 11 de março de 1985, "Madonna", por Carl Arrington; Globe, 30 de março de 1993, "High School Heartthrob Spills Beans" (não assinado); entrevista, abril de 1984, "Madonna: Borderline Angel", por Glenn Albin; entrevista, dezembro de 1985, "Madonna", por Harry Dean Stanton; Chicago Tribune, 10 de julho de 1986, "Madonna Cleans Up Her Act, But Her Music Remains True Blue To Controversy", por Stephen Holden; Time, 27 de maio de 1985, "Madonna Rocks the Land", por John Skow; 21 st Century/Sowi, setembro de 1985, "Madonna: Exclusive Interview", por J. Randy Taraborrelli; Sfin, fevereiro de 1988, "Madonna: Goodbye, Norma Jean. The Material Girl Is Growing Up Just Fine", por Kristine McKenna; Orange County [CA] Register, 20 de julho de 1987, "13-Year-Old Chris Finch Becomes A Lucky Star Dancing With Madonna", por Cynthia Hunter; Washington Post, 28 de junho de 1987, "Tour Couture: Who's Madonna Wanna Be", por Martha Sherrill Dailey; USA Today, 23 de julho de 1985, "Madonna Keeps House-Hunting", por Jeannie Williams e Matt Roush; USA Today, 9 de julho de 1985, "The Naked Truth Doesn't Faze Madonna", por Matt Roush; Peofle, 24 de março de 1986, "Madonna's Beatle Boss", por Carol Wallace, Jonathan Cooper, Laura Anderson Healy e Jack Kelley; Sunday Mirror, 5 de outubro de 1986, "Madonna: Now I'm Just A Sweet Little Superstar"; People, 11 de março de 1985, "Madonna", por Carl Arrington.

Entre os livros que consultei estão: Madonna: Blonde Ambition, por Mark Bego (Harmony Books, 1992); Madonna Unauthorized, por Christopher

Anderson (Simon & Schuster, 1991); Madonna: The Biography, por Robert Matthew Walker (Sidgwick & Jackson, 1991); Madonna — Revealed, por Douglas Thomson (Carol Publishing, 1991).

Também estudei fitas de muitos programas de televisão levados ao ar nesses anos, incluindo "Madonna — Exposed", de Robin Leach (março de 1993), do qual participei como convidado para discutir Madonna, bem como "Madonna — The Real Story — An Unauthorized Video Documentary".

Anos 80 e 90

Quero agradecer em primeiro lugar a Camille Barbone, que acredito ser a heroína injustiçada da vida e da carreira iniciais de Madonna. Minha esperança é que, com este livro, ela seja plenamente reconhecida por sua contribuição para a lenda de Madonna. E uma mulher maravilhosa. Sei que expressou interesse em escrever suas próprias memórias, Making Madonna, e espero que seu projeto um dia venha a ser publicado.

Quero agradecer também a Tommy Quinn, que nunca antes falara sobre Madonna, e me escolheu como depositário de confiança de suas preciosas memórias. Suas histórias enriqueceram enormemente este livro.

Inúmeras notas, correspondências e outros papéis com relação ao início da carreira de Madonna podem ser encontrados na Lincoln Center Library of the Performing Arts.

Utilizei muitos deles ao longo de toda minha pesquisa e agradeço à equipe dessa biblioteca por toda sua assistência ao longo de anos de pesquisa para este projeto.

Entre os que se submeteram a entrevistas: Camille Barbone (1991, 1993); Erica Bell (1990); Martin Burgoyne (1988); Stephen Bray (1990); Gregory Camillucci; Anthony Panzera (1991); Martin Schreiber (1991); Norris Burroughs (1989); Dan Gilroy (1990); Stephen Jon Lewicki (1993); John "Jellybean" Benitez (1990); Bill Lomuscio; Mark Kamins (1988); Seymour Stein; Steven Steming (1994); Rosanna Arquette (1996); Nile Rodgers (1995); Manny Parish (1991); Mark Kamins (1985, para 21 st Century Publications); Bobby Shaw (1991); Carlos Leon (1989); Patrick Hernandez (1985); Michael Rosenblatt (1990); Reggie Lucas (1995); Ed Gutham (2000); Verônica Edwards-Long (2000) e Beatrice Furnell-Jarecki (2000).

Obrigado a Barbara Manchester, David Morehouse e Stephen Witneki por me permitirem acesso a dezenas de álbuns de recordações seus sobre a vida e a carreira de Madonna, e por se prontificarem a responder minhas infindáveis perguntas sobre a experiência de Madonna em Nova York.

Obrigado a Betty Freeman e Thomas Styler, duas pessoas generosas que foram amigos de Madonna em Nova York. Eles dispenderam muitas horas comigo, individualmente e juntos, no ano de 2000, e me ajudaram a recriar momentos da vida de Madonna, baseado no que ela lhes contara. Também compartilharam comigo inúmeras correspondências de Madonna, que me aclararam sobre fatos pouco acurados que foram publicados em outros livros. Sou muito grato por sua ajuda e confiança.

David Kelly permitiu-me acesso completo a sua memorabilia de Madonna. Esse material foi de um valor inestimável para mim, fornecendo-me inúmeras pistas ao longo do caminho. Sou imensamente grato a ele por sua assistência. Também agradeço a Deidra Knight por sua diligência em manter notas tão excelentes sobre a música de Madonna nos anos iniciais.

Muito importante para minha pesquisa foi a entrevista com Madonna publicada em duas partes pela Advocate, em 7 de maio de 1991 e 21 de maio de 1991, "The Saint, The Slut, The Sensation... Madonna" e "The Gospel According To St. Madonna", ambas conduzidas por Don Shewey.

Recolhi citações de muitas entrevistas publicadas, bem com o de entrevistas levadas ao ar no rádio e na televisão e que permaneciam inéditas por escrito. As mais úteis foram: entrevista de Madonna com Simon Bates, BBC, dezembro de 1987; Glamour, fevereiro de 1985, "Meet Madonna, Multimedia Star", por Charla Krupp; Rolling Stone, 10 de setembro de 1987, "Madonna On Being A Star/The Madonna Mystique", por Mikal Gilmore; Time, 16 de maio de 1988, "Madonna Comes To Broadway", por William A. Henry III and Elizabeth L. Brand; Los Angeles Herald-Examiner, 30 de abril de 1985, "Madonna: Everywoman Or Versatile Vamp?", por Mikal Gilmore; Rolling Stone, 9 de maio de 1985, "Madonna And Rosanna: Lucky Stars", por Fred Schruers; Rolling Stone, 5 de junho de 1986, "Can't Stop The Girl", por Fred Schruers; The New York Times, 14 de abril de 1985, "'Susan' Draws Spirit From The Sidewalks Of New York", por Lindsey Grudson; Vanity Fair, abril de 1990, "White Heat", por Kevin Sessums"; Detroit Free Press, 7 de agosto de 1987, "Madonna: She Breaks Rules, Sheds Images, Hides Her Real Self", por Gary Graff; Time, 27 de julho de 1987, "How Artists Respond To AIDS", por Richard Corliss, Mary Cronin e Dennis Wyss; Time, 14 de março de 1988, artigo de página da People; The New York Times, 19 de março de 1989, "Madonna Re-Creates Herself — Again", por Stephen Holden; material de divulgação de Desperately Seeking Susan, 1985, por Reid Rosefelt para a Orion Pictures; You, 21 de abril de 1985, "Madonna: I Was Born To Flirt", por Nancy Mills; Star, 30 de julho de 1985, "Why Madonna Posed For Ali Those Nude Photographs", por Brian Haugh; New York Post, 3 de junho de 1985, "Prima Madonna", por Pat Wadsley;

Record, março de 1985, "The Fifty Most Powerful Women In America", por Richard Price; USA Today, 9 de março de 1989, "Boycott And Pepsi/Madonna 'Ridicules Christianity'", por James Cox; USA Today, 11 de janeiro de 1989, "The Empresss: New Clothes", por Michael Gross; The Warhol Diaries, por Andy Warhol, editado por Pat Hackett (Warner Books, 1989); Boston Herald, 3 de julho de 1987, "Madonna On Madonna: I Do It My Way", por Simon Bates; Penthouse, setembro de 1991, "Truth Or Bare: Madonna — The Lost Nudes", por Nick Tosches; Daily Variety, 21 de abril de 1992, "Madonnas Material Deal", por Bruce Raring; Los Angeles Times, 3 de maio de 1992, "The Madonna Deal: Truth Or Ego", por Chuck Philips; USA Today, 21 de outubro de 1992, "The Naked Truth", por Deirdre Donahue.

Entre os livros consultados estão: Madonna In Her Own Words, por Mick St. Michael (Omnibus Press, 1990); Madonna: The Rolling Stone Files (Rolling Stone Press, 1997), pelos editores da Rolling Stone; The Madonna Companion: Two Decades of Commentary, por Allan Metz and Carol Benson (Schirmer Books, 1999).

Anos 90 e 2000

Para essa e outras seções deste livro, baseei minha pesquisa em: Daily Mail, 27 de março de 1999, "In Bed With Madonna", por J. Randy Taraborrelli; Daily Mail, 30

de março de 1999, "The Truth About Madonna", por J. Randy Taraborrelli; Daily Mail, 29 de março de 1999, "Madonna... Prince... Michael Jackson", por J. Randy Taraborrelli.

Meu obrigado a Theresa Lomax por todas as horas de entrevistas (1999, 2000) relacionadas a Madonna e à Warner Bros. Records.

Sou grato pelas entrevistas a que recorri com Deidra Evans-Jackson, Doris Jenkins, MarkWhite, Joe Mantegna (1990); Ron Silver (1993); André Crouch (1995); Jean-Paul Gaultier, Diane Demitri, Sallim "Slam" Gauwloos (1990); Gabriel Trupin (1990); Kevin Stea (1990) e Oliver Grumes (1990); Peter Cetara (1990); Raynoma Gordy Singleton (1991); Neal Kitchens (1998); Judith Regan (2000); Rob Van Winkle (1995); Rocky Santiago (1995); Paul Shaffer (1997); James Lucas (2000); Vinnie Zuffante (1991) e Camille Paglia (2000).

Mais materiais diversos consultados para essa seção: Por toda ela, apoiei-me na entrevista de Madonna para o programa de Larry King em 18 de janeiro de 1988, para algumas citações e outras informações.

A série Arts & Entertainment Biography foi de valor inestimável para minha pesquisa. Muito obrigado à equipe da A&E, que me ajudou na pesquisa,

fornecendo-me fitas, transcrições e outros materiais que tinham a ver com a vida de Madonna.

Obrigado também a Eileen Faith, Nancy Wood-Furnell e Laura Cruz, por seu discernimento de determinados fatos.

Também estou em dívida com a equipe do Departmento de Coleções Especiais da University of Southern Califórnia, que me forneceu inúmeros materiais relacionados à carreira de Madonna.

Muitos relatos publicados e vídeos de aparições na televisão foram consultados. Os mais úteis foram: USA Today, 11 de dezembro de 1996, "Face To Face With Madonna", por Edna Gunderson; USA Weekend, 8-10 de junho de 1990, "Totally Outrageous", por Richard Price; Cosmopolitan, maio de 1990, "Madonna — Magnificent Maverick", por David Ansen; Los Angeles Times, 7 de maio de 1990, "Evolution Of An Entertainer", por Robert Hilburn; Ladies Home Journal, novembro de 1990, "Maybe She's Good: 10

Theories Of How Madonna Got 'It'", por Laura Fissinger; Los Angeles Times, 30 de junho de 1991, "$8-M Villa for 'Material Girl'", por Ruth Ryon; Billboard, 21 de fevereiro de 1998; New York Post, "Curse Of The Material Girl — Talks Blue Streak On Letterman", por Michele Greppi; The New York Times, 1? de março de 1998, "New Tune For The Material Girl", por Ann Powers; Entertainment Weekly, 10 de maio de 1991, "Justifying Madonna", por Owen Gleiberman; aparição de Madonna em Nightlife, 3 de dezembro de 1990; aparição de Madonna em The Arsenio Hall Show, 1? de maio de 1990; The New York Times, 5 de maio de 1991, "Madonnas Love Affair With The Lens", por Stephen Holden; Spin, abril de 1998, "Madonna Chooses To Dare", por Barry Walters e Victoria DeSilverio; Vanity Fair, março de 1998, "Madonna And Child", por Ingrid Sischy; aparição de Madonna em Live with Regis and Kathie Lee, 13-14 de maio de 1991; MLC: The Madonna Fanzine, outono de 1990, "Madonna Quote/Unquote", por Linda Perez; MLC: The Madonna Fanzine, primavera de 1990, "Madonna Strikes a New Pose", por Ron Givens; Los Angeles Times, n. 23, outubro de 1994, "The Madonna Complex", por Sheryl Garratt; New York Post, 16 de abril de 1998, "Keepin' Her Baby... Family Values", por Liz Smith; Spin, janeiro de 1996, "Live To Tell", por Bob Guccione Jr.; People, 15 de janeiro de 1996, "Material Witness", por Steve Dougherty; Entertainment Weekly, 14 de dezembro de 1990, "Some Like It Hot...", por Benjamin Svetkey; New Musical Express, março de 1998, "Living In A Material World", por Sylvia Patterson; New York Newsday, 23 de outubro de 1994, "Madonna: A 'Secret' Chat", por Sheryl Garratt; Redhook, janeiro de 1997, "Madonna In Life Before And After Motherhood", por Peter Wilkinson; Los Angeles Times, 5 de maio de 1991, "Madonna As She Likes It", por Patrick

Goldstein; Face, fevereiro de 1991, "Madonna And That Video: Breathless", por Sheryl Garratt; Entertainment Weekly, 17 de maio de 1991, "Madonna: The Naked Truth", por James Kaplan; Los Angeles Times, 4 de janeiro de 1996, "Madonna Tells Of Fears About Alleged Stalker", por Andréa Ford; USA Today, 7 de março de 1991, "Madonna Justified", por David Landis; Vanity Fair, março de 2000, "Madonna And Rupert Everett: Just Great Friends", por Ned Zeman; Entertainment Weekly, 28 de outubro de 1994, "Swinging a New Jack", por Jim Faber; Working Woman, dezembro de 1991, "Madonna And Oprah — The Companies They Keep", por Fred Goodman; TV Guide, 23-29 de novembro de 1991; "Madonna on TV", por Kurt Loder; Vogue americana, outubro de 1996, "Madonna's Moment As Evita, Mother And Fashion Force", por Julie Salamon; US Weekly, fevereiro de 1993, "The Madonna Machine", por Jeffrey Ressner; Los Angeles Times, 2 de março de 1990, "Thoroughly Modem Madonna", por Barbara Foley; Life, dezembro de 1986, "An Affair To Remember", por Robert Hofler; USA Today, 21 de outubro de 1994; Los Angeles Times, 16 de outubro de 1996, "Madonna And Child", por Jeannine Stein e Bill Higgins; USA Today, 1° de fevereiro de 2000, "Madonna Serves Upper-Crust 'American Pie'", por Edna Gunderson; TV Guide, 11 de abril de 1998, "Madonna — Confidential", por Mary Murphy; USA Today, 1? de março de 2000, "Madonna Role Isn't Much Of A Stretch", por Elizabeth Sead; Los Angeles Times, 25 de novembro de 1997, "Another Make-Over?", por Steve Hochman; Entertainment Weekly, 17 de maio de 1991, "Madonna — The Naked Truth", por James Kaplan; Billboard, 11 de julho de 1998, "With 'Light'

Madonnas Life Begins At 40", por Fred Bronson; Billboard, 14 de março de 1998, resenha do álbum Ray Of Light; People, 18 de janeiro de 1999, "The New Pop Divas", por Tom Gliatto; Entertainment Weekly, 6 de março de 1998, "Ethereal Girl", por David Browne; Star, 15 de setembro de 1998, "Madonna Flips For Chicago Hope Doe", 15 de setembro de 1998; Globe, 15 de setembro de 1998, "Madonna Getting TLC From Chicago Hope Doe", por Carole Glines; Time, 16 de março de 1998, "Heading For The Light", por Christopher John Farley; Time Out, 16 de agosto de 2000, "Warren Beatty", por Todd Gold; US Weekly, 22 de setembro de 2000, "Outta The Groove", por David Browne; Daily Mail, 21 de setembro de 2000, "Looking Swell, But Not Swollen...", por James Morrison; New York Post, 11 de janeiro de 2000; Jane, março de 2000, "My Friend Madonna", por Juliette Hohnen; New York Post, 2 de março de 2000, "The Best Thing", por Liz Smith; US Weekly, 19 de junho de 2000, "Madonna's Candy Crackdown", por Marc S. Malkin e Marcus Baram; Los Angeles Times, 29 de janeiro de 2000, "Madonna's Brand New Recipe", por Geoff Boucher; Rolling Stone, 28 de setembro de 2000, "Madonna Can't Stop The Music", por

Janice Dunn; People, 13 de março de 2000, "Lady Madonna", por Jim Jerome; Vanity Fair, novembro de 2000, "Like An Artist", por Steven Daly.

Entre os livros que consultei estão: Madonna, por Rikky Rooksby (Omnibus Press, 1998); Madonna Swperstar (Schirmers Visual Library) (Schirmer/Mosel GmbH, 1988); Madonna, por David James (Publications International Ltd., 1991).

Agradecimentos especiais

Agradecimentos especiais a Matthew Rettenmund por sua abrangente obra, The Madonna Encyclopedia (St. Martin's Press, 1995). Uau!

Obrigado a Debbie Monroe Thompson por seu tempo, energia e observações argutas, e por dez horas úteis com entrevistas no ano de 2000. Também a Betty Trundle, Debra Stradella, Marjorie Hyde e outros que me forneceram fitas de áudio de ensaios e shows, e todas aquelas imagens não utilizadas no livro Sex. Agradeço também a Steven Bishop, que filmou muita coisa nos bastidores da turnê "Blonde Ambition"; levei semanas para assistir a tudo.

Obrigado a David McClintock e Terrence Donahue por sua anotações, papéis pessoais e outros documentos relacionados a registros da carreira de Madonna mais recentes.

Obrigado às seguintes pessoas por me falarem sobre a vida atual de Madonna: Buddy Adler, Diane Phipps, Mary Jenkins, Monica Hallstead, Beatrice King, Allan Melnick, Nelson Richards, Jessica Morgan, Paula DeLeon, Thomas Calabrino, Ethel Anniston, Bob Anthony, Patrice Mallard, Ida Banks, Josephine Barbone, Marjorie Nassatier, Joseph Langford, John Parker, Steve Capiello, Carl Rick, James McClintock, Harold Chapman, Paul Clemens, Doris Corrado, Andrew Wyatt, Joseph Godfrey William Godfrey, Shirley Jones, Thomas Lawford, Marilyn Lowry, Marion Bush, Elliot Schreiber, James Silvani, Steve Tamburro, Johnathan Treddy, Betty Wilkinson e Douglas Prestine.

Finalmente, obrigado a Madonna Louise Veronica Ciccone por inspirar a tantas pessoas com sua vida e sua carreira. Sempre que se pensa nela, um fato permanece: seu sucesso é resultado não só de um talento extraordinário mas também de anos de trabalho duro, dedicação e persistência.

"Se conseguir chegar lá", disse-me ela em 1983, "não terá sido graças à ajuda de ninguém, posso perceber isso desde já. Eu provavelmente terei de batalhar meu caminho até o topo."

Eu perguntei: "No final, o que você espera conseguir?".

Ela respondeu rapidamente: "Não muito. Só o melhor de tudo que há para

ter".

E assim foi.

Este livro, composto na fonte Fairfield e
paginado por Alves e Miranda Editorial,
foi impresso em pólen bold 90g na imprensa da fé.
São Paulo, Brasil, na primavera de 2003

Fonte: luciotadeudasilva

